

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
BRASILEIRO

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
BRASILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1839

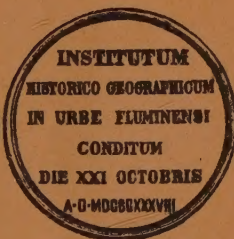
TOMO 106 — VOL. 160

(2º DE 1929)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.

DIRECTOR

Dr. B. F. Ramiz Galvão



* * * RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL * 1930

INDICE



INDICE

DO

TOMO 106 — VOLUME 160 (2º DE 1929)

	Pags.
<i>Relatorio das viagens de estudo na Bahia</i> , pelo professor Otto Quelle	5
<i>Antigas inscrições do Rio de Janeiro e Niterói</i> , pelo desembargador Vieira Ferreira	29
<i>A politica no Imperio — Homens e Factos</i> , por José Wanderley de Araujo Pinho.	59
<i>Viagem de estudo do planalto de Minas Geraes ao Paranahiba</i> , pelo professor Reinhard Maack, traducção do coronel Bertholdo Klinger	223

ACTAS DAS SESSÕES DE 1929

PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE ABRIL 243

Palavras do conde de Affonso Celso, presidente perpétuo do INSTITUTO, sobre o reinicio das sessões e sobre o barão do Rio Branco.

Palestra do sr. Max Fleiuss sobre o barão do Rio Branco.

Palavras do conde de Affonso Celso communicando officialmente o fallecimento dos consocios José Leopoldo de Bulhões Jardim, Antonio Martins de Azevedo Pimentel e Gentil de Assis Moura.

Leitura pelo sr. Alfredo Valladão das theses para o congresso commemorativo do centenario do 7 de Abril.

Palavras do conde de Affonso Celso agradecendo o n'ovo trabalho do sr. Alfredo Valladão e annunciando a conferência do sr. Augusto de Lima sobre José de Alencar, a realizar-se a 1 de Maio, centenario natalicio do grande homem de lettras cearense.

SESSÃO ESPECIAL EM 1 DE MAIO 249

Allocução do conde de Affonso Celso sobre José de Alencar.

Conferência do sr. Augusto de Lima sobre José de Alencar.

Palavras do conde de Affonso Celso sobre essa conferência.

SEGUNDA SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE MAIO . . . 265

Palavras do conde de Affonso Celso sobre frei Francisco de São Carlos.

Conferência do sr. Agenór de Roure, commemorando o centenario da morte de frei Francisco de São Carlos.

Palavras do conde de Affonso Celso sobre os artigos publicados no *Jornal do Commercio*, pelo sr. Max Fleiuss e sobre a proxima viagem de d. Francisco de Aquino Correia.

TERCEIRA SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE JUNHO . . 291

Palavras do conde de Affonso Celso sobre o 2º centenario de Claudio Manuel da Costa.

Conferência do sr. Afranio de Mello Franco sobre o mesmo motivo.

Palavras do conde de Affonso Celso agradecendo esse trabalho, communicando officialmente a morte do socio José Pereira Rego Filho, a nomeação dos srs. Eugenio de Castro e Rodolfo Garcia para estudar a proposta d'este último consocio, apresentada em 1922 sobre as viagens de Pinzon e annunciando a sessão de 28 de Julho, consagrada a festejar a celebração do accôrdo sobre o litígio de Tacna e Arica.

Palavras do sr. Max Fleiuss sôbre o parecer do deputado Carlos Penafiel relativamente aos nomes geographicos nacionaes e estrangeiros, approvados pelo INSTITUTO, bem como sôbre o projecto relativamente aos mesmos apresentado pelo deputado Aarão Reis, propondo que sejam publicados como annexos da acta.

Leitura do sr. Max Fleiuss de uma carta do desembargador Arthur Quadros Collares Moreira sôbre o fallecimento, no Maranhão, de Joaquim Silverio dos Reis.

Comunicação do sr. Eugenio Vilhena de Moraes sôbre o nascimento do regente Francisco de Lima e Silva.

ANNEXOS A' ACTA

Officios do sr. dr. Arthur da Silva Rego, presidente do Instituto Archeologico, Historico e Geographico de Pernambuco, sôbre a naturalidade de Felipe Camarão.

Parecer do sr. João Pandiá Calogeras sôbre esse assumpto.

Proposta do sr. Rodolfo Garcia, apresentada em 17 de Julho de 1922, sôbre as viagens de Vicente Pinzon.

A graphia dos nomes geographicos nacionaes e estrangeiros, proposta do deputado sr. Aarão Reis.

Resoluções da conferência de Geographia.

Parecer do sr. Carlos Penafiel sôbre o mesmo assumpto.

QUARTA SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE JUNHO DE 1929

347

Palavras do sr. Manuel Cicero, primeiro vice-presidente e presidente da sessão, justificando a ausencia do presidente perpétuo conde de Affonso Celso e referindo-se á conferência que o sr. Roquette Pinto iria pronunciar em commemoração ao centenario do fallecimento de frei Leandro do Sacramento.

Conferência do sr. Roquette Pinto sôbre frei Leandro do Sacramento.

Palavras do sr. Manuel Cicero felicitando o conferencista e nomeando uma commissão para apresentar condolencias ao sr. conde de Affonso Celso.	
SESSÃO SOLENNE COMMEMORATIVA DO ACCÓRDO SÔBRE TACNA E ARICA EM 28 DE JUNHO . . .	363
Palavras do sr. conde de Affonso Celso.	
Allocuções dos srs. Ramiz Galvão, Rodrigo Octavio e Manuel Cicero.	
Allocução do sr. conde de Affonso Celso.	
QUINTA SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE AGOSTO .	375
Palavras do sr. conde de Affonso Celso felicitando o socio sr. Ramon Cárcano.	
Palavras do sr. Ramon Cárcano.	
Palavras do sr. conde de Affonso Celso sôbre a conferência que iria realizar o sr. Moreira Guimarães, tractando dos <i>Generaes da Independencia</i> .	
Conferência do sr. Moreira Guimarães.	
SEXTA SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE SEPTEMBRO.	389
Palavras do sr. conde de Affonso Celso em agradecimento ao professor Rodolpho Bernardelli, pela offerta que fez do busto do visconde de Cairú e sôbre o trabalho de igual natureza que o mesmo professor está executando do secretario perpétuo do INSTITUTO, e sôbre a Lei de 28 de Setembro de 1871 da qual tractaria o sr. Max Fleiuss.	
Palestra do sr. Max Fleiuss sôbre a lei de 28 de Setembro e sôbre a princeza Isabel, a Redemptora.	

ANNEXO

Pasteur e Pedro II, conferência realizada no INSTITUTO HISTORICO pelo professor Pasteur-Valery-Radeau.	
SEPTIMA SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE OUTUBRO.	411
Palavras do conde de Affonso Celso sôbre o 50° anniversario da morte do general Osorio e sôbre a conferência que iria realizar o sr. João Pandiá Calogeras.	
Conferência do sr. Calogeras sôbre o general Osorio.	

ANNEXO

Conferência do professor Max Schmidt realizada em 18 de Setembro.	
SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO 91º ANNI- VERSARIO DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO . .	444
Allocução do sr. conde de Affonso Celso.	
Relatorio do secretário perpétuo o sr. Max Fleiuss.	
Discurso do sr. Ramiz Galvão tractando dos socios fal- lecidos no anno social, srs. José Pereira Rego Filho, Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Gentil de Assis Moura, José Leopoldo Bulhões Jardim.	
SESSÃO ESPECIAL COMMEMORATIVA DA BEATIFI- CAÇÃO DE D. BOSCO, FUNDADOR DA CONGRE- GAÇÃO SALESIANA, EM 30 DE OUTUBRO . . .	468
Allocução do conde de Affonso Celso.	
Conferência de d. Francisco de Aquino Correia.	
Palavras do conde de Affonso Celso.	
Assembléa geral em 23 de Dezembro, para eleição dos cargos da directoria, não occupados vitaliciamente e das commissões permanentes. Elevação a bene- merito do socio effectivo o sr. João Pandiá Ca- logeras	489
Congressos Internacionaes.	
Relatorio do sr. embaixador Raul Regis de Oliveira.	
Artigo do sr. Agenor de Roure sobre o visconde de Ouro Preto.	
Artigo do sr. V. Corrêa Filho sobre d. Aquino e d. Bosco.	
Papeis relativos á 3ª assembléa plenaria do Comité In- ternacional de Sciencias Historicas.	

RELATORIO

DAS

VIAGENS DE ESTUDO NA BAHIA

PELO

Professor OTTO QUELLE
(da Universidade de Bonn)

RELATORIO DAS VIAGENS DE ESTUDO NA BAHIA

O Estado da Bahia é antigo dominio colonial portuguez. Logo após o descobrimento do Brasil, estabeleceram-se os Portuguezes na costa brasileira e por tres seculos inteiros permaneceu a Bahia florescente colonia agricola portugueza. Quando, na segunda metade do seculo XVIII, a capital da colonia brasileira foi mudada da Bahia para o Rio de Ja-

Nota — Extrahido do "Ibero-Amerikanisches Archiv", n. 4, Maio de 1928, anno II. O auctor do Relatorio, dr. Otto Quelle, professor na Universidade de Bonn, é o director da *Revista*, órgão do *Verein zur Förderung des Ibero-Amerikanischen Forschungs Instituts der Universität Bonn*, que se publica em quatro numeros por anno.

O Relatorio vem precedido duma referencia, que serve tambem de introducção ao respectivo número da *Revista*, a saber:

INTROITO

O presente *Número especial do Brasil* do "Archivo Ibero-Americano" traz uma série de estudos que devem ser considerados provisoriamente como resultados duma viagem que empreendi em 1927, com o auxilio da Associação de Emergencia da Sciencia Alemã. O conteúdo dëste volume terá, porém, ainda o objecto de mostrar em que grau e em que dominios trabalhei no interesse do Instituto e no da intensificação das relações culturaes e scientificas entre a Alemanha e o Brasil.

Com sincera gratidão devo recordar, desta occasião, os directores de numerosos institutos e associações scientificas do Rio de Janeiro, São Paulo, Bello Horizonte e Bahia, os quaes em larga medida secundaram o meu trabalho. Não é menor o agradecimento sincero de que sou devedor ás numerosas auctoridades subordinadas aos Ministerios da Agricultura e da Viação, pelas suas valiosas informações e cessão de publicações officiaes. E o mais caloroso, cordial agra-

neiro; tambem se mudou para o Sul, como era natural, o centro de gravidade político. E, quando no seculo XIX, entrou a pronunciar-se o desenvolvimento economico dos Estados de Minas Geraes e São Paulo, tambem se deslocou para o Sul o centro de gravidade economico do Brasil.

Taes deslocamentos tambem haviam de fazer-se sentir, naturalmente, na investigação scientifica da Bahia.

O trabalho de pesquisas da História natural e geograficas no Brasil durante o seculo XIX e nos primeiros decennios applicou-se de preferencia aos Estados de Leste e do Sul; nos Estados do Norte, entre os quaes figura a Bahia, só houve trabalho scientifico por parte da repartição official de combate ás sêccas, no Rio, conquanto o ambito principal de seus trabalhos se encontre nos Estados situados ao Norte do baixo São Francisco.

Desta maneira, constituia o Estado da Bahia uma lacuna, que deveria ser promissora tarefa preenche-la.

Eis porque emprehendi, de fim de Maio até fim de Outubro, tres grandes viagens através do Estado, cujo itinerario interessou essencialmente todas as grandes regiões naturaes da Bahia.

Si me abstive de visitar a região entre o São Francisco e a fronteira de Goiaz, fi-lo primeiro devido á brevidade do tempo disponivel, depois tambem porque exactamente, nos fins de 1926, já apparecera um consideravel estudo geologico a respeito dessa região, com uma nova carta geral, de sorte que julguei não haver mais ponctos de vista novos de alguma relevancia por obter nessa região.

Com as minhas viagens, porém, eu visava ainda um outro objectivo muito importante. O Estado da Bahia é uma antiga terra colonial. Publicou-se nos ultimos annos copiosa litteratura referente ao desenvolvimento economico

declmento devo a s. ex. o sr. governador do Estado da Bahia, dr. Góes Calmon, que favoreceu, de todas as maneiras, os meus estudos na cidade da Bahia e no interior do seu Estado, como tambem ao sr. consul brasileiro O. Matthis, em Bonn, pela sua benevolencia paternal e amigavel, e incansavel disposição em prestar auxilios, sempre que se tractasse de dotar o Instituto com todo o material scientifico necessario.

Fago votos que tambem esta viagem de estudos tenha contribuido para consolidar, de forma apreciavel, as relações amistosas entre a Alemanha e o Brasil.

O. QUELLE.

dessa provincia desde o principio do tempo colonial, bem como á penetração na mesma e á sua colonização.

Porém o estudo dessas publicações ficou sem resultado para mim, enquanto não me foi possível visitar eu proprio as diversas grandes regiões naturaes da Bahia.

Pois, si em qualquer parte do territorio brasileiro tal succede, principalmente no Estado da Bahia torna-se evidente que, durante mais de 400 annos, todo o desenvolvimento economico e agricola foi influenciado, da maneira mais absoluta, pela natureza da terra, sobretudo, porém, pelo clima. O forte contraste entre a faixa littoranea quente e humida e o vasto interior quente e sêcco, foi de importancia decisiva para o aproveitamento economico da terra, para o curso da colonização, para a distribuição da flóra e da fauna, como para a diffusão do homem.

I. — *Pela Bahia meridional ao valle do São Francisco*

Em fins de Maio, depois de conhecer a cidade da Bahia e seus arredores, encetei em Nazareth a viagem através do sul da Bahia.

A' noitinha do dia 30 de Maio, levado pela maré enchente, desembarcava eu na cidadezinha de Nazareth, tam-bem conhecida por diversas indústrias.

Já desde muitos annos segue daqui uma estrada de ferro para Oéste, porém só a 15 de Novembro de 1927 alcançou a sua méta, a cidade de Jequié, no rio de Contas. A primeira etapa da viagem era a serra de Maracás, entre o rio Paraguassú e o rio de Contas. A linha ferrea até Jaguaquara passa por uma região ondulada e em parte fortemente recortada, que especialmente no médio Jequiriçá recebe ainda mais copiosas precipitações. Campinas verdes, plantações novas de cafeeiro nas encostas, são vistas sobretudo nos arredores de Jequiriçá e Areia. Só pela estrada de ferro é que essa região recebeu vida nova e mais para Oéste, até Jaguaquara, verifica-se pela intensa actividade edificadora que o povoamento dessa zona está progredindo ainda, continuamente. Isto evidencia-se sobretudo em Jaguaquara, onde deixámos o caminho de ferro. O lugar, que sómente nestes dez annos cresceu de 50 para 1.000 habitantes, é situado num valle que jaz a uns 70 metros de profundidade numa antiga depressão, que leva do valle do Jequiriçá ao rio de Contas. E' por esta antiga depressão que segue a estrada de ferro para Jequié.

A Oéste desta depressão, a serra de Maracás, no mappa de um para um milhão, erradamente denominada serra de Sincorá, eleva-se á altitude de 900 metros. A serra de Maracás é um bloco montanhoso, composto de granitos e quartzitos, que para o Sul descamba abrupto, sôbre o rio de Contas; ao Norte della estende-se a planicie "torzo" do valle do Paraguassú. A superficie da serra é uma planicie "torzo" francamente ondulosa, que é atravessada por varios dorsos de rumo SW-NE.

As encostas occidentaes da serra recebem ainda abundantes precipitações. A decomposição do sólo progrediu aqui a grande profundidade e uma matta densa e sempre verde sóbe e no flanco occidental até cêrca de 800 metros de altitude.

Ainda não colonizada no comêço do seculo XX, irrompeu a colonização nesses mattagaes desde que se inaugurou a estrada de ferro. Apenas incipiente é o logarejo Itirussú, de cêrca de uns 600 habitantes, colonia esta situada na matta roçada, com muitas lavouras de cafeeiro; aqui termina a bem construida estrada rural Jaguaquara-Itirussú. Surgiram egualmente nestes ultimos tempos nos arredores numerosos pequenos nucleos coloniaes esparsos.

Ao passo que as encostas meridional, occidental e septentrional da serra são cobertas de matto xerophilo, quasi sempre de pequeno pôrte, a parte superior da serra é núa de matta; ahi sómente se encontra uma rasteira vegetação, os aliseos de SE varrem violentos o altiplano, de um pé de altura, de onde se descortina ao longe, no poente, a borda alcantilada da serrania central da Bahia. A unica povoação do altiplano é Maracás, logarejo muito espalhado, de umas 1.100 almas.

Sensivelmente frias são aqui em cima as noites em principios de Junho. A 3 de Junho baixou ás 9 horas da noite a temperatura a 7°C., tendo sido a 1 hora da tarde de 23°. Extranha era a fôrça extraordinaria do aliseo SE. Desde Dezembro aqui em cima não caíra chuva alguma.

Em Caitité, mais para Oéste, foi-me mais tarde confirmado no Observatorio Meteorologico local, que já desde mezes soprava o aliseo SE, com a maxima regularidade e com a velocidade média de 5-6.

O receio que aqui logo me occorreu, de haver apanhado justamente um genuino "anno de sêcca", em breve se havia de confirmar!

Ao descer da serra de Maracás ao valle do rio de Contas, avistei longe, ao Sul, as alcantiladas bordas septentrionaes do planalto de Conquista, cuja travessia na direcção Lés-te-Oés-te, era um dos principaes objectivos da primeira viagem. Jequié, no rio de Contas, é, com os seus 6.000 habitantes, a principal povoação da região dêsse rio. E' o poncto central de commér-cio da bacia do rio de Contas e importante poncto de passagem do rio.

Tambem passa aqui a grande estrada antiga de Minas á Bahia. Jequié se restabeleceu das devastadoras consequencias da enchente de 1919, que destruiu 80 % de todas as casas da cidade; por toda a parte se edifica e traçam-se novas ruas.

Espera-se grande progresso economico com a inauguração da estrada de ferro, a realizar-se no fim do anno. Como eu fazia empenho em conhecer a encosta Lés-te do altiplano, segui primeiro rio abaixo até Barra do Jacaré. Até aqui avançara já desde o baixo rio de Contas valle acima o cultivo do cacau.

Numerosas tropas de mulas levam o cacau para Jequié, onde prosegue o transporte pela estrada de ferro. Depois de atravessar o rio abaixo de Barra do Jacaré, atravessei, numa viagem de tres dias, a região das densas mattas virgens entre rio de Contas e rio Gongugi e galguei em mais dous dias de caminhada o altiplano de Conquista até Bôa Nova.

O flanco oriental do planalto de Conquista é um territorio de caracteristicos muito especiaes. A Lés-te de Bôa Nova, o planalto, aqui abahulado, de repente baixa para Lés-te, em dous grandes socalcos. O mais alto delles, de uns 600 a 700 metros, é fortemente recortado, porém os cumes das elevações apresentam nivel sensivelmente igual. O socalco inferior, de 300-350 metros de altitude, apresenta valles mais largos; ao longo dos rios extendem-se varzeas com extensas campinas e com plantações novas de arroz e de mandioca. Todo o flanco oriental, exclusivamente formado de granitos, decompostos a grande profundidade, recebe do aliseo SE chuvas sobremaneira fortes. A matta hydrophila tropical, sempre virente, atravessada apenas por horrivel e estreitas picadas, estilla humidade. Uma porção de novos roçados, pequenas aldeolas e sitios isolados fundaram-se aqui no último decennio; além do cacau, cultiva-se de preferencia arroz (até 700 metros de altitude) e mandioca.

Os negros que habitam as regiões quentes-húmidas da costa, como pequenos agricultores, faltam aqui quasi inteiramente.

Elles, sobretudo, restringem-se effectivamente, como também, depois, pude observar, ás regiões costeiras.

Logo depois de se galgar o altiplano de Conquista, a paizagem muda de repente. Desappareceu a matta virgem quente e húmida. Matto xerophilo arbustivo cêrca ao viajante; ao invés das picadas enlameadas, apresentam-se caminhos poeirentos; o ar é mais sêcco e o sôpro do aliseo SE varre livremente o planalto. A mattaria do flanco oriental, faixa esta até ha pouco absolutamente hostile á cultura, avança muito para Oêste.

A antiga grande estrada de communicacão entre Minas Geraes e Bahia tem de rodear a matta pelo Oêste. Os unicos Indios que ainda hoje existem no Estado da Bahia, cêrca de umas 400-500 cabeças, habitam esta zona de matta.

Saíndo de Bôa Nova e passando sôbre Poções, atravessámos depois o altiplano na direcção Oêste-Sudoêste, para Conquista e de Bellos Campos iniciámos a descida para Condeúba, no alto rio Gavião. O altiplano de Conquista, que continúa ainda muito para WSW até além das fronteiras de Minas Geraes, é um altiplano "torzo", de uma altitude média de uns 1.000 metros, formado, sobretudo, de granitos e quartzitos. Em Bôa Nova, em Poções e, sobretudo, em Conquista, elle é atravessado por lombadas quartziticas de rumo SE-NW e de uns 150-200 metros de altura.

Quasi horizontal segue para o Oêste o caminho pelo altiplano; a cada passo, o extenso e monotono altiplano, com suas "cubetas" ou depressões gamelliformes meio apagadas, faz lembrar as fórmulas da paizagem das montanhas de schisto do Rheno.

Faixas de matta virgem secundária alternam frequentemente com largas áreas de catinga sêcca. Entremeiam-se aqui e acolá roçadas novas na matta xerophila. Rareiam as povoações em todo o altiplano. As terras cultivadas quasi desapparecem; predomina absolutamente a creação de gado, sobretudo de gado vaccum. Especialmente na região de Conquista, a creação de bovinos progrediu com a introdução do zebú; entrou aqui a indústriã de lacticínios, recebendo provavelmente impulso de Minas. A grande estrada

boiadeira de Minas Geraes para a Bahia passa por Conquista e segue rumo Nordéste; passa tambem pelo planalto uma estrada de porcos (1), na qual são tocados annualmente uns 12.000 suínos de Condeúba para Itabuna, na zona cacauzeira sul bahiana.

A encosta norte do altiplano de Conquista que descamba para as nascentes do alto rio de Contas é de modo bem notavel interrompida por um soccalco terminal, situado uns 120 metros abaixo do altiplano; de pouca largura, é distinctamente reconhecida de longe, como um degráu; aqui e acolá, a matta xerophila, que o reveste, está roçada para estabelecimento de pequenas plantações. Atravessámos a região dos mananciaes, do alto rio de Contas, desde Condeúba, em rumo NW, até Caetité. Micaschistos fortemente dobrados, quartzitos e granitos formam o terreno desta região; a direcção predominante dos ventos é a NNW-SSE. A região ondulada que percorremos é, na maior parte, coberta por baixa matta xerophila e catinga; rara é a terra de lavoura, e ainda mais raros e pobres, ao mesmo tempo, são os pequenos povoados, como Tremedal ou Periperi; tambem a villa de Condeúba é insignificante. Essa região, retirada e evitada de todo o trânsito commercial, mudou muito pouco no último seculo. As descripções de viagem de Spix e Martius, que percorreram esta zona ha mais de cem annos, ainda servem para a actualidade.

O estabelecimento mais importante desta zona é a cidade episcopal Caetité, na região das nascentes do rio de Contas. E' notavel em todos os sentidos por sua posição e importancia. As serranias centraes da Bahia separam do mais a bacia do São Francisco da Bahia oriental. Sómente em dous ponetos existe uma passagem commoda de Léste para Oéste. Ao Norte, a estrada de ferro Bahia-Joazeiro ladeia pela "alva" ou depressão de Bonfim a região montanhosa central, caminho este já utilizado desde os antigos tempos coloniaes.

Ao Sul, sómente em Caetité é facil transpôr as montanhas. Apenas uma subida conduz aqui, através do divisor de aguas, para o valle do São Francisco; moderada é a altura que a estrada para Oéste aqui tem que galgar.

(1) Destas curiosas grandes estradas de gado na Bahia, e tambem em todo o Brasil, tractarei em conjuneto noutra parte.

Accresce mais um facto. Ao Norte da estrada Caetité-Lapa estende-se longe para o Norte a espessa matta xerophila; ao Sul dessa estrada o altiplano é despido de mattas. "Geraes" é que os Bahianos costumam chamar esses altiplanos sem matta. Na divisa entre as terras núas e as revestidas de mattaria fechada passa, portanto, a segunda grande estrada de comunicação por cima das serranias centraes da Bahia, partindo do alto rio de Contas para o São Francisco.

A esta situação, favoravel para a comunicação, accresce ainda outro facto. A zona do alto rio de Contas, já nos tempos coloniaes, era centro de importante cultura do algodão. Aqui, portanto, já existia nos tempos coloniaes, uma das poucas regiões do interior da Bahia de importancia agricola.

Talvez por todos esses motivos, foi tambem para aqui transferida, no seculo XVIII (2), uma das sédes de bispado da Bahia.

II. — *O valle oriental do São Francisco*

Visitei em quatro differentes logares o valle oriental do São Francisco; de Caetité á Lapa e de Lapa a Macahubas cruzei o valle do Sul; depois o atravessei mais ao Norte, de Brotas, no centro da região montanhosa, até Chique-Chique, no São Francisco; dahi desci o rio até Joazeiro e penetrei nas vizinhanças desta cidade, para Oéste até o rio Salitre, e para Léste até as quédas de Paulo Affonso.

No seu curso pelo Estado da Bahia, o rio São Francisco atravessa até Joazeiro uma larga planicie "de torzo", de 350-300 metros de altitude, constituida de rochas crystallinas, na maior parte de granitos. Todavia, ha entre as bandas Léste e Oéste differenças notaveis. A Oéste do rio, a planicie "do torzo" está coberta por grandes extensões de camadas horizontaes do cretaceo e sedimentos recentes. (3)

Estes últimos, que se saiba, faltam a Léste do rio completamente. Sómente em um único lugar, em Chique-Chique, á beira do rio, affloram calcareos claros. O dr. Moraes Rêgo, com quem mais tarde me encontrei nas serras cen-

(2) Evidente engano do eminente auctor (nota do traductor). Não exclarecendo, não adeanta. — K.

(3) Vêr o mappa geologico da Bahia Occidental no "Boletim" do Serviço Geologico do Brasil. N. 17, 1926.

traes da Bahia, informou-me que verificara nos calcareos uma pequena fauna oligocena. Os calcareos jazem aqui no mesmo nivel que a porção da planicie "de torzo" crystallina. Resta saber si já por esta unica occorrenceia se pôde suppôr que tenha sido aplainada uma área, posto ligassem no valle do São Francisco.

O valle oriental do São Francisco, mais ou menos desde o 14° de latitude Sul até a embocadura do rio Jacaré, no 10° de latitude Sul, consiste em uma vasta planicie "de torzo" crystallina, que, a partir do rio para Léste, vai subindo aos poucos em dous pequenos patamares de uns cinco metros de....., até as serras centraes da Bahia. Mais ao Norte, no caminho da serra para Chique-Chique, faltam esses socalcos. Em parte alguma encontrei quaesquer depositos recentes.

Logo juncto á margem direita do rio, em Lapa, emerge da planicie o escapado "penedo da Lapa", formado de calcareos duros, cinzentos do devoniano; completamente isolado, ergue-se á altura de 80 metros. Os calcareos de estratificação quasi horizontaes são fortemente excavados e sulcados por "Rars".

Nenhuma agglomeração de escombros orla o sopé do bloco gigantesco; em parte alguma na vizinhança afloram calcareos. Uma caverna existe no rochedo, situado proximo á margem do rio, que, transformada em sanctuario de peregrinação, é muito frequentada e mostra no tecto, 20-25 metros acima do nivel do rio, grande número de caldeirões de eversão.

Sem possuir terraplenos lateraes, rasgou o São Francisco seu leito de uns 5-6 metros de profundidade na planicie "de torzo". E' a razão por que em toda enchente um tanto consideravel elle alaga a grande distância a planicie "de torzo". Até á distancia de mais de cinco kilometros á Léste do rio, avistei nas arvores faixas de lodo, capins e galhos ajunctados pela correnteza. Mais perto da montanha, surgem isolados da planicie pequenos macissos de granito, frequentemente cercados de um grande amontoado de blocos de granito. Uma curiosa depressão gamelliforme de uns 8-10 metros de profundidade se acha ao sul de Chique-Chique, ao sopé da montanha. Nella fica a lagôa rasa de Itaparica, que tem um sangradouro para o São Francisco. Toda vez que ha cheia no rio, a depressão fica inundada; os pescadores de Itaparica têm, então, que abandonar as suas choças baixas de junco e as dunas brancas, baixas,

la lagôa ficam, então, alagadas e a maior parte do magnífico carnahubal fica até 1^m,5 immerso.

Toda essa parte Sul do valle oriental do São Francisco é coberta de cerrada matta xerophila, a catinga, sem folhas. Num livrinho que comprei em Chique-Chique (4), lê-se: "A caatinga é a matta baixa". Um interminavel oceano de mattaria enche a extensa planura a Léste do grande rio até o sopé da montanha. Despidas de folhas erguem-se as arvores de côr cinzenta clara, de 4-6 metros de altura, cerradas, uma juncto da outra; durante horas e horas segue-se a cavallo, o corpo inclinado para a frente, estas extensas, silenciosas mattas, que exhibem apenas uma camada extremamente fina de sólo decomposto. Tanto mais se avança para o Norte, tanto mais se rarefaz a matta e tanto mais se afastam as arvores uma da outra; e tambem vão ficando bem mais baixas, frequentemente intercalam-se na catinga pequenas áreas completamente despidas; assim, é que por uns cinco kilometros em redor de Chique-Chique não existe uma arvore, um arbusto. Esteppe limpa circunda essa cidade, de 3.000 a 4.000 habitantes. Todo o valle é povoado de modo excepcionalmente escasso. Apenas pouquissimas fazendas estão dispersas na zona da matta. Quasi todas as povoações maiores estão á beira do rio: Lapa, Rio Branco, Bom Jardim, Chique-Chique. Pequeninas são as áreas cultivadas com mandioca, algodão ou feijão preto. Sêcca indescriptivel flagella esta região. Desde Dezembro de 1926 não caíu mais uma gotta de chuva, e a violencia extraordinaria e absoluta regularidade com que soprava o aliseo SE significava que a grande sêcca ainda continuaria.

Ao Norte da fóz do rio Jacaré (a 10° de latitude Sul) até a fóz do rio Salitre, a Oéste do Joazeiro, o valle oriental do São Francisco tem feição inteiramente diversa. Desapparece a vasta planicie "de torzo", erguida de apenas 5-6 metros acima da agua do rio! A orla escarpada do planalto do Tombador accompanha com 300-400 metros de altura o rio São Francisco até o rio Salitre, todavia mais para o Norte se afasta um pouco mais do rio.

A orla alcantilada dêste planalto consiste de schistos molles, duma pujança de uns 300 metros, capeados por duros e claros de quartzitos e arenites quartziticas, cujo brilho se percebe desde longe e que terminam bruscamente

(4) Ribeiro — "Vida sertaneja", Bahia, 1927, pag. 17.

por uma escarpa extraordinariamente ingreme. Sómente catinga rala reveste as encostas abruptas. Absolutamente escasso é aqui o povoamento; os povoados situados á beira do rio, como Sancta Fé, são apenas pobres aldeias de pescadores. Abaixo da fóz do rio Salitre, o São Francisco atravessa rumo Léste a vasta chapada de cerros ilhados do Joazeiro.

Antes de a contemplarmos, diremos ainda algumas palavras sôbre o rio São Francisco.

Os Bahianos gostam de chamar o São Francisco o seu "Nilo". Alimenta-se a recondita esperança de que algum dia seja talvez possível, por meio da irrigação artificial, transformar a extensa planície de ambas as margens do rio em territorio fértil. Faltam, porém, os requisitos basicos para tal emprehendimento.

E' que o São Francisco corre num leito apenas talhado em pouca profundidade na planície de "torzo"; a irrigação desta, de situação mais alta, e, na qual, além disso, falta completamente o sólo decomposto, apenas em pequena escala será possível. Além disso, tal irrigação seria muito difficultada pelas enchentes do São Francisco, que, durando annualmente de Fevereiro a Abril, inundam cada anno extensões extraordinariamente vastas. Quasi não escapa uma unica das povoações ribeirinhas; em Chique-Chique, por exemplo, ficaram em 1926 todas as casas da cidade debaixo d'agua; as embarcações ancoravam na praça do mercado, juncto da igreja! Baixadas as aguas, os pantanaes que ficam formam focos de malária. Por este motivo tambem até hoje ainda rareiam as terras cultivadas á margem do rio. As roças de mandioca ou milho possuem muitas vezes apenas uns poucos de metros quadrados de área. E' verdade que os moradores da beira do rio tambem não precisam de plantações, pois quasi, sem trabalho, fornece promptamente o rio, descommunalmente piscoso, alimento saboroso, que em conserva sêcca é artigo de exportação. Assim, constitue a pesca fluvial o principal ramo de indústria dos habitantes ribeirinhos do grande rio. Abstraindo da catinga, que no trecho de Lapa a Joazeiro se approxima do rio, não existe alli matto algum!

Nada de matta de anteparo a orlar as margens. Apenas a folhagem verde lustrosa das carnahubeiras acompanha o curso do rio do norte do Rio Branco em deante. O mappa hydro-geographico da Bahia, de Luetzelburg, dá, na verdade, a impressão de que essas palmeiras em alguns logares formam mattas em largas extensões; tal não acontece; iso-

ladas ou em pequenos grupos, ellas orlam a margem do rio. As manchas verdes, indicando mattas ao lado do rio, que se encontram em mappas recentes, não têm razão de ser.

A importancia principal do São Francisco, desde Lapá até Joazeiro, consiste tão só no seu valôr como via de communicação principal. Para a geographia commercial, o São Francisco é um rio "cerrado"; as quédas de Paulo Affonso, de 80 metros de altura, impossibilitam a navegação livre para o mar. Em consequencia disso, restringe-se o trafego de vapores, que existe desde o tempo do Imperio, ao trecho de Pirapóra, em Minas Geraes, até Joazeiro, na Bahia.

Segundo os novos horarios de Maio de 1927, partiam de Joazeiro mensalmente rio acima, ao todo, nove vapores, alguns dos quaes penetrando tambem nos affluentes occidentaes do São Francisco.

Essa navegação é possível durante o anno inteiro, si bem que de Fevereiro a Abril talvez algum tanto prejudicada pela enchente, e de Junho a Novembro é fortemente embaraçada pela baixa das aguas. Com excepção das corredeiras de Sanct'Anna, a Oéste de Joazeiro, o rio não offerece obstaculo algum á navegação. Como desvantagem economica, deve ser mencionada a falta de quaesquer installações proprias a facilitarem o trafego! Pontes de desembarque, apparatus ou installações de segurança, etc., faltam completamente.

E os vapores de roda na pôpa, que realizam o trafego, são em geral sobrecarregados de passageiros e cargas até o extenso limite da capacidade de transporte. Botes a vela e canôas servem o transito em geralmente curtas distâncias. A influencia da zona do tráfeço do São Francisco alcança para Léste as serranias centraes da Bahia. (5)

III. — *A chapada de "cerros ilhados" do Joazeiro e a região desertica da Bahia septentrional*

O norte da Bahia pertence á extensa região do Nordéste Brasileiro que, de annos em annos, é fragellada por sêccas calamitosas; o estudo desta região era um dos principaes objectivos da minha viagem á Bahia.

(5) Um mappa da região, com vias de communicação da Bahia, será publicado noutro logar.

Naturalmente eu não podia imaginar que ella coincidiria com um anno de sêcca, como a Bahia desde 1919 não havia soffrido.

Destarte tive occasião de sentir em pessoa os effeitos dêsse flagello nessa região já de si sêcca.

Na Bahia septentrional visitei, em primeiro lugar, os arredores de Joazeiro até o rio Salitre no Oêste.

Depois segui viagem do Norte sôbre Patamutê — Varzea da Ema, até ás quêdas de Paulo Affonso, de onde emprehendi uma excursão accessoria a Pedra, na estrada de Serro Piranhas-Jatobá: depois, passando por Geremoabo e Pombal, tomei rumo Sul, para o valle do Itapicurú, que desci até Barracão, situado já limite da zona humida do littoral. A longa viagem foi seriamente prejudicada pela grande sêcca. Já fazia mezes que não chovia em Joazeiro.

Segundo as informações obtidas, não poderia contar com sufficiente agua potavel durante a viagem.

Desaconselhar-me insistentemente de seguir, pelo itinerario projectado. Todavia, esperava passar a salvamento com o auxilio de agua mineral, que pretendiamos levar. Foi o que aconteceu: porém agradável não foi a viagem; só excepcionalmente encontrámos agua e até esta quasi não se podia beber; depois da Varzea da Ema jaziam á beira do caminho cadaveres de mulas e bois; visivelmente eram vítimas da falta de nutrição, de que padeciam todos os animaes; os preços dos viveres e forragens estavam extraordinariamente altos. Accrescia forte inquietação na população; pois que de Joazeiro rio abaixo até as quêdas de Paulo Affonso tinham sido collocadas fôrças do exército e da policia em diversos logares desde mezes, para impedir que penetrassem na Bahia os bandos do “Lampeão”, que havia mezes aterrorizavam o Nordêste do Brasil e em Junho haviam até assalado a cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte. (6)

Apesar de todos esses obstaculos, correu a viagem segundo o programma. A primeira grande região natural que conheci foi a chapada de “cerros ilhados” de Joazeiro. Joazeiro, término da estrada de ferro bahiana do São Francisco, está a 330 metros de altitude.

(6) N. do T. — Deve haver equívoco, em parte. Pela data e pela participação do exército nessa extensa ostentação de fôrças, parece que era a quadra das migrações dos revolucionarios no interior do Brasil.

Situada á margem direita do rio, do qual se ergue aqui uma ilha de granito, uma chapada absolutamente chata para Oéste estende-se até o rio Salitre, para o Sul por mais de 60 kilometros, e igualmente longe para o Norte e Léste. Essa planicie é constituída de granito e calcareos antigos e dobrados; porém a planicie passa por cima dessas diferentes formações rochosas, as quaes fôram arrasadas, formando uma grandiosa chapada de "torzo", como até então ainda não havia observado outra igual na Bahia.

Apenas perceptíveis extendem-se pela planicie, até o São Francisco, aqui e acolá, vallezinhos gamelliformes, cheios de pedregulho, porém sem agua. Contemplando-se esta vasta planicie de cima da torre da casa do sr. Miguel Siqueira, que domina toda a cidade, vêem-se destacar, tanto dêste lado do rio, como do outro, morros solitarios, como ilhas. Ora têm a fôrma de cone, ora a conformação de bahu; alguns apresentam altura de 80-100 metros; outros, 200 metros e mais. Sempre, porém, elles emergem completamente isolados da planicie chata. São typicos "cerros-ilhados". Elles se consistem da mesma rocha que a planicie da qual se elevam. Ora são "serros ilhados" graniticos, ora são formados de duros calcareos gamelliformes, tendo nestes ultimos, muitas vezes, as camadas, como mais a Léste juncto de Patamuté, a extensão de 3-4 kilometros. Tambem nesta zona, onde se apresentam mais junctos, surgem ilhas da extensa planicie. Sómente aqui, nas vizinhanças de Patamuté, do alto da Serra Galdino, formada de calcareos duros, e na qual fica a conhecida gruta de Patamuté, tive a impressão de talvez estes "cerros ilhados" serem resíos da intensa erosão de antigo chapadão de "torzo", e que ficava uns 250-300 metros mais alto que a actual chapada. Tambem aqui na região em tôrno de Patamuté os leitos sêccos, que sulcam a planicie, apresentam notavelmente mais material arrastado do que mais para Oéste.

Em consequencia da sêcca demorada, o sólo estava duro como um terreiro socado. Onde a chapada passa sobre calcareos dobrados, o sólo é retalhado de gretas a grandes distâncias e igualmente se observam innumerous pequenos buracos afunilados. Extremamente exigua é a vegetação. Na catinga — aqui mais do typo arbustivo — vêem-se em toda a parte cactaceos de grande pujança. Sómente nas fendas causadas pela sêcca existe vegetação de maior viço, cujas raizes alcançam o lençol d'agua subterraneo. A su-

déste de Joazeiro, distante uns 20 kilometros da cidade, avistei o mencionado lençol d'agua num poço, a nove metros de profundidade.

Do maximo interesse era determinar até onde proseguia para Léste a chapada de "cerros ilhados"; segundo o perfil geologico que Sopper estabeleceu de Oéste a Léste cortando a Bahia septentrional (7), parece que ella se estende a Léste cortando Sergipe, isto é, ainda se prolonga para Léste até longe, por cima da chapada cretaceo-terciaria da Bahia septentrional. Segundo as minhas observações, ha o seguinte: de Patamutê para Léste, a chapada de "torzo" de Joazeiro vai subindo lentamente e passa sem degrau sôbre a chapada cretaceo-terciaria do Norte da Bahia.

Ao contrário, esta última termina a Léste por um accentuado degrau de 100 a 150 metros de altura. Avistei esse degrau no caminho das quédas de Paulo Affonso para o Sul, por Sancta Brigida, Geremoabo, Antas até Pombal. E defronte desta chapada cretaceo-terciaria está a Léste, 100-150 metros mais baixo, o extenso chapadão de "torzo" do Sergipe, egualmente inçado de "cerros ilhados"!

Para o Sul parece que o chapadão de "torzo" de Sergipe passa sem degrau para o terreno ondulado terciario do baixo Itapicurú (entre Sipó e Barracão).

Toda a Bahia septentrional é uniforme sob o poncto de vista botanico-geographico. Predomina a catinga sêcca. Sómente á margem do Itapicurú se extendem a jusante de Sipó maravilhosas mattas de anteparo rio abaixo. Fóra do Itapicurú quasi que não existe em parte alguma agua corrente; onde pequenos correjos trazem agua, ella é salobra, portanto não potavel. Tambem as fontes são muito raras e os poucos açudes que vi têm agua suja e morna. Todas as terras de cultura são roçadas na catinga, estando espalhadas a modo de manchas, na extensa zona sêcca.

Sómente no valle do Itapicurú e nos seus pequenos valles confluentes extendem-se faixas de terrenos cultivados. A principal occupação do povo é a creação de gado; a creação de cabras supera longe a de bovinos. Absolutamente não ha grandes povoados. Estes existem ou á margem da estrada de ferro para Joazeiro ou á do São Francisco; uma notavel fileira de povoações se vê ao longo do degrau oriental da

(7) Publicação da Inspectoria das Obras contra as Sêccas, Rio 1914. N. 34. Mappa.

chapada cretaceo-terciaria da Bahia septentrional, desde Sancta Brigida ao Norte até Soure, ao Sul da estação balnearia de Sipó.

O ponto principal de todo o norte bahiano é Joazeiro, que conta uns 12.000 habitantes. E' a velha cidade da fonte, onde já no tempo colonial a grande estrada da Bahia para Piauí e Maranhão passava o São Francisco. E' o ponto terminal da navegação dêste rio; desde que a estrada de ferro alcançou a cidade, ella tornou-se sem dúbida a mais importante metropole commercial do interior da Bahia. Ainda não se póde prever se prejudicará á importancia de Joazeiro a linha ferrea em construcção de Petrolina, que lhe fica frente para o interior.

Quando chegaram os Europeus, a Bahia era habitada até o littoral por Indios. Com o progresso da colonização, porém, elles fôram rechassados cada vez mais para o sertão e desapareceram afinal quasi por completo. Em parte alguma, entretanto, como justamente na região sêcca do São Francisco e Norte da Bahia, ao viajante se depara tão forte mescla de sangue indio na população. E tambem em parte alguma, como precisamente nestas regiões, desaparece tanto a influéncia do negro ou do mulato.

IV. — A serra central da Bahia

Qual muralha larga e poderosa, a serra Central da Bahia isola com extraordinario rigor toda a Bahia oriental da bacia do São Francisco. Assim se explica porque, no tempo colonial, foi do Sul, isto é, de São Paulo e Minas, que a região banhada pelo São Francisco recebeu o desbravamento economico e civilizador.

Na serra Central da Bahia, já no seculo XVIII, se iniciou igual conquista, em consequencia do descobrimento de jazidas de ouro. A exploração scientifico, porém, começou essencialmente apenas no inicio do seculo XX. Que eu saiba, só dous sábios percorreram maiores trechos dessa região montanhosa. O geologo norte-americano J. C. Brauner explorou principalmente a parte septentrional e gravou os seus estudos em obras geologicas especializadas e numa resumida *geographia physica* do Nordeste da Bahia. (8).

Tendo por objectivo estudos botanico-geographicos, alguns annos depois von Luetzelburg, commissionado pela

(8) *Geographical Journal*, de Londres — 1911 Agosto-Septembro.

Inspectoria de Obras contra as Sêccas, apprehendeu grandes viagens pela região montanhosa. (9)

Estava assim delineado o itinerario para a minha expedição á zona da serra Central; tractava-se, sobretudo, de investigar a parte Sul, Oéste e central dessa muralha de montanhas. Para a viagem muni-me de um mappa na escala 1 : 1 milhão, publicado pelo Club de Engenheiros Brasileiros; revelou-se quasi de todo imprestavel. Os mapps mais antigos que obtive na Bahia são muitó mais valiosos em substancia; um mappa publicado em 1925 no Rio, do qual recebi uma cópia de prussiato, logo antes de iniciar a segunda viagem pelas montanhas, foi o melhor dos que pude obter, embora a sua escala de 1:2 milhões fôsse demasiado pequena.

Percorri as serras centraes da Bahia pelos seguintes caminhos: transpuz a serra em Caetité; atravessei a parte occidental desde Lapa até Macahubas; daqui na direcção Norte para Brotas e descendo até a borda das montanhas ao Sul de Chique Chique. Na segunda viagem subi pelo valle do Paraguassú. Radiando de Triumpho, cortei depois diversas vezes a região montanhosa oriental, desde Barra da Estiva no Sul até Morro do Chapéu e Jacobina do Norte.

Como principal resultado dessas excursões pelas montanhas centraes, considero a verificação de conjuncto da serra Central da Bahia, que se secciona em duas partes principaes: uma occidental, mais estreita, cujos contrafortes se estendem ainda longe para NNW, além do São Francisco, e uma parte mais larga separada daquella depressão do Paramirim de rumo SSE-NNW. Na parte occidental mais estreita se encontram sobretudo cadeias de rumo SSE-NNW; na parte principal oriental predominam absolutamente largos altiplanos de "torzo".

Na parte occidental, as cadeias longitudinaes consistem principalmente de antigos quartzitos dobrados; na região montanhosa oriental predominam ao Sul quartzitos e granitos, ao Norte quartzitos e calcareos. No Léste, as formas de relêvo já não deixam distinguir nada do antigo dobramento das camadas palaeozoicas: caracterizam-nas extensas chapadas de "torzo": Quer me parecer que depois do aplainamento das antigas serras crystallinas, perturbações tecto-

(9) Publicação da Inspectoria de Obras contra as Sêccas. Rio N. 5.

nicas ocorridas na parte Sul e central da região montanhosa oriental quebraram a chapada de "torzo"; ella jaz agora em differentes niveis entre os valles longitudinaes de rumo preponderante SSE-NNW.

Como muralhas abruptas, as montanhas da parte oriental da serra elevam-se acima da depressão profunda do Paramirim, a qual como profundo fôssó se estende com rumo NNW, rasgando as montanhas, desde o valle do alto rio de Contas até o rio São Francisco. Uma estrada de ferro, que perlongasse esse fôssó em todo o seu comprimento, não encontraria quasi difficuldade alguma de terreno; não existe o divisor d'aguas de mais de 900 metros de altura, que o mappa de escala 1:1 milhão apresenta entre o rio Paramirim, que corre para o N., e os affluentes do rio de Contas. Pouco pronunciado, de apenas 100 metros de altura, é o dorso, pelo qual passa, em suave subida e descida, a estrada do Sul para o Norte.

Considero a depressão do Paramirim um fôssó de origem tectonica; escarpada e abrupta, em grau fóra do commum, é a sua borda oriental; como muralha pouco articulada, se estende por quasi 300 kilometros, mais ou menos no sentido SSE-NNW. O fundo da depressão consiste de granitos, gneisses, quartzitos; em muitos pontos fortemente dobrado, esse fundo do fôssó corta as cabeceiras das camadas do subsólo dobrado; elle fórma uma planicie de "torzo" que, alargando-se para o Norte, emenda com a planicie de "torzo" do valle oriental do São Francisco e no Sul é prolongada pela chapada de "torzo" do valle do alto rio de Contas.

Os vastos altiplanos da região oriental da serra Central são denominados "Geraes" na Bahia. São esteppes altas, despidas de arvoredos; apenas matto arbustivo se encontra nas suas depressões gamelliformes.

Situados a 900-1.300 metros de altitude, estes altiplanos são a parte mais escassamente povoada da Bahia. Povoamento mais consideravel apresentam apenas os valles longitudinaes, por serem mais ricos em aguadas; nos seus flancos sobe até quasi a borda dos chapadões, ora a catinga sêcca, ora verde matto arbustivo. Matto mais luxuriante acha-se propriamente só nas encostas escarpadas de Léste, exposta aos aliseos SE, sobretudo entre Andaraí-Lenções-Jacobina. É curioso como o coqueiro avança tanto para Oéste. Encontrei-o em menor e maior abundancia até o São Francisco; na região montanhosa o coqueiro sóbe até 1.000 metros de altitude.

Terra cultivada encontra-se na zona da serra Central da Bahia só em manchas; na maioria são roçadas. Interessante é o facto de haver-se desenvolvido no meio da região montanhosa, a Oéste de Minas de Contas, desde o pé do valle até nas alturas, uma extensa zona, na qual com o auxílio de irrigação artificial se realiza vasta agricultura de assucar, milho, arroz, coqueiros, etc. Que eu saiba, é o unico poncto na região montanhosa brasileira onde se encontra irrigação artificial. (10)

No lado Léste da zona de montanhas, entre Andarahi e Lençóes, faz-se activa exploração de minas afim de extrahir diamantes pretos, os "Carbonados". A economia dèste trecho é determinada sobretudo pela lavra de diamantes, e mui singular e surprehendente serie de povoações, caracterizada por nucleos bastante grandes, estende-se ao longo da base oriental da serra Central, desde Bomfim (na estrada de ferro Bahia-Joazeiro), passando por Jacobina, para o Sul, até a saída do Paraguassú da região montanhosa.

V. — *O littoral bahiano*

A zona littoranea da Bahia, de uma largura média de uns 30 kilometros, é, sem dúvida, em todo o Estado, a mais importante das suas diferentes regiões de character geographico especial.

Em todos os sentidos ella está no mais vivo contraste com o interior (hinterland) bahiano. Copiosas precipitações, de mais de 1.200 metros, destacam a zona da costa de um modo sobremaneira saliente do sêcco interior. Nella se estende luxuriante matta virgem em formação ora primária, ora secundária. Desde o comêço dos tempos coloniaes até hoje baseia-se todo o pêsso da agricultura da Bahia sôbre as extensas planicies roçadas nessa zona de mattas virgens. E' na região costeira que a população se agglomera em maior densidade; aqui se acha, principalmente em tórno da Bahia de Todos os Sanctos, grande número de cidades populosas. Tambem a população negra da Bahia em parte alguma é tão densa como nessa região quente-humida da costa.

(10) A irrigação artificial no Norte do Brasil, baseada no estabelecimento de grandes açudes, é de characteristics completamente diversos.

Estudei esta faixa de costa, de altos característicos proprios, desde a cidade da Bahia para o Norte até o limite com Sergipe; visitei, além disso, os arredores da Bahia para o Sul até Nazareth, e finalmente a zona economicamente tão importante, da cultura do cacau, de Ilhéus-Una, na Bahia meridional.

Sôbre o fundamento crystallino dobrado (granito) que afflora perto da Bahia, Ilhéus e outros pontos do littoral, jazem, em situação discordante, depositos terciarios. Apparecendo aqui em geral apenas como faixa estreita, mas alargando-se para o Norte, estende-se uma chapada cretacea terciaria, desde a Bahia para o Norte através da Bahia septentrional.

O traço curiosamente rectilineo da costa é apenas quebrado pela bahia de Todos os Sanctos, de triplice ingressão do oceano, que penetra muito terra a dentro; as suas pontas mais occidentaes chegam a tocar a zona sêcca do interior. Essa bahia separa a zona costeira bahiana do Norte da do Sul. A primeira se extende desde o limite de Sergipe até a orla septentrional da Bahia. É um terreno ondulado, recortado por pequenos rios costeiros; a estrada de ferro Aracajú-Bahia atravessa-o em grandes curvas. Toda esta zona Norte, antigamente coberta de densa matta virgem, está transformada na sua maior parte em terras de lavoura; sómente aqui e alli se conservam uns pequenos restos de matta. Longe extendem-se canaviaes e culturas de milho e mandioca; do meio de bananeas cerrados espreitam as choupanas de taipa da população negra.

Ao Norte da Bahia intercala-se nessas terras cultivadas uma extensa zona de terreno safaro. Entre Muritiba e Matta de São João os arenitos do taboleiro terciario estão fortemente decompostos; as areias claras aqui e acolá ajunctadas pelo vento, em pequenos comoros, formam sólo esteril, sôbre o qual apenas se desenvolvem rasteiros arbustos xerophilos; só difficilmente se poderá transformar esse terreno em terras de cultura.

Uma observação extremamente interessante pude fazer no littoral septentrional, a qual mais tarde encontrei confirmada na zona meridional: o littoral é originariamente zona de mattas; a matta virgem primária em parte tornou-se matta virgem secundária. Em Barracão, Alagoinhas e tambem mais ao Sul para a Bahia pode-se observar claramente como a matta sêcca do sertão lentamente invade para Leste a zona da matta costeira. Isoladas ou em pequenos grupos,

no meio da paisagem verde, estão arvores cinzentas, inteiramente despidas de folhas, da catinga sêcca. A mesma observação fiz na região da foz do Paraguassú, assim como em Nazareth, a sudêste da bahia de Todos os Sanctos e, finalmente, mais ao Sul, a oeste de Ilhéus. Aqui estavam as arvores xerophilas na borda de antigos roçados; os troncos cinzentos-claros, com seus galhos nus, destacavam-se de modo extranhamente nitido sobre o fundo, a muralha de matta verde escura. Não duvido que este avanço da catinga sêcca para Léste tenha occorrido apenas desde a colonização da região costeira pelos Europeus; pois sómente na zona de antigos roçados observei esse phenomeno. Em roçadas novas, feitas apenas ha dez annos, perto de Una, na Bahia Meridional, procurei debalde representantes da matta xerophila.

Sempre e com a maxima regularidade sopra o aliseo Sudêste sobre a zona costeira; sempre lhe traz copiosas precipitações; todavia em 1917 a altura das chuvas foi consideravelmente menor do que em 1926, nas partes central e norte do littoral.

Tambem quanto ao povoamento e ás communicações, existe uma importante differença entre o littoral septentrional e o meridional da Bahia. No Norte faltam quasi completamente povoações costeiras importantes; todas as que são de algum vulto ficam longe da costa; a estrada de ferro Bahia-Aracajú faz a ligação de quasi todas ellas.

Essencialmente differente é o littoral meridional. O seu character, em contraste com o do septentrional, é determinado principalmente por uma facilidade de accesso fóra do commum, por vias fluviaes, que desde o inicio do tempo colonial sempre fôram de grande importancia para o desenvolvimento economico da zona da matta.

Essa facilidade de accesso começa no Norte da Bahia de Todos os Sanctos; aqui a maré leva os pequenos vapores costeiros até Sancto Amaro, Cachoeira, São Felix, Nazareth e outros logares. Mais para o Sul a maré penetra até Valença, Camamú; o vasto desenvolvimento da cultura do cacau ao Sul do rio de Contas baseia-se essencialmente na circunstância de que durante a maré enchente aqui por toda a parte os navios podem avançar longe para o interior (rio Itabuna, rio Una, rio Pardo, rio Jequitinhonha, etc). A canôa, em parte provida de motores, é o principal meio do tráfego do littoral meridional da Bahia. A consequencia dessa facilidade de communicações é que aqui a orla da costa é muito mais densamente povoada que no Norte. Ao

Norte da Bahia até a foz do São Francisco só pôde ser citada como porto digno de menção, a capital da provincia de Sergipe, Aracajú; ao passo que para o Sul contam-se 16 povoações, em parte notaveis, cujo progresso sobretudo é devido ao tráfego fluvial e marítimo. Também o número de pequenos povoados é no Sul muito maior que no Norte.

Observando-se as regiões da Bahia no seu conjunto, conclue-se essencialmente:

O littoral bahiano, quente-humido e no Sul um pouco mais largo, está em todos os sentidos em vivo contraste com as extensas regiões quentes-seccas do interior. No littoral predomina a matta virgem, embora na sua maior parte na forma secundária; no interior predomina absolutamente a catinga sêcca, portanto o matto rasteiro. Durante seculos, o desenvolvimento economico bahiano limitou-se essencialmente á orla da costa; sómente desde o princípio do seculo XIX elle está penetrando lentamente para o interior. (11) O littoral apresenta povoamento notavelmente mais denso que o interior e nelle ficam as cidades mais populosas. No littoral, enfim, se torna mais sensivel a influência do elemento negro na população; e quanto mais se avança pelo sêcco sertão a dentro tanto mais perceptivel se torna a mescla do sangue indio.

Mas, tanto sôbre o littoral como sôbre o interior, estende-se o que eu chamarei a "Cultura do Mar Mediterraneo". É a herança do povo dominador portuguez. Ella se reflecte nos usos e costumes, em varios habitos de vida, em utensilios e instrumentos de lavoura, por exemplo no emprêgo do carro de bois, também familiar na região do Mar Mediterraneo e na formação das povoações.

Mesmo nas determinações do Codigo Civil Brasileiro, que regem todas as formas da vida, grande é o número dos elementos tirados tanto do antigo direito romano como do antigo portuguez.

(11) Ver o que escrevi a respeito "Do Desenvolvimento Economico do Estado da Bahia" em *Ibero-America*, antes "*America Latina*" (B). Berlim, 9º anno, pags. 22-25.

Nota — Segue-se quasi tão extenso quanto o precedente, um outro estudo do mesmo auctor sôbre *A cultura do cacáu na Bahia*.

ANTIGAS INSCRIÇÕES

DO

Rio de Janeiro e Niteroi

PELO

DESEMBARGADOR VIEIRA FERREIRA

Excellentissimos senhores conde de Affonso Celso, mui digno presidente perpétuo, e demais illustres socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Tenho a honra de offerecer a essa patriotica instituição, para que o aproveite como entender, o meu trabalho *Antigas inscrições do Rio de Janeiro e Niterói*.

Essa respiga foi emprehendida por exhortações de Max Fleiuss, o illustre secretário perpétuo dêsse Instituto.

Attendi tambem á urgencia de uma colheita epigraphica, não permittindo as remodelações da cidade, com a sua ameaça aos monumentos, que eu aguardasse outra iniciativa.

Justifico, assim, o trabalho e o offerecimento e assigno-me, com o mais alto apreço, de vossas excellencias, compatricio e admirador attento,

Desembargador VIEIRA FERREIRA.

Icarahi, 40 de Septembro de 1929.

ANTIGAS INSCRIÇÕES DO RIO DE JANEIRO E NITERÓI

O primeiro capítulo de uma *Epigraphia Brasileira* deveria começar pelas inscrições, umas em portuguez, outras em latim, existentes em tórno da bahia de Guanabara e nas ilhas que emergem de suas aguas.

Seriam as primicias de um *Corpus inscriptionum brasiliensium*, em que um piedoso patriotismo colleccionasse tantos titulos epigraphicos dispersos pelq paiz, poucos em toda a parte, salvo em algumas cidades, como Bahia, Recife e Olinda, onde são mais densos.

Para esse trabalho é mistér uma collaboração que só achará estímulos e possibilidades no favor official, na vaidade ou no bom gosto da opulencia, que tonifique a iniciativa dos institutos historicos e competentes de provincia.

Entretanto, o campo é muito menos vasto no Brasil, ou em qualquer parte da America, do que no velho continente, quanto mais excluindo-se das collecções, como convém, as epigraphes recentes, quaes todas as gravadas depois da proclamação da República. O interesse que as inscrições despertam está na razão inversa de sua novidade.

Na Europa, no norte da Africa e na Asia occidental a messe epigraphica é immensa e augmenta a vontade, pôde-se dizer, nas excavações feitas com fito archeologico. Pedras sepulcraes, aras votivas, bases de estátuas, cippos, com inscrições gregas ou latinas, surgem do sólo ferido pela picareta, e a vida de outros tempos desperta em fragmentos de Architectura ou de Toreutica, balbuciando os vocabulos das duas linguas classicas.

Já na Grecia antiga se cuidara de *Epigraphia*, citando-se entre os colleccionadores de inscrições Philócoro, Pó-

lemon e Crátero. Desde o seculo XVI imprimiram-se colleções epigraphicas, *thesouros*. Vieram depois as obras de Morcelli, Maffei, Olivieri, Marini, Muratori. Avulta a de Borghesi no comêço do seculo XIX e depois o acervo colossal inventariado por Augusto Boeckh e Theodoro Mommsen, que dirigiram com uma selecta collaboração as grandes collecções editadas pela Real Academia da Prussia. Nem devem ser esquecidos nesse mourejar os nomes de Orelli, Hubner, Henzen, Zangemeister, Schone, quanto ás inscripções latinas; de Franz, Curtius, Kirchhoff, Kaibel, quanto ás gregas.

Não é só na quantidade do material e pelo número e saber dos que operam sôbre elle que a Epigraphia européa tem mais importancia do que a americana. Tem-na tambem pelo seu alcance philologico, historico, linguistico, jurídico, exclarecendo particularidades sem essa luz ignoradas.

Temos, porém, nas inscripções que possuímos um interesse mais directo. São nossas e, por isso mesmo que são nossas, dignas de uma attenção mais carinhosa do que até hoje têm logrado.

Si não exclarecem obscuridades em ponctos controvertidos pela erudição, nem rectificam erros historicos, si confirmam quando muito os acontecimentos narrados pelos nossos historiadores, valem pelo menos como vinhetas que enfeitem a character os capitulos da história patria.

Nem são glosas marginaes de observadores extranhos, mas a palavra authentica dos proprios actores do drama na successão dos actos, o texto que elles escreveram nas suas construcções, para perpetuar a memória do que vinham fazendo.

Demais, quanta poesia na calma com que nos fallam sem as paixões da actualidade; como são bellos, por um milagre do tempo, até os pinturescos erros de orthographia dessas inscripções em portuguez singelo ou em latim pretencioso!

Ha tanta Esthetica na architectura das construcções que illustram! A intenção artistica dos monumentos em que se lavrou essa Epigraphia produz no ánimo de quem os contempla o effeito querido pelos constructores.

Um vínculo indissolúvel une a inscripção e o seu receptaculo, como a associação das idéas liga esse composto ao ambiente physico e social dos tempos em que foi erguido.

Allia-se tudo isso á genese de uma Patria; porque essa Epigraphia attesta já o connubio do homem com a terra

conquistada pela energia argonautica, depois do namoro transatlantico das frotas em bordejos de fóz em fóra.

Observam os que escrevem sôbre arte que os effeitos estheticos do tempo são analogos aos do espaço. O prestígio das priscas éras é como o das paragens exoticas. Mas deve assignalar-se uma differença. O tempo valoriza cada vez mais o que é nosso, antiquando-o, enquanto o exotico, que é alheio, vai só até os antipodas.

"Contenta-te com os fructos, com as flores e até com as folhas, si fôrem colhidas no jardim que te pertence." E' o conselho do Edmundo Rostand, no *Cyrano de Bergerac*.

Tractemos das nossas inscripções, contentes com o que temos. Sem dúvida vale a pena.

Copia-las, porém, e reuni-las não é facil; photographa-las menos, ainda, tendo-se baldado até hoje a tentativa dos que quizeram faze-lo, ou por falta de luz no logar em que se acham ou por descoramento das paginas de pedra em que fôram escriptas.

Tendo eu traduzido o latim colonial de algumas, que copiara a lapis, Max Fleiuss exhortou-me diversas vezes a reunir e publicar as do Rio de Janeiro e Niterói. Não o emprendi, nem me seria possivel essa aturada pesquisa, que deveria tocar aos que se dedicam a esses estudos.

Afigurava-se-me tão nobre anhelos uma utopia.

Felizmente não faltou para o empreendimento o unico homem capaz de effectua-lo de modo cabal, descobrindo o paradeiro das inscripções e photographando-as nitidamente, com as bellezas architectonicas de suas molduras monumentaes.

Bernardo Sanmartin, conceituado guarda-livros da praça do Rio de Janeiro, é o mais perito photographo amator que eu conheço. Com expedientes proprios, que faltaram aos outros photographos, profissionaes ou amadores, em suas tentativas de retratar as inscripções fluminenses, elle teve o melhor exito nesse empenho, realizando uma obra cujo alcance nacional é evidente. Merecem a sua competencia e tenacidade os mais justos encomios, pelo brilhante resultado obtido.

Agradeça-lhe Max Fleiuss a realização da sua patriotica idéa, agradeçam-lhe todos esse augmento consideravel no valor do nosso inventario archeologico.

Houve muito trabalho nessa colheita. Como Sanmartin a conseguiu podem attesta-lo os officiaes de nossas forta-

lezas, os frades de nossos conventos, que o viram trabalhando. Subiu o Pico a cavallo, com o tenente Amangá, para photographar a inscripção do forte São Luiz, como atravessou em automovel todo o Districto Federal, para tirar a da ponte do Guandú.

Andou por toda a parte, frequentou durante semanas inteiras o convento de Sancto Antonio e o mosteiro de São Bento.

Nem se limitou a essa faina absorvente. Colheu quantas informações podia sôbre as fontes, que de qualquer modo contribuíssem para o esclarecimento de cada inscripção e do edificio em que estava. Eu as recebia quasi diariamente, com as provas photographicas numeradas, que acompanhavam no mesmo envelope.

Sanmartin é um dos homens que melhor conhecem o Rio de Janeiro, tendo até publicado um excellente guia da cidade, com as ruas de todos os bairros. Reunia, pois, todos os requisitos necesarios para a operação que levou a termo com tanta galhardia.

Vale ainda a sua competencia em photogravura para a impressão de uma obra, em que a belleza plastica da ornamentação em pedra merece divulgar-se quanto possivel com a efficiencia esthetica dos monumentos originaes.

Bem mais facil é a tarefa que assumo, cooperando como posso. Alinhar, anotar, interpretar as inscripções, traduzindo as latinas, decifrando as siglas de suas abreviaturas, dissolvendo os seus nexos nas letras componentes, si duas ou mais têm a mesma perna ou a mesma orelha, por economia de espaço e de trabalho.

Para a distribuição das inscripções preferi o methodo topographico, seguindo o exemplo das grandes collecções epigraphicas, em que hoje se adopta a classificação geographica, subdivididas, como outrora se fazia a divisão inicial, segundo a natureza dos titulos epigraphicos. Eram *inscriptiones deorum et dearum, magistratum, sepulcrales, honorificæ* e outras.

A ordem é a de um passeio archeologico.

Partindo da fortaleza de São João, passam-se primeiro em revista as inscripções do Districto Federal, com o itinerario de uma pessoa que quizesse forrar-se a caminhadas inuteis; em seguida consideram-se as das ilhas e por último as de Niterói, terminando na fortaleza de Sancta Cruz.

Onde ha mais de uma, examino-as, quanto possivel, em ordem chronologica.

O sentimento esthetico é muitas vezes solicitado irresistivelmente para estes dominios communs das bellas lettras e das bellas artes. Sirva isso de excusa ás minhas incursões em seara alheia.

Desembargador VIEIRA FERREIRA.



DISTRICTO FEDERAL

FORTALEZA DE SÃO JOÃO

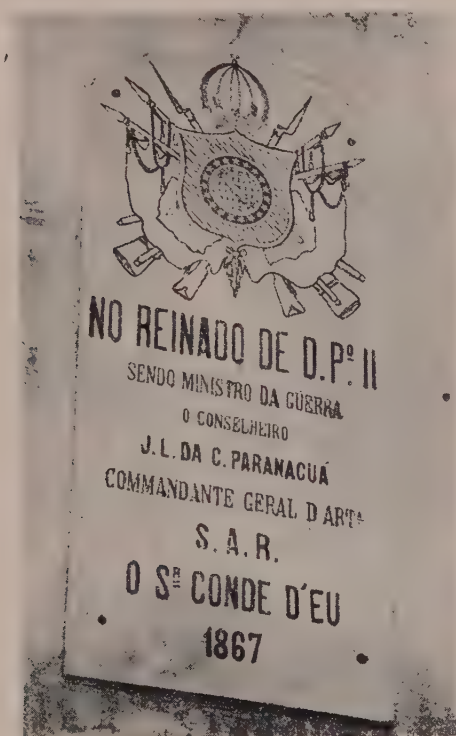
1

No portão de entrada da fortaleza de São João.



Na parede de frente da Bateria do 2º grupo de Artilharia de Costa.

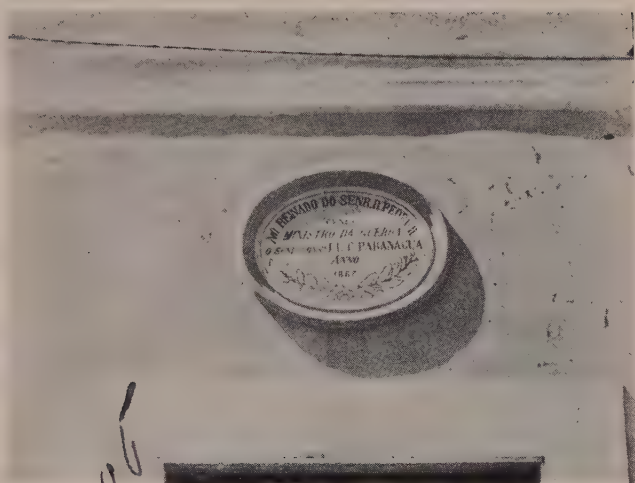
2



*J. L. da C. — João Lustosa da Cunha
S. A. R. — Sua Alteza Real*

portão da Intendencia.

3





PRAIA VERMELHA

5

Em marmore, no lado interno á esquerda do edificio do quartel.



D. G. — Dei gratia

A. D. — Anno Domini

*Reinando felizmente Pedro II, por graça de Deus imperador constitucional e perpetuo
defensor do Brasil, Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão effectou a planta
e construção do edificio no anno do Senhor 1864, 43 do Imperio*

IPANEMA

6

No chafariz das Saracuras, transportado para um jardim de Ipanema, depois da demolição do convento da Ajuda, onde estivera.

Anna Cherubina de Jesus Silva foi abbadessa do convento da Ajuda de 1789 a 1803.

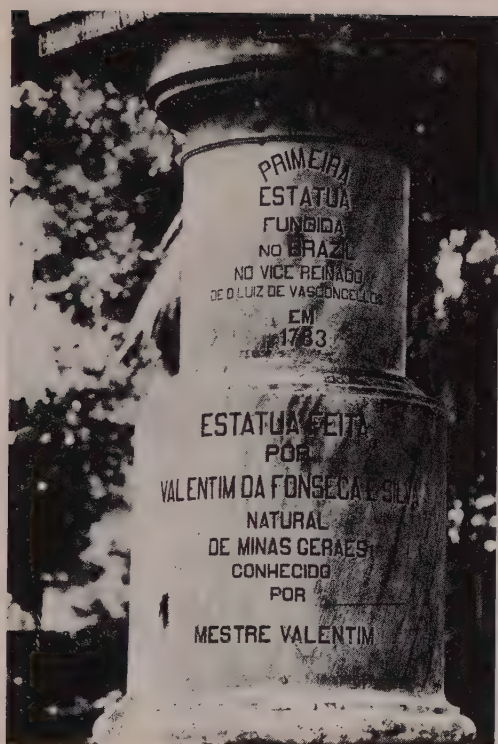




JARDIM BOTANICO

7





PRIMEIRA
ESTATUA
FUNDIDA
NO BRAZIL
NO VICE REINADO
DE D. LUIZ DE VASCONCELOS
EM
1783

ESTATUA FEITA
POR
VALENTIM DA FONSECA SILVA
NATURAL
DE MINAS GERAES
CONHECIDO
POR
MESTRE VALENTIM

GAVEA

8

Em uma pedra na Gavêa, entre a Cascata e o alto do Chuá

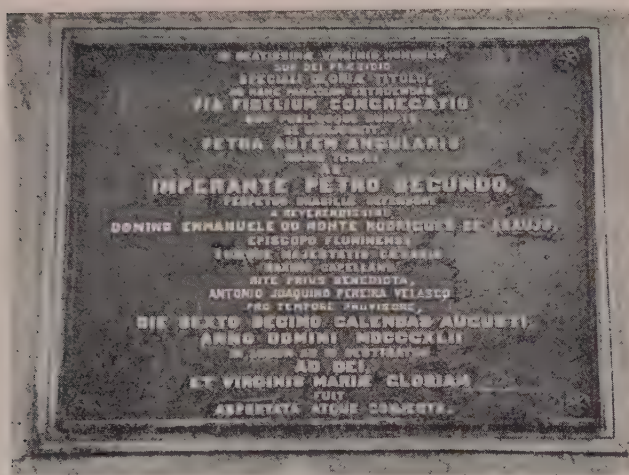


C. M. A.

LARGO DO MACHADO

9

Em placa de bronze na fachada da egreja matriz de N. S. da Glória.



Em honra da santissima Virgem, sob a protecção de Deus, reuniu-se a pia Congregação dos Fieis, para fundar esta parochia, a sua custa e do publico. Mas a pedra angular deste templo foi carregada e lançada pelo imperador Pedro II, perpetuo defensor do Brasil, tendo sido antes solennemente ben-zida pelo reverendissimo sr. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, bispo fluminense e capellão-mór de sua magestade imperial, sendo provedor interino Antonio Joaquim Pereira Velasco, no dia 17 de Julho (sexto decimo calendas angusti) do anno do Senhor de 1842 no local a isso destinado, para a gloria de Deus e da Virgem Maria

NO REINADO DE S.M. O IMPERADOR
O S.^r D. PEDRO II
O MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO DOS NECOCIOS DO IMPERIO,
CONSELHEIRO D.^e JOÃO ALFREDO CORRÊA D'OLIVEIRA
MANDOU FAZER ESTA OBRA.
1874

AGUAS FERREAS

11



MORRO DO INGLEZ

12

Em marmore, no reservatorio da ladeira Ascurra.



POR ORDEM
DE S. EX. O SENR MINISTRO
D' AGRICULTURA COMMERCIO
E OBRAS PUBLICAS ;
ESTE RESERVATORIO E ENCANAMENTO GERAL
DAS LARANGEIRAS,
FORÃO PELA INSPECCÃO GERAL
DAS OBRAS PUBLICAS,
COMEÇADAS EM JUNHO DE 1867
E CONCLUIDAS EM JULHO
DE 1868.

712

PAINEIRAS

13

Na caixa d'agua Limpo do Abreu, no caminho para a ponte do Inferno.



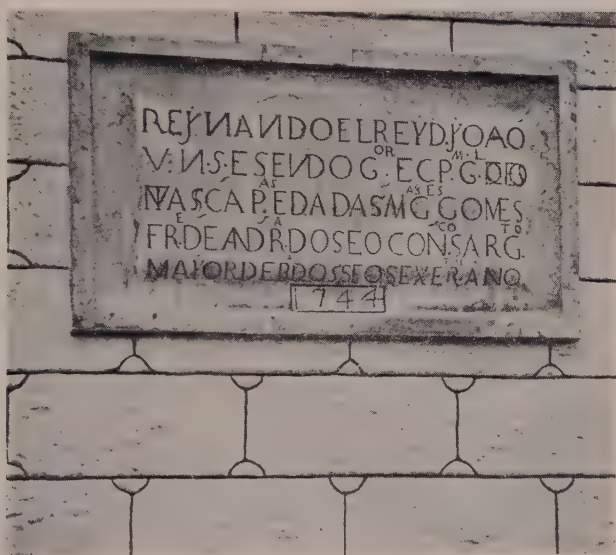
A. P. L. = Antonio Paulino Limpo

SILVESTRE

14



No registo, onde começava o Aqueducto.



Reynando el Rey D. João V e sendo governador e capitão general destas capitanias e da das Minas Geraes Gomes Freire de Andrada do seo concelho, sargento mayor de batalha dos seos exercitos. Anno 1744.

Esta inscripção tem ponctos sôbre os YY e até sôbre o ultimo A. Virgula-se com um pequeno s por baixo da linha.

Tendo-se escripto por êrro de antecipação (SALOMÃO REINACH, *Minerva*, n. 28) as duas primeiras letras de GOMES no fim da segunda linha e parte do M (3/4) no comêço da terceira, fôram aquellas cobertas por DES e a última por um T, cuja haste partiu como bissectriz o angulo voltado para cima, e cuja travessa cobriu a letra errada incompleta, dando uma apparencia de nexos ou ligaturas que não existem.

O segundo S de DESTAS é suspeito, formado por duas parallelas, como nenhuma outra letra da inscripção.

Como em 1744 podia ser Gomes Freire de Andrada governador "DESTAS CAPITANIAS E DA DAS MINAS", si a sua interinidade na de São Paulo foi só até 1739, segundo a lista de VARNHAGEN? Vide a de ns. 16, 55 e 104.

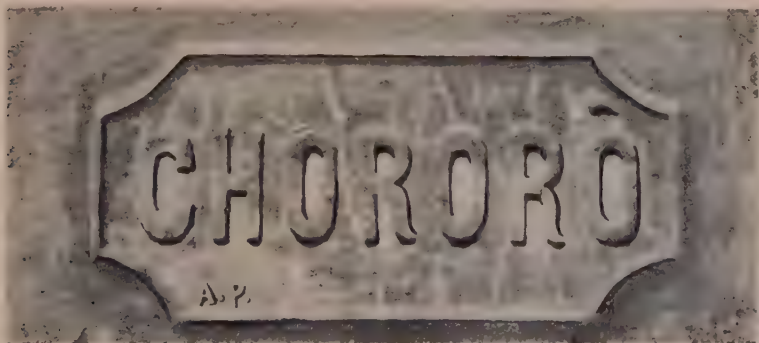
RUA DO AQUEDUCTO

15

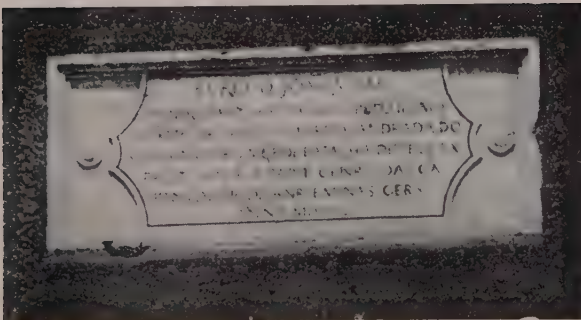
Em uma placa de metal embutida na caixa de recepção de uma cascatinha que fica entre a Lagoinha e a caixa d'agua da Carioca.



Chororó é um nhambú que muitas vezes ouvi piar, quando, menino, morava na Lagoinha.



Em um pilar inferior dos Arcos do Aqueducto, na
praça Conde de Arcos.



N. S R. — *nosso senhor.*

RUA DO RIACHUELO

17

Em letras de metal amarello embutidas em placa de marmore sôbre o chafariz.



M. F. E. O. — *mandou fazer esta obra*

CONVENTO DE SANCTA TERESA

18

**Restos mortaes
de
Gomes Freire
de Andrada
conde de Bobadella
vice-rei do Brasil
fundador do Convento
de Santa Thereza
do Rio de Janeiro
instituidor
de seu patrimonio
fallecido nesta cidade
em 1 de Janeiro de 1763
Orate
pro benefactore nostro**

São os dizeres de uma inscripção posta em um mausoléu de marmore branco com pedestal de marmore azul que dizem existir no interior do convento.

19

**Restos mortaes
da Madre
Jacintha de S. José
fundadora da Ordem Carmelita
da Reforma
de Santa Thereza
no Rio de Janeiro
Infatigavel
no meio das maiores
difficuldades
para a realização
deste Instituto.
Exemplo perenne das
mais excelsas virtudes
deixado para imitação
às suas filhas.
Fallecida neste Convento
em 2 de Outubro de 1768.**

Em mausoléo quasi igual ao precedente.

Candida Francisca da Costa
N. a 3 de Julho de 1833
M. a 28 de Janeiro de 1849.

Si a terra tambem tem anjos,
Anjo foi esta innocente:
Virtudes como ella teve
São do céu raro presente.

Pretendia que este claustro
Fosse a sua habitação;
Seus restos mortaes deixou-lhe,
Deixou-lhe seu coração.

Em outro mausoléo.

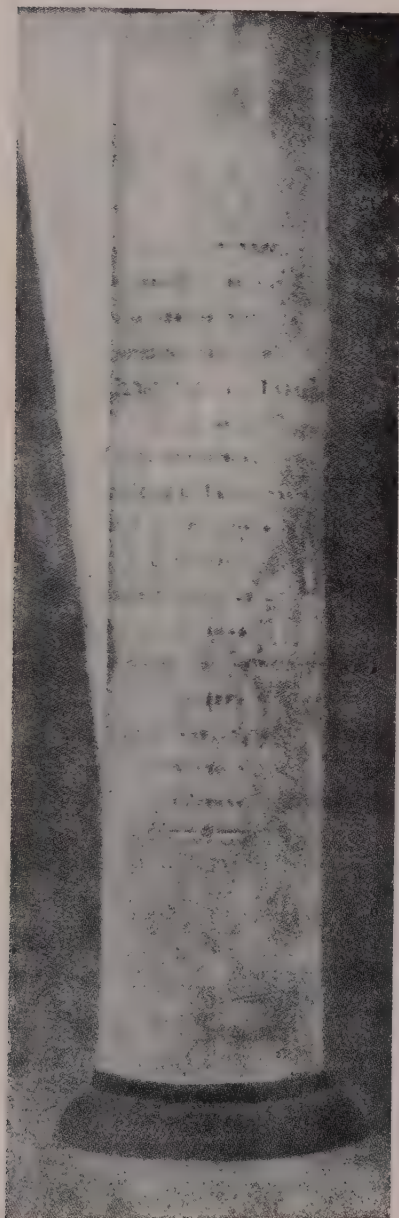
LAPA

No tympano da egreja da Lapa.



Com zelo zelei pelo senhor Deus dos exercitos

Na sala dos Carmelitas da Egreja da Lapa.



Neste monumento
 repousão em paz
 os restos mortaes
 do Conselheiro Senador do Imperio
 João Evangelista de Faria Lobato
 e os
 da sua extremosa esposa
 Maria Izabel Manso Sayão Lobato
 Aquelle nasceo aos 6 de Maio
 de 1763
 e falleceu aos 25 de Junho
 de 1846
 e esta nasceo aos 10 de Novembro
 de 1779
 e falleceu aos 23 de Outubro
 do mesmo anno
 de 1846.



OVI.

LVBENS-EXCESSIT



PETREVS.

ATTENTION: The following information is for the use of the user only. It is not to be used for the purpose of the design of the product.

JASSIST



Domn. fr. Petrus a Scta. Mariamna
 ex gente in saeculo Souza
 in inclyta Carmelitarum familia
 vota professus
 Pernambuci Brasiliarum anno Dni MDCCCLXXXII natus
 Chrysopolitanae
 in partibus infidelium
 ecclesiae episcopus
 aulae lateranensis et palatii apostolici comes
 praesul domesticus solio pontificio assistens
 in militari Schola scientiar, mathemat. lector
 maximus ad manum imperatoris elemosynarius
 Ejusdemque a pueritia
 carus diligens praeceptor
 qui
 doctrinae auctoritate ingenii et morum amoenitate
 insignis
 religiosi praesertim officii assidua observatione
 vitae austeritate
 innato fervore charitatis
 strenuo virtutis amore et cultu
 humili corde
 spectatissimus
 suae ipsius gloriae oblitus imo inconsciis
 ad principis instituendi munus vocatus
 infantem adolescentem virum denique principem
 ab ovo vigilanti materno sicuti passu
 comitatus
 nonis maiis anno Dni. MDCCCLXIV.
 aetatis LXXXII
 e vita justus expetitis dolorum ictibus gaudens
 lubens excessit
 —Cujus exuvias
 ex postremo ipsius voto in coenobitica deponendas aede
 Petrus II
 D. g. const. imp. et perp. Bras. def.
 honore merito prosecutus
 grato animo pio consilio insanabili desiderio
 memoriam dilecti praeceptoris amplexus
 in perpetui moeroris testimonium
 sub marmore cura sua inscripto
 a ffrr. carmelitis oblato condi
 jussit

O sr. frei Pedro de Sancta Marianna, que, procedente no seculo da casa dos Sousas, professou os votos na familia dos Carmelitas. Nescido em Pernambuco, Brasil, no anno do Senhor 1782, bispo da Egreja Chrysopolitana em partes de infieis, conde da côrte de Latrão e do palacio apostolico, mordomo juncto ao solio pontificio, lente de sciencias mathematicas na Eschola Militar, esmolér-mór juncto á mão do Imperador e caro dedicado mestre do mesmo desde a meninice, que, insigne pela auctoridade da doutrina, pela amenidade da indole e dos costumes, respeitadissimo sobretudo pela assidua observação do dever religioso, austeridade da vida, innato fervor da caridade, estrenuo amor e culto da virtude, com humilde coração, esquecido e até inconciente da sua propria glória, foi chamado para o encargo de educar o principe e o acompanhou desde o começo com passo vigilante comparavel ao materno, menino, adolescente, homem afinal. Aos septe de maio do anno do Senhor 1864, com 82 de idade, deixou de bóamente a vida, como justo que alcança o desejado termo dos soffrimentos.

Seus restos mortaes, que por ultima vontade do mesmo deviam ser sepultados em casa monastica, Pedro II, por graça de Deus Imperador constitucional e perpetuo defensor do Brasil, rendendo-lhes a merecida honra, cultivando com animo grato, pio conselho, insanaveis saudades, a memoria do seu dilecto mestre, mandou guardar, em testemunho do eterno lucto, sob um marmore, offerecido pelos frades Carmelitas, com uma inscripção de seu cuidado.

"A mais bella inscripção latina do Rio de Janeiro, quanto ao pensamento que perpetúa, deve-se a d. Pedro II.

E' a que na egreja da Lapa illustra a sepultura de frei Pedro de Sancta Marianna, mestre do Imperador.

.

O titulo começa pelas letras DOMN, que interpretei como abreviação da palavra *dominus*, ainda que esta se ache no resto da inscripção abreviada sem o OM, nas datas, DNI, *domini*, do Senhor.

A coherencia mandava que se começasse abreviando com DNUS.

E' de assignalar que um grande numero de inscripções sepulcraes principiam com as siglas D. O. M., *Deo optimo maximo*; mas na de frei Pedro ha um N incompativel com a formula de que se tracta, pois está DOMN e não DOM.

Além disso o D. O. M. costuma encimar as inscripções e não por-se na primeira linha dellas. Demais o *dominus* é usual nas sepulturas episcopaes.

Outro ponto que se deve assignalar na inscripção é dizer-se ahi que frei Pedro deixou a vida *expetitis dolorum ictibus gaudens*, o que ao pé da lettra significa que elle alcançou com a morte os golpes, *ictibus*, das dôres, *dolorum*, ardentemente desejados, *expetitis*.

Qualificar a morte de fim, de *golpe*, *ictus*, das dôres não seria de muito mau gosto, mas recorrer ao plural, *ictibus*, golpes, é o que não me parece conveniente á boa latinidade.

O genitivo *dolorum*, das dôres, é passivo ou activo; são as dôres que recebem ou que vibram os golpes?

Não sei. Parece que o pensamento é, como traduzi, que a morte põe termo ás dôres. Nem é possível vêr em *dolorum ictibus*, as ansias da morte, porque o goso de frei Pedro estava em morrer, não em agonizar.

Mas, deixando estas questões de linguagem, consideremos o alcance historico da inscripção.

Que influencia invisivel, mas immensa, nos destinos do Brasil foi a de frei Pedro de Sancta Mariamna!

Quanto vai nesse resumo biographico feito por Pedro II, cultivando carinhosamente a memoria de seu grande e querido mestre!

Transparece na inscripção uma das superioridades apontadas no regime, o cuidado que preside *ab ovo*, como se diz nella, á formação do chefe de Estado. E' verdade que ás vezes o discipulo de Seneca se chama Nero.

Mas o Brasil foi mais feliz ahi do que Roma.

Frei Pedro está nos alicerces do segundo reinado com o Marquez de Itanhaem.

"Pedro, tu és pedra..."

O bispo de Chrysopolis foi para Pedro II um segundo Pedro I.

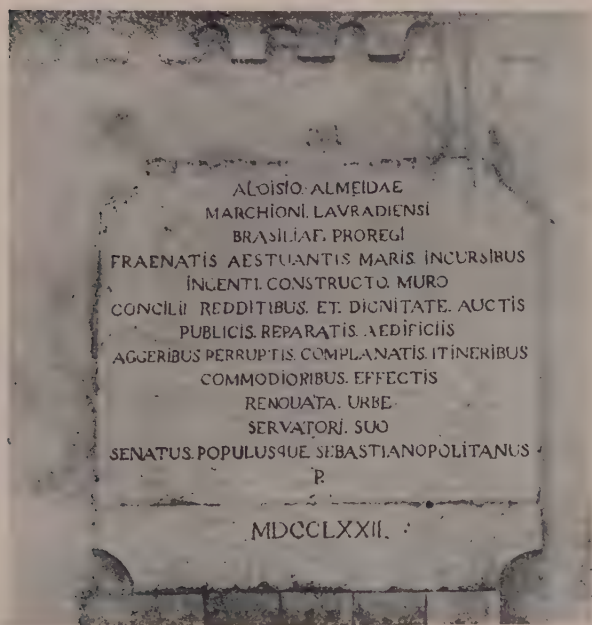
Suum cuique."

GLORIA

24



Em marmore, no chafariz da Glória.



P. = posuit

“Como a de seu successor D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, a quem se referem as inscripções postas no chafariz da praça Quinze de Novembro, foi tambem fecunda em obras publicas a administração do vice-rei D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão d'Eça Mello Silva Mascarenhas, marquez de Lavradio e conde de Avintes.

E' dedicada a esse vice-rei a inscripção do chafariz que ainda existe na Glória, cuja estampa os que não quizerem ver a pedra do original acharão á pag. 199 da bella *Historia da cidade do Rio de Janeiro* por Max Fleiuss.

Esse chafariz hoje estancado, como quasi todos os velhos chafarizes da cidade, está voltado para o mar, que os aterros do morro do Castello distanciam.

Como acompanha o alinhamento da rua, não ha necessidade, parece-me, de o demolirem.

A Luiz de Almeida, marquez do Lavradio, vice-rei do Brasil, refreados do estuante mar os arremessos com a construção de um ingente caes, augmentadas as rendas e a dignidade do Conselho, reparados os edificios publicos, feitos mais commodos os caminhos, nivelados com o córte das elevações, renovada a cidade, ao seu conservador o Senado e povo do Rio de Janeiro ergueram em 1772.

Procurei conservar no portuguez da traducção algum sabor da latinidade colonial, seguindo quanto possivel com equivalencias legitimas a propria ordem do texto.

“Refreados do estuante mar os arremessos” está perfeitamente no gosto das traducções de Odorico Mendes, sem o inconveniente da obscuridade que uma transposição insolita e uma terminologia artificial produzem nos decasyllabos do erudito maranhense.

O latinismo das transposições e dos termos é perfeitamente licito, quando se tem logo a intelligencia da linguagem poetica.

Em “do estuante mar os arremessos” quem não vê logo a violencia das resacas?

Si os termos latinos aportuguezados, como *aestuans* em estuante, revolto, nem sempre são da lingua usual, encontram-se os que emprego nos dictionarios portuguezes.

A terminologia poetica não pertence á lingua morta, mas ás reservas da lingua viva. Guarda-se para os documentos em que fica bem, como se guardam as vestes solennes para os dias de gala.

A lingua não se petrifica no uso de uma época ou de um escriptor, por maior que seja a influência dos monumentos escriptos, que tenham legado. Mas, si é dotada de uma fluidez que a faz dobrar-se ás circumstancias do presente, reassume por isso mesmo as formas adequadas ao pensamento de outros tempos.

E o portuguez, docil á expressão latina, que imita com oportunidade, permite neologismos de sentido logo intelligivel, cuja sorte não importa, porque podem destinar-se ao emprego de uma vez sómente, na phrase em que forem postos.

A lingua funciona regularmente quando os produz obedecendo a uma analogia que dá sua intelligencia immediata. E isso basta para justifica-los.

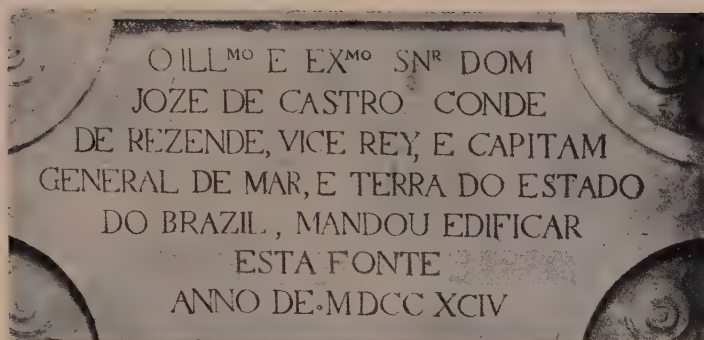
Elabora-se a linguagem por uma collaboração analogá á que produz o Direito, posta por *Savigny* na consciencia do povo. Em ambos uma intervenção racional póde beneficiar o producto; mas a sorte das palavras e das instituições juridicas não depende só dos philologos e dos jurisconsultos.

Tomam rumos inesperados, como cegos indoeis á direcção dos guias.

O P da penultima linha da inscripção é a sigla de *posuit* ou de *posuesunt*, conforme se tome, ou não, *SENATUS POPULUSQUE* como uma expressão composta.

Senatus populusque sebastianopolitanus posuit está auctorizado por Cicero: *Senatus populusque romanus intelligit*.

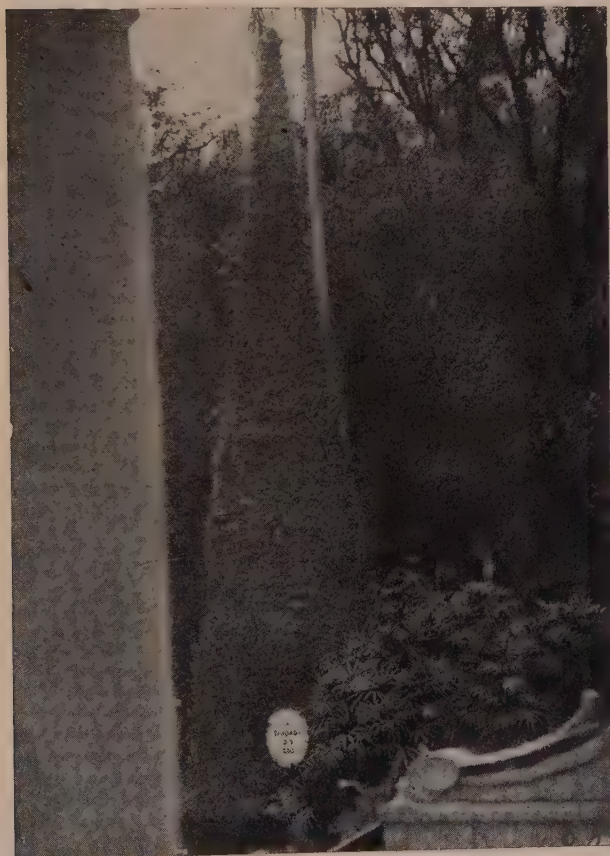
Em todo o caso P póde abreviar *posuerunt*, como se vê nos indices epigraphicos."

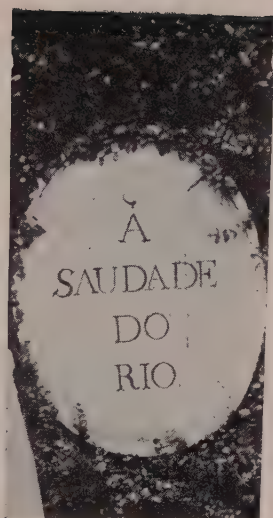
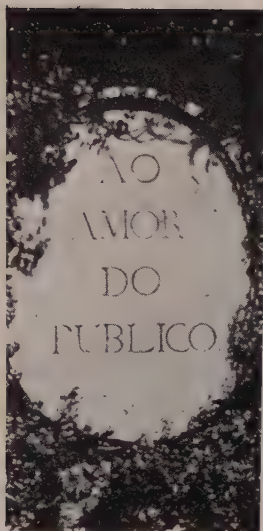


PASSEIO PUBLICO

26 e 27

Nas pyramides do Passeio Publico.





**MARIAE ET PETRO II
BRASILIAE REGIBUS**

No medalhão que se vê no centro do tympano metalico do antigo portão do Passeio Publico, outróra voltado para a rua das Marrecas, hoje no interior do jardim. Max Fleiuss, *Historia da cidade do Rio de Janeiro*, pag. 216.



RUA EVARISTO DA VEIGA

(Barbonos)

30

MARIA. PRIMA.

ET. PETRO. TERTIO. REGNANTIBUS.

PESTIFERO. QUONDAM. EXSICCATO. LACU.

ET. IN. AMBULATIONIS. FORMAM. REDACTO.

INGENTIS. MURO. MARINIS. PROPULSATIS. AQUIS.

FONTANIS. INDUCTIS. VOMENTI. AERE.

PARIETIBUS. RUPTIS. IN. VIAM. CONVERSO. HORTO.

DOMIBUS. MIRABILI. SYMMETRIA. CONSTRUCTIS.

ALOYSIO. VASCONCELLO. DE. SOUSA. PRORECI.

CUIUS. AUSPICIS. HAEC. SUNT. PERPETRATA.

FLUVII. JANUARI. POPULUS. GRATI. ANIMI. ERGO.

PRIDIE. KALENDAS. AUGUSTI.

AN. MDCCLXXXV.

Inscripção do chafariz das Marrecas, que existia na rua dos Barbonos, hoje Evaristo da Veiga, onde termina a rua das Marrecas.

Reinando Maria I e Pedro III, secco um lago outrora pestifero e transformado em logar de passeio, contidas com um ingente cáes as aguas marinhas, conduzidas as de fonte pelo jorrante bronze, mudado um horto em rua com a demolição dos muros, construidas as habitações com admiravel symmetria, a Luiz Vasconcellos de Sousa, vice-rei em cujo govêrno taes obras foram concluidas, o povo do Rio de Janeiro com animo grato, no dia 31 de Julho do anno de 1785.

“Esta versão infelizmente sahiu no magnifico livro de Max Fleiuss com um erro de revisão em poncto importantissimo. Dá-se ahi como traducção minha: “com a demolição dos muros transformados num horto e passagem”.

Não foi assim que eu traduzi *PARIETIBUS RUPTIS IN VIAM CONVERSO HORTO*.

Os muros eram do horto e fôram demolidos para se abrir a rua.

Dahi se concluem duas cousas: o jardim occupava area maior do que tem actualmente, e Vasconcellos, si o franqueou ao publico em 1783, não foi, entretanto, o seu fundador.

Encontrou-o, reduziu-o, alterou-lhe o traçado, recorrendo á competencia do mestre Valentim da Fonseca e Silva.

Si fosse o criador do horto, a inscripção não deixaria de attribuir-lho. Mas, pelo contrario, elle rompeu os muros de um jardim já existente, que nessa parte foi mudado em rua. *In viam converso*.

E' a rua do Passeio.

Ao jardim remodelado e franqueado ao público deu-se um portão monumental, hoje aposentado no interior do Passeio Público. E' o que se vê estampado á pag. 216 da obra de Max Fleiuss.

No seu frontespicio metallico, outrora defronte do chafariz das Marrecas, ha um medalhão elliptico, dourado, a prumo no sentido do eixo maior, que tem no centro os perfis de Maria I e Pedro III, voltados para a direita e na orla a dedicatória *Mariae et Petro III Brasiliae regibus*.

O portão já existia em 1786, anno em que morreu Pedro III. Provavelmente foi inaugurado por Vasconcellos em 1783, quando transformou o horto em Passeio Público.

Vasconcellos deve ter cortado os muros do horto em tres ponctos: em dous, para abrir a rua do Passeio, em

um defronte do chafariz, para dar passagem á rua das Marrecas.

Deve ter construido o muro onde poz o portão monumental. Esse muro e os primitivos fôram substituidos em 1837 por um gradil de ferro. *Op. cit.*, pag. 217.

Não me lembro sinão de modo muito vago do chafariz das Marrecas.

Entretanto, passei pela rua dos Barbonos quando fui fazer o meu exame de latim na escola de São José.

Nesse tempo eu tinha uma grande aversão á lingua de Cicero e ás inscrições latinas. O que não impediu que fosse approvado plenamente por latinistas como Pimentel, Fortunato e Benicio de Abreu. Cahiram-me uns trechos faceis.

Mas estava-me esperando o *Corpus juris civilis*, com o latim archaico das XII tabôas, com o classico, ou quasi, dos juriconsultos cujas reliquias se accumulam nas Pandectas, e com o barbaro das Novellas, na traducção hellenistica das constituições bysantinas.

Foi o Direito romano que me poz em contacto com a philologia classica e com a Epigraphia grega e latina.

Sinto, porém, nesse nôvo mundo espirital saudades das selvas catharinenses, em que meu pae, o dr. Joaquim Vieira Ferreira, fundou Azambuja, Crissiuma, Urussanga, as mesmas saudades que eu sentia quando passava pelo chafariz das Marrecas, para fazer os meus primeiros exames, indifferente ás inscrições latinas, embora carregando os volumes de Cesar e de Horacio, ou talvez por isso mesmo.

As aguas vertidas pelos chafarizes não valiam de certo as cachoeiras do Tubarão e do Pedras Grandes de Sancta Catharina; mas lembravam as fontainhas modestas que murmuram discretamente pela maciez dos musgos auri-verdes, com a humidade dos sorrisos femininos scintillante no pecego de uns labios adamascados.

Eu não previa que esses chafarizes haviam de tornar-se mais interessantes para mim quando já estancados.

Tenho hoje saudades de sua aguinha e do sussurro da corrente nas cavernas do Aqueducto, que descia pela rua desse nome. Della desappareceram, como de Troia, até as ruinas. *Etiam periére ruinae.*

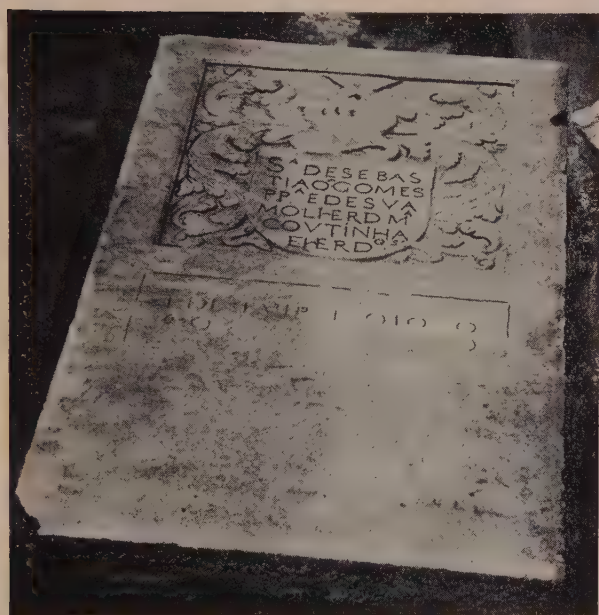
Porque se nega aos velhos chafarizes um pouco da agua prodigalizada aos novos?

Deem-lhes ao menos um fiozinho que os humedeça na sua aridez sinaitica."

MORRO DE SANCTO ANTONIO

31

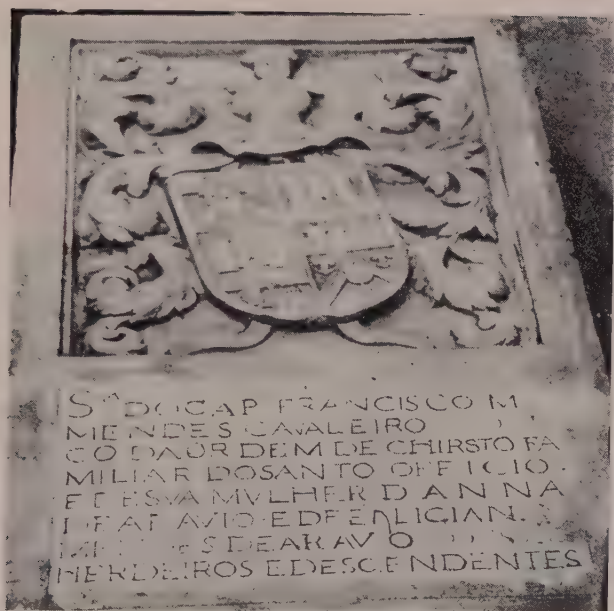
(Convento)



*Sepultura perpetua de Sebastião Gomes e de sua mulher
d. Maria Coutinha e herdeiros.*



*Sepultura de Diogo de Sá da Rocha e de sua mulher Breati...
herdeiros. Vide a n. 96*



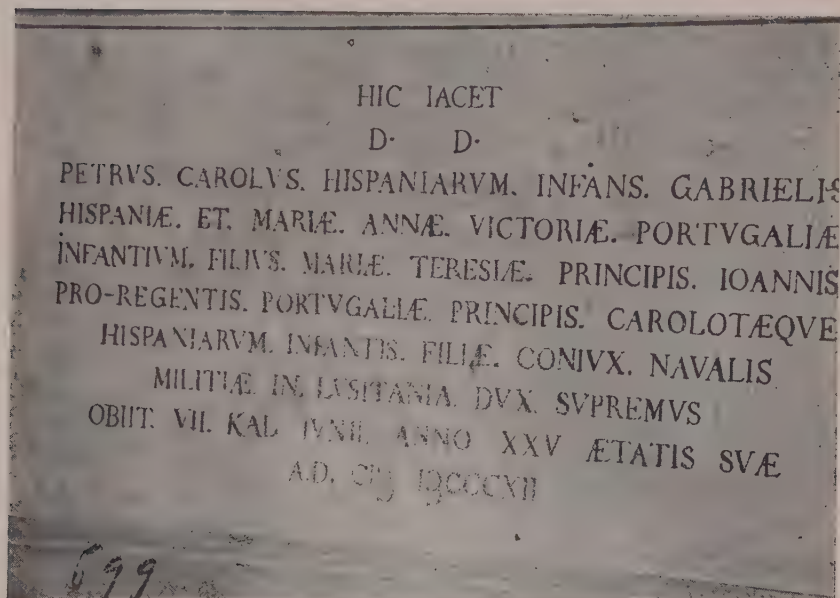
*Sepultura do capitão Francisco M. Mendes, cavalleiro da
 ordem de Christo, familiar do Sancto Officio, e de sua
 mulher d. Anna Mendes de Araujo e de seus herdeiros e
 descendentes*

O M. R. P. M. JUBILADO
E INSIGNE ORADOR
FRANCISCO DO MOATE ALVERNE
F.^o A 2 DE DZBR.^o DE 1858.

O. M. R. P. M. — *O muito reverendo padre mestre*

(Capella de N. S. da Conceição)

37



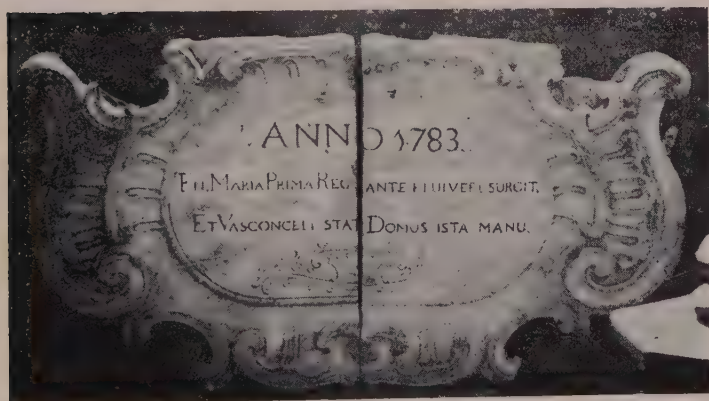
D. D. = debito defunctus ?

A. D. = Anno Domini.

Aqui jaz (tendo pago a sua divida ?) Pedro Carlos, infante de Espanha, filho dos infantes Gabriel de Espanha e Maria Anna Victoria de Portugal, marido da princesa Maria Teresa, filha de João, principe (vice) regente de Portugal, e de Carlota infanta de Espanha, chefe supremo da armada na Lusitania. Falleceu aos 26 de Maio do anno do Senhor 1812, 25 da sua idade



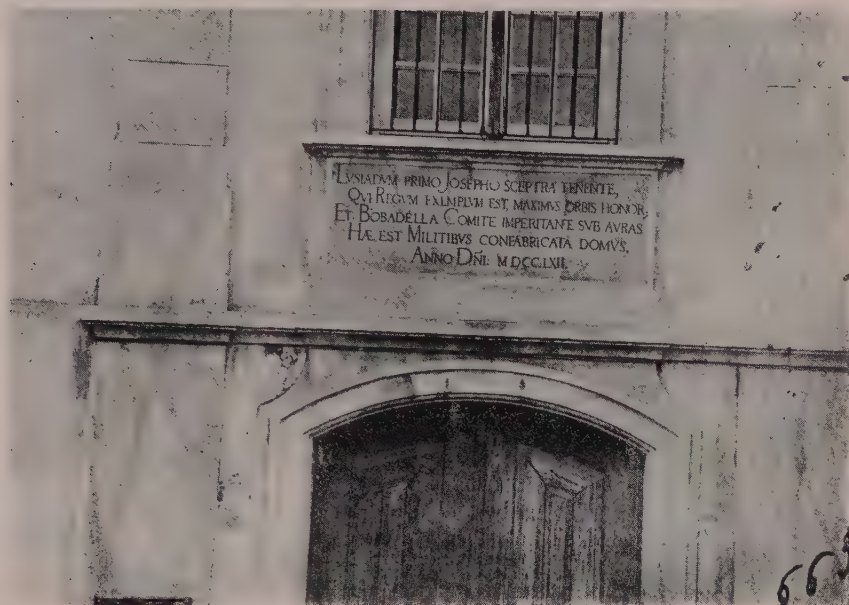
ESCHOLA DE BELLAS ARTES



Anno 1723. Eis que, reinando Maria I, surge do pó e se firma esta casa pela mão de Vasconcellos

MUSEU HISTORICO

40

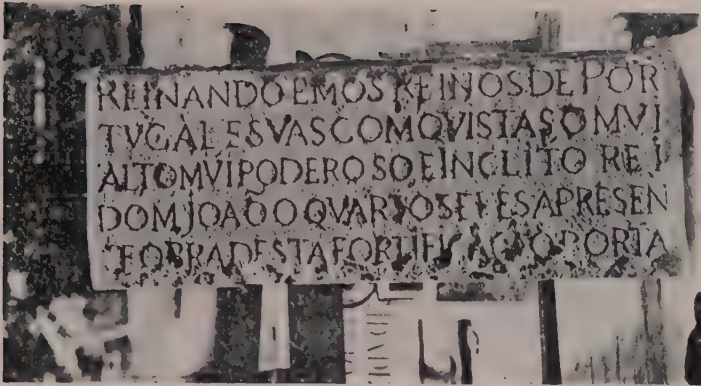


Tendo o sceptro dos Insiadas José I, que é o modelo dos reis, honra maxima do orbe, e administrando sob as auras o conde de Bobadella, foi construida esta casa para os soldados no anno do Senhor 1762. Qual o sentido deste sub auras: com o favor real?

Em uma peça de artilharia.

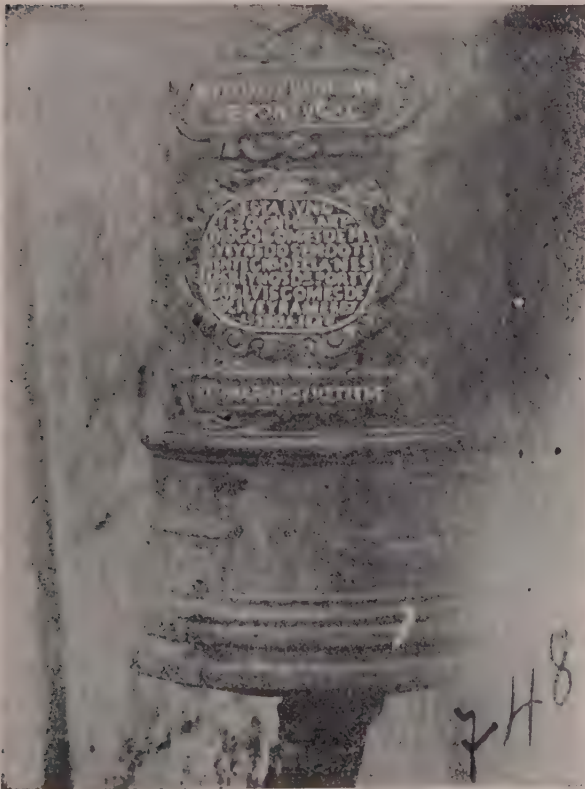
41

ADEUS PESO
SEU FAVOR NAS
BATALHAS QUE
TIVER PERA SAIR
VENCEDOOR
ANNO 1631
M. CL. A ES
V. AM. DAM.



D. João IV reinou de 1640 a 1656

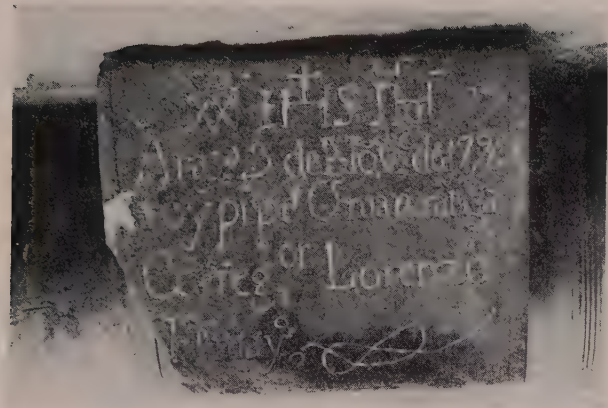
Em uma peça de bronze.



Fund = fundir. *Cia* = cavallaria. *Ultima ratio justie* =
O ultimo argumento do diretto

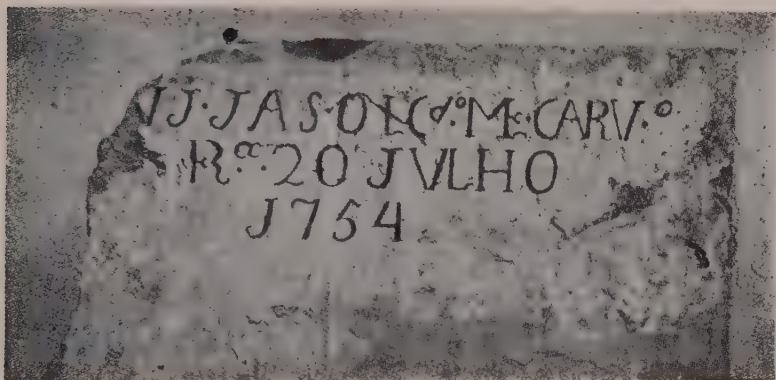
Inscrição em Tupy.

44

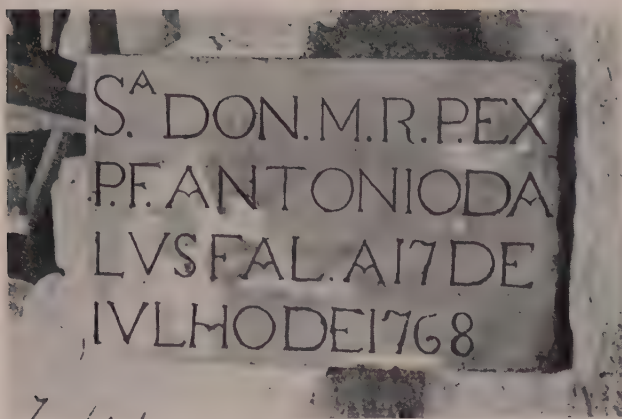


*Dia 23 de Novembro de 1726. Nelle morre o corregedor
Lourenço... E' a traducção que se consegue,
recorrendo ao padre Montoya*

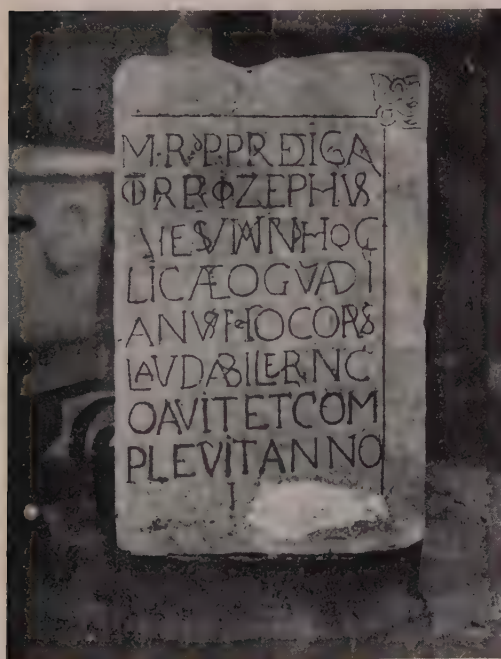
45



Aqui (?) jas o licenciado...



Sepultura do nosso muito reverendo padre ex



*M. R. P. praedica
tor fr. Jozephus
a Jesu Maria in hoc
licaeo guardi
anno hoc opus
laudabile reinc
oavit et com
plevit anno 177...*

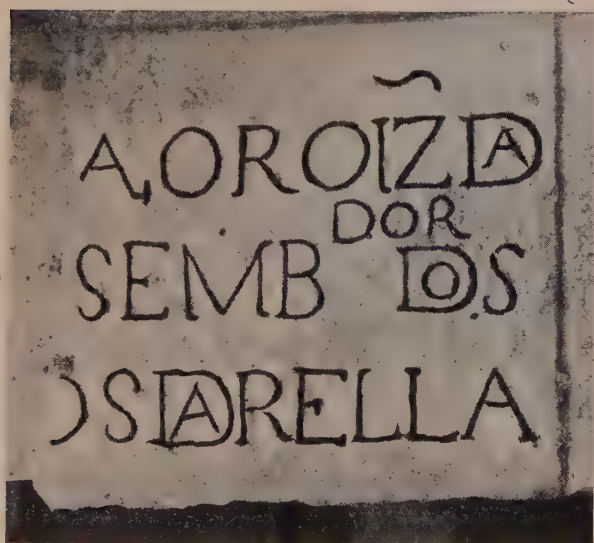
O mui reverendo padre pregador frei José de Jesus Maria, neste lyceo guardião, recomeçou e acabou esta louvavel obra no anno de 177...

Parece pelas informações dos competentes tractar-se do franciscano José de Jesus Maria dos Reis, eleito provincial do Rio de Janeiro em 1771, e de uma obra construida nos terrenos do convento de Sancto Antonio.

Lícao por lyceo !

A inscripção está em duas cópias, uma negativa e outra positiva.



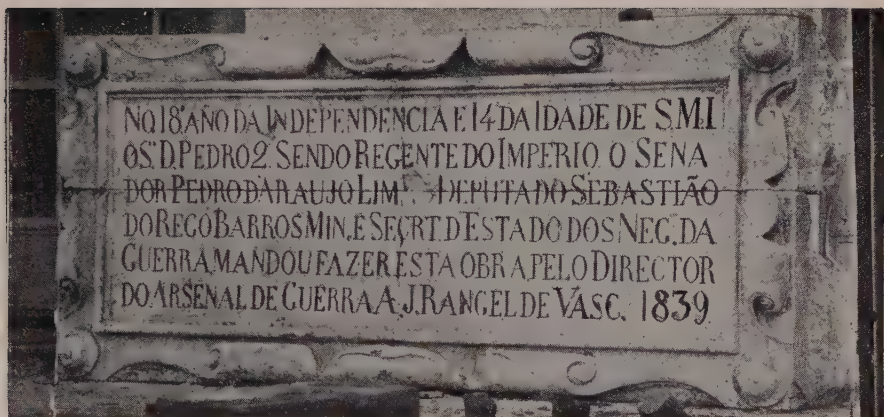


... ao Rodrigues da... desembargador dos agravos da
Relação



*Relógio do sol. Tem numa cruz J. N. R. J.
= Jesus Nazareno rei dos Judeus*

ESTA SA. HE DO LDO MA
NOEL DA NOBREGA
PROCTHO NOTARIO
APOTSTOLICO SV...
LOR E COMISSA...
Da Rda C.....
POR COMM... SÃO DE SVA
SANTIDADE E TODA A RE
PARTICÃO DA BANDA DO
SVL 3º VICRO DSTA SIDAD...
DO RIO DE IANRO



Petro II Brasiliae constitutionali Imperatore perpetuo defensor e hoc perfectum munimentum Patriae Independentiae quadragesimo quarto MDCCCLXVI

Esta fortificação foi acabada, sendo Pedro II imperador e defensor perpétuo do Brasil em 1866, quadragesimo quarto anno da patria independencia.

10 de Novembro de 1884. Visita de S. A. I. a Senhora D. Izabel, S. A. R. o Senhor Conde d'Eu, S. A. I. o principe do Grão Pará, S. A. o principe d. Luiz. Ypanema.

9 de Novembro de 1886. Visita de SS. MM. II. do Exmo. M. A. C. O. P. Conselheiro Antonio Prado e do Presidente Barão de Parnahyba. Ypanema.



PRAÇA 15 DE NOVEMBRO

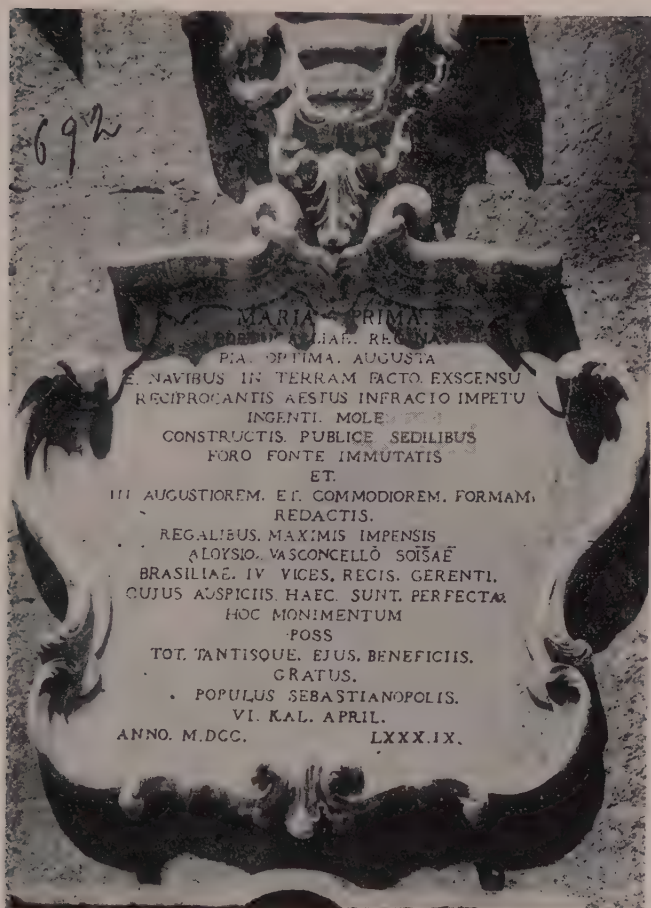
(Largo do Paço)

55



Vide a de n. 16

Em marmore, no chafariz para o lado do mar.



Poss tem um s demais.

Pos. = possit.

*Sendo rainha de Portugal Maria I, pia, optima, augusta, feita uma obra para o desembarque dos navios em terra, quebrado com um ingente cões o impeto do reciprocante êsto, construidos bancos para o publico, transformada a praça e o chafariz, dando-se-lhes uma disposição mais ampla e mais commoda, com os maiores gastos do erario régio, a Luis Vasconcellos de Sousa, IV, vice-rei do Brasil, em cujo govêrno estas obras fôram concluidas ergueu este monumento o povo de Sebas-
 tianopolis, grato aos seus tantos e tão consideraveis beneficios,
 a 27 de Março do anno 1789*

"Ainda se vê na praça Quinze de Novembro, antigo largo do Paço, um bello chafariz de granito dos tempos coloniaes.

Acha-se como que desterrado nas transformações architectonicas da cidade, mingando em proporções perto dos sobrados americanos, que se levantam como as babeis de uma nova Babylonia. Entra na confusão das linguas com o seu latim epigraphico, semelhante ao de um velho funcionario que relembresse, aposentado, os factos de seu tempo.

Ha muitos annos deixou de prestar os serviços que se confiaram aos chafarizes. Actualmente a sua importancia é toda archeologica.

Já não fornece agua potavel á marinhagem.

Na sua seccura assiste ás brilhantes orgias aquaticas do seu vizinho moderno, em plena actividade.

E' uma sobrevivencia que vai morrendo cada vez mais, como todas as sobrevivencias, até que o fira a picareta com o golpe de misericordia, si a piedade archeologica o não desmontar para ser posto alhures.

Elle merece, com effeito, um tractamento piedoso, não só por seus fôros de antiguidade, como pelos bons serviços que prestou em outros tempos, dessedentando com a sua lymphá, nas aguadas, os navios surtos na bahia do Rio de Janeiro.

Nessa época não estava longe do mar, como hoje, mas sobre a praia, em uma reintrancia do cáes, tal qual se vê no *Album da cidade do Rio de Janeiro*, commemorativo do primeiro centenario da Independencia do Brasil, editado pela Prefeitura do Districto Federal.

E' tetragono como as torres da Chaldéa, com uma porta na face que fica para o lado do mar, por onde entrei uma vez e subi até o terraço. Neste se ergue outra edicula, egualmente tetragona.

Sôbre a porta, em tabôa de marmore artisticamente emoldurada em forma de escudo, lê-se:

MARIA PRIMA...

Em uma primeira traducção foi-me impossivel atinar com o sentido de *constructis publice sedilibus*, porque me parecia indigno de perpetuar-se em uma inscripção como a do monumento, entre os serviços de Vasconcellos, a con-

strucção de bancos para o público. Suppoz que se tractava de estações do serviço público.

E' a traducção que Max Fleiuss publicou em sua história da cidade do Rio de Janeiro.

Mais depois que soube qual era a posição do chafariz, que estava juncto ao mar e servia para as aguadas dos marinheiros, não me pareceu mais despropositada a referencia aos bancos feitos no proprio cáes.

E' uma particularidade na descripção de obras que se completavam, para a commodidade do pessoal maritimo, principalmente, que frequentava aquelle trecho da cidade.

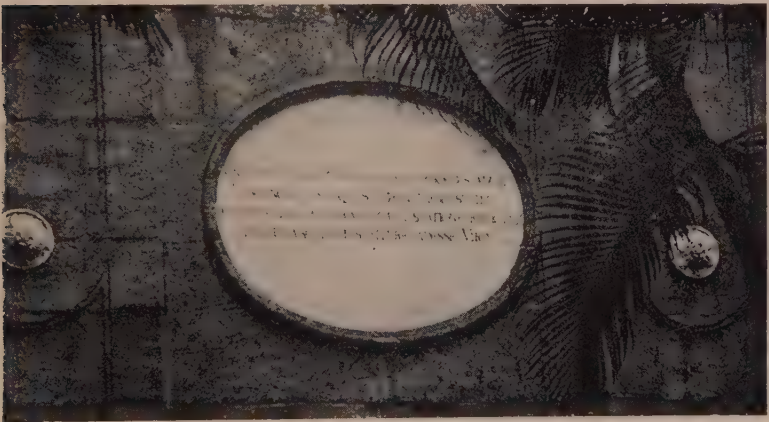
Na estampa a que me referi, do *Album da cidade*, veem-se os bancos cavados no parapeito do cáes, com alguns populares assentados.

Entretanto, não só a mim, como a todos os competentes a quem tive occasião de mostrar a epigraphe, repugnava vêr no *constructis publice sedilibus* uma referencia á construcção de assentos.

A inscripção contém um POSS cujo segundo s é demais, porque a abreviação de *posuit* é POS ou P, como na inscripção do chafariz da Glória, dedicada ao Marquez do Lavradio.



Na face oposta na outra inscrição em uma ellipse de marmore:



*Emquanto Phebo com o ignifero carro os povos queima, Vasconcellos
com as aguas expelle da cidade a sede. Retrocede, Phebo, depressa,
e, deixando a estação do céu, esforça-te antes por ajudar o homem
illustre*

Esta inscripção é em versos latinos. As suas quatro linhas formam dois distichos elegiacos, em que se observaram de modo perfeito as regras da metrica.

O disticho se compõe de um hexametro e de um pentametro.

Na epigraphie nenhum dos hexametros é espondeico: em ambos o quinto pé é dactylico.

Em compensação nos pentametros as primeiras tripodias começam por espondeus.

Deve-se, portanto, a segunda inscripção do chafariz a um valente latinista, algum frade perito em escandir os versos de Horacio ou de Ovidio.

As duas inscripções não são da mesma lavra. Na primeira, como nas dos tempos romanos, as palavras são separadas por pontos. Na segunda a ponctuação é moderna: ha virgulas, pontos e dois pontos, com função grammatical.

A primeira inscripção tem a data de 27 de Março (*sexto kalendas Apriles*) de 1789. Como se sabe d. Luis de Vasconcellos foi vice-rei do Brasil de 5 de Abril de 1779 a 8 de Junho de 1790. A data da inscripção cáe nos últimos dias do penúltimo anno de seu govêrno.

Na segunda epigraphie o EJICIT fora escripto com G e o erro só foi percebido e emendado quando já estava no marmore.

Foi melhor. Ensina-nos a inscripção, com a ethica de Papiniano, que o êrro, a bem do certo, deve corrigir-se a todo o tempo. Antes perpetuar-se a correcção que o desfaz do que a ignorancia inoccultavel.

E quem commetteu o êrro orthographico de que se tracta? Um metrificador insigne, que media com precisão mathematica a quantidade das syllabas nos versos que fabricava em louvor de Vasconcellos!

Não foi o insculptor que cópiou o original no marmore."

IGREJA DO CARMO

58



Por cima da porta de entrada da egreja da V. O. T.de S. F.
da Penitencia.



Esta obra foi levantada em dous de Fevereiro do anno de 1733

RUA 7 DE SETEMBRO

(Igreja do Carmo)

59



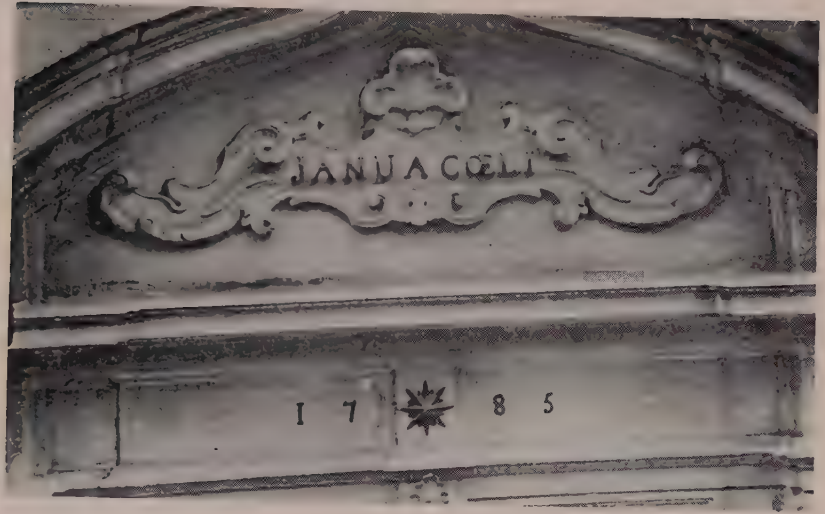


... eu
 vio ...ja
 maris
 A D
 MDXLVII
 Deveria ser: *In Fluvio Januarii*

RUA DO ROSARIO

60

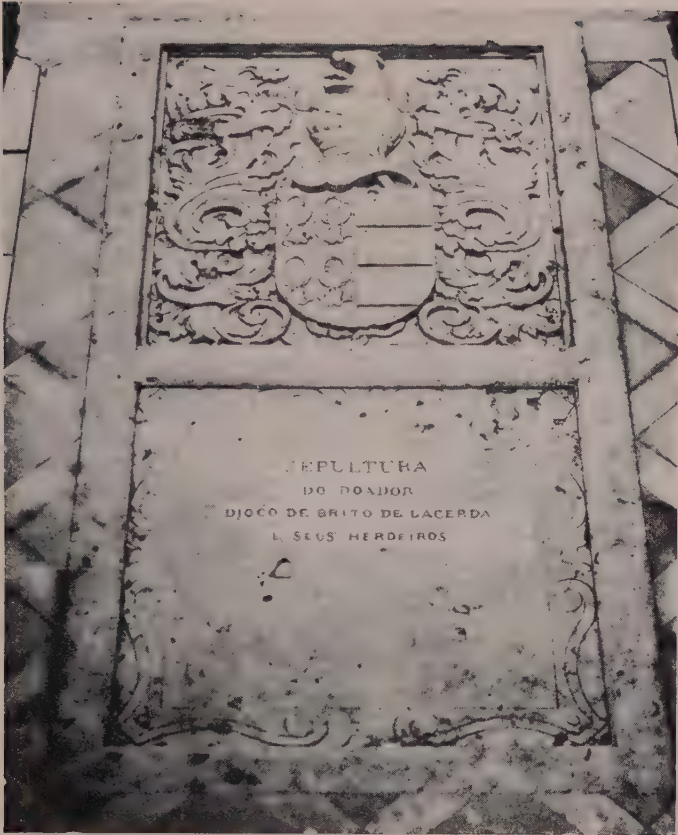
Na fachada da igreja Conceição da Bôa Morte.



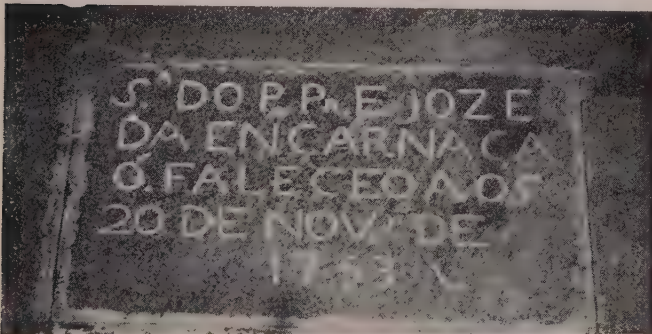
MOSTEIRO DE SÃO BENTO

61



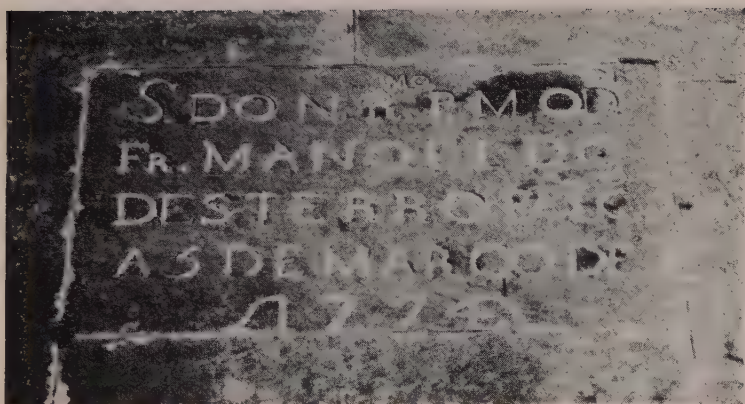


Em marmore, como a anterior. Sobre Diogo de Brito veja-se Max Fleiuss, *História da cidade do Rio de Janeiro*, pag. 63

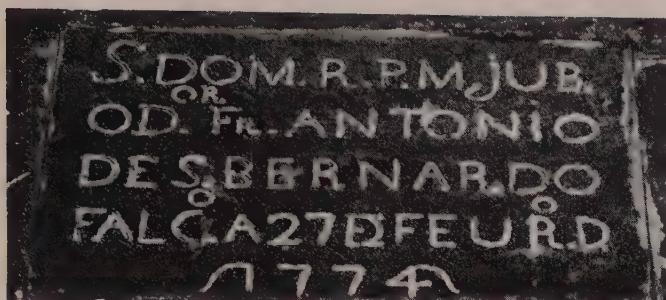




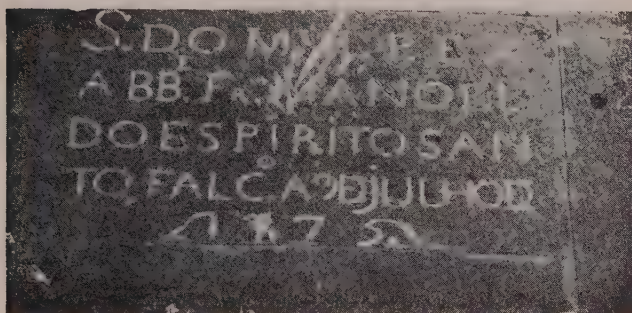
Aqui jaz o varão de clara memoria d. Antonio do Desterro. glória immortal da ordem de São Bento, que dotado de boa alma cultivou immensamente a virtude, não despresou as lettras; elevado ao cargo pastoral da diocese de Angola e Rio de Janeiro, prestou a maior attenção a si mesmo e a toda a grey, ensinando e praticando ao mesmo tempo; em tudo offereceu-se como exemplo, generoso para com os pobres, parcissimo para comsigo mesmo, benigno, officioso para com todos, estimado. Falleceu no dia 5 de Dezembro do anno 1773, com 80 de idade



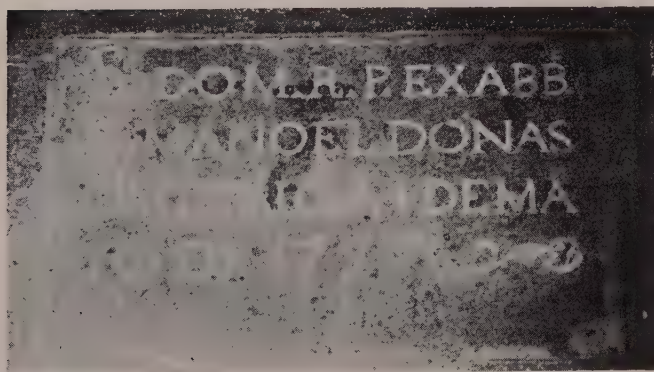
Sepultura do nosso reverendissimo padre mestre o doutor...



Sepultura do muito reverendo padre mestre jubilado o doutor

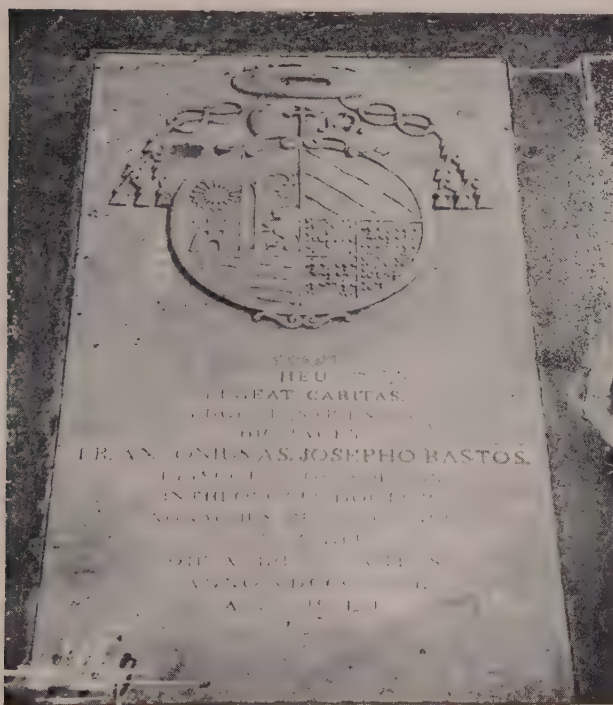


Sepultura do muito reverendo padre ex abbade...





Sepultura do muito reverendo padre definidor frei...



Ah ! Chore a caridade, chore a sabedoria ! Aqui jaz frei Antonio de S. José Bastos, bispo de Olinda, doutor em theologia, monge beneditino, que falleceu no dia 18 de Julho do anno 1819, com 52 de idade

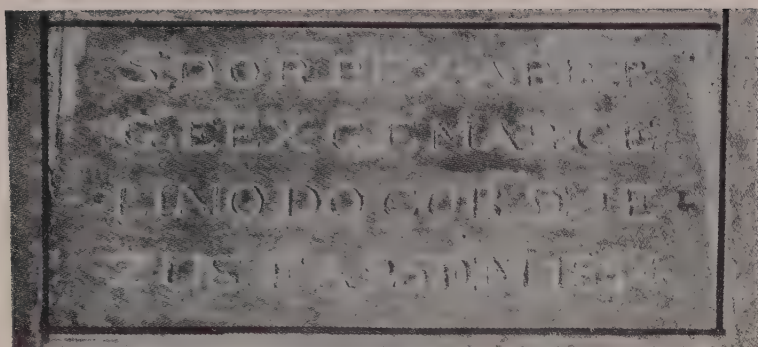
S DOR^{MO} PE M^E
 JUBIL^{DO} EXABBE
 PRIMPR^{MO} MEMBRO
 DA ACADEMIA DAS
 SCIENCIAS E DIREC
 TOR DAS ESCOLAS
 PRIMR^{AS} DA PROV^{IN}ÇA DO
 R^O DE JANR^O F^{MO} JOZE
 POLYCARPO DE S^{TA}
 GERTRUDES FALE
 O EM 12 DE JANR^O
 de 1841



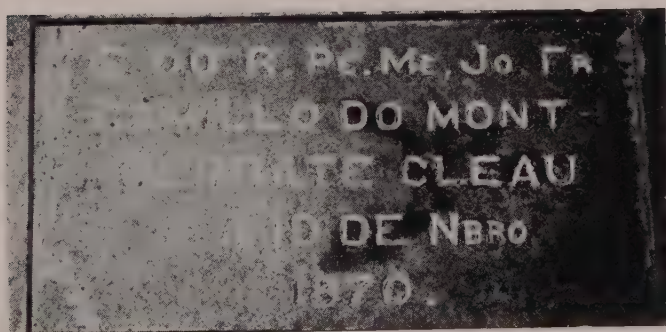
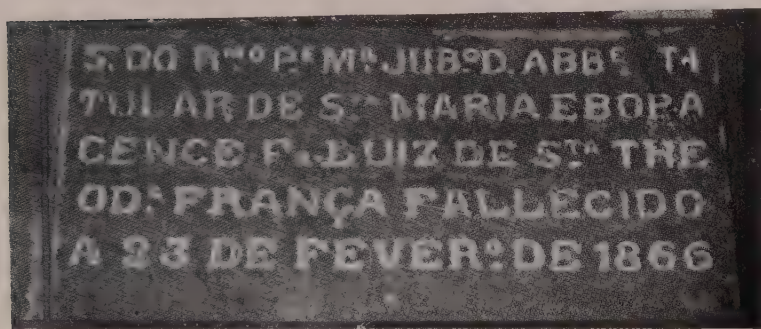
Ao Deus optimo maximo. Por decisão da casa, a Scipião Fabbrini, da casa Bia (?), o qual tanto pela invencível fortaleza de animo como por seus escriptos, sustentou, defendeu a auctoridade da Sé apostolica. Internuncio de Gregorio XVI junto a Pedro II do Brasil, morreu, para viver eternamente em paz no dia 7 de Janeiro do anno do Senhor, 1841. Os frades e amigos saudosos, favorecendo (essa demonstração) o abbade e o prior deste mosteiro, puzeram (esta lapide):

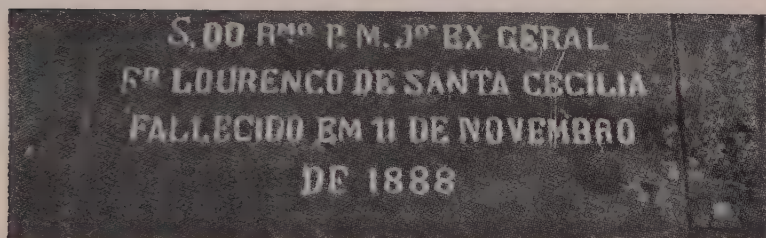
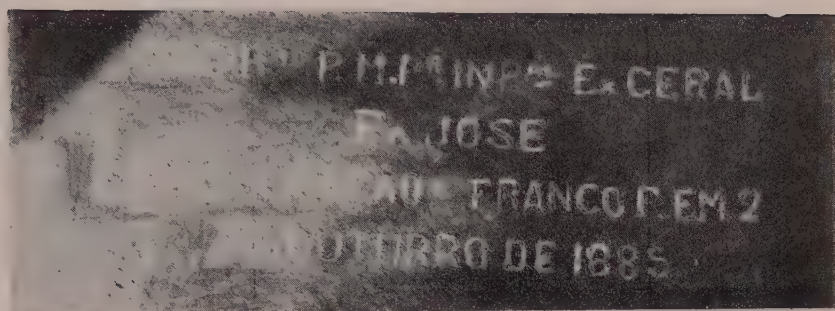
P. = posuerunt

EX. D. = ex decreto



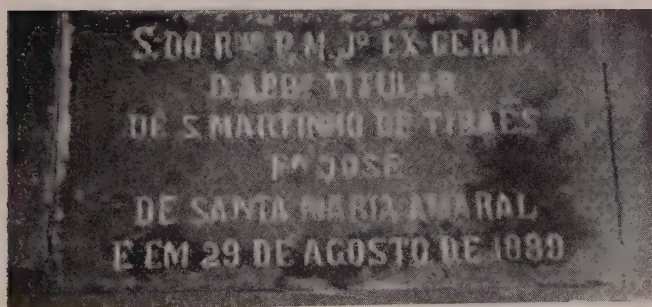
Sepultura do ex-abbade, prior geral e ex-geral frei...

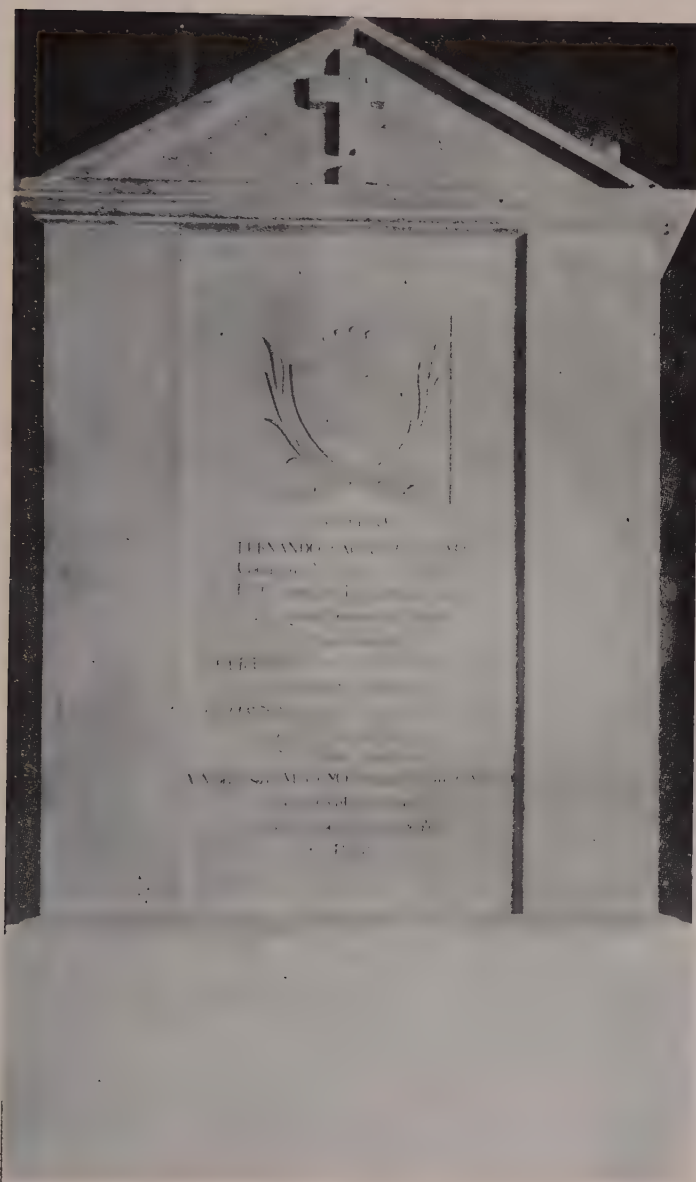




Sepultura do reverendissimo padre-mestre jubilado ex-geral frei...

O meu bom amigo frei Lourenço, quando estudei no collegio do Mosteiro em 1887.

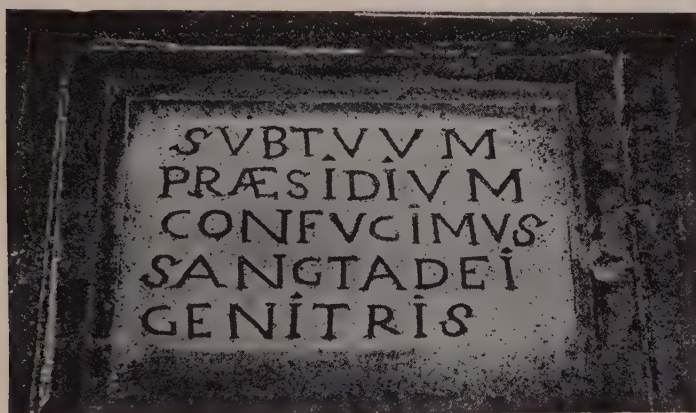




MORRO DA CONCEIÇÃO

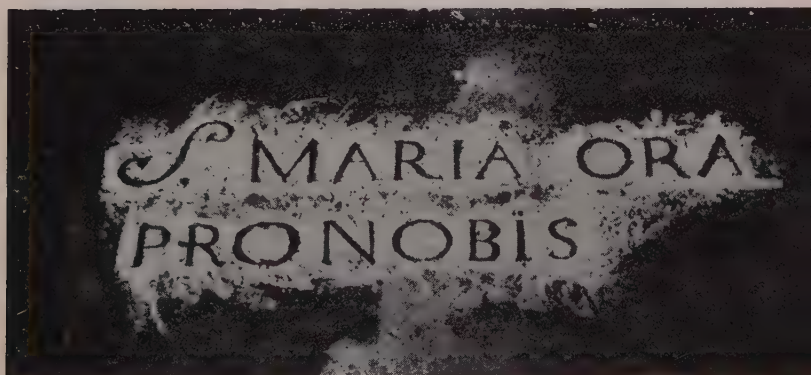
80

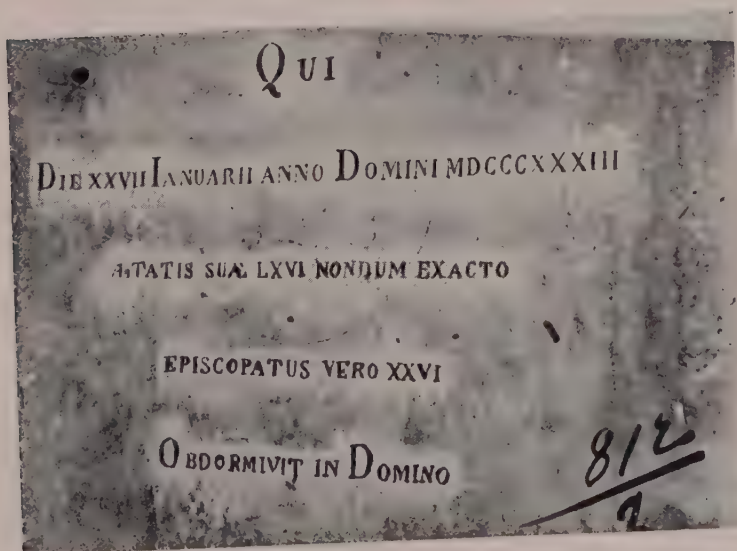
Em uma das mais antigas sepulturas existentes na capella do velho palacio episcopal.

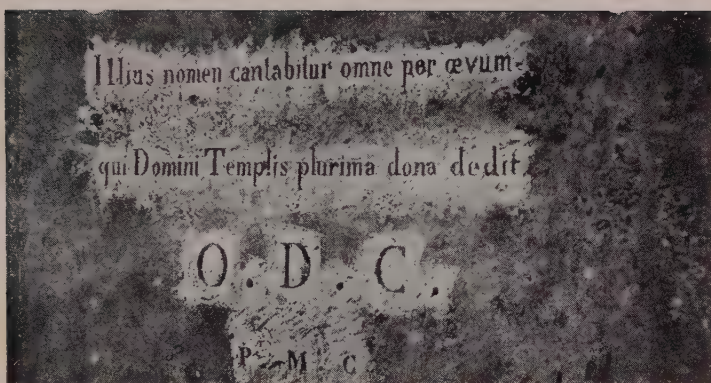


Sob tua guarda nos refugiamos, santa Mãe de Deus

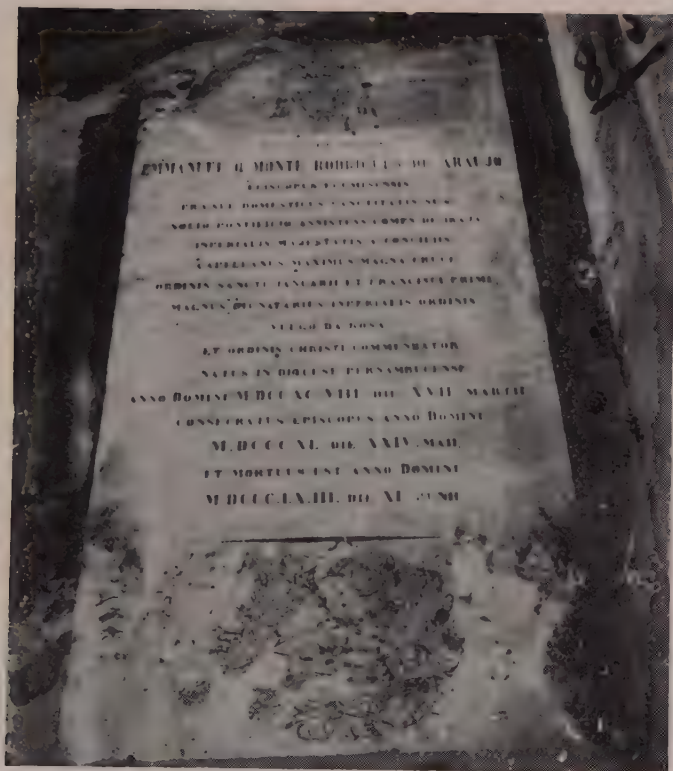
81







Aqui jaz D. D. Sr. D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo fluminense, que no dia 27 de Janeiro de 1833, 66° de sua idade, dormiu no Senhor. Seu nome será cantado por todo sempre, tendo dado innumeros bens aos templos do Senhor



Aquí jaz o sr. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, bispo fluminense, mordomo de sua santidade, assistente do solio pontifício, conde de Irajá, do conselho da Imperial Magestade, capellão mór, gran cruz da ordem de São Januario e de Francisco I, grande dignitário da imperial ordem chamada da Rosa e commendador da ordem de Christo, nascido na diocese de Pernambuco no anno do Senhor de 1798, no dia 17 de Março sagrado bispo no anno do Senhor de 1840, no dia 24 de Maio.

falleceu no anno do Senhor de 1863, no dia 11 de Junho

PREFEITURA

88

Na fachada do antigo Museu Nacional, que era no edificio onde está hoje o Archivo Publico Nacional. A inscripção já não se acha alli.

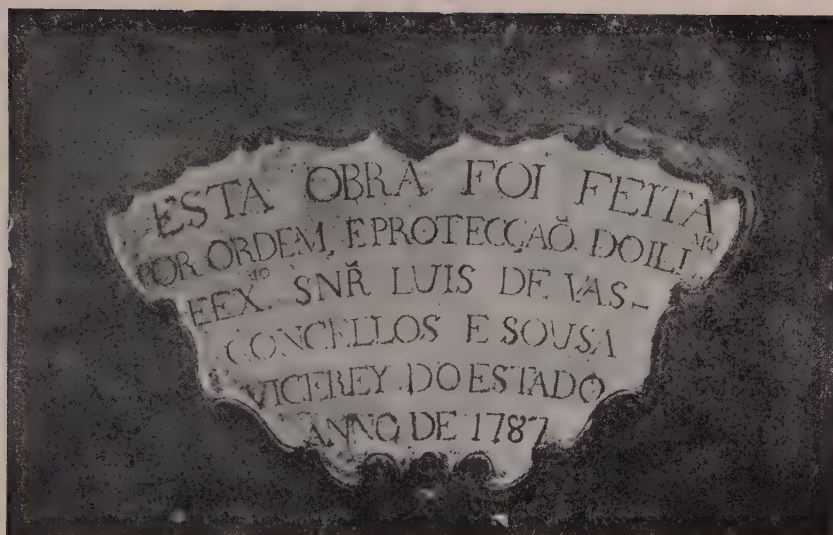


ARCHIVO PUBLICO NACIONAL

89

JOANNES VI
REX FIDELISSIMUS ARTIUM
AMANTISSIMUS A FUNDAMENTIS
EREXIT AN MDCCCXXI

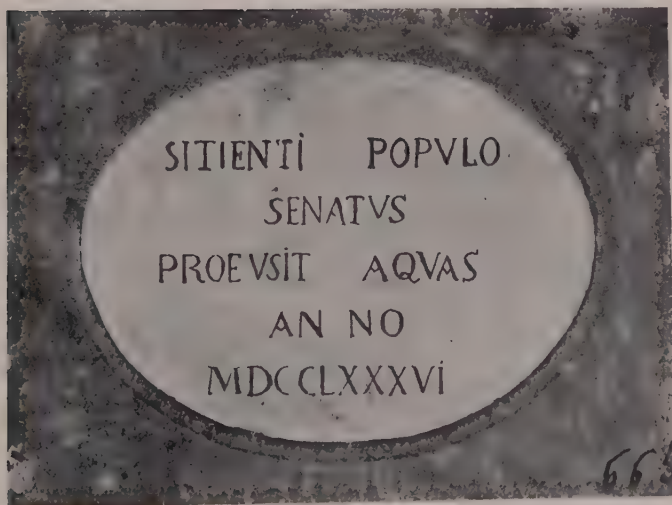
*João VI, rei fidelissimo, muito amante das artes, ergueu dos fundamentos no
anno de 1821*



Relativa ao Recolhimento de N. S. do Parto, em um predio da rua dos Ourives



No chafariz do Lagarto



SITIENTI POPVLO
SENATVS
PROEVSIT AQVAS
AN NO
MDCCLXXXVI

663

"Ainda existe na rua do Conde, hoje Frei Caneca, o chafariz do Lagarto, no sopé do morro de Paula Mattos, defronte do quartel da Policia Militar.

Deve o nome ao lagarto de bronze que golfa em um tanque agua pela bocca. Vê-se em estampa na *Historia da cidade do Rio de Janeiro* de Max Fleiuss, á pag. 200.

Em uma ellipse de marmore está a inscripção que trazduzo:

Ao povo sedento o Senado aguas derramou profusamente no anno de 1786.

Na terceira linha devia estar PROFUSIT em vez de PROEUSIT. O insculptor tomou por um E o F do original.

Por sua vez a inscripção tem sido transcripta infielmente, corrigindo-se o PROEUSIT em PROVISIT, que não está nella.

Profusit é o perfeito de *profundere*, derramar em abundancia, composto de *fundere*, deitar, verter, e do prefixo *pro*, que denota o avanço ou incremento.

Encostada á ladeira, em uma posição que parece não poder contrariar os novos arruamentos da cidade, é provavel que o chafariz do Lagarto seja conservado, pelo menos enquanto não fôr demolido o morro de Paula Mattos, para o alargamento de Catumbi.

Não são, porém, necessarias essas escavações pouco provaveis, para que o Lagarto assuma o valor de um saurio paleontologico.

Esse reptil metallico já tem alguma cousa de fossil. Si lhe desse um nome scientifico, seria um legitimo chalcosaurio.

Mas o verbo *fundere*, de cujo derivado *profundere* elle continúa a ser sujeito, depois do Senado da Camara, profuso em aguas, offerece um grande perigo, tomando-o como paciente, á perpetuidade do seu corpo de cobre; o mesmo que fez desaparecer os velhos canhões de bronze do fôrte de Cabedello com todo o seu valor historico e artistico: a fusibilidade.

Eu os vi, nas minhas viagens ao Acre, voltados para o alto mar, na attitude marcial de quem aguarda em silencio outros canhoneios tonitruantes, com o seu apparelhamento anachronico.

Um delles conservava no costado o sulco cylindrico de um balazio inimigo, cicatriz gloriosa em corpo que não se pode dizer inanimado, porque os canhões têm alma.

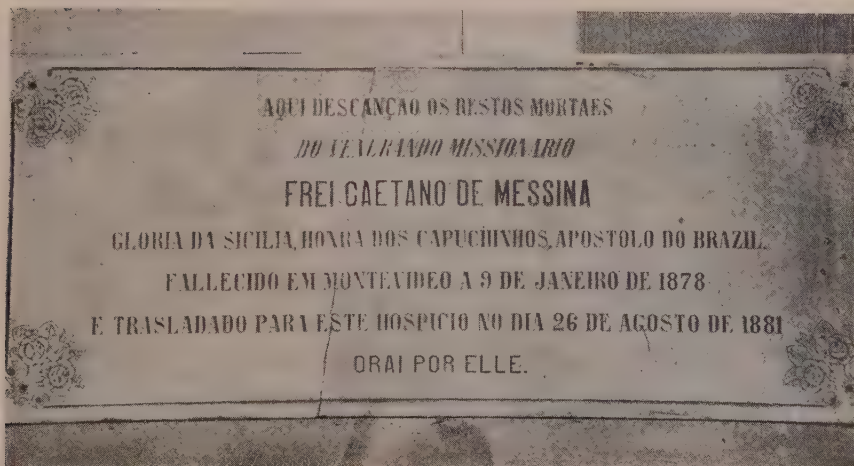
Foi o que faltou em quem os derreteu com espirito pratico.

Infelizmente o Lagarto é fusivel como os canhões da Parahiba, que mereciam bem um inquerito."





Vicente Mazzoni, arcebispo de Edessa, internuncio apostolico, legado extraordinario no Brasil, morreu, no pesar e caridade dos pios, no dia 3 de Junho do anno do Senhor de 1857 e aqui repousa

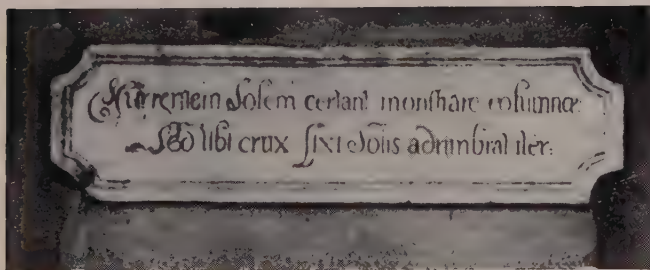




HOSPITAL DOS LAZAROS

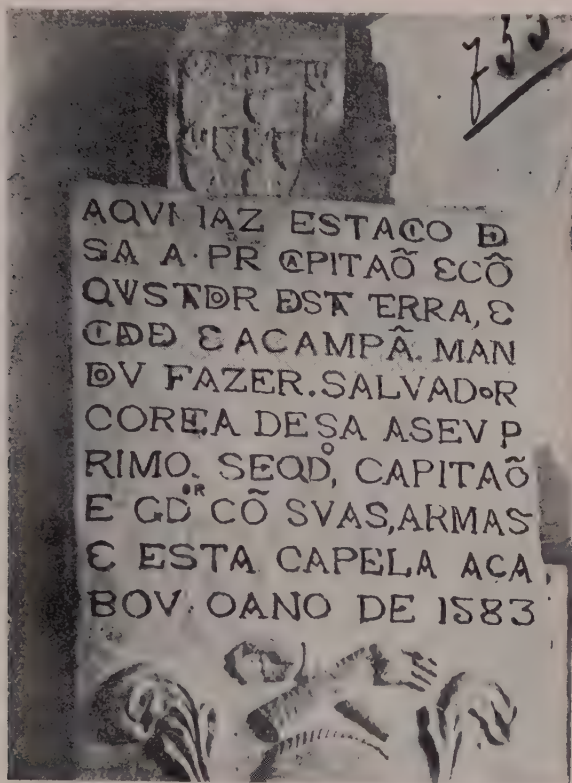
95

No terraço ha duas columnas, uma das quaes contém um relógio do sol e a inscripção.



*Currentem solem certant monstrare columnae, sed ubi
crux fixi solis adumbrat iter
Porfiam as columnas em mostrar o sol em movimento
mas onde a cruz ensombra o caminho do sol fixo
Ha no relógio a data 1752*

Esta lapide estava no morro do Castello e acha-se hoje no convento provisorio dos Capuchinhos á rua do Conde de Bomfim, n. 290.



Aqui jáz Estacio de Saa, primeiro capitão e conquistador desta terra e cidade e acampamento. Mandou fazer Salvador Corrêa de Saa, seu primo, segundo capitão e governador, com suas armas e esta capela acabou o ano de 1583

Na provisão de 3 de Setembro de 1561, que concede á filha de Gil Vicente o direito autoral nas obras de seu pae, lê-se: E este alvará se trasladaraa e imprimiraa, graphia similhante á de Saa. Vide a n. 32

TIJUCA

97

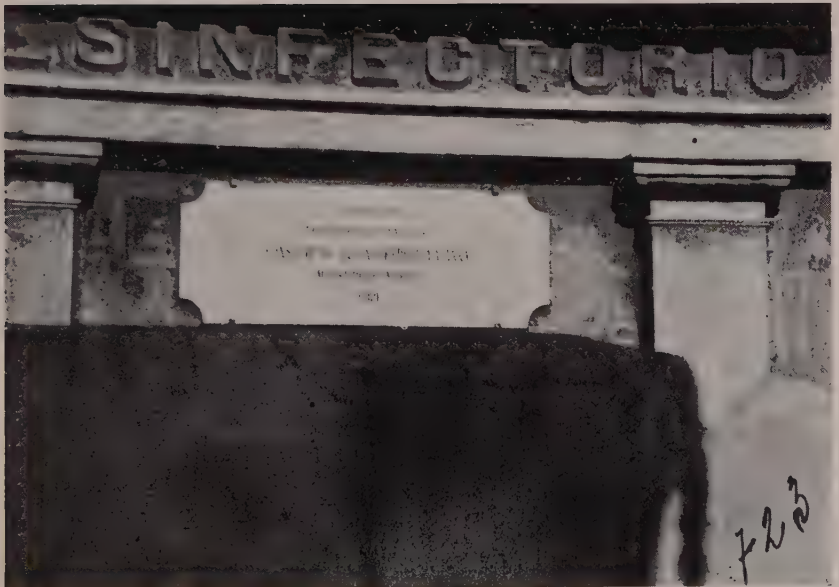
Na estrada nova da Tijuca.



Adeante do lampeão grande na estrada da Vista Chi-
neza.





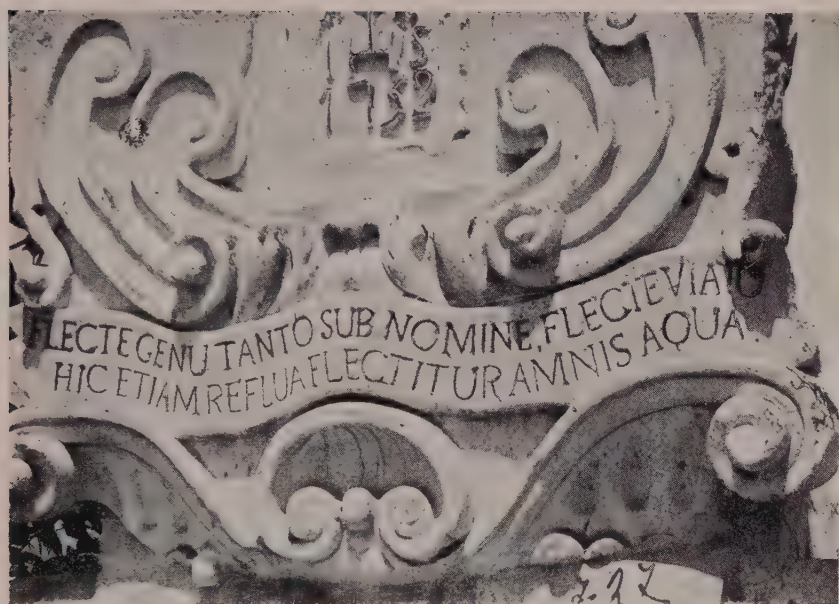


PONTE SOBRE O RIO GUANDU'

102

(E' denominada ponte dos Jesuitas)



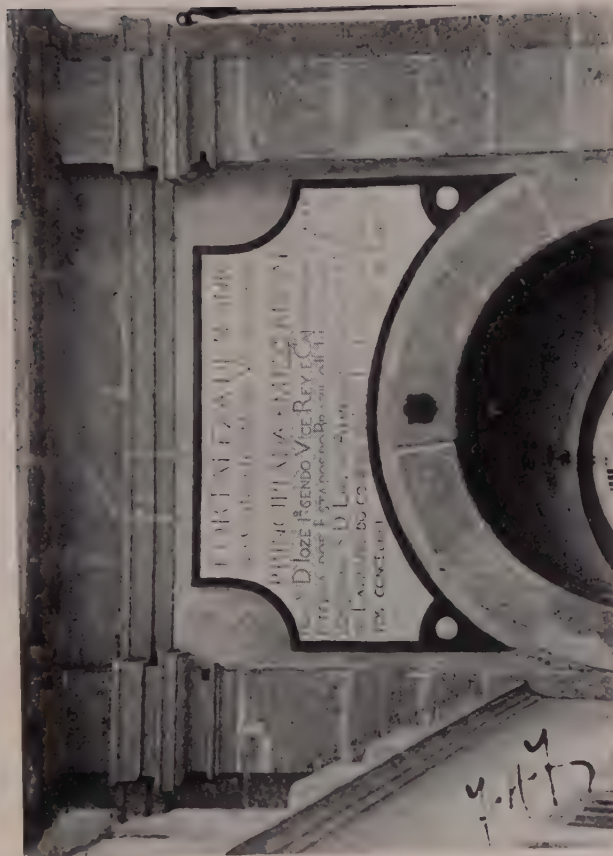


Curva o joelho sob tão grande nome, viajante, curva. A refluxente água do rio aqui também se curva

VILLEGAGNON

103

No portão interno da fortaleza.



ILHA DAS COBRAS

104



Reinando el rei d. João V, nosso senhor, e sendo governador e capitão general destas capitanias e Minas Geraes Gomes Freire de Andrada, governando em sua ausencia o brigadeiro Jozé da Silva Pais mandou fazer esta fortaleza de São Jozé, anno 1736



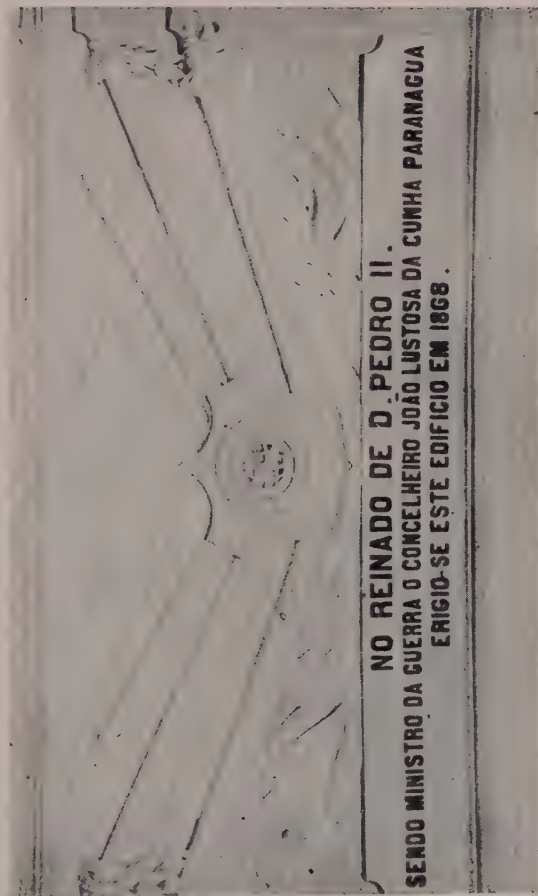
ILHA DE BOM JESUS

105



Pro. = primeiro; *q.* = que; *f.* = filho. Falta um fazer

No Asylo dos Voluntarios da Patria.

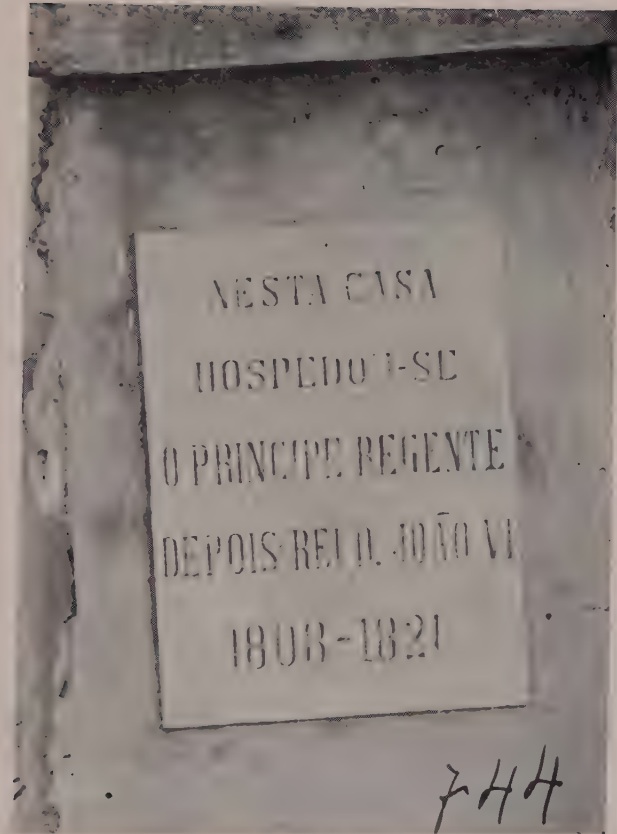




ILHA DE PAQUETA'

107





NICTHEROY

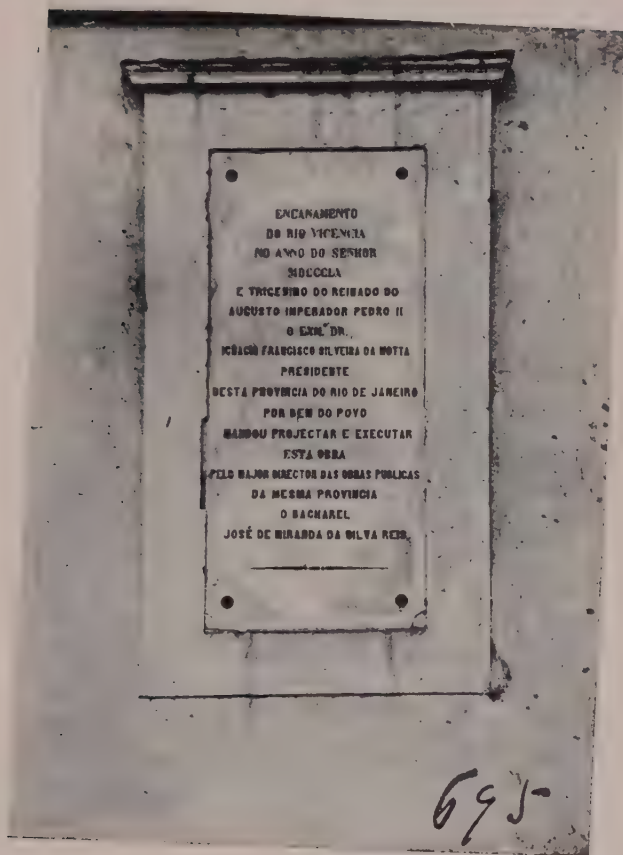
(Fonseca)

100

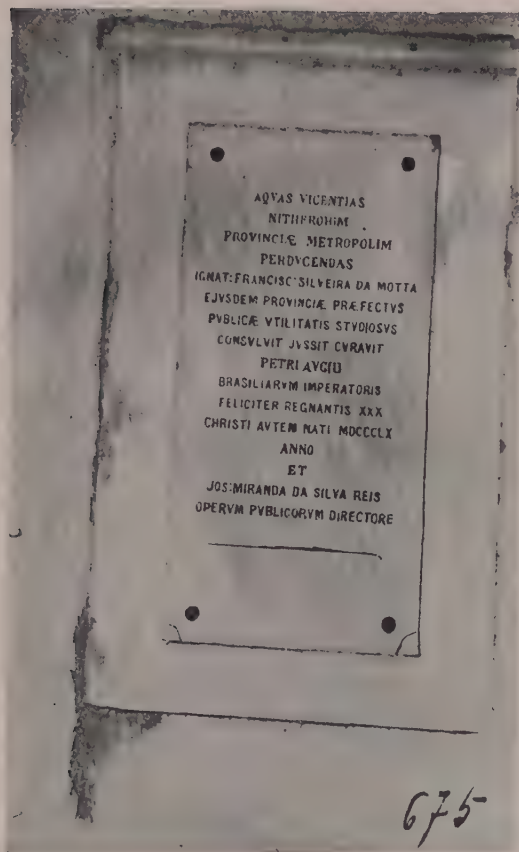


Na canxa d'agua do rio Vicência

Na caixa d'agua do rio Vicencia.







AQVAS VICENTIAS
NITEROHIM
PROVINCIE METROPOLIM
PENDVCENDAS
IGNAT: FRANCISC: SILVEIRA DA MOTTA
EJVSDEM PROVINCIE PRÆFECTVS
PVBLICÆ VTILITATIS STVDIOSVS
CONSVLVIT JVSSIT CVRAVIT
PETRI AVGVSTI
BRASILIVM IMPERATORIS
FELICITER REGNANTIS XXX
CHRISTI AVTEM NATI MDCCCLX
ANNO
ET
JOS: MIRANDA DA SILVA REIS
OPERV PVBLICORVM DIRECTORE

Trazer as aguas Vicencias a Niterói, capital da provincia, Ignacio Francisco Silveira da Motta, presidente da mesma provincia, amante do bem público, estudou, resolveu e executou, no anno XXX do augusto Pedro II, imperador do Brasil, reinando felizmente, em 1860 do nascimento de Christo, sendo José Miranda da Silva Reis director das Obras Publicas.

GRAGOATA'

111





Sendo Pedro II Imperador constitucional e perpetuo defensor do Brasil foi acabada esta fortificação em 41 da patria Independencia. 1863

Vide ns. 117 e 122

ILHA DA BOA VIAGEM

112

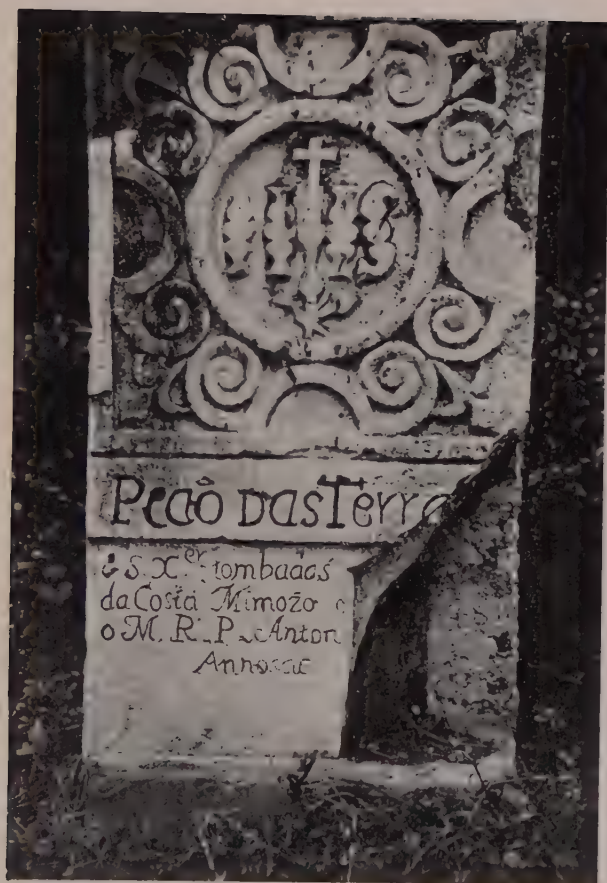
Na parede da igreja do lado externo.

PRINCIPIOU ESTA OBRA
EM 1734 SENDO MRE AMARO
DA SVA ENRO DOR J. DE FARIAS
RO PRE MEL GES DE CO E MAIS
173 DEVOTOS

SÃO FRANCISCO

113





Peão da Terra

✠ S. X.ª tombaas
da Costa Mmozo
o M. R. P. Anton
Anno 1614

Na face oposta do mesmo *peão*, ou marco.



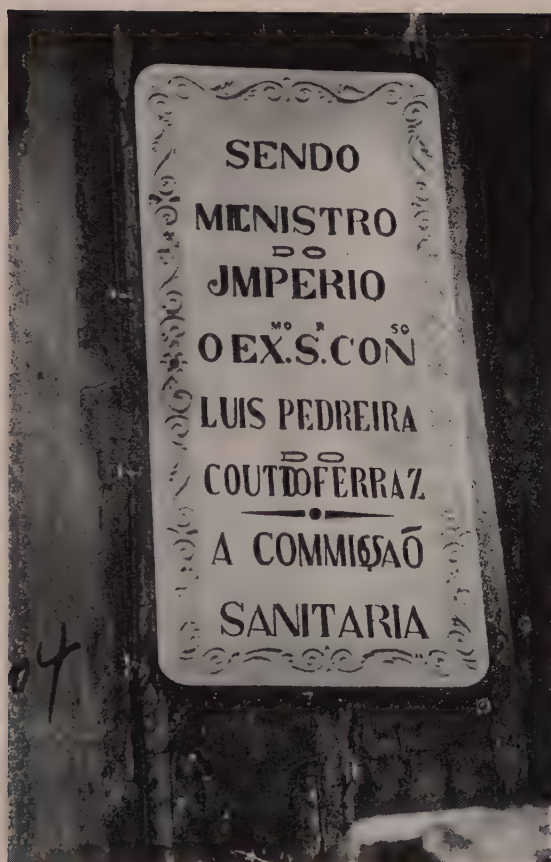
Peão das terras...

JURUJUBA

115

No Hospital Maritimo Paula Candido.



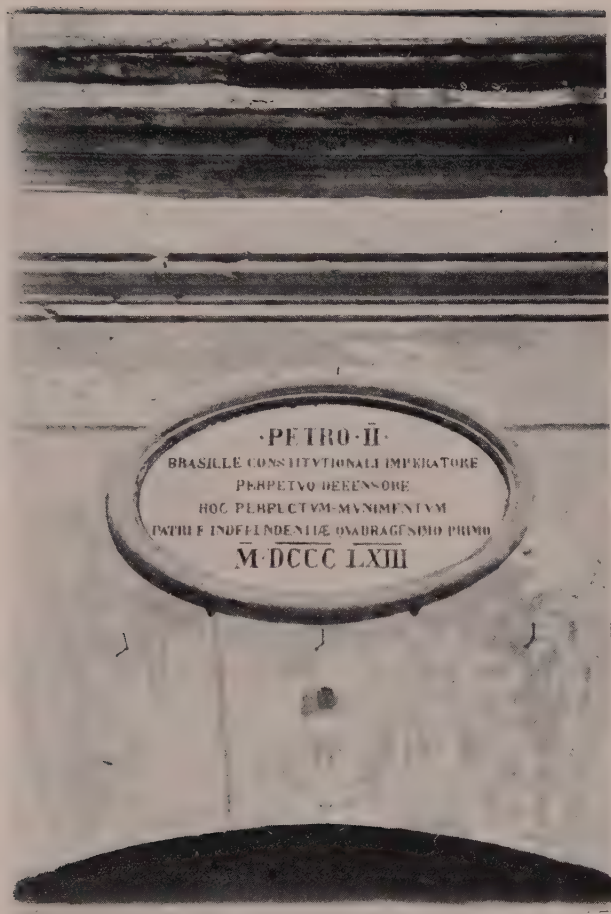


SANCTUARY OF SÃO LUIZ

187

A view of the Sanctuary of São Luiz, a
Baroque church, from the interior of the city of São Luiz.





·PETRO·II·

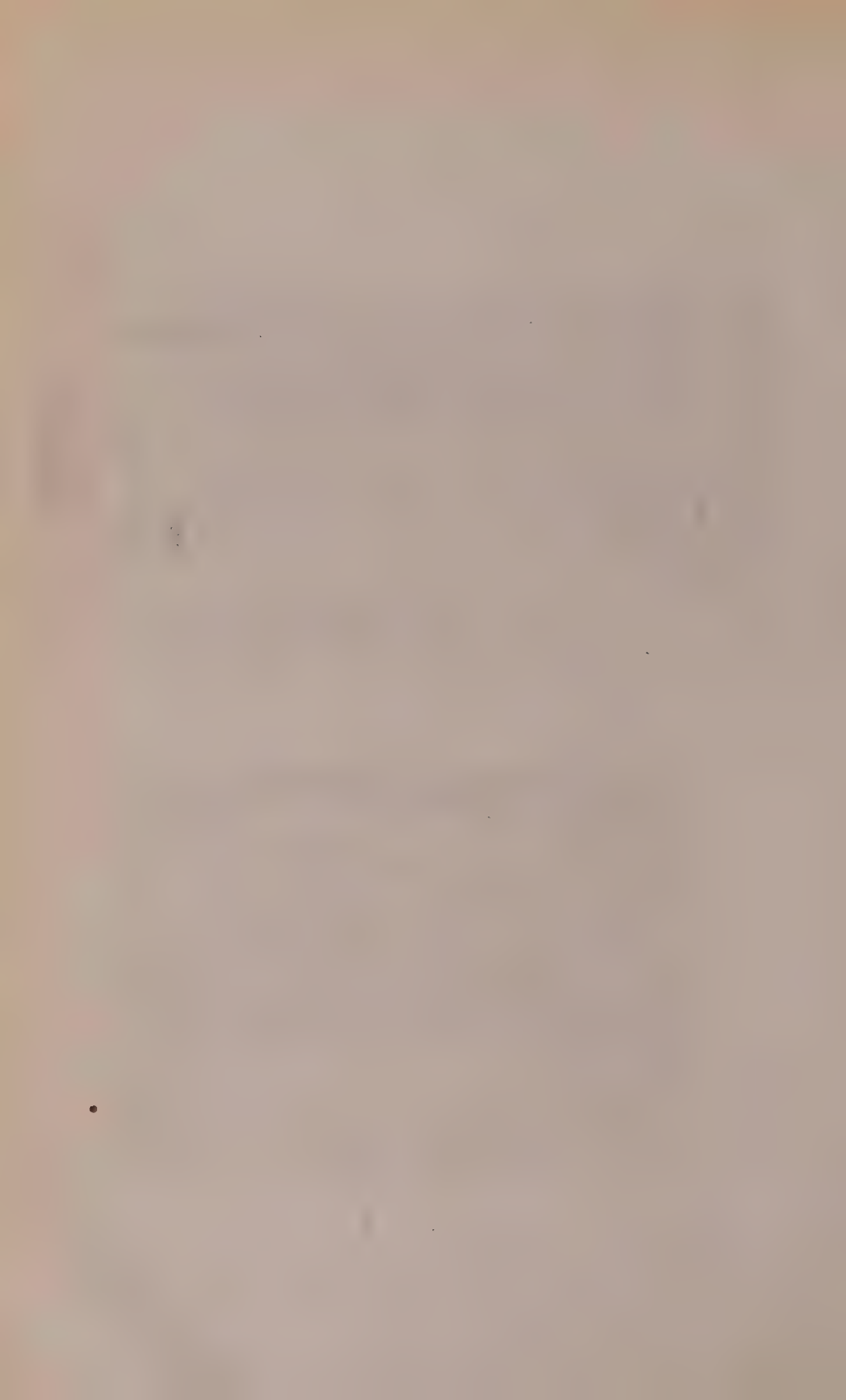
BRASILE CONSTITUTIONALI IMPERATORE

PERPETVO DEFENSORE

HOC PERPETVUM-MONUMENTVM

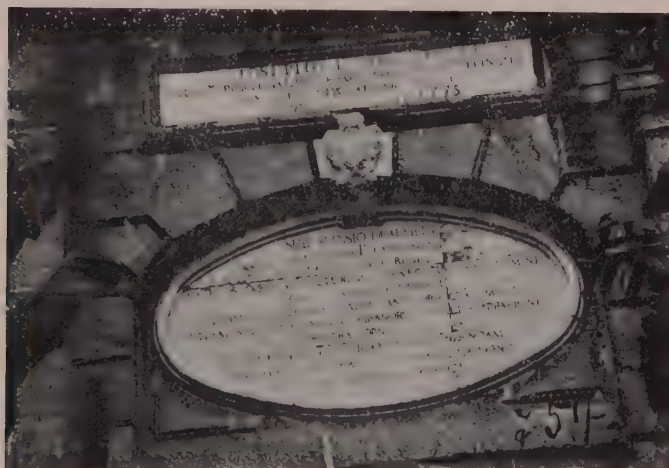
PATRIE INDEPENDENTIE QUADRAGESIMO PRIMO

M·DCCC·LXIII





No portão de entrada do velho forte de São Luiz, no Pico



"Escrevi uma vez que o Brasil é como um appendice ao último canto dos *Lusiadas* e essa phrase, transcripta em um jornal do interior, foi mal recebida pela imprensa que então representava o nacionalismo exaggerado na severidade dos seus julgamentos historicos.

As prevenções das antipathias individuaes levam a intuições unilateraes que não permitem justiça no juizo.

Retrato-me, porém, do conceito externado, que ao meu nacionalismo tambem se afigura erroneo, para dizer que os *Lusiadas* são apenas o prologo do Brasil, o proemio em verso da uma acção de episodios imprevisiveis, desenvolvida em um territorio immenso.

E a conquista dessa immensidade continuou na America a reconquista aos Mouros das terras entre Galliza e Algarves no tempo dos fossados. E' obra da mesma energia.

Ella poz marcos no Oiapoc e no Napo. fundou a Colonia do Sacramento, construiu o forte do Principe da Beira, repellindo ou expellindo os invasores dessa vastissima pos-sessão.

Os dous povos ibericos trouxeram para a America o dualismo de sua soberania e de sua lingua.

Reproduziram-se aqui os attritos de sua irmandade na partilha da peninsula, com resultados analogos, proporcionados á tenacidade lusitana.

Os vestigios dessa epopéa existem por toda a parte; nenhum, porém, mais interessante do que o forte de São Luiz, no Pico.

Está posto em um degrau da montanha, com vista para a barra e para o alto mar.

Felizmente não foi necessario demoli-lo para se construir o forte moderno. Fica-lhe este a cavalleiro sôbre a rocha.

Creio que não ha no Brasil, talvez na America, uma construcção militar que lembre tanto os castellos da Edade Média, com as suas ameias, torres de vigias, caminhos de ronda, ponte levadiça, etc.

Sôbre o portão de entrada, em duas taboas de marmore, uma rectangular e outra elliptica, lê-se a inscripção seguinte:

.

Eu a traduzi assim:

"Imperando José I, fidelissimo rei de Portugal, providentissimo principe, fundou-se esta fortaleza, consagrada a São Luiz, em 1775.

Sob Luiz de Almeida, segundo marquez do Lavradio, vice-rei do Brasil, que para a construcção desta obra, por ninguem até então ousada, moveu toda a pedra, oppondo-se de balde no seu firmimissimo esforço tão consideravel objectivo, ainda mais sob a perturbação da impendente guerra com os Espanhóes, foram, para repellir-se a invasão dos inimigos, começadas estas fortificações no dicto anno e acabadas em menos de um triennio."

Em 1775 o que era impendente no Rio de Janeiro não era a declaração da guerra com os Espanhóes, que datava de 1772, mas algum golpe vibrado contra a cidade em consequencia da guerra.

No latim da inscripção ha um *ac* antes da vogal, *ac infra*, o que se evita nos escriptores classicos, e abusa-se da accumulção dos ablativos absolutos, como em outras nossas inscripções latinas.

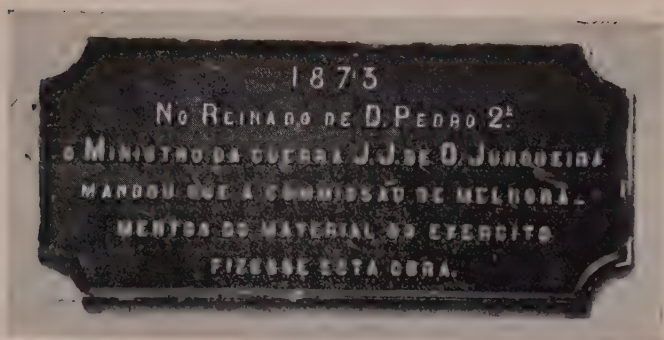
Outra cousa que se nota na inscripção é a economia com o marmore, abstando-se o marquez do Lavradio de pôr nella o seu nome inteiro, Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão d'Eça Mello Silva Mascarenhas.

Na lista dos vice-reis de VARHNAGEN omitte-se Alarcão no nome do marquez do Lavradio. Completa-o MAX FLEIUSS na sua agradável e substanciosa *Historia da cidade do Rio de Janeiro*."

FORTALEZA DE SANCTA CRUZ

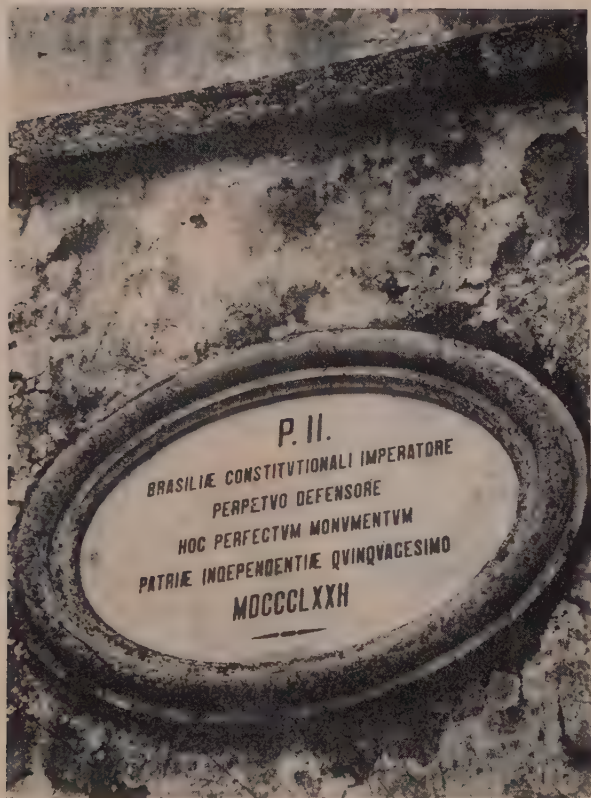


Em um dos antigos paioes de polvora.



Em bronze na entrada, do deposito do material.





Sendo Pedro II, imperador constitucional e perpétuo defensor do Brasil, foi acabado este monumento em 50 da Independencia patria. 1872

Está no alto do paredão de defesa, acima das baterias de fogo, e é do typo das inscrições ns. 111 e 117. Mas em vez de munimentum diz monumentum



A POLITICA NO IMPERIO

HOMENS E FACTOS

POR

José Wanderley de Araujo Pinho



INFANCIA E MOCIDADE DE SARAIVA

Aqui vão narrados os principios de uma grande vida.

As vicissitudes dêste comêço não são apenas bisbilhotes biographicas, a esquadrinhar, por uma curiosidade sem respeito, a vida dos mortos, o recato de sua memória, aquillo que elles não estimariam que se publicasse. Mais de um proveito colhemos de investigações como esta: — dêsse miudear de successos, dêsse esmiuçar de casos e intimidades. Avivam-se com ellas traços e contornos, escurecem-se sombras, no quadro de um momento histórico.

Demais as vidas dos grandes homens não ensinam só, vistas pela face brilhante de suas glorias; dão tambem nobres exemplos, communicam fortes estimulos, observadas na feição de seus modestos inicios.

Resumbra aqui, destas cartas e informes, a suave poesia das origens, onde justamente está o ideal e a philosophia da curiosidade. Estamos a vêr na nevôa dos tempos a magestade do homem público recolher-se na candidez da criança, no brilho inflammado da adolescencia; estamos a vêr a imponencia do estadista transformar-se nesse conjuncto de ansiedades e temores e esperanças — a alma dos que estréam na vida.

Não é obra pois desprezível essa de integrar a memória dos herôes, dando-lhes ás biographias um frizante verniz de verdade humana, ao mostrar-lhes a marcha do nada ás grandezas de seus grandes dias.

Do que levasse José Antonio Saraiva (1), filho de negociante na capital bahiana, a ir fazer domicilio na então villa de Sancto Amaro, não rezam chronicas, nem tradições. Avidez de lucros na lavoura, negocios de aguardente nalgum alambique dêsse reconcavo rico, talvez... O certo é que, repartindo a sua actividade entre distillações, o amanho de terras de cultura e o cuido de demandas com vizinhos, vivia ahi, na segunda decada do seculo passado, o liberal exaltado, pãe de seu homonymo, estadista bahiano.

Em Sancto Amaro foi casar com d. Maria Silva Mendes (2), filha do capitão Luiz Manuel da Silva Mendes (3), por-

(1) Este José Antonio Saraiva era filho de outro José Antonio Saraiva e da mulher dêste, D. Elena Francisca da Silva Saraiva, ambos já fallecidos, em 1830. Este casal teve, além daquelle José Antonio Saraiva, mais os seguintes filhos:

Antonio José Saraiva, que falleceu em 1830.

D. Catharina Francisca Saraiva, que se retirou de um convento, para casar com Luis Moreira de Carvalho.

Antonio dos Santos Saraiva.

(2) Do consorcio dêste José Antonio Saraiva com d. Maria da Silva Mendes nasceram nove filhos, a saber:

José Antonio Saraiva, o estadista.

Luis da Conceição Saraiva, que foi monge beneditino e bispo do Maranhão.

Antonio José Saraiva.

Joaquina Ignacia Perpétua Saraiva.

Joaquim Antonio Saraiva.

João Antonio Saraiva, que morreu em Pariz, logo depois de formado em medicina, pela Faculdade da Bahia.

Maria Joaquina Saraiva, que se casou com seu primo, dr. José Verissimo de Carvalho.

Carolina Saraiva.

Maria Helena Saraiva.

(3) O capitão Luis Manuel da Silva Mendes era natural de Sancta Eulalia de Guindaris, logar do Pulido, termo da Villa de Arcos de Val de Vez, arcebispado primaz de Braga. Era filho de João Manuel da Silva e de sua mulher Perpétua Luisa Velloso. Em 1813 era já fallecido. Era seu irmão Antonio João da Silva Mendes.

Casando-se este capitão Luis Manuel da Silva Mendes com dona Joaquina Ignacia Perpétua Felicidade, viuva de Ignacio Ferreira de Carvalho, teve dêsse consorcio:

Anna Luisa Mendes, appellidada Zeol.

Maria da Silva Mendes, mãe do conselheiro Saraiva.

Josepha da Silva Mendes, appellidada Bingue, que se casou pelo regime da separação de bens, em 1827, com João Antonio da Rocha.

Joaquina da Silva Mendes, madrinha do conselheiro Saraiva.

tuguez de nascimento, e de sua mulher, de venturoso nome, — d. Joaquina Ignacia Perpétua Felicidade (4). Bem joven ainda lhe morreu, no anno mau de 1833, essa espôsa bella e amada, deixando-lhe o duro encargo do zêlo e criação dos nove filhos que tiveram.

Não andava então o viuvo em boa política com a familia de sua defunta mulher. Natureza impetuosa, especie dessas indoles trefegas e ardegas, franco de palavras, despejado de modos, brutesco e violento nas acções, não havia como conseguir Saraiva harmonia, sinão com os que fôsem submissos. Ora, sua sogra, d. Perpétua Felicidade, cujo pendôr ao auctoritarismo chegava a afugentar o terceiro marido, o brigadeiro Henrique Garcez Pinto de Madureira (5), do seu engenho Quitangá, onde ella assistia, para a casa grande da cidade de Sancto Amaro, onde este residia, — não era mulher sinão para luctas. Dahi a inimizade capital e aberta que separava a Saraiva da mãe de sua espôsa. Por outro lado, o brigadeiro Garcez que, como ter-

(4) Esta d. Joaquina Ignacia Perpétua Felicidade era filha de Antonio Gonçalves Martins e de sua mulher d. Josepha Maria de Sanct'Anna. Era tia paterna do visconde de São Lourenço. Casou-se em primeiras nupcias com o coronel Ignacio Ferreira de Carvalho (trissavô do auctor), viuvo com filhos. Dêsse casal, d. Joaquina Ignacia não teve descendencia. Em segundas nupcias, consorciou-se com o portuguez capitão Luis Manuel da Silva Mendes, de quem teve filhos (vide a nota 3). Em terceiras nupcias, foi esposa do brigadeiro Henrique Garcez Pinto de Madureira, de quem não houve descendencia.

(5) O brigadeiro Henrique Garcez Pinto de Madureira era filho legitimo de José Cardoso Pinto de Madureira Garcez, Professo na Ordem de Christo, capitão-mór da cidade de Pennafiel, e de sua mulher, d. Maria Liboria da Silva Carneiro Gomes. Era descendente de familias distinctas da Provincia do Minho e das cidades de Penafiel e Porto, sendo seu pae na mesma provincia chefe da familia dos Garcezes, a qual sempre usou, segundo a práctica da armaria, das armas respectivas, sem mixtura ou differença alguma que lhes altere segundo o regimento e ordenação da mesma armaria.

Falleceu na cidade do Salvador, ás 11 horas da noite de 6 de Julho de 1852, sepultando-se na igreja da Piedade, "no primeiro logar da segunda ordem de carneiros do lado esquerdo, occupa o logar baixo."

Eram ermãos do brigadeiro Garcez: Feliciano Garcez Pinto de Madureira, José, Luiz Paulino, Bento e d. Barbara.

Eram êstes Garcezes parentes de Antonio Rodrigues Garcez, natural da cidade do Porto, freguezia de N. S. da Victória, filho legitimo de Antonio Rodrigues e de sua mulher Gracia Antonia. Esse Antonio Rodrigues Garcez, fallecido em 1726, foi casado com Suzana Mendes, de quem teve dois filhos que morreram antes d'elle. Deixou instituida uma capella.

ceiro marido de d. Perpétua, era então o chefe da casa, militava na política em opposto campo a Saraiva. Este era um "exaltado" de marca, ao passo que o portuguezismo de Garcez (que o levava tarde a adherir á independencia, custando isso o sequestro de seus bens) (6) fazia-o um "restaurador" sem meias medidas, sempre ansioso pela volta de Pedro I, de quem era guarda-roupa.

Orphandade

Isolado e triste, separado de seus parentes pela distancia ou pela morte, dos de sua mulher pelas divergencias e dissidios, em taes conjuncturas talvez buscassem moderação os impetus bellicosos do viuvo Saraiva. Porventura, no sobrado de seu alambique, onde a amplitude substituia o conforto, vendo brincarem-lhe em tórno á mesa, onde lia as folhas que os barcos lhe traziam, nove crianças sem mãe, uma tristeza funda lhe prenunciava morte proxima.

Essa não demorou de entrar-lhe de nôvo os portaes, para tocar-lhe a fronte com seu dedo sinistro, na bella idade de 33 annos, naquella éra de 1834.

Abandonados, expostos agora ao mundo "sem calôr de mãe nem pae", os pobres meninos orphãos encontraram carinho em peitos mercenarios. Foi o caixeiro do alambique de Saraiva quem, em sua casa, recolheu os filhos de seu amo defunto.

A negligencia de uns, a crueldade de outros, fazendo curtir aos netos e sobrinhos innocentes as queixas do pae e baixar sôbre cabeças de crianças resentimentos, a que deveria sellar a tumba, fez surdos seus parentes aos gemidos dêsses abandonados. Um houve, porém, que, tomando a peito a piedade e os brios da familia, chamou a si as crianças. Esse foi Antonio Pacheco de Rezende, primo da mãe dos coitadinhos.

Levou-os Pacheco á sua casa, na encosta do Recreio (na cidade de Sancto Amaro), entre o verde da eminencia e o leito do Subahé de aguas pardas. Ahi os nove Saraivas

(6) Por occasião da lucta da independencia, Garcez estava na cidade do Salvador e ahi se deixou ficar até o fim da guerra. Por isso fôram sequestrados os seus bens. Foi um dos signatarios do officio dos negociantes e proprietarios da Bahia á junta provisoria, transcripto por Accioli, nas suas *Memórias Historicas*, vol. 3º, pag. 53 (edição de 1836).

infantes fôram repartir pão e carinhos com os filhos de d. Maria Catharina de Carvalho, espôsa do Pacheco.

Passado algum tempo, tios accordaram serodios escrúpulos e compaixões tardias. Um delles foi d. Joaquina da Silva Mendes, madrinha do menino José Antonio, que mais apressuradamente procurou pagar, em mimos e cuidados, a móra de seus deveres ao afillhado, e dahi em deante lhe deu todo o seu affecto e o sacrificio inteiro de suas rendas.

No Quitangá

Partiu então metade da tribu dos Saraivas para o engenho Mercês, onde senhoreava d. Theodora Maria de Carvalho Bittencourt, espôsa de José Bittencourt Berenguer Cesar, e tia dos pequenos. Em meio dessa caravana foi o mais velho de todos e que havia de ser, depois, de todos o maior.

Algum tempo escoou até que, um tanto apagadas no ânimo da avó prevenções injustas, nasceu-lhe, enfesado ainda, o amor pela prole de sua filha morta. De nôvo, e só então, se viram reunidos em um só tecto os nove irmãos infelizes trazidos á casa de Quitangá, onde alguns haviam nascido.

Ahi, no Quitangá, com o caixeiro do engenho, receberam os mais moços as suas primeiras letras, indo os mais edosos aprender com o preto Paiva, professor, latinista e maestro que residia no engenho Mercês e com quem os jovens da redondeza se iniciavam em mais altas sciencias (7).

Crescia José Antonio Saraiva. Fazia-se rapaz. Medrava-lhe o desejo, já animado por seu pae, de fazer-se bacharel — vago querer de adolescente, estimulado pela vontade forte de sua madrinha — d. Joaquina Mendes — que, numa obstinação tenaz, com diuturna perseverança, luclava por vencer as difficuldades e opposições de d. Perpétua Felicidade e do brigadeiro Garcez, os quaes pretendiam fazer do rapaz homem de lavoura ou homem de commercio. Nada valiam os rogos de d. Joaquina nem intervenções solicitadas de amigos e parentes. Estava assentado que José Antonio não iria para os estudos.

(7) Além de Saraiva, teve o Paiva outros distinctos discípulos, que depois lograram destaque social. Entre estes, pôde contar-se o conde de Subahé

Um acontecimento imprevisto, porém, veio transmudar a scena. Aquella situação, em que se estava contrariando uma vocação, ia acabar.

Nos lazeres da vida campestre não ha encantos e diversões. Tudo é buscar alegria no bem querer. As "crias" de estimação eram então nos engenhos como filhas das "sinhas moças".

Vestir e gabar a belleza, cuidar das maneiras, elogiar as graças, defender o recato e dirigir os sentimentos dessas "crias", era para as filhas de senhor de engenho um "sport" do coração, a tomar e a encher ocios campestinos.

Escandalo domestico

D. Joaquina Mendes tinha na maior estima, como cria sua, a uma certa "Maria Mulatinha" — rapariga de poucos annos e de mulatos, requebros. A convivencia de seus encantos de carne moça, animada do escaldante sangue africano, era um perigo. Era um perigo a oleosa ternura da mulatinha, de olhos vivos olivaceos, com laivos de uma sensualidade mal contida, no agitar de suas fórmãs redondas.

Não viam, entretanto, esse risco o hábito da vida commum e a amizade cega e cegadora.

... E Saraiva, nessa convivencia, reprimia ardores de uma puberdade apenas estreada...

Ahi estão os personagens. Facil é completar o romance.

Verdade é que o pequeno Agostinho, mais alvo que sua mãe, achou no caixeiro de Quitangá, um pae putativo, e jámais extranhou agrados e mimos especiaes que no "sobrado" nunca lhe faltaram.

Tal escandalo domestico, aconselhando uma separação, precipitou a partida, até então não resolvida, de Saraiva, para São Paulo. Joaquina Mendes achou fundos para as despesas e quiz tomar sôbre si o encargo de o educar. Aceitando o brigadeiro a imperiosidade das circumstancias, tomou a frente, e, administrando o pequeno patrimonio dos Saraivas, junctando ás suas, as sobras de d. Joaquina, soube com uma dedicação sem intermittencias, com cuidados sem falhas, dirigir e promover a educação de Saraiva e seus irmãos, comprehendendo, tardiamente embora, o papel que, como chefe de familia, lhe tocava. A maneira por que se saíu dessa empresa resgata-lhe o peccado de tão tarde ter tomado a sério a sua missão.

.

Bendigamos a essa “Maria Mulatinha”, e a seus amores, sem os quaes um estadista — que o foi entre os maiores — se faria modesto lavrador — talvez entre os menores.

E afinal, em Março de 1842, estava em São Paulo, Saraiva, com seus dezoito annos feitos e todos os exames por fazer.

Que nos conte elle agora, por suas cartas ao brigadeiro, os passos de “bicho” a “calouro”, de “calouro” a bacharel, de promotor a juiz e de juiz a deputado.

Em São Paulo

Em 1842 (Março), matriculava-se o joven José Antonio Saraiva na Faculdade de São Paulo. Tinha vencido os “obstaculos que o affligiam”, fazendo de vez muitos exames preparatorios. Elle proprio confessa a seu avô postigo:

Exames preparatorios

“Com effeito, não julguei effectuar o meu desejo porque pintavam com tão negras côres fazer tantos exames em tão pouco tempo, que, a ser timorato, não alcançaria essa vantagem, apesar de que me custasse algumas vigílias.” (Carta de 15 de Março de 1842).

Tinham sido bons os seus exames:

“Só em arithmetica hé que me equivoquei, por que estudei mais as razões por que se fazião, etc., do que mesmo a pratica.” (Carta de 15 de Março de 1842).

Taes louros eram premio e fructo de cancelas e sacrificios:

“... estudar-se preparatorios em hum anno, como eu fiz, sem ter cartas e recommendações de ministros, ou sem se ter servido dellas, hé necessario passar vigílias, renunciar a tudo quanto hé divertimento. estar preocupado em todos os momentos pelos estudos, e isso só o póde fazer quem vê sua triste posição, quem reconhece ser necessidade fazer semelhantes sacrificios.” (Carta de 13 de Maio de 1845).

Livros

Com tão bons auspícios, o "calouro" estava ávido pelas aulas e enfronhava-se nos novos livros que tivera pressa de adquirir, mandando-os vir do Rio de Janeiro, por não os encontrar em São Paulo, "nem velhos nem novos". Na compra dos livros, Saraiva attendia, então, não só ao preço, achando conveniente manda-los buscar em Portugal ou Pariz, como também á sua utilidade futura, "que pudessem servir agora e mesmo depois de formado". (Carta de 29 de Março de 1842). Assim, comprou a obra de Guizot sôbre história

"e pouco li, porque eu não podia em quatro mezes lêr com proveito aquella obra, por não tratar de exposição de factos e sim de Philosophia da Historia: agora que tenho pouco mais ou menos adquirido o conhecimento dos factos, aproveitarei muito a leitura della, e já a estou lendo".

A Faculdade da época

A Faculdade comêçava naquelle anno de 1842 as suas aulas a 5 de Abril.

Não era esse centro educador mais que uma casa pouco frequentada, de poucos alumnos; e á falta de número nos discipulos sobrava severidade nos mestres. "O número dos estudantes matriculados no curso superior não excedia, na média, de 50 a 60. Foi em 1843, apenas de 56 em todas as aulas; em 1844, não passou de 49 em toda a Academia; em 1845, subiu a 56; em 1846, a 58, número esse em que se conservou em 1847." (Almeida Nogueira — *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscencias* — 6ª série).

Esse punhado de moços, entretanto, afóra a política e a governança, era o centro da vida da cidade. E' que si os estudantes eram poucos, São Paulo era bem pequeno (8).

(8) "A Paulicêa dêsse tempo não³ passava de pequena e modesta cidade provinciana, de tristonho aspecto, sem movimento, sem animação e com diminuto commercio. Havia algumas lojas de fazendas, outras de ferragens e armazens de molhados, tudo em pequena escala. O mais commum era o typo, que ainda se nota nas povoações do interior, a saber: casas de "sêccos e molhados", especies de bazar encyclopedico, com modesto sortimento, mas sem especialidades em qualquer ramo de commercio.

Não existia praça de mercado. Os generos de primeira necessi-

São Paulo daquelle tempo

Bein podiam os estudantes daquelle anno gozar melhor os prazeres de seus brincos aldeões. Não era de muito labôr a perspectiva dos trabalhos mal encetados:

Férias e lentes vadios

“Temos tido muitas férias, por isso que o lente do primeiro anno não podia explicar por molestia, e lentes substitutos estavam uns no Rio, outros regendo outras cadeiras, de sorte que todo o mez de Abril foi de férias, e agora chegaram os drs. Furtado e Pedreira, e aquelle está por enquanto regendo a cadeira do 1º anno. Teremos, portanto, cinco mezes lectivos, porque as férias principião em Outubro e nesse tempo hei de vêr se faço alguma cousa para que meu acto não seja mau.” (Carta de 6 de Maio de 1842).

dade eram vendiões nas ruas, pelos caipiras, que os traziam em carregueiros dos arredores da cidade e povoações mais proximas.

A população urbana, em número reduzido, assignalava-se por pouco expansiva, retrahida mesmo, sobretudo em relação aos forasteiros. E' claro que não nos referimos ao populacho, e sim ás familias burguezas. O bello sexo, principalmente, era esquivo a passear pela cidade e a ornaí com a sua presença as festas e diversões públicas.

Tambem que divertimentos interrompiam, então, a monotonia da vida paulistana?

Havia um pequeno theatro no Páteo do Collegio (hoje largo do Palacio), conhecido popularmente sob a denominação *A ópera*, no qual representavam^{se} companhias vindas do Rio de Janeiro e que faziam temporadas, e no qual, tambem, a despeito das prohibições regulamentares, os estudantes davam representações dramaticas, festejando, a 11 de Agosto, o anniversario da fundação dos cursos juridicos no Brasil.

Possuia a Paulicéa dêsse tempo, além da *A ópera*, mais um theatro, este na freguezia de Sancta Ephigenia. Era comico e burlesco, destinado a despertar a hilaridade.

Balles, com excepção de um ou outro particular, em festejos de baptizados, casamentos, anniversarios natalicios ou por outros motivos de alegrias domesticas, eram rarissimos. Existia, apenas, já nesse tempo a antiga sociedade denominada *Concordia*, que dava partidas dansantes mensaes, em que os chefes de familia passavam o tempo em jogos de cartas.

Era, tambem, frequentado, aos domingos, á tarde, o Jardim Público da Luz (Almeida Nogueira, *op. cit.*).

Boatos de revolução

Em Maio (carta de 12), o joven estudante receiava pela ordem pública. Comêçava de opprimir essa atmosphera pesada de receios e temores que prenuncia o deflagrar das revoluções:

“Tenho tido receio de não perder este anno, porque agora, com a dissolução, os boatos de revolução se têm avivado muito, apesar de que algumas pessoas de consideração disseram-me não haver nada.”

Já na carta seguinte, oito dias depois, poude Saraiva dar notícias do movimento, afinal tão brilhantemente suffocado pela diligencia e fortuna de Caxias:

Revolta de Sorocaba

“A dias participei a V. S. que as vózes de revolução se ouvião cada vez mais e que eu temia perder o anno: agora, pois, está declarada e occupada por grande fôrça a cidade de Sorocaba, e já comêçam apparecer as consequencias desse desastroso tempo — a carestia de viveres e dinheiro, e por consequente alguns correspondentes, suspendendo as mezadas dos estudantes, que não têm outro remedio senão mudarem-se para o Rio, e se houver mesmo com que se compre a passagem. Essa situação se haverá de aggravar com a chegada das fôrças que se esperão do Rio para supplantar a rebellião.”

O moço estudante, o futuro estadista, depois de pedir providencias para regularização economica de sua vida, depois de suggerir entre outros alvitres a partida para Olinda, caso a Academia se fechasse, manifesta ao avô seu voto de pacifista e sua reprovação de patriota:

“espera-se que pelas energicas medidas do govêrno central e provincial que fique a provincia livre desses facciosos, que, defendendo uma causa injusta, não se devem sustentar por muito tempo.”

E' o character do homem calmo, sisudo e pacífico; é o molde do futuro estadista, num fim de carta de rapaz de 19 annos. Em 4 de Junho, novas notícias envia ao brigadeiro:

"Depois que appareceu o grito de rebellião em Sorocaba, havia na Capital seiscentas e tantas praças, de sorte que, ou porque não tivessem fôrça sufficiente, ou por outro qualquer motivo, não dirigiram-se á Capital. Então, no dia 23 ou 24 do mez passado, desembarcou em Santos o Barão de Caxias, e setecentas e cincoenta praças, isto hé, o batalhão 12º que estava na Praia Vermelha, e immediatamente subirão para esta, postando-se logo nas estradas que vão ter a Sorocaba; tem apparecido postada deante ás nossas fôrças uma guarda avançada, e não se sabe bem qual a fôrça dos rebeldes — uns fazem subir a 1.500 homens, outros dão 800; são inexactas todas estas notícias; as fôrças legaes, porém, montão a 2.000 homens. Espera-se nestes dias por 400 fuzileiros, que partirão do Rio em 18 do mez passado; corre por certo aqui que nestes tres dias tem desembarcado em Santos quinhentas a seiscentas praças. Logo que cheguem fôrças sufficientes, o Barão vae procura-las. Por emquanto não se póde tirar da Capital fôrça alguma sem expol-a a ser tomada pelos rebeldes. A Academia feichou-se, e como todos os estudantes começarão a tirar guias para Olinda, o presidente mandou abrir, mas se diz que se tornará feichar, e que abriu-se só para não deixar sahir os estudantes."

Possível transferencia

Novamente Saraiva insistia sôbre providencias para a sua possível transferencia:

"Eu peço encarecidamente que V. S. dê a ordem de passagem, e a razão he que póde haver uma entrada dos rebeldes aqui, ainda que momentanea, póde haver um cerco, e com isto a Academia necessariamente se deve feichar e os estudantes tomar armas, o que já elles tem feito patrulhando a cidade, e agora com a marcha do exercito para fóra tornem a patrulhar..."

Em 1º de Julho já são melhores as notícias lançadas ao papel de suas missivas por Saraiva:

"A provincia já está quasi toda pacificada: o sr. Luiz Alves de Lima, Barão de Caxias, depois de se ter conservado aqui perto da cidade, por que se dizião que os rebeldes querião accommetter a Capital, moveu-se do accampamento para atacar uma fôrça de oitocentos homens, que estavam a cinco leguas distantes, e os rebeldes, sabendo do ataque, fugirão com tanta precipitação, que desampararão tudo, e o Barão, continuando a perseguil-os, foi entrar em a cidade de Sorocaba, entre vivas a S. M. I., e ao exercito legal, não havendo um só tiro, por terem se vindo entregar muitas partidas que tinham sahido de Sorocaba com o sr. Rafael Tobias, e outros. Consta com toda certeza que os rebeldes sahirão de Sorocaba em fuga, e sem tenção de resistir mais, tanto assim que muita gente se tem vindo apresentar ao barão, e elle se acha na Capital, tendo deixado o batalhão 12º em Sorocaba, e vae marchar com a cavallaria, os provisórios da Bahia, e mais gente a restaurar as villas do norte, que não podem, tanto por sua posição geographica, como sua pequena população, fazer resistencia alguma. Dizem que depois disso marcha para Barbacena. Sr. Diogo Feijó foi preso em Sorocaba, e alguns outros cabeças da revolução, que se não poderão evadir."

A 25 de Julho são estas as notícias:

"Esta provincia está toda pacificada: o norte della, que tinha-se ultimamente rebellado, está pacificado, e foi onde houve um rompimento de sangue, porque os rebeldes resistirão, e tiverão em acção 50 e tantos mortos. O Barão de Caxias retirou-se para o Rio, deixando tudo em tranquillidade. Em Minas, as Armas Imperiaes têm sido vencedoras em qualquer parte que se apresentão, e breve os rebeldes serão inteiramente derrotados."

Augmento de mesada

Com a revolução subiram os preços dos generos, descendo um pouco com a pacificação. A vida era, porém, ainda cara. Saraiva exclarece a seu avô sobre a sua situação economica e percebe-se em suas linhas o vexame de tractar de semelhantes assumptos. Em certo poncto, pinga da penna este conceito interessante:

"Pouco desejo gastar, porque sei a utilidade que dahi me deve resultar, porém, São Paulo de 43 (elle escrevia em 27 de Outubro de 1842), não é o de 28, em que se abriu a Academia, e que se passava até com vinte mil réis, e muito bem."

A necessidade vence, entretanto, seus escrúpulos, e noutra carta (28 de Novembro) Saraiva escreve:

"Já em huma que a V. S. escrevi, fazia-lhe vêr que a mesada de trinta mil réis que aqui tenho não era sufficiente, e se V. S. de mim exigisse uma conta das despesas mensaes, e o mais, eu lhe provaria melhor sem jámais faltar á verdade. Até aqui tenho recebido algumas quantias (como V. S. sabe), quantias que tenho pedido, e que sendo a minha mesada a mesma que até agóra, sempre estarei a pedir, porque não posso deixar de comprar o necessario nem ficar devendo. Ora he fastidioso estar-se sempre a pedir para pagar o que se está devendo, quando podia passar sem dever cousa alguma. Note-se que não tenho devido tambem senão a meu correspondente; visto isso, não posso deixar, antes de principiarmos o anno seguinte, de pedir a V. S. um augmento de dez mil réis de mezada, para que possa passar sem estar sempre a importunar-lhe. Tendo a quantia que recebo em Setembro, não posso passar decentemente, sem andar com dividas e outras cousas. Tambem me chegaria trinta mil réis, se tivesse ordem para se me dar roupa necessaria para o anno, calçado, etc., o que vinha dar no mesmo, pois que os rapazes que aqui têm ordem de trinta mil réis têm tambem de tirar extraordinarios; e como não quero nada de arbitrario, por isso peço só o augmento de dez mil

réis. Conheço que não devo gastar muito, porém, não posso deixar de gastar o necessario, e, não occupando-me aqui senão com os estudos, não tenho até hoje vícios em que possa gastar, não preciso, nem quero mais do que seja sufficiente, para que possa concluir a minha formatura, o fim dos meus desejos, e em que fundo as minhas esperanças — se V. S. achar razoavel o que tenho dito (como espero), julgo não duvidará annuir ao meu pedido, porque persuado-me que se confia em mim, e faço esforços para que todas as pessoas que em mim depositão alguma confiança, não a julguem mal baseada.”

Solidão nas férias

Era isso em Novembro. O desterrado Bahiano passava férias em terras de São Paulo. Os collegas haviam emigrado a seus lares, e o joven Saraiva sentia na restricção de sua sociedade, a melancholia, a tristeza dos abandonados:

“Tenho passado sempre encommodado estas férias. He o tempo mais insipido de se estãr em São Paulo, e por isso desejo anciosamente o tempo das aulas, porque ordinariamente nossas relações são com os estudantes, e quasi todos com que entretenho relações tem hido para as suas provincias, ou para o Rio, e só ficão os “Bichos”, ou estudantes de preparatorios para fazer exames.”

Seu avô, aliás, o havia recommendado a pessoas importantes de São Paulo, ás quaes não era Saraiva muito assiduo em frequentar. Velhos aconselhadores, quiçá rabujentos, não faziam deleite a um moço acanhado:

“Eu poucas vezes tenho visitado as pessoas a quem vim recommendado, por me faltar tempo, e agora hei de ir visitar hum destes dias ao sr. Floriano de Toledo, porque me trata summamente bem quando lhe vou visitar, assim como todos os mais.” (Carta de 29 de Março de 1842).

Em principios de Novembro passava ao 2º anno, sendo aprovado plenamente nas materias do primeiro, conforme

a certidão que enviou para a Bahia. Andou a cousa com rigor nesse anno de 1842:

“Houverão no meu anno quatro reprovações, e cinco collegas mais deixarão de fazer o acto, temendo a mesma sorte, de sorte que havendo dezenove rapazes no primeiro, só temos 10 presentemente no segundo. Havia na terrivel banca que nos examinou, um lente que, apesar de nos ter leccionado por algum tempo, e poder formar um juízo sôbre a capacidade dos rapazes, disse positivamente que se regularia só pelo acto. Por isso, não deixei de hir para o exame com bastante medo de levar um “R” se me espichasse, porém, tendo a felicidade de não perturbar-me, fiz muito bom exame, e o lente, querendo tornar-se justiceiro desta maneira, commetteu este anno injustiças, não pôde lançar seu “R” em muitos, e com effeito ainda que se tenha estudado, e saiba-se bem as materias, pôde fazer-se mau acto, e este não pôde mostrar a capacidade ou incapacidade.” (Carta de 20 de Novembro de 1842).

Injustiças e empenhos

Fortes motivos tinha Saraiva de temer injustiças, pois dellas havia sido víctima nos seus exames de preparatorios:

“De Geometria fiz muito bom exame, assim como de Geographia e História, apesar de me darem simpliciter, neste último (do que não me importa), porém, estou certo de que fiz melhor exame do que os meus collegas que obtiveram plenamente neste exame, por serem empenhados por este ou aquelle: como isso nada vale, pouco me importa.” (Carta de 15 de Março de 1842).

Em 1844 era novamente aprovado plenamente no 3º anno o joven Saraiva, como certifica a Secretaria da escola. em papel que elle enviou ao brigadeiro Garcez, por inter-medio do sr. Tristão da Cunha Meneses, filho do visconde do Rio Vermelho, que voltava á Bahia com uma reprovação por bagagem.

Exames e reprovações

Era grande o rigôr das provas academicas em São Paulo. Os estudantes respiravam ares de susto e mêdo, os "R. R." andavam vôando sobre as cabeças esquentadas de vigílias.

Em carta de 5 de Novembro de 1845, diz Saraiva, a fallar de seu primo José de Bittencourt:

"V. Ex. deve saber que em Olinda ha muita indulgencia para com os estudantes, e que São Paulo distingue-se por seu rigôr, que abranda-se muito com a intervenção dos ministros ou do Tobias, o potentado da terra... Aqui este anno 14 ou 15 rapazes deixam de fazer actos por estarem com certeza de sahirem reprovados nos diversos annos; no meu anno, cinco forão notificados por pessoas de suas amizades que saião reprovados, e dous que afrontarão o aviso, perderam o anno, sahindo reprovados, e outros passam-se para Olinda; outrotanto se dá nos diversos annos."

Nessa carta Saraiva, ao enviar a certidão de ter sido aprovado plenamente, diz:

"A certidão que V. Ex. achará inclusa provará que apesar da tormenta que ameaçou devéras todos os meus collegas, eu tive a fortuna de obter o ultimo grau de approvação (aqui só ha dous), e foi fortuna, porque collegas meus de grande habili-dade, estudantes que nunca forão de dúvida a respeito de sua approvação, levarão "R". Eu tanto mais me alegre em poder remetter a certidão de plenamente, quanto a minha certidão de "simpliciter" (se assim fôsse) faria talvez julgarem-me estudante vadio ou mau, porque ordinariamente se fórma a respeito do estudante um juizo segundo as suas approvações e esse calculo falha muitas vezes."

Molestias

O Bahiano de terras quentes soffria de frio nas alturas da Paulicéa, conforme communica em 25 de Julho de 1842:

"Eu me acho bom, mas tenho sempre padecido durante este inverno com defluxo por causa do frio."

Esses defluxos do primeiro anno eram signal dos soffrimentos que nos seguintes lhe havia de inflingir o clima de São Paulo. Já em Novembro dêsse mesmo anno (carta de 20), Saraiva accusava:

"Eu tenho passado ha 15 dias summamente incommodado com febres, dôres de cabeça, porém, já me acho restabelecido, e só estou magro, mas isso não incommoda."

Em 1845 (carta de 2 de Fevereiro), voltavam-lhe molestias:

"Eu ha hum mez acho-me de cama e ainda agora não posso sahir á rua, porque no fim de tudo sahi-me uma multidão de leicenças, que estou quasi entrevado. Tenho estado durante estas férias encerrado em casa, e passando uma vida de martyrio por causa de molestias que tenho soffrido; e que ainda mesmo que não fôsem importantes, tornar-se-ão por causa de minha posição aqui: um estudante obrigado a tratar-se mesmo, sem ter uma pessoa que lhe cuide, atacado de febres, e estas accompanhadas de outras molestias, deve dar graças a Deus, se ficar bom. Eu não tenho esperanças de ficar perfeitamente bom aqui, porque me é impossivel ter um tratamento completo, e a prova disto está em que eu nunca passo quatro, cinco mezes, sem ter o meu incomodosinho, só tenho medo de ter uma molestia grave, que me faça perder o anno; por isso, por precaução, não dou faltas, senão por doente; ancio por acabar o meu curso, a ver se posso sahir dessa cidade, onde não me tenho dado bem, excepto no primeiro anno em que cheguei."

Ainda em Março dêsse anno (carta de 29), chegam ao brigadeiro Garcez novos gemidos: são do pobre estudante doente, enfermeiro de si mesmo, a queixar-se de novos males de saude:

"Eu tenho soffrido muito estas férias e ha 15 dias acabei-me de curar de uma inflamação de

intestinos, molestia que já tinha soffrido em 1839 e que ameaçou-me muito de perto a vida, porém, graças a Deus, me acho quasi restabelecido para dar principio no dia 5 do mez seguinte a meus trabalhos academicos, os quaes demorarão-se muito este anno, em razão de seguirem-se immediatamente as férias, as outras férias da semana santa e os feriados que tem tido lugar, em razão dos grandes acontecimentos, que se têm reproduzido este anno, como o nascimento do Principe Imperial, e a pacificação da provincia do Rio Grande, que, tendo sido aqui assás festejada, não só pelo governo, como pelos habitantes de todas as classes desta capital, em que será em todas as provincias do Imperio, pois com elle parece firmada a integridade do Brasil, além de prometter-nos a fuga da bancarrota que nos ameaçava."

O futuro estadista já experimenta as azas nesse apreciar seguro dos factos políticos da época; o estudante lança além de seu horizonte de escola e de seu destino de homem um olhar aos destinos da patria, a que tanto haveria de servir. O severo amigo da ordem já estava ahi mettido nesse casulo de moço imberbe e doente:

"Oxalá que eu, acabando a minha vida academica, veja acabada por uma vez as revoluções e desordens! Porque com ellas só podem lucrar os ambiciosos, que, para saciarem sua ambição, não recuam deante de meio algum, que os possa satisfazer; eu as execró. V. Ex. sabe que motivos pessoais talvez me impelisses a pensar assim, se os factos que fallão muito alto, não tivessem no curto espaço de quatro annos, que tenho podido ouvir, e pensar a respeito de negocios do meu paiz, enraizado em mim essa profunda convicção."

Mas, como elle se enganava relativamente a seu futuro, nesse vaticinio que se fazia e nessa opinião que de si expendia?

"Sem as qualidades que podem despertar no homem a ambição politica, eu não desejo senão o obscuro logar de advogado ou magistrado, onde, cumprindo com meus deveres, possa ser util a

meus irmãos, e garantir da miseria o meu futuro, e tenho a mais firme convicção de que V. Ex. concorrerá para que eu possa alcançar esse desejo, expressão fiel dos meus sentimentos.”

Ainda o arremate dessa carta de 29 de Março de 1845 é um suspiro de convalescente, um gemido de enfermo mal curado, algumas lagrimas de solitario saudoso:

“Nunca passei um tempo tão triste, e tão mal, como as férias este anno, e se V. Ex. conhecêsse o que é em São Paulo um estudante doente, por certo bastaria dizer-lhe que estive de cama quasi dous mezes, para saber que passei uma vida de martyrio. Tive desejos de sahir estas férias para advogar em alguns logares no Jury, porém, não me era possível, em razão das despesas que devia fazer, ainda que ao depois pudesse lucrar alguma cousa; assim, terei de passar ainda umas férias muito mal, porque o tempo das férias é, com effeito, em São Paulo, uma estação abominavel em tudo, e me resigno a isso, certo de que serão as ultimas que talvez passo como estudante, porque se acho mau este tempo, é para o estudante, e não para o homem em outra qualquer posição.”

Festa do Espirito Sancto — Cavalhada Rio-Grandense

Já em Maio (carta de 13), abertas as aulas, melhorara, com a convivencia de collegas e com os trabalhos da eschola, de suas tristezas, o pallido rapaz amaleitado. Quebrava agora as preocupações de sua mocidade triste, abria um sorriso na gravidade taciturna de seu natural, a animação das festas de aldeia da Paulicéa, fria, pequena e despovoada daquelles tempos:

“Nesta cidade hoje reina o maior alvôroço com as festas do Espirito Santo, que são esplendidas, e com as proclamações feitas por bando de mascarados, annunciando tres dias de cavalhadas ainda pela Pacificação do Rio Grande, que tem sido aqui muito festejada por todas as classes, e os que vão correr quasi todos são estudantes Riograndenses muito bons cavalleiros, os quaes já derão um grande baile, e uma representação theatral, além de outro

grande baile dado pelo corpo academico, em que forão socios; esse enthusiasmo certamente he digno de elogios, e filho do desejo que tinham de vêr terminada uma guerra que lhes causou tantos infortúnios."

Em 1846, alguns mezes depois, se haveria de agitar a cidade em novas e grandes festividades.

Viagem do imperador

"Até o dia 10 do mez seguinte (carta de 28 de Janeiro de 1846), esperão-se nesta Capital S. S. M. M. Imperiaes que até o dia 2 ou 3 devem estar em Santos, de volta de Santa Catharina, onde devião tocar no seu regresso do Rio Grande do Sul. Preparão-se (como era de esperar) grandes festas para a sua augusta recepção, e posto que muita opposição se tivesse manifestado contra o presidente, mesmo do partido que actualmente domina, por ter elle gasto já perto de 300 contos de réis pelo motivo da visita do Imperador, essa opposição vae desaparecendo á proporção do enthusiasmo que requinta com a proximidade da visita dos augustos conjuges. As subscripções, até agora limitadas, e que fizerão com que o presidente despendesse muito dos cofres publicos, vão se multiplicando, e só as assignaturas do partido Saquarema chegam a uns poucos de contos de réis, e estou certo que no sul do Imperio, todos veem com prazer a vinda do Imperador, mau grado as vociferações de alguns periodicos do Norte, que muita impressão tem produzido por aqui, pelos seus principios republicands manifestados com termos indecentes e injuriosos ao Imperador."

Em carta de 4 de Março, narra:

"O Imperador e sua Senhora achão-se nesta cidade desde o dia 26 do mez passado, e foram recebidos muito bem nesta capital, que reuniu em si o povo de todos os logares circumvizinhos. Tem já visitado todas as preciosidades que aqui existem, e ante-hontem foi visitar a Academia, onde tivemos

a honra de vel-o e apreciar-o de perto. He affavel com todos, dirige-se a qualquer, faz-lhe perguntas e procura informar-se das menores particularidades. Tem andado a pé como simples cidadão, só acompanhado daquellas pessoas que o querem acompanhar sem apparato nenhum; enfim, desapareceu a distancia que na Côrte o separa do povo (9) e isto sem a menor québra de sua dignidade, pois que sua circumspecção, suas bellas maneiras fazem com que todos o estimem e respeitem. O enthusiasmo tem sido grande, e elle está muito contente, e diz sentir ter estado muito tempo no Rio Grande, por não se poder demorar mais, porquanto tem de estar no Rio antes da abertura das Camaras. He moço, muito vivo, e segundo dizem todos, tem instrucção superior á sua idade. No dia 20 vae visitar Sorocaba, a fabrica de ferro de Ipanema, e outros logares da provincia."

Quanta originalidade nesse retrato do imperante rapaz pelo academico, seu futuro amigo e conselheiro?

Porventura, relanceando o olhar pelos alumnos em fórma, extendidos pelos corredores da Academia, teria o imperador notado aquella phisionomia rosada, de olhos claros como elle, e cuja alma o haveria de prender tanto, cujo character sempre affagou, e de cuja fortuna politica foi o timoneiro constante e cuidadoso. Porventura a Saraiva dirigiu então a vóz roufenha e feminina.

Que influencia teria no ánimo de Saraiva esse primeiro encontro, quando "apreciou de perto" o principe de 21 annos?

Quantas consequencias na história politica do paiz não trouxe e carregou esse momento, em que acaso uma sympathia germinou para os grandes fructos de uma posterior collaboração de 40 annos?

Estudando, e já no quarto anno, encaminhava Saraiva seus passos e suas vistas para o futuro proximo. Era seu desejo dedicar-se á advocacia ou á magistratura, ainda que, a esta, preferisse aquella carreira.

(9) Ernesto Mattoso, no seu interessante livro *Coisas do meu tempo*, tambem nota essa differença entre o imperador excursionista e o imperador da Côrte (Vide o que diz á pag. 77.)

Em 29 de Julho de 1845, escreveu:

Projectos de advocacia

"Quero ver se em Outubro principio a praticar com algum advogado, nesta cidade, afim de que não saia daqui sem saber nada de pratica, pois que na Academia ao menos pratica não se ensina cousa alguma."

Sôbre o mesmo assumpto, são ainda estas palavras suas, em 30 de Dezembro dêsse mesmo anno de 1845:

"Acho muito justa a reflexão que V. Ex. faz a respeito de dever eu estudar antes materias civis do que criminaes, porém, se V. Ex. tivesse alguma pratica academica paulistana convencer-se-hia que é muito difficil, senão impossivel sahir-se desta Academia com conhecimentos praticos, pois só podemos levar daqui os principios geraes de Direito Civil, para que com muito trabalho possamos ir depois arranjando-nos ou na magistratura ou na advocacia; esta convicção firmou-se ainda mais em mim, porque, fallando ao dr. Pacheco (10) para praticar com elle (pois actualmente é um dos que mais advogão nesta cidade), disse-me esse que muito pouco havia que fazer, e que pouco lucraria com essa aprendizagem, e com effeito o fôro daqui, além de pequeno é exercido por tantos advogados, que pouco toca a cada hum delles; não obstante, hei de vêr se com o Pacheco irei aprendendo alguma cousa. Ha pouco inculcou-me elle para ser chamado para a defesa de huma causa criminal na Villa de Mogy das Cruzes, a 10 legoas desta cidade, e apesar de pouco interesse me deixar a causa, pois era de hum homem pobre e os gastos da viagem absorvem o lucro, fui defender a hum sujeito accusado por tentativa de morte, e tive a felicidade de fazer o meu debate, ganhando a causa, apesar de empregar o promotor todos os meios para obter a condem-

(10) Sogro do conselheiro Ferreira Vianna.

nação, por ser protegido por Saquaremas, ou por julgar ser protegido, visto ter o dr. Pacheco mandado uma pessoa defendel-o. Aqui na cidade apparecem causas criminaes para as defender gratis e eu as deixo a muitos que melhor do que eu as podem fazer, e quando apparecem algumas pagas são para os advogados grandes da terra. Assim, nada ou quasi nada poderei fazer como estudante, e mesmo (?), no meu anno de pratica, hâvemos de ver se posso completamente habilitar-me para ganhar a vida em qualquer dos dous ramos que se offerecem por meio da carta — magistratura ou advocacia."

Tão animadora victória na sua estréa não deixou embriagado o novel advogado. Elle não perde nunca aquelle equilibrio calmo de seu bôo senso; encara a vida, a grande lucta que se approxima, com severidade e receio, mas sem desânimo.

Apprehensões

A's vezes, porém, como que as reflexões sôbre o futuro o desalentam:

"Eu vou agora descobrindo a realidade da vida, parece-me assás espinhosa. Entrar no mundo para se fazer um futuro é uma das épochas mais criticas da vida de um homem. He necessario um braço forte que dirija por tanto tempo quanto baste para que ache recursos em si mesmo." (Carta de 31 de Maio de 1846).

Approximava-se a época de sua formatura e essas cogitações não lhe deixavam tempo para outros pensamentos. Em carta de 26 de Setembro de 1846, responde ao avô:

Estada no Rio — Temores pela falta de prática — Excesso de bachareis na Bahia e em toda parte

"Fico certo do que V. Ex. me diz relativamente á minha estada no Rio de Janeiro e como V. Ex. consente que eu ao chegar a Côrte veja se posso

aproveitar alli com minha estada, eu não devo já decidir se ficarei, ou não, porém, posso assegurar-lhe que sempre tive desejos de voltar á minha provincia, occupando ou tendo conquistado uma posição decente, e como isso não poderei fazer e V. Ex. sabe que tenho irmãos, e que estes de uma hora para outra podem precisar de minha protecção por mais fraca que ella seja, ao menos quereria hir habilitado para praticar, e é isso o que póde offerecer-me minha estada no Rio de Janeiro, pois eu nada sei de pratica, e tenho vergonha de apresentar-me nesse estado no lugar onde devo viver. Apesar desse meu desejo eu verei se me é possivel fazer isso, e se não fôr aproveitar-me-hei da ordem de V. Ex. e regressarei logo á minha provincia. Noto que V. Ex. está convencido de que um bacharel nada póde fazer na Bahia, pela quantidade que delles ahi existem; essa quantidade existe em quasi todos os pontos mais civilizados do Imperio, e espero que V. Ex. creia firmemente que se fôr estabelecer-me em minha provincia, meu unico fim é estudar a morrer para adquirir uma reputação na advocacia, se não poder obter um logar na magistratura, donde possa tirar o necessario para a minha subsistencia, e que por conseguinte, em logar de engrossar o batalhão dos bachareis, eu augmentarei o dos advogados que procurão ganhar a vida nessa profissão."

Em fins de Outubro de 1846 estava formado Saraiva e partia para o Rio, onde encontrou seu ermão Antonio. Ahi aguardava o "seu despacho" e as ordens do avô sôbre a sua nova vida. Hospedou-se no "Hotel de Italia", por setenta mil réis mensaes, por casa e comida simplesmente (Carta de 4 de Novembro de 1846).

No anno seguinte, em 1847, estava o nôvo bacharel na Bahia. Dava os primeiros passos na advocacia:

"A respeito de advocacia vamos remando, como se costuma dizer, e é mistér sujeitarmo-nos á engraçada opinião de muita gente, de que o moço deve necessariamente saber menos do que o velho. Apesar disso incumbio-me a Camara Municipal desta cidade de huma cáusa sua de huma nunciação de

obra nova, que lhe move uma viuva no campo de São Pedro: vou principiar nella por estes dous dias." (Carta de 1847, sem data.)

Não promettia muito a advocacia de um nôvo, apenas estreante, sem clientela, nem fama. Que valiam a elle prognosticos de futuro longinquo quando por si e seus ermãos precisava sem detença de fazer renda e ganhar posição?

A sub-delegacia da Sé era uma honraria sem proveito. Por isso, Saraiva farejava pelas secretarias, colhia no mexerico burocratico noticia d'alguma vaga na magistratura.

Poz suas vistas, certo dia, sôbre a promotoria de Valença.

Promotoria de Valença

Em 12 de Janeiro de 1848 escreve:

"Esperei que o Moura (11) me nomeasse para o logar de Valença, não só porque as informações que lhe foram dadas muito me abonarão, como porque até lhe ser entregue a minha carta não havia outro candidato a semelhante emprego, porque só eu sabia até então da nomeação do Dr. Vasconcellos para administrador da Mesa de Rendas, nomeação que o Casimiro não tinha até então apresentado ao Governo, afim de poder eu arranjar-me com o Moura para ser nomeado promotor antes de ella ser conhecida. Mas nesse interim sabe-se, e um sr. Pimentel, do Correio, vae ao Moura, e pede-lhe o logar para si ou por seus amigos para um moço formado em Novembro do anno passado. Esse moço apresentando-se só poderia obter emprego, mas com outro qualquer que tivesse um pouco de merito, não o alcançaria a não ser na actualidade, e com um Presidente que se mostra tão facil, e tão atilado na escolha daquelles que devem occupar os empregos publicos.

Esteu certo que qualquer dia destes lhe man-

(11) Desembargador João José de Moura Magalhães. Foi presidente da Provincia, de 21 de Setembro de 1847 a 14 de Abril de 1848. Deputado geral de 1838 a 1842, de 1848 a 1850, anno em que falleceu, substituído na Camara Geral por José Ferreira Sanctos.

dará dizer que a carta chegou tarde, e que assim não fosse com muito gosto o teria servido.

O Moura só serve para si. Falla-se na substituição d'elle pelo Ramiro (12), assim como na demissão do Teixeira, presidente de Sergipe. — Essas noticias adquirem mais credilidade, porque o José Carlos (13), despeitado por ter perdido nesta provincia a elleição do irmão e na de Sergipe a do dr. Jorge Rebello, está de accôrdo com as vistas do Ministerio, que quer nomear o Ramiro.

Julga-se que o Gabinete se não poderá sustentar mais por causa da questão da senatoria por São Paulo. O Imperador quer nomear o Manuel da Fonseca, e o Vergueiro demitte-se em tal caso. Para favorecer a escolha do genro do Vergueiro, querião arredar o Caxias do Paço, demittindo-o do commando das armas, mas o Imperador não quer subscrever o decreto de demissão. Espera-se grande mudança na politica em presença das Camaras, e já se fala em dissolução. Estas noticias me forão communicadas por um amigo que está a par de todos os negocios, pois tem entrada no Paço. He o dr. José Caetano de Andrade Pinto, filho do gentil homem José Caetano."

Ao mesmo passo, porém, que procurava um logar na magistratura, não exquecia Saraiva a política.

Primeira eleição

Nessa época havia eleições para a Assembléa Provincial. Sem contar com victoria, siquer com muitos votos, se

(12) Francisco Ramiro de Assis Coêlho, ministro da justiça e interino do imperio, na regencia de Pedro de Araujo Lima, no gabinete de 1º de Setembro de 1839. Foi magistrado e representante da Bahia, na Camara dos Deputados de 1838 a 1847.

(13) José Carlos Pereira de Almeida Torres, visconde de Macahé, senador e conselheiro de Estado. Ministro do imperio em 1844. gabinete de 2 de Fevereiro. Ministro do imperio e interino da justiça no gabinete de 26 de Maio de 1845. Presidente do conselho e ministro do imperio no gabinete de 8 de Março de 1848. Falleceu em 25 de Abril de 1850. Na data desta carta, José Carlos não fazia parte do govêrno, só entrando para o ministerio, que organizou, a 8 de Março.

apresentou. Pelo menos lucraria tornar mais conhecidos os seus appellidos.

Nessa mesma carta de 12 de Janeiro de 1848, em P. S. communicava Saraiva o resultado dessa eleição:

“Estou com 571 votos — apuração de 26 collegios. Occupo o quarto logar de supplente, com differença de 13 votos do ultimo votado.”

Est'outra carta, de 27 de Janeiro, ainda se refere a esse mesmo assumpto:

“Li a carta do Moura, e duvidando da infallibilidade provincial em taes materias, digo simplesmente que o despachado soube da vaga de Valença na segunda-feira á tarde e sua carta foi entregue nesse mesmo dia ás duas horas, o que indica que o protector do outro, o serviu bem nas eleições e pois é justo que elle seja agradecido, sendo que a gratidão é uma das mais bellas virtudes do homem. A respeito da candidatura provincial ando lá em decimo ou undecimo supplente. Na Chapada não tive votação nem em outro algum collegio de Geremoabo para cima. Não era possivel conservar-me em cima com tabocadas tão furiosas, como as de Jacobina, Nova Chapada, etc., etc.”

Insatisfeito em sua aspiração á promotoria de Valença, desanimado com o fracasso de sua eleição para a Assembléa

(14) Pereira da Silva dá-nos conta desta questão nas suas *Memorias do meu tempo*, pag. 159:

“Fina-se, no entanto, o visconde de São Leopoldo, senador pela Provincia de São Paulo, auctor de uma história estimada na Provincia do Rio Grande e presidente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, que se installara na capital do imperio, no anno de 1838.

Corria o mez de Janeiro de 1848, era presidente de São Paulo o general Manuel da Fonseca Lima, que se apresentou candidato e solicitou os votos dos eleitores. Raphael Tobias, porém, chefe provincial do partido liberal, recusou-se a adoptar sua candidatura, e organizou uma lista de seis nomes, na qual exigiu que seus amigos concentrassem suffragios.

Exigiu Vergueiro se exonerasse o presidente para que a eleição se procedesse livremente. Alves Branco não lhe acquiesceu aos de-

Provincial, o joven postulante lançou vistas a outros horizontes:

Novos esforços — Resolução e perseverança

“Sabendo que talvez houvesse umas vagas de Juiz Municipal e Orphãos e não podendo communicar-lhe para escrever ao José Garcez (15), avisando-o, porque o vapor do Norte chegou hontem, eu tomei a resolução de escrever-lhe informando-o do que havia afim de elle saber o que devia fazer. Não sei se fiz bem em assim proceder, porém tocando-me muito tal negocio, entendi que não havia nisso leviandade da minha parte. Emfim, tanto hei de fazer, que hei de ser despachado, embora me indifirão antes disso com mil requerimentos. Quando assim mesmo não obtiver nada, então irei viver de advogado em algum canto, onde todo o meu futuro se limite a adquirir algumas dezenas de contos de réis, porque resolvido me acho a não praticar um acto qualquer menos digno para obter despacho.”
(Na mesma carta de 27 de Janeiro de 1848.)

Na ansia de obter o seu despacho, o bacharel em disponibilidade tinha os olhos fitos nos homens e nos acontecimentos políticos.

A instabilidade das situações, as mutações ministeriaes, tudo haveria de prejudicar seus passos, muita vez comprometter as suas pretensões:

sejos. Demittiu-se Vergueiro do cargo de ministro da justiça e retirou-se para São Paulo.

No intuito de desmoralizar a influencia de Tobias, concorreram os conservadores de São Paulo para o triumpho do presidente, posto que igualmente seu adversario politico.

Resultou do pleito eleitoral que Raphael Tobias, seu companheiro de lida, Francisco Antonio de Sousa Queiroz e Manuel da Fonseca Lima, compuzessem a lista triplice sobre a qual devia recahir a escolha da corôa.

Entendeu o imperador preferir aos dois candidatos, Raphael Tobias e Manuel da Fonseca Lima, o terceiro votado, Sousa Queiroz.

Divisou Manuel Alves Branco (presidente do conselho) que empallidecera sua estrella e faltava-lhe a confiança de sua magestade. Solicitou, no dia 6 de Março, a demissão do ministerio que presidia.

(15) Ermão do brigadeiro Henrique Garcez.

"Recebi as cartas para o Rio de Janeiro, e pelo primeiro vapor seguirão conjunctamente com os documentos exigidos para o arranjo do meu negocio.

Noticias do Norte e Sul nenhuma ha. O Imperador conserva-se em suas peregrinações pela Parahiba, e isso deve produzir a cessação dos manejos, e intrigas politicas, por emquanto. Em Pernambuco exaltaram-se um pouco os espiritos com o julgamento do Borges da Fonseca, porém o celeberrimo Chichorro, com seus guardas policiaes, e seus fieis delegados, fez evacuar as galerias do Tribunal á ponta de baionetas, e mandou lavrar segunda sentença de cinco annos de prisão para o pobre redactor do Nazareno, que promette e jura de invocar na ilha de Fernando a vingança de Deus contra a Hydra do Norte, porque os seus queixumes vão quebrar-se nas abobadas do palacio de São Christovão.

"Os periodicos dessa Provincia do credo opposicionista ostentão uma linguagem virulenta contra a actualidade e desesperão de encontrar remedio nos meios ordinarios. Dahi esse boato de revolução, que se tem espalhado, e que vim achar na Bahia, reproduzido por alguém que desconhece inteiramente o estado de indifferença politica a que se acha reduzida esta Provincia." (Carta de 27 de Fevereiro de 1848.)

Em carta de 14 de Março não havia grandes novidades a contar:

"Foi convidado o José Carlos para a pasta do imperio e o Limpo para a da justiça, sendo que o "Jornal do Commercio" de 27 diz que parecia não ter este ultimo acceitado a pasta que se lhe offercera por ter regressado para a sua fazenda, depois da entrevista com o Imperador. (16) Eu remetti os papeis e a carta para o Rio de Janeiro. Vejamos se alguma cousa se poderá obter."

(16) Refere-se aqui Saraiva á organização do gabinete Macahé — 8 de Março de 1848. Limpo entrara para a pasta de estrangeiros e não para a justiça, como mal informado affirma Saraiva. Para esta pasta entrara Pimenta Bueno.

As novas transmittidas a 23 de Março informam de certos transtornos por essas mutações trazidas a seu negocio:

"Sahi como previa o Candido Baptista (17) e por conseguinte, está sem resultado o negocio que commettemos a seu sobrinho. A pessoa por quem eu enviei a carta ainda não a tinha entregue até o dia 14 do corrente, e pois nada se fez, e muito menos se poderá fazer agora. Não se sabe a que côr politica se dará o Ministerio, porém é de crer que continue no mesmo, porém com alguma modificação no emprego do pessoal para os cargos publicos. Se eu podesse hir ao Rio antes da abertura das Camaras, obteria algum despacho menos máo por aqui, ou bom para outro qualquer logar, na Provincia do Rio. Sem este creio que será mui tardio, e difficil o meu despacho."

Sôbre essa mudança ainda adeanta Saraiva:

"A abertura da Camara devia esclarecer tudo, e indicar a marcha que devião seguir os Ministros, que se não se combinarem com a Camara terão de retirar-se, ou a dissolver, o que não consente uma Augusta personagem, que dizem se recusou por isso a admittir no Ministerio o Paulino (18), como havia lembrado o Limpo."

Em Abril, mais positivas esperanças, promessas mais firmes, objectivando logares determinados, animavam o pretendente, já cansado de tantas *démarches* infructiferas.

Promotoria de Jacobina

"Vou consultar-vos como pessoa de mais criterio que eu, se devo acceitar a promotoria de Jacobina. O Moura prometteu nomear-me para ella, quando chegou a participação official da morte do dr. Simoens. Dizem-me que a advocacia alli é al-

(17) Candidato Baptista de Oliveira, ministro da marinha no gabinete Alves Branco, antecessor do gabinete Macahé. Refere-se Saraiva á saída de Candido Baptista, pela demissão do gabinete Alves Branco.

(18) Visconde do Uruguai.

guma cousa lucrativa, e por outro lado é um ponto importante para se obter votação no centro. A' vista do que deliberei pedir, reservando-me o direito de demittir-me antes de lá ir, ou seguir para alli. O Martins (19) promette-me despacho, porém isso é cousa sempre incerta, e alli posso esperar eu logar bom, e por lá estar um anno ou dous até vir logar bom. Emfim, são estas as minhas vistas pedindo logar. Espero que me dê sua opinião, e seus conselhos, para vêr o que deliberarei. Eu quero sahir desse torpôr em que vivo, quero empregar-me, embora caminhe oito dias por terra ou por mar. E quem está empregado póde esperar cousa melhor." (Carta de 2 de Abril de 1848.)

Apesar de tantas promessas, ainda desta vez se não tinha aplainado de difficuldades o aspero caminho do joven neophito da vida pública:

Procedimento de Moura Magalhães

"A respeito de Jacobina, estou no firme proposito de obter o logar, porém não sei se agora o conseguirei. Vou contar essa historia para conhecer quem é o Moura. Fallando-lhe sôbre o logar de Jacobina, disse-me que estivesse certo que serei eu o nomeado, e consequentemente deu-me o Luiz Maria por nomeado a quantos lhe fazião perguntas a respeito. Entretanto, o desembargador Castro Mascarenhas começa um tiroteio terrivel contra o Moura, afim de elle nomear um cunhado seu, que segundo affirma o tal desembargador, está desarranjado em Jacobina. O dr. Barreiros. O meo Moura, acozado por estes e outros pedidos, começa a recuar, e hontem teve a sem cerimonia de declarar que sendo muitos os compromettimentos que lhe resultariam de tal nomeação, e mesmo não tendo chegado a parte official, tinha resolvido deixar isso á Vice-presidencia. Luctando com um desembargador como o Castro Mascarenhas, e outros meninos muito bonitinhos, e que sabem pedir, e obter o que querem,

(19) Visconde de São Lourenço.

devia, talvez, retirar minha pretensão, porém não o fiz, resolvido a perder o negocio, porém a trabalhar para o conseguir, embora tivesse de não seguir para Jacobina. Precedi ao Castro Mascarenhas em casa do Messias (20) e desse obtive palavra de nomear-me se fosse á Vice-presidencia, e claramente lhe declarei as difficuldades que havia, e elle repetiu-me que estivesse certo de ser eu o nomeado, se fosse elle o Governo. Entretanto, o Luiz Maria (21) diz-me que o Messias tomará a Presidencia. Asseverão-me que houve alteração na ordem dos supplentes, e que o barão de Cajaiba está primeiro substituto do Presidente, e o Fróes (22) segundo, e que o Pinheiro ou o Barão da Boa Vista será o Presidente nomeado (23). Se fôr verdade que o Barão é o primeiro substituto, estou fóra de combate, por que não sei a quem deva recorrer para empenhar-se nessa nomeação, e pois se V. Ex. souber de alguém que isso possa obter d'elle, rogo-lhe queira obter isso, pois eu não quero ser suplantado nesse negocio. Enfim, rogo-lhe, no caso de ser o Barão o Vice-presidente, de empenhar-se nessa nomeação, antes que o tal Luiz Castro o reboque. Para o Fróes não sei tambem quem será o melhor empenho. Tudo isso é precaução, porque creio que o Messias tomará a Vice-presidencia, e que a nomeação dos outros ainda não chegou.

.....
Estou deliberando entrar na vida, embora sendo ruim o primeiro logar, para vêr se ao depois melhorarei, e o Martins, como lhe disse, tem muitos arranjos a fazer, e o meo é por obsequio, por familia (24), por bondade e o de alguém é por "reconnaissance". (Carta de 10 de Abril de 1848.)

A 18 de Abril estava Messias, na presidencia:

(20) Conselheiro Manuel Messias de Leão, 1º vice-presidente da provincia, na época.

(21) Luis Maria Falcão Moniz Barreto, secretário do govêrno.

(22) Fróes.

(23) Nem Boa-Vista, nem Pinheiro (visconde de Monteserrate). Veio o presidente Gonçalves Martins (São Lourenço).

(24) Destas notas genealogicas, pôde ser apurado o parentesco

“O Messias por ora não cumprio o que prometteo e diz estar á espera da participação official. Veremos o resultado disso.”

A 27 de Abril cessava essa atmospheria de dúvida:

“O Messias resolveu a nomear-me sem participação official, e isso se realizará amanhã.”

Era Jacobina uma situação que lhe não convinha, um estagio provisório, em cuja permanencia mistér se fazia ficar o menos tempo possível. Por isso, pelo intermedio de um sobrinho do brigadeiro Garcez, de boas relações no Rio

do conselheiro José Antonio Saraiva com o visconde de São Lourenço.

Antonio Gonçalves Martins, fallecido em 1813, depois de sua mulher, casou-se com d. Josepha Maria de Sanct'Anna. Morreu em sua casa, na rua do Paço, na Bahia; era tenente e deixou, entre outros bens, o engenho Papagaio, onde nasceu São Lourenço, a fazenda do Poço em Itapicuru. Dêste casamento teve filhos:

1 — D. Joaquina Ignacia Perpétua Felicidade, avó do conselheiro Saraiva.

2 — D. Theresa de Jesus Maria, casada com Manuel Pacheco Rezende.

3 — D., religiosa no Convento da Soledade.

4 — D., casada com Antonio de Bittencourt Beringuer Cesar, ambos fallecidos em 1813.

5 — Antonio Gonçalves Martins, já fallecido em 1813.

Este Antonio Gonçalves Martins, filho do tenente Antonio Gonçalves Martins e de sua mulher, d. Josepha Maria de Sant'Anna, casou-se com d. e teve filhos:

1 — Raymundo Gonçalves Martins, magistrado e lavrador.

2 — Francisco Gonçalves Martins, depois o estadista visconde de São Lourenço.

3 — Antonio Gonçalves Martins, magistrado.

D. Joaquina Ignacia Perpétua Felicidade, casando-se, (em segundas nupcias) com Luis Manuel da Silva Mendes, teve, entre outros filhos, d. Maria da Silva Mendes, a qual, casando-se com José Antonio Saraiva, teve, entre outros filhos, o conselheiro José Antonio Saraiva.

A mãe de Saraiva e São Lourenço eram primos carnaes, sendo, pois, Saraiva primo em segundo grau de São Lourenço. Esta representação graphica melhor elucida o parentesco.

Antonio Gonçalves Martins e Josepha Maria de Sanct'Anna
Antonio Gonçalves Martins, D. Joaquina Ignacia Perpétua Felicidade
Visconde de São Lourenço

D. Maria da Silva Mendes
Conselheiro José Antonio Saraiva

de Janeiro, ajudado pelo Martins (futuro visconde de São Lourenço), tractava Saraiva de obter logar melhor na magistratura da Bahia:

“Hoje só me podem convir logares melhores que Jacobina, e melhores que Jacobina só podem ser os logares de Juizes Municipaes e Orphãos de primeira ordem. Dentre os que podem vagar, e para onde posso ser nomeado com brevidade são os seguintes: Cachoeira, cujo Juiz Municipal finda o quadriennio em Agosto; Inhambupe, cujo Juiz está muito mal e dão-se vulto aos desejos que alguem, ou alguns têm de o despedir dali; o da Feira, cujo Juiz (dizem) será nomeado Juiz de Direito. Outros me poderião convir, porém estão preenchidos.” (Carta de 27 de Abril de 1848.)

Nomeado

Ainda no dia seguinte, não foi lavrada a sua nomeação. Falta de formalidades burocraticas tinham-na mais uma vez adiado, para, afinal, só dias depois realizar-se. Estava Saraiva iniciado, era promotor público da comarca de Jacobina. Na primeira quinzena de Junho punha-se a caminho cançando o corpo joven nas longas jornadas do sertão, sobre o dorso dos burros de viagem. A 11 de Junho estava em Villa Velha:

“Cheguei bom no dia 6 do corrente... ainda longe não sei esquecer de V. Ex... esta carta é um protesto de que me recordo de quem uma vez estimei.”

Só a 22 dêste mez de Junho de 1848 é que Saraiva envia a seu avô a sua primeira carta de Jacobina.

Jacobina em 1848

“A Jacobina é uma villa no sertão com o luxo de uma cidade, e para dar-lhe uma idéa minima deste, basta dizer que já se fazem reuniões, onde se dança e se ouve cantar tambem. Não quero dizer que já se tenha por cá muito desenvolvimento nes-

sa sociabilidade que torna necessarias semelhantes reuniões, e só com isto quero mostrar que não está a muitos respeitos esta villa atraz de nossa cidade de Santo Amaro, e outros logares. Tivesse a villa um commercio florescente, e seria um oasis de civilização nos sertões desta Provincia."

Saraiva começava de se apegar ao logar. Novamente recommenda a seu avô que só sairia de Jacobina para:

"logares bons na beira mar ou porto de beira mar, por que seria para mim um inferno ter de supportar novas despesas para um logar ruim, e se para algum fosse nomeado teria de regeitar, e preferiria a Promotoria, e peço-lhe, á vista do que heidito, quando se por acaso eu fôr nomeado para algum logar faça com que se me não considere no logar para que fôr nomeado, e se nomeie outro para aqui, pois eu desejo escolher entre um e outro. Tenho bem susto que não me arranjem uma nomeação para algum logar qualquer de Juiz Municipal, afim de vagar esta Promotoria. Enfim, algum pretendente ao logar em que estou pôde bem tornar-se para mim um gratuito procurador, e felizmente não estou arrependido de para cá ter vindo."

Prosperava em finanças o promotor, e já pagava nesta data 200\$ que pedira de emprestimo ao avô. Estava bem de sociedade, que elle não imaginava tão boa. Gozava boa saude, e já engendrava negocios:

"Se não fosse saudades dahi, minha vida iria se passando sem grande incommodo. Si fico por cá mais de um anno, creio que começarei a negociar em gado tambem, se não virar boi completamente. Se nenhum resultado tirar de minha vinda aqui creio que della lucrarei muita saude, e mais robustez, se não tiver em desconto disso dentes pôdres, que as aguas por cá são muito frias, e muito boas para refrescos, e para banhos." (Carta de 22 de Junho de 1848.)

O severo proceder e a rectidão de sua indole fôram ganhando a Saraiva sympathias:

"Faço votos para não perder essas sympathias ou transformal-as em um outro sentimento mais

proficuo, e mais real. Abriu-se o jury, e foi ahi que pude adquirir alguma vantagem mais a respeito dessas sympathias referidas, — que se não passam de sympathias nenhum proveito me acarretarão, além da consciencia de não ser desestimado.”

No mez de Agosto dêsse anno de 1848 partiria para Monte-Alegre e Villa Nova:

“Depois disso é que poder-me-á dar alguma cousa a advocacia.”

As disposições de seu espirito affeito á adversidade, naturalmente modesto, desprendido, inambicioso, lhe não creavam hostilidades á terra que ia estimando cada vez mais:

“A terra é boa para se viver... pôde-se suppor aqui a vida, e sabendo quaes os meus principios a respeito da maneira de viver, deve comprehendere que me seria indifferente viver em Jacobina, ou na Capital, se eu aqui pudesse achar meios de illustrar-me, e se minhas circumstancias a respeito de meus irmãos não me restringissem a muitos respeitos a liberdade de que desejava gosar para poder fazer alguma fortuna nesta vida. Me é indifferente viver aqui, ou alli, porque aquillo que mais ambiciono neste mundo é ganhar a estima das pessoas com quem vivo, por um procedimento honesto e digno, e tenho tido a ventura de isso encontrar em todos os logares por onde tenho andado. He isso um defeito para muita gente. Serei algumas vezes considerado inepto para a actualidade, porém tenho consciencia de que procedendo em mira do socego de minha consciencia encontrarei em semelhante proceder meus verdadeiros interesses.” (Carta de 20 de Agosto de 1848.)

Em Dezembro, estava Saraiva na capital da Bahia. e dizia ao avô, em carta de 21 (1848):

Juiz Municipal de Jacobina

“Creio poder dizer que volto a Jacobina como Juiz Municipal, indo a Valença tomar posse por alguns dias.”

Afinal, foi nomeado Juiz Municipal e de Orphãos em Jacobina e a 14 de Janeiro de 1848 aprestava-se para a partida:

"Eu cheguei bem e aqui me acho a partir para Jacobina onde (me dizem) reina grande sêcca e o preço dos viveres tem augmentado consideravelmente; seja como fôr, o govêrno quer que eu parta, e é mistér sujeitar-me a isso. Chegou do Rio o Decreto do Ministro da Justiça, que reúne os districtos de Villa Nova e Villa Velha, e sou eu Juiz Municipal e Orphãos delles, assim como delegado de ambos. Isto augmenta a minha importancia alli, e os meus interesses pecuniarios, e creio que poderei fazer para mais de 2:400\$, se as circumstancias imprevistas não determinarem o contrario... Pernambuco não goza ainda de perfeita tranquillidade, porém os pontos sublevados da Provincia não contêm sinão grupos pequenos de desordeiros que correm, logo que avistam as forças legaes."

Ia marchar o nôvo juiz para a sua Jacobina, por entre sertões estorricados pela sêcca:

"Em verdade que a sêcca é extraordinaria, principalmente em Jacobina, onde a farinha vende-se já a 8\$ a quarta, mas pretendo fazer a viagem sem supportar muito o sol ardente, e com todas as cautellas necessarias." (Carta de 23 de Janeiro de 1849.)

A estiagem fez retardar a viagem e só nos fins dêsse mez de Janeiro de 1849 partiria elle por Cachoeira para as estradas queimadas. (Carta de 25 de Janeiro de 1849.)

A 18 de Fevereiro chegava de nôvo a Jacobina, já não promotor, mas juiz:

"A sêcca é extraordinaria... Já se pôde dizer que morrem pessoas de fome. Tive a infelicidade de ser nomeado, e vir em tal tempo. Cada vez me convenço de que tenho de soffrer muito, porque tudo conspira sempre contra mim. O que hei de fazer?" (Carta de Janeiro — 19-2-1849.)

Mal chegara, pede licença o juiz de direito, e elle se investe das suas funcções:

“de maneira que nenhum por estes seis mezes será o meu interesse pecuniario. E que tal a vida de Magistrado? Servir de graça ao Governo? Que remedio.” (Carta de 5 de Março de 1849.)

Corria o anno de 1848. Governava o paiz o ministerio Olinda (29 de Setembro), que não contava com as Camaras, em sua maioria hostis. Ao primeiro embate, foi annunciado o decreto adiando os trabalhos legislativos para 18 de Abril de 1849. Succedeu a lucta pernambucana, onde baqueou o lendario Nunes Machado.

Dada a victória do govêrno sôbre os rebeldes pernambucanos, foi a camara dissolvida pelo decreto de 19 de Fevereiro de 1849 e na dissolução envolvidas as assembléas provinciaes.

Ia todo o estado vibrar na grande azafama das eleições. Saraiva, que já fôra uma vez candidato mal votado, aprestava-se agora ao combate com fortes esperanças:

“Já tenho escripto duas depois que aqui cheguei. Hoje faço só para tratar de eleições.

Dissolvida a Camara, far-se-á por certo com a eleição geral a provincial. Em Santo Amaro, São Francisco, tem V. Ex. o privilegio exclusivo para me fazer ser votado ahi — pelos eleitores que em mim não quizeram votar por devoção. Apenas escreverei sobre eleições ao D. José, em São Francisco, e talvez ao Chaves, se vir que elle se póde escandalizar de lhe não escrever. Diga-me sôbre isso alguma cousa. A tarefa de V. Ex. nesta eleição é menor, por que não tem a Provincia toda por tarefa. Não quero que tenha o incommodo de pedir por mim para os logares seguintes, salvo se nelle tiver algum amigo a quem se queira dirigir. Comarca do rio São Francisco. Ahi conto com o Wanderley (25). Jacobina, commigo mesmo. Comarca de Caravelas — Ahi tenho dois amigos, que bem podem dar alguma votação. Comarca de Itapicuru — Já é ou-

tra cousa e é pois preciso dizer-lhe os dados que tenho nelle. Em Pombal, não tenho ninguem que me sirva para com o Cerqueira Dantas. Já servia muito se me fizesse ahi dar votação, tenho na Bahia o correspondente ou amigo desse homem, pois não o quero nem por meio do Ramos, nem pelos Barbosas, a quem não poderia servir! Sou muito honesto ainda em eleições. Itapicuru ainda não tenho a quem peça ao José Dantas, ahi me poderia servir muito. Jere-moabo, escrevo para obter uma carta do genro para o João Dantas. (26) Mandará entregar a inclusa ao Augusto Bahiano, que lhe remetterá uma para o João Dantas tambem, e terá o maior cuidado em ser ella entregue. Inhambupe. Tenho D'Utra, e o Mauricio (27) está pedindo por mim — falta-me interessar o Leal para a minha candidatura alli. He tarefa essa tambem de V. Ex., por meio do Almeida, ou por si. Já vê, pois, qual o meu trabalho. Tambem quero que concentre seus esforços na Purificação, que se entenda com o Franco a meu respeito, que peça as potencias d'alto. Eu hei de dar aqui votação ao Franco. Portanto, V. Ex. escreva a elle dizendo-lhe isso mesmo. Emfim, na Purificação terei 12 votos perdidos da vez passada. Na Feira quero que arranje-me recommendação boa para o Sampaio Pedreira do Camisão e para alguma potencia mais dalli e lembre ao Manuel Pedro que da vez passada tive lá cinco votos. Porto Seguro não tenho a quem peça. O Antonio Martins garantiu-me 14 votos alli. Não deixe de interessar por mim os eleitores de Saubara, e hei de ver por mim se o Pinto Lima me trata melhor desta vez. Escreva V. Ex. tambem a elle a respeito. Emfim, são para esses meos senhores que peço especialmente o seu apoio. E' desnecessario dizer que deve pedir para onde puder ter amigos, e vêr que não posso por mim obter. Bahia, por exemplo — todos os esforços se-

(26) João Dantas era tio paterno do conselheiro Manuel Dantas. O genro a que allude Saraiva era o dr. Fiel de Carvalho. A entrada do conselheiro Dantas e do dr. Fiel, ainda moços, na politica, determinou a scisão na familia Dantas, vindo Dantas a ser liberal e Fiel conservador.

(27) Mauricio de Sousa Dantas, irmão do conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas.

rão poucos para me livrar da tabocada que lá me aguarda. E a Cachoeira. Eu farei tudo pelo José de Góes (28), aqui por que me não esqueço de que ao dr. Innocencio devo a votação que obtive da vez passada em Cachoeira, e póde dizer ao Innocencio que se fôr candidato a Provincial não desejo que peça a outrem neste Collegio. Basta avisar-me que quero dar-lhe votação. Assim agradecer-lhe-á o favor que lhe pediu para mim, e elle sabendo de que lhe sou reconhecido fará por mim alguma cousa na Cachoeira." (Carta de 15 de Março de 1849.)

A sua animação cresce á proporção das fadigas da propaganda e das canceiras da cabala:

"Fico certo dos esforços que ha feito em favor da minha candidatura á Assembléa Provincial. Desta vez, creio que não perderei as estribeiras. No sertão serei bem aquinhoado, e no beira-mar muito confio em V. Ex., principalmente na terra em que me viu nascer, e que por esse só facto me não poderá nunca esquecer." (Carta de 18 de Janeiro de 1849.)

Entretanto, amigos o punham em posição embaraçosa com seus pedidos, a elle que devia lealdade e apoio ao governo, que o tinha em Jacobina como seu agente:

"Eu vou indo bem com os Jacobinenses. Todos confião em mim, consideram-me sobremaneira, e póde dizer-se que nella, digo em Jacobina, se desfructa actualmente o mais completo socego. Os partidos deixarão de hostilizar-se com rancor. A maioria da terra é unanime em apoiar os amigos do Governo. Eu muito hei concorrido para isso e o devia, e devo fazer. Assim comprehende V. Ex. que me não é possivel trahir o Governo, que tanto confia em mim, e entretanto a opposição me ha sido recommendada por amigos, que devião conhecer, e

(28) Dr. José de Góes Siqueira, irmão de Innocencio de Araujo Góes. Foi lente da Faculdade de Medicina e deputado.

se esquecem da minha situação! O dr. Góes terá nesta comarca brilhante votação, entrará no numero dos primeiros! Dou parabens á minha sorte por me não haver V. Ex. recommendado um dos homens, que não podem de maneira alguma aqui achar apoio. Como sustentarei o Governo; como servirei a meus amigos, dando o exemplo de interessar-me pela opposição? E' isso o que me é absolutamente impossivel. E' isso o que hoje não poderia fazer, quando mesmo fosse possivel resolver-me a tanto." (Carta de 18 de Junho de 1849.)

Terminada essa carta não quer fallar mais de eleições:

"porque tenho em Santo Amaro garantia de sobra."

E envia uma carta para o dr. Francisco Moreira, que havia de ser depois conde de Subahé. Seu baluarte era o prestigio do brigadeiro:

"Eu trabalho como posso por minha candidatura a Provincial, e estou certo que sahirei com o grande contingente que lhe hei de dever." (Carta de 6 de Agosto de 1849.)

A cabala exigia a fadiga de correspondencias continuas:

"Ainda não soceguei com as eleições, e não páro com os proprios de todos os lados." (Carta de 8 de Setembro de 1849.)

E as preocupações, e as providencias, e as lembranças e os pedidos eram de toda a hora:

"Estamos nas eleições e eu nessas bichas não me fio. Tenha a bondade de escrever para a Matta de São João! A ninguem tenho lá, se o Martins esqueceu-se de meu nome para alli, eu não sei a quantas anda o Governo por lá. Emfim nada digo, por que conheço, que V. Ex. eleitoralmente faz mais por mim do que eu mesmo. Seu candidato Gasparino — ha de ter boa votação. Quanto ao nosso Rio Vermelho, ou Navarro, como deixa á minha esco-

lha, dar-lhe-ei alguns votos, para que não diga elle que V. Ex. o taboqueou." (Carta de 12 de Novembro de 1849.)

Feriram-se afinal as eleições:

"Terminaram-se as eleições e da lista inclusa verá que seus candidatos obtiverão a primeira votação. Se houve falta em mim, proveio das sezões que me vierão quando ainda presidia o collegio, de maneira que retirei-me para casa. Não recebi carta do Martins a respeito de eleição provincial. Não sei a que attribuir semelhante silencio. (Carta de 12 de Janeiro de 1849.)

"...Os meos candidatos de affeição, e de recommendações a quem devia attenções, forão todos bem servidos, e por isso creio que me sahi bem da eleição, devendo estar contente o Governo pela exclusão completa da opposição. Alguns da chapa da tolerancia não tiverão votos, porém que tenham paciencia. Quando se apresenta chapa de 52 pede-se votos, pleitea-se nos collegios a candidatura, e não se abandona, como fizerão. A todos quantos entendi serem amigos do Martins dei votação, embora não tivessem recommendações no collegio. Fiz portanto muito. Não posso advinhar pensamentos." (Carta de 10 de Dezembro de 1849.)

Estava o pobre juiz municipal chefiando nos sertões sem instrucções que lhe attenuassem responsabilidades, sem "cartas do Martins", obrigado a fazer equilibrio no deflagrar de tantas fôrças, agindo ao mesmo tempo em sentidos diferentes e muita vez contrarios. Estaria porventura o Martins "mal satisfeito commigo"? (10 de Dezembro de 1849.)

Candidato tão bem amparado, ainda confiante, duvidava da victória:

"Sahirei desta vez, ou não?" (10 de Dezembro de 1849.)

Desánimo de doente transido de sezões:

"Estou muito fraco e triste porque assim o deve andar quem vive doente nestes sertões. Este

anno me tem corrido pessimamente. Creio que provém isso de ser anno eleitoral. Deus nos dê alguns annos sem eleições, que é uma verdadeira praga.” (Carta de 10 de Dezembro de 1849.)

Verdadeira praga! Viciadora de characteres como a taboa verde de um grande jogo!

Até a rijeza daquelle character de ferro sentia alguma moッサ:

“E eu, infelizmente, ou felizmente, vou me desconhecendo nellas (as eleições). Já não sou o antigo subdelegado da Sé, acanhado para pedir um voto. E’ o unico progresso que tenho feito no sertão.” (10 de Dezembro de 1849.)

Assim satisfeito de seu proceder, via Saraiva sua alegria reflectida:

“Destavez houve contentamento geral. Não houve um só eleitor que não ficasse satisfeito.” (10 de Dezembro de 1849.)

Chegara-lhe por fim o dia do triumpho; dessa feita, havia de entrar na Assembléa:

“Agradeço-lhe vivamente o que ha feito eleitoralmente por mim. A paga que terá é a que tem tido aquelle que se empenha no bem do outro. O meo reconhecimento é sempre o mesmo. Creio que serei o segundo votado, e que o Antonio Luiz ou o Pinto Lima irá para o terceiro logar. Não penso ficar com menos de 1.300 votos. E’ uma bõa votação. Eu a esperava, e se não fosse a má votação, que tive na Cachoeira, talvez passasse o Tiberio. (29) Seria isso uma ousadia, que foi castigada antes de apparecer.”

.....
 “Fui bem votado no Rio de São Francisco, e o serei no sul.” (Carta de 12 de Janeiro de 1850.)

(29) Alvaro Tiberio Moncorvo de Lima foi deputado geral e presidente da Bahia, em 1855, por occasião da grande epidemia da cholera-morbus.

Colhidos os louros, nascia-lhe ansia de repousar das luctas junto á familia:

“Eu não sei quando descerei e não o pretendo fazer antes de haverem terminado as febres. Tenho soffrido bastante. Fico comendo imbusada. Estou sertanejo, e o mais é, que vou o sendo em todos os sentidos.” (Carta de 12 de Janeiro de 1850.)

Character de Saraiva — A sua algidez

Estas cartas de José Antonio Saraiva não narram apenas os acontecimentos do comêço de sua vida; revelam ainda o character do homem. Não o character em formação, mas definitivo, perfeito, acabado, que haveria de morrer com o estadista. Em toda essa correspondencia surprehendem-se, vêem-se claras, destacadas, as linhas moraes que com o desenrolar das idades e dos successos haveriam de formar o contôrno de sua individualidade histórica.

Infancia sem carinho, vivendo cêdo o infortunio — cêdo crystallizou elle no vacuo affectivo da orphandade o seu molde petreo e frio. As luctas de seu pae com seus parentes; a perda de seus progenitores ainda na primeira infancia; a sensação dolorosa do abandono a aggravar, com a mutação de domicilios, uma tristeza precoce; a contrariedade ás suas ambições de adolescente; as surdas hostilidades num lar sem conforto moral — tudo isso faria de Saraiva, desde seus primeiros annos, esse austero que não sorri, esse triumphador que não goza, esse victorioso que se não deslumbra, esse vencido que se não lamenta, esse abatido que se não revolta.

No desconsono das grandes dores de sua infancia, no desalento de sua mocidade sem alegria, formaram-se-lhe aquelles attributos de frieza e de impassibilidade, de tenacidade sem enthusiasmo, de ambição sem impaciencia, de acção contínua sem paixão de successo, de calma imperturbavel sem inercia improductiva, — qualidades mestras de seu character.

Cêdo a acção das grandes forças psychicas actuaram sobre o seu eu moral ainda mal nascido; muito cêdo se fez homem; “primeiro lhe vieram os cuidados que as barbas”, como diria Latino Coelho. “Pertencia á forte familia dos que se fazem por si mesmos, dos que anceiam por deixar o estreito aconchego da casa e procuram abrigo no vasto deserto do mundo, em opposição aos que contraem na inti-

midade materna o instincto domestico predominante". (J. Nabuco — *Um Estadista do Imperio*, vol. 1º, pag. 6.)

Saraiva entrou na vida sem inspirações dêsse instincto domestico, sem nenhum de seus liames a lhe embaraçar os passos, antes, do lar desfeito, da protecção quasi humilhante de seus parentes, da situação de seus irmãos carentes de seu auxilio só lhe vinham ordens de avançar a todo exôrço. Não o tocou a influencia amollecedora da familia, na ternura dos apegos caseiros. Em suas cartas não ha uma saudade, não ha um desvêlo. Narra sem commentario; menciona sem sentir; communica sem se commover. Não tem confissões, não tem enthusiasmos, não tem expansões. Quando conta infortunios ou molestias, mostra as chagas mas não geme — é como se tivesse vergonha de soffrer. Quando suas letras dão conta de uma victória, não perde o estylo a seccura costumada, nem ao menos esboça um sorriso. Quando pede não agrada; — discute, raciocina, pesa a solicitação — mais na mira de justificar-se que de obter. A sua dedicação fraternal nasce mais de orgulho que de amor. O interesse pelos irmãos é assiduo, é desvelado, é constante, é vigilante, mas não é talvez carinhoso. E' sobretudo o cumprimento de um dever. Cuida de emancipa-los da protecção alheia, procura installa-los na vida, mais pelo que isso o exalta e contenta, do que pelo bem que lhes faz a elles. Sua tia, sua madrinha e sua bemfeitora, quasi sua mãe, merece-lhe apenas vagas referencias de vago querer. A gratidão a seu avô por affinidade é antes confissão de uma divida que elle contára numa avaliação que dera saldos, do que impulso do coração. (30)

Atirado, ainda, criança, á realidade dura da vida, trouxera de seu mergulho no infortunio essa frieza sentimental, que foi talvez o segredo de seu triumpho. Enrijou-se-lhe desde logo a fibra mais para a resistencia que para a acção, porque foi resistindo que começou a viver.

Nessas epistolas está su'alma — alma aberta aos accidentes da existencia, ávida de vencer, mas conformada em

(30) Aquei está uma confirmação dessa frieza affectiva de Saraiva: "...por isso digo que o nobre senador não é homem que conserve as amizades; foi para excluir o sr. Fernandes da Cunha, que fôra seu amigo..."

O sr. Saraiva — Meu amigo é mais o paiz do que o senher e todos. Não tracto de familia, nera de filhos, nem de arranjos.

O sr. Silveira Lobo — Elle gosta de camaradagem.

O sr. Saraiva — Hão de notar-me sempre este defeito".

(Do discurso de São Lourenço, no Senado, a 8 de Julho de 1867.)

ser vencida, ambiciosa mas desapegada, alma mecanica — de moldes calculados, contrapesos exactos, com valvulas de segurança contra paixões que nunca teve, incapaz do mal, justa na regra de sua inteireza, medida nos movimentos, cautelosa das consequencias.

E fôram esses mesmos os attributos Moraes que lhe assignalaram os contemporaneos de sua grande vida.

Joaquim Nabuco (*Um Estadista do Imperio*, vol. 3º, pagina 254), ao fazer o contraste entre seu pae e Saraiva nota neste: “não era sentimental”, “era um espirito livre”, capaz de, pelo bom exito de sua acção, “quebrar e até desconhecer” “essas cadeias, que afinal partem do coração e prendem ás idéas que se não tem mais, ás amizades que se romperam, aos partidos que se deixou”.

Dêste seu desapêgo, que pôde parecer ao analysta menos subtil certa selvageria do coração, mas que era fructo daquelles factos de sua infancia a actuarem sôbre uma indole já de sua natureza sceptica, ha exemplos frizantes.

No ministerio, ao afan dos correligionarios, aos pedidos dos proprios que o haviam ajudado a ligar seu nome á lei eleitoral directa, respondia com providencias contrárias, pondo o alvo de seu govêrno numa derrota que tinha como o prémio de sua campanha, prova real da excellencia da lei, sagração para todo o sempre de sua imparcialidade, de sua tolerancia, de sua isenção.

Quando depois, novamente no podêr, se convence um dia que se devia alheiar das posições, não consulta os interesses dos amigos, nem do partido, e vae surprehender a figuras eminentes dêste com a noticia do facto, já consummado e irremediavel. (31)

Na sua missão ao Prata é o pacifista que se não aquece ao fogo demagogico de Theophilo Ottoni; que não vibra, apesar das ultimas affrontas inglezas; que se não perturba nem se deixa carrear nos vortices daquella torrente bellicosa que alagava então, correndo para o Prata, todas as consciencias brasileiras.

Outro que não elle, alli, qualquer que fôsse, com as instrucções que tinha, desencadearia com o *ultimatum* a guerra immediata. Ao receber a nota de 24 de Maio de 1864, de

(31) O conselheiro Carneiro da Rocha, que foi ministro no gabinete Dantas, disse-nos, confirmando o nosso julgamento sôbre o character de Saraiva, ter sabido da retirada dêste em 1885, em plena rua do Ouvidor, por um deputado conservador, sendo grande a sua surpresa.

d. Juan José Herrera, onde a accusação a brasileiros, pelo ministro uruguaio, se fazia com a vehemencia caustica de uma linguagem audaz, outro, qualquer dos nossos diplomatas, ter-se-ia lançado ao desfôrço, não em notas, mas na crueza das demonstrações bellicas. Saraiva, entretanto, ouve as referencias aos *caudilhos brasileiros*; ouve a explicação do que se entende por *californias sobre o Estado Oriental*; sente estalar nos tympanos a expressão insultuosa — *piratas de fronteira*, na qual se envolviam brasileiros, e não se susceptibiliza, antes aproveita da *linguagem desarrazoada* para *enunciar* claramente a idéa da paz e chamar o debate para essa questão fundamental.

A gratidão, o parentesco, a amizade velha, o respeito á velhice de uma grande figura imponente, não n'o perturbam quando ataca ao visconde de São Lourenço, apesar dêste, magoado, comparando-se a Cesar em face de Bruto, confessar que o estimara "como a um filho". Outro commover-se-ia, outro trahiria no discurso algum arrependimento ante aquella sentida queixa — elle prosegue, sem hesitar, no determinismo logico de sua indole algida.

E como foi com São Lourenço, assim com Pedro II.

Ama o imperador, mas quando vê o throno em ruinas, não se ajoelha em veneração aos seus destroços, volta as costas á folha lida da história e lança-se a escrever outro capítulo na da sua vida e na da sua patria. Naquella tarde de Novembro, ouve da monarchia moribunda, no momento culminante da crise, o appello supremo da confiança sem limites do monarcha sitiado. Medita, differe seus passos, avalia das circumstancias... e adhire á república, convencido do mal de resistir e da conveniencia de levar á inhabilidade inesperta dos republicanos a voz de seu conselho, em bem da organização do paiz, numa nova phase perigosa. Não enevôa a sua visão do futuro a sombra daquella confiança constante, daquella amizade segura, daquella preferencia nunca dimentida do imperador que, ainda então, a elle entregava seu destino e o de sua dynastia. Toma os factos como elles são, sem olhar nem se espantar com os duendes que seu coração nunca creou. Não o leva á hesitação o espectro de um regime em paroxismos; recusa-lhe o tonico cordeal, que afinal só prolongaria, se prolongasse, uma agonia, para maiores angustias.

Foram aquellas suas mesmas qualidades que fizeram de sua carreira politica uma vida sem accidentes notaveis, sem audacias perigosas, sem combates retumbantes; antes o cor-

rer de quieto correjo de aguas puras, procurando fluir entre pedregulhos, sem cachoeiras nem saltos, sem corredeiras nem cataratas, fugindo de afluentes que lhe engrossem o volume, para não cair nos riscos das torrentes de impeto forte, sabendo espriar-se em lago para dar espectáculo da riqueza do seu curso, enristando sem grandes marulhos os tropeços do leito, deixando-se conduzir pelos valles, ao sabor dos declives, na direcção das dobras da terra.

Era e foi sempre a cautela intelligente, o opportunismo sensato, a renúncia cabida, o encolhimento discreto, moldando a acção de um homem culto, profundamente honesto, grandemente justo, sabiamente amigo de seu paiz, seccamente confiante no futuro, e para quem luzio sempre a mais propicia estrêlla do segundo reinado.

E era a mesma a luz augusta que brilhou no seu zodiaco, como no de Caxias: — a protecção do imperante, premiando qualidades modestas e serviços enormes.

O seu retrato político é esse mesmo que de Robert Peel traçou Guizot: “Non que sir Robert Peel fut un théoricien, un philosophe, gouverné par des idées generales et des principes rationnelles. C'était, au contraire, un esprit essentiellement pratique, consultant à chaque pas les faits, comme le navigateur consulte l'état du ciel, cherchant surtout les succès, et prudent jusqu'à la circonspection”.

Um crítico notou em Saraiva com justeza o *don da auctoridade*, aliás já revelado, nessas cartas de moço, sôbre o avô. A sua qualidade mais frizante, é, porém, essa que chamamos sua algidez.

Elle não tem, por exemplo, o sensualismo da vida. Não o exaltam, nem o deleitam, nem o deslumbram as grandezas que grangeou e as culminancias a que subiu.

Alma de frade feito homem do mundo; fundo pessimista de renúncias onde se construiu uma moderada ambição mimosa da fortuna — faltava-lhe, em absoluto, o senso esthetico. Não ha como vislumbra-lo em sua vida e em sua política.

Incapaz de emoções, não gozou dessa suave luz das almas, que iriza a visão do mundo e quebra as arestas brutas da vida; não deu á sua acção esse perfume de idealidade, essa phosphorescencia divina.

Seu symbolo é exactamente este: — a frialdade impassivel, com que em aguas polares, marcham, na fluctuação das correntes, os *icebergs*, — grandes e imponentes montanhas de gelo.

O INCIDENTE CAXIAS E A QUEDA DE ZACHARIAS EM 1880

Em Outubro de 1927 publicou Baptista Pereira, no *Jornal do Commercio*, artigos sôbre um episodio da maxima importancia na história do. segundo reinado: o incidente Caxias-Zacharias e a quêda do gabinete Zacharias.

Li, então, esses escriptos com um deleite exquisito e raro. Vibrava alli a eloquencia do conferencista inigualavel de "Pela Redempção do Rio Grande", expondo factos e sustentando opiniões com a brava belleza de seu estylo terso, o brilho e o desgarre de seu forte talento culto.

Mas, ao fim de admirar e applaudir o auctor, quedei entristecido com a obra. Della saíam diminuidos o patriotismo e a austeridade do grande duque, abatido e humilhado o orgulho indomavel e teso de Zacharias. O que eu imaginara um dogma — a dedicação desinteressada de Caxias, o sacrificio de sua senectude, re florindo em bravura e fructificando victórias para a patria, a mais nobre generosidade e a lealdade a mais severa, — o que assim imaginara, me apparecia como refter de odios abafados, desical acceitar de um commando com a premeditada intenção de, chegado ás trincheiras, em face do inimigo, aponeftar arinas ao govêrno, que o escolhera e ao imperante que o honrara sempre, em ameaças de estreito partidarioismo!

E o que eu tinha como granito incorruptivel, aspero, rijo, inamolgavel — a altivez sem par de Zacharias—, palpava, agora, como um blóco de cêra, morna, ductil á pressão de seus adversarios, que lhe marcavam, na catadura arrogante, laivos e golpes aviltantes.

O mal estar dessas impressões me estimulava a verificar com mais cuidado a exactidão da narrativa ou dos commentarios que as provocavam. Tinha eu á mão papeis que poderiam fallar, trazer testemunho, nesse summario instaurado por denúncia tão prestigiosa, e advinhava que o archivo de Cotegipe, repositorio abundantissimo para ex-

clarecer ou resolver dúvidas sobre a história política do segundo reinado, não quedaria silencioso. E, desde que falassem esses papéis para confirmar, contestar ou esclarecer, me era dever extricto allear-lhes o timbre, ampliar-lhes as vozes, divulgando-os.

Os documentos a que alludo, a leitura attenta e paciente dos annaes parlamentares e a analyse minudente das circumstancias parecem dar ás contestações que passo a fazer ás theses, direi melhor, ás hypotheses, de Baptista Pereira, o character de decisivas. Ainda que o não sejam; valerão como esclarecimentos, e, porventura, estimularão a outros que, mais capazes na critica e mais ricos de provas, possam trazer ao julgamento final dêste processo historico a palavra synthetica e a sentença inalteravel.

Vale lembrar, em rapida summula, sobre que versaram os escriptos de Baptista Pereira.

Governava o partido progressista em Outubro de 1866, e a guerra do Paraguai enchia de preocupações o governo e a nação. Era recente o desastre de Curupaiti; reinava desordem no exército. A grande esperanza estava em Caxias, universalmente aponctado como o general capaz de reorganizar as nossas forças e leva-las á victória. Apesar de adversario politico de Zacharias — presidente do conselho, e desaffectedo, sinão inimigo pessoal de Ferraz — o ministro da guerra, assentou o ministerio em convidar a Caxias para o commando em chefe.

O ministro da guerra, porém, não querendo servir com tal general, demittiu-se; e partiu Caxias para a guerra.

Um anno e quatro mezes depois, em Fevereiro de 1868, chega ao governo o pedido de demissão de Caxias, ao mesmo tempo que o ministro da guerra, Paranaguá, recebe carta particular, na qual o general assignala os verdadeiros motivos de sua solicitação: sentia não ter a confiança plena do ministerio, pois seu procedimento no Paraguai era commentado e atacado por um jornal que o governo subvencionava.

O imperador submete, a 20 de Fevereiro de 1868, ao conselho de estado, o caso, isto é, a conveniencia ou inconveniencia de ser concedida a demissão, e consulta sobre o que mais acertado entendiam os conselheiros de estado: dar a demissão ao general, ou exonerar o gabinete para conservar o general. Opina o conselho de Estado não haver motivo para o governo se retirar e, afinal, a crise se resolve amigavelmente, pela acção de intermediarios, dan-

do-se por não recebida a carta particular a Paranaguá e negando o governo a demissão pedida por Caxias, que continúa á frente do exército.

Passados cinco mezes, nos quaes Zacharias se manteve no poder, contando com a collaboração de Caxias no effectivo commando das forças em campanha, surge um incidente entre Zacharias e o imperador, acêrca da escolha, feita pelo soberano, do candidato Salles Torres Homem para senador, escôlha qualificada por Zacharias de desacertada. E a 16 de Julho de 1868 cae o gabinete Zacharias.

Esses, em suas linhas geraes, os acontecimentos, que constituem o arcabouço dos bellos escriptos de Baptista Pereira.

A nomeação de Caxias

Discursando no Senado, a 25 de Julho de 1867, declarava Zacharias: "O nobre senador disse que, tendo eu asseverado na outra Camara que o mal que ultimamente se sentiu no exército nasceu da falta de unidade, de pouca harmonia que reinava entre os chefes, condemnara assim o regime anterior. A verdade é que foi quando o governo teve notícia do desastre de Curupaiti, que soube das divergencias que existiam e estiveram sopitadas até aquelle acontecimento. Reveladas, então, e sabendo o governo, de boa origem, que ellas eram extremas, resolveu mandar o sr. marquez de Caxias e foi o que se fez, não obstante ter por essa razão declarado o sr. Ferraz que se retirava do gabinete. Tudo isso mostra que o governo soube cumprir o seu dever, assim que teve conhecimento do estado das cousas".

Dava, dêste modo, claramente, o presidente do conselho as razões pelas quaes se sentira o governo obrigado a convidar o marquez de Caxias, para o commando geral do exército. Era um caso de salvação e fôram sopitados todos os resentimentos e incompatibilidades.

Mas se Caxias recusasse? Si entendesse imprescindivel uma solidariedade perfeita entre seu commando e o governo? Si achasse imprudente, talvez nefasto, partir para a guerra sem a rectaguarda coberta ás surpresas da insidia partidaria, capaz de originar conflictos entre elle e o ministerio? Si achasse, assim, não poder acceitar o commando de um governo seu adversario politico?

Essa hypothese era tão plausivel como provavel; encarando-a, o ministerio tomou, antes do convite, a delibe-

ração solenne e decisiva: os ministros deixariam o poder, mas era preciso, fôsse como fôsse, que o general, de quem se esperava o triumpho, partisse.

Ora, si o governo, de antemão, antes de fazer o convite, assim se resignava á sua exoneração, no caso de Caxias não o querer servir; si, antes de qualquer consulta, julgava razoavel a recusa de Caxias e conveniente á patria o sacrificio, não só do gabinete, mas do partido, para que á guerra partisse o grande general nunca batido.— ninguém jámais poderia accusar a Caxias da insolencia de um golpe de espada, caso impuzesse condições para acceitar o commando.

Caxias, porém, convidado, não dictou cláusulas, sinão a de ter a confiança plena do governo. A primeira pressão militar de que o accusam não existe. Nem mesmo se poderá dizer que *expulsou Ferraz do ministerio da guerra com a sua espada*, pois, quando foi feito o convite ao marquez, já Ferraz se havia demittido.

Zacharias, em discurso proferido no Senado, em 8 de Junho de 1868, narra como foi feito o convite: “Tendo o nobre marquez de Caxias adherido ao convite do governo *sem a menor condição*, dizendo: “*Sou sobretudo militar, só ponho ao governo uma cláusula, a da mais inteira confiança*”; respondi-lhe que toda; e accrescentou mais s. ex.: “Espero todos os meios com que deve contar um general que tem a plena confiança do governo”; ao que repliquei: “V. Ex., por sua elevada posição no Senado e no Exército, sabe perfeitamente quaes são os recursos de que o governo póde dispôr, pois de tudo isso V. Ex. disporá”. Eis o que se passou em relação á acceitação do convite feito pelo governo ao nobre general.

“Só em *conversações posteriores* eu disse-lhe que julgava importantissima a sua ida para o sul, tão importante que o ministerio estava decidido a retirar-se. si, mostrando repugnancia em servir com elle, s. ex. se tivesse recusado a partir. E este é ainda o seu pensamento; julga-se neste ponto identificado com a sorte do nobre marquez na direcção da guerra. A ida do nobre marquez era indispensavel, porque o exército resentia-se da falta de disciplina, os generaes estavam em discordancia manifesta.

“O nobre marquez de Caxias teve o grande merito de *sopitar todas as intrigas; foi um grande serviço que prestou ao paiz*. Depois do desastre de Curupaiti, o exército e a armada estavam em más circumstâncias, não pelo desastre

em si, que era nada, na guerra, mas porque os chefes achavam-se em desharmonia, havendo as intrigas estado suffocadas até que aquelle desastre revelou a discordia que entre elles reinava, caso em que o govêrno considerou rigorosamente indispensavel a ida do nobre marquez de Caxias. *Acceitou o marquez a nomeação pura e simplesmente*, e foi só depois disso que eu lhe disse, como já observei, que o ministerio retirar-se-ia se acaso s. ex. dêsse a entender que não acceitava a commissão por ter de servir com o gabinete, enxergando sempre no gabinete um perigo pela rectaguarda (como dizem agora jornaes da opposição, indignos nesta parte do menor conceito).

“Si tal fosse a persuasão do marquez, eu não podia extranhar sua recusa, porque a missão que ia desempenhar era de tal magnitude, que, na verdade, si o general não tivesse plena confiança em quem lhe ficava na rectaguarda, não podia com honra para o paiz desempenha-la”.

.....

“Em 1862 combati, na camara dos deputados, o ministerio presidido pelo nobre marquez de Caxias; esse ministerio, saíu, e desde então, até Outubro de 1866, ficaram cortadas as relações entre mim e o marquez de Caxias. Mas não me deixo levar de resentimentos, sr. presidente, quando se tracta do serviço público. Entrando para o ministerio, conheci logo que a guerra precisava menos de remessas de fôrças do que de uma cabeça, de um general, que reunisse aos conhecimentos profissionaes a precisa vantagem de inspirar plena confiança a seus camaradas. Nisto chegou a notícia do desastre de Curupaiti, e desde esse momento reconheci que era indispensavel a medida que se adoptou.

“Havia um embaraço, o de ser o sr. barão de Uruguaiana o ministro da guerra, porque, entre elle e o sr. marquez de Caxias, existiam desavenças. Reuniram-se todos os ministros na secretaria da agricultura, excepto o da guerra, que estava doente, e decidiu-se que era indispensavel convidar-se o sr. marquez de Caxias. Fôram deputados os srs. conselheiros Martim Francisco e Sousa Dantas ao sr. barão de Uruguaiana, afim de irem communicar-lhe o passo que se havia résolvido.

“Entretanto, permaneceram os outros ministros na secretaria conversando sôbre o desenlace da questão e ficou assentado que, si o ministro da guerra adherisse á idéa do convite, fôsse este immediatamente feito ao sr. marquez de Caxias; mas tambem ficou assentado que, si o sr. barão

de Uruguaiana entendesse não dever concordar nisso, ou, si concordando, o sr. marquez de Caxias declarasse não poder servir com s. ex., nesse caso sairia todo o ministerio.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Foi um procedimento muito digno.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — *Não havíamos de es- perdar a declaração do nobre marquez de que não poderia servir com o sr. barão de Uruguaiana para que por esse motivo houvesse uma modificação no ministerio; qualquer que fôsse a necessidade dos serviços do nobre general, o mi- nisterio não lhe reconheceria o poder de determinar a exclu- são de um ministro, nem de indicar quem o substituisse.*

"Mas o sr. barão de Uruguaiana, dotado de um espirito penetrante que o distinguia, achando que o govêrno procedia bem no passo que queria dar, *declarou que se retirava do gabinete.*

"*Foi só depois disso que convidei o nobre marquez de Caxias, seguindo-se a conversação que referi.*

"Já se vê, portanto, que entre mim e o nobre marquez de Caxias não houve troca de promessas indignas, quer de um, quer de outro".

Acusado por São Lourenço de faltar aos deveres de cavalheirismo com Ferraz, seu amigo e seu parente, aproveitando sua ausencia á reunião ministerial para lhe com- municar o resolvido sobre o acto mais importante da sua pasta, forçando-o a demittir-se, accrescentou Zacharias (sessão de 13 de Julho de 1868, do Senado): "Foi preciso que saísse do gabinete o barão de Uruguaiana, meu amigo e parente, cujos talentos na tribuna e incontestavel aptidão para os negocios públicos eu admirava, mas elle estava em desavença com o nobre marquez de Caxias. Além de ou- tras provas que eu poderia adduzir, basta lembrar que, en- volvendo-se elle em questões relativas á arte da guerra, em debate no Senado, disse-lhe o nobre general: "Outro officio". Palavras desta ordem nunca se exquecem. Não era, por- tanto, possível que o ministro da guerra servisse com o nobre marquez, e por isso entendi que, si fôsse precisa a sua retirada, devia effectua-la. Cumpre observar que o marquez não foi convidado sem que primeiramente se en- tendessem os ministros com o seu collega da guerra; não me entendi directamente com elle, porque, como presidente do conselho, tive de conservar-me na reunião de ministros; mas deputei para esse fim um amigo íntimo do barão de

Uruguaiana, o sr. conselheiro Dantas, junctamente com o sr. conselheiro Martim Francisco; elles lhe communicaram a resolução do govêrno, e pediram-lhe a sua opinião a tal respeito. A resposta do barão de Uruguaiana foi: "Faça-se a nomeação, mas eu retiro-me". Houve, pois, toda a lealdade; si o nobre senador tem cartas em contrário, exhiba-as.

"E' certo que não me entendi directamente com o sr. barão de Uruguaiana, entenderam-se, porém, com elle dois cidadãos superiores a toda suspeita, que ahi estão vivos.

"O SR. BARÃO DE SÃO LOURENÇO — Que lhe foram intimar a sentença".

Estamos dahi a vêr que, longe da menor censura, a maneira por que agiu Caxias em todo esse episodio do convite para chefiar o exército só revela uma alta dignidade, e um grande patriotismo.

Ferraz não foi expulso da pasta da guerra pela espada de Caxias; Zacharias é que o despediu antecipadamente para convidar Caxias. (1)

O grande general acudiu ao appêllo do govêrno nada exigindo e foi Zacharias que, espontaneamente, declarou a Caxias ser a sua ida para o Paraguai imposta de tal modo pelas circumstancias que, si "dêsse a entender que não acceitava a commissão por ter de servir com o gabinete, este se retiraria" —, "porque, para nós, a guerra não era questão de partido e essencial era acaba-la honrosamente, estivesse quem estivesse no poder" (palavras de Zacharias, pedindo demissão em Julho de 1868). Si houve subalternização do poder civil, ella existiu desde aquella

(1) Desde que o general era politico, essa consideração da côr partidaria do govêrno sob que ia servir era circumstancia da maxima importancia.

Já ferido, doente, Ozorio era insistido pelo imperador para que retornasse á campanha. Apesar de ter ainda aberta a ferida do rosto — "os seringatorios que se fazem por fóra das feridas vão sair na bocca" — respondeu que iria, assim estivesse em condições de prestar serviços. Si seus soffrimentos physicos não o impedião de voltar ao posto de honra e sacrificios, a politica entretanto o fazia hesitar: "por outro lado não tenho grande confiança no ministerio, e é possível mesmo que a politica actual, ainda que deseje a boa direcção da guerra, queira afinal dar-me algum tombo". (Carta ao filho Fernando Ozorio — 6 de Março de 1869 — *Apud História de Ozorio*, vol. 2º, pag 553.)

Era essa atmospherã de desconfiança que respirava um general quando não via no govêrno um ministerio do seu partido.

declaração do presidente do conselho ao general convidado, e esta subalternização, longe de ser buscada ou imposta pelo general, foi espontaneamente creada pelo chefe do governo. Por isso é que Joaquim Nabuco disse: "A fraqueza do ministerio era, por assim dizer, ingenita; consistia na dependencia, *em que elle mesmo se havia collocado*, para com o generalissimo das fôrças brasileiras em operações no Paraguai". ("Um Estadista do Imperio", vol. 3º, pag. 109.) E mais: "*Desde a demissão de Ferraz e os termos em que fôra annunciada*, não era duvidoso para ninguem que o gabinete vivia á mercê do general em chefe". (Id., id., pag. 114.)

Allude Baptista Pereira á versão de que Caxias não recebeu a Zacharias, quando este o foi procurar em casa para o convite, tendo deixado o marquez, na sala, papel e tinta para que o convite ficasse protocollado, offensa e humilhação que se sentiu Zacharias obrigado a tragar.

Os dialogos entre Zacharias e Caxias, na occasião do convite, narrados por aquelle em seus discursos ha pouco citados e não contestados, mostram a inveracidade dessa anedota, já de si inverosimil. Inverosimil, porque certamente Zacharias não procurara Caxias sem prévia fixação de dia e hora e sem que o assumpto da visita fôsse já do conhecimento do visitado; inverosimil porque, mesmo sem considerar o character de Caxias, as circumstancias ambientes — o facto da guerra, os receios que affligiam a opinião após Curupaiti, tudo tendia a abafar prevenções pessoas para deixar respirar, a largos pulmões, a parte nobre e sã das almas — abnegação, renúncia, amor da patria.

A disposição de espirito de Caxias, ao acceitar, sem condições, o commando, quando lhe seria facil dicta-las, ou não partir para a guerra, que era um posto de sacrificios e não uma honraria, não podia ser uma "offensiva" contra Zacharias; esse ferrenho proposito: "Zacharias ha de pagar-me". Não parece que devamos attribuir a Caxias essa predeterminação: "esperar pretexto para derrubar" o ministro que o nomeara, e não hesitar quando este pretexto se lhe deparasse. A sequencia dos factos confirma uma maneira mais optimista, mais benigna de encarar as intenções de Caxias desde o momento da sua nomeação e da sua partida até á explosão do incidente, e após este.

Para fortalecer a hypothese de ter o odio a Zacharias, inspirado um golpe de espada a Caxias, cita Baptista Pe-

reira algumas anedotas relativas ás relações entre elles. Mas ha certamente alli uma inversão de valores.

Zacharias, como que se destaca nas linhas de um abnegado que abdica; de um ultrajado que não teve a sobrançeria de cair com o amigo (Ferraz); de um humilhado pela fôrma de convite a que Caxias o obrigara; de quem traga uma offensa por escripto e apenas dá o troco de tudo isso, tardia e indirectamente, nomeando a Ferraz, (o ministro demittido por imposição de Caxias), conselheiro de Estado e barão de Uruguaiana.

E Caxias é o general que, apesar de não impôr condições, dizendo que sua espada não tem partidos, ultraja, entretanto, a Ferraz; se despeita com distincções a este conferidas; mantém offensiva contra Zacharias, a quem humilha e faz passar pelas fôrças caudinas, esperando o momento de vingar-se, o pretêxto para derruba-lo.

Nem em Zacharias havia fibras de tamanha elasticidade, e indole capaz daquellas transigencias e de taes submissões, —nem em Caxias essa tenacidade de malquerença e de rancor, dominando acima de todos os sentimentos.

Pois não é mais adaptavel aos factos e aos characteres dos protagonistas uma interpretação mais humana? A dos bons sentimentos excessivamente vibrateis então, na atmosphera ozonizada da guerra, de preferencia á das tendencias subalternas effectivamente dominadas, naquellas épochas heroicas, pelas inspirações de patriotismo?...

Caxias pede demissão — Sua intenção

A 4 de Fevereiro de 1868, após um anno e quatro mezes de reciproca lealdade, endereça Caxias ao govêrno seu officio de demissão, e ao ministro da guerra uma carta esclarecedora dos verdadeiros motivos da sua deliberação (2).

(2) Infructíferas fôram as minhas pesquisas para conhecer na sua integra a carta escripta por Caxias cuja fôrma energica mereceu a censura de Rio Branco communicada a Cotegeipe: "tinha razão no fundo de sua queixa, mas não tanto na forma" e, de maneira indirecta ao proprio Caxias: "Dos Srs. Conselheiros Zacarias e Paranaguá ouvimos os mais positivos protestos de plena confiança em V. Ex. posto que doessem muito ao segundo daquelles Srs., e por elle a

Estava dentro da cláusula única que estabelecêra ao aceitar o commando: plena confiança. Desde que já suspeitava não a ter, desligava-se do governo, demittindo-se.

Não havia ali golpe de força, imposição militar, nada que não fôsse um incidente natural entre o general e o ministerio.

Si, entretanto, ligarmos esse facto á declaração que ao proprio Caxias fizera Zacharias, de que julgava para a guerra tão necessaria a sua direcção militar, que se lhe repugnasse servir com o gabinete, estaria este prompto a se retirar, — já não será absurdo, nem parecerá uma excessiva malicia suspeitar quizesse o general, sabendo-se necessario, insubstituivel, propôr ao imperador, com o seu pedido, este dilemma: ou eu, ou o gabinete meu adversario.

Passaria, porém, pela mente de Caxias esse proposito? Pretenderia, abusando das circumstancias, modificar, com a sua attitude, a politica do paiz, em proveito de seus correligionarios? Ou dava largas a seu natural melindre? Ou, ainda, buscava, em novas declarações ministeriaes, robustecer a confiança necessaria, para agir com maior desassombro?

todos os seus collegas, alguns termos do profundo resentimento de V. Ex.”.

Transcrevo aqui essa carta incompleta, como ella foi publicada no livro *O Antigo Regimen* por Suetonio:

“Tuyu-Cuê, 4 de Fevereiro de 1868.

Illm. e Exm. Sr. Conselheiro João Lustosa da C. Paranaguá.

“Remettendo a V. Ex. o incluso officio, no qual peço minha exoneração do commando em chefe das forças de terra e mar, em operações contra o governo do Paraguay, em virtude de incommodos de minha saude, consideravelmente augmentados pelo rigor da estação calmosa que atravessamos, entendo dever na presente carta particular declarar a V. Ex. a verdade inteira ácerca desse passo, que muito reflectidamente dei.

“Os jornaes recebidos da côrte e minha correspondencia particular me trouxeram a desagradavel noticia de que meu nome tem estado em plena discussão na imprensa, travando-se renhida luta entre os meus gratuitos detractores e aquelles que generosamente se têm apresentado tomando minha defeza.

“A causa objectiva de tão grande celeuma é (ao menos ostensivamente) o prolongamento da guerra, em que estamos empenhados, attribuindo um folliculario inglez, no Rio de Janeiro, á tibieza, frouxidão e não sei que mais de minha parte, dando-se a circumstancia notavel de ser elle acompanhado em suas observações a meu respeito pelo jornal politico que ali se publica com a denominação de *Diário*

Tudo são intenções; e intenções não deixam documento. O procedimento, anterior e posterior de Caxias, no entanto, não auctorizava a julgar se fizesse elle caudilho para impôr á corôa seus designios partidarios.

A conducta anterior abonava o seu espirito de disciplina e o seu grande respeito pelo monarcha e pelas instituições; continuando a servir lealmente ao mesmo gabinete, após o

do Povo, o qual com razão ou sem ella se diz inspirado por um membro do actual gabinete.

"Estranhou-se e com razão, que o aventureiro inglez, vivendo á custa de uma consignação pecuniaria sahida dos cofres publicos brasileiros, tivesse a ousada temeridade de falar pelo modo que o fez da guerra, a que fomos provocados, apreciando a seu talante ou de quem quer que seja que lhe impoz, os homens e os factos, e pretendendo exercer impertinente iniciativa na mais grave e melindrosa questão para um paiz constitucional, isto é, continuação ou sahida de gabinetes e exoneração do general em chefe a quem se confiou o commando de todas as forças na presente guerra.

"O gabinete a que V. Ex. pertence, que me confiou a alta missão, e que deve ter sempre presentes á sua memoria todas as circumstancias que precederam e acompanharam esse acto e que sabe que o seu empenho em me fazer partir para o theatro da guerra era tão grande que de mim dependeu sua modificação, o gabinete actual, com quem tenho constantemente entretido a mais franca e leal linguagem, se viu na forçosa necessidade de ordenar que seu órgão official falasse sobre a questão a meu respeito levantada, e este o fez confessando a subvenção que se paga ao foliculario estrangeiro, o fim della, proclamando com maravilhosa ingenuidade que o governo imperial nada tinha que ver, nenhuma interferencia podia exercer sobre as apreciações que o jornal inglez fizera em referencia á guerra e ao general brasileiro de que ultimamente se occupou.

"As phrases descoradas e estudadamente frias da gazeta official em tão solenne conjunctura e sobre assumpto de tão reconhecida e palmar magnitude vieram robustecer, senão confirmar, as suspeitas que nestes ultimos tempos nutria de que a meu respeito e da guerra que sustentamos não existe no gabinete actual a necessaria e indispensavel solidariedade... Talhado para a lucta, eu nunca a provoquei, mas tambem nunca a temi nem a temo, quando franca e descoberta: tive, porém, sempre grande asco á simulação e a essa pequena guerra chamada de *alfinetes*.

"Acaba o coronel Agostinho Maria Piquet, que nomeei interinamente para commandar as forças brasileiras em Corrientes, de officiar-me remettendo-me os avisos da repartição a cargo de V. Ex. datados de 4 e 14 do mez de Janeiro. No primeiro desses avisos V. Ex. se dirige directamente a esse meu subalterno, ferindo todas as conveniencias da disciplina e subordinação.

"No aviso de 14 de Janeiro, relativo ao vapor Pedro II, permittirá V. Ex. que eu descubra, alem da falta de confiança, uma offensa que não posso deixar de repellir com a maior energia. Re-

incidente que deu logo por terminado, induz a crer não-houvesse pretendido promover uma derrota ministerial.

Demais, esta empreitada política necessitava de uma prévia combinação com os próceres de seu partido. A tal golpe Caxias não se abalancaria só. Ora, é justamente a inexistencia dêsse conciliabulo entre os políticos conservadores e o general, para um golpe de estado, e golpe militar, o que mais adeante ficará provado com documentos.

Baptista Pereira, porém, insinúa ainda que Caxias quizera, naquelle passo, extravasar despeito e prevenção pessoaes contra Ferraz e Zacharias.

corde-se que quando V. Ex. me officiou a respeito desse vapor, já eu um mez antes, pouco mais ou menos, havia dado minhas ordens sem a menor solicitação da parte de V. Ex. para que fosse elle despedido do servigo, como foi desde então, dirigindo nesse sentido a competente parte a V. Ex.

"Recebel-a, ficar ao corrente do que eu havia praticado e dirigir-se agora V. Ex. directamente a um meu subalterno para ter noticia, por seu intermedio, ácerca do que eu já havia officiado a V. Ex., é querer offender-me gratuitamente e obrigar-me a declarar ainda uma vez que o não tolero e repillo.

"O maior favor que o gabinete actual me pode fazer, Ex. Sr., é acceitar quanto antes a minha exoneração, indicando-me sem perda de tempo qual o meu successor, afim de tirar-me de uma posição que, á vista do exposto, julgo insupportavel, e me não compellir a qualquer acto que della me desembarace por violento que seja."

Paranaguá não respondeu a esta carta, que foi indirectamente respondida por Zacharias na que mais adeante vae transcripta. Ao officio accudiu o ministro da guerra com este, redigido com laconismo e seccura de linguagem, testemunho da sua magua:

"Ministerio dos Negocios da Guerra — Rio de Janeiro, em 21 de Fevereiro de 1868.

Illm.º e Exm.º Sr.

Por 1ª e 2ª via recebi o officio de 4 do corrente mez, em que V. Ex. me declara a alteração de sua saude, a ponto de ser absolutamente impossivel a V. Ex. occupar por mais tempo o posto em que a confiança do Governo Imperial o collocou a mais de um anno e por isso pede V. Ex. a exoneração do logar de commandante em chefe das nossas forças em operações contra o Governo do Paraguay.

De tudo inteirado, levei o conteúdo do mesmo officio ao alto conhecimento de S. M. o Imperador; e o Governo Imperial deliberou não acceitar o pedido de V. Ex., confiando do seu zelo e dedicação pelo servigo publico, que continuará no seu posto de honra, especialmente quando, segundo as communicações de V. Ex., os acontecimentos se precipitão, e as operações de guerra se achão quasi a tocar a um termo, em que seja com honra e gloria desafrontada a dignidade Nacional, pelas forças sob o commando de V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. — *João Lustosa da C. Paranaguá* — Sr. Marquez de Caxias."

Vale salientar bem essas duas razões ou premissas, estabelecidas por Baptista Pereira: — *a inimizade e o despeito de Caxias contra Zacharias e Ferraz; a conspiração conservadora.*

Analysemo-las.

Não foi por despeito ou odio que agiu Caxias

As razões que deviam influir no ánimo de Caxias para um despique pessoal contra Zacharias eram, segundo Baptista Pereira, as nomeações de Ferraz para barão de Uruguaiana e conselheiro de estado, sendo Ferraz seu inimigo. “Esse título soava aos ouvidos de Caxias como uma pungente irrisão. Lembrava-lhe os desaires de outróra na propria cidade de que elle, Caxias, delineara a planta e fôra o fundador. Era um desafio do ministerio; era o endosso ás impertinencias do ministro da guerra, que na viagem imperial o quizera reduzir ao papel de valete: mas o valete já passara a rei...

“Zacharias havia de pagar-lhe, havia de tragar esse epigrama.

“E’ humano que desde ali Caxias esperasse um pretêxo para derruba-lo. Quando o teve, é natural que não hesitasse”.

Ora, si as nomeações com que Zacharias, por assim dizer, desaggravava Ferraz (abatido por ter deixado de ser ministro da guerra, para que Caxias fôsse escolhido general-chefe); si essas nomeações podiam originar odios tão fortes, de outro lado, a escolha de Caxias por um governo adverso, gabinete chefiado por um desaffectedo e que abria mão de um ministro, para que elle pudesse acceitar o commando, fazendo-lhe o presidente do conselho declarações que importavam em submissão, tudo eram reconhecimentos tão solennes de sua superioridade, que o envaidecimento havia certo de superar despeitos: a nomeação de Caxias, pos si só, era uma distincção que o *lavava*.

Demais o grande odio, como o descreve Baptista Pereira, visava sobretudo Ferraz e este jazia morto desde 18 de Janeiro de 1867, quando só a 4 de Fevereiro do anno seguinte Caxias pedia demissão.

Contra um cadaver não se poderia manter pequena, biliosa, vil, a ira tenaz, a malevolencia diuturna, a animadversão perenne, instillando gôtta a gôtta, dia a dia, veneno, pondo a alma de emboscada tão longo tempo, na espreita,

á espera do pretêxto e da occasião para os prazeres da vindicta posthuma.

Nem de tal modo odiento era Caxias, cuja fama de generoso com os inimigos que batia e vencia o proprio Baptista Pereira assignala, lembrando mais de um episodio de sua biographia.

Quando um homem ganhou por factos solennes esse re-nome, — tão bravo na guerra como perdoador e indulgente após a victoria —, não ha como, pelas possibilidades de intenções que ninguem poude perscrutar, admittir-lhe vinganças frias e tardias a offensas contestaveis e pequenas.

Si a presumpção de cavalheirismo e de nobreza de Caxias o salva assim de uma das premissas da these, os documentos e uma pausada ponderação dos successos absolvem-no da participação na conspiração partidaria de que o accusam.

Supposta instigação dos conservadores — desmentido de duas cartas de Paranhos

Está escripto no artigo analysado que o incidente fôra promovido pelos conservadores, ávidos do podêr:

“E” versão corrente entre os nossos estudiosos que *os chefes conservadores daqui do Rio* agulavam-no (a Caxias) contra o govêrno. Si se pudessem descobrir as cartás que recebeu, na época, teriamos os nomes dos maiores responsáveis. Imaginemos esta phrase: “V. ex. deve reclamar contra as offensas ao seu character, que lhe fez um certo escriba inglez, estipendiado pelo govêrno. A disciplina militar é muito, mas acima della está a honra.”

“Os conservadores ainda estavam estomagados com a inqualificavel demissão de Rio Branco em 1865. O golpe do almirante liberal (Tamandaré) ainda sangrava. A vingança é o prazer dos Deuses: derrubar os liberaes com a mesma arma de que elles se haviam servido, devia parecer-lhes legitimo e justificavel.

“Assediado por elles em nome dos mais bellos sentimentos, Caxias talvez se suppuzesse obrigado a provar que a sua susceptibilidade não pedia messas á alheia. Pediu demissão.”

Essa versão, si é verosimil, resta improvada. O pro-

prio Baptista Pereira lamenta que não possam vir a lume cartas então recebidas por Caxias de seus instigadores. Contra ella, agora surgem documentos: duas cartas de Paranhos a Cotegipe, datadas de 29 de Fevereiro e 23 de Março de 1868, pelas quaes se vê que não convinha então o podêr aos conservadores, e que a ferida, a sangrar e a pedir vingança, aberta pelo golpe de Tamandaré contra Paranhos, podia latejar no peito de todos os conservadores, mas sarara de todo no futuro visconde do Rio Branco, justamente aquelle que directamente a recebêra. Dessas suas cartas a um correligionario íntimo, não resuma mágoa ou recriminação, despeito ou avidez de mando.

Si taes missivas, por si sós, não põem por terra definitivamente a hypothese (e a verdade é que a pulverizam), pelo menos estabelecem presumpção *juris et jure*. Até que se prove o contrário, fica valendo como certo que os conservadores não instigaram Caxias, antes collaboraram, como medianeiros, para a conservação do gabinete adverso.

Note-se que esses documentos são subscriptos por Paranhos, já então uma das maiores auctoridades do partido conservador. Note-se ainda que não falla em seu nome individual, não communica sua opinião pessoal: lá diz elle no plural: "*entendemos* que não, e *procuramos* remover a crise por explicações, etc." — "*não podíamos* pensar de outro modo a 20 de Fevereiro".

Eis as cartas:

"Rio, 29 de Fevereiro de 1868.

"Exmo. amigo e Sr. Barão de Cotegipe.

"Recebi a sua amigavel resposta e venho protestar por este modo contra o silencio que V. Ex. já me attribuía.

"Houve grande mudança em nossa situação politica (considero tudo reservado). O Ministerio quiz retirar-se por uma carta que recebeu do Caxias, que tinha razão no fundo de sua queixa, mas não tanto na fórma. A base da queixa foi o incidente Scully, as declarações frias do Ministerio e (para mim: ou a meu ver) o não ter este dito uma palavra ao seu general a esse respeito. V. Ex. comprehende que a consequencia era um Ministerio conservador, e a ninguem se dissimulou essa solução. Convinha sahir por tal motivo e em tal occasião? Entendemos que não, e procurámos remover a crise por explicações entre as duas partes

dissidentes. Aqui surtiu o conselho o melhor effeito, lá em Tuyu-Cué espero que sim, mas não o assevero. O Marquez tambem offerecia a sua demissão. A solução contrária só aproveitava aos Ministros, que lançariam sobre nós o desfecho incerto de uma guerra ruinosa, e subiamos com a odiosidade de uma crise suscitada pelo General nosso amigo. Si tivéssemos de levantar mais gente para a guerra, mais melindrosa seria a nossa posição, porque não encontraríamos tolerancia de nenhuma parte. Os liberaes estavam caminhando muito depressa para uma subversão geral, atacavam o ministerio, e a nós, na pessoa do Caxias, com toda a sua vehemencia.

“Aparou-se o golpe; rompeu-se pelo G. M. (*Correio Mercantil*, órgão conservador) a apparente solidariedade que nos reservava o papel de Odilon Barrot deante de Ledru Rolin triumphante; e guardámos toda a fôrça que hoje nos dá a opinião publica para o novo periodo de paz, ou para concluir a guerra, si o Ministerio cahir por sua propria fraqueza. Nem os liberaes se illudem: o poder caberá de direito aos conservadores. Prepare-se V. Ex. Entretanto, não concorda V. Ex. que nossa opposição deve entrar em nova phase, tornando-se calma e mais reflectida, sem que nos approximemos do Ministerio sinão em defesa da ordem pública, si fôr ameaçada e sem que deixemos de denunciar os abusos mais graves? Assim o comprehendí e assim inspirei alguns artigos do G. M. Como era natural, o *boato* de que subiriam os conservadores, e a linguagem do G. M. não agradaram aos nossos *soi-disant* alliados.

“Creia V. Ex. que estes meus juizos são de verdade quasi mathematica.

“Receio que o assassinato de Flôres tenha ateado uma tremenda guerra civil no Estado Oriental e que as chammas levem o incendio a Corrientes, que fica pela rectaguarda do nosso exercito. Era a ultima carta de Lopez e de seus alliados e elles a jogarão com ferocidade incrivel. Commettemos o grande êrro de não dar efficaz apoio a Flôres, deixando-o só no dia em que o filho mostrou que era facil desfechar-lhe um golpe de mão. Isto e outras circumstancias, que não sou-bemos evitar, concorreram para essa immensa desgraça.

Deus se condôa de nós.

Sempre e como sempre seu velho amigo e criado obrigado — J. M. da Silva Paranhos.”

Numa outra carta, esta datada de 23 de Março, Rio Branco accrescenta:

“Não podíamos pensar de outro modo a 20 de Fevereiro nesta Côrte, ainda quando estivessemos prevenidos para esperar uma proxima victoria. A occasião não estava isenta de odiosos commentarios e não sei se lá em cima seria mais que uma imposição da necessidade.

“Para sermos uteis ao paiz, precisamos de duas confianças; o mais é extragar-nos sem proveito algum.

“Não houve, portanto, logração. Obedecemos conscienciosamente aos conselhos do momento, e a reflexão posterior não nos fez arrepender. E' verdade que o Ministerio não representa bom papel, cantando agora victorias, e ameaçando-nos com a sua força parlamentar; mas todos o previamos como possível, e o C. M. já se collocou em sua anterior attitude. Quererá o Ministerio sinceramente permanecer no poder, ou inculca isso para não expôr-se ás pedradas dos abyssinios e não sahir como enxotado? Seja como fôr, não estava em nossas mãos evital-o, quando ignoravamos os perigos que uma mudança de Ministerio poderia trazer ao proseguimento da guerra, si de repente parassem, como pararião, as levas nas Provincias; quando, sobretudo, deviamos suppôr que a mudança por tal modo não seria agradavel ao eleitor dos ministros.

“V. Ex. diz-me que nossos homens não devem auxiliar a situação dominante. Creio que se refere ao nosso procedimento nas Camaras, e a alguma commissão de particular confiança do govêrno. Com effeito, o desenlace dessa situação dependerá de nosso accôrdo e attitude no Senado.

“V. Ex. que me julga ás vezes timido (o que não contesto) ha de achar-me prompto para cumprir o meu dever de mãos dadas com V. Ex. e mais amigos. Deus queira que estejamos todos unidos. Receio que dous de nossos amigos continuem a mostrar-se mais timidos do que V. Ex. me acha ás vezes.

“Não pense que a timidez, em que lhe fallo, desgostou-me: não, ahi é que eu vi a sua franqueza de amizade, que mais penhorou-me. Eu tenho-me na conta de “valente”, mas pôde ser que confunda a timidez com a prudencia, que é a minha balda.

“Carecemos de esforço sério e prudente. Convem que então e desde já os erros e abusos se apontem e camprovem

quando fôr possível. Mais factos do que palavras. Digão o que quizerem os ministeriaes, a situação está gasta, e seria um grande mal a sua continuação.

"A tarefa da paz é mais difficil do que a da guerra, na politica interna e na externa.

"Si V. Ex. recebe o *Diario do Povo* (orgão liberal) veja o extracto de uma correspondencia particular, escripta da Europa, que elle dá em artigo de fundo, alludindo com desembaraço á abolição e ás suppostas ou reaes desavenças da familia imperial. Os ministeriaes dizem que tudo isso não vale nada.

"Chegou hoje um vapor inglez do Rio da Prata. Pouco adeanta em datas, e nada em factos. O mais importante é que uma canhoneira ingleza quiz subir para Assumpção, e o visconde de Inhaúma não permittiu.

"Até 25 ou 26 devemos ter communicação do theatro da guerra. Então saberemos se o Marquez acceitou o accôrdo, e em que ponto está o termo desta desastrosa guerra.

"Sempre de V. Ex., pat°. am°. collega cr°. obr°.—*J. M. da Silva Paranhos.*"

Os conservadores não provocaram a crise: applainaram-na, resolvendo-a a favor do ministerio Zacharias

Estas cartas de Rio Branco desmentem a conjura conservadora para derrubar Zacharias por influéncia da espada do general.

O partido não provocara a crise. Não haviam sido os seus chefes os que tinham, por suas cartas, estimulado a irritação ou a máguá de Caxias.

Theophilo Ottoni, em discurso no Senado, deu curso a um boato, que attribuia a "correspondencia particular", recebida por Caxias, a seu irmão, o veador Lima e Silva.

Não ha provas daquella instigação, e são abundantes as de que o partido conservador estava dividido em duas correntes — a dos que entendiam que elle devia subir ao poder, e a dos que julgavam inoportuno, precipitado, inconveniente esse chamamento ao govêrno. Entre estes estava o chefe do partido, Itaborahí, seguido de perto por São Vicente e Paranhos.

Zacharias suspeita de uma conspiração conservadora. O procedimento dos conservadores no Conselho de Estado convince-o do contrário.

Surgida a crise, quando, ante o pedido de demissão de Zacharias, consultou o imperador o conselho de estado, os conservadores votaram, — uns francamente em favor do gabinete (Abaeté e São Vicente), outros por uma solução fortalecedora do gabinete (Paranhos, Torres Homem, Bom Retiro e Muritiba).

A suposição de uma tentativa militar dos conservadores andou no ar e Zacharias confessa que, para se certificar de sua existencia, pediu demissão.

São de seu discurso de 6 de Junho, no Senado, estas palavras:

“O govêrno considerou que qualquer que fôsse o motivo de desconfiança que o marquez acolhera, não convinha a sua demissão de general em chefe; e, pois, pediu a propria exoneração. Foi nobre o procedimento do govêrno; deante das insinuações que daqui eram feitas pareceu-lhe que a resposta mais digna, mais generosa era a que o ministerio dava, pedindo para retirar-se do poder.

“Mas, porque ficou o ministerio? Por duas razões bem simples. O marquez alludia na carta a jornaes e á sua correspondencia particular. Ora, declaro a v. ex., com a maior franqueza, *entendi que alguma parte nessa correspondencia privada provavelmente terião os principaes amigos do nobre marquez, esses a quem reputo em mais elevada posição no seu partido, e mais no caso de apreciarem os negocios públicos. Semelhante conjectura, sr. presidente, decidio-me a deixar o poder.*

“Si não o foliculario, dado a intriga e enrêdo, mas homens de intelligencia elevada, com assento no conselho de estado, escrevessem ao general em chefe que o govêrno não confiava mais nelle e procurava tirar-lhe a fôrça moral, nesse dia o gabinete não devia mais continuar; então, a degeneração dos espíritos teria chegado ao poncto do govêrno não poder ter mais confiança em ninguem!

“O procedimento, porém, do conselho de estado desarmou o ministerio: o conselho de estado, que estava naquelle dia composto dos srs. marquez de Olinda, viscondes de Abaeté, Jequitinhonha, São Vicente e Sapucahi; barões de Muritiba e Bom Retiro; Nabuco, Paranhos e Torres Homem (faltando os srs. Euzebio e Souza Franco), isto é, o *conselho de estado*

formado assim por uma maioria de amigos dedicados do marquez de Caxias, e ao mesmo tempo de homens da primeira ordem do partido conservador, entendendo que não havia motivo para o pedido de retirada do ministerio, desarmou-o completamente e eu fiquei desde esse momento convencido de que na correspondencia particular, de que fallava o nobre marquez, não havia cartas de homens desta ordem. E, pois, dispuz-me ao sacrificio e continuei.

“Tambem, senhores, pesou no animo do gabinete a razão produzida pela corôa de que na presença de uma guerra estrangeira, a mudança de ministerio podia ter más consequências.”

Vemos, nesse trecho de Zacharias desmentido o mais eloquente á conspiração conservadora.

E, mais uma vez, Zacharias dá testemunho contrário á versão que Baptista Pereira endossa, quando, respondendo a Cotegipe, na sessão de 8 de Junho, disse:

“Não está, observou o nobre senador, segundo um dos aponctamentos que tomei, na consciencia official dos ministros que os conservadores pretendessem subir pela influência da espada.

“Mas, senhores, qual dos ministros disse jámais isso ?

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Bem...

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Nem o nobre senador o diria, ainda que effectivamente se deixasse absorver por tal modo pelos negocios ruraes, que não tivesse tempo para prestar attenção aos negocios publicos.”

“Quem já disse, em particular ou em público, em discussões desta ou da outra camara, que o govêrno se persuadiu de que os conservadores queriam subir pela influência da espada ?

“O que eu disse foi que os conselheiros de estado, conservadores, sentindo a responsabilidade de sua alta posição, não podiam deixar de reconhecer o perigo de uma politica em consequencia de um tal incidente. Naturalmente, dir-se-ia, como disse quasi toda a imprensa do norte, que o nobre Marquez, preparado para dar golpes decisivos á guerra, formulara este dilemma: — “ou nós ou vós”.

Amigos políticos do marquez de Caxias fazem-se intermediarios entre este e Zacharias, para que o gabinete e o general continuem em seus postos.

Mas no conselho de estado não se limitou ao voto a acção dos correligionarios e amigos de Caxias. Elles ainda intervieram como mediadores, buscando restabelecer a confiança entre o general e o gabinete.

No senado, Silveira da Motta caíu de rijo sôbre os conselheiros de estado conservadores, que haviam salvo o gabinete liberal, e sôbre os que se fizeram intermediarios:

“Os intermediarios hão de apparecer em campo; o paiz ha de conhece-los com a face descoberta; que tomem a responsabilidade de seus actos perante o paiz, perante o partido a quem condemnarão como incapaz de governar o estado, quero que appareçam a descoberto todos os que entram neste jogo político. O paiz ha de lucrar com a responsabilidade de todos estes; conhecerá a responsabilidade que tomaram os intermediarios — considerando o seu partido incapaz de governar — de acceitar o poder abandonado pelo sr. presidente do conselho”. (Discurso no Senado, a 5 de Julho de 1868.)

Zacharias, por orgulho, não quiz nunca confessar a acção desses intermediarios; mas na propria contestação a esse facto, feita no discurso de 6 de Junho, bem se vê que elles existiram. Disse Zacharias:

“No caso de que se tracta, assevero ao nobre senador que não houve intermediarios; não houve promessas de conciliação, nem sei se com effeito os conselheiros de estado escreveram nem em que termos se dirigiram ao general em chefe; supponho que como seus amigos, conhecendo perfeitamente os factos, lhe escreveram, mas não vi essa carta ou essas cartas, não sei que resposta tiveram nem tenho que ver com isso. O govêrno entendeu que não devia dar a demissão pedida pelo general em chefe; respondeu-lhe que, confiando em seu patriotismo, não lhe dava a exoneração; com effeito, as relações entre o govêrno e o marquez de Caxias continuaram nas mesmas condições que até então.

Penso que aquelles cavalheiros não prescindiriam do dever de amizade de escrever a seu amigo, informando-o do que realmente se passou; e louvo esse passo, si o deram,

porque o resultado mostrou que o sr. marquez de Caxias, oppondo esses novos elementos aos que encontrára nos jornaes e na sua correspondencia particular, continuou no seu posto de honra como se tal correspondencia nunca tivesse existido" (3).

(3) A carta escripta por Paranhos e subscripta por São Vicente. Muritiba e São Vicente, seus collegas conservadores no Conselho de Estado foi esta:

"Particular e reservada.

"Illm^o. e Exm^o. Amigo e Sr. Marquez de Caxias.

"Tivemos conhecimento do officio e da carta particular em que V. Ex. pediu sua demissão do commando em chefe do exercito em operações. Esse conhecimento nos veiu por uma consulta que o Imperador fez ao Conselho de Estado, visto haver o Ministerio todo, pelo orgão do Sr. Presidente de Ministros, dado a sua demissão, e ter S. M. de escolher entre as duas medidas a que fosse menos inconveniente para os grandes interesses nacionaes, que por uma ou outra podião soffrer grande detrimento.

"O Sr. Conselheiro Zacharias, na breve exposição que dirigio ao Conselho de Estado, e depois da qual retirou-se immediatamente, disse que a sua posição e dos seus collegas para com V. Ex. era a mesma em que se acharam quando o convidarão para tomar o commando do exercito: julgavão necessarios os serviços de V. Ex. nesse ponto, e, pois, que V. Ex. declarava não poder servir com elles retiravão-se agora como se terião então, não modificando o Gabinete que é solidario, mas removendo o embaraço que V. Ex. encontrava para o desempenho da honrosa missão que lhe fôra confiada.

"O Ministerio preferindo assim expontaneamente a sua demissão á retirada de V. Ex., que nem condicionalmente solicitou, e o Imperador ouvindo com urgencia em tal conjunctura o Conselho de Estado, mostrarão a importancia que ligão aos serviços de V. Ex., e ao effeito que podia ter essa mudança na direcção da campanha e commando do exercito brasileiro.

"Nosso voto e os dos Srs. Visconde de Sapucahy, e Torres Homem, de perfeito accôrdo na apreciação do procedimento de V. Ex., coincidirão tambem em sua conclusão. Pareceu-nos, e parece-nos ainda não convir nem a demissão de V. Ex., nem a retirada do Ministerio, e que se devia appellar para o patriotismo dos ministros e do General, no intuito de que se restabelecesse a confiança reciproca que V. Ex. julgou quebrantada, e que os Ministros, consultando as suas intenções, afianção que existiu sempre em toda a sua pureza e força.

"Por unanimidade os outros Conselheiros de Estado chegarão á mesma conclusão, ainda que nem todos apreciassem a questão sob o mesmo ponto de vista.

"Não desconhecemos, nós os amigos de V. Ex., que os factos e circumstancias citados em sua carta erão motivos plausiveis para

Paranhos informa que escreveu cartas a Caxias no sentido da reconciliação

Rio Branco, em seu discurso de 9 de Junho, declara que escreveu a Caxias no sentido da conciliação, e insinúa que isso fez para servir ao Ministerio:

“Senhores, ha cousas que se comprehendem, sem que se manifestem muito: eu comprehendo e comprehendi logo que necessariamente o ministerio, recebendo um pedido de demissão do general em chefe, e tractando-se de um cargo de tanta importancia como é aquelle, teria de trocar com o general explicações que os trouxessem á perfeita confiança e harmonia que são indispensaveis para o bom éxito da missão incumbida a um e outro, ao ministerio e ao general”.

a desconfiança que assaltou o animo de V. Ex.; e comprehendemos outrosim que, sem a persuasão de pleno apoio e benevolencia da parte do Governo Imperial, faltaria a V. Ex. um dos principaes elementos necessarios para a força moral do seu commando, e para o bom exito da campanha que em tão difficeis condições foi confiada ao valor e pericia de sua espada.

“Mas deviamos tambem presuppôr as boas intenções que o Ministerio, pelos órgãos dos Srs. Conselheiros Zacharias e Paranaguá, assegura ter sempre nutrido e nutrir por sua parte; e em presença das graves consequencias que podia acarretar uma ou outra das soluções extremas, e que não terão escapado á reflexão de V. Ex., entendemos, sem hesitar, que importava muito e muito evital-as, se fôsse possivel.

“V. Ex. sentio-se offendido em seus melindres de cidadão e soldado, leal e dedicado; vio em certos factos da imprensa, e em actos recentes do Ministerio da Guerra, uma demonstração de falta de confiança. E’ natural o resentimento de V. Ex., bem como o seu receio em posição de tamanha responsabilidade.

“Mas o Ministerio, se não procurou desvanecer a impressão que o artigo da folha estrangeira podia produzir no animo de V. Ex., se não vio offensa á dignidade do cargo de V. Ex., nos dois avisos a que se refere, descansou em outras provas de maior confiança que julga ter dado a V. Ex., bem como nas declarações feitas no *Diário Official* em relação ás invectivas do inglez Scully, e sobretudo afiança que sempre procedeu com as melhores intenções.

“Posta a questão nestes termos, pensamos que era natural e facil o restabelecimento das boas relações que existião entre o Ministerio e V. Ex., seu digno delegado nesse posto da mais elevada honra e dos mais duros sacrificios, apagando-se inteiramente a im-

Nessa mesma occasião, Rio Branco declarou que nada havia escripto, anteriormente ao incidente, a Caxias. São Vicente tambem isso confirma:

"Antes disso eu não tinha escripto ao general sôbre similhante incidente. O nobre presidente do conselho, si sua suspeita pairou sôbre mim...

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Não apoiado.

"O SR. THEOPHILO OTTONI — Então é o sr. visconde de São Vicente.

"O SR. PARANHOS — ... porque sou somenos comparativamente aos srs. conselheiros de estado conservadores, foi injusto.

pressão daquelles incidentes. Assim se pouparia ao Imperador e á Nação a grave difficuldade de uma mudança de Ministerio nestes momentos, ou a de dar-se um substituto a V. Ex.

"Vimos, pois, como amigos e como brasileiros, pedir a V. Ex. instantemente que desista da sua demissão; que conclua a campanha que só V. Ex. pôde concluir, acceitando a Deliberação do Imperador, que não lhe pôde ser, mais honrosa, fazendo quanto esteja da sua parte para reatar suas boas relações com o Ministerio. Dos Srs. Conselheiros Zacharias e Paranaguá ouvimos os mais positivos protestos de plena confiança em V. Ex., posto que doessem muito ao segundo daquelles senhores, e por elle a todos os seus collegas, alguns termos de profundo resentimento de V. Ex.

"Acceda ao nosso pedido, caro amigo e Sr. Marquez: é uma nova e assignalada prova de sua dedicação ao Imperador e á Nação Brasileira, que elle tão dignamente representa. Aceite a mão de cavalheiros que de novo lhe vão extender os Srs. Ministros já agora identificados com V. Ex. no grande empenho de concluir a presente campanha, salvando incolume o decôro nacional e garantindo a segurança do Imperio, que vitalmente depende do respeito que infundir a nossa bandeira ou o character, valor e civismo do Povo Brasileiro.

"Por nossa parte temos, cheios de confiança, preenchido a missão que nos impuzemos. O mais pertence ao Ministerio e a V. Ex.: dos quaes esperamos que, por falta de explicações reciprocas, e, se fôr necessario, por algum sacrificio em seu amor proprio, não descerão da altura dos deveres que a Patria lhes impõe nesta gravissima situação.

"E' este o voto cordial e ardente dos

De V. Ex.

Affectuosissimos amigos, collegas, e creados obrigados

Visconde de São Vicente.

Barão de Muritiba.

Barão de Bom Retiro.

José Maria da Silva Paranhos."

(Toda escripta pelo Visconde do Rio Branco, sem data. No Archivo Nacional.)

"Eu não tinha escripto, mas tambem não tomaria como injuria a supposição do nobre ministro, salvo si a palavra enredo —, de que elle se serviu ultimamente, pôde applicar-se á correspondencia que nos era attribuida.

"O SR. THEOPHILO OTTONI — Está claro.

"O SR. PARANHOS — Pelo simples facto de suppôr s. ex. que tivesse escripto não me faria injuria, porque como particular posso aconselhar a meus amigos o que julgar conveniente á sua dignidade e aos interesses do paiz. E' certo, porém, que havia muito tempo não trocava eu cartas com o nobre marquez de Caxias; a verdade é que o *facto submettido ao conselho de estado nos era completamente extranho até aquelle momento*".

Theophilo Ottoni, em discurso no Senado, a 9 de Junho, insinuou que o intermediario maximo para a accommodação entre Zacharias e Caxias foi o veador Lima e Silva, irmão do marquez, o mesmo que por sua correspondencia anterior provocara o incidente.

O incidente ficou terminado a 20 de Fevereiro

A acção conciliadora dos correligionarios e parentes de Caxias surtiu effeito.

Narrando os factos na sessão do Senado de 6 de Junho, disse Zacharias:

"O govêrno não respondeu á carta do sr. marquez de Caxias, confiou-a á apreciação do chefe de estado. O certo é, sr. presidente, *que similhante incidente desapareceu completamente*; o marquez de Caxias não só depois do seu pedido de demissão praticou os actos gloriosos que todos os brasileiros applaudiram (apoiados) como proseguiu na sua correspondencia com o govêrno da mesma fórma que dantes; *não se interromperam a harmonia e benevolencia reciprocas entre o ministerio e o general. O incidente, pois, desapareceu sem deixar vestigios*".

Defendendo Caxias contra críticas e ataques de Silveira da Motta, assim se expressou Zacharias no Senado, a 23 de Junho de 1868:

"Nós, ponderou o nobre senador, não temos Condés nem Turennes; olhando para o nosso exercito, vemos o nobre marquez de Caxias, que ninguem contesta ter algum desenvolvimento; são as palavras do nobre senador.

"Sr. presidente, também não digo que tenhamos Condés nem Turennes; mas o que sustento é que, como diz o nobre senador, o sr. marquez de Caxias é dos nossos officiaes o de maior desenvolvimento.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Foi o que eu disse.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — V. ex. disse — tem algum — e eu entendo que é o de maior desenvolvimento; portanto, a escolha do governo recaiu em quem devia recair.

"Accresce uma circumstancia que tenho dicto muitas vezes e peço licença ao Senado para repetir: o nobre marquez de Caxias, por sua longa vida militar, por sua elevada posição social e sobretudo por suas maneiras, possui o dom de captivar a vontade dos militares: onde elle domina desapparece a intriga entre os chefes (apoiados); a sua nomeação, pois, tornara-se imprescindivel".

(Sessão de 23 de Junho de 1868).

Já na opposição, passando Zacharias a atacar fortemente a Caxias, a quem elogiara enquanto fôra presidente do conselho, explicava a sua inconsequencia, dizendo que *até Dezembro de 1868 Caxias andara bem e fôra merecedor de seus elogios*; desde, porém, que declarou a guerra terminada e se retirou do Paraguai, devia censura-lo.

Eram essas as declarações públicas do presidente do conselho. Seriam talvez disfarces de uma íntima situação vexatoria, que havia de ser resolvida, mas ia sendo adiada; seria uma dessas declarações de força, com que se illudem, e á opinião, os gabinetes já com os ouvidos atordoados nas zoeiras de anemia mortal — falsos testemunhos de tranquillidade e confiança, quando lavram subterraneos a discordia e o dissidio; recursos políticos protelatorios, tão frequentes na história dos regimes parlamentares.

Ao encarar essa suspeita, ha que considerar o character de Zacharias, — impetuoso, orgulhoso, sobretudo orgulhoso. Será lícito imaginar nelle tal prodigio de dissimulação, ao poncto de louvar espontaneamente em público o general que lhe infringira uma humilhação, que ainda lhe avermelhava as faces?

Ou será melhor crêr que de facto fallava elle verdade, isto é, tudo se compuzera e o incidente havia desapparecido?

Por esta última hypothese existem documentos íntimos — não já palavras fingidas, *políticas*, dictas para o público — que a tornam uma verdade indiscutivel.

Em 1º de Março de 1868 (haviam decorrido dez dias de 20 de Fevereiro), Pedro II escrevia a Paranaguá, ministro da guerra, a seguinte carta, na qual se vê que, para o gabinete, o incidente desapparecêra e que o imperador se ex-fôrçava por que não restasse, da parte do general o menor resentimento contra o ministerio, por que a harmonia fôsse a mais perfeita, — absoluta:

“Sr. Paranaguá — Restituo o officio do Caxias, cuja publicação deve produzir muito bom effeito.

“Notei o final d'elle, e vejo que será uma das queixas do Caxias, a qual será conveniente que se faça desapparecer, si fôr possível.

“A volta do Pereira da Cunha, com quem já conversei, me parece urgente, não só pelo pedido de Caxias, como porque poderá, referindo a este tudo o que ouça, *acabar de destruir quaesquer apprehensões que ainda restem no ánimo de Caxias*. Fallo assim porque observo que elle diz que será o commandante ou dará o commando ao Herval da expedição que preparam, e talvez o Caxias quizesse *elle proprio* dirigir o ataque do dia 19, para que qualquer resolução sua posterior não seja interpretada de modo que lhe fique desairoso. Já numa folha do Rio da Prata, eu notei que elle participa a tomada do reducto do Herval, como sendo este o commandante em chefe do exército brasileiro.

“E' preciso não pensar sómente nos feitos gloriosos, que a todos os brasileiros encham de júbilo, e *prevenir o que possa crear embaraços á terminação da guerra do modo que todos desejamos e esperamos*.

“Escrevo-lhe desde já porque sei que o senhor tem procedido no negócio, que ainda me preoccupa, e, passada esta noite, melhor conversaremos amanhã sobre tal assumpto, certo de que suas reflexões muito contribuirão para tranquillizar-me.

1º de Março de 1868. — D. Pedro II”.

(Publicada na *Revista do Instituto Historico*, tomo especial, centenario de Pedro II).

Pedro II achiava imprescindivel, para prevenir embaraços á terminação da guerra, que Caxias não tivesse queixas, destruísse quaesquer apprehensões, conservasse per-

feita concordancia com seus ministros, de um dos quaes. Paranaguá, dá testemunho de como agira a tal respeito:

“Escrevo-lhe desde já porque sei que o senhor tem procedido no negócio, etc.”.

Nesse exfôrço, aliás, continuava Pedro II uma velha attitude. Numa carta de seis mezes antes, mostra como diligenciava por manter essa confiança, essa harmonia de vistas, entre o general e o ministerio:

“Caxias está animado; porém, elle merece, e o bem do Estado exige que elle receba como até agora o apoio do governo. Veja se falla hoje mesmo sôbre este assumpto, com o Zacharias pelo menos”.

(Carta de Pedro II a Paranaguá, datada de 6 de Setembro de 1867 — “apud” *Revista do Instituto Historico*, Tomo especial, Centenario de Pedro II, pag. 392.)

Já agora temos, além de declarações públicas de um politico ultra altivo a affirmar o incidente findo e a elogiar o general, mais essa carta particular do imperador ao ministro da guerra. Haverá, entretanto, exigentes que neguem a tal carta o seu valor probante, assim isolada. Pois venha outra. Esta é missiva reservada do visconde do Rio Branco a Cotegipe. Narra Rio Branco o episodio de 20 de Fevereiro e accrescenta:

“... procuramos remover a crise por explicações entre as duas partes dissidentes. *Aqui surtiu o conselho o melhor effeito*, lá em Tuyu-cué espero que sim, mas não o assevero”.

(Carta de 29 de Fevereiro — Archivo de Cotegipe.)

Relações entre Zacharias e Caxias após o 20 de Fevereiro

A ser real a versão de que após o 20 de Fevereiro, Zacharias enchia tempo á espera de um pretêxto para deixar o podêr, as suas relações com Caxias deviam ser frias, mêramente protocollares, officiaes. Ou Zacharias não teria brio. Depois de humilhado, o estadista Bahiano não faria “démarche” alguma juncto a quem quer que fôsse, no sentido de evitar que o general-chefe se pudesse melindrar. Pois bem: aqui temos o presidente do conselho, em Abril de 1868, a se dirigir a seus agentes mais íntimos e confidenciaes, cuidadoso de

que o marquez não tivesse motivos para desconfianças. Em carta datada de Buenos Aires, de 10 de Abril de 1868, Joaquim Thomaz do Amaral escreve a Zacharias:

"Esteja v. ex. tranquillo quanto ás minhas relações com o marquez de Caxias. Elle já respondeu aos meus officios e eu não deixo passar occasião de escrever-lhe particularmente, sem alludir-lhe ao negócio dos ajustes preliminares, que é o motivo das suas susceptibilidades.

"Dei-lhe os meus parabens pelos seus triumphos, e ultimamente estimei que um official recorresse a mim para obter uma pequena licença. Quem pede favor — eu pedi-o — não está offendido. Tenho posto de lado a minha pessoa e não attendo sinão aos negócios que o govêrno promove".

(Carta entre os papeis de Zacharias no Archivo Nacional).

Ha ainda outro testemunho da cordialidade entre Zacharias e Caxias, após 20 de Fevereiro.

A respeito de offerecimentos de Mauá relativos á guerra, e que determinaram grave incidente entre este e Zacharias, Caxias se puzera ao lado do Govêrno. Entre os papeis dêste estadista, que estão no Archivo Nacional, ha um bilhete de Mauá, datado de 3 de Março de 1868, em que se despede de Zacharias, e accrescenta: "tem a honra de enviar a S. Ex. a inclusa carta do sr. marquez de Caxias, em resposta á carta de que opportunamente enviou cópia a S. Ex....". A esse topico Zacharias respondeu — "... tem a honra de devolver a S. Ex. a carta do sr. marquez de Caxias, que S. Ex. enviou-lhe, porque não se lhe faz preciso isto, visto que o mesmo sr. marquez remetteu-lhe cópia dessa carta, a qual, seja dicto de passagem, é *digna da lealdade de quem escreveu-a*". Esse excusado elogio á lealdade de Caxias poderia brotar do ânimo de quem humilhado, e já virtualmente expulso do poder, assim se referia ao seu algoz político ? !

E no dia seguinte, 4 de Março, Zacharias endereçava a Caxias as duas cartas seguintes, uma das quaes é resposta á que o marquez dirigira a Paranaguá, e que Zacharias dissera no Senado não haver sido respondida:

"Rio de Janeiro, 4 de Março de 1868.

"Illmo. e Exmo. Sr. Marquez de Caxias

"O dia 19 de Fevereiro tornou-se um dia para sempre memoravel em nossos annaes, e a gloria desse dia é na ma-

xima parte obra da pericia e do valor de V. Ex., que deu forte impulso á passagem de Humaytá e dirigiu em pessoa o ataque do reducto "Estabelecimento".

"A Nação o reconhece no intenso jubilo com que acolhe as noticias que trouxe o transporte *S. José* e Sua Magestade o Imperador autorizou-me a dizer a V. Ex. que nos feitos brilhantes de 19 de Fevereiro vê a prova de que vae em brevê realizar-se o que sempre esperou de V. Ex., a saber: a honrosa conclusão da guerra.

"Receba pois V. Ex. os sinceros parabens que em meu nome e de todos os meus collegas lhe dou pelos feitos a que me refiro, enquanto lhe não dirijo felicitações ainda mais expansivas pelos successos ultteriores que aquelles feitos afianção.

"Esses successos interessão a honra do Brasil, atrozmente insultada pelo Dictador Paraguay, interessão á prosperidade material e ás finanças do Paiz, profundamente perturbadas pelas grandes despesas que a guerra inevitavelmente exige.

"Vê portanto V. Ex. que vencer Lopez é vingar uma injuria nacional, é restabelecer o equilibrio das finanças do Brasil e desobstruir os caminhos do seu adiantamento.

"A missão de V. Ex. é, pois, grandiosa, mas a sua bôa estrella o guiará ao fim desejado.

"Eu lh'o desejo de coração, como Brasileiro, como Ministro, e como

De V. Ex.

Am.º Obr.º

Z. de Góes e Vasconcellos."

"Rio de Janeiro, 4 de Março de 1868.

"Illmo. e Exmo. Sr. Marquez de Caxias

"Recebi a carta de V. Ex. de 21 de Fevereiro, acompanhada da cópia da que V. Ex. dirigio ao Barão de Mauá em resposta ao offerecimento que este fizera de fundos para as despesas do Exercito sob seu commando.

"Do character de V. Ex. não era de esperar outra cousa, e asseguro-lhe que a sua resposta penhorou-me em extremo, porque pulverisa a arguição de falta de zelo do Governo em assumpto tão grave qual o do pagamento dos soldos do Exercito e da Esquadra.

"E pois que alludo aqui á lealdade que folgo em reconhecer em V. Ex. permitta-me que aproveite o ensejo

para dizer-lhe que a mesma lealdade tem constantemente observado e continuará a observar o Governo para com V. Ex.

"Sei que inexactas apreciações de uma parte da imprensa da Côrte e cartas particulares de pessoas que não conhecião a fundo as cousas, abalarão em V. Ex. a persuasão de que continuasse inalteravel a confiança que determinou em Outubro de 1866 a nomeação de V. Ex. para commandar as forças Brasileiras em operações contra o Governo do Paraguay.

"E' felizmente um engano.

"O *Diario do Povo*, que aggreuiu a V. Ex., é pelourinho em que se aqouta todos os dias o Ministerio.

"O *Anglo-Brasilian-Times*, outro jornal que atacou a V. Ex., é redigido por um irlandez que de ha alguns annos recebe adeantado um auxilio da Repartição da Agricultura com o fim de favorecer a immigração, mas que reserva-se a liberdade de pensamento, censurando algumas vezes o procedimento do Governo, como ainda ha pouco o fez e muito descommeditadamente a respeito da baixa do cambio. Tendo esse escriptor recebido adeantado o subsidio, não podia este ser então suspendido; soffre, pois, o Governo até as censuras do redactor do periodico, como soffre de outros jornalistas que apresentando-se como amigos da administração levantão-lhe comtudo a cada passo difficuldades.

"O aviso recommendando ao Coronel Piquet a necessidade de fazer seguir para a guerra quantas praças estivessem no caso de ter alta, foi em tudo igual aos que na mesma data se dirigirão para Santa Catharina e Montevidéo. aviso ditado pelo desejo de auxiliar a V. Ex. em sua ardua tarefa, e não porque se duvidasse do zelo e diligencia de V. Ex.

"Quanto ao vapor *Pedro II* basta dizer a V. Ex. que seu officio communicando á Secretaria da Guerra havel-o despedido é de 15 de Janeiro proximo passado, e que o aviso ao Consul Alencastro em que se perguntava, para evitar duvidas no pagamento do frete, se já estava elle dispensado, é datado de 14 daquelle mez de Janeiro. E, pois, veja V. Ex. se era possivel á Secretaria de Estado pôr de parte o seu officio para lavrar o referido aviso, sendo este 24 horas mais antigo que o officio.

"O Governo sabia a idade que V. Ex. tinha, as molestias que soffria quando o convidou para ir commandar as nossas forças no Paraguay, nem tampouco desconhecia

as suas idéas políticas: apreciava, porém, devidamente as qualidades militares e sobretudo o patriotismo de V. Ex., que nunca se tem recusado a sacrificio. Convidou-o e V. Ex. aceitando a Comissão; só exigiu uma condição — a de uma inteira confiança.

“Essa inteira confiança V. Ex. teve-a ao partir, teve-a enquanto circumstancias extraordinarias, imprevistas, retardavam os golpes decisivos contra o inimigo, como tem-na hoje que tudo conspira a fazer acreditar que se approxima o termo da guerra sob a direcção de V. Ex.

“Fallo assim porque tenho consciencia de que estudados os factos, e reconhecidas as intenções com que forão praticados, ha-de verificar-se que a lealdade do Governo para com V. Ex. é igual á lealdade de V. Ex. para com o Governo, não tendo jámais variado a confiança que nos fez escolher a V. Ex. para tão importante commissão.

“Em conjunctura tão grave, na presença de uma guerra, não de ambição, mas de honra, qual a em que nos achamos empenhados contra o Governo do Paraguay, tirar por qualquer modo o Ministerio força moral ao General em Chefe seria mais do que uma perfidia, seria um crime de lesa-nação.

“E V. Ex. que prima em cavalheirismo e amor da Patria, póde receiar tal crime da parte do Governo Imperial?

“Sou Sr. Marquez

De V. Ex.

Am.º muito obr.º

Z. de Góes e Vasconcellos.”

(Entre os papeis do duque de Caxias — Archivo Nacional).

Assim surgiu e desapareceu o incidente Caxias-Zacharias, sem que a compostura militar de Caxias se perdesse em arreganhos de caudilho, sem que o partido conservador, em emboscadas inconfessaveis, buscasse subir á custa de pronunciamentos do general-chefe.

Após 20 de Fevereiro decórreram cinco mezes até que, num incidente com a corôa, Zacharias se demittiu. Sus-tenta Baptista Pereira que, desde Fevereiro de 1868, o gabinete Zacharias estava morto, sendo a escolha de Torres Homem um pretêxto que se lhe deparou para cair com decencia.

E' preciso demorar um pouco a attenção, perguntando:

Quem buscava o pretêxto, o imperador ou Zacharias ?

Pedro II, numa conferência ministerial, protocollada por Cotegeipe, dissêra um dia, definindo bem o seu conceito do podêr pessoal: “enquanto julgava dever conservar os ministros sempre cedia á opinião dêstes...” O criterio da necessidade de conservar os ministros e da oportunidade de os dispensar lhe pertencia, e, quando entendia, provocava os incidentes necessarios ás mudanças premeditadas.

A quéda do gabinete Zacharias seria mais um lance do arbitrio imperial. Na intimidade das conferencias, Pedro II daria a entender o seu modo de pensar, restringiria as manifestações de sua confiança até que, na escolha de Torres Homem, aponetasse a Zacharias a porta de saída. Este daria á sua despedida o tom dramatico de uma censura á corôa.

Que tivesse o imperador buscado o pretêxto parece não haver dúvida ao lermos esta nota apposta por s. m. á margem de um livro de Joaquim Nabuco: “Foi pelo desejo de terminar a guerra com a maior honra e proveito (em relação ás nossas relações externas) para o Brasil que não cedi na escolha de senador. O ministerio liberal não podia continuar com a permanencia de Caxias á testa do exêrcito e eu não pensei em meu genro sinão em último caso”. (*Estadista do Imperio*, vol. 3º, pag. 118.)

Certo a princípio de que era possível prolongar a reconciliação entre Caxias e Zacharias, trabalhando fortemente por ella, veio afinal Pedro II a se convencer de que, para dar aos factos militares e polîticos a mais perfeita harmonia, era preciso demittir o ministerio. E armou, com a escolha senatorial, o incidente que lhe permittio chamar ao podêr os conservadores.

Razões da vira-volta do imperador

Si o episodio de 20 de Fevereiro entretanto não determinara o imperador a essa attitude; si as relações entre o gabinete e o general se haviam reatado com a mesma confiança e lealdade; si para isso collaborara o proprio imperante — porque, e desde quando, mudara de orientação sua magestade ?

Quando e por que veio a se convencer ser impossível, continuando o partido liberal, no podêr, a permanencia de Caxias no Paraguai ?

Fica com estas perguntas, aberto o campo ás conjecturas.

Venha a primeira:

As minucias do incidente de 20 de Fevereiro mantiveram-se em reserva até que, por ocasião da discussão da resposta á falla do throno, em Junho, esse episodio foi explorado na Camara e no Senado pelos adversarios ao gabinete. O imperador se impressionara com essa discussão e com tal ou qual expressão menos discreta de Zacharias, até ao ponto de se convencer de que a reconciliação conseguida já não podia subsistir. Póde-se compôr um rompimento dentro dos muros de uma relativa intimidade, na intimidade de reservas relativas; mas, si estala com escandalo, "coram populi", na praça pública, no parlamento, já toda a conciliação será fraca e insubsistente.

Fôram as discussões parlamentares a respeito do incidente de Fevereiro que dictaram ao imperador a sua resolução de sacrificar Zacharias.

Segunda conjectura:

A 19 de Fevereiro, forçava-se Humaitá. Esse feito militar, por aquella época, era julgado quasi como o epilogo da guerra. Quando se tomasse essa fortaleza, estaria virtualmente terminada a campanha. Pedro II fazia tudo por manter Caxias no Paraguai, e ao mesmo tempo evitar perturbações políticas com a mudança de ministerio, perturbações fataes aos successos da guerra si ellas precedessem áquelle grande golpe.

Tomada Humaitá, seria opportuna a mudança ministerial já aprasada (4).

(4) Não digo sem razões mudança ministerial aprazada. Aqui estão indícios, sinão provas:

"Tambem, senhores, pesou no ánimo do gabinete a razão produzida pela corôa de que, na presença de uma guerra estrangeira, a mudança de ministerio podia ter más consequencias". (Discurso de Zacharias no Senado — 6 de Junho de 68.)

Fallando São Vicente, a 30 de Junho, pergunta porque julga inhabilitado o partido conservador para subir, ao que aparteia Octaviano: "Porque não póde subir sinão com a dictadura", e logo Silveira da Motta: "*E depois de tomar-se Humaitá*". Nesse mesmo discurso ha este topico e estas interrupções:

Entretanto, o succeder dos factos mostrava o êrro dessas previsões.

A marcha da campanha, tirado o effeito épico da passagem de Humaitá, dava a impressão de lentidão que impacientava. Caxias preparava os grandes golpes, mas a opinião se mostrava sofrega. A esse mal estar não escaparia o imperador. (5).

"Penso que ainda alguns mezes durará a guerra.

.

"O SR. DE SÃO VICENTE — Não sabemos qual será a duração da guerra...

O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Oh! esta é que é a difficuldade.

O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Ao menos eu não sei si as forças que existem em campanha são bastantes ou não, ou que urgencia ha de outras providencias. Na mudança regular de um Ministerio, essas e outras necessidades serão previstas e competentemente apreciadas com pausa. E' para mim de muita importancia. Não posso, pois, por mais esta razão, concordar em que se procure realizar agodadamente, ou por tal modo a mudança do gabinete.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA — E' de Ministerio, quando houver triumpho, depois de tomar-se Humaitá... (dirigindo-se ao sr. presidente do Conselho) quando tomar-se Humaitá deitam-o abaixo.

O SR. F. OCTAVIANO — Isto é verdade.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Por isso elle não quer que se tome.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Não duvido que tenha concorrido para a demora".

(5) Essa impaciencia imperial está documentada:

"Qualquer demora que não fôr exigida pela necessidade de não sermos batidos é *prejudicialissima*".

(Carta de Pedro II a Paranaguá, 12 de Janeiro de 1867).

"...devendo elle (Caxias) proceder sempre conforme as instrucções que levou, afim de quanto antes conseguir qualquer dos dous resultados que unicos me farão depôr as armas".

(Carta de Pedro II a Paranaguá, 27 de Janeiro de 1867).

"Chame na conferencia de hoje a attenção de seus collegas mais seriamente para os negocios da guerra. Sabem que estou disposto a todos os sacrificios para que triumphem brevemente as armas brasileiras. Todos esperam algum facto decisivo este mez ou até mediados de Março; e se não o houver ?

.....
"Sem um grande arrojio nada alcançaremos e confio que o Caxias o praticará cooperando a esquadra, desde que houver oportunidade".

(Carta de Pedro II a Paranaguá, 7 de Fevereiro de 1867).

"Parece que cumpria não demorar a passagem de Humaitá pela esquadra".

(Carta de Pedro II a Paranaguá, 19 de Abril de 1867).

“Deus queira, e assim espero, que até 24 dêste cheguem notícias da tomada e occupação de Humaitá, de que as suas obras de fortificação fôram arrasadas e o exército se pôz ou ia pôr em movimento por terra e pelo rio”.

(Carta de Pedro II a Paranaguá — 20 de Abril de 1868 — *apud* Tomo especial da *Revista do Instituto Historico*, pagina 400.)

Assim ansiôso pensava talvez Pedro II estimular Caxias a golpes decisivos, desde que o livrasse inteiramente de temores, garantindo-o contra as fataes consequencias que elle porventura receiava de qualquer insuccesso transitorio, não tendo por si, no govêrno, confiança e benevolencia.

Allude Joaquim Nabuco ainda ao receio do imperador, *exactamente neste momento*, das mais graves complicações externas (Vol. 3º, pag. 117), e lembra a *palavra fatal* pronunciada por Zacharias: “A mudança de política interna não se pôde operar por influência da espada e imposição da *caudilhagem*”. Essa expressão soaria mal aos ouvidos do imperador, como uma provocação a Caxias. Isso occorria em Junho, quando mais accesa era a campanha parlamentar e política, a fazer do incidente de 20 de Fevereiro o seu refrão preferido para desprestigiar o govêrno. Tudo isso tornaria, como diz ainda Joaquim Nabuco, *em Julho a situação intoleravel*. E’ então que Pedro II se decide á mudança de gabinete e de partido.

“A carta do Caxias muito me agrada. Talvez haja combate decisivo a 2 de Julho; comtudo eu tenho muito medo das demoras das marchas”.

(Carta de Pedro II a Paranaguá, 24 de Junho de 1867).

“Creio que o Caxias não se demorará em assaltar Humaytá.

.....
“Eu ainda espero que a terminação da guerra não se prolongue muito”.

(Carta de Pedro II a Paranaguá, 30 de Dezembro de 1867).

“Penso que ainda alguns mezes durará a guerra.

.....
“Deus queira, e eu assim o espero, que até 24 deste cheguem notícias da tomada e occupação de Humaytá, de que as suas obras de fortificação foram arrasadas e o exercito se poz ou ia pôr em movimento por terra ou pelo rio”.

(Carta de Pedro II a Paranaguá, 20 de Abril de 1868).

Todas estas cartas estão transcriptas no tomo especial da *Revista do Instituto Historico Brasileiro* — Contribuições para a biographia de Pedro II — 1925).

Seriam estas as razões imperiaes para, a princípio, conservar Zacharias, e depois buscar pretêxto para demitti-lo.

Agora os factos e razões que nos convencem de que o pretêxto não foi buscado por Zacharias, ou o fôra muito tarde, ás vespéras de 16 de Julho, quando percebeu claramente a falta de confiança imperial.

Ao invés de se sentir fraco após o incidente, Zacharias demonstrava vigôr, agia e fallava como quem conta com vida longa, certo de sua permanencia no govêrno, pelo menos até ao fim da guerra.

O gabinete não saiu fraco do incidente e aspirava longa vida.

Zacharias pretendia continuar no govêrno até o fim da guerra.

Si o ministerio tivesse saído do incidente de 20 de Fevereiro como vencido que apenas espera pretêxto honroso para a retirada, dissimulando a verdadeira causa de sua quêda, Zacharias não insistiria tanto em affirmar que o conselho de estado e a corôa reputavam inconvenientes mudanças politicas antes da terminação da guerra e que até lá o ministerio devia ser mantido.

No discurso de 6 de Junho, no Senado, dizia Zacharias:

"Trahição portanto não houve; trahição haveria si, contra a sua consciencia, aconselhassem (os conselheiros do estado) *uma mudança política no momento em que a guerra caminhava para o seu desenlace*. Teriam dado a mais triste idéa de sua aptidão política si não previssem os graves embaraços que resultariam da ascensão de seu partido em taes circumstancias".

Na sessão de 13 de Junho, elle repete:

"Pareceu ao nobre senador imprudente que eu referisse ao Senado as palavras proferidas pela corôa de que *nas actuaes circumstancias do paiz, isto é, na presença de uma guerra, não era conveniente á mudança de ministerio*. "Sr. presidente duas fôram as razões dadas para que os ministros se não retirassem: 1ª, a improcedencia dos motivos da queixa do general; 2ª, o transtorno que traria á *marcha dos negocios públicos uma mudança nestas circumstancias*.

“Não posso desconhecer, sr. presidente, que em outros paizes, ainda em tempo de guerra, não deixa ás vezes a opposição de guerrear o govêrno, procura derriba-lo; sei que em nosso paiz mesmo, duas ou tres mudanças de gabinete se têm realizado depois que começou a guerra; mas nem por isso é menos certo que, em presença de uma guerra, é sempre de grande inconveniencia uma mudança de política, porque retarda a marcha dos negocios, o expediente da administração e assim acoroçôa o inimigo”.

Si fallava assim de público, dava igualmente, em sua correspondencia íntima, provas de se sentir prestigiado e forte, manifestando a convicção de se haver revigorado com o incidente, e ter um futuro garantido deante de si, tão largo, pelo menos, quanto a duração da guerra.

Em carta datada de Montevidéo, a 31 de Março de 1868, escrevia, a Zacharias, Joaquim Thomaz do Amaral:

“Alegra-me a confiança que v. ex. tem na fôrça de seu gabinete. Creio firmemente que toda a mudança seria prejudicial aos interesses do paiz. O ministerio actual e não outro deve concluir a guerra e fazer a liquidação final dos negocios que a ella se prendem. O menor mal de uma mudança seria a paralysação, embora momentanea, do enorme machinismo que se acha montado para a guerra e para a paz”.

(Archivo de Zacharias, no Archivo Nacional.)

Zacharias faz praça de sua fôrça juncto á corôa, ameaçando o Senado com a dictadura

Naquelle discurso de 6 de Junho, cresce Zacharias de energia, numa demonstração apparatosa do apoio que lhe dava a corôa e da fôrça de que se sentia animado:

“Na verdade não estamos em circumstancias normaes; pelo contrário, as circumstancias são graves e, pois, pouco proprias para discussões tibias.

“Luctamos ainda com uma guerra não terminada e pedindo meios extraordinarios; um govêrno deve haver no paiz que tenha á sua disposição esses meios; a Camara dos Deputados concede-os ao ministerio actual; si o Senado proceder em sentido contrário; si a bandeira do radicalismo, arvorada pelo nobre senador (Silveira da Motta), reunir em

torno de si tanta gente que o governo não possa obter do Senado esses meios extraordinarios, então o caso está de todo fóra da regra que tenho adoptado e é preciso outra resolução.

“A occasião, pois, é solenne, não é de meias medidas...

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — E' preciso explicar como esse caso fica fóra de toda a regra.

“O SR. THEOPHILO OTTONI — A dictadura...

“O SR. VISCONDE DE JEQUITINHONHA — Oh! Oh!

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Si a guerra estivesse concluida minha linguagem seria outra...

“O SR. BARÃO DE SÃO LOURENÇO — Si entre elle e o general preferia o general, entre elle e o Senado o que ha de preferir?

“O SR. THEOPHILO OTTONI — Prefere-se a si mesmo.

“O SR. FIRMINO — Está salva a patria.

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — O paiz considera a discussão da resposta á falla do throno como um assumpto de alta importancia...

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Mas a explicação?

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Da-la-hei na discussão da resposta á falla do Throno: para ahi emprazo os nobres senadores e desde já peço-lhes que se preparem para que o debate se torne digno da conjuntura”.

Não são estas palavras suspiros de agonizante, antes arfar de peito vigoroso, brados arrogantes de fortaleza, certeza de longevidade.

Poder-se-á, entretanto, aventar que assim forçava a nota, provocando o conflicto com o Senado para que, do “impasse”, lhe surgisse o anciado pretêxto para a retirada. Tal hypothese, porém, se mostra impossivel ante a explicação proferida no discurso de 8 de Junho:

Zacharias parece aconselhar ao Senado que lhe negue meios de governo para se retirar. — Provocação e desafio

“Desejo especialmente dar uma explicação que pediu o nobre senador pela Bahia, quando na sessão de 6 de Junho eu disse que, sendo extraordinarias as circumstancias do paiz, e importantissimas as questões que suscitavam, não podia deixar de ser a posição do senado a dos casos extraordinarios. Prometti então que no debate de resposta á falla do throno me explicaria cabalmente; a imprensa, porém, apossando-se do incidente, fez saber á cidade e ao mundo

que o presidente do conselho ameaçara o senado, insinuando que nas circumstancias actuaes, ou o senado havia de dar as medidas extraordinarias que o govêrno julgasse precisas, ou este assumiria a dictadura. Quero tranquillizar a consciencia. Por uma razão mui poderosa eu não podia esperar que se dêsse tal interpretação ás minhas palavras. Em 1866 discutiu-se a questão relativa á posição constitucional do senado quanto á politica do paiz, a saber: si pôde ou não fazer politica. V. ex., sr. presidente, ha de recordar-se de que tomaram parte no debate oradores eminentes como o sr. ministro da justiça de então e outros.

"Tive, pois, occasião de emittir o meu pensamento a respeito de poncto tão importante, e o fiz sustentando que, pela propria organização da camara vitalicia, comparada com a temporaria, não podia ella influir directamente na politica, isto é, não podia approvar moções, nem fazer passar ou rejeitar medidas com o fim previsto, certo, determinado, de derribar o ministerio.

"Indirectamente, porém, é possivel resultar da deliberação do senado a quêda do ministerio, si a tal ou qual medida que o govêrno proponha, o senado não puder, sem transigir com a sua consciencia, prestar assentimento. O senado não ha de sacrificar as suas convicções e consciencia, só pelo receio de que, negando o seu voto, possa seguir-se a quêda do gabinete, não; isso é que seria fazer politica e politica de baixo quilate.

"Entre não empregar meios para o fim préviamente assentado de derribar o govêrno, como é licito á camara temporaria, e deixar o senado em certos casos de votar com a sua consciencia, só porque dêsse voto venha a resultar motivo para que se retire um gabinete, grande é a distância. O senado, na minha opinião, não pôde arcar com o govêrno como faz a camara dos deputados, sujeita a ser dissolvida; mas nunca deixa de obedecer á sua consciencia, cumprindo o seu dever, quaesquer que sejam as consequências.

"Foi assim que me enunciei em 1866; e lerei o que disse na sessão de 17 de Maio dêsse anno, para que fique fóra de toda dúvida qual é o meu pensamento sôbre a posição constitucional do senado: (lé)

"Tenho dicto o que penso, sr. presidente, sôbre a posição constitucional do senado.

"Agora accrescentarei que tudo isto (peço ao nobre senador pela Bahia attenção) se refere aos casos ordinarios;

nos extraordinarios, não: nestes o senado faz sempre o que o interesse público, o que a salvação do paiz lhe dictar e... ai do gaulez que ousar tocar na arca sancta da alliança confiada á guarda da camara vitalicia!

"O que disse, pois, não se refere aos casos extraordinarios, nos quaes fica inteiramente livre a cada senador votar como entender, sem olhar, sinão para a salvação pública. Só nego que no curso normal dos acontecimentos, o senado possa, sendo vitalicio, pesar na balança de maneira directa, como pesa a camara dos deputados que é temporaria."

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE—De quem é esse discurso?

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO—E' meu.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE—Pois estamos perto um do outro.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO—Muito mais perto do que v. ex. pensa.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — O que me parece é que v. ex. está desconfiado que tem de passar para a opposição.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — No caso presente acha-se o paiz justamente em circumstancias extraordinarias; ainda dura a guerra; é de indeclinavel necessidade que o govêrno disponha dos meios extraordinarios que ella reclama para que a honra do Brasil não seja sacrificada. Ninguém, portanto, dirá que estamos em circumstancias normaes; e, pois, em conjunctura similhante, o ministerio não pôde ser indifferente a uma recusa do senado, a medidas urgentes, como poderia ser em condições normaes e circumstancias ordinarias.

"A' vista disto, não pôde restar dúvida a respeito do meu verdadeiro pensamento. Foi por isso que provoqueei o nobre senador por Goiaz a que não desistisse do seu intento de levantar a bandeira do radicalismo, e desfazer mascaras. S. ex. deve levar o debate a sua maior altura. Fiquem bem patentes as circumstancias do paiz; conheça-se se o gabinete compromette ou não a sorte da nação e a quem deve ficar cabendo a responsabilidade dos acontecimentos".

Es.^{ta} explicação é um recuo que pôde ser interpretado em favor da hypothese de que Zacharias se sentia mal e ageitava; um pretêxto para sair. Seria esse pretêxto a negativa por parte do senado aos meios de govêrno que elle reputa^a e indispensaveis. Si vinha dizer ao senado, em sua maior^o hostil ao gabinete: estamos em circumstancias ex-

traordinarias e nestes casos o Senado pôde fazer política, pôde derribar ministerios, certo, estava a desafiar á camara alta a negar-lhe meios e, pois, apea-lo do poder. Por isso mesmo, Silveira da Motta, assim comprehendendo, proferiu este aparte:

“O que me parece é que v. ex. está desconfiado que tem que passar para a opposição”.

Mas poderemos vêr ahi mais uma demonstração do genio, mais que bellicoso — provocador — de Zacharias. Elle percebia a timidez de alguns conservadores, via a divergencia dêstes com os que o queriam derrubar logo — antes de terminada a guerra; via como São Vicente, Paranhos, Itaboraí temiam as responsabilidades de um golpe parlamentar contra seu gabinete e vinha desafiar de nôvo seus adversarios para lhes dizer: “retirar-me-ei se me negardes meios; eia, negai-me se tendes coragem”.

E, nesse desafio, visava uma nova demonstração de fôrça.

O ambiente político

Para concluir com segurança que o gabinete Zacharias caíra do podêr, só e só pela pressão militar de Caxias, a que se submetera o govêrno buscando um pretêxto, e o imperador mudando de má vontade, como obrigado, os seus ministros — é preciso desconhecer, negar outras circunstancias capazes daquella consequencia.

Ora, quando se demittiu o gabinete Zacharias, havia contra elle muitas fôrças adversas. O ambiente político era de confusão. Os partidos se diluiam em defecções ou, melhor, em transmutações; scindiam-se; colligavam-se; estalavam em antagonismos intimos. O “progresso” não se firmava e tendia ao liberalismo; os “liberaes historicos”, despeitados, oppunham-se ao ministerio progressista; os “conservadores”, uns timidos e inactivos, outros soffregos e combatentes, não demonstravam unidade.

Nabuco de Araujo julgava os transes daquelle época “a maior crise que o Brasil tem tido.”

No senado, onde era esmagadora a maioria contrária ao govêrno, appareciam, depois de um longo retiro, campestre, de um exilio bucolico de mais de uma década, os dous barões assignalados — Cotegipe e São Lourenço.

João ao
assos ordina

A campanha que emprehenderam contra Zacharias não era essa inocua "guerra de anedotas e epigrammas", a que se refere Joaquim Nabuco, antes combate vigoroso que abalava o prestigio do gabinete (6).

A allusão em plena guerra, na falla do throno, á questão servil, levantara, com os receios que sempre trouxe o grande problema, o mal estar de surdas prevenções contra o governo, que se via obrigado a recuar, silenciando, na falla de 1868, aquillo a que se referira em 1867.

Nabuco de Araujo, em Fevereiro de 1868 dava este testimonho no Conselho de Estado: "o ministerio, fraco pela lucta em que tem vivido...", e o proprio Zacharias, em 1869, já na opposição, confessava (discurso no Senado, 22 de Maio) que "luctara com uma opposição fortissima em uma e outra Camara" (7).

A acção convergente dessas forças adversas havia de impressionar ao ministerio e bastava para infiltrar no ánimo imperial tendencias para mudar o gabinete.

Baptista Pereira, no entanto, caindo infelizmente em grave engano, colóre o quadro político nos tons esbatidos de uma placidez de aurora: "a política parecia tranquilla..."

"Eis sinão quando, inopinadamente, como um trovão em *ceu sereno*, estoirou a notícia de sua quéda (gabinete Zacharias). O imperador despedira o ministerio.

"O assombro da opinião não teve limites..."

Mas (bem estamos a vêr e veremos ainda), esse deflagrar de trovão rebôava num *ceu de chumbo*, entre coriscos de tempestade, sob uma pressão barometrica de muitas atmosferas, denunciadora de maior tormenta. As nuvens, cheias de electricidade, que a desencadeariam, eram olhadas com receio e esperanças e já se advinhava para onde apontaria a flexa dos cataventos no quadrante político, após a hora, imminente, do cataclismo.

(6) Saraiva, fallando no senado a 6 de Junho de 1869, referindo-se a São Lourenço, dizia: "foi e é um esteio da situação e concorreu em uma terça parte para crea-la".

(7) Descrevendo o momento político quando caiu Zacharias, assim discursava Cotegepe no senado, a 1º de Junho de 1869: "Adoptava o gabinete "uma política geographica; que em um logar era liberal histórica; em outro logar conservadora moderada; em outro conservadora emperrada". Seus planos, porém, se haviam desfeito com a abertura do parlamento — "não poudo conseguir nem que o partido histórico se ligasse a elle, nem que uma parte do partido conservador o accompanhasse".

Demoremos, para prova disso, a nossa analyse nas minucias mais proximas á quêda do gabinete, relanceemos a situação parlamentar e partidaria em Maio e Junho de 1868, depois da abertura do congresso.

Resposta á falla do throno com censuras ao gabinete. — Discussão da emenda Silveira da Motta pedindo á corôa a demissão dos ministros.

Reiniciados os trabalhos do parlamento, tinha o gabinete maioria na camara, mas era insignificante o número de senadores que o apoiavam.

Ia-se, no senado, responder á falla do throno. O voto de graças, tal qual o redigira a commissão, continha censuras ao govêrno, mas em fórmula algo velada. Era intuito dos adversarios do gabinete abatê-lo do poder por essa moção de desconfiança da camara vitalicia. Zacharias não quiz levantar a luva; declarou não enxergar as censuras, das quaes São Lourenço, relator, fez, em discursos, a exegese (8).

Os dous^{os} Bahianos insistem que o senado pôde fazer política e derrubar ministerios e Silveira da Motta, para furar de vez as couraças a que se abrigava Zacharias, apresenta a sua emenda granada. O debate ia tomar um rumo dramatico.

Já que Zacharias dissimulava, já que buscava tirar á manifestação do Senado o seu significado, Silveira da Motta dava azas ao seu radicalismo.

Nada de circumloquios, nada se censuras delicadas, nada de desconfianças disfarçadas em euphemismos — dissesse o senado, claramente, as suas accusações ao ministerio, pediu-se á corôa a demissão do gabinete.

E redigiu assim a sua emenda:

“O senado, portanto, tem fé, que sob a paternal solidude de vossa magestade imperial, e dirigidos os negocios em circumstancias tão graves por um ministerio que me-

(8) Cotegipe, alludindo a esta attitude, disse: “era mistér que o nobre ministro estivesse revestido de uma couraça, e de uma couraça catrafacta, para resistir ás censuras que se contêm no voto de graças”, e Zacharias “devolve-lhe intactas as couraças que lhe approuve emprestar-lhe”.

reça a confiança da nação, que esta se salvará; e o senado, apoiado na opinião nacional, saberá corresponder á confiança da corôa, aos deveres de sua consciencia e aos altos interesses da nação brasileira”.

Os conservadores “timidos”, que já haviam fortalecido o govêrno com seu voto no conselho de estado e com a acção conciliatoria de “intermediarios”, ainda desta vez apoiavam o gabinete. E os proprios decididos como Cote-gipe e São Lourenço hesitavam em levar tão longe a sua attitude, declarando expressamente não saber se apoiariam a emenda. Contra ella provavelmente votaram, accompanhando o chefe Itaborahi que, afinal, á última hora, déra a grande ordem de commando. Essa attitude vem confirmar de certo modo o já narrado e provado sôbre a supposta conjura dos conservadores para galgar o podêr á custa do pronunciamento de Caxias. Si eram tão ávidos que não receavam os perigos do golpe militar, nada os impedia do pronunciamento parlamentar, votando a emenda intimativa: rejeitaram-na, entretanto !

E’ interessante, cheio de imprevistos, esse debate do voto de graças. Octaviano ataca os conservadores. Acha que, nas circumstancias do momento, havia mistêr ser o govêrno apoiado em partido numeroso, unido e dedicado. Isso não acontecia com o ministerio Zacharias, desapoiado dos grandes partidos. O liberal estava scindido e elle Octaviano, apesar de liberal, pensava que devia subir o partido conservador. “Tão patriotas como os liberaes, tão dignos do govêrno como elles, os chefes conservadores, si não tinham um partido numeroso, tinham um partido que me parecia unido e menos indocil de disciplina. Cumpre dizer, sr. presidente, que os factos vieram depois modificar minhas idéas e esperanças a respeito dêsse partido. Tive que reconhecer que se acha como a imagem de Theseo, maravilha da estatuaria antiga, cuja cabeça não foi encontrada, mas que se presume ter sido admiravel. O partido conservador está sem chefes combatentes, ou antes, seus chefes, dominados por uma “timidez excessiva”, só aspiram ao govêrno quando este fôr um leito de repouso e não uma officina de trabalho”.

Assim fallava Octaviano na sessão de 27 de Junho. A 30, Paranhos responde, manifestando-se contra a emenda Silveira da Motta, nestas palavras quasi ministeriaes:

“Não quero forçar o gabinete a retirar-se, elle póde, melhor do que nós, apreciar toda a sua responsabilidade...

“O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Então elle não sairá jámais.

“O SR. PARANHOS — ... quanto exigem as conveniências públicas, e eu quero que o gabinete proceda com inteira responsabilidade. Então não sairá mais, exclama o nobre senador, mas fica-nos salvo o direito de censura, poderemos fazer echôar aos ouvidos dos srs. ministros os gemidos das victimas de seus agentes.

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Podemos fazer mais alguma cousa do que isso.

“O SR. PARANHOS — Podemos, mas creio que não estamos collocados nessa situação extrema.”

Dirigindo-se a Octaviano, exclama:

“Desde que o nobre senador reconhece, como eu reconheço, em s. ex., o nobre presidente do conselho, talentos superiores; desde que o nobre senador reconhece o nobre presidente do conselho e todos os seus collegas como liberaes, então porque exige que o ministerio se suicide para operar-se a união da familia liberal?

Podem fazer isso *sem expôr o paiz ás oscillações que sempre trás uma mudança de gabinete.*

O SR. F. OCTAVIANO — Gosto disso; ao menos é franco; deseja a continuação do ministerio.

“O SR. PARANHOS — Temos á frente do paiz um ministerio liberal, disse-o o nobre senador, e dirigido por uma de nossas primeiras capacidades, para que então a mudança de ministerio, pergunto eu? Para operar a união da familia liberal? Ella que se opere á sombra do poder manejado pelo nobre presidente do conselho”.

São Vicente acompanhava essa timidez, essa renúncia ao podêr; achava difficuldades e perigos na subida do partido conservador. Tal opinião não podia ser partilhada por Cotegipe, cujas attitudes francamente demolidoras do gabinete eram já conhecidas do senado. Mas, a franqueza, o desassombro de opinar, era uma das feições characteristics de Wanderley. Elle não receia melindrar o correligionario eminente, dar mesmo aos adversarios o gôsto de um dissidio aberto, e desautoriza São Vicente com vehemencia.

Fallava Zacharias na sessão de 30 de Junho:

“Não sei como suppoz o nobre senador pela provincia de Matto Grosso que dei por extincta a missão do partido

conservador. Apreciei o partido em relação ás circumstancias actuaes: dizer que não podia subir agora sem transtôrno nos negocios públicos — não é dizer que a sua missão estava esgotada, como depois mais desenvolvidamente mostrarei.

“Estou, portanto, de accôrdo neste poncto com a opinião do nobre senador por São Paulo (São Vicente).”

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Protesto contra a inexactidão; é opinião individual delle.

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Muito bem, logo ha divergência...”

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Posso ter.

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — ... entre os chefes do partido conservador em negócio tão importante. Senhores, a divergencia é signal de falta de unidade. Podem dar-se divergencias entre membros de um partido em uma ou outra questão secundaria de administração; mas quanto ao momento apropriado de subir ao poder, não; não pôde have-la. A liberdade com que o nobre senador pela Bahia (que embora se denominasse cabo de esquadra de seu partido é um de seus chefes), divergindo do sr. visconde de São Vicente, em um tão grave assumpto, diz que o partido pôde subir, importa tal divergencia entre os dois chefes que têm grande significação.

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — A opinião é delle por ora; não é do partido.

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Ainda assim reduzida, serve a confissão.

“Sr. presidente, qual é a marcha de um partido em uma Camara, si ahi conta com certa maioria? E' saber se pôde tomar ou não o poder; si pôde, procede em consequencia de tal convicção; si não pôde, então outro deve ser o seu procedimento. (*Apoiados.*) Mas nós vemos o sr. visconde de São Vicente, que se declarou a si proprio ajudante de campo levantar-se (todo o Senado apreciou e o paiz tambem) e exprimir o seguinte pensamento: Na actualidade o partido conservador não pôde subir sem calcar aos pés graves interesses do Estado...”

“UMA VÓZ — Está enganado.

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Pôde-se enganar, não querer tomar a responsabilidade sobre si.

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — V. ex. como cabo de esquadra, que disse ser, quer, entretanto, contrariar o ajudante de campo. (*Riso.*)”

Cotegipe, como São Lourenço, não temia o poder e aspirava-o para seu partido, certo de que, no governo seria útil ao paiz na guerra e na paz.

Aguçava a sensibilidade política de ambos o ambiente partidario da provincia, de onde vinham. Depois de dez annos de ausencia do scenario parlamentar, estimulava-os a impressão dos males que causava ao seu partido o dominio de Zacharias.

Apreciando a serena renúncia de São Vicente e de Paranhos, descoroçoadora de todo o combate contra o governo, elles, de si para consigo, diriam: é bom e é facil assumir essas attitudes elegantes quando se está longe e no alto; não nas póde gabar, porém, quem assiste, no convivio íntimo dos correligionarios, os seus soffrimentos e juncta á consideração dos grandes factos nacionaes esse infugivel relance ás contingencias dos partidos como aggremações de homens. Pois si soffremos, pois si julgamos mau o governo, pois si nos sentimos capazes de fazer o bem á patria e ao nosso partido — porque adiar, porque fortalecer o inimigo, porque abater armas, renunciar, cedêr?

Era o que allegava São Lourenço, dirigindo-se a São Vicente (discurso de 1º de Julho): “permitta, porém, o nobre senador que nós que residimos nas provincias, e vemos seus infortunios de perto, apreciemos a scena do paiz um pouco diversamente, porque estamos em posições differentes, e que não possamos ter a mesma resignação de esperar que *caiam de maduros*.”

“Si eu os pudesse abalar, ajudaria a obra da natureza” (9).

Proseguia o presidente do conselho aquelle seu discurso de 30 de Junho:

(9) Si os aspectos da política provincial encarnçavam aquelles senadores contra o ministerio e os faziam desejar, sem dilação, o poder, de outro lado, aos conservadores que haviam dado seus votos favoraveis ao gabinete em 20 de Fevereiro, havia de peiar o mal estar de uma tal ou qual contradicção de attitudes se buscassem, tão pouco tempo depois, demolir um governo, por cuja conservação haviam opinado favoravelmente.

No espirito de Paranhos como no de São Vicente se operava certamente esse angustioso trabalho de sondagem: até onde iam os compromissos de consciencia assumidos por aquella attitude no conselho de estado? Até onde e até quando deviam apoiar no senado o gabinete que alli haviam amparado?

São Vicente, em seu discurso de 27 de Junho de 1868, respon-

"O partido conservador, posto que de menor número, tem tido unidade...

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Menor em numero ? E' tão grande que deu para lá e ainda ficou.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — ... unidade que hoje parece achar-se alterada. Quando fiz parte do corpo legislativo em 1850 nunca vi um conservador de certa ordem discordar de seus chefes; a disciplina era perfeita, completa a energia dos que dominavam, e havia ministro que poucas vezes fallava, mas, percorrendo as bancadas, movia a camara como que por uma mola; hoje ou eu consulte a imprensa ou os discursos proferidos nas camaras, observo que o partido conservador não apresenta a mesma identidade de vistas; aqui mesmo, ainda ha poucos momentos, quando o nobre visconde de São Vicente disse: "Não é occasião propria de subirmos", o sr. barão de Cotegipe respondeu: "Está enganado, podemos subir"; e s. ex. replicou: "Sustente as suas idéas que eu sustento as minhas".

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Sinto não ter a palavra, mas havemos de vêr. Si não queremos subir não ha razão para oppôrmo-nos a v. ex.; devemos apoia-lo.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — E' cousa diversa.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Não devemos atrapalha-lo, si não queremos subir.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Perdõe-me, neste caso a minha discordancia com v. ex. é profunda: o partido conservador, embora com maioria aqui, não pôde atrapalhar o govêrno.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Não se valha da expressão, quero dizer que não devemos estar fazendo opposição a v. ex.

dendo a Octaviano, diz: "Considerarei ainda uma observação, é que a imparcialidade política do conselheiro de estado desnatura os partidos e que o voto de que se tracta importou um compromisso de não opposição.

.....
Si a opinião como conselheiro de estado é conscienciosa, é util ao paiz, porque ha-de altera-la como homem político ou de partido? Si por compromisso se entende não oppôr-se á medida que adoptou o seu voto, não vejo ahi inconveniente algum. Si se quer, porém, entender que esse voto foi accompanhado de algum outro compromisso, então direi que tal supposição seria inteiramente erronea.

.....
Estou hoje a seu respeito (do ministerio), como tinha estado desde então: a questão do sr. marquez de Caxias em nada alterou esta relação."

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — A opposição, si existe, não se tem feito sentir por actos prejudiciaes á marcha da administração.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Então estamos representando uma farça.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — O que ha é que não havendo harmonia no partido conservador, uns querem subir a todo o transe, como o honrado auctor da emenda (Silveira da Motta) e o nobre senador barão de Cotegipe, e outros não pensam assim...

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — A todo o transe — não; o que entendo é que só se faz opposição para ser govêrno.

"O SR. F. OCTAVIANO — Apoiado.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Não é opposição para conservar o govêrno.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Não é opposição de beijocas".

A opinião de São Vicente. — Incidente com Cotegipe

São Vicente nesta mesma sessão, veio á tribuna explicar seu poncto de vista. Compoz, para argumentar, um círculo vicioso, do qual um ministerio conservador, então, só saíria, exercendo a dictadura. Mas não se livrou de outro ao dizer que o seu partido não deveria, no Senado, promover a queda do gabinete, e que só deveria assumir o poder si este lhe viesse por outros meios. Mas, que meios, si o ministerio tinha maioria na camara e dahi não lhe podia vir golpe mortal? E' evidente que São Vicente esperava o gesto imperial. Não queria derrubar o gabinete, esperava que o abatesse o imperador. Fazia claro um appêllo ao poder pessoal. Lá disse elle: "Outra seria a questão si, independentemente da emenda, o partido conservador fôsse chamado ao poder. Então, creio que estariamos todos de accôrdo e na crença de que qualquer que fôsse o sacrificio deveríamos prestar-nos a elle."

Ainda que seja longa a citação, vale transcrever o que disse São Vicente:

"Supponha-se que não se verificava a retirada do ministerio com a manifestação de desconfiança do Senado: ganharia com isso o Senado fôrça moral? E, posteriormente, dava ou negava meios de govêrno?

"Supponhamos, pelo contrário, que se realizava a demissão do ministerio, e que o lado conservador era chamado

para substituí-lo. Eu exporei a minha opinião pessoal, tendo em vista as circumstancias em que o paiz se acha.

“Não temos os costumes da Inglaterra, caso em que o ministerio iria dizer á camara dos deputados: dae-me os creditos ou outras medidas exigidas pela guerra, que depois vos dissolverei; e quando tivéssemos taes costumes, a hypothese seria muito especial para poder invocar esse dever.

“A camara dos deputados poderia responder, e a meu vêr com razão: Vós ministros, que sois senadores, e que como taes deverieis dar o bom exemplo, violastes os principios, e por esse título vindes agora indicar-nos os principios violados?

“O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Ahi está a resposta ao discurso que pôde fazer o sr. barão de Cotegipe.

“O SR. FRANCISCO OCTAVIANO — V. ex. gosta muito dessas doutrinas.

“O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Si por hypothese a camara dos deputados respondesse assim, accrescentando mesmo *dissolvei-nos, portanto*, e continue em vossa marcha anormal, o que restaria ao ministerio? Demittir-se? Não. Restava só e unicamente assumir a dictadura, porque nosso exército, que em campanha está sustentando a honra nacional, certamente não teria de perecer por falta de recursos a que tem direito.

“Dir-se-ia, porém, e vós não terieis coragem para assumir essa responsabilidade e depois pedir um *bill* de indemnidade?

“O SR. PARANHOS — O nobre ministro já sustentou essa theoria que é a verdadeira.

O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Responderia que a questão para mim não é de coragem e sim de previsão, e de prudencia, seria talvez a de assumir a dictadura em caso extremo, quando viesse pela força das cousas; mas não a quereria na hypothese prevista.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Apoiado; e não procura-la.

“O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Não duvido que um ministerio composto de meus amigos políticos possa ser muito mais util ao paiz, mas não é esta a questão.

“O SR. BARÃO DE COTEGIPE — A questão é saber si este govêrno dá conta da mão. (*Apoiados.*)

“O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Si não dá é preciso que venha outro.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Demos com elle no fundo e depois veremos.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Resulta dahi que si eu estivesse na mesma convicção em que estão os nobres senadores, de dar-se um caso extremo, de entender que, embora se dividem as difficuldades que pondero, cumpre superá-las, talvez que os accompanhasse, mas não penso assim.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Respeito a sua opinião.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Sem dúvida que assim como eu respeito a opinião de v. ex., assim também desejo que respeite a minha.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Nós respeitamos, mas tiramos as consequências.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Desde que ha diversidade na apreciação dos principios, os corollarios necessariamente devem ser diversos. Eu não recrimino, louve mesmo as intenções, mas minha convicção não me leva a ver esse extremo, não me aconselha que assuma a responsabilidade do acto e a consequente dictadura.

"Outra seria a questão, si independentemente da emenda o partido conservador fôsse chamado ao poder. Então creio que estaríamos todos de accôrdo e na crença de que, qualquer que fôsse o sacrificio, deveríamos prestar-nos a elle.

"O SR. PARANHOS — Apoiado.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Mas crearmos nós mesmo os factos e as consequências...

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Apoiado.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — V. ex. está gostando?

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Não: não vou para ahi, creio que devemos manter a doutrina que aproveita a nós todos.

"O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO — Agradeço-lhe muito.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Embora o que todos desejamos seja o melhoramento da actualidade, não vou para esse poncto por este caminho.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — E' impossivel melhoramento algum com este govêrno (*apoiado*), e daqui tiro as consequências.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Querem que elle cáia de maduro; elle não amadurece, poderá apodrecer.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Sr. presidente, eu direi que para apreciar o meio, que se propõe, ha ainda outras considerações graves, que devem pesar em nosso espirito.

"Não sabemos qual será a duração da guerra..."

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Oh! Esta é que é a difficuldade?"

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Ao menos eu não sei si as forças que existem em campanha são bastantes ou não, ou que urgencia ha de outras providencias. Na mudança regular de um ministerio, essa e outras necessidades serão previstas e competentemente apreciadas com pausa. Não posso, pois, por mais esta razão, concordar em que se procure realizar aodadamente, ou por tal modo, a mudança do gabinete.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — E' de ministerio, quando houver triumpho, depois de tomar-se Humaitá... (dirigindo-se ao sr. presidente do conselho), quando tomar-se Humaitá, deitam-no abaixo.

"O SR. FRANCISCO OCTAVIANO — Isto é verdade.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Por isso elle não quer que se tome.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Não duvido que tenha corrido para a demora.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Pelas considerações que tenho feito, votarei pelo projecto de resposta á falla do throno, e votarei contra a emenda. Não sei si manifesto nisso a opinião do partido a que pertenço, mas sei que alguns dos meus amigos votam do mesmo modo, porque já me têm manifestado a sua opinião, de que a emenda fere os principios.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Dá um aparte.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Eu nunca disse, senhores, que o partido conservador estava inhabilitado para governar.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Está agora, a questão é de opportunidade.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Nem mesmo agora.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Oh!

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Entendamo-nos: em que sentido se diz que o partido conservador está inhabilitado? E' porque lhe falte intelligencia ou patriotismo?

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Não, ninguém disse isto.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — E' porque se recuse a fazer sacrificios?

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Tambem não.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Qual é, pois, o sentido em que o digo inhabilitado?

"O SR. FRANCISCO OCTAVIANO — Porque não póde subir sinão com a dictadura.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — E depois de tomar-se Humaitá...

O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — O que eu disse foi que cumpria, ao menos em meu pensar, prever todas as consequencias, e responsabilidades, que a emenda podia produzir. E' questão muito diversa, e não importa dizer se o partido conservador está ou não habilitado.

"O SR. FRANCISCO OCTAVIANO — Não está actualmente.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*ao orador*) — V. ex. quer dizer que não toma a responsabilidade.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Além disso, entendo que não convém aos interesses do paiz ferir os principios, ou pretender a retirada do ministerio pelo meio proposto.

"O SR. FRANCISCO OCTAVIANO — Portanto, é ministerial.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Sem dúvida alguma.

"O SR. FRANCISCO OCTAVIANO — Para conservar o ministerio vota pela resposta á falla do throno.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Voto pelo projecto de resposta á falla do throno.

"O SR. FRANCISCO OCTAVIANO — Porque apoia o ministerio.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — A conclusão não me parece logica. A resposta á falla do throno, como eu já disse, informa a corôa que não ha entre a maioria do senado, que é conservadora, e o gabinete, a unidade de politica, e de accôrdo, qual os interesses públicos demandavam, mórmente nas circumstancias actuaes, mas por modo indirecto, que nada exige, que deixa á sabedoria della tirar dahi as consequencias que julgar acertadas, ou seja de mudança do ministerio ou da politica que elle segue. Ora, quem vota assim é ministerial?

"Não voto pela emenda porque a meu vêr importa numa exigencia que o senado não deve dirigir á corôa, tanto mais porque não julgo que estejamos no caso anormal ou extremo de proceder assim: e a isso accrescentarei que tal procedimento, por isso mesmo que seria anormal, não consultaria aos interesses do nosso paiz.

"O SR. VISCONDE DE JEQUITINHONHA — Apoiado.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Desde 1863, têm-se succedido na gerencia dos negocios publicos quatro ministerios: nós temos estado em opposição com todos elles;

entretanto, nunca dirigimos á corôa uma especie de intimação.

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA—Não era o caso.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE—Não basta, pois, que a maioria do senado esteja em opposição com o ministerio, para que tenha o direito de pedir a mudança delle...

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — Elle que continue, apesar da emenda.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE—Ora, estará no pensamento do nobre barão de Cotegipe a necessidade de dar na actualidade um passo anormal ou extremo?

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Eu não disse a v. ex. que votava pela emenda; protestei contra a idéa de v. ex. em querer conservar o govêrno actual, porque o partido conservador não pôde subir.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — O nobre senador ouviu isso de mim?

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — Entendi que havia dicto isso na última sessão.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE — Segue-se que ou v. ex. enganou-se, ou então não pudemos entender-nos a respeito, porque em meu pensar minha linguagem tem sido muito clara, e não comprehendo como possa expressar-me por modo mais claro e categorico...

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA—Isso é verdade.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE—Sinto, pois, que se lhe dê outra interpretação.

"O SR. BARÃO DE COTEGIPE — V. ex. me está combatendo como si eu votasse pela emenda. Ainda não sei o que farei.

"O SR. VISCONDE DE SÃO VICENTE—Por esse lado v. ex. tem razão, porque na verdade entendi que votava pela emenda."

A réplica de Silveira da Motta a São Vicente

Silveira da Motta, replicando, combate os conservadores tímidos, e investe contra São Vicente e Paranhos:

"O SR. SILVEIRA DA MOTTA — ... Sr. presidente, ainda tenho mais uma desvantagem neste debate, na defesa da emenda. Não tive occasião de ouvir um só dos discursos do nobre senador por Matto Grosso; ouvi os do nobre senador por São Paulo; e do último discurso do nobre senador por Matto Grosso, apenas ouvi hontem, entrando nesta casa,

as últimas palavras, a que ainda pude dar um aparte. Dizia s. ex.: “eu entendo que são bastantes as censuras que fazemos ao ministerio; fazemos-lhe opposição, mas não queremos provocar a sua quéda”. E, nesta occasião, disse eu: — “pois se v. ex. não empurrar o nobre presidente do conselho, elle nunca mais sairá do ministerio”. E o que me respondeu a isto o nobre senador? “Pois bem, quando elle cair, eu não entendo que o partido esteja inhabilitado para succeder-lhe”. E nisto discordou de outro ajudante de campo, que entende que o partido não está habilitado para succeder ao actual ministerio e por isso julga que não deve provocar-lhe a quéda, tomar esta responsabilidade.

“Sr. presidente, a consideração que me merecem as opiniões do honrado senador por Matto Grosso me obrigam a dar-lhe primazia na apreciação de suas observações.

“O nobre senador, com a opinião que emittiu, desconheceu a indole do nosso systema. No systema representativo, os ministerios não podem cair sinão pela lucta do parlamento, porque nenhuma outra causa é legítima, os titulos da legitimidade dos ministerios derivam da lucta parlamentar. Como, pois, vós, homem do parlamento, quereis que a sorte de um ministerio, que vós julgaes infenso ás liberdades públicas, que condemnaes porque lhe fazeis opposição, como é que quereis que esse ministerio cáia de *maduro*, e que só se possa procurar-lhe successor quando elle se resolver a cair? Si vós esperaes que o ministerio cáia para succeder-lhe na herança, que titulos tendes para governar o paiz? Quaes são as idéas que representaes? E si não quereis fazer guerra ao ministerio com essas idéas, como quereis substitui-lo?

“O SR. F. OCTAVIANO—Muito bem dicto.

“O SR. T. OTTONI—Apoiado.

“O SR. SILVEIRA DA MOTTA—Nesse caso, pela doutrina do nobre senador por Matto Grosso, só podemos ter mudança de ministerio quando o ministerio cair e vier aqui um mordomo chamar algum dos nobres senadores para organizar o ministerio! Mas, senhores, é preciso metter em linha de conta, antes de tudo, a confiança do parlamento.

“Esta é a doutrina constitucional da Inglaterra, é a doutrina a que se tem approximado todos os paizes onde tem vingado mais legitimamente o systema constitucional. A corôa é o juiz supremo da occasião em que essa commissão do parlamento deve mudar; mas esperar que um ministerio cáia de *maduro*; quando elle não quizer mais viver; quando estiver talvez podre é que quereis ser herdeiro da podridão

de uma administração que não póde, que não deve mais viver?! Uma tal theoria, senhores, desconhece os principios elementares do systema parlamentar. (*Apoiados.*)

"E permitti-me, ainda, que eu volte minha attenção (que me merece muito) para a opinião do honrado senador por Matto Grosso. A primeira vez que fallei, apresentando e defendendo a minha emenda, eu formulei como capítulo de accusação contra o actual ministerio, como um dos motivos por que estava em opposição radical, ter elle deixado germinar no paiz a suspeita do governo pessoal. Ora, tendo eu esta opinião, não devo fortificar-me nella, vendo que as condições parlamentares desapparecem da condição da vida dos ministerios? Que se assignala unicamente como condição da existencia de um ministerio a vontade da corôa em demittir este ministerio?

"O SR. T. OTTONI—E a do general em chefe".

Esse discurso, de rara vehemencia, é uma carga cerada contra São Vicente e suas doutrinas. Em certo poncto elle exclama: "Pois, senhores, achaes que si o partido conservador fôsse chamado ao poder e tivesse necessidade de recorrer a esses meios extremos, não tendo maioria na camara, exerceria uma dictadura peor, mais damnosa da que exerce o actual ministerio? Então vós condemnaes o vosso partido, — vós julgaes que o vosso partido está menos habilitado do que estes senhores que nós todos condemnamos por incapazes!"

E passa a narrar factos e expender commentarios, no sentido de provar que Zacharias exercia a dictadura.

Contestando o argumento de São Vicente, que fazia depender da guerra qualquer mutação politica, opina:

"Sr. presidente, eu não sei como é que póde servir de argumento a demora do exito da guerra, quando nós somos os primeiros a reconhecer que o ministerio actual é o menos proprio para continuar a direcção da guerra (*apoiados*); e, então, si reconhecemos este facto, si todos os dias a presença do ministerio está parecendo em contestação com o general em chefe do exército, e si nós podemos dizer, senhores, que até mesmo essa porção de bravos que lá está derramando seu sangue pela patria, passando todas essas immensas privações, todos elles olham para o govêrno do paiz como não tendo prestado a necessaria cooperação para a conclusão da guerra..."

E, já ao terminar o seu discurso, atira a São Vicenta estes gladios:

“S. ex. quer que as chaves dos segredos de estado pertençam ao govêrno; que o parlamento não possa penetrar esses arcanos sinão quando o govêrno quizer; s. ex. quer ter o privilegio de votar no conselho de estado a favor da continuação do ministerio, de votar a favor e fallar contra para gozar fóros de opposicionista no senado, sendo ministerial”.

A opinião de Itaborahi

Ainda dominava a sensação dêsse discurso, quando se levantou Itaborahi. Ia fallar o oraculo conservador.

Apenas chegado da Europa, Itaborahi reservava-se discreto para as attitudes decisivas. Guardava, no silêncio solenne, a compostura de quem adivinha o chamamento imperial. Não precisa combater, ferir-se nas batalhas, decompôr a linha da farda nos encontros. Basta-lhe assistir do palanquim dourado o prélio iniciado, que lhe trará o trophéo infallivel do torneio. Como o general que chega em meio á batalha, descortina da eminencia as fôrças em lucta, e aguarda o desfecho, Itaborahi, sem intervenção visivel, esperava, para colher os louros, a que tinha direito pela sua preeminencia partidaria e pelo lustre de seu renome político.

Presenciara até então as discussões; vira o impeto dos avançados; contemplara a calma tranquillidade dos tímidos renunciarios; assistira ao debate constitucional sôbre os poderes políticos do senado; chefe, vira seus sub-chefes divergirem sôbre a oportunidade de subir ou não o partido — e se resguardava na immobildade silenciosa de uma espynge. Nem um aparte.

Que é que o levava então a romper, e só agora, o silencio? Que circumstancias novas lhe determinaram essa nova attitude? Acaso a vóz imperial lhe chegara indirecta nos segredos dos confidentes? A auro do podêr já lhe começava a aclarar a frente?

O que é certo é que o seu discurso tem o entono da palavra última e decisiva.

Itaborahi versa a questão de si o senado faz ou não política; define o que é fazer política, affirma que a camara alta a faz, mas explica: “O que, porém, eu entendo

que o senado não póde, ou para melhor me exprimir, não deve, é levantar questões de gabinete, isto é, dirigir mensagens ou votos á corôa, aconselhando-a ou constrangendo-a a demittir os seus ministros.

“Supponha-se, como parece actualmente a realidade, que na camara dos deputados tem o gabinete uma maioria que o sustenta e exista no senado uma maioria adversa; que o senado provoque, nestas circumstancias, uma questão de gabinete, dirigindo-se á corôa para pedir-lhe ou aconselhar-lhe que demitta os seus ministros. Supponha-se ainda que os ministros são demittidos em virtude dessa mensagem, porque si o não fossem achar-se-ia o senado em má posição, e sem a importancia e fôrça moral de que necessita para poder desempenhar o papel eminente que lhe dá a constituição. Supponha-se, repito, que no caso que figuro, a corôa, de accôrdo com o voto do senado, demitta os seus ministros; a consequencia logica seria a nomeação de outro ministerio, que representasse as opiniões da maioria desta camara. Mas, a camara dos deputados, que representa a opinião contrária, poderia usar tambem do mesmo meio para pedir á corôa a demissão dos ministros que não representassem suas opiniões. Em que embaraços ficaria a corôa? Como se tiraria ella da collisão em que a collocariam exigencias tão diametralmente oppostas? Recorrer-se-ia neste caso á dissolução, dando preferencia ao voto da camara vitalicia que se suppõe não representar tão immediatamente como a outra a opinião do paiz? Mas, ainda assim os collegios eleitoraes poderiam reeleger a mesma camara, ou outra que representasse as opiniões da camara dissolvida, e ahi teria o senado em frente de si a decisão das urnas eleitoraes para condemnar o seu procedimento e, por consequinte, para tirar-lhe fôrça moral e torna-lo uma instituição inutil, sinão prejudicial ao systema representativo.”

Quinze dias depois essas hypotheses se verificavam — a camara era dissolvida, mas as urnas, trazendo, como de costume, maioria ao govêrno, fortaleciam o prestigio do Senado.

Abordo em seguida Itaborahi as prerogativas do Senado, em opposição, podendo crear embaraços ao govêrno na votação de leis de meios e logo contesta o asserto de Zacharias de que o partido conservador só podia subir ao poder com a dictadura.

Acha que havendo um orçamento votado e em vigor durante um anno, mais nada devia receiar quanto á cobrança de impostos; quanto aos meios extraordinarios — emissão de papel-moeda, accrescenta:

“Não duvido, sr. presidente, que o estado a que reduziram nosso paiz nos obrigue ainda a recorrer a esse fatal meio de accudir ás despesas do estado; é possível que desgraçadamente sejamos forçados a faze-lo; mas si o nobre presidente do conselho entende que, apesar de ter no senado uma maioria infensa ao seu gabinete, ainda assim ha de obter de nós meios extraordinarios de que necessita, porque julga que o senado antepõe a todas as outras considerações e ás suas convicções o dever que tem de não negar ao governo os meios de terminar a guerra em que estamos empenhados e confia assim no patriotismo dos membros desta camara, porque razão acredita que qualquer outro ministerio que substitúa o actual não se fiaria tambem no patriotismo da camara dos deputados?”

E finaliza o seu discurso, numa declaração de não aspirar o podêr. Mas, o tom geral dêsse discurso, parece o de quem já tinha certeza do chamamento próximo. Ha mesmo na sua fórmula aquelle: “Não duvido que o estado a que reduziram o nosso paiz *nos obrigue...* é possível que desgraçadamente *sejamos forçados* a faze-lo”, umas como declarações ministeriaes. Esse *nos* SEMELHA menos — o paiz — que — *nós ministros*.

Fôram estas as phrases finaes de Itaborahi:

“E aqui cabe-me fazer uma observação, que tambem fortalece o meu intento de votar contra a emenda do nobre senador pela provincia de Goiaz. Nas circumstancias em que nos achamos, a tarefa de governar é mais do que pesada; e nimiamente presumçoso seria quem acreditasse que pôde arcar com as difficuldades que nos cercam sem perigo de naufragar. Ora, o voto dado á emenda do nobre senador teria, no meu modo de pensar, visos de soffreguidão pelo poder que indicaria aquella presumpção.

“Estou longe de pensar que qualquer dos partidos, conservador ou liberal, si fôr chamado ao poder, deva mostrar-se esmorecido, e deixar de cumprir os deveres de homens políticos, e empregar ahi todos os esforços para remediar ou minorar os males que soffremos ou os de que ainda estamos ameaçados; mas, quizêra que o poder lhes viesse ás mãos muito regularmente, que o acceitassem bem

persuadidos de que irão occupar, não uma posição comoda e de fruções, como aqui nô-la descreveram, mas como posição de sacrificios, e dos maiores sacrificios, que o dever pôde impôr aos homens politicos de nosso paiz." (10).

Tal discurso, si não obedecia á secreta inspiração imperial, podemos interpreta-lo como dirigido á corôa, a quem

(10) E' interessante esta carta escripta da Bahia por Eunapio Deiró a Cotegipe, commentando esse debate sôbre o papel político do Senado:

"Meu caro Sr. Barão de Cotegipe

"Respondo a carta de V. Ex., não discordando da opinião que emittiu no tocante ao arranjo com o *Jornal da Bahia*. O Dez. I. Góes entendeu-se com o Sr. Dr. Affonso, que parece prestar-se a um accôrdo. Tencionamos opportunamente promover os meios de realizal-o.

"Bate-nos á porta a eleição Municipal; os contrarios exploram o campo, estamos mudos e quedos. Tomei a iniciativa de lembrar ao Dez. Góes e a outros amigos um plano qualquer para não perdernos a mão. Urge haver alguma combinação com os *historicos*, porque nossa situação nas freguezias é difficil em razão das recentes decisões dos recursos na Relação. Suggeri tal combinação, como uma ideia possivel, mas não definitiva. Resta que V. Ex. nos indique a norma de conducta: nesse sentido escrevi ao Fernandes da Cunha, cujo accôrdo com V. Ex. eu conheço em toda lealdade, de que elle é capaz. O Dez. I. Góes lembrou o nome do Barros Reis para a presidencia da Camara Municipal.

"Acompanhei, com vivo interesse, as discussões do Senado, e tomo a liberdade de dizer-lhe (já que me perguntou o meu juizo) — que V. Ex. acertou de ter ido ao Senado durante essas duas sessões; teria commettido gravissimo erro se tem se deixado ficar na reserva.

"E' bem raro ter, naquêlles certames, mais espirito, mais talento e sobretudo vigor de logica e incontestável superioridade de razão e de bom senso, como mostrou. Os amigos o applaudem; os adversarios, que lhe não perdão as vantagens brilhantes nesta quadra, o reconhecem e confessam: fôra máo gosto e falta de intelligencia negal-o; por isso não lhes vejo merito na confissão. O seu discurso sobre a crise de fevereiro devia molestar muito ao gabinete. O presidente do Conselho perdeu os privilegios da dialectica, em que tinha excellencias, ainda não contestadas.

"Eu dou-lhe, porém, os meus parabens, mormente, porque ha em V. Ex. uma cousa, superior aos discursos — a coragem da acção, ou conforme á sua energica expressão — a coragem de suas opiniões. Estou certo que a sua conducta, se só dependesse de sua vontade, corresponderia ás suas palavras relativamente á direcção da politica.

"Mas a conducta do Senado por um lado digna, por outro foi absurda: á que proporção reduziu a maxima de fazer politica! Não valia a pena tanta fadiga para chegar áquelle resultado... Se esta maxima constitucional toma a formula de applicação, que nola actual o Sr. d'Itaborahi, fico sabendo que é uma dessas abstrações esch-

o chefe conservador tranquillizava, dizendo: não receieis a mudança, estamos promptos, não ha mistér dictaduras para que nos mantenhamos no poder que não aspiramos, não buscamos, mas não tememos nem rejeitamos. Só aguardamos um gesto vosso.

E esse discurso seria uma grande determinante da resolução de Pedro II de fazer cair Zacharias.

lasticas, inapplicaveis á politica positiva e pratica. Esta arma do Senado é inutil; serve *para mostrar* e não para ferir. Nada pôde haver mais impotente, nem mais absurdo na esphera da acção dum parlamentar: se é arma de defesa, não defende; se é uma garantia, é inefficaz. Não sei o que fica sendo, senão uma fôrma escolastica no gosto do nobre presidente do Conselho quando leccionava em Olinda, ou no Parlamento.

"Não creio que espiritos, como V. Ex., pretendessem que o Senado se fizesse trefego e suscitasse puerilmente questões de gabinete; mas, em circumstancias gravissimas, em occasião solemne, em que a guerra, as finanças, as liberdades nacionaes, a propria Corôa estão em risco de abysmar-se; em que o governo delira e o Senado em peso o condemna, — parece indubitavel que o Senado devia, appellando para a nação, empregar a sua arma salvadora. Se o não fez, quando o fará? Se não conformou a sua conducta ás suas palavras, o que quer que o paiz acredite? Devêras todo mundo confiava no Senado, appellava para elle, mas d'oravante quem confiará, quem não fica sabendo que o Senado não faz senão o papel da imprensa? Falla, censura, accusa, condemna, sem outro alcance, sem outra solução pratica. Passou a ser consultivo.

"Nem no voto de graças, nem nas leis annuas, nem em qualquer meio de governo ao Senado é lícito fazer politica — quando será applicavel tal maxima, como meio de resolver ~~uma~~ situação? Eu por mim não sei e ~~nem vejo~~. Da doutrina restricta do illustrado Sr. Visconde de Itaborahy parece que só o Senado se agita na sua impotencia; é semelhante a estatua antiga do Deus Glauco, agoitada de todos os ventos, permanece para attestar que se conserva no meio das tempestades.

"Embora por espirito de disciplina, eu acate tal solução, não deixo de discordar no meu intimo, e creio que não é imprudencia a presente expansão.

"Reputo banalidades todas as comparações do nosso Senado com a Camara Alta da Inglaterra. E' preciso ignorar, de proposito, a parte que aquella Camara teve na organização actual do governo representativo na Grã Bretanha para procurar tal paridade. O nosso Senado não foi poder constituinte, como foi a Camara dos Pares; esta formou a constituição ingleza, foi a origem; ao contrario o Senado Brasileiro (imitando o presidente do Rio Grande do Norte) é *descendente* da Constituição, presuppõe a soberania nacional, que o constituiu, como seu delegado. A Camara alta ingleza arrogou-se á soberania, nenhum poder anterior lhe deu delegação ou constituiu. viesse" por isso que a Camara dos Pares é fraca em presença da Ca-

O Senado rejeita a emenda Silveira da Motta e approva a resposta á falla do throno, com censuras. — Retirada do gabinete.

Na sessão de 3 de Junho, Muritiba fixa este testemunho da agonia do gabinete:

“Julgo que os nobres ministros estão perfeitamente convencidos de que sua administração não pôde continuar por muito tempo, e, pois, é seu dever de lealdade á corôa

mara dos Communs; e á medida que a civilização e a força da nação se augmentaram, cresceu tambem a influencia da Camara baixa, e diminuiu a da alta. Se os ministros inglezes, derrotados na Camara alta, abrigam-se na dos Communs; se são indifferentes e mesmo desprezam o voto da Camara alta, é claro que procedem com a logica do regimen; a opinião da nação está na dos Communs; a Camara alta é apenas a representante de um grupo privilegiado. Haverá a mesma razão para se desprezar no Brasil o voto do Senado? O Senado aqui não é tão representante da soberania nacional, como é a camara temporaria? A origem é commun, a força da acção deve ser a mesma, a influencia tambem. Então porque suppôr que a Camara temporaria deve ter a supremacia na politica? porque — por uma ficção, pretender que é ella a immediata representante, e o Senado não? Na Inglaterra isso não é ficção, é sim realidade; é uma verdade historica: é de direito e de facto; como V. Ex. perfeitamente o sabe.

“Comprehende-se que, pela sua organização sómente, o Senado tenha uma missão altamente conservadora; mas é o seu patriotismo, sabedoria e prudencia que devem graduar a sua acção politica; a sua conducta deve ser pautada pela magnitude das circumstancias: ahí é que está a medida da applicação da sua maxima de fazer politica, e nunca pela razão futilissima, deduzida da paridade com a Camara alta ingleza, que não faz politica; que não derruba gabinete, porque tal Camara se representa a si e não a nação.

“E' ou não gravissima a situação do paiz? O proprio Sr. d'Itaborahy disse *que não sabia se seria possível salvá-lo*. Pois bem, — para quando guarda o Senado o mostrar-se capaz de sacrificar-se pela salvação do imperio e da nação? para quando reserva a applicação da maxima de fazer politica? Ah! sem duvida — quando o Zacharias despedir os Senadores á moda de Cromwell ou de Bonaparte...

“Desculpe e tolere a massada. As tristezas desta situação fazem descrentes, embora as discussões, consideradas isoladamente, fortifiquem alguns animos, mas no seu complexo, no seu resultado, abatem profundamente.

“Se os historicos se unirem ao governo, pôde ser que o partido conservador tenha a sorte do povo de Israel; disperso e errante se aniquilará de todo. Neste paiz, seis ou oito annos sem o contacto e a força do poder, um partido não pôde viver. Desde 1854, época da dispersão dos partidos, as fusões tem-se feito e ainda não se conseguiu uma organização solida. A ordem de cousas actual é consequencia disso. A união ou reconciliação dos dois grupos con-

e ao paiz facilitar os meios de que póde ter necessidade a administração que lhes seguir.

Todos os dias, a cada passo, não se ouve outra vóz que não seja: o ministerio está em crise, o ministerio já não existe; o ministerio não póde durar dois dias.

solidará uma situação liberal-progressista, que sobreviverá o resto da presente legislatura, e fará a vindoura. Nesse caso a nossa fraqueza ultrapassará os limites. Ficará o *casco* do partido conservador; grandes serão as deserções. Eu por mim espero até a final debandada...

"Entretanto o Sr. Visconde de S. Vicente entende que o partido conservador não deve aspirar ao poder. Se a impaciencia de obter o poder é um mal, a abstenção é mais fatal; e muito mais ainda é esse ruído feito na imprensa e no Senado sem nenhum resultado. Fôra mais digno e vantajoso supportar tudo silenciosamente sem a ruidosa manifestação de opposição, que serviria de nos desacreditar e gastar, se porventura não fosse a mente do partido conservador conquistar e apossar-se do poder.

"V. Ex. e outros foram coherentes, combateram, porque entenderam que o ministerio devia retirar-se, e nessa retirada bem comprehendiam que a logica indicava e obrigava a entrar no governo.

"De tudo isso só vi uma cousa, Sr. Barão, é que, como partido, o nosso não teve uma conducta, nem firme nem decisiva — com aquella coragem de opinião, de que V. Ex. fallou: luctou o Senado (o que deve fazer para conquistar o poder) mas recuou com medo das consequencias. Ninguém quiz no *alto* ir experimentar os dissabores de um ministerio, nascido do meio dessa lucta. Isso se comprehende. Vimos, porém, para honra d'alguns nobres caracteres a coragem das opiniões, a decisão para a acção, e o sacrificio até de resistir para melhor servir ao Rei.

"E', de certo, triste, quando uma opposição, uma corporação politica inteira se vê reduzida a dar provas da sua energia e valor, sómente pelas protestações das consciencias individuaes: essas protestações honram aos senadores, mas revelam certo gráo de fraqueza dos partidos, incompativel com o poder em crise tão grave.

"O Sr. Zacharias bellamente adivinhou esse estado da opposição; dahi a audacia, que só se inclinava quando se dirigia a V. Ex.; quando se dirigia ás consciencias individuaes, mas que se tornava insolente, quando fallava á generalidade da opposição. Fraqueza por fraqueza o ministerio preferiu a propria e no *Alto* tambem.

"Não me illudo — quando a *Alta mente* houver exgotado a idéa, que gerou esta situação, quando as evoluções attingirem o seu termo, então a situação mudará. A lucta da imprensa e das Camaras poderão apressar esse termo. O nosso regimen tomou, ha muito, esse temperamento, é difficil mudal-o. Urge esperar; e *saber esperar* é difficil sciencia, no conceito do Imperador Napoleão III.

Mande suas ordens ao

De V. Ex.

Affectuoso amigo e obr.º

Eunapio Deiró."

Bahia, 15 de Julho.

"Ainda não ha muitas horas ouvi que uma personagem distincta que apoia o gabinete declarára solennemente que este não podia viver por mais dois dias. Como quer que seja parece que o nobre ministro tem vontade de espaçar a discussão nesta casa e na outra; não se occupa seriamente de fazer passar as leis necessarias."

Faz Muritiba uma série de accusações ao ministerio e explica seu voto no conselho de estado, a 20 de Fevereiro.

Falla depois Sousa Franco a favor da emenda Silveira da Motta.

Falla em seguida Theophilo Ottoni — e, afinal, a 4 de Julho é approvada a resposta, rejeitada a emenda Silveira da Motta.

Ainda na sessão de 10 de Julho, Zacharias defende calorosamente a acção de Caxias no Paraguai.

Na sessão de 11 de Julho, o ministro da Guerra, Paranáguá, profere longo discurso sôbre a direcção da guerra e em certo topico diz: "Portanto, não cessarei de dizer que prosiga o general desassombrado na senda que trilha, certo de que não lhe faltará o apoio e a confiança do governo, e, opportunamente, os applausos de toda a nação."

12 de Julho foi domingo. De 13 a 17 não houve sessão — era a crise política. Na sessão de 17, Zacharias dá as razões de sua retirada e Itaborahi se apresenta com o seu ministerio.

Causas liberaes da quêda de Zacharias

Tal foi o desenrolar dos successos até á retirada de Zacharias. Ha circumstancias outras da maior significação que só podem ser melhor elucidadas compulsados os archivos dos politicos liberaes e progressistas; essas circumstancias são as que podemos chamar: causas liberaes da quêda de Zacharias.

Christiano Ottoni, na sua interessantissima "Autobiographia", bosqueja apenas essa face dos acontecimentos. Diz elle á pag. 165: "A quêda dêste ministerio que, em Julho de 1868, entregou o poder aos conservadores, teve motivos que as chronicas não registrarão: registo-os eu, testemunha e um tanto auctor da scena. Silveira Lobo, que até então tinha hostilizado todos os ministerios, excepto unicamente o de que foi membro, comêçou por sustentar Zacharias, mas, em 1868, estava em conspiração. Contava derriba-lo e herdar a presidencia do conselho; chegou a

mandar consultar, pelo dr. Macêdo, ao Martinho, ao Tavares Bastos e a mim, si apoiariamos um ministerio nôvo, composto exclusivamente de liberaes puros. A conspiração prosperou e parece que tinha cúmplices na praça; o que sabendo Zacharias, aproveitou o pretêto da escôlha de Salles Torres Homem para o senado, dissolveu o ministerio, e recusando aconselhar o imperador sôbre successor, fez que fôsse chamado o visconde de Itaborahi, que dissolveu a Camara."

Paginas adeante, Ottoni confirma que um dos grandes motivos da retirada de Zacharias fôra aquella conspiração de seus correligionarios ou alliados:

"Poucos dias depois, a 25, si bem me lembro, celebrou-se em casa de Nabuco uma reunião magna, para a qual convidaram liberaes de todos os matizes: queriam combinar os meios de opposição.

"Um incidente curioso desta noite foi a bella arrogancia com que o Zacharias alludiu ás conspirações que o fizeram precipitar a quêda do seu gabinete.

"Queixou-se alguém timidamente que elle não aconselhasse ao Imperador a chamada de um liberal, ao que respondeu: "E' verdade que, consultado pelo Imperador, recusei apontar-lhe nomes: eu não podia indicar os conservadores; mas, *si era possível um ministerio liberal ahí estava o meu!*"

E ainda Christiano Ottoni, em seu opusculo *D. Pedro de Alcantara* accrescenta:

"Devo aqui confessar que na reviravolta que nesta ultima data (Julho de 1868) ergueu os conservadores nada houve que reparar ou censurar no procedimento do chefe de Estado.

"Zacharias sabendo que na Camara tramavam contra elle alguns de seus alliados, aproveitou o primeiro pretêto para retirar-se, entregando as pastas ao partido adverso.

"Era pretêto a escolha de Salles Torres Homem para senador:

1° — os ministros sempre se tinham resignado á escolha livre do Imperador; 2° — a designação do homem, que fôra nomeado Conselheiro de Estado e Presidente do Banco do Brasil, pelo mesmo Zacharias, não o exhautorava."

(D. Pedro de Alcantara, Typ. *Jornal do Commercio*, 1893, pag. 41).

Fraco pela opposição com que o fustigavam, tanto na Camara como no Senado, conservadores e liberaes historicos; vendo resurgir o incidente Caxias, explorado pelos politicos e pela imprensa para desconceituar e desprestigiar o gabinete; percebendo as restricções da confiança imperial, desde o momento em que o imperador se convenceu que ia de novo desaparecer a harmonia imprescindivel entre o general e o governo; antevendo claramente as consequencias de quando Caxias viesse a saber da pecha de caudilho que indirectamente lhe atirara; conhecedor da conspiração que elementos seus alliados tramavam para, de parceria com os historicos, e talvez os conservadores, apear-lo do governo por um pronunciamento da Camara — dando balanço em todas essas circumstancias, Zacharias demittiu-se, antes que o despedisse o parlamento ou a corôa. Fe-lo com desgarré dramatico, para dar a impressão de que o incompatibilizava com o poder a sua altivez em face da corôa. A escolha desacertada de Salles Torres Homem fôra um pretêxto mutuo de Pedro II e Zacharias: do imperador para forçar o presidente do conselho a deixar o ministerio; de Zacharias para abandonar o poder, por lhe faltar a confiança imperial, por se saber desapoado da corôa, e por se sentir desamparado de um forte apoio parlamentar.

Em Julho de 1868 o gabinete Zacharias entrara naquella cachexia senil que o imperador sabia diagnosticar com segurança, quando não era elle mesmo quem inoculava o germe enfraquecedor. Por um golpe violento ou habil do poder pessoal elle apejava das posições ministerios ou partidos. A escolha de Torres Homem abria aos ministros e ao partido progressista as portas para a retirada, julgada pelo imperador necessaria á terminação da guerra.

O incidente Caxias foi uma das determinantes, mas indirecta, de acção remota, da quéda de Zacharias. Caxias foi extranho á mutação politica, a corôa não obedeceu a imposições de espada mas á evidencia das razões de estado.

Golpe de estado

Chamaram á quéda de Zacharias um *golpe de estado*. Si o ministerio tinha maioria na Camara não podia ser demittido, e muito menos lançado ao ostracismo o partido a que pertencia o gabinete demissionario.

Mas se aquella mudança politica não se fizera dentro das linhas puras do regime parlamentar, tambem a intromissão pretendida por Zacharias em attribuição exclusiva do poder moderador qual a escolha senatorial era um lance inconstitucional, — um outro *golpe de estado*. Venceu o mais forte.

Dentre as quedas de gabinetes e de partidos no segundo reinado não se destaca o *golpe de estado* de 1868 como uma excepção: ao contrário vemo-lo dentro das lindes tradicionais da política imperial, antes e depois daquelle episodio. Gabinetes conservadores com maioria na Camara, como gabinetes liberaes em eguaes circunstancias fôram demittidos e substituidos por ministerios de política adversa, para aquem e para além de 1868. A constituição dava á corôa a liberdade de nomear e demittir ministros; Pedro II mostrou-se sempre cioso dessa prerogativa e com ella exerceu o seu poder pessoal. Aos poucos foi restringindo esse arbitrio para approximar a política nacional do modelo inglez, mas ainda o ultimo gabinete da monarchia subiria ao poder por um *golpe de estado*, isto é, demittido o ministerio João Alfredo por motivos extranhos a qualquer pronunciamento parlamentar, e afastado do poder o partido conservador que entretanto tinha maioria na Camara.

A linhagem da republica

Não me parece, pois, tenham razão aquelles historiadores e criticos que, tomando-se de estupôr deante do inedito e clamoroso *golpe de estado*, attribuem-lhe as mais graves consequências na história política nacional.

Alguns vêem na queda de Zacharias o comêço do fim da monarchia, vislumbrando, na reacção partidaria que determinou, o início de uma nova corrente de idéas rumando para a república.

Como prova assignalam a irritação dos politicos contra o poder pessoal.

Ora, antes disso, como depois, foi sempre o mesmo o refrão dos politicos e dos partidos em opposição. Não data dahi a sem cerimonia dos ataques, nem taes ataques cresceram de tal modo ao poncto de caracterizar o início de uma época de decadencia do princípio monarchico. Nem essa irritação por si só seria capaz de o enfraquecer, quando os mais apaixonados censores daquelle momento passaram, subindo depois ao poder, a servir e louvar o monarcha antes accusado de absorpção e dominio, e, o que é mais, fizeram-se cumplices ou aproveitadores de golpes semelhantes do arbitrio político imperial.

O acclive ascencional da monarchia não parou em 1868. A propria irritação consequente á queda de Zacharias não fazia explodir então um só protesto republicano. O manifesto dos republicanos historicos só surgiria dous annos depois em 1870, sem grande ou sem nenhuma effiendencia política por então, brado de idealistas sem écho partidario,

ordem de commando sem forças para dirigir, clamar de um grupo de officiaes, sem soldados para attende-los.

E a idéa republicana não conseguia congregar um partido, que só iria tomar corpo e nascer como uma metamorphose da agitação abolicionista que se desdobrava e se transformava em campanha pela federação e pela república. Os elementos republicanos de 70 evoluíram numa efficiencia crescente de crítica, mas em quasi insignificantes effeitos politicos — levando poucos deputados á Camara, e perdendo para a monarchia elementos como Lafayette. (11).

Depois daquelle episodio da nossa história partidaria, depois daquelle subida dos conservadores por um *golpe de estado*, não entrou em decadencia immediata a monarchia. Cresceria até o desembaraço do poder pessoal; o imperador imporia ainda a sua vontade em pontos capitaes da política: o fim da guerra do Paraguai; a lei do ventre livre; a questão religiosa; a procrastinação da eleição directa. No exercicio do poder moderador desferiria outros golpes de estado eguaes ao de 1868.

(11) "A subserviência que á Corôa mostrou o Gabinete de 3 de Agosto (gabinete Zacharias), já em relação a este assumpto (elemento servil), já quanto á nomeação de conselheiros de estado, tirados dentre os mais declarados adversarios, o enfraqueceu muito.

"Quando elle quiz rehabilitar-se, oppondo-se á escolha de um senador pela provincia do Rio Grande do Norte, pouca attenção devia esperar merecer do eleitor dos ministros, que, sem duvida, extranhou a exigencia de quem conhecera sempre condescendente.

"E quando isto se passava nas altas regiões, via-se o governo fraco perante a Camara, onde soffria crua guerra de antigos amigos.

"Era chegada a hora de seu passamento; e, ou porque não quizesse tomar a responsabilidade de indicar á Corôa, como lhe ordenava, quem devia ser o organizador do novo ministerio ou porque o seu orgulho exigia que apoz elle viesse o diluvio, o certo é que o conselheiro Zacharias teve de chamar por ordem superior ao Visconde de Itaborahy, que formou o gabinete 16 de Julho, dissolvendo em seguida a Camara dos Deputados".

(*A Actualidade — Estudo Politico por Confucio* — Ed. Typ. Domingos Luiz dos Santos, 1872, pag. 27).

"Foi deante da opposição historica que a situação progressista, cada dia mais abalada pelos duros golpes que recebia, sucumbio afinal, devolvendo á corôa o governo da nação.

"O certo é porém que o que favoreceu a solução, allás almejada pelo soberano, foi a opposição historica que muito concorrera para o enfraquecimento da situação progressista".

(Campos Salles — *Da Propaganda á Presidencia*, pags. 10 e 11).

Joaquim Nabuco. confirma aquella impressão de "subserviência á Corôa" de Zacharias:

"Zacharias era considerado nessa época um instrumento do Im-

Discursos, pamphletos, attitudes contra a corôa ou o monarcha sempre os houve desde 1822. Havemos de medir a fôrça vital da monarchia, não captando, para analysa-lo, o ar que ella respirava, nem sondando o ambiente em que agia para registar as suas variações atmosphericas, mas tomando-lhe o pulso, palpando-lhe directamente as arterias para sentir assim a tensão da vontade, as palpitações da fôrça de querer, a energia para construir ou destruir a seu capricho.

Republicanos sempre os houve no Brasil, desde a colonia. O ambiente americano insinuava esse pendor por imitação ou por sentimento, quando a razão não n'o aconselhasse pelo raciocínio ou pelo interesse.

Não andara o throno aos boléos das rebelliões em quasi todas as provincias durante a menoridade? E Balaiadas, Cabanadas, Sabinadas, não haviam sido movimentos armados mais ou menos republicanos? Não tremulara por longos annos nos pampas do sul a bandeira republicana de Piratini? Não havemos pois de ouvir como primeiro bater do ariete á muralha monarchica apenas a reacção liberal contra a subida dos conservadores em 1868. Nem dahi em deante diminuiria, effeito desse choque, a resistencia da monarchia. Não foi aquella reacção o estalo da muralha, o abrir da brécha por onde entrariam mais tarde os batalhões rebellados de Diodoro, em nome da nação.

Demais, si os excessos dessa reacção partidaria contra o arbitrio imperial em 1868 pôdem ser encarados como factores de enfraquecimento do princípio monarchico, de outro lado podemos salientar effeitos contrarios dessa crise politica. Uma das suas consequencias foi distinguirem-se mais nitidos, crystalizando cada um a sua cohesão, os dous partidos, como convinha ao regime parlamentar-monarchico: o conservador pelos beneficios tonificantes do poder; o liberal pela catalise da opposição — unificando historicos e progressistas até então em ferrenha dissidencia.

perialismo, como fôra o Marquez de Olinda, como será mais tarde o Visconde do Rio Branco, e, de facto, conservando Ferraz no Ministerio, resolvendo não fazer a paz em circumstancia alguma com Lopez, dando a Caxias o commando em chefe, fazendo o Conselho de Estado discutir sem intermitencia uma série de projectos de São Vicente, mostrava Zacharias conformar-se inteiramente á politica propria do Imperador. Por isso mesmo elle romperá mais tarde com o Imperador, como não chegaram a romper Paraná nem Euzebio de Queiroz, como que procurando estabelecer com os seus epigrammas uma incompatibilidade pessoal com o soberano, talvez por ter sido um momento suspeito de favoritismo."

(*Um estadista do Imperio*, vol. III, pag. 5).

Os factos que alheiaríam do throno apoios fortíssimos estavam por vir, e não tinham a menor ligação com aquelle acontecimento partidario de 68: o fim da guerra do Paraguai, com a volta dos guerreiros victoriosos animados de espirito libertario e messianico; a questão religiosa que grangearia para o monarcha pelo menos a indifferença do clero; as questões militares que o privariam de um exército disciplinado; a abolição que accenderia as hostilidades da laivoura. Ainda estava por vir a doença de Pedro II; ainda não tomara vulto a impopularidade injusta do conde d'Eu; não se estabelecera ainda entre os politicos a descrença no terceiro reinado; não se murmuravam as contestações dynmasticas de um principe da casa imperial; a propaganda de Quintino e de Ruy Barbosa, os clubs republicanos, — tudo viria muitos annos depois sem liame nem logica com a quêda de Zacharias. (12).

Como em todas as genealogias, ha os periodos remotos das origens onde vigora a lenda, na linhagem da república é lícito aos historiadores estender a prosapia do nôvo regime até ás raizes mais profundas dos fastos politicos nacionaes; mas a verdadeira filiação, a dos registos, a dos cartorios, a das successões, a dos documentos, fixa o tronco da estirpe, remonta a fundação da casa republicana e descobre os seus mais antigos pergaminhos em 1870. O mais são preciosismos e rebuscas de linhagistas a compôr arvores heraldicas de tradições e conjecturas.

(12) Joaquim Nabuco divide o reinado de Pedro II em seis phases. A primeira de 1840 a 1850 — consolidação da ordem interna, fim das revoluções, aperfeiçoamento do governo parlamentar, lucta contra o trafico. A segunda de 1850 a 1863 — politica externa, equilibrio do Prata, conciliação politica, empreendimentos industriaes, emissões bancarjas, abertura do paiz pelas estradas de ferro, centralização crescente. A terceira — 1864 a 1870 — guerra do Paraguai. A quarta — 1871 a 1878 — emancipação gradual, liquidação diplomatica da alliança, começo da democratização do systema (...idéa republicana...).....

O grande historiador do segundo reinado assignala o apparecimento da idéa republicana depois de 1871.

Bem é verdade que em certo topico elle diz: "alguns espiritos liberaes gravitam já nesse tempo para a república, começa-se a assentar o plano inclinado do imperio..." (3º vol., pag. 105). Mas em que tempo? em 1867, ao tempo do governo Zacharias quando os liberaes historicos reagiam contra o progressismo.

Em 23 de Dezembro de 1867 uma carta em que Rio Branco assim abre o coração numa confidencia angustiaada:

"Vamos graças a Deus sem maior novidade pelo que respeita

QUÊDA DO GABINETE ITABORAHI

Os documentos que vão em seguida publicados contestam affirmativas que correm, emendam êrros ignorados, abrem nôvo campo á critica, e, provocando apreciações, trarão, quiçá, ao lume da imprensa, outros que os completem e esclareçam.

Para que não percam a nativa eloquencia são estampados isentos de todo o commentario. Este capítulo deixa de ser um estudo histórico para que avulte o interesse grande e o especialissimo sainete dos papeis de uma época, em sua perfeita integridade de redacção e na sua total minuciosidade de relatos.

á saude, mas muito triste com a marcha das nossas cousas politicas cujo desfecho receio seja uma tremenda comoção.

"Não olho para o dia de amanhã sómente, procuro ver um pouco alem, e as causas ainda latentes assustam-me.

"Deus queira que eu seja visionario. Nestas circunstancias eu quizera que não nos ativessemos aos pequenos factos ou que pelo menos vissemos a situação do paiz de mais alto.

"A quem me refiro ? Nem eu mesmo sei, mas V. Ex. não levará a mal estas linhas que me sahirão da penna ao escrever ao Sr. de Coteigipe, a quem preso, ainda que elle não queira, e em cuja discreção sempre confiei muito.

"Eu fallo do que vejo por aqui."

Joaquim Nabuco, bosquejando a agitação politica, a lucta entre os historicos e os progressistas e conservadores em 1866-1867, diz:

"A ruptura do partido liberal faz-se com estrondo; a lucta entre os historicos e progressistas durante os dous annos da administração Zacharias, será uma das mais renhidas, das mais vivas e das mais cheias de odio e rancor pessoal, em toda a nossa historia politica. E' desse ministerio que data a campanha, que não cessará mais, de todas as opposições contra o "imperialismo".

Cita então o apparecimento em 1865 e 1867 do opusculo de Souza Carvalho — *O Imperialismo e a Reforma* e do livro de Tito Franco para acrescentar que os conservadores "denunciavam o imperialismo" com a mesma acrimonia que os liberaes", e responsabilizavam, pelo

Corria o mez de Maio de 1870. Havia quasi dous annos estava no poder o gabinete Itaborahí (16 de Julho de 1868), agora constituido de Itaborahí, presidente do Conselho e ministro da fazenda; Paulino, ministro do imperio; Nebias, ministro da justiça; Muritiba, ministro da guerra (e, de 9 de Junho de 70 em diante, interino da justiça); Cotegipe, ministro da Marinha e interino de extrangeiros na ausencia de Rio-Branco, no Prata (Rio-Branco voltou á pasta em 30 de Agosto dêsse anno de 1870) e Diogo Velho, ministro da agricultura.

Desde Janeiro haviam deixado o gabinete os conselheiros Antão e Alencar.

Terminara a guerra. Em principios de Março Chico Diabo déra fim á vida do dictador paraguaio.

Iam-se abrir as camaras; o ministerio cuidava de redigir a falla do throno. Succediam-se as reuniões e Itaborahí conferenciava com o imperador.

A abolição — Velho proposito do imperador

A idéa que senhoreava então, e de todo em todo, o ánimo de Pedro II era a idéa emancipadora. Intenção amadurecida com o tempo, velho designio até aquella época adiado pela fôrça de extraordinarias circumstancias.

facto de não estarem no poder, a mesma Corôa que os liberaes accusavam por não estarem elles. “E os radicaes pela “opinião liberal” “atacavam de preferencia á Corôa, a seu ver a causa final”. (Vol. III, pag. 3).

E conclue: “alguns espiritos liberaes gravitam já nesse tempo (1867) para a republica, começa-se a assentar o plano inclinado do Imperio”. (Vol. III, pag. 105).

A reacção de 1868 era uma transformação e uma recrudescencia da anterior, com a mutação o transformismo de actores e reactores.

Christiano Ottoni diz:

“Se eu escrevesse a historia do segundo reinado, deveria dividir este paragrapho (§ 5º 1868-1889 — Impressões Geraes) em dous, porque a politica modificou-se sensivelmente na segunda metade do periodo, depois da reforma eleitoral de 1881.

De 1881 em diante o constitucionalismo foi predominando. S. M. via ministros derrotados em eleições, o que indicava a possibilidade de reeleição de uma Camara dissolvida; e demais a evolução democratica se la fortificando. Então o *liberalismo* de D. Pedro II chegou a ponto de concordar com Saraiva em abdicar toda a intervenção na escolha dos senadores, e acceitar a eleição livre dos presidentes pelas respectivas provincias. Idéas a meu vêr incompatíveis com a monarchia”.

(D. Pedro de Alcantara, pags. 44 e 45).

As disposições do imperador eram decisivas. Queria encabeçar o movimento e era de opinião que ao govêrno competia agitar e resolver a questão. Haveria talvez ali alguma vaidade. A' Europa, aos abolicionistas francezes que lhe haviam dirigido uma representação — queria mostrar clara a sua direcção nesse magno assumpto. Não se conformava em ser, ou parecer, o principe que se rendesse ao voto da opinião de seus governados — queria, sim, ser o imperante que fizera a libertação dos captivos do seu imperio, mesmo arriscando o seu throno (com risco de ser “esmagado”, como elle proprio o disse numa das conferencias logo descriptas).

A's refulgencias do sábio e homem de letras que scintillavam em sua corôa pretendia junctar agora os reflexos dessa gemma de libertador.

Por isso não cessara, desde alguns annos, de trabalhar juncto a seus ministros para que suscitassem a questão e algum passo dessem por solve-la. Dizia-se que em 1865 insinuara a Olinda medidas e que esse estadista se recusara a attende-lo (Saraiva no Senado desmentiu essa versão affirmando terem sido certos ministros, sobretudo Nabuco, os que haviam agitado a idéa e não o imperador); em 1866 recebera de Pimenta Bueno os projectos que talvez pedisse ao sábio juriconsulto; ainda, em 1866, é indubitavelmente á sua influéncia que o ministro da justiça responde, em nome do govêrno, a uma mensagem dos abolicionistas francezes; em 1867, o ministro Zacharias inclúe um topico sôbre o elemento servil, na falla do throno, estando o Brasil em guerra. E' certo que sua magestade animou, influuiu o senador bahiano a dar passo tão pouco político.

O imperador escreve a Itaborahi

Cessada a guerra, normalizada algum tanto a vida nacional, entendia d. Pedro fazer resurgir a questão, a respeito da qual, desde a falla de Zacharias em 1867, se não alludia em documento de seu govêrno.

Foi por isso que, ao se approximar a abertura das camaras, escreveu a Itaborahi a seguinte carta:

“Sr. Itaborahy.

“Não sei quando se abrirão as camaras: porém é necessario que eu possa a tempo examinar o projecto da falla do throno.

“Pelos motivos que lhe tenho exposto, e entre os quaes o senhor bem sabe que não tem sinão

menor importancia para mim o meu modo de pensar, entendo que seria um grande êrro o não dizer o govêrno alguma coisa sôbre a questão da emancipação na falla do throno.

"As minhas idéas capitaes são as que voluntariamente pôz em pratica o Barão de São João do Principe, e quem déra que do mesmo modo procedessem todos os senhores de escravos. Entendo que o barão merece alguma graça por essa acção, a qual contribuiria para mostrar que não ha em alguem a imprudencia que certas pessoas lhe querem attribuir e sinão que a minha casa, pelas razões que lhe communiquei, não tivesse podido anticipar-se ao Barão de São João do Principe. Felizmente os escravos que ainda se acham ao serviço de minha casa são de propriedade da nação, e espero que o poder legislativo facilite as manumissões por parte de minha casa, adoptando uma lei no sentido da nota que lhe dei.

"Excuso dizer que tudo o que lhe acabo de escrever será sabido unicamente do ministerio, que muito estimarei concôrde commigo na necessidade que sempre lhe tenho exposto de alguma coisa dizer-se na falla do Throno a respeito dêsse assumpto, de que todos parecem occupar-se menos o govêrno.

"Diga a seus collegas que podem ir mandando-me as provas de seus relatorios.

"Esta carta não carece de resposta. Conversaremos opportunamente deste assumpto ou quando o senhor entenda preciso.

..... (illegivel)
distribuir (illegivel) ...
..... convenientemente.

D. Pedro II.

1º de Maio de 1870".

Itaborahí, porém, como todos os seus companheiros de gabinete, resolveu não attender á vontade imperial (1).

(1) Sôbre este episodio assim se exprimem os historiadores que se occuparam dêsse trecho da vida politica nacional:

Redigiu o Gabinete, a despeito do desejo do imperador, o projecto de falla, sem mencionar a questão do elemento servil, e, em conferencia, apresentou-o a 4 de Maio (1870) a sua magestade.

Essa importantissima conferência, assim como a que se realizou no dia seguinte foram protocolladas por Cotegeipe, encontrando-se, como duas actas, escriptas ambas por sua mão, num dos maços de seu archivo. São documentos de grande valor, nos quaes, com traços frisantes de psychologia do imperador e de alguns membros do gabinete, sobretudo Cotegeipe, vê-se nas franquezas das intimidades das conferências o perfil exacto da attitude e das disposições de Pedro II, com referencia á questão servil.

Pereira da Silva, nas "Memórias do Meu Tempo":

"Na falla do throno, que cumpria dirigir-se aos membros das duas camaras em Maio de 1870, pretendeu o imperador incluir um periodo referente á necessidade de deliberar-se ácerca do elemento servil, cuja idéa permanecia inabalavel no espirito de sua magestade.

Não o admittiu Rodrigues Torres. Parecia-lhe inopportuna a occasião. O estado melindroso das finanças públicas, os estragos e calamidades resultantes da guerra, a necessidade de manter-se a principal sinão única industria, que era a agricola, á falta de uma corrente regular e progressiva de colonos emigrantes cujos braços podiam supprir as deficiencias da lavoura, não permittiam no momento sacrificio tão extraordinario, bem que todos os brasileiros desejassem que o captivo se extinguisse.

Cedeu o imperador, a contragosto, ás observações de Rodrigues Torres; mas reservou-se para, quando lhe sorrisse occasião mais propicia, levar adeante seu proposito.

Soubese geralmente do attrito entre sua magestade e Rodrigues Torres, commentaram-no os periodicos e chegou-se a espalhar o boato de que o imperador pensava já em substituir o ministerio por outro que lhe adoptasse a idéa. Propagou-se mesmo que Pimenta Bueno seria o organizador do novo gabinete, e que já tractava de convidar confidencialmente a amigos a o auxiliarem na empresa.

A falla do throno, com que se abriu em 6 de Maio a sessão legislativa, não tractou, portanto, do elemento servil." ("Memorias do Meu Tempo", vol. 2º, pag. 121).

Joaquim Nabuco friza bem a attitude do imperador:

"Entretanto, acabada a guerra, estava preenchida a condição acceita no conselho de estado para se tractar da emancipação; era visível para os que tinham acompanhado a attitude do imperador nessa questão e lhe conheciam o character e os processos de governo, que chegava o mo-

Duas conferencias ministeriaes protocolladas por Coteigipe

E' este o teor da nota deixada por Coteigipe:

"Duas conferencias para a redacção da Falla do Throno em 1870, em 4 e 5 de Maio com S. M. o Imperador D. Pedro II"

"Primeira conferencia em 4 de Maio"

"Lido o projecto, disse S. M. que o achava em geral bom; mas que tinha de fazer algumas reflexões sôbre uma omissão, que notava, e eram a respeito do elemento servil; que já em uma carta ao Presidente do Conselho enunciara sua opinião, e posto que o Presidente do Conselho já lhe houvesse declarado qual a decisão do Gabinete, desejava expôr as razões que tinha para insistir na inserção de um topico, que tratasse dêsse objecto. Antes de proseguir convém saber-se qual o sentido e os termos dessa carta; ei-los:

"(A carta dizia que era um grave erro não incluir na falla o negócio do elemento servil, e mostrava grande empenho nisso. O Sr. Presidente do Conselho, que ficou de dar-me a carta, não o fez). (2)

"Disse S. M. que na passada sessão concordára em que não se tocasse nesse ponto, em consequencia do estado de guerra, em que nos acha-

mento esperado por elle para recommençar juncto ao governo conservador os exfôrços que fizera nos ministerios Olinda e Zacharias, em 1866, 1867 e 1868, a favor daquella reforma.

O conde d'Eu tinha, em Setembro de 1869, dirigido ao governo provisório de Assumpção uma carta datada do quartel general, pedindo a liberdade dos escravos que restavam no Paraguai. Não eram muitos, mas a importancia do acto do general brasileiro, esposo da herdeira presumptiva, estava no contagio, por parte delle no momento da victória, que a sua iniciativa havia forçosamente de espalhar no Brasil." ("Um Estadista do Imperio", vol. 3º, pag. 162).

Um e outro eram fiéis á verdade.

(2) Essa carta, já retro-transcripta, pertence ao Archivo do Instituto Historico Bahiano.

vamos; porém, que esse estado desapparecêra; que a opinião se agitava em favôr da emancipação; que a questão se havia de resolver e que cumpria encaminha-la e tranquillizar os proprietarios; que sua opinião era a do Conselho de Estado (liberdade do ventre), e ainda que o Gabinete não estivesse por ella, seria político e de bom effeito que ao menos declarasse que se occupava da questão; que não insistiria se todos os proprietarios tivessem procedimento igual ao do Barão de São João do Principe; isso, porém, não, era de esperar. Sabendo já, como sabia, da opinião collectiva do Gabinete, desejava ouvir a opinião individual dos Ministros.

“Passando a tomar os pareceres, a discussão abrangeu os diversos systemas de resolver tão difficil e delicado problema. Todos concordaram em que a questão não era uma questão dos partidos, embora lhes pudesse servir de arma no futuro, porque os interesses eram identicos neste caso; liberaes e conservadores soffreriam as consequências; que cumpria ser tanto mais estudada, quanto era immensa sua gravidade por ser antes questão social que politica; porém, que a falla do throno não devia conter sinão aquelles assumptos para que o governo estivesse preparado e quizesse reduzir a lei, sendo que não tinhamos opinião assentada sobre o melhor meio de resolve-la (a questão), e não era, portanto, prudente agitar os espiritos, trazer pendente uma ameaça sobre a propriedade; que quando se tocasse na questão devia-se em seguida apresentar os meios de resolve-la; enfim, que a quem tivesse taes meios cumpria executar qualquer reforma e não a nós.

“Aqui S. M. observou (e por vezes interrompêra quem fallava com outras observações) que a solução dada pelos conservadores seria mais bem acceita pelos fazendeiros. Respondeu-se-lhe que se para isso tivessem os conservadores um plano, e que isso é que lhes faltava.

“Em conclusão, houve dous votos, — os dos Srs. Nebias e Diogo Velho — de não haver inconveniente em dizer-se que o Governo se occupava de estudar a questão; quatro que nada se dissesse, embora no seu relatorio o Ministro da Justiça tocasse

no ponto, expondo as differentes opiniões que tem apparecido para a resolução do problema e sem emittir a do Govêrno. Esta necessitava ser exclarecida por uma estatística prévia do número de escravos, seus sexos, etc., etc., sua mortalidade e nascimentos, alforrias por differentes modos, etc.

"Já estando a questão dos systemas differentes discutidas, quando aliás não era este o ponto capital, como por vezes notou-se, e não me sendo possível resumir as opiniões de cada Ministro em particular, darei um transumpto da minha. Eu disse que quando não fôsse um dever do cargo fallar com franqueza e consciencia, o exemplo que nos acabava de dar S. M. me animaria a não ter reservas mentaes; que havíamos acceitado o ministerio com a condição de não agitarmos esta questão e embora o fim da guerra parecesse collocar-la em differente ponto, contudo as consequências perdurariam por muito tempo e a confiança ia-se restabelecendo; si, porém, tocassemos na principal fonte da nossa riqueza, veríamos tudo transformar-se com rapidez; que esta especie de guerra seria a meu ver peor que a do Paraguay. Accrescia, como diziam meus collegas, que não tinhamos trabalhos nem mesmo opinião assentada e introduzir na Falla do Throno similhante topico seria dar mais fôrça e accelerar o movimento sem sabermos de que modo encaminha-lo; que eu estava persuadido de que a questão tomou a gravidade que lhe reconheço porque partiu o grito de alarme do govêrno e porque todos crêem que o impulso vem de S. M., que, tendo e devendo ter grande fôrça na opinião, acarretava os dubios e todos quantos julgavam assim agrada-lo; que eu sempre me oppuz a que o govêrno se mostrasse decidido a levar a cabo a questão porque isso acceleraria, quando o dever dos govêrnos era moderar e não agitar; que deixassemos a opinião pronunciar-se e a seguissemos, então, encaminhando-a com prudencia.

"N. B.—Quando eu disse que me havia opposto, S. M. atalhou-me com as seguintes expressões: "é até demais, declarando que se opporia até pegando na espingarda". Ao que respondi que não

me recordava de ter empregado semelhante expressão e si o fiz nunca seria no sentido de levantar-me contra as leis do Estado e sim contra a opinião dos Ministros. (3)

"Continuando, disse que me consideravam como aferrado ás idéas anti-emancipadoras, sendo isso uma injustiça, como poderia provar até com projectos por mim apresentados, mas que a questão não era só humanitaria, jogava com a sorte da patria. Nestas condições, conhecidas minhas opiniões, seria da minha parte até falta de dignidade sujeitar-me ao que era contrário á minha consciencia.

"O Govêrno perderia tambem em fôrça e dignidade porque se diria com razão, como já se diz por ahi, que S. M. impôz-nos e nós aceitamos a imposição por amor do poder. Uma tal idéa era prejudicial á Corôa e a nós, seus Ministros.

"Chegando a outro topico em que se falla do supprimento de braços livres que ajudem á lavoura, S. M. propôz que, em vez de supprimento de braços, dissessemos: braços livres (ver-se-á na segunda conferencia o alcance desta insinuação). Ficou-se de fazer algumas rectificações de méra redacção.

"Note-se: 1º, que uma peça ministerial fôsse tão discutida pela Corôa; 2º, a audiencia de opiniões individuaes, quando o Gabinete só as tem collectivas em taes casos e assim as apresenta.

"(Escripto na noite de 5 de Maio).

"P. S. — Quando nesta conferencia se disse que a questão de emancipação era semelhante á pedra

(3) Na Camara, fallando na sessão de 26 de Março de 1877, Cotequipe alludiu a este incidente:

"Sr. Presidente, uma occasião praticando eu com uma alta personagem e fallando-se na lei do elemento servil, disse-me ella: "O senhor queria se oppôr até com espingarda". Eu respondi: "Isto prova que V. Ex. só me julga pelo que lê nos jornaes da opposição".

"O SR. FLORENCIO DE ABREU — Ou V. Magestade.

"O SR. DANTAS — Fique em excellencia."

que rolava da montanha e que nós não a devíamos precipitar, porque seríamos esmagados, S. M. respondeu que não duvidava expôr-se á quêda da pedra, ainda que fôsse "esmagado" !

"E o Brasil ? Esta é a questão..."

"Segunda conferencia (em 5 de Maio de 1870)"

"Passando-se a examinar de nôvo o projecto com as emendas, foi approvedo em sua generalidade.

"Quando chegou-se ao topico que assim se exprime: "O desenvolvimento moral e material do imperio depende do auxilio que o supprimento de braços livres prestar á lavoura, principal fonte de nossa riqueza", S. M. propôz que fôsse substituido, por este — "depende do trabalho livre applicado á lavoura, principal fonte de nossa riqueza", porque esse era o fim e o *desideratum* de todos, e não passando de uma opinião que em nada compromettia o pensamento do Govêrno, nem offerecia a objecção de não dever figurar como programma.

"Insistiu ainda nas idéas enunciadas na conferencia anterior — parecendo-lhe um "êrro" a nossa abstenção em fallar no assumpto.

"Observou-se-lhe que as idéas do projecto e emenda eram diametralmente oppostas: o projecto não tocava na emancipação, reconhecia a necessidade de promover o trabalho livre, que fôsse substituir o trabalho escravo; a emenda condemnava desde logo o último e promettia substitui-lo, — só não indicando o modo, e era justamente aquillo para que não estavam preparados.

"No correr da discussão S. M. disse que era mistér fé, que sem ella nada se faria; que sabiamos quaes suas idéas; que havia de persistir nellas; mas que tambem não iria além, e se havia de oppôr até a última para que se não fôsse além; que na primeira occasião opportuna — "daria a conhecer francamente a sua opinião" e o faria "applicando á sua casa a medida da liberdade do ventre."

"Observou-se-lhe que a questão não era de fé, e sim de profundo exame; que os Ministros erantão interessados quanto S. M. na felicidade pú-

blica, e cumpriam um dever de lealdade e consciencia declarando que S. M. não podia intervir com o peso de sua opinião e contra a de seus Ministros em soluções desta ordem.

"O Barão de Muritiba representou muito respeitosamente que S. M. em nosso systema não podia praticar aquillo a que estava resolvido.

"O Barão de Cotegipe abundou nas mesmas idéas, accrescentando que as palavras de S. M. lhe causaram profunda tristeza, porque previa que de um tal passo nasceriam consequências que muito prejudicariam a causa pública.

"Que S. M. não tinha mesmo o direito que suppunha ter (e neste ponto fôram accórdes os Ministros).

"Então S. M. replicou, que se não tivesse o direito de dar liberdade aos escravos da casa, renunciaria os seus serviços, e os mandaria para os arsenaes; mas que não se lhe podia contestar esse direito, e que o manteria ainda que fôsse á custa de sua dotação.

"O Ministro Soares de Sousa disse que não se lhe contestava o direito de dar liberdade, posto que admittisse dúvidas; o que se contestava era que pudesse fazer do modo e para o fim que S. M. expuzera.

"S. M. accudiu — que emquanto "julgava dever, conservar os Ministros" (4), sempre cedia á opinião destes, e o mostrava, — nesta ocasião, — porém que de sua casa e dotação dispunha, como

(4) "Através do reinado, de 1840 a 1889, todos os políticos que serviram com elle (Pedro II), tiveram consciencia de que seu mandato era precario, seu posto instavel, oscillante, dependente, e sem excepção exprimiram, quando não fôsse sinão na intimidade, esse mesmo sentimento: Antonio Carlos e Hollanda Cavalcanti, Vasconcellos e Alves Branco, Olinda e Paraná, Euzebio de Queiroz e Nabuco, Rio-Branco e Cotegipe, Zacharias e Saraiva. Mas si o mandato é assim precario, si os ministros devem entrar contando sair ao primeiro desgosto sério do monarcha, á primeira resistencia ou exigencia inconcillavel, enquanto não se separa delles o imperador respeita escrupulosamente a esphera da acção ministerial. "Querem ou não querem govêrno constitucional? Saibam que muito tenho soffrido por não dever exercer essa acção mesmo a bem dos escravos e em muitos outros casos. Julguem-me depois de ouvir-me". (*Notas do imperador ao opusculo o "Erro do imperador"*). Joaquim Nabuco, *Um estadista do imperio*, vol. III, pag. 561.

entendia, e que não sabia o meio de evitar-se que elle libertasse todas as "crias", á proporção que fôsem nascendo, ou isso declarasse nos livros da casa.

"O Sr. Soares de Sousa ainda observou que por actos isolados, embora comprehendessem 10, 20 ou 30 escravos, S. M. o podia fazer, e quanto ás crias — a liberdade dellas, á proporção que nascessem, não produziria o effeito que receiavamos. Tudo o mais seria uma intervenção directa que contrariava o pensamento do Govérno. (5)

"O Sr. Presidente do Conselho assistiu a esta conferencia. Todos os Ministros fôram concórdes nas idéas que fôram sustentadas.

"(Escripto na manhã de 6 de Maio)".

E o imperador cedeu. Na falla do throno não houve sequer allusão ao problema servil. (6)

Estas actas revelam como numa nitida photographia o que eram as conferências dos gabinetes ministeriaes com o soberano. Dellas se salientam em relêvo a insistencia imperial pelas suas idéas de govérno, a sobranceria resistente e franca dos ministros, o elevado patriotismo que animava aquelles homens.

E' de notar a energia e a altivez com que os ministros em ambas as conferências se dirigiram ao soberano. Na segunda, sobretudo, a discussão relativa á attitudo da corôa e seus direitos sôbre os escravos da casa imperial toma um surto de commovedora solennidade. Na primeira, aquella disposição de Pedro II, de fazer rolar a pedra da montanha,

(5) Esta funda divergencia entre a corôa e o ministerio resolveu-se com a apresentação do projecto governamental que auctorizava a corôa a alforriar gratuitamente os escravos da nação que estivessem empregados em seu serviço.

(6) "Logo no dia seguinte á abertura do parlamento (4 de Maio de 1870) o *Dezesseis de Julho*, em artigo editorial, explicou o silencio do discurso da corôa a respeito da questão da emancipação, como um triumpho do gabinete sobre a vontade irresponsavel, e affirmando a existencia dessa divergencia, accrescentou que a questão estava resolvida desde 16 de Julho de 1868, porque os cidadãos que então foram chamados ao poder haviam combatido francamente a idéa de uma medida legislativa, convencidos de deixar essa revolução social ao espirito publico" (Discurso do deputado Teixeira Junior — Sessão de 14 de Maio de 1870).

ainda que viesse por ella a ser “esmagado”, é symptomatica de seu character (7) e de sua orientação no momento. E não é menos frizante a nota de Cotegipe logo apposta: “E o Brasil? Esta é a questão...” Que importava a quéda do monarcha, si o que se temia era que a campanha viesse a comprometter os interesses nacionaes?! Que valia a dynastia em face do paiz?!

E’ preciso ter em alta conta a formal declaração do imperador de persistir nas suas idéas (ventre livre) e limitar nellas o seu programma abolicionista: *“mas que também não iria além, e se havia de oppôr até á última para que se não fôsse além”*, compromisso que de algum modo observou porque, conseguida a lei de 28 de Setembro de 1871, a sua acção propulsora se restringe, se modera e se annulla até transforma-lo num simples espectador satisfeito de quantas medidas e leis anti-esclavagistas surgiram depois da lei Rio-Branco.

Tudo isso acontecia em Maio, — em Setembro caía Itaborahí para subir São Vicente com seu ministerio de curta vida.

Já o imperador não “julgava dever conservar os ministros”, como prevenira.

Fôra a questão servil que derrubara o gabinete 16 de Julho?

Como?

A tensão daquella crise pudéra prolongar-se por tanto tempo?

Quaes fôram as razões últimas e íntimas da quéda do gabinete?

Porque caiu Itaborahi — Opiniões de Pereira da Silva,
Nabuco e Tobias Monteiro

Vejamos em primeiro logar o que dizem os historiadores dêsses successos, a saber, si os papeis que temos em frente os confirmam ou contestam.

Demos a palavra a Pereira da Silva:

(7) Lembrar que quando os ministros se haviam opposto, annos antes, á sua partida para o Rio Grande, invadido pelo inimigo, achou meio de vencer as últimas resistencias, dizendo: “Si como imperador não puder ir, ninguém me impedirá que abdique e parta como simples voluntario”.

"Estavam prorogadas as camaras, para terminarem seus trabalhos do anno, quando circularam boatos imprevistos.

"Lentamente occupava-se o senado com a terceira discussão do orçamento geral, e o ministerio ansiava vê-la terminada, para encerrar-se a sessão legislativa. Ao votado pela camara temporaria, propuzeram ainda alguns senadores emendas e addições, e entre ellas leu-se na mesa uma de Nabuco de Araujo, consignando annualmente a quantia de mil contos, do saldo da receita, para alforriar escravos.

"Recebeu Rodrigues Torres nessa conjunctura um bilhete do imperador, participando-lhe que merecia sua approvação o additivo de Nabuco de Araujo, e esperava que o ministerio o incluísse nas disposições geraes do orçamento.

"Percebeu o ardil com que tentava Nabuco visar indirectamente a questão do elemento servil. Não acreditava, todavia, até então, nos boatos, espalhados em confidencias particulares, de que Pimenta Bueno andava á cata de com-panheiros para organizar nôvo gabinete.

.

"Magoado Rodrigues Torres com o procedimento da corôa, no tocante ao additivo proposto por Nabuco de Araujo e com a resolução de seus adversarios senadores (de lhe recusarem o credito de 25.000:000\$ para prolongamento da E. de F. do Rio a Minas), convocou no dia 22 seus collegas de gabinete. Concordaram todos que era chegada a época da dissolução do gabinete e autorizaram o presidente do conselho a supplica-la ao imperador.

"Partiu Rodrigues Torres para São Christovão. Annunciou a s. m. que resolvera o gabinete retirar-se da administração pública.

"Surprehendido o imperador com a inesperada resolução de Rodrigues Torres, declarou-lhe que formava o designio de ir á Europa, durante o anno de 1871, no intuito de restabelecer-se a saúde deteriorada da imperatriz e não podia executar a sua viagem sem deixar no imperio, sob a regencia de sua augusta filha, um ministerio de confiança, para cuja escolha precisava de tempo.

"Pedi-lhe, portanto, que conservasse o poder até o proximo mez de Março.

"Replicou-lhe Rodrigues Torres que suas enfermidades e o cansaço produzido por dous annos de serviço laborioso lhe não permittiam continuar; e por mais empenhadas instancias de s. m. não se demoveu de seu proposito.

"Perguntou-lhe o imperador quem lhe aconselhava para organizar o nôvo ministerio. Lembrou-lhe Rodrigues Torres o nome de Luiz Alves de Lima.

"Disse-lhe o imperador que estava adeantado em annos e depauperado de saúde.

"Indicou-lhe em seguida Rodrigues Torres a Silva Paranhos. Retorquiu-lhe sua magestade que era seu collega no ministerio, accompanhara-o em todas as opiniões e actos e convinha pessoal nôvo.

"Reflectindo, Rodrigues Torres pronunciou o nome do senador Pimenta Bueno. Accolheu-o incontinenti o imperador com júbilo particular, e ordenou-lhe que transmittisse a Pimenta Bueno sua resolução.

"Convenceu-se assim Rodrigues Torres de que tinham razão os boatos que corriam no tocante a intelligencia e accôrdos particulares do imperador com Pimenta Bueno.

"Pensou todavia que não lhe cumpria divulgar os motivos verdadeiros que haviam produzido a dissolução do ministerio, e allegou perante o parlamento molestia de alguns membros do gabinete e fadiga de outros.

"Aos amigos intimos, porém, que lhe estranhavam esconder a causa real de sua retirada do poder, declarou formalmente que considerava que a acção do govêrno pessoal pesava demasiado na administração pública, e afastava os póvos do amor devido ás instituições, únicas, em sua opinião, adaptaveis aos costumes, ao desenvolvimento moral e material, e á integridade do Brasil; que havia já bastante lenha na fogueira que ameaçava incendiar e destruir os alicerces do edificio monarchico representativo, e seu patriotismo lhe prohibia levar-lhe novos elementos que lhe apressassem a combustão." ("Memorias do Meu Tempo", vol. 2º, pags. 125 a 128).

Nabuco e Tobias Monteiro, taes como Pereira da Silva, affirmam ter sido o additivo Nabuco de Araujo no Senado a determinante última e maxima da dissolução do gabinete. Tobias neste passo resume a Joaquim Nabuco, cujas palavras transcrevemos. Informa o historiador do segundo reinado:

"Em 18 de Setembro, na vizinhança do encerramento da sessão, Nabuco tem prompta a mina que fará saltar o ministerio".

Era o additivo dos 1.000:000\$ para alforrias. Mais adeante accrescenta:

“Esse discurso (com que Nabuco justificou o additivo) produziu grande impressão, sentia-se que o additivo implicava uma crise ministerial, que a idéa da emancipação tinha amadurecido em São Christovão.

“Com effeito, quem responde ao chefe liberal é Paranhos, um mez depois visconde do Rio-Branco, ministro dos negocios estrangeiros, que acabava de voltar da sua quarta missão diplomatica e política no Rio da Prata e Paraguai, e a sua resposta revela, se não produz, a divisão esperada no seio do gabinete: elle promette que na sessão seguinte o govêrno manifestará o seu pensamento — “apresentará uma solução”, — é a variante de Cotegipe, ministro da Marinha, — e isso não está de accôrdo com o sentimento de Itaborahi ou do seu logar-tenente Paulino de Souza. A solução de que Paranhos e Cotegipe fallavam era favoravel á reforma: a que o outro lado do ministerio tinha em mente era-lhe contrária.

“Que o gabinete estava dividido nesse momento, prova-o a discussão no anno seguinte a respeito dessas palavras de Paranhos, entre elle, Cotegipe, Diogo Velho (visconde de Cavalcanti) de um lado, e Paulino de Sousa, sustentado por Itaborahi, Muritiba e Nebias, do outro.

“Poucos dias depois daquelle discurso, o ministerio Itaborahi retirava-se e a sua retirada era geralmente attribuida á recusa, pelo gabinete, do additivo liberal”. (*Op. cit.*, vol 3°, pag. 176.)

Eis ahi o que dizem os livros; vejamos agora o que fallam as confidencias dos documentos.

O gabinete sem a confiança da corôa

Desde a questão da falla do throno que o ministerio sentia faltar-lhe o único apoio que mantinha de pé os gabinetes — a confiança da corôa.

Poucos dias depois dessa primeira crise, escrevia Cotegipe (15 de Maio de 1870) a Rio-Branco, que estava no Prata:

“Para mim é indubitavel que desapareceu a confiança mutua, e que, mais dias menos dias, por esta ou por outra questão, surgirá a crise suprema para o Gabinete”.

Ainda a 20 de Maio, no protocollo que fez da crise relativa á escolha de senador por Minas. concluiu Cotegeipe:

“Do todo desta conferencia resultou-me a convicção, de que S. M. não repelle a idéa da retirada do Gabinete, antes parece assentada em seu espirito, faltando-lhe apenas — o modo pratico — de realizal-a. A “razão capital” é, a meu ver, a do “elemento servíl”; desde então que a confiança mutua soffreu, em S. M. por ver que não adoptavamos suas idéas, em nós pela certeza de que S. M. nos crearia “embaraços”.

Ainda são de Cotegeipe as seguintes palavras de uma nota que titulóu — “Circumstancias que precederam a retirada do ministerio de 16 de Julho depois da chegada do sr. Paranhos”:

“O Sr. Presidente do Conselho por mais de uma vez expôz-nos que suppunha havermos perdido a confiança da corôa, sendo a principal causa a nossa opinião a respeito do elemento servíl e por mais de uma vez citou como prova o “trabalho” para a substituição do Ministerio, e o silencio de S. M. em relação á sua projectada viagem á Europa, da qual todos sabiam, menos o Ministerio.

“Eu e alguns collegas, especialmente o Sr. Paranhos dissemos, que a nossa retirada devia nascer de uma questão qualquer entre nós e a Corôa, ou entre nós e as camaras, mas não pretextada por difficuldades e divergencias; que eu tambem estava persuadido de que S. M. não estava satisfeito connosco mas que fugiria sempre de tomar a si a responsabilidade da quêda do Ministerio e por isso convinha que nesse terreno fôsse collocada a questão”.

Previsões de Cotegeipe

Certamente estas conversas foram posteriores a 15 de Maio, quando Cotegeipe enviou a seguinte carta a Paranhos — na qual, com a sua costumada acuidade, mostra ter percebido todo o trama e prevê, com uma segurança e precisão admiraveis, o que havia de succeder. Eis o que disse Cotegeipe a Paranhos:

"Extracto da carta particular que dirigi ao Sr. Conselheiro Paranhos em 15 de Maio de 1870:

"Abriram-se as camaras a 6. V. Ex. lerá a falla do Throno. Não foi sem discussão que se deixou de mencionar o "elemento servil", embora o Ministerio não se recuse a "estudar", antes seja de seu dever estudar a questão. Além da tendencia da Corôa para resolve-la de accôrdo com o seu plano, parece que a presença de S. A. muito contribuiu para a insistencia de S. M.

"O conhecimento que tem o público da dissidencia, tanto pelo passado, como tambem porque S. M. não guarda a necessaria reserva, enfraquecendo assim o Gabinete, vae produzindo seus effeitos. A opposição, como é natural, aproveita o incidente, mas o que surprehende é que o aproveitem alguns conservadores, quando outras questões ha mais urgentes.

"Hontem fez o Teixeira Junior uma interpeção (primeira imprudencia quando o logar proprio era a resposta á falla do Throno) a que o Sr. Presidente do Conselho deu a resposta que V. Ex. acha aqui junta.

"Fallou tambem o A. Lima, propondo uma moção para que se apresentassem medidas para a "liberdade do ventre". Ora, V. Ex. conhece as ligacões do primeiro deputado com o Conselheiro Salles e as do segundo com o Visconde de São Vicente e bem assim as opiniões dos dous Conselheiros. Será temeridade pensar que ambos "animados" apalpem o terreno? Não o affirmo; porém, faço este raciocinio: S. M. declara que ha de fazer bem conhecida a "sua opinião", é pois provavel que tenha "conversado" com aquelles que seguem ás mesmas idéas; um cambio completo de política presentemente teria seus inconvenientes sinão perigos; conservar mais ou menos a mesma politica e realizar o seu projecto favorito é pensamento que deve naturalmente occorrer. Dahi esse movimento. Eu hesito em tirar as consequencias desta minha apprehensão. Em todo o caso o que me parece mais franco e mais leal era a prompta exoneração do Gabinete. E porque a não provocamos? Fallo-hemos

ou, ao menos, Fallo-héi, apenas tenha a certeza do que hoje não passa de desconfiança. Até lá é dever nosso conservar o posto, desde que S. M. entendeu conveniente ceder, não ás nossas "observações", mas ás "circunstancias". Para mim é indubitavel que desapareceu a confiança mutua, e que, mais dias menos dias, por esta ou por outra questão, surgirá a crise suprema para o Gabinete. Virá outro do mesmo "matiz" que se arrastará alguns mezes, e depois *à la grace de Dieu...* Eu sempre insisti e insisto para que os partidos se colloquem por meio de medidas permanentes em posição de fazerem o seu ponto de apoio da opinião nacional; quizéra mesmo que para esse fim nos entendemos francamente com a opposição. Haverá tempo de realizar esse *desideratum* de todos? E' o que duvido".

Além da narrativa dos factos que se estavam dando: — a falta de confiança da corôa, as indiscreções do imperador, a divisão já começada dos conservadores a respeito da questão servil, as partes principaes dessa missiva são as que se referem ás opiniões e disposições de Cotegipe quanto á emancipação: "é do dever do ministerio "estudar" a questão". "Eu sempre insisti e insisto para que os partidos se colloquem por meio de medidas permanentes em posição de fazerem o seu ponto de apoio da opinião nacional", etc.

A mais que isso o importante são os topicos sôbre São Vicente e seu entendimento com o imperador.

Itaborahi trama com o imperador e com São Vicente a quéda do gabinete que presidia

Não eram pouco fundadas as desconfianças de Cotegipe sôbre esse poncto. Existia tal accôrdo entre a corôa e um prócer do partido que governava, ás occultas do ministerio que estava no podêr, para fazer substituir o gabinete por um outro presidido por aquelle prócer. E' uma face singular de nossos costumes políticos no imperio, um estranho aspecto do podêr pessoal.

Faltando a confiança da corôa demittem-se os ministros; o imperante quer realizar uma idéa e seus ministros

se oppõem; o imperante precisa despedi-los para chamar n'óvos que estejam por seu programma; teme, entretanto, ferir a "constituição não escripta" — o espirito do regime, — procura declinar por isso da responsabilidade; ao mesmo tempo prepara as substituições, convida os substitutos; e por indiscreções, questões, contrariedades ao ministerio, diligencia crear incompatibilidades que determinem a saída dos que lhe resistem.

Era assim que agia então Pedro II.

Existia na verdade o entendimento suspeitado entre o imperador e São Vicente.

Foi facil a Cotegeipe isso adivinhar, mas o que elle não podia prever, e veio a saber depois, certamente com funda magua e surpresa, é que o proprio Itaborahí tomava parte no trama e era, mais que conhecedor d'elle, seu comparte.

Foi após a saída do ministerio que Wanderley veio a ter noticia de tudo pela bocca do proprio São Vicente.

Tendo ido visitar ao n'ovo presidente do conselho, de volta tomou a seguinte nota s'obre a conversação que com elle entretivera:

"Conversação com o Visconde de São Vicente.
— 4 de Outubro de 1870.

"Dirigindo-me á casa de S. Ex. para' fazer-lhe uma visita de cumprimento pela sua entrada para o Ministerio — tive com S. Ex. uma conversação s'obre as circumstancias que haviam provocado a retirada do Gabinete, de que eu fazia parte. O Sr. Visconde de São Vicente expôz largamente as razões que tivera para tomar a si tão pesado encargo. A principal e que naturalmente causou-me profunda impressão foi — que desde o mez de Maio S. Ex. tivera uma intelligencia com o Presidente do Conselho, o Sr. Visconde de Itaborahy — para o caso provavel da retirada do gabinete de 16 de Julho, intelligencia de que S. M. fôra sabedor por prevenção do Sr. Itaborahy; e em consequencia disto elle, Visconde de São Vicente, fôra ao Paço e dera alguns passos para o caso figurado — entendendo-se com os Senadores Salles e Barão das Tres Barras, e sondando alguns Deputados, entre os quaes mencionou os Srs. Moreira (de Minas) e Silva Nunes; mas que tendo isto transpirado, elle Visconde se retrahira, de sorte que foi surprehendido quando no

dia de segunda-feira (26) fôra chamado ao Paço por intermedio do mesmo Sr. Visconde de Itaboraahy para encarregar-se da organização do nôvo gabinete. Accrescentou o Sr. Visconde de São Vicente que elle tinha o direito de esperar que nós continuassemos por mais algum tempo ao menos, ou modificando um pouco nossa política proseguissemos, certos de que nos ajudaria em tudo. Fez algumas reflexões a respeito do erro de direcção em relação ao elemento servil, pouco tino do Chefe de Gabinete para as questões políticas, etc.

"Mostrando-me surpreso, pelo que me acabava de dizer o Sr. Visconde de São Vicente, declarei-lhe que eu ignorava tudo quanto S. Ex. me referia de sua intelligencia com o ex-Presidente do Conselho, e por isso sempre reputei o facto de S. Ex. prevenir-se para o Ministerio como uma hostilidade e como um procedimento anormal, e que não podendo S. Ex., discreto como era, dar os passos que deu sem intelligencia com o Imperador, tive por certo que este não seguia a marcha que sua posição lhe indicava, e que o Ministerio estava destinado a ser sacrificado, mais dias menos dias; e nesse caso eu fui de opinião que não deveramos continuar, para não sermos carregadores de pastas.

"O Sr. São Vicente, louvando o meu procedimento, disse-me reiteradamente e mostrando-se resentido, que elle era incapaz de um procedimento desleal, repetiu com maiores detalhes o que me havia dito; abriu um almanak ou antes uma folhinha de algibeira, e mostrou-me uma "marca" no dia 24 de maio, dia em que tivera a intelligencia com o ex-Presidente do Conselho. Exquecia-me mencionar que o Sr. Itaboraahy declarara ao Sr. São Vicente que só a "um de seus collegas" havia communicado o que "occorria". Respondi ao Sr. São Vicente que lhe pagando confidencia por confidencia, ia dizer-lhe o que se passara; que tudo isto, embora me fizesse reformar o juizo que eu fizera de S. Ex., não me parecia regular em nosso systema, mas pondo de parte essa irregularidade, era para mim inexplicavel o procedimento do ex-Presidente do Conselho.

"Referi então o que se passara por occasião da

chegada do Sr. Paranhos; e da resolução do Ministerio de pedir sua demissão no dia 23. (Vide essas conferencias.)

"Sendo interrompidos — ficamos de continuar com a conversação.

"Tornando á casa do Sr. São Vicente encontrei alli o Visconde de Santo Amaro, B. de Gurupy e familia, mal podemos fallar; porém confirmou-me o que dissera anteriormente, e accrescentou que tendo estado com o Sr. Itaborahy depois de nossa conversa, lhe dirigira uma indirecta, que ou não foi comprehendida, ou de proposito não respondida".

Esse unico ministro a quem Itaborahi communicou o seu segredo foi Paranhos, como se verá de um topico de outro documento que vamos trasladar.

A respeito dessa convenção secreta entre Itaborahi, São Vicente e o imperador, refere o sr. Tobias Monteiro no seu livro "Pesquisas e Depoimentos para a História":

"Parece que realmente o imperador não abandonava a idéa (8) e apenas espreitava oportunidade de faze-la avançar. E' o que se deduz de um testemunho que colhemos em conversa com o sr. João Alfredo. S. ex. foi ministro com São Vicente e delle ouviu uma confidencia que hoje póde referir. Exactamente nesse anno de 1870, pediu o imperador a Itaborahi que incluisse na falla do throno nova referencia ao elemento servil. Itaborahi recusou peremptoriamente, mas declarou ao monarcha, que se houvesse um chefe conservador que quizesse assumir essa responsabilidade, não seria elle obstaculo e lhe passaria o poder. Continuando a conversa, lembrou Itaborahi que São Vicente tinha projectos ácerca do assumpto e era estadista capaz de tamanha empreza.

"Ficou então combinado que os tres se reuniam a sós. Nessa reunião confessou São Vicente que não se julgava apto, por não ser um dos chefes activos do partido. Não tinha relações na Camara,

(8) A lei do ventre livre.

ignorava as suas correntes, não conhecia os homens novos; propunha, pois, se adiasse a solução que lhe pediam e que Itaborahi meditasse ainda, até ver-se como ia proceder a Camara, prestes a reunir-se. (9)

Não confere no todo o que disse São Vicente a Cotegipe e o que informa Tobias Monteiro ter ouvido de João Alfredo. Em primeiro lugar é de notar que São Vicente disse a Cotegipe: "intelligencia de que S. M. fôra sabedor por prevenção do Sr. Itaborahi". Não se refere São Vicente, absolutamente, áquella conferência dos tres — imperador, Itaborahi e elle São Vicente — a sós; ha pois alli engano. São Vicente, depois, teve conversas com o imperador, mas não exqueceria, nunca, de narrar essa magna conferência a Cotegipe. E a verdade se faz certa ante aquella affirmativa de ter o imperador sabido do entendimento por intermedio de Itaborahi. Não houve pois tal conferência. Devemos de acreditar mais no testemunho do proprio São Vicente, logo fixado em escripta, na vigencia dos factos, por Cotegipe, do que nessa narrativa feita, longos annos depois, por João Alfredo em conversa com Tobias Monteiro. Houve ahi pequeno lapso na boa memoria do illustre estadista pernambucano. (10)

Outro engano dêsse tópico do livro de Tobias Monteiro, ou antes do testemunho de João Alfredo, está em dizer que as excusas de São Vicente e opiniões de adiamento da questão haviam sido feitas na occasião do entendimento com Itaborahi. Não; São Vicente acceitou pressuroso o encargo e adeantou-se, conforme disse a Cotegipe, e se soube na occasião, "entendendo-se com os senadores Salles e barão das Tres Barras e sondando alguns deputados entre os quaes os Srs. Moreira (de Minas) e Silva Nunes".

Aquellas objecções ou negaças fôram feitas quando, chamado a organizar gabinete, pediu a continuação por algum tempo do ministerio 16 de Julho, chegando a ser o sr. Itaborahi chamado pelo imperador, que lhe fallou sôbre

(9) Não é exacto. As camaras desde Maio estavam abertas. O visconde de São Vicente só depois é que pensou e agiu no sentido de organizar gabinete.

(10) João Alfredo teve occasião de, á vista destes documentos, confessar o pequeno erro de sua felicissima memoria a distincto historiador, a quem pediramos fôsse ouvi-lo.

isso, recusando-se entretanto o chefe conservador a continuar.

Feitas estas rectificações ao sr. Tobias Monteiro não escapa da pécha de menos exacta a narrativa do sr. Pereira da Silva, naquelles pontos em que informa:

“Não acreditava todavia Itaborahi, até então, nos boatos espalhados em confidencias particulares de que Pimenta Bueno andava á cata de companheiros para organizar nôvo gabinete”.

.. .. .

“Convenceu-se assim Rodrigues Torres de que tinham razão os boatos que corriam no tocante a intelligencias e accôrdos particulares do imperador com Pimenta Bueno”.

Primeiro conflicto com a corôa — Escolha senatorial — O imperador cede afinal

Foi nesse terreno de desconfiança mutua que se desenvolveram os factos determinantes da quêda do ministerio.

O primeiro attrito forte entre o imperador e o gabinete occorreu no fim daquelle mesmo mez de Maio a respeito da escolha de senadores por Minas. Um outro manuscripto de Cotegeipe dá-nos conta dêsse episodio:

“Conferencia dos ministros no dia 20 de Maio, ás 7 horas da noite — 1870 — Crise ministerial.

“Na quarta-feira, 18 de Maio em despacho foi apresentada a S. M. a lista sextupla da eleição de senadores pela provincia de Minas. S. M. guardou-a. No dia seguinte, ao entrar na Camara dos Deputados (cerca de 1 hora da tarde), chamou-me de parte o Sr. Ministro do Imperio, e mostrou-me uma carta escripta por S. M., na qual lhe communicava que havia resolvido escolher senadores os Srs. Joaquim Delfino e Ferreira Bretas. Chegando ao mesmo tempo o Sr. Ministro da Guerra, e da Agricultura, assentámos guardar secreta a escolha, até que o Ministerio se reunisse em conferencia. Esta só poudo ter logar na noite de 20, em casa do Presidente do Conselho.

“Todos os Ministros fôram concordes em que uma tal escolha não podia deixar de enfraquecer o

Ministerio, parecendo até feita ou calculada para esse resultado. A questão da falla do Throno (elemento servil) havia patenteado uma divergencia profunda entre S. M. e o Gabinete, e posto que S. M. cedesse á opinião deste, comtudo as cousas corriam de modo que estavamos persuadidos de que a nossa retirada era questão de occasião.

“A nenhuma reserva da parte de S. M. animava não só a opposição, como introduzia a sizania no partido conservador, em uns porque pensavam que era tempo de resolver a questão, em outros porque temiam que houvesse por isso um cambio de política, em outros finalmente por ambição (sem dúvida louvavel) do poder.

“Nestas circumstancias a escolha dos dous senadores, embora não nos fôsse repugnante pessoalmente, trazendo perda de fôrça moral ao Gabinete — o collocaria em peor posição, sendo até contrária á sua dignidade.

“A exclusão successiva de dous ex-Ministros do mesmo Gabinete não podia deixar de affectar o crédito delles e o nosso. A primeira exclusão ainda tinha uma explicação nas circumstancias que precederam á eleição, quaes a annullação della e pela qual votaram os Ministros, e as proprias observações de S. M. ao Ministro candidato, mas a segunda exclusão — não tendo os mesmos motivos — tirava qualquer justificação á primeira, e dava a conhecer que havia intenção ou de reprovar o procedimento dos dous ex-Ministros, ou de todo o Ministerio, que compartilhava a responsabilidade delles enquanto Ministros. Nenhuma das hypotheses podiamos acceitar sem sacrificio da propria dignidade, e sem rebaixar o cargo de Ministros — admittindo como titulo de exclusão o tel-o occupado, tanto mais quanto os preteridos em nada eram inferiores aos preferidos, antes tinham mais serviços.

“Em consequencia assentou-se que o Sr. Ministro do Imperio lavrasse de seu punho as cartas imperiaes e as levasse a S. M. — declarando-lhe muito respeitôsamente que, referendadas ellas, o Ministerio julgava de seu dever demittir-se.

“O Sr. Ministro do Imperio, que já tinha as

cartas lavradas de seu punho, seguiu para São Christovão ás 7 da noite.

"Regressando á casa do Sr. Presidente do Conselho ás 10 horas da noite, deu-nos parte da longa conferencia que tivera com S. M. depois da qual S. M. disse precisava de reflectir e responderia depois. Não julgo dever referir os pormenores da dita conferencia, apenas parecendo-me conveniente mencionar que discutindo-se a attribuição exclusiva da Corôa na escolha dos Senadores, o Sr. Ministro do Imperio sem contestal-a observou que a attribuição era plena, e tanto que o Ministerio estava prompto a expedir as cartas; mas que não se lhe podia negar (ao Ministerio) o direito de apreciar as consequencias dêsse acto em relação á sua marcha, e portanto retirar-se si um tal acto lhe fôsse prejudicial: no que S. M. concordou.

"Do todo desta conferencia resultou-me a convicção de que S. M. não repelle a idéa da retirada do Gabinete, antes parece assentada em seu espirito, faltando-lhe apenas o "modo pratico" de realiza-la. A "razão capital" é a meu ver a do "elemento servil"; desde então que a confiança mutua soffreu; em S. M. por ver que não adoptavamos suas idéas, em nós pela certeza de que S. M. nos crearia "embaraços".

"Como objecto de "estudos futuros" da história política do Brasil, não serão perdidas estas "notas".

"N. B. — Alludindo a outras escolhas que têm tido lugar durante a administração actual, disse o Sr. Ministro do Imperio a S. M. que não estavam todas de accôrdo com o pensamento do Ministerio; mas que, como ellas não tinham tido influencia sobre a sua fôrça moral, entenderamos não fazer reflexões, caso que não se dava com a de Minas.

"Parece-me que para evitar destas discordancias, que se tornam de mais difficil solução depois de enunciado o pensamento da Corôa — seria conveniente que neste, como succede em outros actos de Poder Moderador, fôsse ouvido o Gabinete. Porque nas amnistias, perdões, adiamentos assim se pratica e não ha de succeder o mesmo com a escolha de senadores?

“Não vejo razão para a pratica contraria.

“S. M. escreveu uma carta ao Sr. Presidente do Conselho, declarando que cedia — quanto á escolha do senador; mas que esperava que o ministerio fizesse as reformas — como elle “indicava”.

“O Sr. Presidente do Conselho depois de ouvir-nos respondeu pessoalmente que o Ministerio não recebia a decisão conditionalmente: e que trataria de cumprir o que promettera na falla do Throno; mas não podia tomar compromisso de fazel-as passar, e repetiu o pedido de demissão.

“Passados dous dias S. M. explicando seu pensamento de que não impunha condições e sim lembrava a conveniencia das reformas, mandou passar as cartas de senadores”.

Foi a 23 de Maio que Itaborahi levou ao imperador a resolução de não acceitar condições, ratificando o pedido de demissão do gabinete.

Depois de conferenciar com sua magestade o presidente do conselho escreveu este bilhete a Cotegipe:

“Exmo. Sr. Barão.

“Nada se decidiu ainda: parece-me porém que não poderemos obter para nós a carta de liberdade que se quer dar aos escravos.

“Sou, como devo.

De v. ex.

aff. coll. e amigo obrigado.

Visconde de Itaborahy.

S. C. 23 de Maio”.

De maneira differente da que procedera com Zacharias na occasião da escolha “desacertada” de Salles Torres Homem, agora o imperador cedia á resistencia de seus ministros. E’ exquisita essa attitudo e, até certo poncto, contradictoria. Quer a emancipação e porque seus ministros lhe resistem retira-lhes a confiança e age de modo a despedi-los; entretanto, quando apparece uma razão com a qual delles se poderia libertar “constitucionalmente”, afinal capitula ! Por que ? Por que cede assim, já tendo cedido na ques-

tão da falla do throno? E por que provocar agora a crise para resolve-la em favor do gabinete?

A unica explicação que aqui occorre é esta: — consultou São Vicente e este não se achou aparelhado para subir ao podêr, tal como se encontrou desprevenido quando afinal organizou gabinete. Foi o imperador por isso obrigado a adiar a retirada e ceder. Basta aqui recordar que a “marca” do calendario de São Vicente, assignalando o dia em que teve a sua intelligencia com Itaborahi (intelligencia que foi levada ao conhecimento do imperador pelo proprio Itaborahi) trazia a data de 24 de Maio. Ora, a reunião do ministerio foi a 20 de Maio; diz o protocolo de Cotegipe que o imperador escreveu a Itaborahi, dizendo que cedia; depois dessa carta, a 23 de Maio, foi Itaborahi conferenciar com sua magestade e dous dias depois é que tudo se resolveu com a submissão do imperador ás exigencias do gabinete. (11).

Ainda assim novamente victoriosos sôbre os designios da corôa não diminuíra nos ministros a convicção de que se impunha a retirada. A difficuldade estava no motivo constitucional, allegavel á nação e ao parlamento. Em certa occasião reuniu-se o ministerio para sôbre isso deliberar. Cotegipe levou o seu parecer por escripto e fôram seus termos os seguintes:

Parecer de Cotegipe

“Receiando não expôr claramente a minha opinião, si o fizer verbalmente, peço licença para deixal-a por escripto.

(11) Pôde-se deduzir assim a sequencia dos factos, com uma tamanha plausibilidade que não é ousadia garantir a sua certeza:

18 de Maio — O ministerio começa a deliberar a respeito da escolha senatorial.

20 de Maio — O ministerio se reúne e resolve pedir sua demissão. O sr. ministro da Justiça conferência com s. m. de 7 ás 10 horas da noite. O imperador declara necessitar de reflexão e adia sua decisão.

22 de Maio — O imperador escreve a Itaborahi dizendo ceder, mas “esperando que o ministerio fizesse as reformas como elle indicava”.

23 de Maio — O ministerio reúne-se e resolve insistir no pedido de demissão por não acceitar a condicional imposta por sua magestade.

24 de Maio — Itaborahi procura São Vicente e ás occultas de

“Para mim não soffre dúvida de que uma mudança de Ministerio está nas vistas de S. M., e por conseguinte que não podemos contar com seu franco apoio. Entretanto nenhum facto directo tem occorrido, que sirva de explica  o    nossa retirada perante o paiz.   s explica  es que tivessemos de dar, quando interpellados, seriam de alguma f  rma offensivas ou prejudiciaes    Corôa, isto é, seria mist  r que expuzessemos — o que occorreu na abertura das Camaras a respeito do elemento servil, a interven  o da Corôa em sentido contrario   s idéas do Ministerio, promovendo particularmente a apresenta  o de diferentes projectos neste sentido, suas conferencias com membros do partido, etc. — de sorte que o Ministerio sem ter soffrido a menor qu  bra de confiança, do grosso do partido — sente-se enfraquecido.

“Dizer simplesmente que não temos a confiança da Corôa sem provas — fica-nos mal; dar outro motivo não nos parece proprio do nosso caracter, e muito menos provocar entre nós uma scis  o para pretextar a dissolu  o do Gabinete.

“Por outro lado si o Gabinete tem a confiança das Camaras, e si com ellas p  de realizar as re-f  rmas que tem em vista,    um dever arrostar a má vontade da Corôa — até que ella se pronuncie positivamente em questão séria.

“A Corôa quer lançar de si a responsabilidade de qualquer mudança; nós a devemos acceitar, mas por um facto, não por suspeitas, ou por illa  es.

ministerio tem com aquelle estadista a sua “intelligencia”. Talvez nesse mesmo dia ou no seguinte Itaborahi participa ao imperador o seu conchavo com São Vicente.

25 de Maio — São Vicente tem conferência com o imperador. E’ provavel que então São Vicente enunciasse as excusas e renúncias a que allude o sr. Tobias Monteiro “apud” João Alfredo. São Vicente não se acha aparelhado para organizar gabinete assim de surpresa e pede um adiamento da crise enquanto passa a fazer “demarches” junto a senadores e deputados. O imperador com o   nimo deliberado de chamar ao poder São Vicente resolve ceder ao ministerio para que este se conserve no pod  r enquanto aquelle se aparelhasse.

26 de Maio — O imperador escreve a Itaborahi explicando que não impunha a condicional e manda passar as cartas como as que-l  a o gabinete.

“Este facto não nos faltará — encerradas as Camaras, e é do nosso brio provoca-lo.

“Temos as nomeações de Presidentes e alguns Conselheiros de Estado, posto que eu acredite queahi não acharemos grandes difficuldades a vencer.

“A projectada viagem do Imperador, parece o ponto principal. S. M. nada tem communicado ao Ministerio a respeito dessa viagem, que é negocio importante — sôbre o qual não pôde o Ministerio deixar de ser ouvido — para que dê a sua opinião sôbre a conveniencia della, e, si concordar, tomar as providencias que o caso pede.

“Entendo, pois, que se deve ter uma abertura franca com S. M., declarando-se-lhe que o Ministerio toma o seu silencio como falta de confiança. e com uma prova de que S. M. não reputa o Gabinete na posição de continuar durante a sua ausencia e então é preferivel que o Ministerio se retire para dar tempo a outro de preparar-se para as Camaras. Si S. M. disser que a viagem depende ainda de circumstancias, e que por isso não o communicou ao Ministerio, resta-nos ainda saber em segundo logar qual será a intenção a respeito das medidas a tomar, caso este projecto passe á realidade. Neste caso convém declarar-lhe: 1º, que o Ministerio reserva-se o direito de oppor-se a essa viagem; 2º, que se concordar cumpre resolver de antemão a questão da Regencia e suas attribuições. A’ vista do que resolver-se o Ministerio pensará si pôde ou não continuar.

“Ha outras causas que podem influir na retirada; é a reorganização do Ministerio pelo estado do Ministro da Justiça; mas isto é questão interna, e si ella fôr causa de dissolução, teremos justificação de nosso procedimento”.

Questões internas

A saída do gabinete já deliberada, porque era difficil a sua permanencia no govêrno, teve como causa final a impossibilidade de reorganização com a retirada do sr. conselheiro Nebias, cujo estado de saude o obrigava a deixar a pasta.

Mas além daquelles motivos maximos: elemento servil e falta de confiança da corôa — acontecia que o ministerio se via perturbado na necessaria unidade de vistas por questões internas que lhe solapavam o prestigio e compromettiam a vida collectiva. (12)

Tudo isto está com minucia narrado por estas outras notas de Cotegeipe:

Circunstancias que precederam a retirada do ministerio de 16 de Julho, depois da chegada do sr. Paranhos

“O Sr. Presidente do Conselho por mais de uma vez expoz-nos, que suppunha havermos perdido a confiança da Corôa, sendo a principal causa a nossa opinião a respeito do elemento servil, e por mais de uma vez citou como prova o “trabalho” para a substituição do Ministerio, e o silencio de S. M. em relação a sua projectada viagem á Europa, da qual todos sabiam, menos o Ministerio.

“Eu e alguns collegas, especialmente o Sr. Paulino, dissemos, que a nossa retirada devia nascer de uma questão qualquer entre nós e a Corôa, ou entre nós e as Camaras, mas não pretextada por difficuldades e divergencias: — que tambem eu estava persuadido de que S. M. não estava satisfeito connosco, mas que fugiria sempre de tomar a si a responsabilidade da quêda do Ministerio, e por isso convinha, que nesse terreno fôsse collocada a questão. Antes porém de provocar-se qualquer solução era mistér assentarmos si podiamos continuar, quaes as nossas vistas, especialmente a respeito do elemento servil, questão que ia subindo de gravidade todos os dias.

“Assentou-se que procuraríamos em Maio dar uma solução a essa questão: o Sr. Muritiba — fa-

(12) Os dissídios intimos que estalavam no gabinete ameaçavam a sua existencia desde cêdo. Com a data de 14 de Novembro de 1869. Paranhos escrevia, do Rio da Prata, a Cotegeipe:

“A sua expressão — arrumar a casa para outros hospedes — dá-me que pensar; e a eventualidade de um cambio politico lá para Maio assusta-me, não por nós, mas pela situação e pelo Brasil.

“O nosso amigo sr: Itaborahy, pelo pouco amor que mostra á pasta ou, antes, pela aversão que lhe tem, anima muito os adversa-

zendo algumas reservas — não se oppoz — a que assim procedessemos.

“O Sr. Presidente do Conselho entendeu-se com S. M. e do resultado da conferencia deu-nos conta. Referiu que dissera a S. M. que o Ministerio continuaria, si não suppuzesse que havia perdido a confiança de S. M. e assim acreditava: 1º, pelo silencio de S. M. a respeito de sua viagem; 2º, de se andar organizando Gabinete sem sabermos de nada. Nada respondendo sobre estes dois pontos, limitara-se a declarar que não tinha falta de confiança no Gabinete, e que tambem sobre — elemento servil “já não fallava nisto”. O Sr. Presidente do Conselho mostrava-se resentido pelo silencio de S. M., e insistia na sua idéa para dissolver o Gabinete.

“Ainda lhe observámos que, ao menos na fórmula, S. M. estava a coberto e nós podíamos allegar uma razão constitucional de nossa retirada e o facto do silencio sobre pontos capitaes era motivo para pôr-se a questão de confiança.

“S. Ex. voltou mais uma vez ao Paço, e então S. M. deu-lhe explicações, que não deixavam ao Gabinete o direito de allegar falta de confiança.

“Então assentamos de fazer nas Camaras as declarações que fizeram os Ministros a respeito da questão do elemento, e provocar um voto da camara dos deputados, que fortificasse o gabinete, e assim se fez.

“Como dias depois o Ministerio julgou não poder recompor-se, e dissolveu-se por mutuo accôrdo?

rios e alimenta os continuados boatos de crise ministerial que têm vindo á imprensa do Rio da Prata e ao Exercito. Isto é um verdadeiro mal que o sr. Visconde deve evitar”.

Outro testemunho que fixa em data ainda mais longinqua as possibilidades de dissolução do gabinete é o seguinte topico de uma carta escripta por Caxias a Ozorio, a 19 de Março de 1869: “pretendo daqui ir para uma fazenda passar o resto do verão, de onde talvez não volte sinão para Junho ou Julho, afim de não ter de me envolver na maldita politica, que, como sabe, aborreço, e assim tambem me livro de algum aperto para o ministerio, pois os ministros actuaes já estão com vontade de alliviar a carga, e um pobre velho, que acaba de uma campanha (do Paraguai) por certo não é o mais competente para supportar grandes pesos”... (*Apud* “Historia do General Osorio”, vol. 2º, pag. 554).

Eis o que procurarei explicar com os elementos que colhi antes e depois da nossa demissão.

“1º — Negocios de Santa Catharina.

“2º — Ds. do Rio Grande do Sul;

“3º — Diversos despachos;

“4º — Tentativa de reorganização sem m.^a audiência;

“5º — O que se passou ao chegar o Sr. Paranhos em relação ao 4º ponto.

“Negocios de Santa Catharina”

“Desde a organização do Ministerio, que a politica do Gabinete viu-se subordinada ou peada pela influencia que nos negocios da provincia queria ter o filho do Ministro da Guerra; esse moço de accôrdo com o seu cunhado (Silva Nunes) pretendeu fazer Deputado a um Dr. Valle — Juiz de Direito de São Matheus, e amigo de Silva Nunes; não o pôde conseguir, ficando por isso despeitado com o Vice-Presidente, Carlos de Cerqueira, e com os que se oppuzeram a essa pretensão. Tendo de nomear-se Presidente para a dita Provincia no fim da 1.^a sessão legislativa — foi em Conselho proposto e approvedo o Deputado Affonso de Carvalho: mas com grande admiração — foi essa nomeação impugnada pelo Ministro da Guerra, porque não tinha conhecimento della, e havia dito a alguns Deputados que tal nomeação não era exacta. A impugnação foi a ponto de declarar que por essa causa se retiraria do Ministerio. A causa (soube-o eu depois) foi a impugnação do filho, a quem não convinha Presidente em quem não influisse ou dominasse. Foi por isso passado para o Paraná o Deputado Affonso de Carvalho.

“Foi nomeado Chefe de Policia effectivo o Dr. Tosta, apezar de minha opposição: assumindo o cargo sempre dirigiu as coisas no sentido de seu despeito ou plano combinado para dominação da provincia, que teve em pouco tempo diversos presidentes.

“Vagando o lugar de 2º Vice-Presidente foi nomeado o Dr. Galvão, moço habil e de esperanças,

Deputado pela mesma Província; exerceu por dois mezes a Presidencia com muita moderação e habilidade. Dando-se a vaga de primeiro Vice-Presidente, empenhou-se o Ministro da Guerra com o do Imperio para ser nomeado seu filho: o Ministro do Imperio fallou-nos em particular; oppuz-me com maioria de razão, porém fez-se a nomeação.

"A influencia do Sr. Tosta foi tão patente que nomeado um Presidente (Oliveira Lisboa) recusou por não querer conflictos provaveis. Assumiu a Presidencia e exerceu-a de accôrdo com suas idéas de combater uns e proteger outros conservadores (assim chamava-os); apenas foi Ministro de Justiça o Ministro da Guerra, que as nomeações da magistratura fizeram-se no sentido dos mesmos interesses; enfim dominou completamente e fez-se uma rêde contra os Deputados que apoiavam o Governo. Sempre contrariei semelhante politica, falei em Conselho, entendi-me com o Ministro do Imperio; mas nada colhi; sinão a desconfiança do Ministro da Guerra e dos seus, o que estes não occultavam — como se sabe. Supportei primeiro, porque procurava occasião de fazer despachar para o Rio o Dr. Tosta; segundo, para não provocar por mim uma dissolução, cuja explicação não ficaria bem ao meu collega; mas estes negocios complicaram-se com os do

Rio Grande do Sul

"Nesta provincia a politica do Ministerio, se não foi falta de lealdade — teve todos os visos.

"Fraccionamento do partido "conservador". Ordem do "Governo para que o Presidente não protegesse uns contra os outros.

"Afim o Presidente decidiu-se por um dos grupos a quem protegia — o Dr. Silva Nunes; nomeações de G. N., etc., foram feitas nesse sentido.

"Queixas dos Deputados que apoiavam o Governo; promessas deste. O Presidente pede demissão em Maio de 70; é-lhe negada, e o Ministro do Imperio exige que elle "vá a Setembro". Antes dessa epoca e "sabendo" que se retirava em Setembro marcou a eleição provincial e a de um Deputado geral. Pronunciou-se completamente.

"Intelligencia minha com o Ministro do Imperio; este escreve que addie a eleição; o Presidente representa ganhando tempo; é-lhe repetida a recommendação, recusa-se e pede demissão; é-lhe dada, mas ao mesmo tempo ao 1º Vice-Presidente; é nomeado "outro" com ordem de sobreestar na eleição, o que não praticou por ser homem do lado do Prêsideinte e porque na carta do Ministro "ia a condição de poder a ordem de suspensão chegar a toda a provincia, o que era impossivel". Fez-se a eleição, ficando o Governo visivelmente mystificado, ou antes "eu", que era quem me importava com esse negocio.

"Convite do conselheiro Pinto Lima para o Rio Grande do Sul pelo Sr. Silva Nunes; minhas explicações com o Ministro do Imperio sobre este ponto, o que elle respondeu-me.

"Nomeações de magistrados no interesse do mesmo lado; completa protecção ao grupo Silva Nunes. A minha opposição chegou-lhes aos ouvidos, nôvo motivo de "desconfiança" e queixas. Proposta do Deputado Affonso para o Rio Grande. Estes negocios estavam em seu auge, quando se dissolveu o Gabinete.

"Como e por quem soube Silva Nunes que se havia fallado ao Pinto Lima? O Ministro do Imperio contestou que nada dissera; mas não ha "adivinhos"?

"Para a Provincia do Espirito Santo tambem nada se fazia sem consenso do mesmo Sr. Deputado. Eram tres Provincias sujeitas á politica de "um individuo".

"Diversos despachos"

"Desde que se assentou em que o Ministro Interino da Justiça fizesse os despachos, que o mesmo Deputado Silva Nunes, servindo de Official de Gabinete do Ministro, dirigia os despachos da pasta. Os Ministros na Camara dos Deputados já não eram procurados, e alguns até se prevaleciam desse canal para conseguir deferimento de certos negocios.

“A maior parte dos despachos não ia á conferencia, e só sabíamos delles em Conselho! A maior parte explica-se por esse interesse de fazer ródá. Os Ministros estavam amesquinhadós. Parecia uma “despedida” de arranjos (13)

“Comecei a ser atacado nas palestras pela roda que lucrava com este estado de cousas.

“Previam todos que o Ministerio não continuaria como estava, em consequencia da molestia do Ministro da Justiça; eis o que se dava antes da deliberação para

“Tentativa de reorganização do Ministerio”

“Quando se tratou da reorganização do Gabinete pela sahida do Sr. Conselheiro Alencar, houve quem lembrasse a conveniencia de que eu occupasse a Pasta da Justiça; declinei, porque não podia deixar a d'Estrangeiros — estando em andamento os negocios do Rio da Prata. Fui de opinião que passasse para ella o Sr. Paulino; mas o Sr. Nebias não entraria sinão para essa Pasta, conforme declarou. Depois da chegada do Sr. Paranhos, não se dava o mesmo inconveniente, e então começaram a apparecer opiniões (sôbre o que guardei a maior reserva) de que eu deveria passar para ella e ser admittido na da Marinha o Deputado Alfredo.

“A “Reforma” começou a fallar neste assumpto, para prevenir e desviar — quem levava as noticias era o dr. Sousa Carvalho — amigo intimo e até socio em advocacia de Silva Nunes e outros. Duque Estrada, mais indiscreto, começou a combater a idéa em suas conversações. No Gabinete — completo si-

(13) Essas deconfianças e deslealdades entre membros de um mesmo ministerio fôram certa feita allegadas no parlamento como causa da demissão de um gabinete. Apresentando o seu gabinete de 20 de Janeiro de 1843, disse o visconde de Uruguai, dando as razões da quêda do gabinete anterior, do qual fazia parte: — “existiam entre alguns membros do dito gabinete desconfianças reciprocas relativas a pontos de lealdade de uns para com outros. Dahi nascia uma desintelligencia sensível e funesta...”

Divergencias e dissensões internas dos gabinetes mais de uma vez fôram allegadas no parlamento como motivo de recomposições ou dissoluções ministeriaes.

lencio! Sempre mostrei o maior desinteresse no Gabinete, mas, neste caso, a força do Ministerio ganharia com a minha entrada para a Pasta; e minha dignidade pedia que eu não recebesse a exclusão decretada pelo sub-ministerio. Comtudo, nunca disse palavra, aguardando a occasião de pronunciar-me.

"Communicou-me o Sr. Paranhos que fôra apellado para dar sua opinião a respeito da entrada do Deputado Moreira (de Minas) para a Pasta da Justiça — pelo Sr. Paulino, e que fallando em mim não tivera "resposta"; communicou-me tambem que soubera da combinação São Vicente com o Sr. Itaborahy por comunicação deste. Tudo isto me indicava que já não tinha alli a confiança anterior (ignoro o motivo), e assentei de aproveitar a primeira occasião de retirar-me.

"Foi por isso que na Conferencia de 23 (14) dei logo minha opinião para dissolver-se o Ministerio, e esta foi unanimemente acceita: pelo Sr. Diogo — que se via peado em seus projectos de melhoramento e conhecia que S. M. desejava mudança —

"Sr. Muritiba — que deixava a Pasta da Justiça a seu genro, e tambem se considerava não bem acceito pelos militares;

"Sr. Paranhos — que conhecia a pouca confiança mutua e desejava voltar ao Rio da Prata;

"Sr. Itaborahy — pelos motivos expostos;

"Sr. Paulino — que devia estar de accôrdo com este e nas suas confidencias;

"Todos emfim, porque nada esperavam da Corôa.

Os motivos internos, isto é — divergencia — não fôram allegados, sinão por alto, declarando eu — questões importantes nos esperariam amanhã, sinão que hoje".

Estes dissidios intimos no partido conservador tomavam em certos animos immensa gravidade. Ferreira Vianna sentia-se apavorado com essa "politica mesquinha de melhoramentos pessoas de envolta com ciumes e vinganças incompreensíveis".

Numa carta notavel elle denuncia um ajuste clandestino, installado no gabinete. Confirma a existencia do "sub-ministerio" Muritiba-Silva Nunes, a que se refere Cotegipe:

"E' minha opinião, fundada em factos muito eloquentes, que se preparam grandes desgostos para V. Ex. e todos os seus amigos. A politica de afilhagem em vez de reconhecer sua importancia, tenta os derradeiros esforços para levar de vencida a opposição que ainda apparece. V. Ex. será a ultima victima votada ao sacrificio desde o convenio do Senado".

Ainda outro trecho mostra bem claramente a situação de Cotegipe no ministerio: alvo de desconfiança, contrariado sempre em seu labor pela unidade do partido e pela abolição da politica de preferencias pessoaes e aquelle a quem talvez Muritiba, com o assentimento de Paulino e Itaborahi, pretendia alijar.

A situação era de modo a obrigar Cotegipe a uma solução energica:

"Estude bem a situação e resolva com energia e rectidão. Muito desejo ver desmentidas as minhas previsões, porém o que desde já posso asseverar a V. Ex. é que todos os corações pendem para o seu lado; uns confiam como sempre, outros começam a inquietar-se e outros já murmuram.

Seu admirador e companheiro na adversidade, eu lhe digo, é preferivel voltar á luta a acompanhar destinos votados a merecida desgraça". (15).

(15) E' esta, na sua integra, a eloquente carta de Ferreira Vianna:

"Exmo. Sr. Barão:

Remettendo-lhe a inclusa carta, consinta V. Ex. que lhe exponha em franca linguagem as preoccupações e temores que agitam o meu espirito sinão a minha consciencia de amigo dedicado e patriota sincero. Não ousa dar conselhos a quem delles não carece e antes tem o direito de dal-os com proveito para aquelle que os receber, mas não devo occultar o meu aviso. Entrei na politica contra a vontade e só arrastado pelo entusiasmo de servir a uma causa nobre e elevada porque se afigurava ser a do paiz opprimido por todos os lados. Os factos me desilludiram; á mais generosa esperanza succedeu a mais triste decepção. Em vez da grande politica que comprehenderia todos os votos e sacrificios do partido conser-

E' clara a insinuação a que deixe o ministerio, resolução, aliás, como já vimos, firmada no espirito daquelle estadista:

"Tudo isto me indicava que eu já não tinha alli a confiança anterior (ignoro o motivo), e assentei

vador, promove-se com caprichosa actividade a política mesquinha de melhoramentos pessoas de envolta com ciúmes e vinganças incompreensíveis. Esta politica, si tal nome merece um ajuste clandestino, installado no gabinete, desenvolveu-se em todo o paiz. Entre nós, afugentada a confiança, appareceu a divisão, que já não é uma ameaça e sim uma cruel realidade. Grande parte do partido sinão a mais importante, pelo menos a mais dedicada, não tem sido só despresada como até opprimida. Ha conservadores proscriptos e elles se agitam em todas as provincias do Imperio. A divisão do partido conservador deve ser muito fatal á manutenção das instituições.

"V. Ex. deve ter sentido a exaltação do espirito publico — a idéa democratica, a "republica", vae crescendo. Só vejo um meio de resistir a esta calamidade: a reabilitação completa da opinião conservadora com o intuito de oppôr á revolução reformas largas e reflectidas. Estas reformas são impossiveis com a política de caprichos, rancores e obstinações. A situação estremecida por profundos desgostos dos amigos não pôde affrontar a actividade dos adversarios animados pelas discussões que nos enfraquecem. Adiar a solução da difficuldade seria um duplo perigo, porque viria fóra de occasião de recompôr as cousas, e impossibilitaria a reconciliação de quem não podemos prescindir. Em política a protelação tem feito mais mal do que bem. A indecisão compromette os homens e complica os negocios, e quando chega o momento supremo falta o tempo para fugir, e si se resiste é com o conselho do desespero, que ainda não salvou nenhuma causa e antes tem arruinado todas, ainda as mais legitimas e nobres.

"O paiz não pôde esperar e nem viver de expedientes. A paz ahi vem, e ella deve abrir uma epocha de trabalho e de reconciliação. A paz não deve ser só a cessação da guerra, porém principalmente a reorganização da administração e o restabelecimento da política constitucional do governo do paiz pelo paiz. Quando nem os conservadores escapam aos caprichos de uma política de clientelas e de padroados, qual não será a sorte dos adversarios?!

"Sou insuspeito, nada quero nem pretendo da politica, sinão fazer o mais nobre esforço por defender as nossas instituições dos excessos do espirito de novidade e das inundações da anarchia. O descontentamento do partido conservador será a porta por onde entrará o archôte da revolução. Repare V. Ex. para o descommedimento da imprensa, e o echo que encontrão as utopias preconizadas como salvaterios. Os conservadores estão calados, e a revolução proclama ás massas. Os combustiveis são muitos: os impostos aggravados, os guerreiros que regressam cheios de pretensões, o scepticismo que lavra como lepra, o egoismo que tudo avilta. Em uma epocha de sacrificios para todos, o espirito de lucro não conhece regra e tudo affronta. O amor de familia absorve o da patria. Si não é um fu-

de aproveitar a occasião de retirar-me. Foi por isso que na conferencia de 23 dei logo minha opinião para dissolver o ministerio..."

A coincidência da apresentação no Senado, pelo conselheiro Nabuco, do additivo emancipador, com a dissolução do ministerio poucos dias depois (o additivo é de 19 de Setembro e o gabinete se demittiu a 23 de Setembro), levou os

neral este a que assistimos, pelo menos é uma desgraçada agonia das grandes virtudes do cidadão.

"V. Ex. não está no caso de acompanhar a procissão dos destroços. O seu talento perspicaz, a independencia em que vive, a influencia de que dispõe, a confiança que inspira e a sua propria dignidade devem move-lo a resolver com energia e abnegação esta cruel crise, que afflige os seus amigos e fortalece os inimigos das instituições.

"Talvez V. Ex. na posição em que está não veja como eu a situação; entretanto em boa fé, penso que não estou longe da verdade. Quando escrevo a um amigo e a respeito dos negocios publicos, faço timbre em nada occultar. E' minha opinião, fundada em factos muito eloquentes, que se preparam grandes desgostos para V. Ex. e todos os seus amigos. A politica da afilhagem em vez de reconhecer sua impotencia, tenta os derradeiros esforços para levar de vencida a opposição que ainda apparece. V. Ex. será a última victima, votada ao sacrificio desde o convenio do Senado. Todos os seus amigos soffrem muito e chegarão ao desespero no dia em que cahir a mascara dos hypocritas. Si V. Ex. não tomar providencias promptas talvez venha a ser surpreendido. Todos os agentes da pequena politica annunciam proxima reconstituição e mostram-se ufanos do resultado. Bem sei que de pouco servirá a elles tão falsa victoria, entretanto o paiz perderia muito.

Não sou pessimista e menos terrorista, porém não posso descansar sob a pressão de tantas conjecturas sinão vehementes presumpções. A demissão do Antão mostra disposição para resoluções imprevistas e inexplicaveis.

"Na politica o talento deve contar com a guerra das mediocridades sempre preparadas a se libertarem da ascendencia dos homens superiores, que ellas consideram como os mais insupportavel dos tyrannos.

"Ha occasiões em que a luta politica é a fogueira, faz martyres gloriosos, outras, porém, é a mesa do jogo em que perdem os que tem boa fé. Para estes o povo não tem palmas, mas risadas. Eu ando muito inquieto com o que ouço e observo. V. Ex. é uma esperança para o paiz e um apoio para todos os seus amigos.

"Estude a situação, e resolva como costuma com energia e rectidão. Muito desejo ver desmentidas as minhas previsões, porém o que desde já posso asseverar a V. Ex. é que todos os olhos estão fitos em V. Ex. e que todos os corações pendem para o seu lado; uns con-

historiadores da época a dar como razão da quédá de Itaborahi aquella iniciativa do senador liberal. (16).

Acabamos de ver as causas remotas da demissão do gabinete 16 de julho — a questão do elemento servil, determinando separações e desconfianças, desde Maio, entre a corôa e o governo, os dissídios íntimos entre os ministros a respeito de politica partidaria em varias provincias; e a determinante immediata: — a impossibilidade de se recompor o ministerio com a saída do conselheiro Nebias imposta pelo seu estado de saúde.

fiam como sempre, outros começam a inquietar-se e outros já murmuram.

"Seu admirador e companheiro na adversidade, eu lhe digo é preferível voltar á luta a acompanhar destinos votados a merecida desgraça. Já é muito tarde e estou muito afflicto. V. Ex. conte com a minha dedicação na fortuna para louva-lo e no infortunio para servi-lo. Si alguma cousa desejo é a minha baixa a ver se posso retirar-me da scena sem ser presentido e não ferido pelas pedradas dos moleques, que não acreditam no desinteresse e boa fé de ninguém.

Seu amigo muito obrigado e criado — FERREIRA VIANNA — S. C. 17 de Dezembro, 69".

(16) O additivo foi lido na sessão de 19 de Septembro. Estava assim redigido:

"Artigo additivo".

Do saldo resultante da receita sobre a despesa no exercicio desta lei é o governo autorizado a applicar a quantia de mil contos de reis á alforria de escravos.

§ primeiro — Serão preferidos os escravos do sexo feminino de 12 a 40 annos e dentre estes os de menor idade.

§ segundo — O escravo que por meio de seu peculio, ou por liberalidade de outrem, ou por contracto de prestação de futuros serviços, obtiver meios para a indemnisação de seu valor, tem direito perfeito á sua alforria, e esta sendo recusada pelo senhor lhe será outorgada pela autoridade publica.

Paço do Senado — 19 de Setembro de 1870.

Nabuco — Souza Franco — Z. de Goes Vasconcellos — C. Paranaguá — F. Octaviano — Cansansão de Sinimbu — Chichorro da Gama — Silveira da Motta — Dias de Carvalho."

Itaborahi, respondendo a Nabuco que proferiu um discurso de opposição fazendo da questão servil uma arma de ataque contra o ministerio e uma questão de partido, declarou não poder acceitar o additivo ao orçamento porque isso determinaria a volta do orçamento á Camara, não havendo então, talvez, tempo para a sua approvação. Declarou, entretanto: "Se o nobre senador convertesse sua emenda em um projecto eu não teria duvida em desde já votar por elle."

Paranhos e Cotegipe secundando-o prometteram que o Gabinete trataria da questão na seguinte sessão parlamentar. Nestes dis-

Nesses minuciosos relatos de Cotegepe nenhuma allusão se faz ao additivo Nabuco, e Wanderley não commetteria esse exquecimento, quando foi elle quem, na conferência de 23 de Setembro de 1870, propoz a dissolução do gabinete. Nesse dia reuniram-se os ministros, não para resolver sobre a sua attitude em face da pressão exercida por Pedro II, para ser approved o additivo Nabuco, mas para deliberar sobre sua reorganização ou dissolução, deante da retirada do ministro da Justiça — conselheiro Nebias.

curso se salienta que a questão devia ser resolvida num plano mais alto que o dos embates partidarios, que havia elementos favoraveis e contrarios em ambos os partidos, que como proposta exclusiva de um partido se a não realizaria.

Do incidente da resposta á falla do throno até esse meiado de Setembro o ministerio evoluiu muito em relação á questão servil. Já nessa sessão, memoravel para a marcha da abolição, dous grandes ministros — Paranhos e Cotegepe — promettiam, aprasavam a opposição para o mez de Maio, quando se reabriria o parlamento, e o presidente do conselho hypothecava o seu apoio ás idéas contidas na proposta Nabuco.

Não foi portanto nem restrictamente o additivo, nem a questão servil a causa da queda de Itaborahi. O ministerio 16 de Julho estudava — como promettera ao imperador —, conformava-se com as manifestações da opinião e com as iniciativas do parlamento, entrava na esteira das opiniões imperiaes. Desde que se certificára de que não havia fundamento para as suas suspeitas de lhe faltar confiança da corôa fez declarações sobre a questão servil e provocou um voto de confiança que fortificasse o gabinete.

Cotegepe fallando, já simples senador, a 6 de Junho de 1871 no Senado a respeito de um projecto de promoções na armada, que apresentara poucos dias antes de se demittir de ministro com Itaborahi, confirma que o gabinete 16 de Julho, ainda quando apresentado e regeitado o additivo Nabuco, contava continuar no poder e na sessão legislativa seguinte abordar o problema servil. Discursava Cotegepe:

“Tambem se disse que o projecto era o ultimo arranco do ministerio 16 de Julho. Não comprehendo a força desta expressão — o que quer dizer ultimo arranco. Em que sentido exprimiu-se o Sr. Senador.

“Vou fazer uma confissão muito ingenua e é que nessa occasião, o nobre Senador acredite-o, eu julgava que continuaria no ministerio; no dia 16 de Setembro, em que apresentei o projecto, ainda o ministerio não tinha resolvido pedir a sua demissão, tanto assim que nesse dia, ou poucos dias depois, aqui fizemos promessas de que no mez de Maio, apresentariamos certas providencias, especialmente a respeito do elemento servil. Já vê o nobre senador que não era arranco; eu estava me suppondo com muita vida, mas aconteceu-me o mesmo que aconteceu ao honrado senador: morri inesperadamente.”

Si no fundo fôra o abolicionismo do imperador o ariête que derrubara o ministerio 16 de Julho, nem culpa nem gloria pôde caber a Nabuco de Araujo por aquelle succêso, ainda que as apparencias o premêem com os louros de uma victória que os historiadores proclamaram, mas que a eloquencia dos documentos ora publicados contesta e desmente.

Esses depoimentos, dos mais interessantes que nos ficaram do segundo reinado, são uma agua-forte de cujo claro-escuro sobresaem os altos e baixos da politica do imperio.

Nelles a gente vê o podêr pessoal de Pedro II insistindo teimoso por sua idéa abolicionista, intervindo, declarando, propagando e, mais ainda, conspirando a quéda do govêrno e a elevação de um gabinete que realizasse os seus propositos.

Commove ao ler esses documentos, a energia altiva dos ministros, resistindo ao rei, convencidos de assim servirem ao paiz, superior, em seus interesses, aos interesses, opiniões ou sacrificios da dymnastia. Esses papeis descrevem com uma flagrancia impressionante a vida íntima dos ministerios e como se processavam, num plano de superior dignidade e alto patriotismo, as suas relações com o imperante.

Mas tambem como se agitam, naquelles episodios, ciumes e competições, ambição de mando, seducção do podêr, reservas, insinceridade, segredos que eram trahições, a indisciplina das impaciencias roendo a cohesão dos partidos: — a politica — a politica, no que ella tem e teve, em todos os tempos, e em todos os logares e em todos os regimes, da ferocidade ou da fraude do homem primitivo ?!

Este capítulo realista, ungido da verdade desassombrada que Cotegipe communicava a tudo o que fazia ou em que collaborava, além das rectificações historicas que contém é uma photographia do passado, liberto da nevoa doumada com que o tempo irisa os homens e os factos; retrato, marcado em traços de excepcional precisão, de uma época morta, que nos parece resurgir, com uma actualidade surprehendente, no desenrolar successivo dos acontecimentos, na acção dos protagonistas com suas elevações e suas fraquezas.

VIAGEM DE ESTUDO
DO PLANALTO DE MINAS GERAES AO PARANAHIBA
(REINHARD MAACK)

TRADUÇÃO DO

Coronel BERTHOLDO KLINGER

VIAGEM DE MINAS GERAES AO PARANAÍBA

Teve a minha viagem sua origem em solicitações particulares, para que, por um lado, eu pesquisasse sobre a existencia de ouro na região entre os rios Pará e Paraopeba, e, por outro lado, investigasse sobre o minereo diamantifero do planalto de oeste de Minas.

Fiel ao meu hábito africano, cuidei de estender a esphera de meus trabalhos por meio de observações geographicas e levantamentos cartographicos. Nas linhas seguintes resumi provisoriamente o resultado.

A primeira parte de minha viagem levou-me em Novembro de 1924 á bacia do São Francisco, valles dos rios Pará e Paraopeba. Em Fevereiro de 1925 prosegui por Garças, Bambuí até Catiara. Dahi cortei o planalto até ao Rio da Prata. A mór parte do trajecto foi vencida a pé ou em lombo de burro. A par do descobrimento dum rico minereo aurifero e de jazidas primarias, tive nesta viagem a ventura de encontrar cinco amostras de kimberlite, achado este que me parece precioso, mórmente em connexão com os demais característicos da estrutura geologica da região.

Sabia-se que o professor E. Rimann (1) havia dado noticia da existencia de kimberlite na serra da Matta da Corda, mas ninguem sabia precisar a localização, e em nenhum instituto scientifico se encontravam registos cartographicos ou amostras da rocha. Antes da minha viagem, eu não tivera conhecimento nem do escripto de Rimann, nem da synthese de Otto Maull, *As characteristics geomorphologicas do Brasil Central* (2), de modo que não possuía

(1) "A kimberlite no Brasil" — *Anaes da Eschola de Minas, Ouro Preto*, vol. IV, 1917.

(2) *Revista da Sociedade de Geographia de Berlim*, 1924, página 161, etc.

nenhum conhecimento sobre a região, isto é, eu viajava em territorio que me era totalmente desconhecido.

Examinando-se as differentes cartas geologicas (3) e as geographicas em que figura a região ao Norte do Paranaíba, já se infere da imprecisa representação quanto esta porção de Minas Geraes é desconhecida em sua estrutura geologica e geographica. E a minha viagem evidenciou quanto nesta parte é absolutamente inexacta mesmo a última carta do Brasil, na escala de 1:1000000 (4), tanto no que respeita ás fórmãs da superficie terrestre, quanto no que toca ás condições hydrographicas.

Além da kimberlite descripta pelo sr. Rimann e da que eu descobri, o dr. Alvaro da Silveira (5) refere a sua existencia na serra Negra, a cordilheira entre Patrocinio e Catiara.

Para apprehender a natureza da região que perlustrei em connexão com as outras porções de Minas central, são especialmente importantes os trabalhos de Orville Derby (6) e John C. Brauner (7). Quanto á parte oriental do planalto de Oeste de Minas, já Eschwege (8) a percorréra, por occasião do estudo da mina de chumbo de Areiado.

Os subsidios cartographicos que angariei em minha viagem não fôram desenvolvidos sinão quanto foi absolutamente indispensavel para localização dos affloramentos de kimberlite.

I

O planalto de Oeste de Minas

1. *A estrutura geologica* — Os resultados de observações aqui divulgados abrangem uma região limitada pela estrada Catiara-Patos-Santa Rita dos Patos-Rio da Prata, e a borda do planalto.

(3) Ver John C. Brauner — *Mappa Geologica do Brasil*, 1919.

(4) *Carta internacional do Mundo*, 1:1000000, America do Sul, Bello Horizonte, Dietrich Reimer, Berlim, 1922.

(5) *Narrativas e memórias*, Bello Horizonte, 1924.

(6) *Estudos geologicos prácticos nos valles do Rio das Velhas e Alto São Francisco*, Rio, 1882; *Os Morros de occorrecia do diamante no Brasil* — Contribuição do Estudo da Geographia do Brasil, III Rio, 1882.

(7) *Outlines of geology of Brazil in Bulletin of the Geological Society of America*, vol. 30, Washington, 1919; *Outline of Geology of the Black Diamond Region of Bahia, Brazil*, Brisbane, 1909.

(8) *Pluto Brasiliensis*, Berlim, 1833.

O massiço fundamental dessa região é constituído de schistos precambrianos crystallinos, da série de Minas Geraes, e das argillas silluricas mais novas, da série de Bambui, os quaes por sua vez se acham sobrepostos a um sócco de gneiss-granito.

Ambas as séries encontram-se, por effeito de empucho de Oéste para Léste, fortemente dobradas, fracturadas e desarranjadas. As camadas são orientadas, muito uniformemente, em 325° W contra o N. magnetico ($44,5^{\circ}$ NW astromico) e mergulham abruptas para W., sob angulos de 67° , 70° e 85° .

A serrania resultante do dobramento foi totalmente arrasada e uma velha superficie de torzo corta uniformemente todas as camadas em uma altitude de 905^m. Essa referida superficie inclina-se para Oéste e para o N., descambando para o Paranaíba, até ao nivel de 700 e 650^m. Essa inclinação coincide com a linha de orientação das camadas do massiço fundamental, e isso é determinante para o traçado das principaes linhas de erosão do alto Paranaíba e de seus affluentes, o rio Milagre das Minas Vermelhas, o rio Dourados e o Bagagem.

Pouco abaixo da latitude S. de 18° , em Ponta dos Freires, o Paranaíba inflecte subito em angulo recto o seu curso, e corre diagonalmente á orientação das camadas.

A massa subjacente ao planalto de Oéste de Minas parece-me um blóco obliquado, que uma fractura deslocou para a bacia do São Francisco.

Discordante sôbre os schistos da formação primaria, jáz primeiramente um possante lençól de arenito cinzento, quartzoso, com 40 metros de espessura, coberto por um arenito avermelhado, concordante. Ambos estes lenções estão em perfeito jazimento horizontal (9) e provavelmente pertencem ao permiano inferior (Devon?) (10). O nivel superior de desmonte da mais nova formação arenitica apresenta diffe-

(9) As minhas medições mostram que a base de arenito mergulha suavemente para NO. As medições altimetricas dêram para a linha de contacto entre o schisto e o arenito, na parte oriental da cordilheira de Cascata, 905^m e na parte occidental só 871^m. O desnível corresponde a um declive das camadas de 3 %.

(10) Não encontrei fosseis. E' incerta a determinação da idade, pois que tambem nesta região falta o carvão productivo. Pela comparação com as amostras do Instituto Geologico Nacional, parece que o arenito avermelhado é o "arenito arreado", de Rimann.

rentes altitudes. Na grande maior parte da região nordeste do Paranaíba, o arenito constitui o planalto até 980 e 1.000^m de altitude.

Acham-se também restos de conglomerados fluviais, apresentando também aqui e ali a estrutura de breccias e encerrando blocos de tamanho variável de granito, de calcário crystallino e de schistos da formação primaria, peridotitas e serpentinas. Esse conglomerado, que corresponde ao tillito do carbonífero superior da África Austral, só apparece ainda em restos de desnudação. Eu o observei em extensão especialmente considerável em camadas solevantadas (11), na Fazenda Gigante, sobre o Rio da Prata. Em igual altitude encontrei calcários brancos, com formações de hornstein e calcospathos (12), na zona do Paranaíba, nas fazendas Cascata e das Onças. Este depósito também já está quasi erodido. Num e noutro ponto falta de todo um horizonte definido e as camadas subsequentes jazem directamente sobre a formação precursora mais antiga.

Acima dos restos permianos, ha camadas horizontaes constituídas de arenitos triassicos. Depositadas em placas de pouca espessura, alternadamente vermelhas e brancas, apresentam nitida a estrutura de areia movediça.

Devem ser oriundos da montanha fundamental, pois jámais os encontrei nem na base dos quartzitos nem intercalados no schisto. Em contraste, encontram-se calcários crystallinos mais para leste e para sul do Paranaíba, no degrau de Campos Altos, onde mergulham sob um angulo considerável. Aliás é diversa toda a formação geologica ao sul de Patos e ao occidente da planicie do Paranaíba.

Quando se vai de Patos para Catiara e se tem atravessado a planicie do Paranaíba, onde affloram schistos argillosos da formação primaria, não mais se notam, ao galgar a serra, ao longo da ferrovia Oeste de Minas, a serra Negra, as dilatadas camadas triassicas de arenito. Em troca,

(11) A flexão das camadas parece estar em relação com capas eruptivas, actualmente desmontadas.

(12) Abaixo desses affloramentos calcários encontra-se em Cascata uma fonte amarga.

Sua espessura alcança 100 a 150^m. Nas camadas solevantadas do valle do Prata pude observar que ellas se haviam transformado, immediatamente acima da tillita, em quartzitos de contacto, de ferrea dureza.

São de especial interesse os restos de calcário crystallino no conglomerado permiano — em parte calcários negros.

deparam-se schistos e margas de lascas finas, verdejantes, que mergulham a pique para Noroeste. Discordantes jazem acima delles camadas horizontaes ou levemente inclinadas, de pouca espessura, de arenitos e calcareos crystallinos. Ao Sudeste, onde cessam essas camadas, apparecem vultosos schistos ferruginosos.

Na era final triassica ou inicial perasoica, encontramos a região modificada por formidaveis successos eruptivos. Por alongadas fendas irromperam lavas porphyricas e basalticas, que se acamaram em fórma de lençoes sobre os arenitos triassicos, ou então se abriram crateras de explosão, cujo enchimento é especialmente interessante, por isso que corresponde ao kimberlite, a rocha matriz dos diamantes no S. da Africa.

Grandes porções dos lençoes eruptivos já estão destruidas por erosão; contudo, segundo Rimann, ainda existem entre Carmo do Parahyba e Araxá capas de pikrito-porphirito, de 50 a 100^m de espessura.

Todas as demais formações observadas já soffreram consideraveis desmontes. Já na era médio-paleosoica, a serra oriunda do levantamento soffrera tal desgaste, que se reduzira a uma uniforme superficie de torzo.

O segundo grande periodo de desmonte attingiu os depositos permeanos; mas já no periodo purassico superior (cretaceo inferior?), formaram-se novos sedimentos, que já encerram fragmentos de kimberlite. Dessas formações só se encontram ainda insignificantes restos ao nordeste do valle do Parahyba.

Em logar dellas acham-se nos valles dos rios bancos de pedregulho agglutinado, que, além de porções de kimberlite, também encerram todos os minereos dessas rochas igneas, inclusive diamantes. Assim é que Rimann assegura a existencia de olivina, diopsida, pervoskita, magnetita, apalita e mica, a par de blócos inteiriços de kimberlite, no rio Agua Suja, no Bagagem e em outros.

Como formação mais nova, apresenta-se um conglomerado ferreo, chamado canga, que se estende na superficie do territorio examinado.

Completem, finalmente, a estrutura geologica as profundas camadas de materiaes decompostos, barro vermelho, que recobrem toda a região e singularmente difficultam a pesquisa geologica. Porém, egualmente se encontram as terras pardas humosas da matta virgem, e, ao abrigo desta,

mesmo restos de formações desconexas. Só em poucos pontos se depara sólo arenoso esteril.

Para quem conhece o sul da Africa, é surprehendente a estrutura geologica desta região. A cada passo tinha eu recordações das fórmãs geologicas da Nomalaudia e do Transvaal. A successão das camadas, com todas as suas particularidades, repete tal qual a architectura do sócco sul-africano. Só que por formidaveis processos de desmonte acham-se alternadas as espessuras dos differentes sedimentos. Em todo caso, acha-se fóra de qualquer dúvida o parentesco dos portentosos arenitos triassicos, dos schistos de placas finas, verdejantes, e da kimberlita, com a formação do karoo. A par dos conglomerados permeanos, de Oéste de Minas, as camadas glaciares do Sul do Brasil e da série do Tubarão, com a flóra de glossopteris, são outras tantas razões para essa interpretação. (13)

No quadro annexo confrontei a estrutura do planalto, quanto á successão das camadas, e as formações sul-africanas. E' impressionante o paralelo, mesmo nos horizontes mais antigos.

E' claro que, dado o afastamento actual das formações correspondentes, deve ser rejeitada a hypothese da submersão de pontes continentaes através do Oceano Atlantico. Antes, conclúe-se por um deslocamento de continentes, na accepção de A. Wegener, hypothese que se estriba nas observações de que desde as mais remotas éras geologicas, exceptuada a permeocarbonifera, reinou no Sudoéste d' Africa um clima secco, e que, por outro lado, os depositos triassicos de Minas Geraes correspondem a um clima secco mediterraneo.

A matta tropical das costas e do interior do Brasil central e meridional é phenomeno secundario, que se deve explicar por um deslocamento do sócco continental para uma região climatica mais chuvosa (nascimento da circulação

(13) Ver John M. Clark: *Fosseis devonianos do Paraná*, Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, vol. I, Rio de Janeiro, 1913; Eusebio Paulo de Oliveira: *Regiões carboníferas dos Estados do Sul*, Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, Rio, 1918.

horizontal atlantica e progressão da zona climatica tropical por influência da corrente equatorial calida).

O dr. Alvaro da Silveira (14) occupou-se da solução da questão da interendencia de chuvas e mattas; chegou elle á conclusão de que o augmento das chuvas no Brasil central foi a primeira causa do desenvolvimento florestal. Ainda hoje a repartição das chuvas no Brasil, excluida a bacia amazonica, depende não tanto das massas florestaes quanto das condições orographicas. Provas disso são as observações publicadas por Alvaro da Silveira, segundo as quaes as médias pluviometricas no planalto de Minas, revestido de pouca vegetação ou de campos, são superiores de muito ás das regiões costeiras cobertas de matta. A média maxima é a de Ouro Preto, situado a 1.134 m. de altitude.

A's condições pluvias responde á viva modificação da superficie terrestre, pela erosão tropical. Frequentemente as rochas são alteradas até grande profundidade, especialmente as da serra crystallina fundamental. Toda a operação erosiva consiste hoje numa profunda decomposição chimica da rocha, seguida de carreamento pela chuva. Em todo o territorio que percorri occorrem desbridamentos das espessas camadas de barro vermelho, valles circulares e corridas de terras. Tudo isso imprimiu á superficie de Minas Geraes o *facies* pronunciado duma região de erosões.

Póde-se, porém, observar ainda hoje, pelo affloraemento de áreas de blócos rolados no ambito das serras de gneiss e de granito, que antigamente reinaram outras circunstâncias. Apesar de serem estas montanhas revestidas duma espessa capa de barro vermelho, de decomposição — essa capa se transmuda gradativamente em rocha friavel e depois em rocha compacta — ainda se encontram aqui e alli immensos campos de blócos rolados, no meio das serras de gneiss e granito. Basta ver a serra do Mar e o massiço da Tijuca.

Blócos dessa especie resultam da decomposição á superficie livre em clima quente ou em altiplano, e não em clima tropical, quente e humido, sob o terreno de decomposição da floresta pluvial. Aqui a rocha é gradualmente alterada por decomposição chimica e a resultante capa la-

(14) *A origem dos continentes e dos oceanos* — Braunschweig, 1922. *Fontes, chuva e florestas*, Bello Horizonte, 1923.

macenta é carregada pelas chuvaradas, ou, pela infiltração da agua, a capa amollece e acaba afundando em rios de lama, que arrastam para o fundo trechos inteiros da floresta. Destarte resultam as montanhas de encostas a pique, de soccalcos estreitos. Taes processos erosivos podem ser verificados em todas as montanhas florestaes do Brasil. De facto, até hoje não encontrei blócos rolados de origem recente.

Ainda estão para mim inexplicaveis as formações de descontinuidade nas mattas de Oéste de Minas. Provavelmente são restos de terrenos prehistoricos.

2. *O modelado* — Condicionado pela sedimentação das capas horizontaes, o altiplano desenvolveu fórmias especiaes no seio da vasta, monotona paizagem mineira (ver o diagramma dos torrões na carta annexa).

Ao passo que o territorio da bacia do São Francisco demudou o paiz numa área uniforme, suavemente ondulada de collinas e campinas, de tessitura extremamente fina, aqui encontramos uma área pronunciadamente de chapadas e taboleiros, que descamba para Léste, rumo á bacia do São Francisco, num degráu ingreme.

Esse soccalco é orientado de S. O. para N. E. e acha-se figurado na carta com os nomes de serra da Canastra, serra da Saudade e serra da Matta da Corda. Esta última designação é muito vaga. Ella se nos depara, ora na estrada de ferro Oéste de Minas e Carmo da Paranaíba, ora ao N. do 18° de latitude Sul entre o rio do Somno e o São Francisco. Contudo é incontestavel o character de soccalco que apresenta toda esta linha de serras.

A partir da bacia do São Francisco esse degráu sóbe de 650^m de altitude a 1.000 e 1.050^m. Sua frente voltada para S. E. é muito sulcada de rios de pequeno curso. Num dêsses talwegs sóbe a estrada de ferro Oéste de Minas, via Perdição, até Campos Altos (920^m).

Dahi vai abaixando o soccalco gradualmente para N. O., até á altitude de 830^m. Depois ainda emerge um outro degráu após São Pedro de Alcantara, orientado mais de E. O. Dá-se-lhe o nome de serra Negra e visto de S. E. offerece o aspecto dum paredão a pique, pouco sulcado. Todavia, para a planicie do Paranaíba, elle descamba muito sulcado de rios e em extensos contrafortes.

Em ambos os degráus as camadas mergulham vivamente a N. O., com numerosas alterações localizadas, su-

blevações e dobramentos. Mesmo ahi, porém, ficou conservado o character de taboleiro, graças ás capas horizontaes de arenitos ou de calcareos crystallinos.

A borda léste do altiplano apresenta-se, assim, como um amphitheatro em degráus, ao passo que a parte oeste é formada pelo espaldar dos degráus, sulcado em correspondencia com a direcção do mergulho.

Otto Maull considera esses socalcos como bordas de erosão da área de desmonte do permeano inferior. (15) Tal hypothese é, porém, no minimo, duvidosa. Cortando por duas vezes a região dêsses socalcos, entre Campos Altos e Catiara, tive absolutamente a impressão de que elles estão ligados á borda de uma leiva da serra fundamental, solevantada e inclinada para N. O. O revestimento florestal e o sólo decomposto tornam muito difficil uma observação inatacavel. Porém, basta o effeito de desmonte e de decomposição inherente a um clima tropical, bem como a consideração das fórmas dahi decorrentes, para apoiar a hypothese de que se tracta méramente dum degráu de origem erosional. Em sentido contrário dão depoimento as observações das perturbações das camadas no interior dos degráus e a differença de alturas da formação primaria, em comparação ao terreno antejacente, differença de cerca de 200^m, bem como o facto de que a borda do degráu constitúe ao mesmo tempo o principal divisor de aguas entre os systemas do São Francisco e do Paranahiba, si bem que o degráu córte sob um angulo consideravel o traçado das camadas.

Todo o dispositivo dos systemas fluviaes indica uma sublevação duma leiva. Os rios da região antejacente ao degráu têm seu curso proximamente parelho a este, e só recebem pequenos correjos da testada do degráu, os quaes incidem para trás. E no proprio altiplano, os rios correm em angulo recto para com o traçado principal do degráu, em correspondencia com o declive dêste e a orientação das camadas.

Si o degráu fôsse de origem méramente erosional, as linhas d'agua, que cortam a testada do degráu, incidindo para

(15) Eu pessoalmente não encontrei camadas permeanas na região antejacente ao socalco. Só fôram observadas argillas, das séries de Minas e de Bambuí.

trás, deveriam ter cavado leitos muitos outros e nem a borda do degráu poderia ser ao mesmo tempo divisor de aguas.

Tambem os menores affluentes do Paranaíba, como o rio das Mattas e o das Tres Barras, mostram a mesma tendencia de formação de seu valle, notada no rio principal. Em seu curso superior são, a princípio, quasi parallelos ao Paranaíba, correspondentemente ao declive da leiva e á orientação das camadas, e só no seu curto curso inferior correm transversalmente a esta, para confluirem no rio principal.

A paizagem do valle do Paranaíba é de uma planura extraordinariamente uniforme. Aqui os sedimentos fôram desmontados, até á formação primária, na qual já o rio está profundamente encaixado.

Só ao N. e a Léste de Patos é que reaparece uma região de vastos taboleiros — antigamente porções contiguas de planalto, chamadas chapadas —, os quaes com grande regularidade se orientam de S. E. para N. O., consoante o traçado dos valles.

Os rios, mesmo numa éra geologica mais recente, fôram rejuvenescidos pelo levantamento da leiva e rasgaram novos leitos estreitos nos seus antigos cursos desmontados. Esse processo é especialmente facil de observar no rio da Prata, que em certos trechos corre célere num cañon inaccessivel, entre paredes a pique, de arenito, ao passo que acima da angostura, a partir de altitude de 940^m, o rio é margeado por uma paizagem de plataforma (vêr o esboço da paizagem e a carta itinerante).

Nessa região de valle encontrei a 150^m acima do nivel do rio um lago de limpidez crystallina, no topo dum monte isolado, chamado lagôa Jacuba. A sua agua estava numa depressão em fórmula de caldeirão e porejava através do arenito, de sorte que ao sopé nascia um crystallino regato, que em pinturescas quédas se despenhava no rio da Prata. Tambem a léste dêste, para o lado do rio do Chumbo, se despenham regatos, de altos patamares, para o valle principal.

Assim, sómente na encosta do socalco é que o altiplano se apresenta como área de erosão, ao passo que a testada delle deve ser considerada como borda de leiva, sendo que esta conservou a sua unidade graças á protecção de capas horizontaes, de arenitos, de calcareos crystallinos e de lava.

3. *Os kimberlitos* — No municipio de Patos descobri cinco “cachimbos” de kimberlito, que estão figurados na carta. As chaminés cylindricas vulcanicas, especies de sondas de profundidade, têm um diametro de 500 a 800 m. São cercadas claramente de um ambito de contacto, no qual os arenitos fôram comprimidos na superficie, fracturados e deslocados e, afinal, metamorphoseado por superaquecimento e fusão.

O conteúdo das chaminés consiste duma lava esponjosa, basica, que tambem se apresenta como breccia e denuncia a connexão com rochas eruptivas mais antigas, serpentina e peridotita. Até grande profundidade essa rocha está decomposta, sob a fórma argillosa, e se apresenta sob duas variedades differentes, uma fortemente e outra fracamente micacea: exemplos da primeira variedade — fazenda das Onças, serra Negra; da segunda — Cascata, Gigante.

Tambem ha diversidade de côr na massa principal.

Prepondera o kimberlito em massa esverdeada, argillosa, com fulgor azulado (blue ground), ou em massa amarelhada (Yellow ground) e violeta com fulgor avermelhado. Infelizmente ainda não possuímos o resultado do exame das amostras que trouxemos.

E. Rimann descreveu kimberlitos da serra da Matta da Corda, bem como as pedras eruptivas que Draper apanhou em 1913 em Tiros. Elle chega á conclusão de que se tracta de um pikrito-porphirito, correspondente aos kimberlitos do Sul da Africa, quaes os descrevem Henry Curvell Lewis e Percy Wagner (massa fundamental porphirica e basaltica, rica em perowskito, olivino, angito e mica).

Como nos kimberlitos de Gibeon, na Grão Namalandia, ainda não se identificaram diamantes nessa rocha. Examinei minuciosamente o terreno em tôrno dos affloramentos de kimberlito, nas calhas de erosão e nos correjos, e não achei diamante. Si os cachimbos contivessem dianantes em porção exploravel, dever-se-ia encontrar alguns nas suas immediatas proximidades, pois que as chaminés estão retalhadas pelas calhas que a chuva produziu.

Por outro lado, é surprehendente o facto de que se encontram diamantes no velho cascalho dos rios Agua Suja, Bagagem e Paranaíba, o qual tambem encerra kimberlito. Não se póde, sem mais, repellir a explicação segundo a qual esse facto teria relação, em vista da orientação occidental do desmonte, com os kimberlitos da bacia do rio Parana.

hiba e do das Velhas. Dar-se-ia que os diamantes só tivessem crystallizado numa certa espessura superficial e, desmontada essa capa, só restassem massas amorphas nos cachimbos?

Ainda estão mui pouco reconhecidas as circunstâncias, para que se possa assentar um juizo.

4. *Paizagem e povoamento*—Depois de galgado o soalco de Campos Altos, o altiplano se apresenta á vista, primeiramente, como extensa paizagem ondulada, de campos. Em volta de Catiara tem-se a imagem das esteppes gramadas do Transvaal. Em seguida vêm os extensos taboleiros de macega de planalto, cobertos de vegetação de savanna. A mesma tambem domina na planicie do Paranaíba, até Patos.

A Léste e ao N. do Paranaíba, em direcção ao Rio da Prata, outrora a floresta cobria inteiramente as chapadas. Hoje está ella em grande parte roçada, cedeu o logar a plantações de milho e a campos de pastagem. Mas os valles dos rios ainda são revestidos da mais espessa matta virgem. Tambem as chapadas, á medida que avançam para o N., são cada vez mais vestidas de matto cerrado.

O clima saudavel (16) e as condições geographicas tornam extraordinariamente favoraveis as bases economicas para o povoamento. A maior parte da terra, nos districtos que perlustrei, acha-se na posse de alguns grandes latifundios, que utilizam os pastos da altiplanicie para a indústria pastoril em grande escala. E' raro deparar nessas immensas áreas siquer uma primitiva choça, ao passo que nos valles dos rios se acotovellam as pequenas povoações. A indústria é a primitiva agricultura. Por toda a parte nas abas dos valles vêem-se roças de milho e de feijão.

E' de pasmar quanto são miseraveis as installações dessas culturas, em flagrante contraste com o alto valor natural da região e com a densidade de seu povoamento.

Apesar de existirem por toda a parte em abundancia bôa madeira e outros materiaes de construcção baratos, só se encontram deploraveis cabanas de barro, ás vezes cobertas

(16) Ao contrário, no valle do rio das Mattas grassam doenças verminosas, que o govêrno cuida de combater. Ha em Patos um posto de observação sahitario.

Tabella da correspondencia das camadas do torrão de Oéste de M

FORMAÇÕES GEOLOGICAS CORRESPONDENTES NO SUL DO BRASIL	FOSSAIS ESPECIAES	SUCCESSÃO DAS CAMADAS DO PLANALTO DE OESTE DE MINAS	ALTITUDE DA BASE DAS CAMADAS	IDADE GEOLOGICA	ROCHAS ERUPTIVAS ESPECIAES	FORMAÇÕES GEOLOGICAS CORRESPONDENTES DO SUL DA AFRICA
		Argilla de decomposição, canga:				
		Restos de sedimento mais recentes com kistos de kiberlite.	1130m.	Cretaceo ?		
Camadas de São Bento.		Capas eruptivas porphiricas e basalticas, diabase.	1020 e 1130	Jura-triassico.	Kimberlite (1).	Capa de Kaoko.
	Fauna de reptis (2) (Scapohnix fischeri woodw.) Arvores fosseis.	Arenitos em laminas finas, brancos e vermelhos (estrutura de areia volante).	980 e 1000	Triassico.		Camadas de Beaufort
Serie Passa Dous	Stereosternum mesosaurus. Madeiras petrificadas. Glossopteris e madeiras petrificadas.	Só a oeste e ao sul do Parahiba. Arenitos em placas e calcareos em bancos. Ardosia em placas finas esverdeadas e marga.		Peruceano superior. Id.		Camadas de Eccles
		Calcareos brancos com formações de hornstein e cascopatho Conglomerados fluviaes, (tillits). (1)	980	Inferior.		Serie Dwyca.
		Arenito avermelhado (1).	940	?		
		Arenito quartzozo cinzento.	900			
Serie Ponta Grossa (Paraná).	Trilobitas: (Cryphacius austr. clark). Conularia: (conularia africana Sharp). Brachiopodes (Leptocoelia Flabellitis Conrad).			Devoniano.		Serie Bokkefield.
Serras dobradas das formações primárias:		Calcareos creptalinos e argillas.		Siluviano (3).	Peridotito.	Serie Blackrief. Formação de Nama
Serie Bambui.		Calcareos creptalinos.		Cambreano.	Serpentina. Granitos intrusiveis.	Camadas de Siva
Serie Minas.		Ardosias creptalinas. Ardosia de gneiss. Gneiss-granito.		Archeano.		Formações primárias

(1) Amostras destas camadas foram enviadas para Berlim.

(2) Em Patos foram achados ossos fosseis de mastodonte, que se acham expostos no Instituto Geologico, sem maiores ind

(3) Segundo Orville A. Derby.

nas e do Sulafricano

CÁ CÁ	SUCESSÃO DAS CAMADAS DO SÓCCO SULAFRICANO	FOSSEIS ESPECIAES
	Capas eruptivas de pedras amygdalares, diabase Ka- roo.	
rt.	Arenitos terrosos.	Fauna de reptis (Paraia- saurus Baiui). Madeiras petrificadas.
	Ardosias em laminas finas e argillas.	Madeiras petrificadas. Flora glossopteris. Madeiras petrificadas.
	Conglomerado de Dwycá. (glacial).	
	Arenito de Witteberg.	
	Arenitos quartzosos e ar- gillas.	Brachiopodes. (Leptocoelia-flabellitis Con- rad). Conularia (Conularia afri- cana Sharp) Trilobitas cryphalus austr. Clark).
	Calcareos creptalinos e ar- gillas.	
gi. as.	Calcareos creptalinos. Ardosias creptalinas. Ardosias de gneiss. Gneiss-granito.	

cações.





sómente de sapê. Em casa alguma encontrei qualquer peça de mobiliário. Aliás, todo o modo de viver de toda a população é extremamente miseravel, e não se póde resistir á impressão da absoluta pobreza e mendicidade intellectual dessa gente. Não ha um trabalho com objectivo consciante.

Entretanto, a região offerece terreno para o surto duma raça sadia e forte; assim o demonstram os poucos fazendeiros activos existentes, entre os quaes deparei com esplendidos typos de homens fortes, que se salientam vivamente no meio da miseravel população mestiça, e que se alçaram ao bem-estar e á riqueza. Muitas vezes recordava-me dos Boers, do Sul da Africa, e causa-me admiração não encontrar alli nomes holandezes.

No ambito dêsse vasto territorio de vida rural — grandes fazendas pastoris nós planaltos e pequenas lavouras nos valles dos rios — existem dispersas pequenas cidades e povoações agricolas contínuas: São Pedro de Alcantara, Carmo de Paranaíba, Patrocínio, Patos, etc. Dentre estas cidadezinhas campestres, salienta-se a de Patos, pelo seu asseio e affabilidade dos habitantes.

Pela construcção da estrada de ferro Oeste de Minas, esta região está ligada aos grandes centros de communicações e de commercio. Mas o principal meio de communicações no altiplano é constituido ainda hoje pelo carro de bois, com as suas rodas de disco inteiro de madeira, e pelo cavallo de sella. Ultimamente surgiu a ligação por meio de linhas de automoveis para o transporte de passageiros, entre as localidades mais importantes.

II

As zonas de collinas e os altiplanos no centro de Minas

Tal qual a chapada occidental, o territorio da bacia do São Francisco deve ser considerado como um torrão distincto. E' limitado a Leste pela linha de fractura longitudinal do valle do rio das Velhas e ao Sul por fracturas transversaes. No centro de Minas encontram-se vastos torrões homogeneos, accompanhados por uma faixa de torrões menores, fracturados e deslocados, dispostos ao longo das linhas principaes de fractura dos torrões maiores.

Meus itinerarios entre os rios Paraopeba e Pará, onde pesquisei ouro, assentaram exclusivamente em zona de for-

mação primária. Também aqui se revelou a serra fundamental como velha formação de torzo, que corta as camadas na altitude de 800 m. É uma zona de collinas, de tessitura extremamente fina e fraco relêvo. Contudo, a feição dos cursos d'agua, occorrem linhas de elevações mais consideráveis do que a carta as assignala. Assim é que o taboleiro de Pequi attinge a altitude de 1.000 m. O torrão central descamba gradativamente para o N. e Oeste e a serra crystallina fundamental desaparece sob os sedimentos do permiano.

III

Observações sobre a carta

Em primeiro lugar, a carta visa assignalar os afflora-mentos da kimberlita. Para isto bastam as dimensões da pequena carta itineraria e os perfis annexos.

Motivos especiaes, inclusive a minha situação economica, não me permitem por ora elaborar plenamente e publicar todos os levantamentos cartographicos. Para dar, porém, com a carta resumida um quadro topographico satisfactorio, aproveitei na figuração do terreno mais material do que de uso para cartas simplesmente itinerarias; ella se baseia na utilização de alguns photogrammas e desenhos de campo, bem como aproveitamento de cem medições de altitude praticadas no trecho representado.

As alturas fôram tomadas por meio de dous amerdides e dum aparelho de ebullição, de Dankelmann.

Os trechos de caminhos propriamente fôram levantados a bussola e podometro e amarrados entre pontos astronomicos. O ponto de partida do trecho que apresento fica dentro da povoação de Patos, aos 46°32'09" de longitude Oeste e 18°35'26" de latitude Sul. A altitude foi determinada por uma série de observações barometricas e de pontos de ebullição, realizadas durante duas semanas, e foi achada como sendo de 853^m; todos os demais dados sobre altitude são referidos a esta base.

A carta itineraria também mostra o divisor de aguas entre o rio das Mattas, que pertence ao systema do Paranaíba, e o rio da Prata, tributario do São Francisco. Esta verificação não confere com as antigas representações das nascentes do rio da Prata, pois revela um deslocamento dessa região por uns 60 kilometros para o Sul.

O trecho do curso do Paranahiba não foi cartographado consoante os levantamentos, mas apenas por esboços. Todos os trechos de representação mal segura estão pontilhados.

A pequena carta synoptica geologica, de 1:1000000, baseia-se na "Carta Internacional do Mundo", impressa por Dietrich Reimer, folha de Bello Horizonte, a qual sómente corrigi quanto á rectificação da situação da cabeceira do rio da Prata. Tem ella por fim unicamente mostrar a largos traços a situação da formação principal, os quaes se systematizam em tres grupamentos. Para uma representação pormenorizada, em escala maior, seria necessario obter primeiramente novas bases cartographicas, afim de poder ahi graphar os limites das formações.

Nas condições actuaes, não se póde sinão dar valor de esbôço a quaesquer representações.

Para a zona de Patos, as condições geologicas puderam deduzir-se da carta itineraria, levando em conta as diversas altitudes indicadas para as differentes camadas, bem como os perfis e as indicações do texto.

Procedendo á comparação entre as condições de desenvolvido povoamento, de densidades da população e da distribuição das propriedades territoriaes em Minas, não se póde conter a sensação de estranheza que causa a deficiencia do material cartographico existente. Absolutamente não ha cartas de distribuição das propriedades, e as cartas que existem muito carecem de correções. E' simplesmente inexplicavel a attitude do govêrno brasileiro de incompreensão da utilidade dum levantamento systematico, progressivo do terreno e do registo das propriedades territoriaes. Contudo é necessario reconhecer que o mesmo govêrno, embora não proporcionando auxilio práctico, facilita semelhante trabalho a investigadores estrangeiros, permittindo a livre entrada de instrumentos scientificos.

Uma porção de instrumentos importantes para o meu trabalho fôram postos á minha disposição em Berlim pelo Ministerio da Reconstrucção, Repartição da Administração Central Colonial, á qual aqui manifesto o meu agradecimento.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1929

ACTAS DAS SESSÕES DE 1929

1ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA AOS 20 DE
ABRIL DE 1929

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(Presidente perpétuo)

A's 17 horas, abre-se a sessão, com a presença dos senhores conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Alfredo Valladão, Augusto de Lima, Alfredo Ferreira Lage, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, Eugenio Vilhena de Moraes, Olympio da Fonseca e Jesuino da Silva Mello.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º *secretário*) lê, das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, as que se referem á data desta sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que recaindo a sessão na data natalicia do barão do Rio-Branco, rende, antes de tudo, sentida homenagem de saudade, admiração e reconhecimento a seu grande antecessor na presidencia, desejando e esperando que o superior espirito d'elle continue a inspirar os trabalhos da aggremação que, ha 91 annos, se consagra, firme e serenamente, a cultivar a Sciencia e o Patriotismo.

Com essa confiança, declara aberta a sessão e congratula-se com todos os consocios presentes, cuja competencia e

zêlo constituem a fôrça triumphal do mesmo INSTITUTO, e dá a palavra ao sr. Max Fleiuss.

O SR. MAX FLEIUSS (*secretario perpétuo*) assim se exprime:

“Fallar de Rio-Branco constitue sempre um dever e, no dia de hoje, com maioria de razão.

Permittam que, em poucas palavras, diga sôbre a vida do barão do Rio-Branco em nosso INSTITUTO, a que pertenceu desde 7 de Novembro de 1867 até o dia da sua morte, a 10 de Fevereiro de 1912.

Elegeram-no, por unanimidade, em 1867, sob a presidencia de d. Pedro II: — Bom Retiro, Joaquim Noberto, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honório, Pinheiro de Campos, Moreira de Azevedo, Freire Alemão, Cláudio Luis da Costa, Varnhagen, Ribeiro de Almeida, Capanema, Marques de Carvalho, Braz Rubim e Francisco José Borges.

Tinha então 22 annos e Perdigão Malheiro já lhe exaltava os meritos, dizendo, em parecer, que o *Esbôço biographico do general José de Abreu*, barão do Serro Largo, era uma prova brilhante das habilitações intellectuaes do joven compatriota, e que não se tractava apenas de uma biographia e sim a largos traços da história de nossas guerras no Rio da Prata.

A 19 de Junho de 1868 comparecia, pela primeira vez, ao INSTITUTO o então dr. José Maria da Silva Paranhos Junior, e, dahi por deante, foi de notavel assiduidade até que partiu para o estrangeiro.

Quando regressou ao Brasil para assumir a pasta das Relações Exteriores no govêrno do benemerito Rodrigues Alves, coube ao INSTITUTO preparar-lhe a recepção, que constituiu um dos factos mais characteristicamente patrioticos, confundindo-se nas homenagens as principaes auctoridades e o povo, que calorosamente o applaudiu.

Em 1907, quando o venerando marquez de Paranaguá declarou que, por sua ancianidade, não poderia acceitar a reeleição para o cargo de presidente, o nome que a todos acudiu para o eminente posto foi o do 1º vice-presidente, o preclaro visconde de Ouro Preto, um dos mais gloriosos vultos da nossa História. Ante a formal recusa de Ouro Preto, surgiu a indicação de Rio-Branco.

Coube-me a honra de consulta-lo.

Depois de palestrarmos sôbre cousas do INSTITUTO, disse-lhe qual era o verdadeiro objecto de minha visita.

O barão acudiu de prompto:

— Qual, sr. Fleiuss; eu não tenho tempo. Estou velho, fatigado e, como sabe, minhas occupações de ministro das Relações Exteriores não me permitem outras tarefas. Não falta no INSTITUTO quem lhe possa assumir a presidencia... Eu, não; não tenho tempo...

Queimei, então, o meu último cartucho, ponderando:

— Senhor barão, acabo de estar com o visconde de Ouro Preto, que me auctorizou a fazer-lhe a seguinte declaração:

— “Diga ao Paranhos que só com elle na presidencia eu permanecerei como 1º vice-presidente.”

— O Ouro Preto disse-lhe isto? Quando?

— Ha poucos momentos; venho do seu escriptorio...

— Pois bem; tanto é o aprêço que tenho a estas palavras, que acceitarei o cargo. Responsabilizo, porém, ao senhor por qualquer desastre dessa candidatura.

— Aceito, sr. barão, com intensa alegria, essa responsabilidade.

E, na assembléa geral de 21 de Novembro de 1907, após haver sido reeleito o marquez de Paranaguá, que immediatamente insistiu na renúncia, foi eleito por 39 votos o barão do Rio-Branco presidente do nosso INSTITUTO, eleição recebida com unanimes applausos.

Em sessão especial, realizada a 30 de Janeiro de 1908, assumiu elle a presidencia, proferindo magistral discurso, a que se seguiu outro, não menos brilhante, do nosso actual e illustre presidente, então orador official.

Rio-Branco, nos quatros annos em que exerceu o supremo posto nesta Casa, mostrou incessantemente o maior interesse, querendo saber pormenorizadamente de todas as suas questões, a que dava pessoalmente a solução.

Presidiu-lhe a treze sessões, mas do nosso archivo constam numerosas provas da sua actuação como chefe da nossa Companhia.

Teve extraordinaria repercussão em nossa Patria e no exterior o seu discurso, pronunciado na sessão de 11 de Junho de 1908, quando o insigne visconde de Ouro Preto effectuou a sua conferência sobre essa data gloriosa para o Brasil e para a nossa marinha de guerra.

Somos, disse, na verdade, um povo que tem dado inequivocas provas do seu amor á paz e da sua longanimidade para com os mais fracos. (*Apoiados.*) Desde que nos constituimos uma nação independente, exorçamo-nos sempre por viver na melhor harmonia

com os demais paizes, particularmente com os que nos são limitrophes. Desejamos muito sinceramente que todos elles prosperem, se engrandecam e nos estimulem, pelos bons exemplos que nos possam dar, a proseguir com firmeza e serenidade no caminho de todos os progressos moraes e materiaes. Anhelamos merecer o affecto, não a desconfiança, ou o temor dos nossos vizinhos. (*Muito bem; muito bem.*)

E, na sessão magna de 21 de Outubro dêsse anno, teve estas palavras que respondem ao pessimismo de alguns de nossos patricios:

Valor e lealdade são qualidades nobres Um povo que mostra em profusão na sua história exemplos de taes virtudes, bem pôde merecer confiança nos momentos difficeis das suas crises internas ou internacionaes.

— Somos da raça dos descobridores, não dos destruidores, dos que ensinaram os caminhos maritimos para terras desconhecidas e não semearam nessas terras o odio á civilização européa, mal representada por ferozes conquistadores. De um povo corajoso e bom tudo se pôde esperar em grandeza humana, contanto que se mantenha nelle a tradição do respeito aos nobres exemplos de seu passado, assim como a do culto do direito e da disciplina civica.

Não menos importante o que disse na sessão magna de 21 de Outubro de 1909:

Senhores. Permitti consignar aqui um facto occorrido durante o anno, com especial luzimento e grande proveito para o paiz, qual foi o Primeiro Congresso de Geographia do Brasil, promovido pela nossa ermã, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, proeminentemente dirigida pelo marquez de Paranaguá, nosso venerando presidente resignatario.

— E não creio ser tambem descabido mencionar na presente circumstância a noticia, sem dúvida particularmente agradavel para este INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO, noticia divulgada ha pouco mais de um mez, de que mui provavelmente, antes do fim do corrente anno, ficarão determinadas todas as fron-

teiras do Brasil, si, como é de esperar, os ajustes assignados e por assignar merecerem, no nosso e nos outros paizes interessados, a approvação dos poderes competentes.

— Entre esses actos um haverá que, não tendo precedente na História pela sua espontaneidade e grandeza, mais ainda ha de elevar o bom nome da Nação brasileira no conceito universal, acto esse que, por antecipação, o INSTITUTO já sanccionou com a sua auctoridade incontestavel, fazendo, por votação unanime, inserir, em uma de suas actas, a promessa solennemente feita a tal respeito na Mensagem Presidencial de 3 de Maio último:

— Quando estiver de todo estabelecida, sem mais contestação possivel, a nossa dilatada divisa territorial, desde a bacia do Amazonas até ao Quarahim e Lagôa Mirim, ficaremos com mais liberdade para levar por diante, tão energicamente como convém, a magna e urgente empresa do povoamento dos nossos sertões, e, desassombrados das complicações e perigos que, por vezes, nos trouxeram as antigas e irritantes questões de fronteiras, poderemos, com mais facilidade e melhor successo, proseguir no nosso constante e firme proposito de estreitar, cada vez mais, relações de amizade e boa vizinhança com as numerosas nações que nos cercam.

Não alonguemos, porém, esta palestra. Queremos recordar, apenas, a figura do nosso saudoso presidente.

A presidencia do INSTITUTO tem sido, aliás, até aos dias de hoje, no firmamento intellectual da nossa terra, uma constellação brilhantissima: — São Leopoldo, Sapucahi, Bom Retiro, Joaquim Noberto, Olegario, Paranaguá, Rio-Branco, Ouro Preto e o nosso querido Affonso Celso, que ha 17 annos nos guia e anima com a galhardia dos seus exemplos, com a louçania do seu espirito.

Razão tinha, pois, Rio-Branco quando disse que o INSTITUTO era a casa do patriotismo.

Lembre-mo-nos neste momento da grande figura do Brasileiro que permanecerá em nossa História como o chanceller da Paz e em nosso INSTITUTO como um dos seus mais eminentes servidores." (*Calorosos applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) communica oficialmente ao INSTITUTO o fallecimento, no interregno da sessão magna de 21 de Outubro de 1920 até á data desta sessão, dos consocios: srs. José Leopoldo de Bulhões Jardim, Antonio Martins de Azevedo Pimentel e Gentil de Assis Moura. Referindo-se com louvor a cada um delles, disse que da acta constará o profundo pesar do INSTITUTO pelo desaparecimento dos illustres companheiros e que, na sessão opportuna, o orador do INSTITUTO, sr. Ramiz Galvão, lhes fará o necrologio devido.

O SR. MAX FLEIUSS participa á casa achar-se presente o sr. padre dr. Geraldo José Pauwles, S. J., distincto pesquisador da nossa história e geographia e já vantajosamente conhecido por trabalhos sôbre esses assumptos, e manifesta a satisfação com que o INSTITUTO recebia a vista.

O padre Pauwles, em breves palavras, agradece o que, a seu respeito, diz o secretário perpétuo.

O SR. ALFREDO VALLADÃO occupa a tribuna. Fa-lo para, como relator geral da Commissão Executiva do 2º Congresso de História Nacional, a realizar-se em 1931, por iniciativa do INSTITUTO, em commemoração ao centenario de 7 de Abril, ler as theses que organizou para o mesmo, precedidas da segunda parte da sua exposição de motivos, theses essas já approvadas por aquella Commissão. A primeira parte da exposição de motivos foi lida em sessão do anno passado. (*Applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) agradece ao sr. Alfredo Valladão o nôvo serviço prestado ao INSTITUTO, dizendo que o trabalho organizado por s. ex. mostra, desde já, que o Congresso convocado para 1931 terá o mesmo brilho e valor dos dous anteriores: o de 1914 e o de 1922, ambos de iniciativa do mesmo INSTITUTO.

Antes de encerrar a sessão, convida todos os circunstantes para assistirem á sessão pública de 1 de Maio proximo, ás 13 horas, na qual o eminente consocio sr. Augusto de Lima tractará do seu collega em primorosas producções litterarias, — José de Alencar, cujo centenario occorre nessa data e vai ser festejado por todo o Brasil intellectual.

Encerra-se a sessão ás 18 horas. — *Agenor de Roure*, 2º secretário.

1.543ª SESSÃO EM 1 DE MAIO DE 1929

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(Presidente perpétuo)

A's treze horas, abre-se a sessão, presentes os srs. Affonso Celso, Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, Augusto Tavares de Lyra, Manuel Cicero, Rodolfo Garcia, Helio Lobo, Victor Maúrtua, Sousa Docca, Camello Lampreia, Jesuino Mello, Alfredo Valladão, Augusto de Lima, Thiers Fleming, Olympio da Fonseca, Alfredo Ferreira Lage e Roquette Pinto.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º *secretário*) lê a acta da sessão anterior, a qual é sem debate e unanimemente aprovada. Lê depois as *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, na parte em que se referem á data da sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que o INSTITUTO HISTÓRICO cumpria impreterível preceito da sua liturgia, commemorando o centenario natalicio de José de Alencar, do qual, quando elle prematuramente succumbiu, alguém escreveu, alludindo-lhe á precaria constituição phisica em contraste com a robustez e energia espirituaes: "Era uma lampada fragil; á fôrça de tanta luz estalou".

Na realidade a sua obra copiosa, variada e fulgente, — juriseconsulto, parlamentar, jornalista, poeta, romancista, crítico, theatrologo, ministro de Estado, — conquistou-lhe immorredoura, immarcessivel nomeada, que o impoz á veneração de todos os intellectuaes, mórmente dos que, em aggremações scientificas e litterarias, como o INSTITUTO, cultivam as tradições e as glórias do Brasil.

Nas solennidades rituaes, "somente devem officiar os que possuem sagrada e consagrada investidura".

Cale-se, pois, a voz profana, exclamou o orador, para que se ouça a de quem em multiplas e differentes espheras mentaes, nas Lettras, no Direito, no Parlamento, na Imprensa, na Magistratura, no exercicio de altas funcções públicas, tem revelado capacidades privilegiadas, affins das que assignalavam Alencar.

Roga, por isso, ao sr. Augusto de Lima que venha illuminar o auditorio com a sua auctorizada palavra.

Terminados os applausos dados ás palavras do sr. Affonso Celso, assoma á tribuna o sr. Augusto de Lima, que realiza a seguinte conferência:

“Senhores.

O presidente perpétuo do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, meu amigo velho e querido mestre, honrou-me com a designação para fazer o elogio de José de Alencar, cujo centenario natalicio hoje passa.

Ha assumptos cuja maior difficuldade consiste, por já terem sido muito versados, em dizer cousas que, pela novidade, despertem interesse.

De José de Alencar, romancista, poeta, theatrologo, jornalista, parlamentar, estadista, em todas as suas faces e relevos, pouco resta por dizer, do quasi tudo que já foi dicto em livros, revistas e jornaes. Mas, com o decurso do tempo e o decalque dos factos, é sempre grato verificar o alcance, a verdade, a confirmação do que se disse ou escreveu no ambiente saturado de impressões flagrantes, em que a observação é imperfeita e nem sempre é imparcial o julgamento. Dessa verificação, exercitada sobre materia velha, resulta contudo uma novidade: o saldo liquido que se póde apurar para o patrimonio da cultura commum, no balanço do activo e passivo do escriptor. Não me proponho realizar tão difficil tarefa, que seria impossivel na rapidez desta hora commemorativa. Trabalho de folego já tem sido realizado por outros e ainda, ha poucos annos, de modo exhaustivo, pelo sr. Arthur Motta, a quem as letras nacionaes já muito devem. Limitar-me-ei a simples registos, de que faça resaltar, como o melhor relêvo da memória de Alencar, o ter sido elle o mais completo dos nossos escriptores na formação do espirito nacional. Foi esta a sua aspiração dominante, no romance, na poesia, no theatro, no publicismo doutrinario e na linguagem.

A *brasilidade*, como agora se diz, reçuma de toda a vida e de toda a obra de Alencar.

Comecemos pelo romance.

NACIONALISMO NO ROMANCE

Desde a mais tenra infancia a sua attenção foi despertada pela nossa natureza, a princípio na sua terra natal, banhada pelos *verdes mares bravios*, depois na zona do Sul, onde se passaram as principaes scenas dos seus romances. E' elle proprio quem depõe:

A inspiração do *Guarani*, por mim escripto aos 27 annos, caiu na imaginação da creança de nove, ao atravessar as mattas e sertões do Norte, em jornada do Ceará á Bahia. (*Como e porque sou romancista*, pag. 8.)

Em outro logar, annotando um trecho do *O Sertanejo*, em que evoca o sertão cearense, repete:

A essa jornada, cheia de accidentes e feita aos nove annos, deve o auctor as mais vigorosas impressões da natureza americana, e das quaes se acham os traços em muitos dos seus livros, especialmente no *O Guarani* e *Iracema*, e agora no *O Sertanejo*.
(*O Sertanejo*, I, pags. 1 e 255.)

Nada ha, com effeito, de mais suggestivamente característico dos accidentes geographicos da Serra de Teresopolis e da sua paisagem accidentada e alpestre do que a descripção do scenario, que abre a primeira parte do *O Guarani*, animada pelo trepido curso do Paquequer. Bellissima e tão incisivamente breve, como a precedente, é a descripção da tarde no capítulo VII, 1ª parte, do mesmo romance.

Os diversos aspectos com que apparece o Parahiba na vertiginosa carreira, em que eram arrastados, unidos á tona, Ceci e Peri, têm o colorido vivo e ardente das scenas tropicaes.

Annos depois, já feita a popularidade do *O Guarani*, evocara Castro Alves a mesma emoção, fazendo deslizar pelo São Francisco, attrahida pela Cachoeira de Paulo Affonso, a fragil canôa do tragico noivado de Maria e Lucas.

As estrêllas palpitam: são as tochas;
Os rochedos murmuram: são os monges;
resa um órgão nos céus.
Que incensol os rolos que do abysmo sobem.
Que thuribulo enorme: Paulo Affonso;
que sacerdote! — Deus!

Em *Iracema*, o scenario é differente, mas arde a mesma chamma da inspiração tropical. O sertão, os campos e as praias do Ceará são panoramas que Deus creou para orgulho do Brasil, e para a immortalidade daquelle que os soube colorir e animar no poema. Que marinha soberba, esta:

Onde vai a afouta jangada, que deixa rapida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?
Onde vai como branca alcyone buscando o rochedo patrio nas solidões do oceano? Tres entes respiram

sobre o fragil lenho, que vai singrando veloce, mar em fóra. Um joven guerreiro em cuja tez branca não córa o sangue americano; uma creança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam ermãos, filhos ambos da mesma terra selvagem. A lufada intermittente traz da praia um écho vibrante, que resôa entre o marulho das aguas: — Iracema!... O rolo das vagas precipitara. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horizonte. Abre-se a immensidade dos mares; e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abysmo!

Em *O Sertanejo* é o spectaculo grandioso de um incendio na floresta e a intervenção heroica de Arnaldo salvando d. Flor.

A labareda, como a lingua sanguinolenta da hydra, lambia os galhos resequidos, que desapareciam tragados pela fauce hianti do monstro. No seio do denso pegão do fumo, que submergia toda a selva, rebolcava-se o incendio, como um ninho de serpentes que arremettiam furiosas, enristando o collo, brandindo a cauda e desferindo silvos medonhos.

Ao mesmo tempo parecia que a tormenta percorria a floresta e a devastava. Ouvia-se mugir o vento, agitado pelo recolho ardente e ruidoso das chammias; um trovão soturno repercutia nas entranhas da terra, e a cada instante, no meio do constante estridor da ramagem, reboavam com os surdos baques dos troncos altaneiros, os estertores da floresta convulsa.

Foi nesse meio infernal, tão dantesicamente ampliado de onomatopéas, que se devia passar o drama heroico da salvação de d. Flor, uma das páginas do heroismo sertanejo, tantas vezes enaltecido pelos nossos poetas e romancistas, nunca, porém, tão vivamente colorido, como nas páginas de José de Alencar.

Foi sem dúvida aqui, nesta fomalha de inspiração, que, como na correnteza tragica que arrastava Peri e Ceci, Castro Alves se impressionou para escrever na *Cachoeira de Paulo Affonso* aquella página ardente da *Queimada*.

O sr. Arthur Motta destaca, com muita propriedade, alguns topicos caracteristicos do genero descriptivo brasileiro de José de Alencar: em *Til*, *A Fazenda das Palmas*, *A Furna*, *A Festa de São João*, *O Samba*, *O Incendio* e *O Congo*; em *O*

Sertanejo, A Queimada, A Herdade, A Malhada, Rosario, A Boiar, A Monteria; em Tronco do Ipê, O Boqueirão, A Doceira, O Natal, e outras passagens.

Não são menos brasileiros que os scenarios os actores creados pelo artista, nem menos brasileira a acção, com os seus motivos e estimulantes, bem como a linguagem que os exprime. Esta se particulariza no que se tem denominado — *Indianismo* —, predominando em *Iracema, Ubirajara* e parte do *Guarani*.

Alencar justifica assim esta modalidade:

Sem dúvida que o poeta brasileiro tem de traduzir em sua lingua as idéas, embora rudes e grosseiras, dos indios; mas nessa traducção está a grande difficuldade; é preciso que a lingua civilizada se molde quanto possa á singeleza primitiva da lingua barbara; e não represente as imagens e pensamentos indigenas sinão por termos e phrases que ao leitor pareçam naturaes na bocca do selvagem.

Para o romancista, o conhecimento da lingua indigena era o melhor criterio para a nacionalidade da litteratura. Esse nos dá não só o verdadeiro estylo, como as imagens poeticas do selvagem, os modos do seu pensamento, as tendencias do seu espirito, e até as menores particularidades da sua vida.

E achava que o verdadeiro poema nacional devia brotar dessa fonte. Nesse pensamento escreveu os quatro primeiros cantos do poema *Filhos de Tupan*, cujas difficuldades o fizeram estacar para, como possivel compensação, realizar o mesmo pensamento em romance, enquanto não proseguia na obra metrificada. E *Iracema* brotou-lhe da inspiração, e não é menos poema, hoje, do que quaesquer outros de metrica regular:

São versos livres, como agora se usam:

Verdes mares bravios
Da minha terra natal,
Onde canta a jandaia
Nas frondes da carnaúba.
Verdes mares, que brilhaes
Como liquida esmeralda,
Aos raios do sol nascente,

Perlongando as alvas praias,
 Ensombradas de coqueiros:
 Serenae, verdes mares,
 E alisae docemente
 A vaga impetuosa,
 Para que o barco aventureiro, manso,
 Resvale á flor das aguas.

(*Iracenia*, pag. 13.)

Apesar de considerar Gonçalves Dias o poeta nacional por excellencia, não lhe perdoava Alencar ter usado no seu poema dos *Timbiras* duma linguagem classica; o que tambem já havia sido censurado por Bernardo Guimarães, que o romancista cearense considerava "outro poeta de grande estro". (*Iracema*, pag. 234.)

Tambem não era toleravel o velho idioma quinhentista com que o poeta portuguez Mendes Leal se metteu a descrever scenas brasileiras, trabalho que, no conceito de Alencar, não passava de traducção esmerada de Fenimore Cooper, com substituição de nomes geographicos.

Neste poncto, declarando a minha absoluta concordancia com o auctor do *Guarani*, eu reivindico a auctoridade dos *Bandeirantes*, não para Cooper, mas para Paulo Duplessis, que ao original dêsse romance, plagiado *ipsis verbis* por Mendes Leal, deu o título de *Le Batteur d'Estrade*, conforme verifiquei cotejando as duas obras, palavra por palavra. Os *Bandeirantes*, em última analyse, fôram arrebatados das zonas dos *pelles vermelhas*, onde os collocara o escriptor francez, e transportados para o Brasil, cujos selvagens, na traducção do sr. Mendes Leal, falavam portuguez de Antonio Vieira e frei Luis de Sousa. Nada mais justo do que o protesto nacionalista de José de Alencar.

Entretanto, leitor dos classicos, sabia quanto era preciso versar o idioma castiço do protocollo e da hierarchia cavalheiresca.

No *Guarani*, a nobre familia de d. Antonio de Mariz, voluntariamente expatriado do sólo que o estrangeiro occupava, mantinha a religião legitimista no trecho de terra virgem do Brasil, que defendia, como lar portuguez, contra o dominio espanhol. Nem Pinheiro Chagas, que tanto arguira de barbaro o estylo indianista de Alencar; nem o proprio Alexandre Herculano, em cuja leitura se deleitara o auctor do *O Guarani*, nada teriam que corrigir neste quadro representativo do interior do solar improvisado de d. Antonio de Mariz:

As paredes e o tecto eram caiados, mas cingidos por um largo florão de pintura a fresco; nos espaços das janellas pendiam dous retratos que representavam um fidalgo velho e uma dama também edosa. Sôbre a porta do centro desenhava-se o braço d'armas em campo de cinco vieiras de ouro, riscadas em cruz entre quatro rosas de prata sôbre palas e faixas. No escudo, formado por uma brica de prata, paquife de ouro e de azul, e por timbre um meio leão de azul com uma vieira de ouro sôbre a cabeça. Um largo reposteiro de damasco vermelho, onde se reproduzia o mesmo braço, occultava esta porta, que raras vezes se abria, e dava para um oratorio. Defronte, entre as duas janellas do meio, havia um pequeno docel fechado por cortinas brancas com apanhados azues; cadeiras de couro de alto espaldar, uma mesa de jacarandá de pés torneados, uma lampada de prata suspensa ao tecto constituíam a mobilia da sala, que respirava um ar severo e triste, etc. (*O Guarani*, pag. 9.)

E' o estylo proprio para a descripção de um solar do fidalgo, em cujos labios o romancista põe esta solenne profissão de fé:

Aqui sou portuguez ! Aqui póde respirar a vontade um coração leal, que nunca desmentiu a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelo meu braço, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás na alma de teus filho. Eu o juro !

Descobrimdo-se, curvou o joelho em terra, e estendeu a mão direita sôbre o abysmo, cujos échos adormecidos repetiram ao longe a última phrase do juramento prestado sôbre o altar da natureza, em face do sol que transmontava. (*O Guarani*, pag. 13.)

Em todas as scenas passadas no interior da familia solarenga reina esse estylo nobre, que recorda o do *Eurico*, de Herculano. Mas não tarda o contraste, quando surge a figura de Peri e se rasga o espaço livre e selvagem da natureza virgem. O estylo muda ao soprar o vento da serrania, embalsamado das resinas da matta. O mysterio pantheista domina-o. E' a voz das cousas o que o indigena suppõe exprimir ao cerrar os labios. E no momento mais decisivo da tragedia, ao

vogar sem governo a cópa da palmeira sôbre a encapellada torrente do Parahiba, em paralelo com a realidade tragica, Peri sussurra aos ouvidos de Ceci a lenda religiosa de Tamandaré:

A água veio, subiu e cresceu; o sol mergulhou e surgiu uma, duas e tres vezes.

A terra desapareceu, a arvore desapareceu; a montanha desapareceu. A agua tocou o céu; e o Senhor mandou então que parasse. O sol, olhando, só viu céu e agua, e entre a agua e o céu, a palmeira que boiava levando Tamandaré e sua companheira. A corrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira, subiu com ella; subiu acima do valle, acima da arvore, acima da montanha. Todos morreram. A agua tocou o céu tres sôes com tres noites; depois baixou; baixou até que descobriu a terra.

Nada mais simples, nem mais expressivo do que esse trecho da biblia do selvagem, écho trazido pelas ondas do diluvio de Moysés.

Peri e Ceci — as duas raças rivaes — estreitam-se sôbre o abysmo; dessa fusão de dous sangues surge o Brasil. Da lingua do fidalgo, nobre, esculptural e de linhas puras, consorciada com a imaginosa, simples, ardente e primitiva do goitacá, nasce um nôvo idioma — o nacional, que domina toda a obra de Alencar.

Não era esta a mesma significação do symbolo creado no idyllio silvestre de Iracema e Martim? O fructo dêsse amor, abençoado pela cruz, era o élo de uma nova raça, que havia de conquistar o sólo, até então habitado pelas tribus indigenas, cuja energia se exgottava e cuja missão ia acabar.

Iracema disse a Martim: "Recebe o filho de teu sangue. Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe".

E a luminosa e heroica terra do Ceará nasceu para a civilização, e Camarão, com a sua tribu, acampou á margem da Mecejana, onde todos, com os olhos no futuro, aguardavam o nascimento do seu immortal cantor! O primeiro Cearense luso-tabajara, filho de Iracema e Martim, balbuciou numa lingua nova que havia de ser a dos poemas da sua terra e das glórias da nova raça.

INDIANISMO E NACIONALISMO

Cumpre, entretanto, accentuar que José de Alencar não professava o nacionalismo exclusivamente pela face *indianista*.

O que sempre sustentou foi que as heroides dos aborígenes não deviam ser celebradas por quem não conhecesse a sua índole, o seu rito religioso, a sua linguagem. A *Confederação dos Tamoios* só lhe mereceu severos reparos, por ser esse poema escripto em portuguez de Córte, sem característico dos personagens e do scenario em que se desenvolvia a acção.

No seu nacionalismo, tractando de outros themas dos seus romances, do sertão ou da cidade, cabiam outras assimilações, não só dos dialectos indianos, como de contribuições lexicas trazidas do commercio e relações com os paizes cultos. O que condemnava era o afêro, a obediencia rigida e cega á linguagem da antiga metropole, que tocara a méta da sua capacidade linguistica, ao contrário da nova patria brasileira, estimulada por todos os lados, rum scenario até então imprevisito, a crescer, variar de aspectos e acceitar todos os elementos adaptaveis ao crescimento e ao desabrochar das suas idéas.

Si a transformação por que o Portuguez está passando no Brasil importa uma decadencia, como pretende o sr. Pinheiro Chagas, ou si importa, como eu penso, uma elaboração para a sua florescia, questão é que o futuro decidirá. . Sempre direi que seria uma aberração de todas as leis moraes, que a pujante civilização brasileira, com todos os elementos de fôrça e grandeza, não aperfeiçoasse o instrumento das idéas, a lingua. Todos os povos de genio musical possuem uma lingua sonora e abundante. O Brasil está nestas condições; a influência nacional já se faz sentir na pronúncia muito mais suave de nosso dialecto. (*Iracema*, — "Postscripto" — pag. 254.)

O tempo vai dando razão a José de Alencar. Cada vez diverge mais a pronúncia brasileira da portugueza, e sem desprezar a pureza da origem, a prosa e a poesia têm uma estrutura que já se não confundem com as congeneres de além mar. Mais que as leis moraes, a que se referia Alencar, as leis naturaes do meio ethnographico, geographico, climatico e social estão intensamente influindo para a differenciação dos dous idiomas, que nenhuma intervenção convencional poderá

impedir. Aliás, trilhou Alencar, romantico e indianista em uma de suas faces, o caminho que já haviam aberto Sancta Rita Durão, Basilio da Gama, Claudio Manuel da Costa, a despeito da subordinação á eschola classica, em que os collocou a crítica. Esse caminho foi mais tarde alargado por Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias. Nenhum, porém, desses precursores conseguiu utilizar, como Alencar, esse elemento para a emancipação da litteratura brasileira. Conseguiu-o por completo em *Iracema*, *O Guarani*, *Ubirajara* e *Filhos de Tupan*.

Nos outros romances, em que a fabulação se prendia a habitos locais, da cidade ou do campo, não teve necessidade de lançar mão do instrumento indigena para tecer a narrativa. Mas, ainda nesse genero, a sua linguagem era constituída de elementos locais, ou assimilados de fontes peregrinas, que vinham dar maior realce ás idéas e maior riqueza de colorido aos quadros, que tinham os céos, a terra e os mares do Brasil.

Foi o creador do romance nacional, abrangendo o selvagem, o colono e o habitante da cidade, sem preterição de Joaquim Manuel de Macedo, que se especializou no viver familiar, e de Bernardo Guimarães, que, melhor que nenhum outro, creou o romance da vida do interior e poetizou os costumes e lendas do planalto de Minas e Goiaz.

O nacionalismo preocupava a José de Alencar, através de todos os generos e aspectos dos seus romances, ainda nos assumptos que, pela sua natureza essencialmente humana, pudessem parecer superiores ás condições mesologicas, tanto physicas como sociaes do Brasil. Essa diversidade, de generos e aspectos, procurava o escriptor subordinar a um plano historico systematico. Para elle, a litteratura não era sinão a alma da patria, que transmigrou para este sólo virgem com uma raça illustre, aqui se impregnou da selva americana, e cada vez mais se enriqueceu ao contacto de outros povos e ao influxo da civilização. Esse periodo organico divide-se em tres phases. A primeira, aborigene, é a das lendas da terra selvagem e conquistada. *Iracema* brota das tradições que embalam a infancia do povo nesse periodo.

O segundo periodo é historico e representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que d'elle recebia a cultura, dando-lhe em troca os effluvios da sua natureza virgem e os thesouros do seu sólo. Transforma-se o scenario, brota uma existencia nova e o meio introduz novos costumes. O paiz mantém, contudo, as tradições politicas e os laços á

metropole da patria originaria. E' a phase do *O Guarani* e das *Minas de Prata*.

Segue-se a última phase, a data da independencia, a da affirmação de costumes e habitos lididamente nacionaes. Neste periodo, diz Alencar, a poesia brasileira, embora balbuciente ainda, resôa, não já sómente nos rumores da brisa e nos échos da floresta, sinão tambem nas singelas cantigas do povo e nos intimos serões de familia.

Onde não se propaga com rapidez a luz da civilização, que de repente cambia a côr local, encontra-se ainda em sua pureza original, sem mescla, esse viver singelo de nossos paes, tradições, costumes e linguagem, com um sainete todo brasileiro. Ha, não sómente no paiz, como nas grandes cidades, até mesmo na côrte, dêsses recantos, que guardam intacto, ou quasi, o passado (*Bençam paterna — Sonhos de ouro*).

A esse último periodo filia Alencar *O Tronco do Ipê*, o *Til* e *O Gaúcho*. E' então nessa phase da infancia e adolescencia que ha que lutar contra a invasão de elementos peregrinos, para impedir que predominem sôbre o ineio nacional.

Notam-se ahi, através do genio brasileiro, umas vezes embebendo-se delle, outras invadindo-o, traços de varias nacionalidades adventicias: é a ingleza, a italiana, a espanhola, a americana, porém especialmente a portugueza e a franceza, que todas fluctuam, a pouco e pouco, e vão diluindo-se para infundir-se n'a'ma da patria adoptiva, e formar a nova e grande nacionalidade brasileira.

Desta luta, — conclue o romancista — são reflexos *Luciola*, *Diva*, a *Pata da Gazella*, e tu, livrinho, que ahi vais correr mundo com o rótulo de *Sonhos de Ouro*.

Todos os nossos criticos reconhecem o exito com que José de Alencar realizou este programma da sua peregrinação pelas lettras.

E' dêste parecer José Verissimo:

Fôra injustiça não reconhecer já que José de Alencar se não encerrou e inutilizou no indianismo.

Si para elle o indianismo foi meio capital de reacção brasileira contra o portuguezismo litterario, não resumiu toda a nossa litteratura, e os mais fri-santes aspectos da nossa vida nacional tentaram o seu engenho e a sua penna.

No *Gaúcho*, estuda a natureza e a vida pastoril do sul do Brasil; no *Sertanejo*, a mesma vida nas regies postoris do Norte; no *O Tronco do Ipê*, no *Til*, a vida agricola do paiz, no que ella é, porventura, mais intensa ou, pelo menos, o meio em que se dês-envolve essa vida; na *Pata da Gazella*, no *Sonho de Ouro*, em *Senhora*, em *Luciola*, em *Diva*, a vida artificial, futil, imitativa da capital, que é a mais alta e nem sempre real expressão da civilização nacional.

Termina José Verissimo, citando o *Guarani*, as *Minas de Prata* e *O Garatuja*, como a expressão do Brasil em formação (1)

Não foi menos nacionalista Alencar nos seus romances da cidade, do que o havia sido nos do campo, quer na phase indianista primitiva, quer na da plena estabilidade brasileira.

A sociedade carioca do seu tempo não teve me!hor pintor. A sua galeria de typos femininos patricios é exemplar e inconfundivel, até nos proprios romances em que se diz ter Alencar tirado inspiração de escriptores francezes. Macedo iniciara o genero em *Moreninha*. Alencar o aperfeiçou e requintou em *Cinco Minutos*, *A Viuvinha*, *Luciola*, *Diva*, *A Pata da Gazella*, *Sonhos de Ouro*, *Senhora*, *Escabiosa Sensitiva* e *Encarnação*. Nestes, que já são estudos sociaes, contemporaneos da época, ha mais subtileza de analyse, mais capricho de observação. E' o lyrismo, por vezes, cortado de fina malicia.

Ainda aqui o romancista se manifesta um lusophobo, condescendendo com todos os outros elementos adventicios, cujos influxos elle não julga tão prejudiciaes á evolução nacional. Filho do Norte, tendo passado a infancia e adolescencia na provincia, não se resignava ao predominio que o commercio e a litteratura portugueza se exforçavam em impôr á capital do Imperio. Bem sensivel era a influéncia lusitana, pelo menos na Phonetica. Os Cariocas motejavam da pronúncia provinciana, do Norte, do Sul e do interior, que carregava sensivelmente nas vogaes. Os que não são muito moços ainda alcançaram resto

(1) J. Verissimo — *Estudo Brasileiro*, citado por Arthur Motta. (José de Alencar).

dêsse tempo, em que, para não ser ridiculo, o baeta, como se alcunhava o Mineiro, ou principalmente a baetinha, via-se obrigado, quando aqui chegava, si fôsse vaidoso, a imitar o sotaque fluminense: *cullegio, pleja, arrois, goxto, bleza, tupete, pladar, narmurado. O Xinhor é de minach? Xim, xinhora; xou d'Xabrá.*

Foi contra estas e outras deturpações da indole do idioma que se devia formar no Brasil, em grande parte já accentuado no interior, de accôrdo com as leis da Glottologia, que militou com bravura o auctor dos *Sonhos de Ouro*.

Ja hoje ninguem percebe mais no Carioca pronúncia differente da do resto do paiz, como felizmente já se extinguiu tambem o antagonismo entre o habitante da Guanabara e o da Serra do Espinhaço, que se mimoseavam, respectivamente, com os appellidos de *pé de chumbo* e *baeta*.

NACIONALISMO NO THEATRO

Nem uma só das peças do theatro de José de Alencar deixa de revelar o accentuado tom do nacionalismo que lhe distingue todas as outras producções. *O Verso e Reverso* é uma comedia, que hoje, talvez, se denominaria *Revista*, porque compendia habitos e scenas characteristicas da Côte naquelle tempo, nos seus dous aspectos de contraste, em que os vê o estudante provinciano, de observador recém-chegado e do apaixonado, depois, pelos olhos da prima Julia.

O Demonio Familiar é uma página preciosa da história da escravidão no Brasil, como a *Cabana do Pae Thomaz* o foi nos Estados Unidos. Pedro, de José de Alencar, salvo o character differencial da natureza de cada um, formaria com Fileno e Beija Flor, de Stowe, uma trindade fraternal. O character differencial está principalmente no contraste de habitos entre os Americanos e os Brasileiros. Na *Cabana do Pae Thomaz*, um moleque, alforriado, arremata em praça o seu amigo de infancia e faz com elle tudo o que elle mesmo padeceu dos seus senhores. A separação hostil de raças, reinante nos Estados Unidos, preservando de qualquer contacto negro a raça branca, explica bem porque a acção dos dous moleques não passasse da sua esphera. No *Demonio Familiar*, porém, o moleque Pedro vive na intimidade do seu senhor e das sinhás, velha e moça, bem como dos nhonhôs. Conhece-lhes todos os segredos e faz parte intermediaria delles, como *leva e traz*. Ignorante, mas esparto, instinctivamente maligno, arma enredo que quasi chega a dissolver a familia. Dando-lhe carta de alforria, quem se

liberta é Eduardo e com elle a familia, que só então pôde respirar em paz.

No Brasil, como em parte nenhuma do mundo onde houve o regime servil, nunca foi o escravo considerado corpo extranho e desprezível no seio da familia, e foi seguramente esta noção que Alencar pretendeu exprimir nessa comedia de costumes, e principalmente no emocionante drama que tem o título *Mãe*, de quem Arthur faz este bello e sobrio commentario:

Existem alli scenas que attingem as alturas da verdadeira emoção dramatica. Aquella em que a escrava Joanna, no auge do desespero, se envenena para que se não saiba que ella é a mãe de Jorge, moço formado em medicina, e não se lhe desfaça o casamento com Elisa, que não se queria ligar provavelmente a um filho de escrava — é uma destas. Aquelle brado que nega com resolução e ao mesmo tempo inconscientemente affirma: — Eu não... Eu não sou tua mãe, não... meu filho!... é um rapto de perfeição artistica que chega ás grandes emoções.

O mesmo designio de reproduzir scenas e quadros brasileiros inspirou os outros trabalhos theatraes de Alencar: *As Azas de um Anjo*, *A noite de São João*, *A Exposição*, *o Credito*, *O Jesuita*, e os ineditos *O Abbade*, *Flor Agreste* e *Gabriella*.

Na ribalta, e nas scenas dos romances, como se vê e pôde ser verificado no exame dessa volumosa producção, foi Alencar um constructor de lettras nacionaes e um grande animador do espirito brasileiro.

Não o foi menos no Jornalismo, no Parlamento e no Governo. Não me deterei na documentação destes aspectos, porque sei que, dentro de poucas horas, o grande presidente desta sessão, o glorioso escriptor conde de Affonso Celso, vai projectar sobre elles a luz do seu espirito e o calor da sua palavra.

Ficará assim posto em maior relêvo o merecimento do romancista de *Iracema* e dramaturgo de *Mãe*, como um dos factores, sinão o maior, da nacionalidade das nossas lettras. Essa qualidade apostolar, que lhe grangeia hoje a maior glória, attrahiu-lhe, como era de esperar, a corôa de espinhos e os açoites do despeito e da inveja. Não pretendo fazer, rem é preciso que faça, o inventario destas miserias, que são de

todos os tempos, e que formam o cortejo necessario para elevar o genio, ou o sancto á glória, que merecem.

Mas para honra de José de Alencar, cujo nascimento não foi exquecido num seculo inteiro, não deixarei de commemorar, com abreviado registo, os esforços que fôram accumulados para o seu exquecimento, os quaes elle desprezou com o seu genio retrahido e activo.

Não lhe perdoou o sr. José Feliciano de Castilho o successo com que proclamou o *Sept de Septembre* da litteratura do Brasil, e, acceitando a funcção de collector das diatribes daqui e dalém mar desencadeadas contra o escriptor cearense, canalizou em dous grossos volumes todo esse material de destruição, já não só litteraria, mas politica e pessoal. Isolado, porque nem sequer pertencia a uma sociedade ou grupo litterario, não fazendo parte dêste Instituto, que então, como agora, constituia para os homens publicos de alta cultura uma alta patente de valor; não chegando depois o seu rome a figurar sequer no curso de Litteratura; negado por Gonçalves de Magalhães; negado por Ferdinando Wolf; negado por Franklin Tavora; negado por Henriques Leal; negado por Tobias Barreto; negado por Pinheiro Chagas, que pretendeu cortar as *Azas de um Anjo* e as da aguia cearense; elle ahi está, vivo nas suas obras, immortalizado nos seus heróes, vibrando na alma do Brasil. A serra dos O'rgãos levanta o seu nome; o Parahiba o chora nas suas aguas; o Ceará, praia, campos e sertões orgulha-se do seu berço; o Norte, o Sul e o interior penetram-se do seu pensamento; e com carinho maternal a Tijuca, o Corcovado, o Pão de Assucar e o mediterraneo de Guanabara lhe velam o mysterio do tumulo.

Veio escoltado, no seu cortejo de principe real das lettras do Brasil, por Machado de Assis, que, annos depois, o elegeu seu patrono na Academia e lhe havia lembrado, ao lançar a primeira pedra no seu monumento, o canto da jandaia, que passaria a ser o symbolo da posteridade; Pedro Luiz, que lhe proclamou a *voz divina*; Bittencourt Sampaio, Carlos de Laet, Cardoso de Meneses, Emilio Zaluar, Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Escragnolle Taunay, Ferreira de Araujo, José do Patrocínio, André Rebouças, Joaquim Serra e Affonso Celso Junior, unico restante, o qual felizmente vivo e são no zenith do espirito, era, naquella hora, o sol nascente da nova geração de poetas.

Vinte annos depois dessa procissão pontifical das lettras, accompanhando o genio, o monumento, cuja primeira pedra lançara Machado de Assis, era já erguido então, em 1897, coberto de ouro e luz pela palavra de Coelho Netto, que perante

a multidão proclamou aquella apothéose "a exaltação do genio americano".

Estava confirmando o que promettera Machado de Assis no soneto nenia:

Foges-nos, como se a chamar sentiras
A voz da glória pura que esperavas.

E hoje, mais do que nunca, ampliada pelo tempo, e na consagração nacional dêste centenario, para servir de fêcho de ouro a este pallido elogio, tem perfeito logar a poesia, que, ha mais de meio seculo, deixou Affonso Celso, cair, juntamente com a grinalda de saudades e a corôa de louros, sôbre a fronte pallida do sonhador de *Iracema*.

A patria na angustia extrema.
Chorou ao ve-lo partir.
Como a olvidada Iracema.
Sentindo o amado fugir.
E agora... delle a memória
Nos fundos mares da história
Deslisa, calma, ideal...
Como o batel dos gentios
Nos verdes mares bravios
Da sua terra natal!...

(*Prolongados e calorosos applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*), felicitando vivamente o sr. Augusto de Lima pelo magistral trabalho que foi tão applaudido, agradece a presença do selecto auditorio, salientando os illustres representantes do Ceará no Senado Federal e na Camara dos Deputados, a do digno presidente da Academia Brasileira de Lettras, a do eminente consocio sr. Victor Maúrtua, ministro do Perú, e convida a todos para a sessão que o INSTITUTO realizará no dia 6 do corrente, ás 5 horas da tarde, e na qual o illustrado consocio sr. Agenor de Roure fará uma conferencia sôbre frei Francisco de São Carlos, cujo centenario da morte ocorre naquella dia.

Em seguida levanta-se a sessão. — *Agenor de Roure*, 2º secretario.

Além dos socios do INSTITUTO, assistiram á sessão os senhores senadores João Thomé e Francisco Sá; deputados José Moreira da Rocha, dr. Fernando Magalhães, pela Academia

de Lettras e pela Associação Brasileira de Educação; drs. Paulo J. Pires Brandão, Lupercio Hoppe, Alcides Bezerra, Luis Duarte Gama, Erasmo Braga e Randolpho Chagas, pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; dr. Francisco Prado, pelo Centro Cearense; José Motta, José Cola, Orcival Leão Barbosa Velho; padre Geraldo J. Pauwles, dr. Roberto Moreira da Costa Lima, general Luis Sombra, José M. de Vasconcellos, Plinio Dolye, Luis André Costa e Fernando Alvares, pela Academia Pedro II; F. Alvares Coutinho, Armando A. de Castro, Paulo Celso de Almeida Coutinho, dr. José Affonso Bandeira de Mello; sras. Constança Machado, Vera de Lima, Dely Vieira Cavalcanti, Maria de Lourdes Machado Ribeiro e Julia Mendes, Alfredo Brito, Oswaldo Cruz Paiva, sra. Marie Luce e Arnaldo Lutz Luce, Sanetino de Queiroz, Euclides Alcantara, dr. Pessôa de Andrade, Paulo Domingues da Silva, Hilton Fortuna, Haroldo A. Alencar, dr. Léo de Alencar Netto, A. Minervino, sra. Maria Guilhermina Braga, sra. dra. Orminda Bastos, pela Liga de Defesa Nacional, e coronel Manuel Cavalheiro.

Os senadores Francisco Sá e João Thomé, o deputado Moreira da Rocha e o dr. Fernando de Magalhães, a convite do sr. Presidente, assistiram á sessão do recinto dos socios.

— O sr. conde de Affonso Celso nomeou os srs. Manuel Cicero, Camello Lampreia e Sousa Docca para representarem o INSTITUTO nas sessões commemorativas da Academia de Lettras e Centro Cearense.

1.544* SESSÃO (TERCEIRA SESSÃO ORDINARIA)

REALIZADA EM 6 DE MAIO DE 1929

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(Presidente perpetuo)

A's 17 horas, abre-se a sessão com a presença dos socios senhores conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, d. Francisco de Aquino Corrêa, Helio Lobo, Augusto de Lima, Alfredo Ferreira Lage, Thiers Fleming, Alfredo Valladão, Antonio Borges Leal Castello Branco e Eugenio Vilhena de Moraes.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º *secretário*) lê a acta da sessão anterior, a qual, sem debate, é unanimemente approvada.

O SR. MAX FLEIUSS (1º *secretário perpétuo*) lê, das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, as que se referem á data da sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que, occorrendo na data da sessão, a do centenario do passamento de frei Francisco de São Carlos, vulto eminente da parenética e nas letras nacionaes, notavel tambem por seus altos sentimentos patrioticos, o INSTITUTO vai render-lhe homenagem especial, conforme, á lei do programma fielmente observado ha mais de nove decades, costuma proceder para com todas as individualidades e factos gloriosos da Patria.

Traduzirá os sentimentos do INSTITUTO, com a costumada competencia, o sr. Agenor de Roure, a quem pede que faça ouvir a sua palavra sempre conceituosa, erudita e elevada, e a quem apresenta, com agradecimentos, antecipadas felicitações.

O SR. AGENOR DE ROURE, da tribuna, profere a seguinte conferencia:

CENTENARIO DA MORTE DE FREI FRANCISCO DE SÃO CARLOS

— “Ordenou v. ex., sr. presidente, que eu me incumbisse de dizer ao INSTITUTO HISTORICO, no dia de hoje, em que commemoramos o centenario da morte de frei Francisco de São Carlos, quem foi esse “insigne prégador régio”, como está escripto no retrato que o Convento de Sancto Antonio guarda com zelo e carinho. Digo-o sinceramente, sem modestia: não foi feliz a escolha, porque se ha alguem, nesta casa de trabalho e de patriotismo, incapaz de qualquer manifestação de eloquencia—esse alguem sou eu. Sempre fui a negação da palavra fallada. A minha expressão verbal é fallha, deficiente, difficil e obscura, arrancada sempre com difficuldade. Além disto, faltam-me a figura, as attitudes, os gestos, as tonalidades de voz que devem ter os oradores. A vida de imprensa habituou-me a só saber manifestar o meu pensamento por escripto, de modo que ainda que eu tivesse podido produzir alguma cousa de interessante sôbre tão notavel figura da Egreja, teria fatalmente de ficar prejudicada por uma leitura sem a vida e sem o calor, que só a eloquencia, como dom natural, poderia dar.

E' pena, portanto, que tenha sido eu o escolhido para tractar de uma personalidade que tanto honrou a tribuna sagrada no Brasil. O elogio de um orador só por outro orador pôde ser feito de modo brilhante. E, quando o orador em fóco é um São Carlos, a tarefa torna-se ainda mais difficil, principalmente depois que d'elle se occuparam, nas páginas da *Revista* deste INSTITUTO, homens como Ramiz Galvão, Pereira da Silva e José Tito Nabuco de Araujo; fóra dellas, Macedo e Sylvio Roméro. Todos são unanimes em louvar a eloquencia de frei Francisco de São Carlos. Macedo affirma que, chegando ao Rio, o principe regente já *esperava contemplar maravilhoso paiz e achar-se na terra dos prodigios das riquezas naturaes, mas estava bem longe de imaginar que encontraria, na Colonia muito explorada e pouco protegida, genios e intelligencias de surprehendente valor*. Accrescenta: — *E d. João e sua Côte tiveram de admirar-se*. Cita, entre os genios da eloquencia sagrada, aqui encontrados pelo principe, *o padre Januario, em esplendida aurora, Mont'Alverne a romper magnifico, Sampaio e São Carlos no meio dia da sua gloriosissima e bem merecida nomeada eclipsadora*. (1) Para Macedo, depois do padre Caldas, frei São Carlos foi o maior e mais brilhante planeta na luzente pleiade.

Para Sacramento Blake, elle foi a *sereia do pulpito*, sendo assim considerado pelos do seu tempo. O padre Julio Maria, tambem notavel orador sacro dos nossos dias, referiu-se a São Carlos, Sampaio e Mont'Alverne, *como tres atletas da tribuna sagrada*. (2) Araujo Porto Alegre diz ter conhecido todos tres, conservando, em 1848, a lembrança de São Carlos, *membro do triumvirato oratorio que tanto ennobreceu o Convento de Sancto Antonio*. (3) Sylvio Roméro, crítico severo e exigente, achou que São Carlos *não era para ser desprezado, podendo ainda hoje ser lido como um dos documentos do portuguez brasileiro do comêço do seculo XIX*; e que, como poeta, *tinha ás vezes bellas phrases, imagens doces e vivas*. (4) Pensava Sylvio Roméro que São Carlos e outros oradores da época, considerados em si, não mostravam grande valor; mas, comparados a seus contemporaneos brasileiros, ostentavam-se notaveis, não sendo possivel passar-lhes por cima a esponja e atira-los ao olvido, embora não se devesse gastar com elles muito papel e muito tempo. Pereira da Silva affirma que

(1) Macedo — *Anno Biographico Brasileiro*, vol. II, pag. 23, etc.

(2) *Livro do Centenario*, vol. II, pag. 62.

(3) *Revista do Instituto Historico*, tomo X.

(4) *História da Litteratura Brasileira*, vol. I, pag. 274.

São Carlos ganhou logo popularidade com suas prédicas, correndo o povo á igreja *para ouvir a sua voz melodiosa e encantadora, os seus gestos perfeitos e nobres, a sua expressão limpida, corrente e risonha como o sorriso da aurora.* (5) Fernandes Pinheiro, citado por Tito Nabuco, referiu-se ás *torrentes de eloquencia que se despenhavam de seus labios como as aguas do São Francisco na Cachoeira de Paulo Affonso.* O mesmo Tito Nabuco disse que os sermões de São Carlos *eram o enlévo do auditorio arrebatado.* Finalmente, o nosso orador perpétuo, que é mesmo orador de verdade, como podem attestar quantos o ouvem sempre nesta Casa e fóra della, glória do nosso INSTITUTO e orgulho da Academia de Lettras, declara, no estudo sôbre *O Pulpito no Brasil,* (6) que São Carlos *elevava-se ás mais altas regiões do bello nas suas prédicas e que foi pharol da tribuna sagrada.*

E é dessa figura excepcional que eu tenho de fallar-vos hoje, depois de estudada e louvada por tantos mestres, como orador e como poeta. E' tarefa superior ás fôrças de quem não é orador e muito menos poeta. Aceitando a incumbencia, para cumprir uma ordem, tenho a desculpa de não pretender fazer critica e, sim, apenas, transmittir impressões colhidas na obra valiosa de São Carlos. Assim, não terá este INSTITUTO, no preito em homenagem á grande figura do auctor de *Assumpção,* um juizo fundamentado acêrca do merito dessa obra. Seria ousadia demasiada. Tereis de contentar-vos com a manifestação dos sentimentos que ella me inspirou e da impressão que ella me causou. Não direi, pois, do valor das orações e das poesias do "insigne prégador régio", limitando-me a repetir o que ellas me disseram, dizendo como senti o que disse o auctor.

Dar impressão do que viu, leu e ouviu é funcção de *reporter* e não de crítico. Tendo sido *reporter* de profissão, darei ás minhas impressões o feitio de uma reportagem, como si procurasse traduzir o pensamento de São Carlos, redigindo entrevista que me tivesse concedido através a sua obra. Será, talvez, um pouco pretencioso, mas o meu estudo terá certa preocupação psychologica, embora correndo o risco de parecer que fiz chiromancia ás avessas, registando o passado ao invés de adivinhar o futuro, servindo-me das linhas dos livros e não das linhas das mãos.

A biographia de São Carlos não está por fazer. Limitar-me-ei, pois, a repetir, em traços ligeiros, e no correr da pa-

(5) Pereira da Silva — *Plutarcho Brasileiro*, pag. 110, etc.

(6) *Revista do Instituto Historico*, tomo 92, vol. 146, pag. 77.

lestra, o que disseram os auctores já citados. Todos os que se occuparam do grande orador sacro dão-no como nascido no Rio de Janeiro, havendo divergencia apenas quanto á data: Macedo, Pereira da Silva, Moreira de Azevedo, Ramiz Galvão e o *Jornal do Commercio*, em o número especial do centenario de 1922, affirmam que o nascimento foi a 13 de Agosto de 1763; Teixeira de Mello vacilla entre 10 e 13 do mesmo mez e anno; Sacramento Blake refere-se a datas inteiramente diversas — 10 ou 13 de Fevereiro de 1768.

Deve haver êrro de impressão quanto ao anno, parecendo impossivel tão grande divergencia. Em companhia de Tavares de Lyra e Max Fleiuss, aos quaes devo algumas excellentes informações para o meu trabalho, estive no Convento de Sancto Antonio, com o intuito de verificar a data exacta do nascimento. Levava a esperanza de encontra-la gravada na lapide sepulchral. O tumulo de São Carlos é o terceiro da serie existente naquella convento e nenhuma inscripção apresenta, como os demais, excepção feita do de frei Sampaio. Existe, no Convento, um retrato de São Carlos, mas sem a indicação da data do seu nascimento...

No n. 182 da *Aurora Fluminense*, de Evaristo da Veiga, publicado a 13 de Maio de 1829, ha uma correspondencia assignada por O. C. C., sôbre a morte de São Carlos, occorrida uma semana antes, na manhã do dia 6, quarta-feira. Affirmou o correspondente que o grande orador sagrado foi victima mais de suas molestias *do que pêso dos seus 72 annos de idade*. Ora si, tinha 72 annos em 1829, é porque nascera em 1757 e não em 1763, ou em 1768. O missivista da *Aurora*, naturalmente algum amigo do morto, accrescentou ser São Carlos o mais velho padre da sua religião naquella época. Escrevia tudo isto septe dias depois do fallecimento, parecendo que o testemunho de um contemporaneo deve valer na verificação da data do nascimento. O certo é que nada cheguei a apurar de definitivo, nem mesmo nos livros de assentamento da Egreja de São José, onde São Carlos foi baptizado.

Frei Francisco de São Carlos, conhecido no seculo por Francisco Carlos da Silva, era filho de José Carlos da Silva e d. Anna Maria de Jesús, affirmando Pereira da Silva que pertencia a uma excellente familia. Foi baptizado, como já disse, na freguezia de São José. Aos 13 annos entrou para a Ordem Seraphica da Immaculada Conceição. Em 1778 foi acceito á ordem dos ermãos menores de São Francisco do Rio de Janeiro, tomando o hábito no Convento de São Boaventura, da Villa de Macacú, segundo conta Tito Nabuco. Professou no dia 1 de Novembro de 1779, sendo nomeado collegial para o curso

de Philosophia aberto em 1781. A 5 de Julho de 1784, recebeu as ordens de sacerdote. O silencio do claustro fez o milagre de formar mais um grande orador sacro. Parece que não devia ser assim, e que a tranquillidade, o socego e a ausencia de rumores no convento, longe do bulicio da vida, deveria convidar á meditação e ao trabalho, ao estudo e á linguagem escripta, mas nunca produzir eloquencia. No entanto, só na época em que viveu São Carlos, tivemos no Brasil outros oradores sacros de vulto, como Sampaio e Mont'Alverne, para não citar sinão os maiores. O certo é que a vida no convento e o seu natural pendor para o isolamento, alliado a seu temperamento profundamente religioso, concorreram para a formação do seu espirito e desenvolvimento da sua intelligencia. Aprofundou-se no estudo da Theologia e da Philosophia, sem desprezar a Litteratura. Os criticos affirmam o seu preparo e o seu saber, negado apenas por Sylvio Roméro, quando diz que houve leviandade em compara-lo a Milton e a Dante, pois que, para elle, São Carlos foi um homem amavel e intelligente, mas sem grande cultura.

Pereira da Silva diz, na obra já citada, que São Carlos aproveitou o tempo do seu retiro em Macacú, "*preparando a sua voz e seus talentos para o tempo em que lhe fôsse per-mittido desenvolve-los*" e que "*já lhe murmurava o pensamento aponctando-lhe o pulpito como o logar de sua glória...*" Não sei si o notavel historiador assim se exprimia por simples presumpção e suspeita, ou si chegou a verificar a exactidão do que affirmava, isto é, que São Carlos *preparava a sua voz* desde os dezenove annos. O certo é que, em regra, os que se sentem com vocações oratorias devem mesmo preparar a voz, modulando-a, para dar-lhe inflexões melodiosas, tons agradaveis e afinação, de modo a dizer com variado modo e poder falar segundo as regras da harmonia. A Oratoria é uma arte e ninguem é artista perfeito sem o estudo da sua arte. E' bem possivel, pois, que São Carlos tivesse sonhado, desde cedo, com as glórias do pulpito, preparando não só a sua voz como o gesto e a expressão physionomica, de maneira a haver perfeita correspondencia entre as palavras e as attitudes. O orador perfeito deve ter, na voz e no rosto, expressões con-dizentes com o pensamento, accompanhadas dos gestos apropriados. E parece que o grande prégador, objecto da nossa homenagem de hoje, não se descuidou disso, pois, tendo affirmado que elle preparara a sua voz em Macacú, Pereira da Silva referiu-se mais adeante ao successo de sua voz "*melo-diosa e encantadora, á perfeição dos seus gestos e á expressão limpida e risonha como o sorriso da aurora nos sermões da Capella Real*".

Podemos, portanto, admittir que São Carlos teve realmente a preocupação da oratoria desde estudante. E, para ser prégador, achou que não lhe bastaria estudar as obras dos padres da Egreja Latina, da Grega ou da Oriental: leu Homero, Demosthenes, Platão, Sophocles, Eschylo, Aristoteles e Lucrecio. Affirmam os que lhe escreveram a biographia que Dante e Milton lhe eram tão familiares como São João Chrysostomo e Sancto Agostinho, como a Biblia e o Nôvo Testamento. Com essa cultura e com a arte de dizer, chegou á culminancia da Oratoria. A sua eloquencia nobre e apaixonada, disse Pereira da Silva,

revelava a immensidade do seu genio, a extensão de suas luzes e o sincero e religioso enthusiasmo que o animava e santificava.

E accrescentou: (7)

Era sua figura bella e vistosa, sua physionomia, elegante e expressiva, assimilhava-se á de São Basilio, como no-lo pintam as antigas gravuras, e no-lo descrevem as velhas chronicas: dous olhos grandes e negros patenteavam o fogo que dentro da alma lhe ardia, bocca rasgada e formosa, deixava sair um som como que musical, que deslisava perfeito e acabado órgão.

Conheço dous retratos de São Carlos: um, de perfil, no volume de Abril a Junho da *Revista Popular*, de 1859; outro, em perfeito estado de conservação, no Convento de Sancto Antonio. Si aquelle recorda São Basilio, este lembra antes uma figura dos nossos dias, tornando mais facil fazer idéa do seu typo physico — a do ex-presidente da República Argentina sr. Marcello Alvear. Não parece, pelo retrato, que seus olhos fôsem grandes, mas antes pequenos e vivos, com olhar penetrante, que é olhar que falla. A sua physionomia tem a expressão agradável de quem sabe querer, sorrindo, de quem pede quando ordena e, por isso mesmo, manda com o pedir. Com aquelle ar de bondade severa, mas de uma severidade disfarçada por ligeiro esbôço de sorriso, a figura de São Carlos existente no Convento de Sancto Antonio dá idéa de um conductor de almas profundamente religioso, mas nada intolerante, pro-

(7) Pereira da Silva — *Plutarcho Brasileiro*, pag. 110, etc.

curando vencer pela persuasão, fallando á intelligencia e fazendo appello á consciencia dos ouvintes. Esta a impressão que deixou a vista de seu retrato. Coincide com a opinião de Pereira da Silva:

Suas alegrias, seus prazeres, suas esperanças eram todas internas, todas da intelligencia, da alma e do coração — fontes mais puras de perennes delicias do que os objectos physicos e exteriores.

Assim, a sua personalidade, no aspecto exterior, revela tão bem a sua vida interior como os seus sermões e os seus versos. Por isso mesmo, é muito possivel que a sua fama resulte mais das prédicas e orações que dos versos; aquellas ouvidas de viva voz, tinham por si o vulto presente, irradiando sympathia e bondade, provocando admiração pelo que dizia e mais ainda pela maneira de dizer; estes, os versos, como todos os escriptos, mesmo os mais bellos, soffrem com a leitura feita por quem não sinta do mesmo modo, variando de valor e de intensidade emotiva através os temperamentos, e perdendo, por isso mesmo, a graça e a elegancia, naturaes em quem os concebeu ou escreveu e difficeis em quem os vai interpretar.

O sermão, como qualquer discurso pronunciado por orador de merito, impressiona muito mais ouvido do que lido. Não é de extranhar, portanto, que Sylvio Romero, crítico rigoroso, houvesse posto restricções á fama de frei Francisco de São Carlos: leu-o sem te-lo ouvido. Os outros escriptores, que se occuparam do eximio artista da palavra, fizeram narrativas historicas e não critica. Pereira da Silva teve de confessar que

o orador é dos homens de genio o mais infeliz, porque a melhor parte do seu talento morre com elle e com o seu corpo baixa á sepultura: o que lhe sobrevive é pallida cópia, que não dá perfeita idéa da sua grandeza.

E' uma verdade. Fui redactor de debates e funcionario da Camara durante muitos annos; e tive occasião de verificar este facto: discursos ouvidos, com applausos geraes, tornarem-se banaes, ôcos, sem idéas, depois de publicados, por faltarlhes, na leitura, o encanto da voz modulada, da phrase sublinhada com malicia, do tom de ironia, do ronco da ameaça e da elegancia de gestos com que fôram pronunciados. Ao con-

trario, discursos ouvidos sem interesse, por serem dictos de modo monotono, sempre no mesmo tom, tornarem-se admiráveis quando lidos e meditados. Si assim é e si a presença do orador, a sua arte, a sua figura e a sua voz podem prender e interessar o auditorio, mesmo quando dentro do discurso só ha musica, podemos imaginar o valor das orações de frei Francisco de São Carlos, cheias de idéas e de conceitos, de harmonias e de tonalidades, de colorido e de sabedoria, que diminuem de intensidade na leitura, mas sem desaparecerem de todo.

Já deixei dicto que Sylvio Roméro não o admirava tanto quanto os outros escriptores que d'elle se occuparam. (8) Achava-o "um pouco declamatorio, embora com muita pompa de linguagem". Esta pompa é que ainda hoje, sem a sua presença, sem a sua voz e sem a sua figura imponente torna notaveis as suas prédicas — as poucas publicadas e que puderam chegar até nossos dias. Araujo Porto Alegre, em carta ao dr. Lagos, publicada no tomo X da *Revista* deste INSTITUTO (anno de 1848), disse ter conhecido o triumvirato oratorio que tanto ennobreceu o Convento de Sancto Antonio. Para elle

São Carlos era a graça deslizando com toda a espontaneidade por um caminho de flôres, enquanto que o padre mestre Sampaio era a belleza circundada de todos os atavios da eloquencia.

Aos dous se junctava Mont'Alverne, "escudado da fôrça da Philosophia e da austeridade dos padres da Egreja".

Como se vê, estão ahi duas opiniões mais que divergentes, porque são oppostas: Sylvio Roméro enxergando declamação, embora com pompa de linguagem, nas orações de frei São Carlos; Porto Alegre vendo, ao contrario, no estylo do grande prégador, a graça que desliza espontanea por um caminho de flôres. A declamação é arte; mas Sylvio Roméro certamente quiz dar á palavra o significado de emprêgo viçioso de phrases pomposas. Não é possivel que o "insigne prégador régio" tivesse ao mesmo tempo as duas eloquencias de que fallou Vauvenargues: — a que está apenas nas palavras e que consiste em reproduzir facilmente o pensamento (estylo declamatorio); e a que está nas idéas e nos sentimentos, servida pela facilidade de expressão (a verdadeira). A' primeira basta um pouco de imaginação e de memória; mas a segunda

(8) *História da Litteratura Brasileira*, vol. I pag. 274, etc.

não existe sem a profundez da idéa, o raciocínio logico e o sentimento. Demais, a pompa que Sylvio confessou existir no estylo de frei São Carlos é característica da boa eloquencia, porque é o apparatus do pensamento, é a roupagem rica da palavra, é o fausto e é a magnificencia da linguagem. Não é o emprêgo vicioso de phrases retumbantes e ôcas. Logo, si não era viciosa a pompa dos sermões de São Carlos, elle não era um simples declamador. De Bossuet, ao qual São Carlos foi comparado por historiadores, disse o mesmo Vauvenargues que tinha magestade, pompa, magnificencia e enthusiasmo, e que foi o *pae da eloquencia*. O quasi incontentavel crítico sergipano talvez tenha feito, sem o querer, o maior elogio á eloquencia do franciscano eminente, a cuja memória estamos hoje rendendo a homenagem do nosso respeito, só com o reconhecer-lhe a pompa do estylo, uma vez que essa pompa serviu tambem para consagrar o celebre bispo francez, a *Agua de Meaux*, o grande orador sagrado que foi Boussuet, cujas orações funebres são monumentos sublimes de eloquencia sagrada.

O certo é que, tendo feito os seus estudos e preparado a sua voz em Maruhi, quando voltou ao Rio "começou logo São Carlos a primar como orador no pulpito e engrandecer-se no magisterio". Em 1801, foi nomeado, pela sua Ordem, professor de Eloquencia sagrada... justamente de Eloquencia sagrada. Ora, a Ordem, que se orgulhava dos seus grandes nomes, não o teria distinguido por esta fórma sem que elle fôsse realmente merecedor da honraria. A um simples declamador não daria a Ordem o encargo de ensinar Eloquencia sagrada. Nem é possivel que Sylvio Roméro, pela leitura de alguns sermões, um seculo depois, pudesse, melhor que a Ordem, ajuizar do merito do orador. Talvez que o nosso talentoso crítico litterario e polemista tenha sido influenciado pelo seu temperamento impetuoso e pela ausencia do tribuno, que J. M. de Macedo (9) disse ter todas as qualidades indispensaveis ao orador:—"profundos e variados conhecimentos, enthusiasmo religioso, imaginação brilhantissima, estylo suave e ameno (que diz bem com a "graça deslizando entre flôres" de Porto Alegre), elegante e correcta dicção, voz sonora e enlevadora e bella presença". Essas últimas qualidades, São Carlos as levava para o tumulto. A sua ausencia deve ter concorrido para o juizo de Sylvio Roméro, como a sua presença determinou a escolha feita pela Ordem.

Nenhum dos auctores que se occuparam da vida e da obra de frei Francisco de São Carlos fez referencia á sua me-

(9) *Anno Biographico Brasileiro*, vol. II, pag. 23, etc.

mória. Não é natural, pois, que a tivesse boa ao ponto de permittir-lhe repetir sermões decorados. Era, portanto, orador espontaneo. Macedo diz mesmo que tinha repentes felicissimos. Conta que um dia prégava São Carlos na festa de Nossa Senhora das Dôres e viu chegar a rainha d. Maria I, quando já ia adeantado o sermão. Fez uma pausa e exclamou: — *Infandum, Regina, jubes renovare dolorem*.

E' que a chegada da rainha forçava-o, por delicadeza, a recommear a oração, forçando-o tambem a renovar o martyrio de Nossa Senhora das Dôres. . . E' bem uma linda amostra da sua eloquencia natural e do perfeito equilibrio entre o pensamento e a palavra. Disto não são capazes os oradores que decoram discursos e os que fallam mais depressa do que pensam, dizendo o que não querem, ou pensam mais depressa do que fallam, não sabendo o que dizem.

A critica é o julgamento feito através um temperamento. E o temperamento de Sylvio Romero levou-o a encontrar defeitos grandes em frei São Carlos e em frei Sampaio, para empregar, no estudo sobre frei Caneca, estas palavras que dizem tudo: *Gosto dêste frade ousado e intelligente, decidido e enthusiasta. Depois dos rhetoricos, é-me grato avistar-me com um homem, nitida encarnação do espirito revolucionario*. De modo que, fazendo a história da Litteratura brasileira, preferiu a ousadia, a decisão e o espirito revolucionario de frei Caneca á rhetorica, á eloquencia e ao saber. . . dos outros dous. Está feita a defesa... dêsses outros!

Todos os demais auctores que li dizem a mesma cousa em relação ao enthusiasmo que a eloquencia de frei São Carlos causou á familia real, por occasião da chegada de d. João VI ao Brasil. Escolhido para prégear em presença das augustas personagens, diz Pereira da Silva que o principe regente

“ficou por tal maneira encantado da sua prodigiosa eloquencia que confessou não haver ouvido igual e nomeou-o immediatamente pregador da Capella Real, como prova de aprêço que sabia dar a seus subidos talentos”.

Macedo, por sua vez, diz ter d. João declarado que São Carlos *era o mais eloquente orador sagrado que tinha ouvido*.

Ramiz Galvão, mais feliz que os outros historiadores ou mais paciente e dedicado nas pesquisas, (10) conseguiu obter

(10) “O Pulpito no Brasil” — *Revista do Instituto Historico*, tomo 92, vol. 146, pag. 74, etc.

além do *Panegyrico de Sanct'Anna*, a oração pelo nascimento de d. Maria da Glória, princeza da Beira, e a proferida em acção de graças pelo anniversario da chegada da familia real, dando de todas trechos lindissimos. Não sei si este sermão do *anniversario* da chegada de d. João VI é o mesmo a que se referem Macedo e outros, quando dizem ter sido frei Francisco de São Carlos encarregado da prédica em acção de graças *pela chegada* do principe regente. Parece que são dous — o de 1808 e o de 1809. Não encontrei, nas colleções de leis, a nomeação de São Carlos para prégador da Capella Real. A data dessa nomeação tiraria qualquer dúvida sôbre a existencia dos dous sermões, si ella fôsse do anno de 1808, porque a nomeação foi consequencia do successo do primeiro sermão. Tudo leva a crer, entretanto, que São Carlos fallou duas vezes sôbre a vinda da familia real para o Brasil — uma, logo depois da chegada ao Rio, e outra um anno depois, commemorando exactamente o anniversario dessa chegada. A carta régia de 25 de Agosto de 1808 creou quatorze logares de prégadores regios effectivos, mas está publicada sem a relação dos nomeados, apesar da referencia que faz a essa relação. A carta régia está assim redigida.

Reverendo Bispo do Rio de Janeiro, do meu Conselho e meu Capellão Mór. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar como aquelle que amo. Sendo antigo costume dos Senhores Reis meus predecessores nomearem alguns ecclesiasticos benemeritos Prégadores Regios de suas reaes Capelas; e havendo eu estabelecido ultimamente na Capela Patriarchal 24 destes logares pela Carta Regia de 8 de Novembro de 1802: movido agora dos mesmos justos motivos com que sempre cuidei em favorecer os Ministros do Santuario, principalmente aquelles que se distinguem pela sciencia das sagradas letras e verdadeiro zelo com que desempenham o ministerio da palavra Divina: hei por bem participar-vos que tenho crado por ora 14 logares de Prégadores Régios effectivos para esta minha Capela Real do Rio de Janeiro, que constam da Relação que será com esta assignada por D. Fernando José de Portugal, do meu Conselho de Estado, Ministro Assistente ao Despacho do Gabinete e Secretario de Estado dos Negocios do Brasil, com obrigação de pregarem nos dias que eu houver por bem determinar, reservando a nomeação delles á minha real pessoa e a vós como meu Capellão Mór,

com o meu real conselho e concenso; os quaes, sendo clérigos seculares, gosarão de todos os privilegios dos Ministros da minha real Capela e Padroado real privativo; e, sendo religiosos, gosarão do privilegio de ex-geraes ou provinciaes, immediatos sem voto em Capitulo, da mesma fórma que tenho determinado para a Patriarchal de Lisboa; e lhes mandarei passar provisões com expressa declaração dos referidos privilegios, que serão registrados no archivo da mesma Capela Real e nos mais logares em que convier; e fareis expedir avisos dos respectivos Prelados de cada um dos nomeados, para ficarem na intelligencia desta minha real determinação e fazerem inviolavelmente cumprir os referidos privilegios.

Acredito que frei Francisco de São Carlos tenha sido um dos quatorze; mas não encontrei prova evidente. Ramiz Galvão deixou claro, entretanto, que no comêço de 1809 era elle pregador real, pois que foi incumbido do sermão commemorativo do anniversario da chegada do principe ao Rio. O que mais deslumbrou d. João foi o facto de São Carlos nunca haver saído do Brasil; aqui nasceu, aqui estudou, aqui brilhou, aqui morreu. Sylvio Roméro declara que o principe *ficou maravilhado* quando soube disto, chegando a interrogar o notavel franciscano:—“E’s Portuguez?—Brasileiro, senhor; e nunca sai do Brasil”. Só por isso Sylvio Roméro achou-o *um pouco mais significativo* que Sampaio e outros.

Si o seu pensamento nativista levou-o a ter prazer em avistar-se com frei Caneca e a preferir o revolucionario ao rhetorico, serviu tambem para amenizar a critica da obra do homem que chegou a ser celebre sem ter saído do Brasil.

Não saiu do Brasil, mas saiu do Rio. De 1790 a 1796 esteve em São Paulo como lente de Theologia dogmatica, “tendo sido escolhido para esse cargo a instancias do reverendo capitular e da Camara da cidade”, segundo Tito Nabuco. Antes de sua partida para São Paulo, no espaço de tempo comprehendido entre o arno de 1784, quando recebeu as ordens de sacerdote, e o de 1789, exerceu, no Rio, os cargos de *passante* ou *repetidor* em 1785 e confessor e prégador dos seculares em 1789. De volta de São Paulo, foi eleito commissario dos Terceiros do Rio em 1796 e deputado para visitar as ordens terceiras de Minas em 1804. Ahi, a pedido do bispo, ensinou Eloquencia sagrada no Seminario de São José. No retrato que vi no Convento de Sancto Antonio está dicto que

foi definidor, leitor de *Philosophia*, censor e examinador do bispado. Ramiz Galvão cita ainda outros cargos por elle exercidos: guardião do Convento do Bom Jesús e de Nossa Senhora da Penha e visitador geral...

Mas não fôram esses altos cargos que lhe deram fama. Ao contrário, só foi chamado a exerce-los pela fama, que já adquirira, de eloquente orador sagrado. Todos os criticos lamentam não ter tido elle o cuidado de escrever e guardar ou publicar as suas orações, poucas das quaes chegaram até nós. Tito Nabuco de Araujo, depois de pesquisas feitas no Convento e na Bibliotheca Pública, dizia, em 1873, "que das homilias, sermões e orações funebres do illustre prégador, só pudera obter a que pronunciara nas exequias de d. Maria I". Ramiz Galvão disse que infelizmente a posteridade ficou privada da maior parte das obras primas do talento oratorio de frei São Carlos; mas foi além de todos os outros nas buscas que deu, pois encontrou mais tres sermões já citados.

Não me atreverei a accrescentar louvores aos que já fôram feitos por historiadores e criticos, especialmente pelo nosso eminente e sabio Ramiz Galvão, que tractou demoradamente de cada um dos sermões, notando a belleza e a riqueza de expressões do eximio orador sagrado. Quero apenas trazer-vos, como já disse, impressões de leitura. A primeira dessas impressões é a de que São Carlos fallava e escrevia com espirito religioso e sinceridade de crente, mas tambem com a preoccupação constante do patriota e do brasileiro. Como patriota, não podia deixar de amar Portugal e á familia real; mas, como brasileiro, que nunca havia saído do Brasil era nacionalista, era nativista. Como patriota, achou meio de introduzir, na oração funebre das exequias de d. Maria I, referencias a Napoleão Bonaparte, que invadira Portugal. Como brasileiro e nacionalista, não teve dúvida em incluir, em *Assumpção*, a descripção do Rio de Janeiro, fallando ainda com enthusiasmo, das nossas fructas.

De Napoleão disse que era "um monstro nascido em nossos dias para desgraça da humanidade; mas os reveses da fortuna já o haviam advertido da sua miseria, sepultando-o no pó do exquecimento, como objecto da execração pública". Os Portuguezes haviam despertado do lethargo e começado a mostrar "que não tinham degenerado dos Albuquerquees e dos Castros, nem daquelles atrevidos argonautas que arrancaram das mãos do gigante das tormentas as chaves com que fechavam as portas da aurora; que o vestido de glória que os trajavam no seculo XVI ainda não se tinha rompido no seculo XIX; que não tendo mais com quem combater dentro do Reino, haviam

levado sôbre seus hombros a imagem da victória em soccorro dos alliados vizinhos; que, marchando até ás portas do usurpador, derribaram seu throno regieida e lhe dictaram a lei na sua mesma capital; e que o tyranno (Napoleão) eclipsara-se e tornara a entrar no pó donde saíra e toda a Europa ficava em paz". Isto foi dicto a proposito da morte de d. Maria I. Artes, tractando propriamente da invasão, frei São Carlos não abusara tanto da eloquencia, que o fez pôr os Portuguezes, juncto aos alliados, em Pariz, para dictar leis ao imperador dos Francezes. No sermão commemorativo do anniversario da chegada do principe regente e da familia real teve elle uma phrase, que é a confissão de que o exaggêro faz parte da rhetorica e da eloquencia: dava graças ao Senhor de ter salvado a familia real de tantos perigos e dizia: "Si eu não desempenhar a grandeza do objecto, contentae-vos com o atrevimento de o inculcar. *Em materia tão sublime, o ser ousado é já ser eloquente*". E foi muito ousado mesmo ao descrever a desforra que os Portuguezes tomaram de Napoleão! Na oração de 1809, São Carlos fôra, talvez, mais eloquente ainda; mas, com certeza, menos ousado. Como brasileiro nativista, orgulhando-se dessa qualidade e até de nunca ter saído do Brasil, São Carlos devia sentir, no íntimo, certa satisfação com a invasão napoleonica, que occasionara a vinda da familia real e a completa mudança de situação para o Brasil. Si assim pensava, não o podia dizer, como não disse, qual fôra a razão da mudança da Côrte para o Rio de Janeiro. Valeu-se dos acontecimentos apenas para um lindo rasgo de eloquencia em favor do patriotismo portuguez. São realmente bellas estas palavras, que o mestre Ramiz Galvão publicou e vou transcrever:

Já por todas as nossas provincias do Norte tremúla o estandarte da Liberdade e retumba a voz do patriotismo. Já se limpam as armas velhas, que a paz e o ocio tinham feito pasto da ferrugem e que apenas tinham escapado ao olho ciumento do tyranno. Fundem-se novas lanças, novas espadas; provam-se arnezes; ajustam-se malhas. A cada passo retinem as bigornas debaixo dos golpes do martelo. O camponez honrado desce dos montes e vem offerecer á Patria o filho robusto, socio de suas fadigas, e converte o arado em espada. Já se aprende esta arte fatal, que com o nome de Tactica é um flagello destruidor da humanidade: ferve a guerra em todo Portugal. Já as palmas de Mondego e os loiros colhidos

nas lagoas de Austerlitz apparecem murchas pelas nossas estradas e calcados pelos pés dos nossos viajeiros.

Em outro trecho desta mesma oração de 1809, ainda São Carlos occupou-se da invasão que motivara a vinda de dom João VI e, portanto, o seu sermão de graças. Si havia de ser mais tarde exaggerado, no sermão da morte de dona Maria I, a verdade é que foi nesse outro mais razoavel: agradou á familia real sem exaggeros que sacrificassem a verdade historica. Não é errada esta minha impressão. O nosso querido e brilhante orador perpétuo, commentando as palavras de frei São Carlos, affirmou ter-lhe sido necessario *dissimular, para não offender susceptibilidades nem faltar á verdade sobre os acontecimentos, agindo como o pintor grego Appelles, que pintou o retrato de Autigono de perfil para encobrir-lhe a deformidade de um lado do rosto.* E' que São Carlos, tractando da libertação de Portugal, teve de confessar ser ella devida aos alliados. Fê-lo com elegancia, tacto e rara belleza de expressão nestes termos:

O tyrano não espera pelo nosso exército e tinha razão: elle teve tempo de conhecer que os Portuguezes por bern são cordeiros; por fôrça, leões; por fidelidade, portuguezes. Tanto temia elle os golpes da nossa espada! Não vos descontenteis, Portuguezes, si ao chegar o nosso exército, elle só achou o campo onde fôra Troia, si a mesa da carnagem apenas lhe apresentou os fragmentos que sobejaram á bocca da espada victoriosa. Todos triumpharam! Nós, por sermos os primeiros em levantarmos o estandarte da liberdade; os nossos alliados por se adeantarem em nos libertar; os Portuguezes, pelo sacrificio de não terem todos entrado na acção: os Inglezes, por a haverem supportado toda: os primeiros por pretenderem a glória que a fortuna lhes roubou; os segundos por terem a fortuna de a conseguir. Em uma palavra, tudo brilhou; uns pela Patria, outros pela amizade e todos pela glória.

Ha, neste trecho e em muitos outros, um estylo oratorio que não é o de um simples rhetorico e, sim, o de um orador subtil, fino e elegante, que sabe dizer tudo sem quasi nada dizer: e que, tendo por dever agradar, encantou sem bajular, como disse a verdade crua sem magoar. O estylo é pomposo sem ser

retumbante; é gracioso sem ser banal; é, talvez, ironico sem tornar-se aggressivo. Frei São Carlos conseguiu ahi transformar espinhos em flôres. Foi um verdadeiro milagre de habilidade esse de descrever a victória dos Ingлезes contra os Francezes em terras de Portugal, sem ferir melindres portuguezes! Ramiz Galvão acredita que nem Bossuet nos ministrou melhor exemplo de difficuldade vencida...

A alma brasileira de São Carlos não podia revelar-se em toda a sua fôrça nessas orações feitas sempre em presença dos soberanos e na qualidade de prégador da Capella Real. O seu patriotismo tinha mesmo de limitar-se, no momento, á manifestação de um filho da cidade do Rio de Janeiro, capital provisoria do reino de Portugal, em face da familia real portugueza. No trabalho de gabinete, escrevendo os versos do poema *Assumpção*, porém, o seu patriotismo já não cogitava da invasão napoleonica nem do valor da gente portugueza, limitando-se ás cousas do Brasil. E' mais suave, mais carinhoso, mais sincero, mais verdadeiro. Para revela-lo, tão natural elle era, bastou-lhe deixar que o sentimento brotasse espontaneo, calmo, tranquillo e limpido: bastou, ao brasileiro entusiasmado pela sua terra, uma descripção simples e verdadeira das suas riquezas e das suas bellezas. As palavras tonitroantes e ameaçadoras, trovejadas em voz grossa, com raios e coriscos, não eram necessarias ao nacionalismo do franciscano carioca. Nos 3° e 6° cantos do poema *Assumpção*, encontram-se os versos com os quaes São Carlos abriu e deixou extravazar o seu coração de brasileiro, descrevendo a nossa terra, a nossa cidade, as nossas flôres e as nossas fructas, não mais com a nota vibrante do colonial revoltado contra Napoleão e, sim, com a linguagem simples que basta á expressão de sentimentos verdadeiros, revelados sem disfarce.

Vou ler alguns trechos, lamentando não poder pedir a um dos consocios o obsequio de faze-lo em meu lugar, para evitar que a má leitura prejudique a belleza da poesia. Começemos pelo que se refere ao Brasil:

Negros picos e fragas se avistaram
Que ao longe os céos serenos topetaram,
Donde se despenhando crepitantes
Alveos de várias lymphas escumantes,
Vinham dormir nas fraldas e campinas
Sôbre leitos de areias crystallinas.
Tanques bordados do tapiz de Flora,
Doce attractivo do cantor da aurora;
Prateados peixinhos agitando
As caudas, pelo fundo, estão brincando.

Pelos prados floríferos serpeiam
 Humectando o matiz de que se arreiam,
 Perennes aguas, fontes peregrinas,
 Quaes liquidas riquezas argentinas,
 Rolando vêm ellas pelo fundo.
 Folhetas douro; e tudo quanto o mundo
 Em preço tem: o rigido diamante,
 O rubi, que da brasa é semelhante,
 A amethysta, a crysolita, a turqueza,
 Lapidadas da propria natureza."

Agora, um trecho sôbre a cidade do Rio de Janeiro:

A cidade que alli vêdes traçada,
 E que a mente vos traz tão occupada,
 Será nobre Colonia, rica e forte,
 Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.

Será, pelo seu porto desmarcado,
 A feira do oiro, o emporio frequentado,
 Aptissimo ao commercio; pois, profundo
 Póde as frotas conter de todo o mundo,

.....

Vejam os ainda o que elle diz do Pão de Assucar:

Vêde na foz aquelle que apparece
 Ponteagudo e escarpado? — Pois parece
 Que deu-lhe a providente natureza,
 Além das obras d'arte, por defesa,
 Na derrocada penha transformado,
 Nubigena membrudo, sempre armado,
 De face negra e torva; e mais se o crôa
 Neve e trovões e raios com que atroa:
 Que c'o fonte no Céu, no mar os rastros,
 Atrevido ameaça o pégo e os astros.

.....

Do seio, pois, das nuvens, onde a fronte
 Esconde, vendo o mar té o horizonte,
 Mal que espreita surgir lenho inimigo,
 Prompto avisa e previne-se o perigo.

Além dêstes trechos, encontrados em Sylvio Romero e em Pereira da Silva, outro ha, talvez, mais empolgante ainda, citado por Tito Nabuco:

Ha no seio do Immenso uma paragem
 Escondida aos mortaes; do Céu imagem,
 Logar sancto, ditoso, sem pesares,
 Onde os prazeres giram a milhares,
 Habitação da paz, solar do riso,
 E com razão chamado Paraíso.
 Acolá se entrelaça como a hera,
 C'o o rico outono, a olente primavera,
 Frescos sempre os matizes da campanha
 De perenne verdor, de graça extranha,
 Não adulam a vista nestes prados
 Arvoredos por ordem alinhados;
 Nem marmoreas columnas soberanas
 De várias ordens gregas ou toscanas,
 Nem machinas hydraulicas, que as puras
 Aguas deitam por várias mil figuras
 Só reina a natural simplicidade,
 Que excede sempre a arte em magestade.

.....

São versos cheios do perfume da Patria, como disse José Tito Nabuco de Araujo, exhalando o ar nativo do sólo americano. São versos que denunciavam o nacionalismo de frei São Carlos, ao passo que os sermões, calcando esse sentimento natural, venciam obstaculos que pareciam insuperaveis deante da necessidade de conciliar a verdade historica e o interesse do Brasil com a dolorosa situação da familia real portugueza. E só destaquei, dos versos e dos sermões, aquelles pedaços que, por muito significativos, pudessem trazer-vos a certeza de que o INSTITUTO está commemorando o centenario da morte de um brasileiro, bem brasileiro, apesar de viver em ambiente portuguez, ao serviço do rei de Portugal. Muitos outros excerptos poderia trazer-vos, reveladores da eloquencia e da arte poetica de frei Francisco de São Carlos, colhidos ao acaso. Mas estes bastam. Não sou crítico litterario nem estou incumbido de fazer critica, para catar defeitos e cacophatos da especie daquelle — *por capellas* — que Tito Nabuco encontrou no canto sexto de *Assumpção*. O certo é que no seu poema, o poeta revelou o seu patriotismo e o seu nacionalismo, como entusiasta que era da terra em que nasceu, cresceu, estudou

e morreu. Como disse Fernandes Pinheiro (11) “palpitava-lhe um coração brasileiro debaixo do burel franciscano”. Houve até um momento em que, mesmo na presença do rei português, o brasileiro de São Carlos fe-lo dizer corajosamente o seu pensamento, sem subterfugios: foi quando pronunciou a oração em acção de graça pelo nascimento da princesa da Beira em terras do Brasil:

Quando vejo, Senhor, esta parte do globo sepultada ha seis mil annos nas trevas e sombras da morte e de repente habitada pelo mais religioso principe do Velho Mundo, quando eu contemplo os meios que o transportaram a este hemispherio, os grossos mares que atravessou com sua augusta familia, os muitos perigos de que se viu são e salvo e a terrivel explosão do meio dia da Europa, que o impelliu a tão grande sacrificio, *então, Deus meu, quasi que vislumbro por entre as densas trevas do porvir grandes coisas a este terreno; e que nas vossas mãos bem-fazejas se preparam novas misericordias* AO MEU PAIZ. E' aqui, meus senhores, que eu quizeria ver em espirito os destinos futuros da MINHA PATRIA.

Do meu paiz, da minha patria! Só faltou dizer — *do meu Brasil!* Isto foi em 1819, quando a permanencia do rei entre nós, durante 11 annos, desaforara por tal maneira a alma brasileira, que facil seria prever a independencia para breve. Esta foi a mais forte impressão deixada pela leitura da obra de frei Francisco de São Carlos; a de um prégador real que, na real presença de d. João VI, teve a coragem de deixar nitidamente exposto o seu poncto de vista brasileiro deante dos acontecimentos, em 1819, embora não o tivesse querido fazer, em 1809.

Foi, pois, um grande Brasileiro!

Outra impressão de leitura que me fornece elemento para a apreciação do homem, desde que me falta capacidade para a critica do orador e do poeta, é tambem relativa á sua personalidade de cidadão. O nascimento da princesa brasileira foi anda pretêxto para a revelação da sua orientação sob o poncto de vista político e social, como amigo da ordem, da disciplina, da justiça, do respeito ao direito alheio, da garantia individual, do reconhecimento do merito, da vida satisfeita com o dever cumprido.

(11) *Revista Popular*, volume de Abril a Junho de 1859.

Referindo-se á harmonia que ha na natureza, diz que essa bella ordem é a prova da existencia do Ente Supremo, creador de tudo. Assim, tambem, para elle:

A harmonia dos povos e a ordem social resultam da existencia de um throno occupado por legitimo soberano; o Estado é um corpo vivo e animado, cujo coração, que é o rei, leva até ás extremidades a systole e a diastole do sangue vital da sociedade; o cidadão descança á sombra das leis; o pae de familia não receia que seu throno seja violado, nem que os fructos do seu trabalho sejam a presa de um olho avido e impudico; dorme serenamente o rico á sombra do seu thesouro e não lhe são precisas chaves mysteriosas para eclipsar o seu numerario; folga o camponez á sombra de sua copada mangueira, ouve balar na campanha a esperanza do seu rebanho, vê tranquillo lourejar o suor do seu rosto, sem temer que o cume do vizinho inveje a sua sorte, porque o vizinho vive na fruição de egual sorte; anima-se a agricultura, protege-se o commercio, aguça-se a emulação, apuram-se as artes; correm os premios após o merecimento; e, si ha infelizes, são os que se fazem a si mesmo...

Esbogou assim o quadro do paiz governado por auctoridade legitima, habitado por gente satisfeita, orientado pela justiça e pelo trabalho honesto, garantido pela liberdade. Ha, em tudo isto, uma manifestação inequivoca de patriotismo sadio, caracter leal, espirito justo, vontade disciplinada, respeito á liberdade com o limite do direito alheio, culto do dever e mais qualidades que fazem do homem um bom cidadão e do cidadão um bom homem.

Diffundidas entre os compatriotas fariam do paiz uma Patria livre. Feliz a Nação em que as cousas assim se passarem, tenha ella throno ou não, de modo que "os premios corram após o merecimento" e que os infelizes sejam apenas aquelles "que se fazem a si mesmos infelizes", pela sua conducta, uma vez que imperem a lei, o direito e a justiça. Esta é a licção de civismo e de educação social que se póde tirar da oração de frei São Carlos, feita em acção de graças pelo nascimento da primeira princeza brasileira. E' licção do passado, podendo ainda ser programma de acção no presente — limpida, clara, eloquente na sua simplicidade, grandiosa na sua eloquencia. Traduz bem a alma pura do franciscano emérito, que ainda uma vez deixou clara a sua preocupação na-

cionalista com o terminar o trecho citado, dizendo que tal era “a grande mercê que, com o nascimento da princeza, nos favorecia o Altíssimo, parecendo que o Senhor se adeantava a nosso respeito e nos dava mais que lhe pedíamos”.

Penso ter conseguido dar uma idéa da impressão de entusiasmo que me deixou a leitura de alguns sermões conhecidos e de trechos do poema *Assumpção*. A obra litteraria de São Carlos, pondo em evidencia a sua grande intelligencia e as suas bellas qualidades de orador, não vale apenas como manifestação de arte, mas tambem e principalmente como fonte de ensinamentos patrióticos. Silvio Roméro disse que o *patriota fallou por traz das ampliações do rhetorico*. Creio que seria mais acertado dizer que, nas manifestações de patriotismo, o ribombo da rhetorica foi apenas o écho da explosão nativista. São Carlos não se escondeu por traz da rhetorica para fallar como brasileiro, pois que a eloquencia foi a arma de que se serviu para gritar bem alto o seu amor ao Brasil...

O auctor da carta á *Autora Fluminense* disse, nas notas biographicas que fez publicar e que occuparam quasi uma página do pequeno jornal numa época em que o fallecimento de homens notaveis era noticiado em tres ou quatro linhas: “Foi São Carlos, como insigne orador sagrado, quem dos claustros de Sancto Antonio baniu o rançoso estylo de prégar e introduziu o bom gosto moderno. Não foi extranho ás musas, e o seu poema *Assumpção* tem bellos golpes de imaginação e sobretudo *aquelle nobre desejo que todo o votava á felicidade de nossa Patria*.” E' o reconhecimento, pelos proprios contemporaneos, da idéa nacionalista que preocupava o franciscano illustre, do grande amor que dedicava á terra natal, cuja belleza e cuja riqueza cantou em versos lindos. O missivista da *Aurora*, cujas iniciaes já vimos que eram *O. C. C.*, contou que São Carlos amava muito a natureza do Brasil e que a miude se retirava para o campo, a respirar um ar mais puro e gosar de perto os encantos das nossas mattas.

Sempre estudioso, *nunca perdeu a lição, pois ainda mesmo na sua última enfermidade lia, nos primeiros dias della, o grande Fleuri*.

Ainda uma nota interessante encontrada na *Aurora Fluminense* é a relativa ao incidente provocado pelo nuncio, Marquez de Savelli Savatelli d'Albani, por causa de um trecho do exordio do sermão pelo nascimento da princeza Maria da Glória. O trecho foi este: “. . . e o mesmo oraculo do Vaticano quiz arrogar-se o direito da sua herança, como si as sagradas Quinas pudessem ser a luctuosa de hum cardeal finado.” O

incidente ficou no protesto do nuncio. Não teve consequências. . .

Dos outros jornaes da época, li o *Jornal do Commercio*, a *Malagueta* e a *Astréa*, que nada disseram sobre a morte de São Carlos.

Das suas orações conhecidas, a última é de 1819. Não se sabe si ha posterior. O que os historiadores dizem é que abandonou o pulpito e esteve durante alguns annos ainda recolhido ao convento, vindo a fallecer a 6 de Maio de 1829.

Adoecendo gravemente, foi levado para o Hospital do Convento e posto em beliche fronteiro ao altar da Senhora de Assumpção, de sua especial devoção. Alli morreu, faz um seculo, tendo os olhos fitos na sagrada imagem dessa *doce mãe, linda esposa e cara filha*, a respeito da qual tomando a Igreja para Musa, indagava:

Dize como póde a tanta altura
Elevar-se a terrena creatura;
Que louros recebeu, que recompensa
De alta Mão, que no premio é grata e immensa.

Durante o isolamento a que se condemnou, ao abandonar a vida de prégador sagrado, dedicou-se São Carlos ao trabalho de rever o poema, attendendo ao que haviam dicto os criticos da época. Mostrou nisso superioridade de sentimento, collocando-se acima das vaidades tolas. Os defeitos notados no poema não eram, como não são hoje, de molde que tirasse aos versos o valor que realmente têm.

Como disse Fernandes Pinheiro, o poema tem defeitos, como o sol tem manchas. Mas São Carlos, recebendo "a opinião de varios criticos, entre os quaes Ledo e Januario (12), começou logo a refundir a obra". Na enfermaria, durante uma visita de Mont'Alverne, disse o moribundo "que levava o pesar de não ter podido reimprimir o seu poema com todas as alterações, que lhe fizera, não só no todo como em muitas partes, pois havia composto alguns episodios e augmentado outros". E nisto "todo trémulo se debruça, cava debaixo do travesseiro e tira um volume e mostra a seu amigo: era o da primeira edição, todo riscado, emendado, escripto á margem, intercalado com folhas manuscriptas e augmentado com caderninhos do mesmo formato, tudo escripto pelo proprio punho

(12) M. de Araujo Porto Alegre — "Carta ao dr. Lagos" — *Revista do Instituto Histórico*, tomo X, 1848.

e nitidamente feito". Conta ainda Porto Alegre que São Carlos disse a Mont'Alverne: "Possa esta obra dar algum realce á nossa Ordem no Brasil. Sinto morrer sem mostrar que fui docil á opinião dos amigos e criticos que me honraram". Esta superioridade, poucos intellectuaes a terão. A regra é ficar o auctor furioso com a observação da critica, com qualquer restricção á excellencia da sua obra. . .

Vale a pena saber, dicto por elle mesmo, como foi que São Carlos escreveu *Assumpção!* Fallando ainda a Mont'Alverne, continúa Porto Alegre, poude o moribundo contar: "Na minha primeira guardiania, que pouco ou nada me dava que fazer, comecei, por devoção e desenfado, a compor alguns hymnos a Nossa Senhora. Depois de haver borrado algum papel, senti o innocente desejo de unir todos aquelles cantos em um todo e dar-lhe uma fórma mais ampla e mais digna da minha devoção. . . A obra foi crescendo e, á proporção que avultava, foi-me crescendo o desejo de a embellezar com algumas descrições brasileiras, com algumas pinturas do nosso bello paiz. . . Não me arrependo inteiramente de o ter escripto, porque nelle ha meu amor á minha Patria e nelle está o nome da minha Sancta Virgem. Não o posso reimprimir. Seja feita a vontade de Deus".

São palavras que definem o homem e que dizem muita cousa dos seus sentimentos e do seu character, da sua fé e do seu civismo. Infelizmente, como São Carlos previa, a obra não foi reeditada com os accrescimos e correções. Seu amigo Mont'Alverne quiz encarregar-se da tarefa, mas ouviu em resposta: "Está dado e eu vos agradeço, meu bom amigo. Está dado á minha irmã e não posso arripiar carreira nem desfazer o que me dictou o coração em um dia bem triste". Morto o poeta, accrescenta Porto Alegre, o manuscripto passou ás mãos da sua legítima herdeira, tal qual elle o tinha dentro de um sacco de seda encarnada e muito bem encadernado. Pouco depois, o conego Januario procurou a ermã de São Carlos e offereceu-se para publicar a obra, ficando ella com todos os lucros da empresa; mas aquella senhora não quiz acceitar a offerta, propondo a venda do manuscripto por doze contos de réis (12:000\$000). Januario desistiu. "A senhora desapareceu e ninguem mais soube qual a sorte do poema numa terra em que as tabernas e as confeitarias são os frequentes depositos de escriptos preciosos". Com este commentario, Porto Alegre contou o caso de haver elle proprio recebido assucar embrulhado pelo vendeiro num diploma de senador, com assignatura de Pedro I, fundador do Imperio.

Teria acontecido o mesmo nos originaes da edição correctã e augmentada da *Assumpção*?...

Embora lamentando a perda de tão preciosos originaes, creio que podemos dispensa-los para um juizo seguro da obra do poeta, desde que não queiramos ser pescadores de caco-phatos e inimigos da pompa. Penso ter provado que frei São Carlos, nos seus sermões e nos seus versos, semeou idéas ao mesmo tempo que plantava a fé — idéas de patriotismo, de justiça, de egualdade, de dever, de liberdade. Além disso, sua vida foi um exemplo, porque sua conducta foi de um puro. O padre Antonio Vieira disse que “palavras sem obras, são tiro sem bala: atroam, mas não ferem”, porque “o prégar, que é fallar, faz-se com a bocca, mas o prégar, que é semear, faz-se com a mão”. Por isso mesmo, “para fallar ao vento, bastam palavras, para fallar ao coração, são necessarias obras”. Não ha dúvida que São Carlos não fallou ao vento, porque suas palavras não eram ôcas, vestiam idéas e sentimentos, dirigindo-se não só ao coração, mas tambem ao cerebro, fazendo pensar. E' que elle semeava, como ainda queria o padre Antonio Vieira em 1655. “O prégar ha de ser como quem semeia e não como quem ladrilha ou azuleja. . . .” “Não fez Deus o Céu em xadrez de estrellas, como os prégaadores fazem o sermão em xadrez de palavras.” Não quiz São Carlos ser dêsse número de prégaadores condemnados pelo mestre do pulpito. Seus sermões, com raizes no Evangelho, tendo por tronco a Fé, esgalhavam-se em regras de bem viver. A' sombra dessas arvores symbolicas poderiam os homens ser felizes, tendo como programmas as tres palavras que resumem a vida e a obra de frei Francisco de São Carlos: — *Deus, Patria e Humanidade*. Com o pensamento religioso a fortalecer-nos a alma e a dar-nos coragem para uma vida elevada, com o amor da Patria a exigir de nós disciplina, ordem, justiça e dever; com o sentimento humanitario a alimentar, nos nossos corações, a bondade creadora, teremos colhido os fructos da sementeira feita pelo notavel franciscano ha cem annos, quando fallar era semear e quando a semente encontrava terreno fertil. No seculo actual o que a palavra semeia pelo mundo, em regra, é a maldade, é a mentira. O que nasce dahi é cipó que se enrosca e procura asphyxiar a Sociedade, a Patria e a Religião. Mas o coração brasileiro é terreno em que não medram plantas sarmentosas, que lançam raizes interesseiras nas articulações nodosas em busca de apóio e com o proposito de sugar. Não! A semente lançada pelo grande prégador brotou, cresceu e fructificou. — Os fructos estão ahi, porque Deus está no coração brasileiro,

o Brasil é a patria estremecida de todos nós, e a Humanidade começa a sentir que precisa contar com o Brasil!...

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que o prestantissimo secretário perpétuo do INSTITUTO, sr. Max Fleiuss, junctando mais um valioso serviço aos innumeros de que lhe é devedora a associação, tem publicado nas columnas do *Jornal do Commercio* excellentes artigos sôbre homens e cousas do mesmo INSTITUTO.

Propõe que se registre na acta louvor e reconhecimento por esse acto e que os dictos escriptos sejam reproduzidos na *Revista* e, em seguida, compilados em volume, como se tem feito a outros analogos bellos trabalhos do sr. Max Fleiuss. (*Unanimemente appprovaado.*)

Continuando, declara o sr. presidente que vai rematar a sessão com uma expressão de júbilo, condigna da commemoção effectuada. Refere-se á presença do preclaro e acatadissimo consocio d. Aquino Corrêa, muito digno arcebispo de Cuiabá. Congratula-se com o INSTITUTO pelo comparecimento de s. ex. reverendissima á sessão glorificadora de frei Francisco de São Carlos, o denominado "Seriea do Pulpito", S. Ex. revma., tambem franciscano, é igualmente alto pharol da Eloquencia sagrada, na phrase de Ramiz Galvão, quanto a São Carlos; é, como São Carlos, summidade na Poesia,, nas lettras, em geral; é, ainda, como São Carlos, ardente patriota, tendo tido a vantagem sôbre elle de dirigir exemplarmente uma archidiocese e de haver exercido superiormente elevadas posições politicas no seu Estado.

D. Aquino Corrêa devia realizar no INSTITUTO, em Junho proximo, uma conferencia sôbre este assumpto: "Centenario do primeiro Capitulo Geral celebrado no Mosteiro da Bahia pela Ordem Benedictina, depois que fôra separada da obediencia que a ligava á Casa de Portugal e foi eleito abbade geral o dr. frei José Sancta Escolastica". Não o poderá fazer, porque parte breve para a Europa, aonde vai assistir á beatificação de um dos luminares da Igreja hodierna, o grande organizador e educador social, o fundador da Ordem religiosa que tamanhos beneficios tem outorgado ao Brasil e á humanidade, a dos Salesianos, de que d. Aquino Corrêa é um dos motivos de honra e ufanía. Regressando s. ex. revma., fará a conferencia promettida, mas sôbre este thema: *D. Bosco e sua obra* — festa intellectual, para a qual o sr. presidente convida, desde logo, todos os circumstantes.

Termina o sr. conde de Affonso Celso, entre vivos applausos, formulando votos para que a viagem de d. Aquino

Corrêa se realize da mais propícia maneira e que s. ex. revma. volte nas melhores condições de corpo e espirito ao seio da Patria, que tanto o ama, respeita e admira.

Encerra-se a sessão ás 18 1/2 horas. — *Agenor de Roure*, 2º secretário.

1545ª SESSÃO ORDINARIA, EM 5 DE JUNHO DE 1929

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(Presidente perpétuo)

A's 17 horas, abre-se a sessão com a presença dos socios, senhores conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, Manoel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Afranio de Mello Franco, Nelson de Senna, João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Alfredo Ferreira Lage, Augusto de Lima, Eugenio Vilhena de Moraes, Helio Lobo, Thiers Fleming, Alfredo Valadão e Olympio da Fonseca.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º secretario) lê a acta da sessão anterior, a qual, sem debate, é unanimemente aprovada.

O mesmo sr. secretário lê, das *Ephemerides Brasileiras* do barão do Rio-Branco, as que se referem á data da sessão.

Lê, tambem, a resposta do sr. Calogeras á consulta referente ao logar do nascimento de Antonio Philippe Camarão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*Presidente perpetuo*) agradece o nôvo serviço do sr. Calogeras e communica que, como annexo á acta, figurarão, para serem discutidos, todos os documentos relativos ao assumpto.

Em seguida, o mesmo sr. presidente diz que o INSTITUTO, ao qual pertenceram dous companheiros de Tiradentes, os unicos que regressaram do degrêdo, tem procurado sempre contribuir para a glorificação da Inconfidencia Mineira.

Provam esse patriotico proposito numerosos tomos da sua *Revista*. Assim, o 53º, quasi todo consagrado a Claudio Manuel da Costa, relata o que occorreu na sessão de 4 de Julho de 1889, na data do primeiro centenario do tragico passamento do poeta.

Foi presidente de honra dessa sessão, a última solenne a que assistiu, o imperador d. Pedro II, bisneto da rainha sob cujo governo se deu a condemnação dos conjurados.

Fallaram varios eminentes oradores, exalçando todos a Claudio e a Tiradentes.

Comparecendo á cerimonia, presidindo-a, associando-se ás calorosas homenagens de admiração e reconhecimento tributadas aos Inconfidentes, effectuou o "Magnanimo" significativa reparação e deu mais uma prova da largueza do seu espirito e do seu patriotismo.

Na sessão do dia, cujo objectivo é commemorar o segundo centenario do nascimento de Claudio, traduzirá os sentimentos do INSTITUTO, que muito lh'o agradece e applaude antecipadamente, outro orador, tão insigne e auctorizado como os de ha 40 annos,—o sr. Afranio de Mello Franco, que, continuando as inclitas tradições de uma das familias mineiras, verdadeiramente patricias, tem servido, de modo superior, aos altos interesses e aspirações do Brasil, no fôro, no parlamento, na imprensa, no magisterio, na diplomacia, no governo, tornando-se uma das summidades nacionaes contemporaneas.

Não devendo protrair a satisfação de se lhe ouvir a magistral palavra, convida-o a occupar a tribuna. (*Prolongados applausos.*)

Da tribuna, o sr. Afranio de Mello Franco diz:

"Entre os mais auctorizados sociologos, que têm procurado fixar as causas determinantes da revolução da independencia dos Estados Unidos da America do Norte, destaca-se o professor americano Herbert Osgood, cujos estudos pacientes e profundos offerecem, na opinião de Nicholas Murray Butter, a melhor chave de decifração dos problemas de critica historica suscitados pelos acontecimentos, que precederam ao anno de 1776 e que devem ser considerados como a fonte originaria da declaração de 4 de Julho, que transformou as treze colonias em Estados Livres e Independentes.

Consoante essa opinião, não foi a oppressão politica exercida pela metropole sobre as colonias americanas, nem mesmo razões de ordem economica, as que levaram o povo dos Estados Unidos a revoltar-se contra o governo da corôa britannica. Os precursores, os *pilgrims fathers*, sustentaram e executaram sua grande idéa "como um fim em si, sem fazer entrar em linha de conta nenhuma grande questão fundamental, que tivesse relação com as liberdades civis ou politicas".

O que desgostava as colonias era o facto de estarem ellas submettidas a um regime de govêrno, a cujo meneio normal não eram chamadas, ou de cujo systema não participavam. Quanto, porém, ao desenvolvimento da vida social nas colonias, reconhecem os historiadores americanos que ella se expandia ahi mais livremente talvez do que na propria Mãe-Patria, mais democraticamente, menos aspera quanto aos aspectos da lucta de classes.

Não obstante as difficuldades de communicação entre o nôvo e o velho mundo, a influéncia dos grandes pensadores, que lançavam da Europa a semente fecunda das idéas reformadoras, fazia-se sentir nas camadas superiores da população colonial norte-americana, que orçava já por dous milhões de almas. As theorias de John Locke e as grandes vozes de Voltaire e João Jacques Rousseau faziam-se correntes e ouvidas nas colónias, ao mesmo tempo que traçavam o rumo á Revolução franceza.

No Brasil tambem imperava, nessa época, o regime colonial, mas muito mais oppressivo, mais ferrenho, mais tyrannico, — tractadas as capitánias pela metropole como verdadeiras feitorias, em que uma ignara massa de escravos arrancava da terra, com suor e sangue, os productos naturaes, que enchiam as arcas da real fazenda e satisfazião a cupidez de uma côrte amollecida na opulencia lasciva e nos prazeres do ocio.

A Capitania de Minas foi a que mais soffreu, pois de suas entranhas saiu a enorme massa de ouro, que, no dizer insuspeito de Oliveira Martins, permittiu ao rei d. João V dar largas á sua ostentação fradesca, e ao marquez de Pombal reconstruir não só Lisbôa, derrocada pelo grande terremoto, como tambem todo o reino.

Cerca de 36.000 arrobas de ouro e mais de 330.000 oitavas de diamantes foram extrahidas do territorio de Minas Geraes no periodo colonial, e remettidas para o reino, além das que a rapacidade dos capitães-generaes subtrahia ao real fisco, como se prova com o documento official em que Martinho de Mello e Castro, ministro de d. Maria I, denunciou o governador de Minas, Luis da Cunha Meneses, como associado aos defraudadores do erario régio, e com o acto público do marquez de Pombal, que ordenou ao conde de Valadares, ao chegar este a Lisbôa, em regresso de seu govêrno nas Minas Geraes, restituir noventa mil cruzados, que embolsara criminosamente.

Foi nessa triste quadra da vida da Capitania, quando o povo mineiro via diminuir o ouro de alluvião no cascalho

de seus rios, quando se atrasava o pagamento dos pesados tributos impostos pela metropole, quando a ameaça da *der-rama* pairava no ar com a exigencia de 600 arrobas de ouro dos *quintos* vencidos, — foi nessa época de soffrimento, de penuria, de obscurantismo e de tyrannia, que vieram ao mundo os grandes poetas da chamada Eschola Mineira.

E' de assignalar-se a coincidência, notada por um escriptor patricio, de terem nascido em um raio de vinte leguas na mesma região de Minas Geraes, e num mesmo espaço de tempo de vinte annos, os quatro maiores poetas nacionaes do seculo dezoito: Claudio Manuel da Costa, em 1729, na villa do Ribeirão do Carmo, hoje cidade de Marianna, segundo alguns de seus biographos, ou no povoado da Vargem do Itacolomi, segundo outros, ou em Villa Rica, como admitte Xavier da Veiga nas *Ephemerides Mineiras*; José de Sancta Rita Durão, em 1717, como opina o mesmo Xavier da Veiga, ou 1737, como suppõe Pereira da Silva, no povoado da Catta Preta, freguezia do Inficcionado, hoje arraial de Sancta Rita Durão; José Basilio da Gama, em 1740, na villa de São José del Rey, hoje cidade de Tiradentes; e Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, em 1749, em Villa Rica, hoje Ouro Preto.

Os poemas *Villa Rica*, *Caramurú*, *Uruguai*, respectivamente dos tres primeiros, e a collecção de poesias *Glaura*, do último, têm sido objecto da crítica nacional e estrangeira, que unanimemente sagrou os seus auctores, como sendo dos maiores poetas da lingua portugueza.

Contemporaneos dos quatro citados, viveram tambem em Minas dous grandes poetas não naturaes da antiga capitania: Thomaz Antonio Gonzaga, filho de paes brasileiros, mas nascido accidentalmente na Europa em 1744, e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, nascido nesse mesmo anno na cidade do Rio de Janeiro.

O antigo arraial das Minas Geraes de Ouro Preto, que foi o principal nucleo dos intrepidos bandeirantes que primeiro devassaram o territorio mineiro, transformou-se, poucos annos depois, na opulenta Villa Rica, que chegou a ser, em curto prazo, o maior centro de trabalho e de riqueza do Brasil-colonia e que, no dizer do citado historiador patricio, era "mais conhecida e fallada em Portugal do que no mesmo Rio de Janeiro, séde do vice-reinado na America portugueza".

Foi ahi que se formou e tomou vulto a conspiração de 1789, em que a idéa da independencia nacional reuniu no mesmo anhelos patriotico muitas das mais eminentes personalidades da capitania, que sonharam organizar em Minas

Geraes uma república soberana e livre, a que pudessem adherir mais tarde as capitánias vizinhas.

Foi ahi que um grupo de intelligencias, animado pelo sôpro do patriotismo, dominado por idéas generosas e illuminado pelos clarões que o sol immenso da Revolução franceza e da libertação das colonias inglezas da America do Norte projectava na densa noite do Brasil colonial, alimentou o sonho sublime de organização de uma livre Patria nas montanhas de sua terra. A nova Arcadia, como a sua gloriosa ermã do Peloponeso, alteando-se em suas cordilheiras, estava predestinada a ser o berço da independencia nacional, guiada por seus pastores predilectos, que trocavam a lyra pelos instrumentos de guerra.

Claudio Manuel da Costa, que, na Arcadia Ultramarina, tomou o nome de *Glauceste Saturnio*; Alvarenga Peixoto, o de *Alceu*, e Thomaz Antonio Gonzaga, o de *Dirceu*, formam entre as primeiras figuras que se immortalizaram pela famosa sentença da Alçada de 20 de Abril, 2 e 9 de Maio de 1792. Essa Arcadia Ultramarina, que, como a sua ermã de Roma, fundada em 1690, e a de Lisbôa, no reinado de d. José I, tinha por fim proteger a sciencia, a litteratura e as bellas-artes, — parece que foi tambem um centro de agitação revolucionaria, ou, pelo menos, uma instituição, que, nos ultimos tempos, tomou um certo character político secreto. Esta hypothese resulta da prova de certos factos da história da época, entre os quaes o do fechamento, pelo torvo e suspicaz conde de Resende, da Sociedade Litteraria, fundada no Rio de Janeiro, pelo seu antecessor — marquez de Lavradio — e amparada pelo vice-rei que o substituiu — Luis de Vasconcellos e Sousa.

A fundação dessa Arcadia Ultramarina remonta, segundo a opinião do general Abreu Lima, expressa á pag. 232 da *Deducção Chronologica*, ao anno de 1760, sob o nome de *Arcadia do Rio das Mortes*; mas Xavier da Veiga pensa que foi, mais ou menos, em 1782 que se organizou, na cidade do Rio de Janeiro, aquella instituição com filiaes em Minas, São Paulo e, talvez, em outros pontos do Brasil.

Empossado do seu cargo de vice-rei a 4 de Junho de 1790, o conde de Resende, “sombrio no pensamento e, peor ainda, sombrio nos seus actos”, proseguiu implacavelmente nos trabalhos da feroz *devassa*, aberta no Rio de Janeiro e em Minas Geraes, para o descobrimento dos réos de lesa-magestade da conspiração da Inconfidencia. Suspeitos todos os homens de lettras, fechada arbitrariamente a Sociedade Litteraria, fôram encarcerados, mettidos a ferro na Fortaleza da Conceição, varios poetas, philosophos e pensadores, entre os quaes o

poeta mineiro, dr. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, cujos bens, livros e museus fôram confiscados, e Mariano José Pereira da Fonseca, que foi mais tarde marquez de Maricá.

A accusação que pesava sôbre elles era a de se reunirem em casa do primeiro, onde as apparentes palestras litterarias encobriam perigosas machinações de *Jacobinos e Libertinos* contra a segurança do Govêrno regio e contra a Egreja.

Considerados como chefes da Conjuração Mineira tres dos maiores poetas de Portugal daquelle tempo e do Brasil — Claudio Manuel, Thomaz Gonzaga e Alvarenga Peixoto, — “o taciturno vice-rei viu nesse facto aviso ou advertencia para se acautelar com os poetas da vasta colonia, cuja primeira auctoridade era”.

Não é, portanto, aventuroso inferir dêsses factos que a Arcadia Ultramarina não era sómente um ninho de trovadores lyricos, mas, sim, tambem, um centro de agitação patriótica, em que os *Glauceste Saturnio*, *Fileno*, *Alceu*, *Evandro*, *Alcindo Palmireno*, *Dirceu*, *Critillo* e outros deixavam a simplicidade bucólica dos pastores pelos riscos de um levantamento revolucionario, cujo fim era a emancipação da colonia e a fundação de uma república soberana no territorio da Capitania de Minas Geraes.

O joven dr. José Alvares Maciel, filho de um capitão mór de Villa Rica e ahi nascido em 1761, não era da Arcadia, apesar de sua cultura e de sua intelligencia, aprimorada nas viagens que empreendeu pelo velho Mundo, principalmente pela Inglaterra e pela França, onde, com outros tres estudantes brasileiros — José Pereira Ribeiro, José Joaquim da Maia e José Mariano Leal — fôra recebido por Thomaz Jefferson, então ministro plenipotenciario da nova República dos Estados Unidos da America do Norte, que o animara a trabalhar pela causa da independencia do Brasil.

Fôra elle — esse culto e destemeroso rapaz de vinte e poucos annos de idade — quem primeiro se entretivera com o alferes Joaquim José da Silva Xavier, no Rio de Janeiro, concertando o plano da conjuração, que foi ganhando aos poucos os espiritos e fortalecendo-se com a adhesão dos homens mais eminentes da Capitania.

Não sendo Maciel da grei dos poetas e sonhadores da *Arcadia*, mas, sim, um espirito práctico, disciplinado no estudo das sciencias naturaes e na applicação destas ás industrias, que começavam a desabrochar para a surprehendente phase dos tempos modernos, deve-se concluir que o movimento tentado não era apenas um sonho ingenuo, ainda que generoso, de trovadores e juristas, mas qualquer cousa de mais profundo na alma popular, empolgando os sentimentos de

personalidades das mais diversas formações moraes e das mais differentes profissões: soldados, como o tenente-coronel de dragões Francisco de Paula Freire de Andrade, o sargento-mór Luis Vaz de Toledo Piza, o tenente-coronel da cavallaria auxiliar Domingos de Abreu Vieira e o alferes Joaquim José da Silva Xavier—o *Tiradentes*; sacerdotes, como José da Silva e Oliveira Rolim e José Lopes de Oliveira; medicos, como o dr. Domingos Vidal Barbosa Lage; fazendeiros, como os dous José de Rezende Costa, pae e filho; magistrados, como Alvarenga Peixoto e Thomaz Gonzaga.

Esse era o quadro social da época, quando começou o commovente drama historico, em cujo desenrolar se insculpiram em bronze eterno as mais fulgentes páginas da epopéa de nossa independencia, regada pelo sangue generoso de Tiradentes e pelo martyrio dos seus companheiros no destêrro cruel dos ardentes areaes africanos.

A primeira víctima da feroz *devassa* instaurada em Minas foi Claudio Manuel da Costa, jurista, philosopho, poeta, antigo secretário geral do govêrno da Capitania, nas administrações do capitão-general Gomes Freire de Andrade (conde de Bobadella), Luis Diogo Lobo da Silva e d. José Luis de Meneses Abranches Castel-Branco (conde de Valladares).

Eviquemos por um instante a sua figura terrena, através de um trecho de meu saudoso irmão Affonso Arinos em sua *Atalaia Bandeirante*, quando descreve a Villa Rica de 1789:

“Abaixo, a antiga residencia de Claudio Manuel da Costa, o suicida da Casa dos Contos, o poeta mavioso dos sonetos a Nize. O martello do prégoeiro da justiça régia caiu sôbre a quieta morada do cantor do patrio ribeiro; o auto de sequestro arrolou todos os moveis e immoveis do desventurado inconfidente: nem escaparam a roupa e os livros. E que fino não devia ser este homem, que fazia versos como Petrarcha e sabia compo-los tambem na propria lingua de Petrarcha!

Temos á vista o arrolamento dos bens confiscados ao árcade ultramarino Glauceste Saturnio, ou Claudio Manuel: cadeiras, estofadas de damasco, espadim de finos labores, chapéos de castor e outro coberto de setim, camisas de bretanha com fólhos de rendas, vestidos completos, ou ternos-casaca, véstia e calções — de panno carmezim, caseado de ouro; de cabaya

verde com chuva de prata; de velludo côr de cereja; de sêda branca matizada; de belbute amarello; de ganga, bordada de preto; de panno verde; de sarja preta de seda; de belbute preto; de droguete castor preto; de seda com bordadura larga; de setim côr de rosa, com ramos de ouro e matizes; de chita brilhantada; de seda preta; e mais o manto de cavalleiro de Christo; os casacões, os capotes, a bolsa contendo as oitavãs de ouro, as centenas de volumes de velhos praxistas, de philosophos, de poetas classicos, os autographos d' eversões, as proprias imagens dos sanctos de devoção, cobertas com redomas de vidro! E os escravos, as terras, as lavras, o cavallo alazão, com uma silva na testa, dous castanhos, um dos quaes frontaberto, cinco bestas arreadas, duzias de pratos de porcellana da India, os proprios oculos do advogado, o seu livro de "Horas" — tudo com tal minúcia, tal apuro de individuação, que, insensivelmente, a casa do poeta se nos desenha tal como era ha 114 annos!

Vemo-lo debruçado em seu bufete de trabalho, nas noites humidas e frias de Villa Rica, mettido no casacão acamurçado de baetão, com os oculos pendurados no nariz, revendo versos, ou razões, á luz do candieiro; ou, familiarmente, ao lado de seu intimo desembargador Gonzaga, communicando-se reciprocamente as últimas producções, enquanto o sino da Cadeia toca á recolhida, sôa a corneta na rija muralha do palacio do capitão-general, e os negros passam apressados, batendo na calçada as alpercatas de couro, a fugirem da ronda."

Thomaz Gonzaga, o companheiro constante de Claudio Manuel, recordou tambem, do fundo de seu carcere, os dias felizes de sua convivencia com o confrade, nos suaves versos seguintes:

"Que diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra, immunda e feia,
Dessas horas felices, já passadas
Na tua patria aldeia!

Então eu me ajunctava com Glauceste,
E, á sombra d'alto cedro na campina,
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
 De exceder um ao outro qualquer tracta:
 O écho agora diz: Marilia terna;
 E logo: Eulina ingrata.

A' noite te escrevia na cabana
 Os versos que de tarde havia feito;
 Mal t'os dava, e os lias, os guardavas
 No casto e branco peito.

Commemora hoje o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO o bi-centenario do nascimento do poeta, occorrido a 6 de Junho de 1729, do mesmo modo que commemorou solennemente, a 4 de Julho de 1889, o centenario de sua morte, occorrida em um dos *segredos* mandados construir pelo governador, visconde de Barbacena, na Casa do Real Contracto das Entradas, posteriormente chamada *Casa dos Contos*,—então propriedade do contractador João Rodrigues de Macedo e adjudicada em 1803 ao Real Erario em pagamento do alcance do mesmo Macedo para com a fazenda régia, na importancia de 639:859\$807.

O tomo LIII, parte 1, da *Revista* dèste INSTITUTO, é quasi todo dedicado ao primeiro martyr precursor da liberdade nacional, áquelle que, participando dos planos da conjuração, propoz para as armas da República mallograda o lemma *Aut libertas, aut nihil*, e que, actuando em seu meio como poeta de largo vôo, foi cognominado pelos pósteros o “Metastasio brasileiro”.

A allocução do presidente de então do INSTITUTO—Joaquim Norberto de Sousa e Silva—grave, erudita, solenne e eloquente; o discurso do orador—senador Alfredo de Eschagnolle Taunay—elevado, imaginoso e quente; o estudo minucioso, imparcial e revelador de alto saber historico do dr. José Alexandre Teixeira de Mello; as *Notas biographicas*, escriptas pelo mesmo presidente Joaquim Norberto,—trabalhos estes lidos na sessão commemorativa acima citada e publicados no dicto número da *Revista* do INSTITUTO,—constituem rico e precioso repositório, que, reunido aos trechos das numerosas apreciações de escriptores nacionaes e estrangeiros, acêrca das obras do poeta, exgottou, realmente, tudo quanto dèste se poderia dizer.

Salvo essa copiosa fonte de informações acêrca da vida e das obras do poeta, só se descobriram, graças ás pacientes pesquisas do eminente e douto polygrapho, sr. barão de Ramiz Galvão, as composições publicadas na *Revista Bra-*

sileira, de 1895, e que se conservaram ineditas por mais de um seculo, — composições essas que fôram offerecidas á bibliotheca do Club Claudio Manuel da Costa, da cidade de Marianna, pelo illustre mineiro dr. Joaquim Vieira de Andrade, antigo deputado á Assembléa Geral do Imperio e notavel medico, natural da cidade do Sérro.

Quanto a Claudio Manuel, como patriota, precursor da Independencia de nossa terra, como homem de character e comparsa da vida civil de seu tempo, é da mais alta importancia o subsidio trazido á sua biographia pelo notavel historiador mineiro — José Pedro Xavier da Veiga — na ephemeride escripta sôbre a data de 4 de Julho de 1789, baseada em estudo profundo, publicado pelo dr. José Alexandre Teixeira de Mello no segundo volume dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

Apoiado nestes valiosos elementos, tentarei esboçar o perfil historico da primeira vítima da sanhuda justiça d'el-rey, apreciando primeiramente o homem como poeta, e, depois, como figurante no drama da Inconfidencia.

O POETA

A obra poetica de Claudio Manuel compõe-se, conforme a relação publicada pelo dr. Teixeira de Mello, no citado tomo LIII, parte 1, da *Revista* dêste INSTITUTO, dos seguintes trabalhos:

Minusculo metrico, consagrado a d. Francisco da Anunciação, reitor da Universidade de Coimbra — edição de 1751;

Epicedio, consagrado á memória de frei Gaspar da Encarnação, reformador dos conegos de Sancto Agostinho da Congregação de Sancta Cruz de Coimbra — edição de 1753;

Labyrintho de Amor, poema — edição de 1753;

Numeros armonicos temperados em heroica e lyrica consonancia — edição de 1753;

Obras de Claudio Manuel da Costa, Arcade Ultramarino, chamado "Glauceste Saturnino" — edição de 1763;

Villa Rica, poema publicado em 1841, na typographia do *O Universal*, de Ouro Preto, pelo socio fundador dêste INSTITUTO, senador José Pedro Dias de Carvalho, em obsequio ao mesmo INSTITUTO.

Além dessas obras, creio que só se conhece o que foi publicado pelo nosso eminente mestre e consocio, sr. barão de Ramiz Galvão, no tomo segundo, anno primeiro da *Revista Brasileira*, em 1895, a que acima nos referimos. Esta última

collecção, que, em manuscripto do poeta, foi encontrada pelo nosso referido consocio na bibliotheca do Club Claudio Manuel da Costa, em Marianna, comprehende: uma Falla, um Canto Epico, uma Cantata Epithalamica, duas eclogas, sete odes, dezeseite sonetos e duas glosas.

Das composições acima arroladas, que são tudo quanto chegou a nossos dias, da lavra do poeta,—as quatro primeiras são da época da adolescencia, quando Claudio Manuel cursava as aulas da Universidade de Coimbra. A sua grande obra, a do tempo da madureza, do integral desenvolvimento do espirito e do maior preparo intellektual, é a que se editou em Coimbra em 1768, na officina de Luis Sêcco Ferreira, sob aquelle título simples de *Obras de Claudio Manuel da Costa*, collecção esta que comprehende cem sonetos, dos quaes alguns em lingua italiana; tres epicedios; vinte eclogas, seis epistolas; oito cantatas; quatro romances e cançõetas em versos rimados e em toantes,—conforme a classificação feita pelo dr. Teixeira de Mello em suas *Notas Bibliographicas*.

Escrevendo acêrca da poesia e generos litterarios no Brasil, Olavo Bilac e Guimarães Passos disseram, no *Tractado de Versificação*, que Claudio “foi talvez o menos brasileiro e o mais classico dos poetas da época”. Thomaz Gonzaga, o maior lyrico e Basilio da Gama o maior épico, o mais brasileiro, o mais humano, o de mais vibrante inspiração e de mais colorido estylo.

Tambem Almeida Garret, escrevendo acêrca da obra de Claudio, “quizera que este, em vez de nos debuxar no Brasil scenas da Arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde as situou”.

Mas Theophilo Braga, em sua *História da Litteratura Portugueza*, contesta a opinião dos que censuram a Claudio essa arguida falta de cunho nacional nas obras que nos legou. Ao contrário de taes censores, acha o eminente mestre da crítica portugueza que “os poetas da provincia de Minas, que se inspiravam das idéas encyclopedistas, fôram os propugnadores da nacionalidade brasileira”, e, referindo-se especialmente a Thomaz Gonzaga, diz que as suas *lyras* renovam as velhas fórmãs das *Serranilhas*, que persistiam entre o vulgo com o título de *modinhas*, das quaes falla Tolentino:

“Já de entre as verdes murteiras
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras,
Sobem nas asas dos ventos
As *modinhas* brasileiras.”

Para Theophilo Braga, era da colonia que vinha para a metropole a influencia litteraria, com suas novas fontes de inspiração, tanto que as *lyras* de Gonzaga chegaram a supplan-
tar em Portugal "a insipidez das composições arcadicas."

No dizer insuspeito dêsse grande mestre da história da litteratura do seu paiz, "quando o seculo se apresenta exausto de vigor moral e de talento, é da colonia, que se agita na aspi-
ração de sua independencia, que lhe vem a seiva das natu-
rezas creadoras.

Desta opinião é tambem Sylvio Romero, que, ao tractar do periodo litterario, que vai de 1750 a 1830, época em que flo-
resceu a chamada Eschola Mineira, lhe dá o nome de *periodo do desenvolvimento autonomico*.

A emancipação só veio com Gonçalves Dias e José de Alencar.

E' innegavel que Claudio, em suas imagens, evocava fre-
quentemente a paisagem européa e que as margens do Mon-
dego, do Lima e do Tejo estão mais nos seus versos do que as rudes e penhascosas ribas do seu patrio ribeirão. Sente-se
nelles a miude a saudade das pinturescas regiões, em que o
poeta passou cinco annos de sua mocidade, e, ás vezes, além
da saudade, tambem o pesar de viver fóra dellas. Assim, em
sua saudação á Arcadia Ultramarina, Claudio escreveu:

Ah! Si da glória vossa,
Pastores, cá me vira,
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Egualmente meu nome se insculpira!
Entre a série preclara
De Glauceste a memória se guardára.

Mas onde irá sem pêjo
Collocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenás
Do patrio Ribeirão respira apenas?

O poeta tinha saudades dos álamos, das faias, do manso
gado, do silencio das herdades, em contraste com a natureza
bravia das minas geraes, cujas montanhas o rude trabalho
dos escravos, sob a inclemencia do tempo, rasgava e aluía,
para extrahir o fulvo metal, com que se reconstituia o the-
souro depauperado da metropole.

Recordemos o bello soneto, que é um dos modelos de
classicismo da nossa lingua:

Leia a posteridade, ó patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado,
Porque vejas uma hora despertado
O somno vil do exquecimento frio.

Não vês nas tuas margens o sombrio
Fresco assento de um álamo copado,
Não vês nympha cantar, pascor o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhado as pallidas areias
Nas porções do riquissimo thesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chammas fecunda brota em ouro.

Em uma das eclogas publicadas na *Revista Brasileira*,
pelo sr. barão de Ramiz Galvão tambem se lê:

As doces esperanças vejo mortas
De tornar do Mondego á margem bella
E de bater de minha Arcadia ás portas.

Justa razão de suspirar por ella
Tens, amado Orsenio; eu tambem vejo
Quanto ingrata por minha é minha Estrêlla.

Aqui não é como no fresco Tejo.
Ou como no Mondego, onde já vimos
Um e outro Pastor cantar sem pêjo.

Ao geito desta terra nos cobrimos
De um bem tôsko gabão, qual noutra idade
Não trouxe algum; de musica fugimos:

Vivemos só de vil necessidade:
De luta, jogo ou dança algum vaqueiro
Bem livre está de vêr que aqui se agrade.
Triste de nós neste Paiz grosseiro!

Ferdinand Dénis, em seu *Resumo da História Litteraria do Brasil*, diz que as poesias de Claudio gosam de justa celebridade; "sente-se — diz esse crítico — que Claudio estudou

principalmente os italianos, facto que, talvez, o tenha tornado muito europeu em suas imagens; elle parece desdenhar a bella natureza que o circunda; suas eclogas se submettem ás fórmãs poeticas impostas pelos seculos precedentes, como si o habitante das campanhas do Nôvo Mundo devesse encontrar neste as mesmas imagens que se nos antolham no mundo antigo".

Do mesmo modo, o dr. Paula Meneses, fazendo a crítica da obra de Claudio, disse que "em suas produções campestinas pintara elle apaixonadamente a vida campestre, faltando-lhes para as tornar de primor sómente a influência da patria".

E, como os já citados criticos tambem Ferdinand Wolf, Friedrich Bouterwech, Simon de Sismondi e tantos outros referidos nas *Apreciações de varios auctores*, publicadas por este INSTITUTO, sob o título de *Corôa Claudiana*, assignalam a influência das escholas italiana e portugueza nas composições de Claudio Manuel da Costa, principalmente a das leituras de Petrarcha, Pietro Bonaventura Metastasio, Giovanni Battista Guarini, Camões, Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda.

Ha quem tenha admittido egualmente, na formação espirital de Claudio, como poeta lyrico, a influência de Luis de Gongora y Argota, poeta espanhol, que viveu de 1561 a 1627 e mereceu o elogio de Cervantes, tendo legado á posteridade obras immortaes, ora inspiradas em um ardente sentimento patriotico, como na *Ode a Armada*, ora em trovas populares, como nas *lettrillas*, ora em delicado e doce lyrismo, como em seus conhecidos sonetos, canções de amor e romances mouriscos.

Mas, no conceito mais geral, é a Metastasio que, principalmente, se attribue a mais directã ascendencia na formação litteraria de Claudio Manuel, — o que parece perfeitamente verosimil, dada a circumstancia de terem sido contemporaneos os dous poetas, tendo o primeiro vivido de 1698 a 1782 e o segundo de 1729 a 1789.

Giovanni Battista Guarini é anterior a Claudio, pois falleceu em Veneza em 1612, sendo, entretanto, provavel que a leitura do seu *Pastor Fido* haja tambem inspirado o lyrismo pastoril de Claudio, que era um conhecedor perfeito da lingua italiana, em que escreveu muitas das suas melhores produções.

Dante e Petrarcha, apesar de mais afastados ainda da epocha em que viveu o poeta mineiro, pois que o primeiro morreu em 1321 e o auctor do *Canzoniere* em 1374, são, de certo, a

grande fonte originaria, em que se nutriram a inspiração de Metastasio e de Guarini e a lyrica emotiva de Claudio. O modelo mais directo dêste foi, entretanto, Metastasio, com o seu gracioso florido e commovente lyrismo, todo fundado em dramas de amor, com suas canções e cançonetas, em que, como no antigo theatro grego, se buscava alliar a cadencia dos versos ás toantes da musica.

Veja-se esta reminiscencia de Guarini:

Toda a mortal fadiga adormecia
No silencio, que a noite convidava;
Nada o somno suavissimo alterava
Na muda confusão da sombra fria.

Só Fido, que de amor por Lize ardia,
No socêgo maior não repousava,
Sentindo o mal, com lagrimas culpava
A sorte, porque della se partia.

Vê, Fido, que o seu bem lhe nega a sorte
Querer entenece-la é inutil arte;
Fazer o que ella quer, é rigor forte:

Mas de modo entre as penas se reparte;
Que a Lize rende a alma, a vida á morte,
Porque uma parte alente a outra parte."

Os sonetos de Claudio são verdadeiras joias litterarias, pequenos quadros como os das illuminuras da velha arte flamenga ou os de Sandro Botticelli, embebidos sempre de um perfume de amor, sombreados por uma constante nota de tristeza que parece resultar de uma paixão infeliz.

Vêde como é bello este soneto a Nize:

Nize? Nize? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Si quanto a vista se dilata e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera.

Ah! Si ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave que respira!
Nize, cuido que diz, mas é mentira;
Nize, cuidei que ouvia e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
 Si o meu bem, si a minha alma em vós se esconde
 Mostrae, mostrae a sua formosura.

Nem ao menos o écho me responde!
 Ah! Como é certa a minha desventura!
 Nize? Nize? Onde estás? Aonde? Aonde?

Luis de Camões não se envergonharia de subscrever este lindo e delicado soneto, tão suggestivo, tão cheio de sentimento, tão enquadrado no seu estylo harmonioso e nobre.

Leiamos mais este outro:

Este é o rio, a montanha é esta,
 Estes os troncos, estes os rochedos;
 São estes inda os mesmos arvoredos;
 Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
 Rio, montanha, troncos e penedos;
 Que de amor nos suavissimos enredos
 Foi scena alegre, e é urna já funesta.

Oh! quam lembrado estou de haver subido
 Aquelle monte, e as vezes que, baixando,
 Deixei de pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memória retratando;
 Que da mesma saudade o infame ruído
 Vem as mortas idéas despertando.

Os sonetos são, no dizer do eminente mestre dr. João Ribeiro, dentre a copiosa producção que nos legou Claudio Manuel, a eterna corôa de glória de sua obra litteraria.

Os seus romances, cançonetas e cantatas, as suas odes, as suas eclogas, epicedios e epistolas contêm, entretanto, admiraveis trabalhos, que por si sós justificariam a opinião dos que o consideram um dos maiores poetas de nossa lingua no seculo em que elle viveu.

Menos benigna é a critica dos competentes em relação ao poema heroico *Villa Rica*, que, ao que se suppõe, o proprio poeta não quiz entregar á publicidade, convencido, talvez, de que elle nada ajunctaria á sua glória litteraria.

Não é sómente a monotonia — diz o professor João Ribeiro — e a pobreza de inspiração, que nos desinteressam no poema; mas é o tom laudatorio, o odor do incenso que se trahem em versos porventura menos movidos do amor da patria que da lisonja.

A epopéa das *bandeiras*, que o poeta poz como objecto do poema, possui, como bem o assignala o erudito mestre citado, materia épica, em muito superior á do *Uruguai*, de Basilio da Gama; mas os decasyllabos sem rima do poema épico de Basilio, cantando a lucta dos Portuguezes contra os Indios, instigados pelos Jesuitas, são de muito maior belleza do que as estrophes de *Villa Rica*.

No canto X, que é o último do poema, Claudio escreveu:

Enfim` serás cantada, Villa Rica,
Teu nome impresso nas montanhas fica.
Terás a glória de ter dado o berço,
A quem te faz girar pelo Universo.

E, no final do prologo, disse o poeta:

“Estimarei ver elogiada por melhor penna uma
Terra, que constitue hoje a mais importante capitania
dos dominios de Portugal.”

O poema da fundação de Villa Rica é, no conceito de Olavo Bilac e Guimarães Passos, epopéa de pouco valor, — opinião esta compartilhada por todos os criticos, que pude consultar. Não ha de ser, portanto, por via delle, mas, sim, pelos proprios fastos de sua gloriosa história, que o nome de Villa Rica se perpetuará na memória dos Brasileiros.

O juizo critico do dr. Teixeira de Mello, lido na sessão commemorativa dêste INSTITUTO no centenario da morte do poeta (4 de Julho de 1889), é um dos melhores trabalhos que se têm escripto neste assumpto. Julga esse douto homem de lettras que Claudio Manuel não fôra fadado para os altos vãos da poesia épica e que não era para a sua compleição debil e delicada o embocar, como o épico portuguez, a

tuba sonora e bellicosa
Que o peito accende e a côr ao gesto muda.

O HOMEM PUBLICO E O PATRIOTA

Passemos agora a considerar Claudio Manuel da Costa como cidadão, como fôrça de actuação no meio social em que viveu, ou como expoente das aspirações de liberdade dos seus patricios.

Dos documentos historicos que, esparsos aqui e acolá, se encontram em várias fontes de consulta, verifica-se que a idéa libertadora, a aspiração de independencia da Patria não se crystallizara no espirito de Claudio desde a época de sua juventude, ou, ao menos, ao tempo dos primeiros annos de sua actividade profissional na capitania.

Secretário do govêrno na administração do capitão-general Gomes Freire de Andrade, na do general Luis Diogo Lobo da Silva e na de José Luis de Meneses Abranches Castello-Branco, era Claudio altamente considerado pelos governadores e por elles frequentemente ouvido, como uma especie de consultor nos assumptos mais importantes do govêrno.

Parece que depois de ter servido como secretário até o govêrno do dicto capitão-general d. José Luis de Meneses, conde de Valladares, que se empossou no cargo a 16 de Julho de 1768, — Claudio se dedicou exclusivamente á sua profissão de advogado durante varios annos, até o govêrno de Luis da Cunha Meneses, com quem serviu de nôvo como secretário.

Do general Luis Diogo Lobo da Silva, disse o próprio Claudio, no "Fundamento Historico" que precede ao poema *Villa Rica*, que elle "encheu de merecimentos os dias de seu govêrno".

Do capitão-general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, basta ler o que disse Claudio na *carta dedicatoria* em que offereceu ao ermão do mesmo governador o seu poema acima referido:

Ha muito que anciosamente solicito dar ao mundo um testemunho de agradecimento aos beneficios que tenho recebido da excellentissima Casa de Bobadella.

.....

Quem ignora que, por quasi trinta annos, descansaram, com felicidade, nas mãos dos excellentissimos Freires as Minas de Ouro do nosso Portugal ?

Esse governador — José Antonio Freire de Andrade — substituiu interinamente o seu ermão, Gomes Freire, durante

o tempo em que este esteve no Uruguai com a real commissão do tractado de limites.

O elogio de Claudio Manuel aos governadores, que antece-deram aos de sua época, não exclue o proprio d. Pedro de Almeida, conde de Assumar, que, governando as capitánias ainda reunidas de São Paulo e Minas, passou para estas em Setembro de 1717 e afogou em sangue a revolta de Philippe dos Sanctos. Com effeito, referindo-se ao dicto conde de Assumar, em seu citado "Fundamento Historico", escreveu Claudio Manuel:

Foi o seu govêrno bastantemente crítico por en-contrar a opposição dos povos na criação das casas da fundição. Subjugou heroicamente alguns levantados e sublevações, principalmente os de Pitangui, fulmina-dos por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Villa Rica, que foi ter á Marianna em 28 de Junho de 1720; aqui se lhe fez preciso prender a uns, e castigar a ou-tros com a última pena.

Estes procedimentos lhe adquiriram o nome de tyranno nas Minas; mas á sua constancia e resolução, deve Portugal a inteira sujeição da capitania; o exem-plar castigo acabou de aterrar os animos de um povo tantas vezes rebelde e segou de uma vez a real auctoridade.

A dedicatória cortezã da ecloga III a Sebastião José de Carvalho e Mello, então conde de Oeiras; a *Ode* no attentado contra este, já então elevado a marquez de Pombal; os sonetos que lhe dedicou; a *Falla* ao governador d. Antonio de Noronha, quando se recolheu da Conquista do Caieté; a *Ode* no anni-versario de um filho de d. Rodrigo José de Meneses — são documentos que attestam a inexistencia até então de qual-quer preocupação nacionalista no espirito de Claudio Manuel da Costa.

No *Canto heroico* a d. Antonio de Noronha, na occasião em que os movimentos da guerra do sul o obrigaram a mar-char para o Rio de Janeiro com as tropas de Minas Geraes, — o poeta excede-se:

.....
Antonio, o grande Antonio é quem segura
Das Patrias Minas o feliz districto,
Por elle a mão da provida Ventura
Tem o nosso prazer em bronze escripto.

.....
 Correi de leite e mel, ó Patrios Rios,
 E abri dos seios o metal guardado;
 Os borbotões de prata, e de oiro os fios
 Saião do Luso a enriquecer o Estado.

.....
 Quem por teu beneficio, quem gemia
 Ao pêso da oppressão, quem melhorado
 Não via o seu destino soccorrido
 Da tua protecção, de ti ouvido ?

.....
 A justiça, a razão, a segurança,
 De todo o nosso bem, qual nobre indulto
 Em ti não encontrou ? por ti vivia
 Da virtude o esplendor, por ti luzia.

D. Antonio de Noronha governou a Capitania de Minas de 29 de Maio de 1775 a 20 de Fevereiro de 1780, em que foi substituído por d. Rodrigo José de Meneses, o qual passou o govêrno, a 10 de Outubro de 1783, a Luis da Cunha Meneses, que, finalmente, o transferiu ao visconde de Barbacena em 11 de Julho de 1788, ou menos de um anno antes da morte de Claudio Manuel.

Foi sómente no curto govêrno de Luis da Cunha Meneses, em Minas Geraes, que se começou a formar a Inconfidencia.

O conselheiro José de Resende Costa, um dos poucos Inconfidentes que regressaram do horrendo degrêdo nos inhospitos areaes da Africa, traduzindo e annotando a página do historiador Southey acêrca dêsse drama da nossa História, escreveu em 1839:

Tiradentes começou a manifestar seus *principios* no govêrno de Luis da Cunha Meneses, em Minas Geraes, que, sendo-lhe denunciados, os desprezou, como se declara no Accordam da Alçada e *proseguiu com vigor* no anno de 1788, princípio do govêrno do visconde de Barbacena, no qual se combinaram o dicto Tiradentes e o dr. José Alvares Maciel.

As causas, como se sabe e já o dissemos a princípio, eram multiplas e profundas, vinham de longa data e se prendiam ao systema ignominioso e oppressivo da colonização no Brasil.

Até 1776 não houve instrução pública em Minas, porque o proprio Governo entendia ser indispensavel manter o povo na ignorancia para melhor conserva-lo na escravidão.

Não existia agricultura, nem vias de comunicação, sendo prohibido, sob penas severissimas, abrir estradas.

O Governo rasgara, no proprio traço dos *bandeirantes*, a estrada que ligava Rio de Janeiro e São Paulo á Villa Rica e aos districtos auriferos e diamantiferos do norte da Capitania de Minas, e uma outra estrada que ligava Villa Rica ás ricas minas de Paracatú e Goiaz. Nos pontos extremos, quartéis de *dragões*, incumbidos de reprimir o contrabando do ouro, sendo os moradores obrigados a aposenta-los e attender-lhes ás requisições, quando em cavalgatas atrevidas percorriam as regiões servidas pelas duas estradas referidas, que eram as unicas existentes na capitania.

A justiça d'el-rei era sómente para fazer as prisões arbitrárias, auxiliada por uma policia cuja função mais frequente era a de publicar os celebres *bandos* para aterrorizar as populações, ameaçando-as com os despejos violentos, o fechamento compulsorio das poucas casas de commercio, as buscas sem motivo e o degrêdo tyrannico de innocentes chefes de familia, cujas esposas e filhas ficavam, inermes victimas, entregues á luxuria boçal da soldadesca desenfreada.

O recrutamento feroz arrancou seis mil jovens patricios, só em 1775, de uma população inferior a 180 mil almas, para as guerras contínuas no Rio da Prata.

E os males iam sempre crescendo, ao passo que a exaustão das minas provocava uma terrivel crise de miseria do povo, deante da qual não abrandava o appetite violento do fisco portuguez.

Voltaram-se as energias do rebanho trabalhador para outros meios de producção economica e fundaram-se numerosas fabricas de tecidos em varios pontos da capitania. Mas o alvará régio de 5 de Janeiro de 1785 ordenou, sob as mais graves penas, o fechamento e destruição daquella incipiente indústria.

Por fim, a *derrama*, a ameaça de cobrança, pelo confisco dos bens dos infelizes devedores da importancia dos *quintos* em atraso, no valor de seiscentas arrobas de ouro.

Era o aniquilamento total da vida na capitania, era a miseria definitiva dos que trabalhavam, era a ruina, a escravidão, o opprobrio do povo.

Dahi o movimento dos que, pelas draconianas leis do tempo, se chamaram *inconfidentes*, accusados do crime de lesa-magestade, de terem faltado á fé para com o principe:

mas nas páginas da nossa História figuram como primeiros martyres, precurssores da independencia nacional.

Qual o papel de Claudio nos primeiros factos da conjuração, cujos *cabeças* eram Tiradentes e José Alvares Maciel?

Sabe-se que tomou parte em reuniões secretas em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, commandante do Regimento de Dragões, de que era alferes o “Tiradentes”, e que participou tambem da discussão para a escolha da bandeira e armas da nova República.

Tiradentes suggeriu para o escudo um triangulo, symbolizando as tres Pessoas da Sanctissima Trindade; Claudio alvitrou a adopção das armas norte-americanas — o genio da America rompendo cadeias — e a legenda “*Libertas quæ spiritus*”; Alvarenga Peixoto julgou pobre de idéa esta legenda, que o proprio Claudio substituiu então pela outra — *Aut libertas, aut nihil* —, que tanta affinidade tem com a phrase do Ipiranga: *Independencia ou morte*. Mas, finalmente, foi acceita e adoptada a proposta de Alvarenga Peixoto, que está hoje nas armas do Estado de Minas Geraes: *Libertas quæ sera tamen* — phrase tomada a um verso de Vergilio.

Dos proprios depoimentos dos conjurados nos autos da *devassa*, consta que Claudio compareceu tambem a reuniões em casa do seu intimo amigo — dr. Thomaz Antonio Gonzaga — que exercera até então o cargo de ouvidor em Villa Rica e acabava de ser despachado desembargador para a Relação de Goiaz.

Em sua propria casa, Claudio confabulou com varios conjurados e, ao que parece, estava incumbido de organizar o systema legal da República a fundar-se.

E' tudo quanto se sabe do papel de Claudio na conspiração. O que se conhece, porém, do seu genio, através dos escriptos que nos legou, basta para que possamos julga-lo como politico e como revolucionario.

Natureza romantica, temperamento pacato, alma idealista, character melancolico, a sua comparticipação no movimento projectado nunca seria pela acção directa, mas, sim, unicamente, pelo espirito, pela palavra, pelos sentimentos e pela fé na victória pacifica dos principios.

Conhecedor, como antigo secretário do govêrno, do profundo desgosto e sentimento de revolta, que reinavam na capitania, assim como da exigencia cada dia mais premente do régio fisco para a arrecadação dos impostos, Claudio Manuel deixou, pela segunda vez, o seu cargo, logo depois que Luis da Cunha e Meneses passou o govêrno ao visconde de

Barbacena, em 1788, ou em o anno anterior á sua morte, occorrida em pleno desenrolar do drama da Inconfidencia.

Dêsse tempo é que devem partir as suas preocupações de ordem política e as suas aspirações de independencia da Patria, ou, ao menos, deve datar dessa época a concretização de taes idéas em seu espirito, sob a fórmula de um programma de acção. Sonho de poetas, animado pela ardente fé de Tiradentes, esse programma foi discutido em palestras litterarias, ora em casa de Claudio, ora na de Gonzaga, ora na do tenente-coronel de dragões Francisco de Paula Freire de Andrade, que o enthusiasmo juvenil de José Alvares Maciel, cunhado dêste último, e a varonil energia do alferes Silva Xavier tinham conseguido arrastar para a conjuração. As bases do levante, a declaração de liberdade do commercio dos diamantes, a fundação de uma universidade fôram questões discutidas e examinadas, consubstanciando-se, com outras medidas, em um programma organico de acção, que ficou sendo em verdade a primeira manifestação systematizada do pensamento autonomista no Brasil.

Claudio Manuel, no entanto, não foi dos mais exaltados adeptos do premeditado levante, por não ter confiança no meio social do tempo, ainda não preparado, a seu juizo, para empresa de tal monta. Elle mesmo o declarou a seu cliente Basilio de Brito Malheiro do Lago, que foi um dos infames delatores do movimento e o procurara, como espião do visconde de Barbacena, para, á falsa fé, colher d'elle elementos de informação. "Haviam sido bem succedidos os Americanos — dizia elle — porque tinham encontrado homens capazes para a revolução, no entanto que nas Minas não se depararia um. O unico que andava feito um catavento era o Tiradentes, mas que ainda lhe haviam de cortar a cabeça."

Prêso na madrugada de 25 de Junho de 1789, Claudio Manuel foi recolhido a um dos carcerees mandados construir ás pressas na Casa do Real Contracto, ou Casa dos Contos, pelo visconde de Barbacena, para a detenção dos numerosos *inconfidentes*, que chegavam algemados a Villa Rica.

Esse carcere, ou *segrêdo*, até hoje existe no pateo de entrada na referida casa, que ainda é proprio nacional, e que, nos primeiros annos da República, serviu para Delegacia do Thesouro Federal, Administração dos Correios e Cartorio do escrivão do Juizo Seccional. Ahi entrei muitas vezes, quando, começando a minha vida pública, exerci o cargo de procurador da República no Estado de Minas Geraes, e ainda tenho nos olhos, neste momento, a casa, de bella e airosa linha co-

lonial, a ponte que lhe está proxima, e o quadro daquelle original e severo canto da gloriosa Villa Rica.

Foi ahi que se realizou, a 2 de Julho de 1789, o interrogatorio do poeta pelo ouvidor Pedro José Araujo de Saldanha, acompanhado do escrivão, bacharel José Caetano Cesar Manite.

Que se teria passado nesse acto, de que não tenha ficado constancia no corpo do documento?

A tradição popular, transmittida de geração em geração, mantém a crença de que o poeta foi sacrificado pela tyrannia. Um dos seus biographos, o erudito ex-presidente dêste Instituto — Joaquim Norberto de Sousa e Silva — apresenta-nos Claudio Manuel da Costa infermo, decadente, transido de pavor deante da auctoridade, negando a pés junctos qualquer participação no movimento e envolvendo nelle varios amigos, entre os quaes o seu dilecto collega e confrade, dr. Thomaz Antonio Gonzaga.

Não obstante a opinião dos que consideram Claudio como suicida aquella tradição se conserva, como o attestaram os redactores do *Almanack da Provincia de Minas Geraes*, edição de 1864, que declararam que, nesse anno, ainda viviam em Ouro Preto muitas pessoas que affirmavam ter sido o poeta assassinado, por terem ouvido isto a coevos dêste.

O depoimento de Claudio Manuel é, em verdade, infeliz. Hesitante, frouxo, negativo, preocupado com a sua propria salvação, terminando com um protesto de fidelidade ao governador, a quem pede perdão, o poeta comprometteu ahi indirectamente outros accusados da justiça régia, cujos nomes declinou: padre Carlos Corrêa de Toledo, vigario de São José; dr. Thomaz Antonio Gonzaga, dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Domingos de Abreu Vieira, padre José da Silva de Oliveira Rolim, tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade e seu cunhado dr. José Alvares Maciel, e, finalmente, entre todos, o valoroso alferes Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes.

Mas a authenticidade absoluta dêsse documento não pôde ser garantida, tanto porque o depoente, morto dous dias depois, não poderia mais contesta-lo, rectifica-lo, confirma-lo, nem ser posto em acareação com outros, quanto, principalmente, porque consta da propria sentença da Alçada que tal auto de perguntas a Claudio é juridicamente defeituoso e, portanto, de pouco valor probante e de authenticidade duvidosa. Na sentença, com effeito, na parte referente a Gonzaga, lê-se o seguinte:

Mostra-se pelo appenso n. 4... da devassa de Minas, das perguntas feitas ao réo Claudio Manuel da Costa, *ainda que nesta houvesse o defeito de se lhe não dar juramento pelo que respeita a terceiro, etc.*

Muitos outros accusados, na devassa, rectificaram os respectivos primeiros autos de perguntas, fôram acareados entre si para esclarecimento de contradicções e divergencias; mas a Claudio Manuel, por cúmulo de sua desventura, nem esses recursos ficaram, para que, confundindo os seus algozes, pudesse comparecer depois com elles perante o tribunal da posteridade.

Esse interrogatorio foi feito sem presença de testemunhas e em segredo de justiça. Ao auto só estiveram presentes o desembargador interrogante, o escrivão e a victima: era a justiça oppressora da época, deante da victima tyrannizada e inerte; era o symbolo da auctoridade brutal, violenta e arbitraria da metropole, em face da colônia explorada, desprezada, perseguida e posta a ferros.

E' certo que Claudio não era considerado como dos principaes chefes da conspiração, não tinha o ardor exaltado de Tiradentes, o entusiasmo juvenil de José Alvares Maciel, a fôrça e recursos pecuniarios de Alvarenga Peixoto, o prestigio na tropa de Francisco de Paula Freire de Andrade, nem mesmo a capacidade organizadora de Thomaz Gonzaga; mas era apenas, como o disse Charles Ribeyrolles em seu *Le Brésil Pittoresque*, "um dêsses artistas delicados, pensadores altivos, mas ternos, que não amam o ruido e a fama, que temem a glória selvagem dos cadafalsos e que tudo sacrificam para morrer longe das multidões".

Dir-se-á, pois, que não havia interesse para o govêrno do visconde de Barbacena em fazer desaparecer, ao abrir-se a devassa, esse conjurado, pois não era de recear-se que, em declarações posteriores, pudesse elle comprometter o proprio govêrno da capitania.

Temos de confessar que as apparencias auctorizam taes conclusões: mas o certo é que a tradição do assassinio do poeta conservou-se na sequencia dos tempos, talvez porque o povo, que tem visto tantos crimes, seja levado sempre a concluir, quando ha mysterio, pela existencia do crime — como o disse acêrca dêste caso o citado Ribeyrolles.

Essa tradição se avigorou fortemente depois da discussão historica iniciada com um documento da mais alta importancia, que só veio a lume em 1876. Refiro-me á carta publicada em o número 76, de 21 de Dezembro do dicto anno, do jornal *A Gazeta de Campos*, pelo dr. Miguel Antonio Heredia de Sá.

O dr. Heredia de Sá, filho de d. Maria do Carmo Moreira de Sá e neto, pela linha materna, do velho fidalgo português Francisco Joaquim Moreira de Sá, morgado de Sá, contou que ouvira á sua mãe o seguinte:

que, tendo emigrado para o Brasil, em companhia de d. João VI, o referido fidalgo veio estabelecer-se em Minas, em Sancto Antonio do Rio Abaixo, onde montou uma grande fazenda, em cujo solar se constituiu um centro de reunião da melhor sociedade do tempo, graças ao prestígio de que gosava no Paço o referido morgado de Sá e á generosa acolhida por elle feita a seus hospedes;

que, entre os que mais frequentavam sua casa, estava um cirurgião, conhecido pela alcunha de "Paracatú" que geralmente passava por brasileiro nato, mas era portuguez de nascimento;

que esse cirurgião foi um dos incumbidos pelo governo de proceder ao auto de corpo de delicto no cadaver de Claudio Manuel da Costa — e que elle o fez conscienciosamente, declarando que o poeta não se suicidara, mas, sim, fôra assassinado;

que, no dia seguinte, o dicto cirurgião fôra procurado por um dos ajudantes de ordens do general governador, "o qual lhe disse que fizesse novo corpo de delicto, pois aquelle outro havia sido inutilizado por uma creança, que lhe derramara em cima um tinteiro, e aconselhou-o a que o fizesse por outro teór. O cirurgião Paracatú seguiu o salutar conselho; fez novo corpo de delicto declarando que Claudio Manuel se tinha suicidado.

Essa narrativa foi feita confidencialmente pelo proprio cirurgião a seu amigo morgado de Sá, em presença daquella sua filha e do dr. Antonio Secioso Moreira de Sá, sobrinho desta senhora e creado em sua casa.

O importante documento citado foi, mais tarde, apreciado pelo douto ex-secretário deste INSTITUTO, dr. José Alexandre Teixeira de Mello, em minucioso estudo publicado no 2º volume dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

O dr. Teixeira de Mello era natural de Campos, onde residia a veneranda matrona, d. Maria do Carmo Moreira de Sá, e, tendo-a conhecido pessoalmente, declarou que ella foi sempre distinguida com a maior veneração pelos campistas e que elle, desde creança, sempre a respeitara por suas virtudes e não vulgar cultura de espirito.

Accrescentou o dr. Teixeira de Mello que, tendo appealado para as reminiscencias do probo e illustrado dr. Secioso, que ainda vivia em 1876, este confirmou a asserção do dr. Heredia de Sá e accrescentou que mesmo lhe parecia, tanto quanto se podia recordar, pois era nessa época muito creança, ter ouvido de sua respeitavel tia que o poeta do Ribeirão do Carmo morrera envenenado, o que está de accôrdo com as suspeitas do visconde de Porto Seguro, com a asseveração do conego Januario da Cunha Barbosa e com a versão admittida por Ferdinand Dénis.

Com argumentos de alta valia, o dr. Teixeira de Mello concluiu affirmando que Claudio não se suicidou, mas foi assassinado;—que o seu depoimento foi arrancado com violencia, ou, talvez, forjado para, em seu respeitado e prestigioso nome, poderem os inquisidores encontrar maior culpa nos outros infortunados companheiros do poeta. Os antecedentes da vida de Claudio, toda inspirada em sentimentos da mais alta dignidade e nos mais nobres attributos de character, protestam contra a versão, que lhe attribue a responsabilidade das pusillanimes declarações postas sob a sua assignatura no famoso processo da *devassa* de Minas. E deve ser assignalado que o desembargador Coelho Torres, nas suas informações ao vice-rei, considerou defeituosos esse depoimento e o auto de corpo de delicto, por feitos ambos com preterição de formalidades essenciaes.

Não é de admirar-se que taes suspeitas não tivessem vindo a público nos tempos que se seguiram ao drama historico da Inconfidencia, pois que, nessa época de oppressão e tyrannia, a ordem do despotismo era para impôr silencio absoluto em tôrno dos nomes implicados no movimento—alguns já fallecidos e a maior parte cumprindo no degrêdo da Africa as terriveis penas a que tinham sido condemnados.

Refere o auctor das *Ephemerides Mineiras* que,

ainda em 1807, em extensa monographia escripta em Villa Rica acêrca da Capitania Mineira, era elle (Claudio Manuel) propositalmente excluido de qualquer menção do capitulo alli consagrado a recordar as pessoas celebres nascidas em Minas Geraes, quando é certo que o auctor não se esqueceu de referir numerosos Mineiros de valor somenos.

Era perigoso relembrar as glórias litterarias de Glauceste Saturnio, porque o poeta se encarnava no patriota e o patriota no inconfidente condemnado.

Publicada em 1876 a carta do dr. Heredia de Sá e dado á luz o estudo do dr. Teixeira de Mello, que se baseou naquelle documento, veio a campo o eminente historiador — dr. Mello Moraes — que, em artigos estampados no *O Globo* de 7 a 13 de Março do dicto anno e apoiado no auto de corpo de delicto de 4 de Julho de 1789, combateu a opinião do mesmo dr. Teixeira de Mello, mas trouxe, ao mesmo passo, uma nova e valiosa prova do assassinio do poeta. Essa prova decorre da asserção, feita pelo proprio dr. Mello Moraes, de que o dr. Americo de Urzeda, homem fidedigno e respeitavel, nascido em Villa Rica e já adolecente em 1789, lhe communicara ter ouvido dizer que Claudio Manuel fôra assassinado.

Proseguindo a discussão historica, provocada pela mencionada carta do dr. Heredia de Sá, interveio no debate, sob o pseudonymo de *Um Mineiro*, o dr. Christiano Ottoni, illustre brasileiro, que foi, no Imperio e na República, senador pelo Estado de Minas Geraes.

Baseando-se na tradição recebida de Jorge Benedicto Ottoni, que, por sua vez, a haurira do padre Manuel Rodrigues da Costa e de outros implicados e contemporaneos da Inconfidencia, refere o conselheiro Christiano Ottoni que:

Francisco de Andrade, cidadão muito considerado em Ouro Preto, onde morreu em idade avançada, militava no regimento de cavallaria de Minas, que tinha sua parada em Villa Rica, e fazia parte da guarda da prisão no dia 3 de Julho de 1789, que precedeu á morte do prêso Claudio Manuel da Costa. Nesse regimento, cuja disciplina e moralidade deixaram em Minas a mais honrosa memória, assentavam praças os filhos das principaes familias da provincia.

No dia 8 de Julho de 1789, a guarda fornecida por aquelle destacamento modêlo — dizia Francisco Ribeiro de Andrade, que della fazia parte — fôra mandada retirar-se ás 6 horas da tarde, sem que se soubesse ou allegasse motivo algum: ficou a prisão entregue a soldados de policia. O mesmo Francisco Ribeiro de Andrade accrescentava que elle e seus camaradas tinham ficado na crença de que a mudança da guarda fôra preparativo para a execução nocturna.

Existe nesta côrte — termina o conselheiro Christiano Ottoni — um neto do antigo soldado, pessoa a todos os respeitoes estimavel, que ouviu a seu avô

o que acabo de narrar: A esta voz do povo, constante, corroborada pelo facto da mudança da guarda, facto aborrido pela grande confiança que me merece o actual depositario da tradição — homem honestissimo, incapaz de alterar a verdade para qualquer fim — que se oppõe? — O auto de corpo de delicto defeituoso e suspeito?

Deante dos novos elementos de credibilidade, sinão prova concludente de assassinio, deante dos mais recentes documentos a que acabo de referir-me, deve-se considerar inteiramente destruido o argumento que até então servia de prova para a versão do suicidio. Não se póde mais dizer, como na argumentação anterior ao apparecimento dêsses novos documentos, que não é licito invocar-se a tradição, quando existe como prova a história escripta.

No caso de que tractamos, o que foi escripto em apoio da hypothese do suicidio, vem exclusivamente de um só documento: o auto de corpo de delicto. Mas, si para infirma-lo não bastassem as provas, que surgiram no debate de 1876, a clamorosa absurdidade de seu contexto o repelliria em analyse guiada por um rigoroso senso jurídico e pelo proprio direito judiciario da época em que se lavrou tal documento.

Delle consta, com effeito, que o cadaver foi encontrado de pé, encostado a uma prateleira, com o braço direito erguido e empurrando para cima uma taboa da mesma prateleira, na qual se achava passada em tórro uma liga de cadarço vermelho, com uma laçada na outra ponta, que prendia em seu corrediço o pescoço do cadaver.

Quem ousaria, em nossos dias, subscrever esse auto de corpo de delicto? Têm ou não razão os que affirmam que tão vergonhoso documento "foi imposto ao terror de quem o assignou pelos executores da alta justiça d'El-Rey?"

A contusão encontrada na parte superior do larynge e que, no dizer do auto de corpo de delicto, *mostrava ser feita com o laço quando correu*, era o signal do estrangulamento da victima, practicado por mão homicida no silencio do *segrêdo*.

A sciencia prova o mechanismo da morte nos casos de asphyxia e que tanto se póde morrer por esse meio em 15 a 20 quanto em um a dous minutos.

Sabe-se tambem que os enforcamentos por suspensão incompleta se podem dar pelos meios os mais extraordinarios, havendo casos em que o laço foi amarrado a um bico de gaz, a uma maçaneta de fechadura, a um braço de cadeira, a um

encosto de cama, a um fecho de janella, como no caso historico do principe de Condé, que, a 29 de Agosto de 1830, em pleno reinado de Luis Philippe, foi encontrado morto em seu castello de Saint-Leu, enforcado com dous laços de seda atados um ao outro e amarrados ao punho da cremona de uma janella.

Suicidio ou homicidio ?

Não basta o exame exterior do cadaver, mas a autopsia se faz necessaria ao descobrimento da verdade.

No caso de Claudio Manuel da Costa, não houve sinão uma grosseira descripção da fórma em que o corpo fôra encontrado. Mas ahi mesmo ficou indelevel a prova do homicidio, para perpétua execração dos seus sinistros auctores.

Com effeito, todas as observações attestadas por mestres do valor de Tardieu e Brouardel provam que, salvo casos rarissimos, os braços dos enforcados ficam sempre extendidos, para baixo, collados ao corpo, pelo proprio effeito da gravidade.

Os auctores de Medicina legal, passados em revista, só indicam, como excepção a tal regra, o caso de um enforcado, que foi encontrado com a mão direita presa ao proprio laço do pescoço, e os dedos, em contracção, operada talvez no momento em que, impellido pelo instincto de conservação e de defesa, tentasse afrouxa-lo.

Ora, contra todos esses principios verificados pela observação e experiencia scientificas, os peritos descreveram o estado do cadaver de Claudio, como estando de pé e tendo o braço direito erguido, sem apoio em qualquer objecto, mas, ao contrário, forcejando de baixo para cima a taboa da prateleira, como si o infeliz poeta houvesse querido apertar, por esse modo, o laço corredio, que lhe circundava o pescoço, quando era mais natural que o fizesse pelo proprio pêso do corpo.

A morte, ao invés de lhe ter relaxado os musculos no momento supremo, ao invés de lhe ter provocado a quéda dos braços, por effeito do pêso dêstes e da lei da gravidade, deixou-lhe suspenso o direito, como si nessa attitude ficasse em perpétuo protesto contra os inimigos da grande causa, de que elle era nesse momento o primeiro martyr e o nobre symbolo.

O movimento para a victória dessa causa era, talvez, precoce no Brasil, nesse grande anno historico, em que, entre terriveis convulsões sociaes, desabava na Europa o antigo regime e nascia a nova consciencia humana ao influxo da trilogia sagrada da liberdade, egualdade e fraternidade.

Mas esse sonho de poetas, esse ardor ingenuo de patriotas exerceu grande influencia no sentido da marcha da idéa libertadora, porque a fórma social e política em que um povo pôde entrar e permanecer não depende, como o disse Taine, de seu arbitrio, mas, sim, é determinada por seu character e por seu passado.

A Inconfidencia é o episodio romantico da independencia.

Foi ella que forneceu as primeiras vítimas dessa grande causa nacional, concorrendo, assim, para o futuro triumpho, porque as grandes idéas, para que vençam, precisam de seus martyres.

Claudio Manuel da Costa foi um destes.

O seu cadaver, encontrado de pé, com a cabeça erecta e a dextra levantada, foi tido, pelas gerações que viveram entre 1789 e 1822, como o de um conductor, que estivesse divinando ras brumas do futuro os primeiros e ainda pallidos clarões do Sol de Septe de Setembro." (*Prolongados e calorosos applausos*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*), reiterando os agradecimentos do INSTITUTO ao sr. Afranio de Mello Franco, a quem vivamente felicita pelo notavel trabalho que acaba de produzir, diz mais que a 30 do corrente celebrará o centenario de sua fundação uma das associações mais benemeritas do Brasil: a Academia Nacional de Medicina.

O INSTITUTO, que muito a préza, entre outros motivos, porque tem com ella varias affinidades, cordialmente desde já se associa ás festas da commemoração.

Para o representar nesta solennidade, nomeia mais do que uma comissão, uma delegação, composta dos seguintes distinctos medicos, todos prestantes socios do INSTITUTO: Ramiz Galvão, chefe da delegação; Afranio Peixoto, Alfredo Nascimento e Silva, Braz do Amaral, Edgard Roquette Pinto, Juliano Moreira e Olympio da Fonseca.

Agradece depois o serviço prestado pelo sr. Roquette Pinto, representando o INSTITUTO na solennidade da inauguração da estatua de Fritz Müller, em Blumenau; agradece tambem ao mesmo uma photographia do monumento, que foi collocada no gabinete presidencial.

Agradece egualmente a preciosa dadiua do dr. Mario de Lima Barbosa, consistente em reproducções photographicas de documentos existentes nos archivos dos Estados Unidos da America, relativos á revolução pernambucana de 1817.

Lamenta a morte do sr. José Pereira Rego Filho, socio effectivo desde 1906, mandando inserir na acta um voto de pesar por esse fallecimento.

Declara mais o presidente que havia nomeado o sr. Eugénio de Castro para, com o sr. Rodolfo Garcia, estudar a proposta dêste consocio, apresentada em sessão de 17 de Julho de 1922, sôbre as viagens de Pinzon e factos correlatos, e, que, como annexo da acta, se encontrará tudo o que se refere à mesma proposta.

Conclue annunciando a sessão solenne de 28 de Julho, consagrada a festejar-se a celebração do accôrdo sôbre o litigio de Tacna e Arica, na qual devem fallar, em breves allocações, de 15 minutos, o sr. Ramiz Galvão, saudando os Estados Unidos; o sr. Manuel Cicero, saudando a República do Perú; o sr. Rodrigo Octavio, saudando o Chile e pelo presidente, a paz americana. Para essa sessão vão ser convidados o sr. presidente da República, altas auctoridades e o corpo diplomatico.

O sr. MAX FLEIUSS (1º *secretario perpétuo*) propõe e é unanimemente approvado, que se insiram, como annexo da acta, não só o brilhante parecer do deputado Carlos Penafiel sôbre os nomes geographicos nacionaes e estrangeiros, approvados pelo INSTITUTO, na conferencia que, sôbre o assumpto, promoveu e realizou, como o projecto apresentado sôbre o assumpto pelo eminente deputado Aarão Reis.

Egualmente, dá conhecimento de uma carta do desembargador Collares Moreira acêrca de um autographo de Joaquim Silverio dos Reis, do qual se certifica a presença no Maranhão, do delator da Inconfidencia, onde morreu a 17 de Fevereiro de 1810, sendo sepultado na egreja de São João Baptista.

A carta, na sua íntegra, é a seguinte:

Meu prezado amigo sr. dr. Max Fleiuss.

Affectuosas saudações. Sei quanto o meu amigo se interessa por tudo o que diz respeito aos factos históricos do nosso Brasil e, attendendo a isso, resolvi escrever-lhe estas linhas que, acredito, poderão servir para esclarecer a dúvida decorrente do que expõe o distincto escriptor, sr. dr. Alberto Lamego, no seu brilhante estudo sôbre a personalidade de Joaquim Silverio dos Reis, o delator da Conjuração Mineira —, publicado no *O Jornal* de hoje.

Destaco do erudito trabalho o seguinte trecho:

Dahi por deante os nossos historiadores perderam as pégadas do delator, affirmando, entretanto, muitos que elle se refugiara no Maranhão, onde adoptara o appellido de Montenegro, acabando alli os seus dias.

Isto, porém, não é verdade como vamos ver.

Estou certo, apesar da grande auctoridade desta affirmativa, de que a verdade, quanto á estada e fallecimento de Joaquim Silverio dos Reis, em Maranhão, está com os historiadores, aos quaes o sr. dr. Lamego se referiu.

Nas "Ephemerides Maranhenses", do meu saudoso mestre e amigo, sr. professor José Ribeiro do Amaral, na primeira parte que se refere aos tempos coloniaes, á pag. 108, anno de 1819, lê-se o seguinte:

A 17 de Fevereiro, fallece nesta cidade o coronel Joaquim Silverio dos Reis, o delator da Inconfidencia mineira sendo sepultado na igreja de São João Baptista, segundo se verifica da fl. 292 do livro de assentamentos de obitos da Freguezia de Nossa Senhora da Victória desta capital.

A declaração é precisa, feita de modo a não offerecer dúvidas.

Mas, não fico aqui. Ha uns quinze annos, mais ou menos, em uma das minhas viagens ao Maranhão, aquelle meu velho mestre e amigo obsequiou-me com alguns autographos por elle encontrados nas suas pesquisas nos archivos da terra. Entre os autographos a que me refiro, encontrava-se justamente um do coronel Joaquim Silverio dos Reis *Montenegro*, relativo a um caso qualquer da guarnição militar de São Luis, á qual pertencia, e que o saudoso professor Amaral encontrara em um daquelles archivos.

Aqui, offereci o mesmo autographo ao meu eminente amigo, actual senador Vespucio de Abreu, então meu collega da Camara dos Deputados. Deve encontrar-se em seu poder.

Sou, com particular estima, amigo e admirador.
— Arthur Q. Collares Moreira.

Accrescenta o sr. Max Fleiuss que, consoante as informações do sr. desembargador Collares Moreira, já se dirigiu ao sr. senador Vespucio de Abreu, pedindo, para o INSTITUTO, o documento alludido, e ao commandante Magalhães de Almeida, governador do Maranhão, solicitando de s. ex. uma certidão do sepultamento de Joaquim Silverio dos Reis.

O SR. EUGENIO VILHENA DE MORAES tem occasião de, proficientemente, firmado em documentos da maior valia, como o livro de assentamentos de José Joaquim de Lima (visconde de Magé), todo de seu proprio punho escripto e um caderno manuscripto da genitora do duque de Caxias, provar que o regente do imperio, Francisco de Lima e Silva, não nasceu nesta capital no dia 8 de Julho de 1785, como affirmam todos os escriptores, mas a 8 de Junho daquelle anno. Tendo esse documento assignalado a parochia em que foi baptizado o regente, obteve do parcho da egreja de São José, revmo. conego Marinho, a immediata verificação no livro de assentamentos do baptismo, do qual consta egualmente a data de 8 de Junho, como a do nascimento do regente, certidão que ficou archivada.

A importante rectificação historica sôbre o nascimento do regente, que teve, além dessa glória, a de ter sido pae do duque de Caxias, é recebida com geraes applausos.

E' tambem lido pelo 2º Secretario o offico do sr. embaixador Edwin. Morgan, hem como o seguinte telegramma, com o qual o sr. embaixador do Chile respondeu ás congratulações do INSTITUTO, por motivo da terminação do conflicto de Tacna y Arica.

O accôrdo que sellou, para sempre, a amizade de dous povos que nasceram junctos na vida histórica, não sómente traduz os exforços que os governos e os povos fizeram para a paz de ambos os paizes. O accôrdo é tambem o resultado da cooperação espiritual da familia americana, que viu com a mais sincera sympathia as iniciativas dos Estados Unidos e que hoje applaudem unanimemente o exito alcançado por este afortunado trabalho de cordialidade dos grandes estadistas que dirigem aquelle povo. O INSTITUTO HISTORICO, do Brasil, tem sido uma destas fontes de alta inspiração da tradição e do sentimento panamericano. Rogo a Vossas Excellencias que accitem os mais sinceros agradecimentos do Embaixador do Chile. — *Alfredo Irazaval.*

O SR. PRESIDENTE diz que o sr. ministro Victor Maúrtua veio pessoalmente ao INSTITUTO agradecer á sua directoria as felicitações por aquelle mesmo motivo.

Encerra-se a sessão ás 18 ½ horas. — *Agenor de Roure*, 2º secretário.

ANNEXOS A' ACTA

I

INSTITUTO ARCHEOLOGICO, HISTORICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

"24 de Janeiro de 1929.

Exmo. sr. presidente do Instituto Histórico Brasileiro.

Como sabe v. exa., como conhece a douta aggregriação que v. exa. preside, a naturalidade do indio d. Antonio Felipe Camarão, si bem que para nós perfeitamente exclarecida, é cousa que ainda hoje se discute.

Apesar da opinião de Capistrano de Abreu, que julgou perfeitamente liquidado o caso quando esse benemerito Instituto obteve cópia do processo do jesuita Manuel de Moraes, no qual se encontra o depoimento de Camarão, que combateu os Hollandezes e se qualificou como de Pernambuco, da aldêa Miritibe; apesar de, analysando esse processo, ter Oliveira Lima opinado tambem pela liquidação da contenda, timbram ainda os modernos escriptores do Rio Grande do Norte em considerar o nosso heroe como o velho Potiguassú, que alli nascera.

Querendo ver o assumpto completamente exclarecido, o Instituto Archeologico, em sua última reunião, approvou por unanimidade fôsse remettido a v. exa. um exemplar da obra do nosso saudoso consócio dr. F. A. Pereira da Costa — *A naturalidade de Camarão* — com o pedido dêsse Instituto estudar a materia ante as provas apresentadas e as que fôr possivel colher e manifestar-se clara e positivamente sôbre qual o rincão brasileiro que póde jactar-se de ter sido berço do famoso aborigene, que tanto illustrou a nossa História.

Certo de que v. exa. se dignará de attender ao nosso voto, com que prestará esse Instituto mais um grande serviço á História do Brasil, aproveito o ensejo para, ao subscrever-me, apresentar-lhe nossos protestos de admiração e respeito. — *Arthur da Silva Régô*, presidente."

14 de Fevereiro de 1929.

— “Exmo. sr. presidente do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco.

Respondendo ao officio de 24 de Janeiro último, sómente agora recebido, em que v. ex., cumprindo deliberação dêsse egregio Instituto, submette á apreciação do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO os trabalhos acêrca da naturalidade de Antonio Philipe Camarão, de modo a tornar fóra de discussão a mesma naturalidade, cumpre-me communicar a v. ex. que, em data de 4 do corrente, agradecendo ao dr. Mario Melo a remessa de publicação nesse sentido, informei que o sr. conde de Affonso Celso, presidente perpétuo desta associação, si fôsse officialmente solicitado, nomearia o sr. dr. J. P. Calogeras para servir de arbitro na contenda.

Cabe-me, assim, confirmar o que dissera ao digno secretário perpétuo do Instituto Archeologico Pernambucano, communicando a v. ex. que, nesta data, aquelle illustre brasileiro, por nomeação do sr. conde de Affonso Celso, está encarregado do patriotico mistér.

Com elevado apreço, tenho a honra de subscrever-me —
Max Fleiuss, secretário perpétuo.

“Exmo. sr. conde de Affonso Celso,

m. d. presidente do Instituto Historico.

Dos pontos controversos da nossa História, um dos mais interessantes, embora não figure na relação dos mais notaveis, é o que determina o logar exacto do nascimento de Antonio Philipe Camarão, o Potiguaçú, do qual o padre Simão de Vasconcellos disse, synthetizando numa phrase o seu immenso denodo: — que para lhe relatar as façanhas um tomo inteiro era pouco volume.

Certos historiadores affirmam, baseados em determinadas datas e algumas informações, que as chronicas registam não apenas um, mas, sim, dous Camarões.

Pereira da Costa, em sua monographia *A Naturalidade de d. Antonio Felipe Camarão*, procurou provar que o mesmo era pernambucano, baseando-se no princípio da dualidade das personagens. O trabalho merece o título de valioso, mas não se lhe pôde negar que assenta em falsas bases, não obstante ter merecido de Alfredo de Carvalho, outra notabilidade, o baptismo de “última verba”.

Mario Mélo, que vem firmando uma reputação, nas cousas do passado pernambucano, em artigo publicado na *America Brasileira*, corrobora com Pereira da Costa, quando discorda do dr. Soares de Amorim e do dr. Luis Fernandes Sobrinho, pois esses dous illustres monographistas, contes-tando a naturalidade de Camarão, affirmam, com carradas de razões fortes e insophismaveis, ser o mesmo riograndense do norte.

Os argumentos do padre dr. Soares de Amorim, que tenho a honra de enviar a v. ex., são logicos, são claros, são insophismaveis.

O padre dr. Manuel Gonçalves Soares de Amorim, natural de Rio Grande do Norte, cuja erudição e profundos conhecimentos da Historia, si divulgados em livros, garantir-lhe-iam um logar de destaque entre os emeritos homens de letras do Brasil, é um octogenario, modesto, afastado das competições politicas, sem nenhum contacto com o borborinho da vida moderna, dedicado, exclusivamente, ás pesquisas históricas, um assiduo frequentador de archivos e bibliothecas, dos quaes tem extrahido proveitosa colheita.

E' pena que cerebro tão esclarecido pelo talento e pela cultura retenha avaramente as multiplas e originaes observações adquiridas em varios lustros de porfiados estudos e que, só de quando em quando, retire dos prelos theses conscienciosas e meditadas como — *O que se deve entender por Capitania do Ceará-Mirim e juízo crítico sôbre a naturalidade de d. Antonio Felipe Camarão.*

Em carta não me é possivel dissertar sôbre as mesmas, mas posso, contudo, consignar o meu julgamento á obra tão importante no poncto de vista da elucidação historica.

Os argumentos de que lança mão o dr. Soares de Amorim são sobrios e levam a questão aos ponctos extremos, o que importa em se affirmar — nada fica que directa ou indirectamente interesse o assumpto, sem o visto de sua penna arguta.

Seu estylo é facil e seu processo de crítica o mais leal de quantos existem. Pouco se fia no que os outros lhe dizem e vai, sempre que lhe é permittido, ás proprias fontes.

Outros dêsses que escrevem História como quem escreve chronica policial, por méro mercantilismo, não se dariam ao enfadonho officio de passar horas, dias, semanas e mezes a fio, annos inteiros buscando e rebuscando nas fontes uberrimas dos archivos, mananciaes inexgottaveis de surpresas, os necessarios dados para a confecção de trabalhos, nos quaes a

posteridade poderá firmar-se sem escrúpulos de endossar capciosas ou erroneas communicações.

Pereira da Costa tomou como base de sua affirmativa as informações do padre Vasconcellos, as quaes, exaradas na these do padre dr. Amorim, se acham accompanhadas de interessante e original analyse, certamente nôvo processo de crítica historica.

Tomando a liberdade de chamar a attenção de v. ex. para as theses citadas, as quaes offereço a v. ex. com immenso prazer, assigno-me, com respeito e veneração, admirador e confrade — *Sady Lemr.*

Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1929."

— "Exmo. sr. dr. Calogeras.

Respeitosas homenagens.

O nosso presidente, conde de Affonso Celso mandou-me que lhe enviasse as inclusas publicações relativas a Antonio Philepe Camarão, pois deseja o Instituto Archeologico, Historico e Geographico Pernambucano que a nossa associação se manifeste sobre a naturalidade dêsse heróe da guerra hollandeza. Não obstante valiosissimas opiniões darem como pernambucano o celebre Indio, pensam modernos escriptores norte-riograndenses ser elle seu coestadino. Pede-lhe, por isso, o conde de Affonso Celso que acceite o encargo de estudar a questão, para que o INSTITUTO, louvando-se na opinião do illustre amigo, possa responder a seu congenere de Pernambuco.

Certo de que prestará mais este valioso serviço ao INSTITUTO e sempre ás suas ordens, subscrevo-me,

Am. obrmo. e admór — *Max Fleiuss.*"

Petropolis, 22 de Abril de 1929.

— "Exmo. sr. conde de Affonso Celso.

Com alguma demora, imposta por affazeres inadiaveis, venho responder a sua carta, pela qual soube da incumbencia que me foi commettida pelo INSTITUTO HISTORICO, de dizer sobre a situação da qual decorre a divergencia de pareceres sobre saber si Antonio Philepe Camarão, Poti. era pernambucano ou norte rio-grandense.

Confesso lisamente não comprehender bem a questão, que, a meus olhos, resulta de verdadeiro anachronismo logico.

O que importa, o que constitue essencialmente o elemento histórico da vida e da actuação de Poti, é cousa alheia em absoluto ao ponto do territorio patrio em que occasionalmente nasceu. Resume-se em dous aspectos capitaes.

E' o primeiro a admiravel justificação que revela da efficiente, nobre e altissima catechese, principalmente jesuitica, que, de um barbaro, logrou fazer uma creatura temente a Deus, capaz de comprehender e de se sacrificar por ideaes, como Patria e Religião. Exemplo notavel, que não foi unico, e esplende no thesouro de benemerencias da Companhia de Jesús, em primeira fila, na lista das missões catholicas do Brasil.

Consta o segundo do poderoso auxilio trazido pelo chefe potiguar á expulsão dos Hollandezes, manobrando contra elles e guiando nos combates sua celebre companhia de emboscada.

Nada disso, é bem de ver, tem qualquer relação com o lugar de nascimento do nobre selvicola.

Cuidar dêsse ponto, irrelevante mesmo na biographia do heróe, é applicar idéas de nojo a uma época em que não existiam, pelo menos com seu conceito hodierno.

Em nossos dias, as criações politicas e administrativas orientaram esforços para tres centros de actividade: o Municipio, a Provincia ou Estado, a Patria Grande. Dahi o sentimento, como que tripartido, que experimentamos e que, na integração dessas tres forças attractivas, nos ligam indissolivelmente ao torrão natal.

Nos tempos coloniaes, o norte era outro, e mais accentuadamente antes do seculo XVIII, pois só meada a éra seiscentista se revelam os primordios de um impulso aggre-miador local, differente, na origem e nos alvos, da subordinação á metropole e a el-rei. Até, então, apenas bruxoleia imperceptivel, quasi, noção intercapitania de solidariedade. Os auxilios de uma para outra dessas circunscriptões tinham de ser provocados por agentes do govêrno portuguez, e nem sempre se prestavam de bôamente.

A irradiação partia inicialmente de Lisboa, e não de qualquer ponto central da colonia lusitania na America. Assim foi, embora attenuada, e mesmo desaparecida nas capitánias do Sul, a feição sentimental da massa popular do Brasil, ainda em vespéras da Independencia.

Serviço inexcedido do Imperio foi alterar taes linhas de attracção, deslocando seu polo do Tejo para o Rio de Janeiro.

No caso da guerra de expulsão dos Batavos, o que dominava, além dos soffrimentos regionaes, era o horror ao hereje,

a revolta contra o usurpador de territorios lusitanos do Nordeste. Taes os intuitos dos *soldados da liberdade divina*.

Quando venceram, nelles começou uma differenciação moral, e surgiu, confusa ainda, a noção de que, si haviam ficado victoriosos sem auxilio metropolitano, era porque valiam os Portuguezes da Europa. E o transcorrer do tempo confirmou-os nesse conceito.

Mais ainda, é claro, em cerebros formados pelos habitos sociaes dos selvicolas. Nestes, não havia sinão o ambito dos terrenos de caça ou pesca, e a idéa de patria, ou de dependencia de longinqua auctoridade, era fructo de educação catholica. Não havia logar, em tal psychologia primitiva, para a estratificação de relações de amplitude crescente, quando, na realidade, nem os proprios colonos portuguezes as possuíam bem nitidas. A distincção entre provincias ou Estados já representa phase social mais elevada, extranha ao mechanismo simplista do indio seiscentista, mesmo catechizado. Não n'os moveria tal contraste, no sentido moderno das accepções: guerreavam os mais evolutos, como subditos d'el-rei, pouco importando de que região.

Para que distinguir origens? Que significação emprestar a qualquer dellas? Esse, o anachronismo logico; essa, a nihi-lidade historica do factor — logar do nascimento.

Si investigarmos a questão do poncto de vista puramente biographico, não parece facil derruir a these pernambucana.

Toda a divergencia gira em torno de se saber si houve um só Potiguaçu, ou si fôram dous de igual nome.

Homonymias são frequentes até em nossos dias, e podem prestar-se a confusões. As difficuldades crescem, quando se tracta de individualidades vivendo em periodos muito proximos e insufficientemente conhecidos. A propria duração da vida de cada qual não seria argumento decisivo: si se tractasse de um só Potiguaçu, teria vivido 68 annos, cousa perfeitamente possivel; si forem duas as personagens, uma teria vivido 47 annos, até 1648, e da outra só se teriam noticias até 1614, tendo ella nessa data 34 annos. Entre elles haveria, talvez, 21 annos de differença, quanto a seu nascimento.

Comprehende-se, portanto, a paulatina fusão de duas personalidades em uma só, e o equivoco commettido em 1759 pelo jesuita padre José de Moraes, ao registrar, sem maior exame, tal versão como pacifica, em sua *História da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão*, olvidado de tudo quanto, antes d'elle, haviam notado numerosos escriptores. O senador Candido Mendes de Almeida, ao publicar

esse codice, inédito até 1860, foi quem avivou, sinão creou, a controversia.

Realmente, pelo depoimento escripto e conferido de coevos, se possuem dados que se não ajustam a um só individuo.

Simão de Vasconcellos, escrevendo em 1663, estabelece a distincção; havendo fallado em um antigo Potiguaçu, entre caciques catechizados, ressalva logo em seguida — “Não fallo aqui *doutro* Potiguaçu, maior que *todos estes*, assombro que foi dos Holandezes em nossos tempos nas guerras do Brasil”.

Esse antigo Potiguaçu, norte rio-grandense, sem dúvida possível, já em 1598 era conhecido dos Portuguezes como figura de destaque, chefe de tribu, pae de numerosos filhos, polygamo que, ao converter-se, só conservou uma de suas mulheres como sua legitima espôsa, e fez a jornada do Maranhão em 1614.

Do nôvo Potiguaçu, a quem d. Philipe IV de Espanha, em 1633, ennobreceu e deu o *dom*, se sabe pelo *Valeroso Lucideno* de frei Manuel Calado, que foi baptizado muito nôvo e, ao morrer em 1648, no mesmo anno da impressão do livro, deixou um filho menor. Não se conciliam taes factos com o que se sabe do homonymo mais velho: este, polygamo possuia prole numerosa, tendo afastado de si todas as mulheres, menos uma; aquelle, christão desde a quasi meninice, não podendo, portanto, ser sinão monogamo, o que elimina a idéa de qualquer repudio.

Ha mais, entretanto. O proprio d. Antonio Philipe Camarão depoz no processo do padre Manoel de Moraes, trahidor e apostata, preso nos carcerees da Inquisição. Camarão depoz na freguezia do Varzea perante o vigario, em 23 de maio de 1647. Alli affirmou ter 46 annos, o que fixa seu nascimento em 1601.

Não podia, pois, ser o mesmo Potiguaçu antigo, que já em 1598 se notabilizara, e cujo nascimento se conjectura em derredor de 1580.

Verdade é que o padre dr. Manuel Gonçalves Soares de Amorim nega valia a esse depoimento.

Primeiro, deixa pairar dúvida sôbre a authenticidade do informe: responde-se victoriosamente, recordando que se tracta de um processo existente na Torre do Tombo.

Segundo, allega que não se pôde, de um selvagem nascido nas tabas, sem outro calendario que o sol e a lua, e que só se approximou dos civilizados depois de homem feito e já notável, exigir precisão mathematica quanto á data de seu nascimento. O argumento valeria, si se tractasse do antigo

Potiguaçu. Torna-se, ao contrário, contraproducente, e fere fundo a these norte rio-grandense, pois se ajusta perfeitamente, a *contrario senso*, a d. Antonio Philipe Camarão, recolhido e educado desde os 12 annos de idade pelos jesuitas, e por tal fórma instruido, que lia, escrevia portuguez e tupi, e traduzia os classicos latinos. E disso existem provas em documentos coevos. Note-se, ademais, que as qualificações da testemunha não fôram impugnadas no processo.

Assim, recae-se nas asseverações do padre José de Moraes, em sua *História da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão*, de 1759, mais de um seculo após os acontecimentos. E tal preferencia se dá contra os relatos authenticos dos contemporaneos de Camarão e do proprio interessado. Não parece extreme de censura tal processo critico.

E, por essa assimilação forçada de dous homonymos, se chega á perfeição de abandonar os dados fornecidos pelos principaes actores da guerra hollandeza, amigos e companheiros do grande Potiguar, para lhes sobrepôr uma noticia. sem base solida, publicada cento e onze annos após a morte do heróe.

Todos os coetaneos, a uma, asseveram, tractar-se de um Pernambucano. E os informantes são os nomes maximos da lucta contra os Neerlandezes.

E' frei Manuel Calado, escrevendo, em 1648, seu *Valeroso Lucideno*, amigo e companheiro do indio illustre. E' João Fernandes Vieira, correspondendo-se com Camarão para lhe pedir o auxilio. E' frei Raphael de Jesús redigindo seu *Castrioto Lusitano*, mediante informações de testemunhas presencias e com a revisão do proprio Fernandes Vieira. E' o heroico negro Henrique Dias, de quem se citam duas cartas, de 1645 e de Abril de 1646. E' o inimigo Matheus van den Broek, que, em 1651, relata os dizeres de Antonio Telles da Silva, governador-geral do Brasil, em uma carta ao govêrno hollandez do Recife.

Parece julgada a causa pelo simples cotêjo dos órgãos informantes: os actores principaes da lucta de expulsão dos invasores, unisonos em designar Camarão como pernambucano; o padre José de Moraes, sózinho, cento e onze annos decorridos da morte do valente cabo de guerra, em Maio (talvez a 9) de 1648.

Consequencia dêsse divergir de pareceres, mais uma prova se colhe da dualidade das personagens homonymas, norte rio-grandense o antigo Potiguaçu, pernambucano, o mais moderno, figura primacial da reconquista do Nordêste.

Finalmente, a contestação se firma em ser potiguar a tribo chefiada por d. Antonio Philipe, e ser o Rio-Grande no Norte a séde notoria de tal ramo indigena. "Ainda, combatem a comprehensão de Pernambuco", tomado como a antiga capitania de Duarte Coelho, para lhe ampliar o ambito ás terras annexas. }

Ambas, allegações com escasso fundamento, e que Pereira da Costa annullou, provando: 1º, que a tribo original enxameou do Rio-Grande do Norte, pela Parahiba, até a Sul dos limites pernambucanos na zona do Rio Capibaribe-Mirim, hoje Goiana, e isto pelos fins do seculo xvi; 2º, que, na hypothese extrema de ser o termo usado após a restauração de Pernambuco, a quem se incorporaram ulteriormente Parahiba, Rio-Grande do Norte e Ceará, só depois de 1654 seria possivel a extensão significativa do vocabulo, e nunca ao tempo da vida de nosso heróe, defluida de 1601 a 1648.

Por todos esses motivos, e salvo melhor juizo, adhiro inteiramente aos pareceres concordantes de Pereira da Costa, Capistrano de Abreu, Studart, Oliveira Lima, Theotônio Freire e Alfredo de Carvalho, affirmando a existencia de dous Potiguaçu's, e a naturalidade pernambucana do chefe famoso da guerra hollandeza. — *Calogeras.*"

II

PROPOSTA DO SR. RODOLFO GARCIA, APRESENTADA EM SESSÃO DE 17 DE JULHO DE 1922

O Sr. Rodolfo Garcia, pedindo a palavra, diz o seguinte:

"Sr. Presidente. Tenho a honra de enviar á Mesa a proposta que passo a ler, tambem assignada pelo 1º secretario perpétuo. "Propomos seja incumbida a Commissão de História de examinar e emittir opportunamente parecer sôbre a these defendida pelo sr. dr. Duarte Leite, no fasciculo viii, *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, de que nenhum dos navegadores espanhóes, que saíram a descobrir terras nos annos de 1499 e 1500, ultrapassou a linha equinocial. Sala das Sessões, em 17 de Julho de 1922."

Preciso dizer algumas palavras para justificar essa proposta. Não tomarei mais de dez minutos á vossa preciosa attenção.

As folhas públicas desta Capital, na semana passada, em despachos telegraphicos vindos de Lishôa, deram conta do apparecimento daquelle estudo do eminente embaixador de Portugal no Brasil, bem como da sensação alli produzida pelas suas conclusões. Em um dêsses despachos leio o seguinte:

No fasciculo VIII inicia-se o capítulo do dr. Duarte Leite, eminente mathematico e actual embaixador de Portugal no Brasil. Esse vasto estudo de analyse, dedicado ás viagens de Hojeda, Pinzón, de Diego de Lepe e de Velez de Mendoza é, sob todos os pontos de vista, por que se encare, sensacional. Os jornaes dedicam-lhe largas referencias, pondo em destaque as invulgares capacidades de historiador reveladas nesse trabalho exhaustivo, que vem alterar, pelo rigor scientifico da sua analyse, a crença secular das viagens dos navegadores espanhóes ao Brasil nos annos de 1499 e 1500, provando que nenhum delles ultrapassou nesses annos a linha aquinocial.

De referencia á viagem de Alonso de Hojeda, apesar de ter Varnhagen sustentado que esse navegador, com Juan de la Cosa e Americo Vespucci, aportou em Junho de 1499 ao delta de Assú, no Rio Grande do Norte, o que se apurou foi que descobriu o golfo de Pária, perlongou a costa cêrca de duzentas leguas ao Sul e chegou aos quatro grãos e meio de latitude Norte, á bahia do Oiapoc, segundo expoz Joaquim Caetano da Silva. Quanto a Velez de Mendoza, sabe-se que sua licença para descobrir terras foi de 18 de Agosto de 1500. No parecer de alguns historiadores, fez effectivamente a viagem e dobrou o cabo de Sancto Agostinho; segundo outros, foi apenas um dos companheiros de Diego de Lepe.

Si Hojeda, de facto, ultrapassou a linha equinoxial, embora tivesse descoberto terras do Brasil; si a viagem de Mendoza foi posterior á de Cabral, tinhamos nós como facto historico inconcusso, baseado em documentos dignos de fé, a procedencia de Vicente Yáñez Pinzón e de Diego de Lepe sobre os descobridores portuguezes no Brasil.

A viagem de Pinzón é conhecida. Saiu de Palos, com quatro navios, em principios de Dezembro de 1499; abordou o littoral sul-americano a um cabo que chamou de Sancta Maria de la Consolación e que mais tarde ficou denominado de Sancto Agostinho. Admittiu que essa parte entrasse nos dominios de Portugal, conforme ao tractado de Tordesillas, calculando as 370 leguas e traçando a linha de demarcação, segundo o methodo inventado, em 1495, por Jaime Ferrer, o qual, por ordem do rei Fernando e da rainha Isabel, deviam applicar todos os marinheiros espanhóes. Foi assim Pinzón o primeiro a passar a linha equinoxial pelos mares occidentaes. A data da sua abordagem ao cabo de Sancta Maria de la Consolación não pôde ser fixada com precisão. A relação italiana de Francazano — *Paesi novamente ritrovati* (Vicenza

1507) estabelece o dia 20 de Janeiro de 1500; Pedro Martyr d'Anghiera — *De Orbe Novo Decades* (Sevilla, 1511) — dá 26 de Janeiro; mas Sophus Ruge — *Die Entwicklung der Kartographie von Amerika bis 1570* (Gotha, 1893), considerando o uso na época em vigor de applicar-se ás terras descobertas o nome do sancto do dia, opina por 2 de Fevereiro, que corresponde á festa de Maria.

Pinzón, attribuindo á corôa portugueza o cabo de Sancta Maria de la Consolación, nenhum acto de posse alli practicou em nome do rei da Espanha; contornou-o, perlongou a costa e, no primeiro ponto a que aterrou, no *Rostro hermoso*, tomou posse, plantando cruces de madeira, o que repetiu em outros logares principaes. Continuando a viagem rumo NO., chegou a Sancta Maria de la Mar Dulce, a 25 de Março, festa da Anunciação, como quer Henry Harrisse — *The Diplomatic History of America* (Londres, 1897) e á provincia que chamou Paricura; dahi costeou o littoral até ao golfo de Pária. A 23 de Junho, abordava São Domingos e, a 30 de Setembro, estava em Palos, de regresso.

Os documentos que authenticam essa viagem são numerosos; indicamos alguns, com as respectivas fontes:

1) Capitulação de Vicente Yáñez Pinzón, de 5 de Setembro de 1501. — original do Archivo de Indias, Sevilla, publicado integralmente por Varnhagen, na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XXII (1859); por Joaquim Caetano da Silva, em *L'Oyapoc et l'Amazone*, tomo II, n. 2.629; nos *Documentos ineditos de Indias*, tomo XXX; pelo barão do Rio Branco, em *Frontières entre le Brésil et la Guyanne Française — Première Mémoire*, tomo II; pela *Sentence du Conseil Fédéral Suisse dans la question des frontières de la Guyane Française et du Brésil*; etc.

2) A relação de Francazano e o *Orbe Novo*, de Martyr d'Anghiera, citados.

3) A real provisão em favor de Pinzón e seus sobrinhos, de 5 de Dezembro de 1500, publicada por Navarrete, na *Colección de los viages y descubrimientos*, tomo III.

4) Os depoimentos das testemunhas perante o Fiscal, por occasião do processo contra Diogo Colombo, tambem publicados por Navarrete, no mesmo logar.

5) A *Historia general y natural de las Indias*, de Oviedo, livros 21, cap. 3º, e 24, cap. 2º.

6) Os demais chronistas espanhóes.

Entre os historiadores modernos, que tractaram dessa viagem de Pinzón, basta citar os nomes de Humboldt, Peschel, Varnhagen, Joaquim Caetano, Harrisse, Ruge e Capistrano de Abreu.

Quanto á viagem de Diego de Lepe, sabe-se que este, pouco depois de Pinzón, se fez ao mar com duas caravellas, dirigindo-se ás ilhas do Cabo Verde, ou, melhor, á do Fogo; dahi navegou 500 leguas rumo SO., através do oceano até tocar na costa sul-americana, nas proximidades do cabo que aquelle outro navegador pouco antes denominara de Sancta Maria de la Consolación, o qual dobrou até certa distancia. Proseguindo na derrota, aterrou no golfo de Pária, do Haíti regressou á Espanha, aonde devera chegar antes de Novembro de 1500, porque existe uma provisão real a seu respeito, que tem a data de 9 daquelle mez e anno.

A authenticidade dessa viagem jamais foi contestada. Os documentos que a abonam encontram-se, em connexão com os de Pinzón, nas mesmas fontes já referidas.

Parece-me, portanto, materia de summa difficuldade, mesmo a poder da mais rigorosa analyse scientifica, eliminar da história dos descobrimentos a intervenção dos navegadores espanhóes e sua precedencia chronologica no descobrimento do Brasil. Por isso, como a these deve interessar altamente ao INSTITUTO, tomo a liberdade de submitter a sua consideração a proposta que envio á mesa. 17 de Julho de 1922."

Esta proposta foi submettida ao sr. Viveiros de Castro para emittir parecer, o que não fez por motivo da grave enfermidade, de que veio a succumbir.

III

A GRAPHIA DOS NOMES GEOGRAPHICOS NACIONAES E EXTRANGEIROS

Proposta do sr. Aarão Reis

O Congresso Nacional resolve:

Art. 1º. Ficam, definitivamente, adoptadas, em todos os actos federaes do Legislativo, do Executivo e do Judiciario, bem como em todo o expediente dos seus varios órgãos e sub-órgãos, quer quanto á graphia dos nomes geographicos nacionaes, quer quanto á dos extrangeiros, as resoluções da Conferencia de Geographia realizada, na Capital Federal, de 16 de Julho a 25 de Setembro de 1926, sob os auspicios do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, que acceitou e approvou.

§ 1º. Dentro de um anno da data da presente lei, deverão ser corrigidos, de pleno accôrdo com esta resolução, todos os nomes geographicos appostos, em todo o territorio nacional, ás repartições e estabelecimentos federaes, civis e militares, inclusive agencias telègraphicas e postaes, estações ferroviarias, embarcações maritimas e fluviaes etc.; e identicas correcções

deverão ser feitas em qualquer reimpressão de publicações officiaes, taes como: — relatorios, pareceres, decretos, avisos, portarias, estatisticas, repositórios de legislação, mappas, desenhos, gravuras, phototypias, guias postaes e telegraphicos, horarios. etc.

§ 2º. Em todos os institutos de ensino, officiaes ou officializados, deverão ser observadas, obrigatoriamente, as graphias a que se refere a presente lei.

§ 3º. As resoluções da Conferencia de Geographia, a que se refere esta lei, ficar-lhe-ão annexadas, a ella incorporadas para os devidos effeitos.

Art. 2º. Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 8 de Novembro de 1927. — *Aarão Reis.*

RESOLUÇÕES DA CONFERENCIA DE GEOGRAPHIA A QUE SE REFERE
O § 3º DA PRESENTE LEI

A Conferencia de Geographia, convocada pelo INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, de conformidade com a proposta apresentada em sessão de 6 de Março de 1926, tendo-se reunido em varias sessões durante os mezes de Julho, Agosto e Setembro do mesmo anno, assentou:

Quanto aos nomes estrangeiros:

1º. Que os nomes geographicos estrangeiros sejam graphados de accôrdo com a fôrma que lhes é dada no paiz de origem, em caracteres latinos, predominando nos paizes dependentes a fôrma usada na lingua do paiz influente, de accôrdo com o que já é observado no *Dictionnaire des Bureaux de Poste* e no *Indice Alphabetico* do Atlas de Stieler.

2º. Que os nomes geographicos estrangeiros que já adquiriram fôrma vernacula, por traducção ou corruptela, em uso constante desde remotas épocas até os tempos hodiernos, continuem a ser graphados na fôrma portugueza, convindo, porém, que nos compendios e dictionarios sejam igualmente indicadas as fôrmas proprias ou originaes, as quaes devem ser escriptas entre parenthesis. Exemplos: *Inglaterra* (*England*), *França* (*France*), *Londres* (*London*) etc.

3º. Que se escreva *Espanha* e não *Hespanha*; mas que se continue a escrever, na fôrma do item 2º, *Equador* e não *Ecuador*, indicada a segunda fôrma (*Ecuador*) entre parenthese nos cômpendios e dictionarios.

4º. Que os nomes de accidentes geographicos, communs ao Brasil e aos demais paizes sul-americanos, sejam gra-

phados de accôrdo com as regras attinentes aos nomes nacionaes. Exemplos: *rio Paraguaí, rio Uruguai, rio Javari*.

5°. Que se traduzam os nomes de accidentes ou regiões, com qualificativos ou determinativos (de posição no tempo ou no espaço), perfeitamente traduzíveis; convindo, porém, que sejam indicadas as fórmulas proprias ou originaes, as quaes serão graphadas entre parentese, nos compendios e dictionarios. Exemplos: *Nova York (New York), União Sul-Africana (Union of South Africa), Africa Equatorial Franceza (Afrique Equatoriale Française), Nova Galles do Sul (New South Wales)* etc. Observe-se, entretanto, para que não pareça haver contradicção entre este item e o 1°, que se devem traduzir apenas as expressões em que taes qualificativos ou designativos não se achem já incorporados ao nome principal. Assim, não será justificada a traducção de *New, South e North*, em *Newcastle, Southampton, Newhaven, Northampton* etc.

6°. No que concerne aos nomes graphados com letras e outros signaes não usados na lingua portugueza, que se adopte a transcripção phonetica das mesmas letras e signaes, observando-se, particularmente, o seguinte:

- a) manutenção das vogaes tremadas;
- b) substituição do *o cortado*, dos dinamarquezes, por *ö* (*o tremado*) que será proferido como em allemão;
- c) substituição do *n accentuado* e do *l cortado* dos polonios, e do *s cedilhado* dos rumenos, respectivamente, por *n*, *l* e *s* simples;
- d) substituição da letra *c com signal supero*, dos tchechos, pelo grupo *tch*; e do *t cedilhado*, dos rumenos, pelo grupo *ts*;
- e) substituição do *a com signaes superos*, dos finlandezes, pelos, pelo grupo *tch*; e do *t cedilhado*, dos rumenos, pelos, pelos, por *a* simples;

f) substituição do *ñ (n til)* dos espanhões, por *nh*;

g) quando houver hesitação entre várias transcripções phoneticas, apresentadas pelos diversos atlas, que se dê preferencia ás dos atlas em lingua allemã, particularmente ás do de Stieler, feitas as necessarias alterações para o nosso idioma. Na adaptação da transcripção do allemão para o nosso idioma, devem ser substituidos o grupo *sch* por *ch* e o *j* por *y*. Exemplo: *Changai, Tai-yuen* etc.

7°. Que sejam preferidas as fórmulas *Sérbia e sérbio, Polónia e polónio, Rumânia* (accentuação na syllaba *ma*) e *romêno, Ucrânia e ucráino*, já muito generalizadas.

8°. Que se adopte o nome *Yugoslávia*, como synthese da denominação official do *Estado Serbo-croata-sloveno*, deven-

de-se indicar, entre parentheses nos compendios e dictionarios, este nome official.

9°. Que se pronunciem os nomes estrangeiros procurando imitar, tanto possível, a pronuncia dos naturaes do paiz de origem e que seja indicada, nos compendios e dictionarios, a pronuncia correcta por meio de um systema de facil comprehensão, dada preferencia ao da Associação Phonetica Internacional.

10. Para que se possam observar, com segurança, os conselhos acima indicados, quer quanto á graphia, quer quanto á pronuncia, a Conferencia acha necessaria a organização de um *Vocabulario* dos principaes nomes estrangeiros, tomando-se por bases principaes o *Dictionnaire des Bureaux de Poste* e o *Index Alphabetico* do *Atlas* de Stieler.

Nesse *Vocabulario* deverão ser indicados:

a. o nome do lugar, ou accidente geographico, graphado de accôrdo com os conselhos anteriores;

b. a pronuncia figurada, de accôrdo com a adoptada no paiz de origem, indicada pela chave da Associação Phonetica Internacional;

c. uma letra, ou signal proprio, convencional, para cada caso, que designe a especie de accidente e a categoria da localidade, segund os nomes do paiz, Estado ou provincia, districto, ou municipio respectivos.

Quanto aos nomes nacionaes:

1°. Que se escreva *Brasil* e não *Brazil*.

2°. Que se adoptem, nos casos geraes, as regras estabelecidas no *Formulario* pela Academia Brasileira de Lettras para seu dictionario em elaboração.

3°. Que se suprima nos nomes de origem indigena ou africana o y pelo i. Exemplo: *Taquari*, *Guapi*, *Iaco*, etc.

Respetar-se-á, porém, a transcrição por j nos casos em que ella fór imposta pelo uso, como em *Jacari*, *Japeri*, etc.

4°. Que se supprima o h nos nomes de origem indigena ou africana, excepto:

a. quando fór letra inicial, como em *Humaitá*, *Huá*, *Humará*, etc.

b. quando intercalado, nos casos em que seja preciso indicar o hato, allem de se dispensar accentuação, como em *Possibiti*, *Piauhí*, *Icarahi*, *Jahu*, *Piauhí*, *Xuhí*, *Tamandua-tehi* etc.

c) no grupo *nh*.

5°. Que se graphem e se pronunciem de accôrdo com a prosodia real os nomes, nos casos em que haja hesitação, hem como aquellas em que a escripta habitual não corresponda á

prosodia corrente, como em *Tietê* (e não *Tieté*), *Guaxupé* (e não *Guaxupê*), *Rapósos* e não *Rapôsos* (localidade mireira).

6°. Que se graphem com *x* o som chiante, nos nomes de origem indigena ou africana. Exemplos: *Abacaxis*, *Caxambú*, *Xanrerê*, *Xapuri*, *Xerêm*, *Xiririca*, *Xingú*, *Xuhi*, *Xopotó*, *Xonim*, *Xique-xique* etc. Nos compendios, dictionarios ou indices devem, porém, ser indicadas, transitoriamente, entre parenthese, as graphias com *ch*, quando muito divulgadas, taes como: *Xopim* (*Chopim*), *Xuhi* (*Chuhi*), *Xopotó* (*Chopotó*), etc.

7°. Que se substitua, nos nomes de origem indigena ou africana, o *ç* por *s*, ou por *ss*. Exemplos: *Assú*, *Assahi*, etc.,

8°. Que se graphem com *qu* (e não com *k*) os nomes de origem indigena ou africana, em que hoje se escreve, algumas vêzes, o *k*. Exemplos: *Paraquena*, *Guaraquessaba*, *Urubuquessaba*, etc.

9°. Que se graphem com *que* os finaes dos nomes de origem indigena ou africana, em que actualmente se emprega, óra *c*, óra *k*, óra *ch*. Exemplos: *Oiapóque*, *Tumucumáque*, *Nioaque*, etc.

10. Que se graphem com *j* (e não com *g*) o phonêma *je*, ou *ji*, dos nomes de origem indigena, ou africana, taes como: *Jiquidá*, *Jequiri*, *Jipioca*, etc.

11. Que se escreva *z* (e não *s* entre vogaes) nos nomes de origem indigena ou africana, como *Muzambinho*, *Cataguanzes*, etc.

12. Que se graphem sempre com *z* (e não com *s*) o infixo de som *z* nas palavras *Acurizal*, *Bambuzal*, *Buritizal*, *Cafezal*, *Capinzal*, *Pepirizal*, *Joazeiro*, *Imbuzeiro*, *Cajazeiras*, etc.

13. Que se graphem *Mi* (e não *M'*, *M*, ou *My*) o phonema de origem indigena ou americana, anteposto ao *b*, e que ainda se conserva em alguns nomes, como *M' Boi* ou *My Boi*, que deve ser graphado *Miboi*; *M' Bayá*, que se graphará *Mibaiá*, etc.

14. Que se escreva e pronuncie *mirim* e *miri* (e não *merim*, *meri*, ou *mery*) o suffixo, de origem indigena, que se encontra juxtaposto, ou incorporado, a numerosos nomes geographicos nacionaes.

15. Que não se usem abreviaturas nos nomes geographicos, salvo o que está indicado no item 18, escrevendo-se, por extenso, os designativos *São*, *Sancto*, *Sancta*, *Dom*, *Dona*, *Padre*, *Frei*, *Coronel*, *General*, *Marechal*, *Engenheiro*, *Doutor*, etc., frequentes em nossa toponymia, como em *São Paulo*, *Sancto Antonio*, *Sancta Isabel*, *Dom Pedrito*, *Dona Catharina*, *Dona Teresa*, *Padre João Pio*, *Engenheiro Passos*, *Doutor Seabra*,

Frei Caneca, Coronel Pacheco, General Carneiro, Marechal Jardim, etc.

16. Que se graphem de accôrdo com a etymologia comprovada os nomes que escaparem aos conselhos acima indicados, ainda quando o uso tenha consagrado fórmulas erroneas. Assim, *Teresina, Teresópolis, São Tiágo*, ou *Santiago* (e não *Therezina, Therezopolis e São Thiago*).

17. Que se graphem phoneticamente, e de accôrdo com a pronúncia adoptada no local pelas pessoas cultas, todos os nomes de etymologia desconhecida ou incerta, não attingidos pelos conselhos acima formulados.

18. Que, todas as vezes que se escreva nome de cidade, villa, ou povoado de qualquer categoria, se accrescente ao mesmo, entre parentese, a abreviatura do nome da unidade da Federação em que se achar situado. As abreviaturas deverão ser indicadas do modo seguinte: Amazonas (*Am.*), Pará (*Pa.*), Maranhão (*Mar.*), Piauí (*Pi.*), Ceará (*Ce.*), Rio Grande do Norte (*R. G. N.*), Paraíba (*Pba.*), Pernambuco (*Per.*), Alagoas (*Al.*), Sergipe (*Ser.*), Bahia (*Ba.*), Espírito Santo (*E. S.*), Rio de Janeiro (*R. J.*), Districto Federal (*D. F.*), São Paulo (*S. P.*), Paraná (*Pná.*), Sancta Catharina (*S. C.*), Rio Grande do Sul (*R. G. S.*), Minas Geraes (*Min.*), Goiaz (*Go.*), Matto-Grosso (*Mt. G.*), Acre (*Ac.*).

19. A Conferencia acha, ainda, necessaria a organização de um Diccionario Geographico Brasileiro, graphado de accôrdo com os conselhos acima indicados. Tal diccionario, que deverá ser feito, de preferencia, em conjuncto com o Vocabulario indicado no item 10 da parte referente aos nomes estrangeiros, será um catálogo geral dos nomes proprios geographicos brasileiros, destinado a consulta, afim de que os compendios usados possam prescindir de grande parte da nomenclatura de que se acham peçados e deverá, tambem, conter nomes communs, dados no Brasil aos phenomenos geographicos, com as respectivas definições.

Quanto aos nomes de origem indigena ou africana, entende a Conferencia que se deve proceder a cuidadoso estudo das etymologias aponctadas pelos varios estudiosos, sem que, todavia, o Diccionario venha a ficar muito sobrecarregado com explanações de character meramente philologico.

20. Para acceitação geral do que approvou, julga a Conferencia que o INSTITUTO HISTORICO deverá promover, como julgar mais acertado, a divulgação e a adopção das resoluções referentes á graphia dos nomes geographicos, acima consignadas.

21. Finalmente, julgando os membros da Conferencia que a obra por elles realizada é, naturalmente, passivel de refórma, podendo, ainda, observações procedentes ser apresentadas pelos estudiosos — emittem um voto no sentido de ser a Conferencia novamente convocada pelo INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, hem como no de serem designadas pelo mesmo INSTITUTO as commissões permanentes, que julgar necessarias, afim de que prosigam na collecta de dados, informações e suggestões e possam realizar a elaboração dos vocabularios, dictionários ou índices acima indicados.

Sala das Sessões, 8 de Novembro de 1927. — *Aarão Reis.*"

O PARECER DO SR. CARLOS PENAFIEL

A Comissão de Instrução Pública, da Camara, manifestou-se, hoje, sôbre o projecto que adopta a graphia dos nomes geographicos nacionaes e estrangeiros, da Conferencia de Geographia, realizada em 1926.

Relatou-o o Sr. Carlos Penafiel, que, a respeito, emittiu o seguinte parecer:

"O projecto n. 636, de 1927, que o deputado Aarão Reis apresentou á Camara mandando adoptar a graphia dos nomes geographicos nacionaes e estrangeiros, da Conferencia de Geographia, realizada, em 1926, nesta capital, sob os auspicios do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, — merece a attenção e approvação do Congresso Nacional, porque tende evidentemente, em suas linhas geraes, para uma util e proveitosa uniformização e simplificação daquelles termos. Vem, além disso, concorrer, com taes subsidios, para esclarecer, em alguns ponctos, a grande obra da lexicographia brasileira, que deve ser uma obra collectiva.

Submettendo o projecto, com estas notulas prévias, á apreciação do plenario, afim de receber emendas e suggestões dos competentes e mais auctorizados em assumptos linguisticos, a Comissão de Instrução da Camara salienta que, entre as resoluções da referida Conferencia de Geographia, adoptadas na presente proposição de lei, algumas são perfeitamente acceitaveis, outras, porém, discutiveis, em face não só do conjuncto da sciencia da linguagem, como do proprio idioma nacional. Producto espontaneo do espirito popular, não se póde crear por decreto ou resumir e completar por convenções especiaes e parciaes toda uma série de factos linguisticos que envolvem, quanto á procedencia, grandes grupos de termos "luso-brasileiros", "pan-americanos", "pan-brasileiros, e termos "locaes", ou "regionaes", os "provincialismos", por

exemplo, para só citar os quatro grandes grupos em que podem se dividir, segundo o Dr. Rodolfo Lenz, do Chile, e o Dr. Rodolfo Garcia, de Parnambuco, os nossos "sul-americanismos" e "brasileirismos".

O relator dêste parecer é, por doutrina, por princípio, contrário á interferencia do poder público no assumpto, porque, de modo geral, a unidade de linguagem não é possível nem desejavel sem a unidade moral. E' o que reconhecem o proprio projecto e as resoluções daquella Conferencia quanto á graphia dos nomes estrangeiros, mandando traduzir os nomes de accidentes ou regiões geographicas "com qualificativos e determinativos, de posição no tempo ou no espaço, perfeitamente traduzíveis", mas estabelecendo, no entanto, que "fiquem graphadas entre parentese", nos compendios e dicionarios, bem como nos documentos officiaes da União Federal, — "as fórmulas proprias ou originaes", neste ou naquella idioma, conforme a procedencia, o que tem de redundar, afinal de contas, na exposição cartographica de uma verdadeira salada cosmopolita de termos geographicos. Essa grande difficuldade, que logo encontram pela frente os reformadores impacientes de todas as partes do mundo e que sómente seculos e seculos de approximação entre os povos poderão vencer e realizar com a fusão de linguas, quando outros caminhos instituirem definitivamente a ordem humana no universo, transparece ainda, logo da primeira resolução, tomada pela Conferencia de Geographia, quando alvitra "que os nomes geographicos estrangeiros sejam graphados de accôrdo com a fórmula que lhes é dada no paiz de origem, em caracteres latinos, predominando, nos paizes dependentes, a fórmula usada na lingua do paiz influente", de accôrdo com o que já é observado no *Dictionnaire des Bureaux de Poste* e no *Indice Alphabetico do Atlas* de Stieler.

A linguagem geographica, escripta ou fallada, como a linguagem em geral, por isso mesmo que é a expressão mais directa do pensamento e, sobretudo, dos sentimentos humanos, vive debaixo do pêso constante das nossas tendencias subjectivas. E' o que ha de mais móvel e mutavel no mundo. Quem póde esperar jamais fechar um dicionario de lingua viva?... (... "qui peut espérer de clore jamais un dictionnaire de langue vivante?"...) Sob aquella influéncia subjectiva, a lingua humana tende sem cessar espontaneamente para uma uniformização final, a medida que se desenvolve a nossa solidariedade e a nossa continuidade, através todas as variações objectivas resultantes dos climas, das raças e das nacionalidades ou individualidades. Correrá, pois, a terminologia geographica por si propria, como a linguagem em geral, na

direcção de uma universalidade final, acceita por todos, seguindo a mesma marcha que a communidade de opiniões e costumes que aquella finalidade presuppõe e desenvolve. Seria, assim, desconhecer a espontaneidade de taes construcções linguisticas, necessariamente fundadas pela elaboração popular, força-las por uma chimerica propaganda do Govêrno, imposta com o fim de officializar as resoluções tomadas por este ou aquelle cenaculo de geographos e historiadores, por mais notaveis, eruditos e sabios que sejam, inórmente quando, no caso em questão, caberia antes a sua solução a uma academia de lettrados ou philologos. Via de regra, a interferencia das assembléas politicas, visando aperfeiçoamentos e correctivos em uma instituição social, como é a lingua de um paiz, é mais perturbadora do que benefica.

Os antigos já proclamavam que grande número de leis é um signal de decadencia da República — “Plurimae leges, pessima República”. De facto, os costumes fazem as leis, mas quando estas é que querem substituir e forçar aquelles, o que se substitue são freios interiores da consciencia por uma repressão exterior forçada e quasi sempre inutil, e, esse excesso reformista, reflectindo-se em uma multiplicidade de leis passa a constituir um signal de decadencia dos parlamentos.

Responderão, em revide aquelles que pensam em contrário que toda agitação reformista traduz uma vontade de progresso. Nem sempre mudança é progresso, sobretudo quando se esperam de leis imperativas soluções reservadas aos costumes e á evolução natural das cousas. Replicarão ainda, quanto ao poneto questionado, que uma unidade de linguagem constituirá uma hypothese ainda demasiado recuada, de futuro quasi millenario, pois só viria, remotamente e a um tempo, como consequencia e condição de uma universalidade religiosa perosamente attingida, capaz de ligar a humanidade inteira pelos mesmos sentimentos altruisticos.

Seria, sem dúvida, absurdo — escreveu o grande pensador Augusto Comte, que póde ser classificado com Francisco Bacon, Descartes, Pascal, Leibnitz, Locke, Montesquieu, Voltaire, Diderot, Condillac, Volney, Ampère etc. entre os annunciadores de uma lingua universal — esperar a lingua universal enquanto prevalecerem crenças e costumes hostis. Mas seria muito mais contradictorio conceber todas as populações humanas unidas por uma fé positiva dirigindo uma actividade pacifica, e fallando ou escrevendo linguas sempre differentes.

Mostrando que o problema é mais de ordem espiritual, e o poder público, em convenções especiaes e parciaes, pouco poderá alcançar quanto a designações terminologicas, geographicas e históricas, productos espontaneos do espirito popular, que não se póde forçar por decreto, bastaria á Comissão de Instrução figurar que o legislador, no propôr leis phoneticas escriptas, já esbarraria, de immediato, no embaraço, para officializar taes determinações glottologicas, mesmo obedecendo a um justo e rigoroso criterio triplice, a um tempo physiologico, psychologico e histórico, de saber, dada a divergencia de opiniões reinante entre os proprios lettrados e grammaticos, si o Congresso Nacional deve mandar escrever aquelles nomes, adoptados pelo projecto, em orthographia phonetica simples ou pela etymologia das mesmas palavras.

No caso da Chorographia patria, que é o que mais nos interessa, as difficuldades sobem de monta. Sabe-se quanto repugnava aos dicionaristas antigos o registro dos provincialismos, sob o falso pretexto de que eram corruptelas da lingua. Prestando a maxima attenção e estudando a distribuição geographica dos "localismos", compendiados nos differentes glossarios que já possui o Brasil, Rodolfo Garcia, no seu *Diccionario de Brasileirismos*, demonstra a existencia, á mais ligeira inspecção, das zonas seguintes: I — Norte: Amazonas, Pará Maranhão; II — Norte-oriental: Piaui, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernambuco, Alagôas; III — Central-maritima: Sergipe, Bahia, Espirito Sancto, Rio de Janeiro; IV — Meridional: São Paulo, Paraná, Sancta Catharina, Rio Grande do Sul; V — Alti-plana-central: Minas Geraes, Goiaz, Matto Grosso.

Poderia o presente parecer, ante um phenomeno tão complexo como o glottologico, provar que o criterio das resoluções da Conferencia de Geographia, de 1926, é por demais simples, e que só um poderia ser tolerado provisoriamente por conduzir a resultados aproveitaveis: o que se baseasse nos factos da linguagem. Mas isso seria já uma dissertação linguistica vastissima e demandaria observações systematicas sôbre a origem e desenvolvimento da linguagem entre nós, considerada tanto em abstracto como em concreto.

A palavra "lingua", na sua essencia; não exprime nada que divirja da expressão de "dialecto", pois é o complexo de signaes oraes, de que um povo se serve, para representar os seus pensamentos. E, assim, a differença unica entre "lingua" e "dialecto" está em que a primeira indica um "dialecto", escolhido convencionalmente pelos lettrados como meio mais geral de expressão, ou, por assim dizer, em que a lingua envolve um

uso mais extenso. Ora como os nossos localismos, regionalismos, provincialismos, surgidos dentro da evolução da linguagem patria, são brasileirismos peculiares ao que ha de mais inherente a nossa existencia collectiva, que é a vida local, perguntaria este parecer a que criterio obedece o projecto quanto á graphia de nomes geographicos, creados por esses "localismos", que valem entre nós por verdadeiros dialectos?

O proprio auctor citado, profundo conhecedor do phenomeno, isto é, do problema da fixação exacta da patria de origem dos "localismos", a que devia estar precipuamente subordinada a sua designação, declara que "tal investigação é, na grande maioria dos casos, de todo insolúvel". De facto, duas são em geral as fontes de que promanam os vocabulos dessa natureza: uma permanente, quasi sempre ligada a um accidente topographico, ou faunístico; outra essencialmente transitória, constituida por acontecimentos ás vezes de ordem minima, mas que, por qualquer motivo, attrahiram fortemente, a attenção de um grupo de individuos mais ou menos numeroso, si no primeiro caso é quasi sempre possível a determinação do localismo, o mesmo, é bem de ver, não acontece ao segundo, mórmente quando o facto que lhe deu origem se passou em época afastada.

Mesmo admittindo tenha o acontecimento-raiz merecido as honras da lettra de fôrma nas páginas da imprensa periodica, como será possível ao dictionarista descobrir as suas pégadas, si de todo desconhece a localização exacta e a éra de sua realização? E' claro que, nesse caso, resta tão sómente ao lexicographo a tarefa de verificar, com a maxima exactão, a região ou regiões em que o vocabulo é usado, e despretenciosamente consigna-lo.

Na distribuição geographica dos localismos, acima traçada pelo dr. Rodolfo Garcia, adverte este auctor a particularidade de que as zonas sertanejas dos Estados maritimos das II e III alneas devem, de direito, incorporar-se á V; uma parte igualmente da IV e V apresenta maior affinidade com a III. "Si quizessemos levar mais longe a preocupação do detalhe, acrescenta o mesmo glottologista pernambucano, teriamos occasião de ver que a parte mais oriental de Minas se ligaria mais naturalmente á III zona, enquanto o Rio Grande do Sul passaria a constituir uma provincia glottologica separada e autonoma".

Quando uma mesma palavra geographica diversifique de uma para outra dessas regiões, que criterio deve adoptar o

governo da União para interferir na determinação ou qualificação do mesmo vocabulo, quando o poder competente, para o baptismo de um logarejo qualquer, deve ser, em face da autonomia municipal, o poder local? Constitucionalmente, o projecto não poderá provocar conflictos de tal natureza?

A Commissão de Instrucção tambem nutre dúvidas, no tocante ás alterações propostas pela Conferencia de Geographia, aos "termos pan-brasileiros", isto é, aos usados em todos ou quasi todos os Estados do Brasil, que devem a sua formação precipuamente á superfetação do portuguez, á influencia do tupi-guarani e das linguas africanas, em sua maioria filiadas ao grupo bantú. Revelando-se um pouco cioso das prerogativas que o regime federativo conferiu aos poderes locaes, este parecer não pretende dividir o Brasil em zonas lexicographicas, heterogeneas, mas chamar attenção para as causas dessa heterogeneidade, como phenomeno linguistico indisfarçavel, causas que revelam a maior ou menor efficiencia dos factores modificativos e dão origem, por assim dizer, a "sub-dialectos regionaes", derivados fatalmente de differentes ordens de condições mesologicas.

Apesar de todas essas considerações, que apenas importam em algumas resalvas e não em um voto restrictivo, nem mesmo sequer por parte do relator dêste parecer, — a Commissão de Instrucção apresenta parecer favoravel ao projecto n. 636, de 1927, e aos elevados intuitos patrioticos, nelle visados pelo seu competente e illustrado auctor, o deputado Aarão Reis, submettendo-o, assim, á discussão e voto da Camara."

Sala das Commissões, 4 de junho de 1929.—*Braz do Amaral*, presidente. — *Carlos Penafiel*, relator. — *Raul de Farias*. — *Gonçalves Ferreira*. — *Henrique Dodsworth*.

5ª SESSÃO ORDINARIA (1.546ª), REALIZADA EM 1 DE JUNHO DE 1929

PRESIDENCIA DO SR. MANUEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

(1ª vice-presidente)

A's 17 horas, abre-se a sessão com a presença dos senhores Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, Augusto Tavares de Lyra, Agenor de Roure, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Justo Jansen Ferreira, Emilio Fernandes de Sousa Doça, Alfredo Ferreira Lage, Affonso de Escragnolle Taunay,

Alfredo Valladão, Edgard Roquette Pinto, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca e Eugênio Vilhena de Moraes.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º *secretario*) lê a acta da sessão anterior, que é unanimemente approvada, e, em seguida, procede á leitura das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio Branco, na parte em que se referem á data da sessão.

O SR. MAX FLEIUSS (1º *secretario perpétuo*) refere-se á presença do professor doutor Rafael Schiaffino, membro do Instituto Historico e Geographico do Uruguai e um dos delegados do seu paiz nas commemorações do centenario da Academia Nacional de Medicina. Diz que o illustre hóspede, historiador e scientista de renome no Uruguai, é portador de uma mensagem da associação a que pertence, de cumprimentos ao INSTITUTO e que, por todos esses motivos, deseja que se registre em acta o comparecimento do mesmo professor. (*Unanimemente approved.*)

O SR. MANUEL CICERO (*presidente da sessão*) diz que o egregio presidente perpétuo sr. conde de Affonso Celso, por notoria razão de lucto, estava impedido de comparecer, cabendo-lhe, por isso, como seu substituto eventual, presidir á sessão em que se commemora o centenario do fallecimento de frei Leandro do Sacramento.

Sobre a personalidade do grande naturalista brasileiro, primeiro professor de Botanica da Academia Medico-Cirurgica do Rio de Janeiro, e primeiro director-technico do Jardim Botânico, daquelle a quem, como disse Joaquim Manuel de Macedo, sobram titulos para que figure distinctamente na galeria dos benemeritos varões illustres do Brasil, fallará com superioridade e competencia o sr. Roquette Pinto.

O eminente ethnologo e homem de lettras, abalisado director do Museu Nacional e membro conspicuo da Academia Brasileira, prestará, assim, mais um inestimavel serviço ao INSTITUTO, de que é ornamento e cooperará para que aqui se vá realizando, galhardamente, um programma de trabalho e patriotismo. (*Applausos.*)

Dá a palavra ao sr. Roquette Pinto.

O SR. ROQUETTE PINTO, da tribuna e illustrando o seu trabalho com projecções luminosas, pronuncia a seguinte conferencia:

"Tem um encanto singular a vida scientifica de frei Leandro. Elle não ganhou renome por arrojadas explorações que tanto lustre deram a certos botanicos do tempo. Não foi viajante cheio de requintes, como Alexandre Rodrigues Ferreira que, a cada passo das suas extensas e perigosas caminhadas, revelava as preoccupações philosophicas que o leva-

ram a estudar meticolosamente a choreographia dos Indios, como elemento sociologico de alta valia. Tambem não foi auctor de grandes e imponentes volumes, em que a vida das plantas estivesse delineada, com as minucias que della sabia tirar Silva Manso ou Arruda Camara. Frei Leandro foi o sabio amigo das arvores. Seu nome, nós não o devemos buscar nas bibliothecas; seria inutil. Nos grandes parques, que são a maravilha da minha cidade; nos troncos enrugados do Passeio Público; nas frondes das jaqueiras do Jardim Botânico — algo ha de existir, ainda hoje, do grande carmelita, seja apenas a lembrança ou a saudade. Si as arvores recordam? Quem sabe? Bose, um biologo hindú, o affirma, e outros o confirmam, que as arvores têm coração, como já o tinha adivinhado o sentido apuradissimo dos poetas. E, talvez, nervos tambem. Quem ousaria dizer que as do Passeio Público já se exqueceram do seu grande amigo? Elle assim viveu encantado no meio das plantas. Numa terra em que cada homem tem destruido pelo menos um alqueire de floresta; em que cada patricio tem, por systema ou só por alegria, queimado os bosques sem piedade, frei Leandro deu o exemplo magnifico, que ás creanças devia ser apontado: — Viveu plantando.

A sua obra de botânico apenas suscita uma recordação. Como trabalho de sciencia, o que d'elle ficou é innegavelmente muito pouco. Esse mesmo, conforme o seu illustre biographo ha tanto tempo indicou, falho e, até ás vezes, errado. O que sustenta o seu grande nome, o que explica e justifica a sua glorificação, foi o seu inexaurivel carinho pela vida das arvores, o seu admiravel talento de mestre, professor popular de Botanica sem igual neste paiz.

Estas são as faces mais impressionantes da sua existencia, que mereceu um valioso estudo de outro notavel mestre, que eu tive a ventura de conhecer no tempo da minha adolescencia — José de Saldanha da Gama, figura de relêvo no Instituto Historico, onde, em 1870, recordou, com rara auctoridade, a biographia e os trabalhos de frei Leandro. No entanto, Saldanha da Gama tractou mais do que, na vida do carmelita, menos impressão me faz. E não demorou bastante no que ella tem de proprio e commovente: o seu desvêlo pelas nossas boas amigas de sempre.

Barbosa Rodrigues, que muito depois o exalçou de maneira particular, mais se interessou por esse lado da sua bella e simples existencia.

O sabio carmelita era de Pernambuco, nascido no Recife, em dia que ninguem até hoje conseguiu precisar do anno de 1778. Era filho de Jorge Ferreira da Silva e de Teresa de Jesús. Na simplicidade sancta do nome de sua mãe bem se adivinha o ambiente religioso em que se educou, preparando os seus fuluros dias conventuaes. Sempre foi de má saúde. Descreveram-no, os que o conheceram, como sendo alto, muito magro, cabellos negros e pelle trigueira, olhos pequenos e brilhantes,

Aos 20 annos, 5 de Maio de 1798, recebeu frei Leandro do Sacramento, em Pernambuco, o habito dos Carmelitas. Terminados os seus estudos canonicos, seguiu o frade para Coimbra com a permissão de frequentar a Universidade.

Que lhe podia dar o Brasil, ao espirito curioso de saber, além do que já tinha no seu convento apprendido? Em Coimbra, segundo uma nota que se encontra no primeiro volume da *Flora Brasiliense*, foi alumno de Felix da Silva Avellar Brotero, o que tem a sua estátua no Jardim Botânico da Universidade, auctor da *Phytographia Lusitaniæ*, ousado simplificador do systema natural de Linneu, mestre de larga fama, e por signal tio do jurista José Maria de Avellar Brotero, lente da Faculdade de São Paulo, de quem meu avô, João Roquette Carneiro de Mendonça, algumas facecias nos contava, do tempo em que alli fôra seu alumno, por volta de 1860, companheiro de Rangel Pestana, quando redigiam o jornaleco republicano — *Timbira*.

Em 1806, frei Leandro defendia these e concluia o curso de Philosophia, no qual, como em todas as universidades dignas do nome, tinham e têm relêvo as sciencias naturaes.

Voltando á Patria, não veio logo ao Rio de Janeiro, como parece affirmar Saldanha da Gama. Porque, em 1808, achamos o seu nome subscrevendo a memória sôbre as *nitreiras naturaes* ou *artificiaes*, trabalho escripto, no dizer de Sacramento Blake, por incumbencia da Junta do Govêrno de Pernambuco e enviada ao ministro d. Rodrigo de Sousa Coutinho a 22 de Abril de 1808, talvez o primeiro documento scientifico recebido na Côrte do Rio, onde d. João chegara a 7 de Março.

E' certo, porém, que pouco depois frei Leandro tomou conta da sua cathedra na Academia Medico-Cirurgica, na qualidade de lente de Botanica, onde o encontrámos, á vista dos documentos conseguidos por Saldanha da Gama, desde 1815. Documentos preciosos, unicos que se salvaram no incendio da Faculdade de Medicina, no tempo em que funcceionou no Morro do Castello.

O curso official de Botanica e Agricultura, dirigido pelo padre-mestre, começava em Março e os exames eram reali-

zados em Dezembro, como se vê dos papeis transcriptos por Saldanha da Gama. *

Um delles menciona os discipulos do sabio carmelita:

No dia treze de Março do anno de mil oitocentos e quinze deu principio á aula de agricultura e botanica, sendo lente frei Leandro do Sacramento, e alumnos os que vão abaixo mencionados, e para constar passei este termo da minha lettra e signal. Rio de Janeiro, 13 de Março de 1815. — Fr. *Leandro do Sacramento*.

Eram alumnos *ordinarios*: Flavio Joaquim Alves, José Joaquim da Silva, Luis Pereira da Rosa, Emilio Manuel Moreira, Domingos Ribeiro G. Peixoto, Antonio Ildefonso Gomes. Eram *voluntarios*, ouvintes, como se diz em nosso tempo: Estevam Alves de Magalhães, Antonio Americo Azevedo, José Bernardino de Senna, José Maria do Carmo, d. Francisco de Almeida e o visconde de Barbacena.

O outro, dos seis documentos assignados por frei Leandro e encontrados por Saldanha da Gama, é uma acta de exames:

No dia tres de Dezembro do anno de mil oitocentos e quinze, tiraram poncto Antonio Ildefonso Gomes e d. Francisco de Almeida, ás oito horas da manhã, para os seus exames do dia seguinte, e saõ-lhes por sorte — Plantação d'arvores floresteadas, sua conservação, córte de madeiras, influência dos bosques, tanto na economia animal como na vegetal: em agricultura. Em botanica: classes triandria, tetrandia e gynandria. Do que passei este termo para em todo o tempo constar da minha lettra em que me assignei. — Frei *Leandro do Sacramento*, lente.

O poncto era vastissimo; em compensação, foi sorteado de vespera... e a prova começou ás oito horas da manhã. Na linguagem dos botanicos de hoje estariam obrigados os rapazes a tractar das *Gramineas*, *Cyperaceas*, *Iridaceas*, *Dipsaceas*, *Cruceiferas* e *Orchidáceas*.

Os dous alumnos eram, porém, estudantes de polpa; e fôram ambos approvados, diz-nos o frade, com distincção, ou na linguagem da época: *Nemine discrepante*.

O nome do visconde de Barbacena, citado na lista dos alumnos voluntarios de frei Leandro, confirma a tradição, segundo a qual o prestígio das licções do frade — era retum-

bante. E tambem justifica o juizo que os contemporaneos fizeram do marquez Felisberto Caldeira Brant Pontes, militar amigo das sciencias, introductor da vaccina jeneriana no Brasil. Porque é bem de ver que só a conselho do marelchal deve ter ido seu filho—o visconde de Barbacena, acompanhar as lieções de Botanica. O visconde nasceu na Bahia, em 1802. Teria assim, em 1815, treze annos, bem pouca idade para um curso de Agricultura e Botanica do quilate daquelle, cujo programma, em parte, se adivinha pela extensão do poncto de exame acima referido. E por ser tão joven, era ouvinte. No entanto, ao que li algures, só recebeu de facto o título de visconde em 1830, por graça de Pedro I.

Eu o conheci já centenário, em 1905, cara raspada, de collarinho muito alto, sempre de preto, apurando a sua velhice nos bondes, em que a sua presença era notada. Não havia, no Rio, ha uns vinte e cinco annos, quem não conhecesse o visconde centenário, que apostava com o nosso amigo dr. Catta Preta quem sabia envelhecer com mais donaire e mais linha.

Além do curso da Academia Medico-Cirurgica, frei Leandro mantinha a sua aula popular de Botanica, no Passeio Público. Alli, ao que parece, era o seu auditorio constituido pelo que de melhor havia entre os intellectuaes da côrte.

Naquelle tufo de verdura, que é uma alegria e um encanto, pequeno parque de história simples, que inspirou a Macedo uma lenda de poesia commovente, nasceu o ensino das sciencias naturaes em nossa terra. A glorificação de frei Leandro deve ser ligada a essa ephemeride brilhantissima, cujo alcance a cultura dos nossos tempos bem avalia, porque o povo já não considera os seus guerreiros como sendo os unicos cidadãos de benemerencia historica, comprehende que não são menores as glórias da sciencia e da arte.

O carmelita teve um companheiro na iniciativa: foi um franciscano eminente, o primeiro director do Museu Nacional, frei José da Costa Azevedo; frei Leandro do Sacramento, na Academia Medico-Cirurgica e no Passeio Público; frei José da Costa Azevedo, na Academia Militar e no Museu Nacional; o carmelita ensinando, principalmente, Botanica; o franciscano, Mineralogia—fôram os dous grandes mestres da feliz missão. Antes de frei Leandro do Sacramento e de frei José da Costa Azevedo, escreveu Saldanha da Gama, nenhum Brasileiro alcançou a glória de assumir a posição de professor de Botanica na cidade do Rio de Janeiro. Nem o proprio frei Velloso, que deixou trabalhos como naturalista, sem dúvida muito maiores.

Frei Leandro, além do mais, era mestre de raras prendas. Illustrava todas as suas lieções com o material que o Passeio

Público lhe offerecia e tinha uma natural eloquencia simples e persuasiva, empolgante e colorida. Um dos seus ouvintes, certa vez, achou-se de tal modo transportado ao seguir a lição do carmelita, que o mestre mesmo se surpreendeu com o arrebatamento que o seu discipulo manifestava. Esse alumno voluntario era Balthazar da Silva Lisbôa, doutor em direito, jurista e historiador dos *Annaes do Rio de Janeiro*, que, discipulo de frei Leandro, deixou diversas memórias, algumas notaveis, de Silvicultura e Botanica. O dr. Joaquim José da Silva foi outro discipulo famoso de frei Leandro.

As aulas do frade desdobravam-se, muitas vezes, á sombra das grandes arvores do parque. Em geral, funcçionavam em um pavilhão que o padre Luis Gonçalves dos Sanctos (padre Pereréca) descreveu como sendo "muito elegante e juncto ao largo da Lapa, construido de proposito para o curso de Botanica, logo depois que frei Leandro foi investido na direcção do Passeio, pelo govêrno de d. João VI.

Esse edificio deve ter sido demolido em 1841, por occasião das reformas do Passeio Público, que, todos sabem, foi construcção benemerita do vice-rei Luis de Vasconcellos, no local da infecta lagôa do Boqueirão da Ajuda ou lagôa Grande, aterrada com o Morro das Mangueiras, outeiro que se erguia nos altos da Avenida Mem de Sá, juncto á Sancta Teresa (Morro do Destêrro).

Quem quizesse — escreveu o meu sempre lembrado e querido amigo Vieira Fazenda — quem quizesse antigamente sair do coração da cidade em busca dos sitios do Cattete, Carioca e Botafogo, teria de caminhar pela actual rua Chile e buscar a estrada que da Ajuda — a Cinelandia de 1929 — ia para o Destêrro, hoje Evaristo da Veiga.

Alli, estreito trilho constituido pelo lado par da hoje rua Visconde de Maranguape ia desembocar a praia, por onde se chegava até á Glória. Esse trajecto era forçado, pois que seria impossivel atravessar a Lagôa Grande ou do Boqueirão, no logar occupado muito depois pelo Passeio Público."

O lindo parque surgiu de preocupações de hygiene pública, ao tempo em que o vice-rei Vasconcellos e Sousa adoeceu da epidemia reinante, que o povo baptizou de "Lamparina", corrompendo o nome da cantora Zamperini que, por volta de 1770, em Lisbôa, era coqueluche de damas e senhoras: tudo então era a "Zamperim", vestidos, penteados, adereços.

A epidemia como a seducção da cantora não poupava ninguém. Doude nós outros, vítimas da *Espanhola*, con-

cluimos que devia ser uma especie do 'mal que os medicos chamam *Influenza* — uma vez que, por consôlo, sempre dão nomes ás doenças.

O benemerito vice-rei, creador do primeiro museu de História natural no Brasil — a Casa dos Passaros; — constructor do cães dos Mineiros e tantas outras obras uteis, entregou a planície conquistada pelo atêrro da Lagoa Grande do Boqueirão da Ajuda ao mestre Valentim da Fonseca e Silva, architecto e entalhador, escultor dos de mais fina sensibilidade que o Brasil tem possuido. Ajudaram-no Francisco dos Sanctos Xavier — o *Xavier das Conchas*, artista que então compunha, com os restos dos Molluscos, ornatos de toda a especie, e Francisco Xavier Cardoso Caldeira — o *Xavier dos Passaros* — naturalista-armador, encarregado de zelar pelo museu do vice-rei, o mesmo artista que entreteceu de papos de tucano o manto imperial, para o que José Bonifacio, em um documento que existe no Archivo do Museu Nacional, mandou em 1821 fôsssem entregues todos os tucanos menos dous, escolhendo-se os que tivessem o papo bem amarello. No terraço do Passeio Público construíram-se dous pavilhões: o de Apollo — decorações de Xavier das Conchas, e o Mourisco, entregue á habilitade de Xavier dos Passaros. Os pavilhões não duraram muito. Parece que em 1847 e depois em 1862, outros alli se edificaram, substituidos pelos actuaes, que uma inspiração superior levará, sem dúvida, o sr. prefeito a mandar arrazar dentro em breve, para alegria dos Cariocas, que não se resignam a ver o Passeio Público suffocado pelos monstros em má hora destinados a desfigurar a ramaria solenne e acolhedora.

O carinho dos Cariocas pelo Passeio Público nunca desmereceu. Basta ver a rica litteratura que a sua história fez repontar na penna de Mello Moraes, Macedo, Vieira Fazenda. Os naturalistas brasileiros têm mais esse motivo para bem querer ao lindo e pequeno parque: alli nasceu, nas licções de frei Leandro do Sacramento o ensino público da História natural. Hoje, que celebramos o mestre — o Museu Nacional convida o Instituto Historico para, juncto, erguerem, um singelo monumento commemorativo da ephemeride, seja uma inscripção recordando que a sciencia merece tudo, mórmente neste paiz, que só por meio della poderá vencer as difficuldades do seu progresso. Lembraremos, então, aos nossos patrios que o tempo de progredir sem ella — já passou. Hoje, muito mais do que no passado, os povos *fortes* — são os povos que *sabem*.

A aula do Passeio Público, tão notavel na Côrte, fez que frei Leandro fôsse chamado ao Jardim Botânico. "No mez de

Março de 1824, diz elle, na sua *Memória economica sôbre a plantação, cultura e preparação do chá*,—em que tomei conta da direcção do Jardim Botânico da Lagôa Rodrigo de Freitas...”

Não nos faltam, felizmente, notas e tradições a respeito da vida de frei Leandro no Jardim da Lagôa de Socopenapan—sem nenhum motivo chamada Rodrigo de Freitas, nome de um capitalista alienígena, que em Portugal viveu os ultimos annos e lá morreu sem deixar no Brasil o menor traço progressista.

Barbosa Rodrigues condensou, em algumas obras, o que ha de notavel sôbre a actividade do frade carmelita naquelle horto. Não tenho nada mais que fazer do que resumir e commentar o que elle, auctorizadamente, sôbre isso nos deixou escripto.

Frei Leandro dirigiu o Jardim Botânico durante cinco annos. Recebeu um parque de diversões: deixou um horto scientifico, que cada dia, desde então, vê augmentar a sua belleza e seu prestigio.

A lagôa, em cuja margem se construiu o jardim, era chamada, pelos Tamoios, *Socópenapan*—o caminho das garças (socó). (Th. Sampaio) ou como quer Barbosa Rodrigues: *Sapopen-ipau*—Lagôa das raizes chatas. Penso com Theodoro Sampaio; e muito desejaria ver, nos mappas da minha cidade, restaurado o nome tupi ou mesmo traduzido: Lagôa das Garças, nome evocativo por todos os motivos preferivel ao inexpressivo patronymico do felizardo capitalista que adquiriu em 1660, de Alberto Fagundes Varella, o engenho de canna alli fundado em 1596 por Diogo de Amorim Soares, em terras pertencentes á Camara Municipal.

Em 1808, já era fallecido Rodrigo de Freitas. A 13 de Maio dêsse anno, o principe regente festejou o “seu dia natalicio creando uma fábrica de polvora, a mesma que ora funciona juncto á raiz da Serra da Estrêlla, e foi então installada no engenho da Lagôa de Socópenapan, desapropriado por cêrca de 42 contos de réis. Foi nomeado inspector de artilharia o brigadeiro Napion. Nada de mais, era uma fábrica de polvora. Mas a administração geral foi entregue a um philosopho, o marquez de Maricá. Mezes depois, a 11 de Outubro, era creado, annexo á fábrica de polvora, o Real Horto, para cultura de especiarias da India.

Deu-se, por esse tempo, um facto cheio de consequencias para o desenvolvimento do Horto.

O chefe de divisão Luiz de Abreu Vieira e Silva náu-frago da fragata *Princeza do Brasil*, em mares de Gôa, ten-

tando ganhar o cabo da Boa Esperança, caiu prisioneiro dos Francezes, que o mandaram para a ilha de França.

Fugindo da ilha, em companhia de outros patricios, Abreu trouxe uma collecção de mudas, que offereceu ao soberano e fôram plantadas no Real Horto, de onde muitas se espalharam por todo o Brasil: o abacateiro (*Persea* sp.). O sagú (*Cydas* sm.), a fructa pão (*Artocarpus* sp.), o cajá — (*Spondias* sp) e a Palmeira real (*Oreodoxa* sp.).

Luis de Abreu tinha a paixão da agricultura. E' sua iniciativa a plantação do chá no Rio de Janeiro, obtendo que de Macau lhe mandasse algumas sementes o seu amigo Rafael Bottado de Almeida, que as remetteu a bordo do brigue *Vulcano*, ao mando do capitão-tenente Joaquim Epiphany de Vasconcellos, segundo as notas publicadas por Barbosa Rodrigues.

Tão viçosas cresceram as plantas do chá, que d. João em 1814, resolveu promover a vinda de uma colonia de chins, dona dos segredos de bem preparar as folhas.

Saint'Hilaire que, além do que nos deixou como naturalista, traçou páginas valiosissimas como historiador do Brasil-reino e cujo nome hei de citar aqui muitas vezes, encontrou em 1818, perto de Araruama, no Estado do Rio, remanescentes da colonia chinesa.

Frei Leandro, ao tomar conta do Jardim Botânico em 1824, só encontrou o "china mestre do chá". A cultura tinha decaído. Dos tres massiços plantados, só um estava em boas condições. Reergueu o cultivo da planta valiosa e aprendeu por si o que era preciso para beneficiar as folhas, visto que "o china de facto não era capaz de publicar as idéas que sabia executar na prática..."

Saldanha da Gama criticou profundamente a *Memoria sobre o Chá...*

Logo no começo frei Leandro errou de certo classificando a planta — *Thea viridis* na familia das Euphorbiaceas, de Jussieu. No entanto, não sei si a culpa cabe mais ao carmelita do que aos botanicos, porque elles já naquelle tempo promoviam intermina contra-dansa das especies. Certo é, como diz Saldanha da Gama, que o primeiro a se espantar da collocação da especie entre as Euphorbiaceas seria, hoje, o proprio frei Leandro, vendo que o chá é actualmente uma *theacea* ou uma *Gordonia*, tribu da familia das Ternstroemiaceas, na *Flora Brasiliensis*.

Outra falha, aponetada na monographia de frei Leandro, foi o nome latino que na taxonomia scientifica devia caber á especie que descreveu.

Aqui, porém, não me parece tenha sido muito justo Saldanha da Gama. O frade escreveu a sua memória por ordem do Governo, para divulgar entre agricultores os cuidados e os conselhos relativos ao plantio e ao preparo do chá. O folheto destinava-se a acompanhar as sementes enviadas ás provincias. *Chá*, portanto, parece-me bastante. Tanto mais quanto, ao contrário do que seria para desejar, o nome vulgar, está provado, conserva muitas vezes mais fixidez do que o científico, que os sabios a cada momento relegam para as intermináveis *synonymias* de que estão recheadas as *Floras* e as *Faunas*. O bicho do pé, em 1758, era *Pulex penetrans*, de Linneu: em 1815, passou a ser *Rhynchoprion*, de Oken; mas, em 1843, mudou de nome outra vez: foi *Dermatobius*, de Guérin. E o mosquito rajado que, no tempo de Oswaldo Cruz, era *Stegomyia*, é hoje chamado *Aedes*? A poaia (ipecacuanha) em menos de cem annos, mudou de nome umas quatro vezes: *Cephaelis* (Richard), *Calicocea* (Brotero); *Psychotria* (Velloso); *Uragoga* (Baillon).

Saldanha da Gama não se exqueceu de aponctar nenhum dos senões da monographia: recorda que frei Leandro errou acreditando que a planta só se cultivava por sementes, quando o enxerto dos ramos, no tronco das camelias, é práctica usual no Oriente, e que o frade se exqueceu de mencionar as plantas aromaticas (*Camellia* sazangua, *Oleo fragrans*, *Magnolia Julan*) que os chinezes ajunctam ao chá para torna-lo delicioso e perfumado.

E quem sabe si não é por deficiência de taes simples, que o chá do Brasil, apesar de tão bem iniciada a sua industria, nunca poudo vencer definitivamente. No entanto, ha quem prosiga na velha iniciativa. Ha uns dous annos eu mesmo tive oportunidade de receber a delicada offerta de um poucco do chá cultivado e vendido em Ouro Preto — *O chá do Thesoureiro*. Quando frei Leandro chegou á direcção do Jardim Botânico, creado annexo ao Museu, a 11 de Maio de 1819, d. João já estava ha muito em Portugal. Mas o carinho do principe regente e do rei pelo Jardim tórna obrigatorio recorda-lo quando se tracta de evocar o scenario da dedicada actividade do carmelita.

Vieira Fazenda traçou, em uma das suas interessantes chronicas da *A Noticia*, hoje felizmente reunidas na *Revista do Instituto*, o caminho de d. João para ir da cidade ao Jardim. Pela praia de Botafogo ao longo da antiga bahia de Francisco Velho, chegava ao *caminho do Pasmão* (rua da Passagem) e ganhava a *rua Berquó* (rua General Polydoro). Dahi seguia até o *caminho de São Clemente*, na aba da mortanha.

que conduzia á lagôa. Vinha, outrora, a lagôa até bem próximo dos morros.

Nesse trecho, reza a chronica, existia, dominando com a sombra o caminho antigo, um enorme pedrouço, que parecia a cada momento dever esmagar os transeuntes. D. João alli deixava a sége e passava a sua preciosa pessoa para um barco, transpondo, assim, o trecho que julgava perigoso. Do outro lado, retomava o carro que o conduzia ao Horto.

Ahi, em 1809, o principe plantou a *palmeira real*, trazida pelo chefe de divisão Abreu, da ilha de França, conforme foi dicto. Só muito depois da morte de frei Leandro, fructificou pela primeira vez a palmeira real, quando governava Pedro I e dirigia o Jardim Serpa Brandão, aulico cioso daquella preciosidade, que para impedir a disseminação da especie pelos jardins publicos, mandava recolher e queimar, cuidadosamente, todos os fructos.

No entanto a *palmeira real* espalhou-se. Os escravos do Jardim sabiam furtar, á noite, em tempo habil, as sementes que vendiam a cem réis cada exemplar. Esta nossa *palmeira real* ou *palmeira imperial* não é, todavia, a *palmeira real dos botanicos*. (*Oreodoxa regia*). E', conforme o mostrou Barbosa Rodrigues, a *Oreodoxa oleracea*, de Martius, ou *Areca oleracea* de Linneu. Aliás, são especies muito proximas. A *oleracea* é mais alta, delgada e regular; a *regia* é um tanto ventricosa ou levemente barriguda.

A 1 de Julho de 1823, sôbre um comoro construido por frei Leandro, com a terra que se retirou do lugar em que hoje existe o lago por elle iniciado, Barbosa Rodrigues ergueu o monumento do carmelita. Os restos do sabio, quando elle morreu, a 1 de Julho de 1829, fôram levados ao Convento do Carmo. Fui visita-los ha poucos dias. Mas, no Convento, só existe de frei Leandro a memória. Uma pedra lisa cobre o ossuario dos carmelitas. Não é possivel saber quem alli repousa. Dormem todos na quietude de um grande somno anonymo.

As obras de frei Leandro do Sacramento, ao que se conhece, são as seguintes:

1 — *These*, Coimbra, 1805.

2 — *Memória sôbre as nitreiras naturaes ou artificiaes dêste paiz*.

(Escripta por incumbencia da juncta do Govêrno de Pernambuco em 1808 e mandada ao ministro d. Rodrigo de Sousa Coutinho, a 22 de Abril de 1808.)

3 — *Aguas mineraes do Araxá, no Brasil*: "Carta ao conde da Barca no "Correio Brasiliense", tomo 19, 1817, pág. 524.

4 — *Instrucções para os viajantes e empregados nas colônias sobre a maneira de colher, conservar e remetter objectos de história natural, augmentadas de algumas reflexões sobre história natural do Brasil e estabelecimento do Museu e Jardim Botânico em a Côrte do Rio, 1819.*

5 — *Memória economica sobre a plantação do chá, Rio, 1825.*

6 — *Memória sobre as Balanophoraceas* (perdida).

7 — *Compendio de Botanica* (inedito, perdido).

Numerosas monographias enviadas a publicações européas.

Em taes memórias frei Leandro descreveu as plantas que lhe pareciam novas para a sciencia. Não é possível reprimir um movimento de dolorosa emoção recordando, nesta hora, que, por insufficiencia do meio patrio, a grande vida de trabalho scientifico do mestre foi iniquamente sacrificada. Basta lembrar que dos nove generos novos por elle descriptos e nomeados, oito caíram em synonymia. Frei Leandro, no Brasil do comêço do seculo, era um desamparado. Sciencia, e da melhor, elle a possuia, mas instrumentos de trabalho? Livros? como poder o sabio controlar os descobrimentos que realizava?

Como Anchieta, por falta do necessario, elle parecia escrever na areia os segredos das plantas da sua terra, que o olhar amestrado encontrava.

Veio muito cedo, numa terra ainda semi-barbara, o discipulo de Brotero. Por isso, perdeu a maior parte do que conseguiu colher.

O seu primeiro genero *Funifera* — ainda subsiste na familia das *Thymeleaceas*. O typo é a “embira branca” — *Funifera utilis*, de Leandro, do Rio de Janeiro.

Já o segundo, *Augusta*, onde elle descreveu a *Augusta chrysantha*, as lindas flôres rubras do “brinco de macaco” — foi posto na synonymia do genero *Stiftia*, de Mikan.

Spixia — Foi outro genero creado por frei Leandro, nas Euphorbiaceas. Martius o acceitou e consagrou a especie typo ao carmelita, sob o nome *Spixia Leandri*, Mart.

O genero, porém, mais tarde, caiu. E' hoje o genero *Pera*, de Mutis. Foi tambem genero de frei Leandro o *Gymnarrea*, ainda nas Euphorbiaceas. Passou a secção do genero *Actinostemon*, de Martius, onde Saldanha da Gama descreveu a “canella de veado”, da Parahiba do Sul (*Actinostemon lanceolatum* Sald.).

Tambem o genero *Langsdorffia*, de Leandro, nas Rutaceas, foi depois incluido no *Xanthoxylum*, de Saint Hilaire.

Uma das mais pungentes decepções do sabio carmelita deve ter sido o que lhe aconteceu a proposito das *Balanopho-*

raceas, parasitas das raizes das grandes arvores das mattas, umas comestiveis (*ombrophyto* do Perú), outras tinctoriaes ou medicinaes (*Cynomorium coccineum*) e ainda outras caracterizadas pelo cheiro repellente que exalam (*sarcophytum*).

Uma especie nova no Brasil achou frei Leandro, que a denominou *Lathreophila*. Era planta já descripta nas Memórias do Museu de História Natural de Pariz, no genero *Helosia*, de Richard...

Nem mesmo aquellas Memórias, em uma terra em que só se lia o que era de origem franceza, tinha o sabio a seu alcance!

Os generos *Raddisia* e *Martia*, de frei Leandro, tiveram o mesmo fim. No entanto, os botanicos do mundo applaudiram, todos, as homenagens que na Italia o celebre Raddi lhe prestou, fundando, em sua honra, o genero *Leandra* — homenagem merecida pela existencia de trabalho honesto do grande naturalista — o sabio desamparado.

Era, além de tudo, uma especie de reparação de muitas ingratidões que dos seus collegas de além-mar havia soffrido.

Saint'Hilaire, homem justo, nosso amigo, mas que não sabia dizer as cousas sinão com linguagem clara e franca, falla assim de frei Leandro: "J'avais le plaisir de m'entretenir souvent de mes études favorites avec mon ami Le Père Leandro do Sacramento..."

Le P. Leandro do Sacramento, professeur de botanique, directeur du jardin des plantes de Rio de Janeiro, cultivait avec succès la science qu'il était chargé d'enseigner et possédait encore des connaissances en chimie et en zoologie. On lui doit l'analyse des eaux minérales d'Araxá, des observations botaniques imprimées dans le recueil des Mémoires de l'Académie de Munich et un mémoire sur les *Archimédées* ou *Balanosporées*, qui, je l'espère, sera bientôt publié. C'était un homme de mœurs douces, d'un commerce facile, plein de candeur et d'amabilité. Il accueillait les étrangers avec bienveillance, et, il faut le dire, l'on ne fut pas toujours reconnaissant envers lui. Pour justifier les reproches qu'ils font quelques fois aux habitants de l'Europe, les brésiliens pourraient citer la manière dont fut traité le P. Leandro. Il avait fait part de ses collections à nos navigateurs: il avait envoyé des plantes sèches au Museum de Paris; expédié pour le gouvernement français six caisses de plantes vivantes à la Colonie de Cayenne, et ce fut en vain que, pendant longtemps, le consul de France à Rio de Janeiro, et moi, nous sollicitâmes une simple lettre de remerciement de deux de nos administrations.

Comme si l'on eût voulu faire disparaître jusqu'au souvenir de cet homme recommandable, on a détruit un genre qu'il avait formé dans l'un de ses mémoires; pour expliquer cette suppression on a dit, il est vrai, que le genre existait déjà en manuscrit, mais nous ne devrions jamais perdre de vue cette règle si sage, établie par M. de Candolle dans son admirable *Théorie élémentaire*, savoir que pour l'antériorité, il ne faut point tenir compte des travaux inédits."

Que valem as injustiças e a inveja interesseira? A voz de Saint'Hilaire — do meigo Saint'Hilaire, nós a recolhemos hoje, no centenário da morte do grande compatriota, e ella se amplia no écho dos corações, revivendo a sancta existencia, na admiração e no carinho da posteridade, que póde ser demorada, mas não falha nunca.

Tambem outro grande naturalista do tempo, o barão W. L. von Eschwege, deixou-nos boas lembranças de frei Leandro. No seu *Pluto Brasiliense* (Berlim, 1833), descreve as fontes mineraes (bebedores) que, em 1816, visitou nos sertões de Araxá, perto da Serra dos Agudos e da Fazenda do Salitre.

Narra Eschwege ter evaporado, em um caldeirão, cincoenta libras de agua do Salitre, recolhendo acima de meia libra de sães, que fôram enviadas a "seu amigo" — o frade Leandro do Sacramento. O relatorio da analyse, feito por frei Leandro e transcripto por Eschwege é um modelo de protocollo scientifico, para os conhecimentos da época e os recursos existentes na Côrte.

Acredito que os estudiosos acharão certo interesse em saber como se fazia analyse de uma agua, no Rio de Janeiro, em 1815. As notas do frade, que Eschwege traduziu para o alemão, dizem em resumo que achou na agua do salitre (nitrato de potassio), alcali vegetal nitrico (carbonato de potassio), alcali vegetal carbonico e um alcali vegetal sulfureto (sulfureto de potassio).

Ha, no Jardim Botânico, uma grande arvore triste que as outras devem invejar: é a jaqueira de frei Leandro.

Alli o sabio frade, já nos deliquios que as hemoptyses provocavam, animava os escrâvos do jardim ao trabalho:

"Como formigas, minha gente! Como formigas...", dizia elle, na sua voz sempre mansa. Hymno ao trabalho, entoado de maneira tão simples e tão suggestiva, que os moços devem conhecer. Não ha, para os instantes de inercia moral, para os momentos tristes, outro remedio melhor que o trabalho.

Tudo, ás vezes, nessa hora, são trevas e desalento. Mas quando a confiança parece fugir e o ánimo se desconjuncta, basta que a gente mergulhe depressa numta taréfa qualquer, em que haja um laivo de idealismo, para que o vigor moral se retempere e de nôvo reponte na alma do que se exforça. Na sombra da grande arvore, ha um seculo, surgia assim o singelo conselho inestimavel.

A existencia de frei Leandro foi a tragedia usual na vida dos naturalistas: o desamparo, a hostilidade, a indifferença ou a ingratição. O escarneio dos que julgam a sciencia uma especie de vadição, felizarda e gosadora, quando não descabellada maluquice.

Mas, felizmente, tem sobrevivido a lembrança e a tradição daquelles mestres, ainda quando muito da sua obra se haja perdido. Cem annos faz que o nosso primeiro professor de História natural desapareceu.

No seculo, que é tempo bem curto na vida dos povos, nós conseguimos algo realizar, no caminho da cultura scientifica. Os sabios que vêm de ultra-mar, e a todos os mezes os recebemos, já não desdenham dos successores de frei Leandro, nem os *ineditos* europeus prevalecem correntemente contra os estudos feitos no paiz. O que se tem publicado, nestes quarenta annos de vida republicana, é já uma imponente litteratura scientifica. O mappa do Brasil já quasi não tem os claros antigos pelo exfôrço dos proprios Brasileiros. Odeio o optimismo dos rhetoricos: mas no balanço imparcial das realizações da minha gente busco fôrças para caminhar.

Vivem aqui, é certo, ainda muitos sós, os que trabalham na sciencia. Faltam-nos ainda bibliothecas e outros meios de estudos, que são hoje quasi prohibidos aos povos que têm pouco dinheiro. A publicação dos resultados da actividade dos pesquisadores é ainda morosa e falha no Brasil. Hoje não se admite a falta dos documentos graphicos em sciencias naturaes. E elles precisam ser fieis, e, por isso, são caros. Não temos sufficiente independencia no trabalho, porque as leis fiscaes governam os creditos concedidos ás casas de pesquisa technica, como si fôsem instituições puramente administrativas e todos sabem, no entanto, que a indagação e as observações scientificas não podem ter hora certa, nem logar fixo... mas vamos, mesmo assim, seguindo com sinceridade o conselho immortal do carmelita. E ainda que a luminosa tradição se esvanecesse, ainda quando não restasse mais écho daquelle desprendimento dos nossos velhos mestres — ahí presente estará sempre o renovado prestigio da terra, para arrastar outros tantos, em qualquer condição e em todos os tempos.

Vejo uma lição de belleza na vida humilde de frei Leandro.

E' o drama perenne dos que a natureza attrahe, prende, encanta, deslumbra — para depois abater e esmagar, como si ella quizesse que os seus amigos tivessem, no Brasil, a sorte das arvores que morrem sem ninguem saber, desfeitas no meio-silencio tumultuário, dos capoeirões, nutrindo outras que repontam sempre no triste pó das que se fôram. (*Prolongados applausos.*)

O SR. PRESIDENTE felicita e agradece ao sr. Roquette Pinto a sua nova cooperação intellectual em prôl do maior brilho do INSTITUTO e nomeia uma commissão, constituida dos srs. Augusto Tavares de Lyra, Agenor de Roure e Alfredo Ferreira Lage, para visitar o sr. conde de Affonso Celso e apresentar a s. ex. as condolencias do INSTITUTO pela recente morte de sua dignissima nóra d. Silvia de Ouro-Preto.

Encerra-se a sessão ás 18 horas. — *Agenor de Roure*, 2º secretario.

SESSÃO SOLENNE COMMEMORATIVA DO ACCÔRDO SÔBRE TACNA E ARICA

1.547ª SESSÃO, REALIZADA EM 28 DE JUNHO DE 1929

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(*Presidente perpétuo*)

A's 21 horas abre-se a sessão com a presença dos senhores conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Agenor de Roure, Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, José Maria Moreira Guimarães, Emilio Fernandes de Sousa Docca, Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca, Alfredo Ferreira Lage, Helio Lobo, Nelson de Senna, Antonio Borges Leal Castello Branco, Eduardo Marques Peixoto e Victor M. Maúrtua.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que a sessão, effectuada numa das datas gloriosas da America, pois é a da independencia de um dos seus povos, tem por unico objectivo celebrar um grande e feliz feito americano, saudando as tres nações mais directamente nelle envolvidas.

Respeitando de modo igual essas nações, tal como todas as outras do continente, pois as considera membros da mesma família a que pertence o Brasil, — família cuja fôrça, conforme trivial conceito, virá da união, — vai dar a palavra aos oradores incumbidos das saudações e, seguindo a ordem alfabética dos nomes das alludidas repúblicas, convida o sr. Ramiz Galvão a proferir a sua allocução sôbre os Estados Unidos da America do Norte.

(Muitos applausos. Ouve-se o hymno dos Estados Unidos da America do Norte.)

O SR. RAMIZ GALVÃO, da tribuna, assim se exprime:

“Graças á gentileza do illustre Brasileiro que preside a esta casa de paz, de concordia e de confraternização, delegado por elle, tenho a fortuna de achar-me aqui neste momento afim de celebrar, posto que em breves palavras, o feliz accôrdo internacional, que poz termo ao velho dissidio existente entre as dignas ermãs do Brasil, as repúblicas transandinas do Chile e do Perú, nossas amigas, duas joias engastadas na famosa Cordilheira.

O feliz accôrdo resultou dos bons officios dêsse grande Estado americano, que é glorioso torrão de virtudes cívicas e de inaudita prosperidade, graças á estupenda energia de seu povo e ao valor do seu govêrno; resultou da intervenção amistosa dos Estados Unidos da America do Norte, — e é a seu distincto encarregado de negocios, o sr. Rudolf Schoenfeld, que me cabe a hora de saudar nesta hora solenne, e neste cenaculo, singularmente realçado pela presença do representante do exmo. sr. presidente dos Estados Unidos do Brasil, e pela conspicua assembléa.

Nenhuma outra missão me poderia ser mais cara, sr. Rudolf Schoenfeld, porque laços de sangue me prendem á gloriosa patria de Franklin, o immortal cooperador de Washington na epopéa da vossa Independencia.

Ha mais do que isso, entretanto. Brasileiros, entusiastas de seu paiz e da sua História, somos todos aqui devêras gratos á poderosa Nação, que, antes de qualquer outra, reconheceu, em 26 de Maio de 1824, a emancipação política do Brasil.

Presidia então aos destinos de vossa Patria o immortal James Monroe, paladino do Monroismo, — a famosa doutrina de extraordinario valor continental, que o mundo americano calorosamente applaude.

A intervenção dos bons officios dos Estados Unidos no pleito de Tacna e Arica representou, pois, um magno serviço

á paz, á concordia, que jamais desapareçam na História da America.

Por meu órgão digno-se, portanto, v. ex. de receber os sinceros applausos do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, que vai registar esta data entre os dias felizes da sua vida social, como já assignalou aquella outra de 26 de Maio de 1924, em que o erudito consocio, sr. ministro Rodrigo Octavio, dissertou brilhantemente sôbre a acção diplomatica de José Silvestre Rebello, juncto a vosso govêrno.

Cultor da paz que fructifica, amante da ordem que consolida, assim como do trabalho que é nobre, e do progresso que é justa aspiração dos povos, o INSTITUTO saúda o representante da Nação americana, que ainda uma vez demonstrou ao mundo ser um luminar da Civilização, cooperando para a paz, para a ordem, para a felicidade de duas outras nações americanas, hoje ligadas por affecto fraternal.

Essa cooperação efficaz, brilhante prenúncio dos sentimentos do benemerito sr. presidente Herbert Hoover, que subscreeveu ha pouco o immortal *Pacto* contra a guerra, e que deixou aqui inapagaveis recordações, — essa efficaz collaboração, sr. representante dos Estados Unidos, honra sobremaneira a vossa Patria, nobilita-a ainda mais perante o mundo; e o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO envia-lhe, por isso, o hosanna fervoroso, entusiastico, de quem detesta e condemna a guerra como verdadeiro flagello dos povos.

Nossos parabens e nossas palmas, sr. Rudolf Schoenfeld.”
(*Colorosos applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) — Tem a palavra o sr. Rodrigo Octavio, para saudar a República do Chile. (*Applausos. Ouve-se o hymno da República do Chile.*)

O SR. RODRIGO OCTAVIO, da tribuna, diz:

“Não imagina v. ex., sr. presidente, a satisfacção que me deu inscrevendo-me entre os oradores da solennidade desta noite. Eu, como todos os americanos que têm como ideal o progresso e a cordialidade das nações do nosso continente, muito me preocupei sempre com essa famosa questão do Pacifico, sem ter aliás jámais desesperado de ver um dia a solução tranquilla e satisfactoria dêsse caso. A verdade, porém, é que tal questão, durante meio seculo, manteve mais que uma perspectiva ameaçadora de perturbação, porque era de facto uma situação permanente e effectiva de constrangimento e insegurança.

A America principalmente a America de origem latina, por obvias razões decorrentes de elementos communs de formação, constituição e finalidade, tendo nascido para a vida

política numa hora de significativo adeantamento moral dos povos, está destinada, pela ordem natural das cousas, a dar ao mundo o exemplo, de que tanto o mundo precisa, da fraternidade internacional. Entretanto, nas relações dèsses Estados, havia um espinho a se fazer sentir permanente e tenaz; nos congressos internacionaes, sempre que, desde o Tractado de Ancon, as nações da America se reuniram para cogitar da organização de sua vida conjuncta, fixação de normas de direito commum para ellas, por mais expressivas que fôsem as manifestações de cordialidade e desinteresse, notava-se no ar, latente, impressionante, perturbadora, por vezes, a reserva mental, de Chilenos e Peruanos. Na organização da ordem dos trabalhos, na redacção dos textos por se approvar, sentia-se que o cuidado principal era afastar das cogitações collectivas a discussão de certos problemas, era evitar que do entendimento dos artigos de convenção se pudessem deduzir determinadas conclusões. Havia na doutrina do Direito internacional um capítulo, e dos interessantes e dos mais significativos, em que não se podia entrar, sob pena de desencadear uma tempestade, ou, pelo menos, de se quebrar o indispensavel accôrdo de vistas.

Era a sombra da questão do Pacífico que pairava sôbre o ambiente, era a intenção cautelosa, mas decisiva, de não firmar um princípio, que pudesse, de qualquer fórma, comprometter uma situação, ou prejudicar uma solução futura, cousas a que ninguém se referia, mas que estava no espirito de todos, e vinha impedindo até agora o natural desenvolvimento dos principios de Direito internacional na America, e a collaboração intelligente e desprevenida de Chilenos e Peruanos na obra commum em toda sua extensão. A necessidade da solução desta velha desintelligencia não se impunha, pois, tão somente para eliminar um motivo de desharmonia entre dous Estados, e trazer de novo Perú e Chile ás antigas relações de cordialidade estreita que haviam prendido no passado, mas, igualmente, para permittir que o direito internacional se desenvolvesse e se fixasse na America, em todo o seu dominio, sob a inspiração exclusiva da pureza dos principios e dos sentimentos de fraternidade, sem reservas nem preocupações de interesse individual.

Desafogados podemos, nesta hora, dizer que a questão de Tacna e Arica é hoje cousa do passado. O pesadello se desvaneceu; os horizontes se desannuearam, o constrangimento cessou. Elevemos o nosso pensamento aos dous povos irmãos e a seus dirigentes illustres, que souberam, de um e outro lado, calcar no íntimo do peito resentimentos que lhes pareciam legitimos, e abrir mão de direitos que se lhes afiguravam fóra de dúvida, para escrever uma das mais bellas páginas da história da civilização.

Coube-me especialmente, na solennidade desta noite, a tarefa honrosa de saudar o Chile. Não vejo nesta occasião como saudar um só dos povos amigos que volveram á antiga cordialidade. Todos nós, que fomos designados para participar desta sessão do velho, tradicional e benemerito INSTITUTO HISTORICO BRASILEIRO, todos nós devíamos hoje saudar conjuntamente Chile e Perú, estreitar no mesmo amplexo os dous gloriosos Estados, nascidos da mesma nação, para que Pizarro e Almagro trouxeram o germe da civilização européa na conquista do seculo XVI. Nessa contingencia, não se póde considerar um separado do outro; sua acção foi commum e simultanea; cada um deu ao encontro do outro o mesmo passo, ao mesmo tempo; o que houve foi que o espirito de um e de outro, illuminado, pelo mesmo raio de luz, esclarecido pelo mesmo sentimento da conveniencia reciproca, levado pela mesma inspiração superior de desprendimento, se abriu, ao mesmo tempo para a verdade e para a razão, e os dous Estados se estenderam irresistivelmente as mãos que se apertaram no mesmo movimento instinctivo de satisfação e de allivio.

Em relação ao Brasil, Chile e Perú se encontram, na ordem physica, em situação radicalmente distinctas. Do Perú, eu disse, um dia, no mais central de seus recantos, na cidade de Huancaio, em plena altura andina, caminho de Aiacucho, que os dous Estados, Brasil e Perú, formavam o mesmo corpo, ligado pela vastidão selvagem das florestas que, virgens ainda do passo do homem civilizado, se conjugavam na sua indivisão ao longo de nossas fronteiras communs, vivificadas pelo mesmo systema fertilizante dos rios do *interland* sul americano. Bem diversamente disso, o Chile se alonga, pela costa do largo oceano de Balbôa, afastado de nós e sendo, não me referindo ao Equador, de fronteiras ainda controvertidas, o unico Estado da America com que o Brasil não confina. Tal circumstancia faz pensar que, tendo sido quasi sempre a comunidade de fronteiras, muitas vezes indecisas e disputadas, e os resultados naturaes dessa vizinhança, o germe das discordias que têm agitado os paizes da America, tal circumstancia faz pensar, dizia eu, que é possível que seja essa a determinante remota da estreita e jámais desmentida amizade chileno-brasileira. O facto é que Chile e Brasil são na America os melhores amigos. Assim fôram desde o principio de suas relações; assim é hoje; assim continuará sendo. As causas directas dessas amizades não têm, entretanto, razões inconscientes e materiaes. Ella é puramente espiritual; começou pela admiração natural do Povo Brasileiro a esse paiz de ordem e de respeito ao principio da auctoridade. Nós, no Brasil, vivemos, desde a explosão dos movimentos do decennio

de 40, que consolidaram o liberalismo do regime imperial, sob o beneficio da paz, enquanto quasi todos os estados que nos cercavam se agitavam no tumulto sangrento da guerra civil. Dêsses paizes se destaca impressionantemente o Chile na continuidade harmoniosa de sua vida pacifica, e de tal modo que foi com verdadeira surpresa que aqui se soube da eclosão do movimento parlamentar contra Balmaceda. As peripecias dessa luta violenta e tragica fôram acompanhadas no Brasil com o maior interesse. Essa admiração ao povo de ordem e de paz se foi convertendo em *sympathia*, em amizade crescente, em confiança incondicional. Quando o Chile soffreu a injustificada aggressão de Espanha, a sua antiga metropole, foi com verdadeiro entusiasmo que a imprensa commentou o protesto do Gôverno brasileiro contra o bombardeio de Valparaíso, e no qual o povo viu não a alta significação internacional dêsse acto memoravel, mas um gesto de conforto em favor do povo amigo, um movimento de solidariedade no seu infortunio, a prova patente de nossa amizade, de nosso interesse pelo seu destino.

Essa amizade não tem mais do que se consolidado com o correr dos annos e com o mais intenso conhecimento reciproco dos dous povos. Dentro da grande familia americana, ermandade que cada vez se vai tornando mais amiga e mais solidaria no interesse pela vida de cada um de seus membros, e na qual o Brasil não tem cessado de manifestar a sinceridade de seus sentimentos, sempre o Chile teve no coração de nossa terra um logar de especial carinho.

E', pois, com tanto mais accentuado prazer que me desimpegno da agradavel tarefa de endereçar á Nação Chilena, ao seu povo ordeiro e progressista, a seu Gôverno, de largas e generosas vistas, na pessoa brilhante de seu eminente embaixador, que aqui temos a satisfacção de ver presente, a affectuosa e entusiastica saudação do Brasil, por motivo da terminação amistosa e equitativa da sua desintelligencia com o Perú. Esse auspicioso successo não vai marcar simplesmente o inicio de um nôvo periodo de progresso e de trabalho despreocupado para os dous paizes reconciliados. Constituirá igualmente um marco na história da America que, com elle, se vê libertada do mais grave de seus problemas internacionaes, do unico que constituia uma preocupação séria para a preservação da paz no continente.

Assim deve ser, porque é preciso que se veja em todas as desintelligencias e attrictos, que na hora presente se manifestam entre nações da America, como nas que, por casos imprevistos, se possam vir a manifestar, no desenrolar de sua vida, é preciso que nelles se veja não mais que transitorios

incidentes domesticos que se devem resolver em familia e dentro dêsse espirito de tolerancia reciproca e no desejo manifesto de amistosa soluçã, que não podem deixar de ser o espirito e o desejo que animem os sentimentos de nossos povos e de nossos governantes.

Fallo em nome desta casa tradicional, que ha quasi um seculo vem trabalhando pela diffusão das cousas históricas das Nações da America e, assim, contribuindo para seu conhecimento reciproco e consequente estreitamento de suas relações amistosas; casa em cuja vida tem sido sempre de tristeza, de orgulho ou de prazer cada uma das horas de desgraça, de desvanecimento ou de alegria de qualquer dessas Nações; fallo em nome dêste benemerito INSTITUTO, mas estou seguro que, fallando assim, interpreto os sentimentos do Brasil, que sou echo do que se passa no íntimo de cada um de seus filhos no voto que faço para que o successo que nesta hora solenne commemoramos seja o symbolo das relações cordeaes dos povos dêste continente.

Salve America unida e amiga, pacifica e tolerante!"
(*Prolongadas palmas.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) dá a palavra ao sr. Manuel Cicero, para saudar a República do Perú. (*Applausos — Ouve-se o hymno da República do Perú*).

O sr. MANUEL CICERO, da tribuna, profere a seguinte allocação:

"E' immensamente grato a meu coração de brasileiro a missão, com que me honrou o INSTITUTO HISTORICO de saudar a nobre nação peruana pela celebração do Tractado de Lima.

Restabelecendo a harmonia que a identidade de origem, de raça, de lingua, de religião, de costume, de ideaes não podia consentir se interrompesse por longo tempo entre as duas grandes Repúblicas do Pacífico, o Perú e o Chile deram ao mundo exemplo salutar, prova irrefragavel do seu espirito de renúncia em beneficio da paz e da concordia.

Bem hajam os que promoveram e realizaram o congratamento dos dous povos irmãos, amigos tradicionaes do Brasil, e quantos o homologaram e ratificaram.

Salve Povo Peruano, mixto de altivez e de brandura, do culto do passado e de ansia de progresso, de amor á liberdade e de respeito á lei, de resignação na adversidade e de rebeldia á oppressão, de reivindicacão e de sacrificio, de bravura e de desprendimento !

Saúdo o benemerito govêrno do Perú e a seu grande presidente, que, abnegadamente, poz ao serviço da magna causa

a sua alta auctoridade e o seu prestigio pessoal e conseguiu feliz solução para o tormentoso problema.

Saúdo o eminente representante peruano acreditado juncto ao Govêrno do Brasil, sua excellencia o senhor ministro Victor Maúrtua, notavel figura de jurisconsulto e de diplomata, de que a sua patria se deve orgulhar, e á distinctissima senhora Maúrtua, que é sobrinha-neta de Bolivar e cujas qualidades excelsas lhe têm grangeado logar de grande relêvo na sociedade brasileira.

Saúdo a cultura peruana, de que a Universidade Maior de São Marcos é a mais lidima expressão e de que o Instituto Historico do Perú e a Sociedade Geographica, de Lima, são auctorizados representantes, que a honram e exaltam, do mesmo modo que a imprensa periodica peruana, factor poderoso do desenvolvimento cultural do paiz.

Salve patria de González Prada, de García Calderón, de Javier Prado, de Manuel Villarán, de Ricardo Palma, de Gutiérrez de Quintanilla, de José Gálvez, de Santos Chocano e de tantos outros que têm contribuido e contribuem poderosamente para a esplendidez da sua vida intellectual.

A' Universidade Maior de São Marcos, de Lima, a mais antiga instituição cultural da America, não me poderia referir sem lhe render a mais reverente homenagem. Centro de irradiação das idéas que, em todas as épochas, desde a sua fundação no seculo XVI, tem exercido influencia preponderante nos grandes feitos que a história do Perú regista, — a Universidade de Lima mantém, com galhardia, o primado da intelligencia e da cultura.

Salve Lima, a cidade dos reis, a opulenta capital do vice-reino, primeira cidade da America meridional, em que foi introduzida a imprensa; Lima encantadora e culta, traço de união entre o passado e o presente, cidade histórica e legendaria e cidade moderna e progressista; Lima suave e mystica de Isabel Flôres de Oliva, depois Sancta Rosa de Lima!

Salve Cuzco, a millenaria, capital do imperio vastissimo dos Incas, conjuncto precioso de grandiosos monumentos que affirmam o grau de civilização que os colonizadores alli fôram encontrar, Cuzco, que nos permite evocar todo um passado de seculos e acompanhar com os olhos do espirito as vicissitudes por que passaram os Quechuas, a restauração do seu dominio, a fundação do Imperio dos Filhos do Sol e a prosperidade a que haviam attingido quando da conquista espanhola!

Salve Cajamarca, cidade incaica, cujo sólo sagrado Atualpa, o último soberano, regou com o seu sangue generoso!

Salve Arequipa, construida de lava nas faldas de um vulcão, mas tranquilla, romantica e acolhedora e, ao mesmo tempo, altiva e heroica, cidade natal de Mariano Melgar, inspirado poeta e martyr da Liberdade!

Saúdo Junín e Aiacucho e sauda-los é recordar dous grandes capitães dos Andes, Simão Bolívar, o libertador da America espanhola, e Sucre, o heróe e martyr da independencia do Perú, a qual San Martín ha 108 annos proclamou na Praça de Armas de Lima:

"El Perú desde este momento es libre y independiente por la voluntad general de los pueblos y por la justicia de su causa que Dios defiende. Viva la Libertad! Viva la Independencia! Viva la Patria!" (*Prolongados applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO diz que já, em numerosas occasiões do seu percurso quasi secular, tem o INSTITUTO HISTORICO patenteado o seu acatamento e admiração para com as tres repúblicas ermãs, ás quaes era dedicada, como uma prova ainda de taes sentimentos, aquella festividade.

Basta lembrar, quanto aos Estados Unidos, que dezenas de seus filhos têm sido socios do INSTITUTO, de que foi presidente honorario o sr. Grover Cleveland; em Outubro de 1913, ao tomar posse da sua cadeira, proferiu alli memoravel conferencia o sr. Theodoro Roosevelt; pertence, ha longos annos, ao gremio social o sr. embaixador Edwin Morgan.

Tambem entraram para esse gremio muitos Chilenos illustres. Em Outubro de 1889, quando o coraçoado *Almirante Cockrane* visitou este porto, effectuou o INSTITUTO solennissima sessão, em honra ao Chile, da descripção da qual publicou grande volume. Organizou, demais, na mesma data, magnifica exposiçáo de obras chilenas, ou attinentes ao Chile, bem como de exemplares das suas riquezas mineralogicas. Para ambas essas solennidades concorreu primordialmente o protector perpétuo do INSTITUTO, d. Pedro II, o *Magnanimo*, assignalando, ainda nisso, a benemerencia do seu reinado. Em Agosto de 1906, passando pelo Rio uma esquadrilha chilena, aproveitou o INSTITUTO a oportunidade para, tambem em sessão solenne, a que compareceram os officiaes da mesma esquadrilha, entregar o diploma de socio honorario ao ministro d. Anselmo Hevia Requielme, e dos documentos e discursos da reunião editou, como em 1889, uma publicação especial.

Cabe-lhe egualmente a fortuna de contar o nome de muitos Peruanos insignes na lista dos associados, entre os quaes o actual eminente plenipotenciario, d. Victor Maúrtua. Em 1924

enviou a Lima o seu 1º vice-presidente, sr. Manuel Cicero, para o representar na commemoração do centenario de Aia-cucho, commemoração aqui celebrada em esplendida assembléa, na qual fallou o 1º secretário perpétuo, sr. Max Fleiuss, que, com outros oradores e unanime caloroso applauso, glorificou a nobre vizinha septentrional do Brasil.

Demonstram estes factos, — e não são os unicos, — o quanto o INSTITUTO preza as tres repúblicas americanas, sem excluir as mais, almejando que nellas domine sempre a harmonia da melhor fraternidade. Pacifista por natureza, propositos, tradições, ideaes, conforme consigna o seu lemma, nutre o INSTITUTO constante e devotado o empenho da paz que no texto evangelico resume a totalidade dos bens.

Foi elle quem, com este designio, promoveu e realizou, obtendo maximo exito, em 1922, o Primeiro Congresso internacional de História da America, Congresso cujo valor se encontra authenticado em septe grossos volumes de seus trabalhos já publicados e em dous prestes a sair, contendo ao todo mais de cem monographias sôbre assumptos americanos, subscriptas por auctores de várias nações. Numa das suas sessões plenas, propoz o presidente do INSTITUTO, merecendo approvação, que se escrevesse uma História Geral da America, conforme plano predeterminado, e ficou a velha corporação incumbida de conseguir accordos para realização do projecto. Na sessão de encerramento, approvou o Congresso a moção do deputado federal José Bonifacio para que, evocando-se, com veneração, os vultos dos antepassados gloriosos das nações americanas, se emittisse um voto expressivo de paz e se procurasse estreitar os vinculos de perfeita cordialidade entre ellas. Declarou o presidente do INSTITUTO que tal moção synthetizava o pensar e o sentir do Congresso, do mesmo INSTITUTO e do Brasil, e registou o quão significativa era a circumstância de assigna-la um nome historico, o do organizador da nossa nacionalidade. No banquete final aos congressistas, o secretário perpétuo do INSTITUTO, sr. Max Fleiuss, accentuou, em nome dêste, que o Brasil foi sempre estrenuo e indefesso partidario da concordia entre as nações do Nôvo Mundo e lembrou as palavras lapidares de Rio-Branco, de applicação permanente á nossa Terra:

...UMA BELLA TERRA, HABITADA POR UM BOM POVO; TERRA GENEROSA E FARTA, POVO LABORIOSO E MANSO, COMO AS COLMEIAS EM QUE SOBRA O MEL. NÃO HA AQUI QUEM ALIMENTE INVEJA CONTRA OS POVOS VIZINHOS, PORQUE TUDO ESPERAMOS NO FUTURO, NEM

ODIOS, PORQUE NADA SOFFREMOS DELLES NO PASSADO.
 UM GRANDE SENTIMENTO NOS ANIMA: O DE PROGREDIR
 RAPIDAMENTE, SEM QUEBRA DAS NOSSAS TRADIÇÕES DE
 LIBERALISMO E SEM OFFENSA DOS DIREITOS ALHEIOS.

Em 1927, dirigiu-se o INSTITUTO a todos os Ministerios da Instrução Pública do Continente, communicando que a sua *Revista*, com 127 volumes, afóra 20 tomos especiaes, resolvera publicar uma relação bibliographica relativa á História, Geographia, Ethnographia e Archeologia da America, a partir da independencia de cada nação, com todas as indicações, de modo que constituísse um repertorio da bibliographia historica americana. Pediu dados nesse sentido e já recebeu algumas respostas favoraveis. Essa idéa de organizar e coordenar os trabalhos bibliographicos inter-americanos prevaleceu posteriormente na Conferencia de Havana, em 1928, mas, conforme reconheceu e affirmou na imprensa o sr. L. S. Rowe, director geral da União Pan-Americana, a prioridade e iniciativa della cabe ao INSTITUTO.

Comprovada, destarte, a ininterrupta e diligente actuação do INSTITUTO em pról da americanidade, conjugada com a brasilidade, natural e vivo regosijo lhe causou a feliz terminação do dissidio Tacna e Arica, regosijo traduzido na homenagem ás duas nações nelle directamente interessadas e áquella que contribuiu com os seus bons officios para a reconciliação, — regosijo proveniente de que assim se fortaleceram a solidariedade, a unidade espirital, o proposito de entendimento e consonancia continentaes, e de que, ao mesmo tempo, deu a America ao mundo um grande e fecundo exemplo: o de que os mais arduos litigios podem terminar, em havendo boa vontade, mediante as apaziguadoras soluções juridicas, absolutamente conformes aos interesses e á dignidade dos contendores.

Na Roma antiga havia o templo, cujas portas se conservavam abertas em tempo de guerra e fechadas no de paz. No decurso de mil annos, sómente septe vezes se cerraram. A terceira, e das mais longas, occorreu sob Augusto, quando o segundo Cesar pacificou o Imperio externa e internamente. Dahi, um dos motivos por que mereceu a glória de, como Pericles e Luiz XIV, dar o seu nome ao seculo em que viveu. A paz augusta, ou paz octaviana, aclamada por historiadores e poetas, fez florecerem lettras, artes, industrias, geral prosperidade.

Reiterando conceitos já alli exarados, diz que compete ao Nôvo Mundo instituir uma paz superior á paz octaviana, ou augusta, — a paz americana, — paz que sobreleve a defi-

nida por Cicero: *pax est tranquilla libertas*, — o gôso tranquillo da liberdade, — paz que seja política, religiosa, economica, social; política, graças á estricta observancia do Direito e da Moral, a liberdade dentro da ordem, a ordem assegurando a liberdade, a Justiça forte, a Fôrça justa; a religiosa, em consequencia da tolerancia para com todos, excepto para com o mal; a social e economica, em virtude da obediencia aos preceitos christãos: recta repartição das riquezas, equidade nas relações entre o capital e o trabalho; fraternidade proveniente da lucida comprehensão da egualdade humana, resignação nos de baixo, caridade nos de cima; em todos fé, temor do Supremo Juiz, e esperanza de um Além de reparações; — paz de corações e de consciencias, oriunda do escrupuloso cumprimento de todas as obrigações e deveres, domesticos, civicos, nacionaes e internacionaes.

Eis, embora deficientemente expostas, as idéas, sentimentos e aspirações do INSTITUTO, de certo compartilhadas por todos quantos se identificaram com elle, vindo enaltecer a elevada significação daquelle convenio confraternizador.

Ao chefe da Nação, tão dignamente representado, ás altas auctoridades nacionaes e extrangeiras, ao esplendido auditorio, a todos, desvanecido e grato, o INSTITUTO cinge espiritualmente num amplexo de paz.

Os nomes das vinte e uma nações do Nôvo Mundo são como as lettras de um abecedario, com o qual já se escreveram immortaes epopéas de heroismo. Cada uma dessas lettras tem valor proprio, a um tempo autonomia e ligação com as mais, dependencia mutua, cooperação insupprivel, acção simultanea, cohesiva e integrante, para que o indissoluvel conjuncto preencha a sua maravilhosa função.

E' um abecedario que encerra virtualmente mais luz do que as estrêllas do firmamento, — as estrêllas guiadoras, as estrêllas symbolicas de varias bandeiras americanas; — é o alphabeto com que se deve compôr o imperativo categorico da éra messianica, a Boa Nova, o Evangelho da Paz. (*Muitos e calorosos applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO conclue com um viva, entusiasticamente correspondido, aos Estados Unidos, ao Chile, ao Perú, a toda a America, e declara que, para concretizar essa aclamação numa personalidade superior, saúda a memória de Simon Bolívar alli dignamente representado por uma sua descendente, a exma. esposa do sr. ministro do Perú, a qual resume em si todas as bellezas e virtudes da terra americana. (*Novos e vibrantes applausos.* — *Ouve-se o Hymno Nacional Brasileiro.*)

O SR. MINISTRO VICTOR MAÚRTUA levanta um viva, calorosamente correspondido, ao Brasil.

Encerra-se a sessão ás 22 ½ horas. — *Agenor de Roure*, 2º secretário.

Em a numerosa assistencia, notam-se, entre outros, os srs. general Teixeira de Freitas, representando o sr. presidente da República; dr. Léo de Alencar, pelo sr. ministro do Interior e Justiça; commandante Heitor Varady, pelo sr. ministro da Marinha; H. Romaguera, pelo sr. ministro da Viação e Obras Públicas; ministro Leão Velloso Netto, pelo sr. ministro das Relações Exteriores; sr. Alfredo Irazazaval Zañartu, embaixador do Chile; coronel Carlos Vergara Montero, addido militar; commandante Marcial Sanfuentes, addido naval; srs. Gonzalo Reyes Letelier e Leoncio Larrain, secretarios da embaixada do Chile; monsenhor Aloisio Masella, nuncio apostolico; monsenhor Egidio Lari, auditor da Nunciatura; sr. Victor M. Maúrtua, ministro do Perú; sr. Francisco Guarderas, ministro do Equador; sr. Rudolf E. Schoenfeld, encarregado de negocios dos Estados Unidos da America do Norte; sr. Karl Pistor, conselheiro da legação alemã, pelo respectivo ministro; cav. Bernardo Attolico, embaixador da Italia; sr. Garcia Ortiz, ministro da Colombia; 1º tenente Estanislau Bousquet, representando o general commandante da Policia Militar; dr. Miguel Couto, presidente da Academia Nacional de Medicina; dr. Alcides Bezerra, director do Archivo Nacional; drs. Alvaro de Macedo e Eurico de Sá Pereira, pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros; dr. Roberto Moreira da Costa Lima, desembargador José A. Boiteux, padre Geraldo José Pauwels, dr. Fernando Nery, professor Rodolfo Amoêdo, dr. Rodrigo Octavio Filho, Santino de Queiroz, Roberto Moreira da Costa Lima Filho, Lillon Silva, Jacob Carneiro, coronel Manuel Carvalho e Waldemar Ramiz Wright.

SESSÃO ORDINARIA, (1548*) REALIZADA EM 26 DE
AGOSTO DE 1929 •

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(Presidente perpétuo)

A's 17 horas abre-se a sessão com a presença dos senhores conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, José Maria Moreira Guimarães, Ramon Cárcano, Emilio Fernandes de Sousa Docca, Alfredo Ferreira Lage,

Manuel Cicero Peregrino da Silva, Eugenio Vilhena de Moraes, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho e Nelson de Senna.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) convida o sr. Sousa Docca a occupar o lugar de 2º secretário.

O SR. SOUSA DOCCA (2º *secretário*, "ad-hoc") procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual, sem debate, é unanimemente approvada.

O SR. MAX FLEIUSS (1º *secretário perpétuo*) lê, das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, as que se referem á data da sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que via com vivo regosijo entre os presentes o prestigioso argentino dr. d. Ramon Cárcano, que, ha 19 annos, foi recebido em solenne sessão, como socio correspondente do INSTITUTO, e proferiu então memoravel discurso, cujos elevados e eloquentes conceitos perduram conservados, quaes preciosidades, no archivo de nossos espiritos e corações. O tempo decorrido não amorteceu os sentimentos de estima, respeito e admiração manifestados naquella época a s. ex.; antes os consolidou e enalteceu, porque, durante tão longo e agitado periodo, d. Ramon Cárcano não cessou de augmentar o seu bello patrimonio intellectual e moral e se mostrou fiel, desinteressado e prestimoso afeiçãoado do Brasil. Por isso, o INSTITUTO o acolhe como a um filho que visitasse, após larga ausencia, a casa paterna, e dá-lhe o commovido amplexo que merece um bom e saudoso amigo. Salve! d. Ramon Cárcano! Salve! a sua patria, a que s. ex. tão eminentemente tem servido e honrado, — a nação de que tambem o Brasil se desvaneece, como carinhoso ermão se orgulha de prospera e radiante ermã! (*Muitos applausos.*)

Em seguida d. Ramon Cárcano disse:

Después de larga ausencia, penetro a este prestigioso recinto com respeto y satisfaccióñ profundos. Todo evoca aquí los grandes recuerdos, la enseñanza de las obras ilustres y el ejemplo de los hombres eminentes.

Una de las horas imborrables de mi vida es la noche de mi recepcióñ en esta casa, propuesto por el barón de Rio Branco, recibido en sessiõñ solenne, acogida por la palabra elocuente y generosa de nuestro presidente el exmo. sr. conde de Affonso Celso, de quem hoy también recibo su noble saludo, que es una expresiõñ de su tradicional distinción y exquisita cultura.

En este momento, en el que con amor patriótico se honra la memoria del inmortal Caxias, permítaseme evocar el recuerdo de otro inmortal, el barón de Río Branco, de quem tuve el honor de ser llamado amigo, y a quien debe el Brasil su mapa definitivo.

Saludo a mis illustres colegas con quienes deseo estar cada vez más en contacto, y agradezco vivamente al sr. presidente, conde de Affonso Celso, a honrosa acogida que me dispensa, tanto más apreciable, cuanto maior es la mentalidad de quien la ofrece.

Mi más intenso reconocimiento, illustre señor.

(Calorosos applausos fôram ouvidos depois das palavras do dr. Cárcano.)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que o INSTITUTO effusivamente se associara ás homenagens prestadas ao Exército Nacional, symbolizado no glorioso membro do mesmo INSTITUTO durante 33 annos, o grande militar e não menos grande cidadão duque de Caxias, no *dia do soldado*, tanto mais quanto cabia á velha corporação patriótica, em 1923, a iniciativa dessa commemoração. Constituirá a expressão de taes homenagens a conferencia que vai deleitar o auditorio sôbre *Os generaes da Independencia*. Penhorando, ainda uma vez, o reconhecimento do INSTITUTO, se encarregara della alguém que, pelos seus talentos, virtudes, trabalhos e serviços na carreira das armas, na representação do Brasil, no estrangeiro, no Congresso Nacional, na imprensa, no livro, na cathedra de professor, nos exemplos da vida domestica e civica, conquistara os fóros de um dos nossos vultos contemporaneos mais dignos de geraes sympathia e veneração. E' o inclyto presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, do Círculo dos Officiaes Reformados, da Sociedade Brasileira de Philosophia, director da Faculdade de Philosophia, o querido consocio general Moreira Guimarães, a quem pede faça ouvir a sua auctorizada e sempre applaudida palavra. *(Calorosas palmas.)*

Da tribuna, profere o sr. Moreira Guimarães a seguinte conferencia:

"Si a história não é o terreno em que se deparam surpresas de todos os tamanhos; si ahi os phenomenos se explicam antes como evolução, que como creação propriamente dicta; si existem leis regulando o sentimento, a intelligencia e a mesma actividade dos povos: não ha razão para affirmar que foi um imprevisto a deliberação do príncipe regente. Aliás, a visão

do quadro revela que tudo se achava predeterminado. Até as mais rebeldes vontades iam cedendo, como que uma por uma, á pressão dos acontecimentos.

E' que se havia de fazer, custasse o que custasse, a independencia da antiga Véra Cruz. Exigencias especiaes e temporaes produziram exigencias outras, que, quanto mais eram exquecidas pelos poderes políticos, tanto mais avultavam no ambiente moral, precipitando a hora da libertação de todo um povo.

Aos embates das pelêjas contra as tropas do principe de Nassau, ao certo, a alma da raça effectivamente se formara.

Mas que importa? Era grande a ignorancia do momento. Aqui e do outro lado do Atlantico, o pensamento se achava extranho á concepção das leis naturaes, a que tudo obedece — não fugindo a essa obediencia as creaturas humanas. De maneira que não foi nenhum sonho a recolonização do Brasil a golpes de fôrça. A' custa de meditações é que se deram alguns passos para essa recolonização. Tudo, no entanto, se exquecera para que o orgulho podesse conceber que lhe não era defeso o erguer obstaculos contra as aspirações de um povo. Tudo se exquecera, até aquelle nobre gesto de d. João VI, "levantando a voz do nôvo Imperio que vinha crear". Porque a verdade é esta: a colônia deixara de ser colônia, tanto que aqui chegara d. João VI. E mais: desde 1808 já se apresenta o Brasil como nação independente, tanto lá está, no decreto de 28 de Janeiro, a fórmula legal da estrutura economica da antiga provincia de Sancta Cruz.

Sem embargo se tornara aquelle sonho de recolonização uma idéa fixa... Mas os acontecimentos é que não podiam parar. E surgem; e alli e acolá se desenrolam, irreprimiveis. Quando se examina todo o quadro, que vai de Janeiro de 1822 ao memoravel feito do Ipiranga, é de ver como os factos ou as realidades exteriores, objectivas, quiçá palpaveis, ahi se entrelaçam em uma sequencia inevitavel, indicando que até as maiores hesitações teriam de ser vencidas para o triumpho decisivo da independencia política do Brasil. Com o *Fico*, aos 9 de Janeiro, a situação já se não faz enganadora. E lá vão rolando por terra as últimas illusões de recolonização sem nenhum choque de Brasileiros e Portuguezes, quando aos 9 de Fevereiro se toma de coragem o principe d. Pedro e declara ao general Avilez, bem como aos seus commandados: "Já ordenei; e si não executarem, amanhã começo a lhes fazer fogo".

Não foi pequena a audacia daquelle general, comparando com os seus officiaes a bordo da fragata *União* e ahi,

numa representação collectiva, pretender abalar a auctoridade do príncipe d. Pedro.

Mas, pergunto eu, a quem deveria obedecer o general Jorge de Avilez em terras do Brasil? Porque elle o escreveu aos 3 de Fevereiro: "A obediencia que se exige é no serviço de campanha, e não a de um corpo que tem representação politica e civil declarada nas Côrtes Geraes da nação".

Era bem o pro-consul das Côrtes, como lhe chamara a elle o visconde de Cairú.

A verdade é que contra esse pro-consul, lá estava um outro portuguez, o marechal de campo Joaquim de Oliveira Alvares, homem de cultura mathematica e philosophica, o qual nascera aos 19 de Novembro de 1776 na ilha Madeira e tanto se mostrava devotado á causa, nacional e humana, da independencia do Brasil.

Ora, dado o empirismo da época, o instrumento da victória dessa causa tinha de ser procurado nas brutalidades da força. Não bastava o espectáculo dos acontecimentos, a decisiva e eloquente affirmação, através do passado, do grande facto social que se vinha processando de muito longe na história do Brasil, a qual história, sem dúvida, é um capítulo da história da humanidade. Naturalmente se impunha a destruição de alguns obstaculos contra a emancipação politica da terra de Tiradentes e de José Bonifacio. E como semelhante destruição sob o ambiente de tranquillidade geral naquella época? Porque si, em plena paz, não se logra resolver o problema de uma collectividade nacional, a guerra é o que ali apparece abrindo uma estrada, offerecendo uma solução.

Mas o que se chama politica é na guerra estrategia. Isto é, como que cedem os politicos o seu logar aos estrategos.

O que realmente não padece dúvida é que da orientação dos primeiros precisam os segundos. O problema tem de ser formulado pela politica. Porque, afinal, tal politica, tal estrategia. E isso de tal sorte que, não raro, quando se está em periodos francamente revolucionarios, os estrategos, como que deixam os seus labores, e vão, de espada em punho, ao campo da politica, campo que lhes não é apropriado, em verdade, buscar, onde existem, os esclarecimentos de que carecem.

Felizmente, aos 7 de Setembro de 1822, lá está, através do grito Ipiranga, a indispensavel orientação. E o príncipe regente não conseguiu occultar as mesmas hesitações que lhe vinham dominando a alma. "E' tempo — dissera-o d. Pedro, antes de exclamar: — "Independencia ou Morte!"

E, na verdade, era tempo, como o demonstrou Joaquim Gonçalves Léo, na inexecuvel sessão de 20 de Agosto de 1822, no Grande Oriente do Brasil.

Enfrentam-se uns e outros, pelejando, todos, pelo instincto de conservação do grupo social, que, hontem, ainda era um mesmo grupo. Mas, no momento, está, de um lado, o Brasil, querendo ser o Brasil, assim como, de outro lado, está Portugal, com as glórias do seu passado. E uns e outros, com effeito, são Brasileiros e Portuguezes combatendo pelos ideaes das respectivas nacionalidades.

Seria possível combater, sem direcção?... Como viver na guerra, sem a interferencia dos profissionaes das armas?

E dahi tinham que desempenhar os generaes suas funcções de homens de guerra. A manobra política cederá o passo á manobra militar. As dúvidas da primeira, todas as suas indecisões, agora se iam substituir por acções energicas, decisivas, de todo em todo violentas.

E si alli se discute, aqui não ha mais logar, nem siquer um instante existe para a gymnastica do pensamento. Os generaes têm de agir, sem demora. São elles sentimento e pensamento, porém, sobretudo, character: — homens de acção.

E' então que se comprehende como é difficil o encargo dos generaes, homens de coragem, de prudencia, de firmeza, os quaes, por isso mesmo, devem ter o cerebro de todo o poncto apercebido para não perderem o tempo com esta ou aquella indecisão.

Ao certo não começa com o acto do Ipiranga, nem se acaba com esse acto, o drama da independencia.

Nem todos os generaes, aquelles trinta officiaes generaes, cujos nomes estão nas chronicas do tempo, fôram por egual figuras de relêvo em tamanho drama. Ainda que generaes, como o marechal de exército Gaspar de Mattos Ferreira e Lucena, como os tenentes-generaes Alexandre Eloy Portelli, Camillo Maria Tonnelet, Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, Joaquim Xavier Curado, José de Oliveira Barbosa, Manuel Martins do Couto Reis, como os marchaes de campo Francisco Manuel da Silva e Mello, Joaquim de Oliveira Alvares, José de Nobrega Botelho, Lourenço Caetano da Silva, Miguel Lins de Moraes, como os brigadeiros Antonio Genelle, Domingos Alves Branco Muniz Barreto, Francisco Claudio Alvares de Andrade, Francisco Maria Gordilho Velloso de Barbuda, Jacintho de Mello Meneses Palhares, João Carlos Augusto Oeynhausén e Grevenbourg, João Francisco Neves, João Gomes da Silveira Mendonça, Joaquim Norberto Xavier de Britto, José Manuel de Moraes, Luis Borba Alardo de Meneses, Luis Pereira da No-

brega de Sousa Coutinho, Manuel da Costa Pinto, Manuel Ignacio de Moraes de Mesquita Pimentel, Manuel Joaquim Pereira da Silva, Marcello Joaquim Mendes e Pedro Labatut, nem todos elles de facto se fizeram os heróes da independencia, ou os nomes que merecem lembrados como verdadeiros generaes no desenrolar dos acontecimentos.

Nem seria possivel que se egualassem uns aos outros, numa só grandeza inconfundivel, tantos generaes. Porque, antes de mais nada, não ha duas cousas, ou duas creaturas, perfeitamente eguaes. A desigualdade é a regra. E tanto assim que, si existem generaes que o são effectivamente, pela iniciativa ou amor á responsabilidade, os demais não vão além da craveira commum de generaes que até se immortalizam, são bravos e são heróes, porém tão só sob commando.

Quem poderá confundir com os generaes de 1822 a figura daquelle intelligente universitario de Coimbra, antigo marinheiro da esquadra portugueza, o qual em 1804 fôra nomeado capitão de artilharia da legião de voluntarios nas terras de São Paulo ?

E ninguém lhe exquece o nome. Chama-se Joaquim de Oliveira Alvares, brigadeiro graduado em 1814 e tres annos depois promovido á effectividade de general de brigada por actos de bravura, os quaes levava elle a seu termo nas batalhas de Corumbá e Catalão.

E' o ajudante general do governador das armas da Côrte e Provincia do Rio de Janeiro, de 1821.

E dous dias depois do inicio da revolução da independencia, quando as tropas de Portugal occupam, sob o commando do general Avílez, o Morro do Castello e outras posições da cidade, ameaçando a auctoridade do principe regente e levando a confusão por toda a parte, ha uma creatura que, embora lançada no leito como doente, se ergue e sem tardança toma o seu uniforme para, de perto, providenciar, como se fazia myster. E' o general Joaquim de Oliveira Alvares, o fundador de um club que funcionara no quartel general e que parecia o mais innocente dos clubs, porém club de alta importancia para a coordenação das idéas em pról da independencia e a cujas reuniões compareciam Joaquim Gonçalves Léo, frei Sampaio e outros vultos de grande responsabilidade.

E esse general foi ministro da Guerra duas vezes: a primeira, em periodo anterior á independencia; a segunda, de 1828 a 1829.

Ainda mais: na Camara dos Deputados representou a provincia do Rio Grande do Sul.

E de posse de muito dinheiro, por herança que lhe deixara um seu irmão fallecido em Londres, vai á Inglaterra... A verdade é que não excede o Brasil: e não sómente colloca oitenta mil libras em negocios, com os quaes os titulos brasileiros logo subiram de 45 a 49; mas, tambem, offerece á regencia outros recursos para que o credito do Imperio nada soffresse no estrangeiro.

Não era Brasileiro: nascera na Ilha da Madeira, aos 19 de Novembro de 1776, como já o escrevi em linhas anteriores. O certo é que, não ha como negar, foi um grande general da independencia. Bravo, como os mais bravos. Homem íntegro, sôbre ser de intelligencia esclarecida.

Em 1833 está reformado no posto de marechal do Exercito. Mas dous annos mais tarde, ainda em plena madureza, com 59 janeiros, fallece Joaquim de Oliveira Alvares, em Pariz.

Sabe-se que se pensou na Europa na volta de d. Pedro, lembrando-se que a legião estrangeira deveria ser commandada por Joaquim de Oliveira Alvares.

Mas tambem se sabe que, todo amor á causa do Brasil, respondera o illustre general á suggestão atrevida com estas palavras: "A' frente de tropa estrangeira, nunca!". "Contra o Brasil, não contém commigo — eis tudo".

Bella figura de general.

E logo depois dessa figura está deante de nós quem nascera 33 annos antes do grande filho da Ilha da Madeira e viera fallecer com 87 annos numa velhice effectivamente gloriosa. Quero lembrar o excelso conde de São João das Duas Barras, tenente-general Joaquim Xavier Curado.

Não entra creança para a carreira das armas. Como que andou a procurar a directriz da propria vocação... E' com 21 annos que assenta praça o destemeroso filho de Goiaz.

Nascera na antiga freguezia de Meia-Ponte, em 1743.

Não era a cultura systematica de Oliveira Alvares; mas havia, como poucos, o raro senso das cousas, raro senso que está longe de ser o senso commum, porque este effectivamente se faz raro e não commum, ainda que assim pensara o immortal Descartes. O notavel Goiano, como alferes de infantaria, servira com o tenente-general João Henrique de Bohem, o inspector geral das tropas, inspector que, no dizer do marquez de Lavradio, tinha na America, embora sob as ordens do vice-rei do Estado, a mesma jurisdicção do conde de Lippe na Europa. E eis ahi. Pela sua habilidade e correccção, rapidamente consegue impor-se de tal sorte, que não só desempenhara funcções meramente militares, sinão tambem funcções diversas — uma

dellas de feição diplomatica juncto á côrte de Lisbôa, a outra de character politico, em Sancta Catharina, como governador que soube inspirar verdadeiras saudades em toda a capitania. Delle dissera o conde dos Arcos, escusando-se de subscrever a patente de reforma no posto de general de brigada: "não quero privar a nação dos serviços que ainda lhes poderá prestar um official benemerito, cujo zêlo nunca cessou de supprir as fôrças phisicas". Era já entrado em annos e naturalmente se sentia alquebrado pela idade... Pois bem; não fôra dada ao velho Goiano a reforma que pedira. Ao contrário; occorre logo sua promoção a brigadeiro. E mais tarde, como insigne marechal de campo, segue a Buenos Aires e Montevidéo no desempenho de importante commissão. Regressa depois ao Brasil e já se acha á disposição do general d. Diogo de Sousa, governador da capitania do Rio Grande do Sul. E' um herôe, commandando outros herôes. Com 73 annos dirige delicadas, graves, notaveis operações militares, em que os generaes, obedecendo-lhe as ordens, se chamam barão de Serro Largo, visconde de São Gabriel, Oliveira Alvares, Bento Corrêa da Camara. Desde 1824, é o ardoroso patriota de todo o poncto entregue aos maiores labores pela independencia do Brasil. Nem hesita, em face das mesmas exigencias da disciplina militar; não se toma de cuidados deante dos rigores indispensaveis dessa disciplina fecunda; não foge á responsabilidade que lhe cabe como soldado. E', porém, cidadão acima de tudo, e lá está numa grande assembléa popular, deliberando sôbre acontecimentos politicos o velho general glorioso. Mas que fazer?... O momento era francamente revolucionario... E seja como fôr, que figura inconfundivel, em meio dos generaes da independencia, essa de Joaquim Xaxier Curado!

Sua attitude de obediencia ao povo fez que lhe caísse nos hombros a delicada missão de levar ao conhecimento dos commandantes das fortalezas o decreto popular em que, sob pena de morte, não seria permittida a saída de nenhum navio, nem de commercio, nem de guerra. Foi isso aos 21 de Abril de 1821. E já era isso o general Xavier Curado contra o general Avílez, ainda que o primeiro revolucionariamente numa assembléa popular e seguindo sem essa feição revolucionária, como que obedecendo á disciplina militar, pela investidura de commandante, á frente das tropas da guarnição. Mas aos 12 de Janeiro de 1822 está o insigne Goiano já em outra situação: acha-se elle agora investido nas funcções de commandante das fôrças brasileiras no Campo de Sanct'Anna, enquanto que Avílez commanda simplesmente as fôrças portuguezas. De comêço tocara o commando das fôrças brasileiras ao general Joaquim de Oliveira Alvares.

Estava este no entanto adoentado. Viera, ainda que doente, assumiu a direcção dos abnegados patricios, em que havia soldados regulares, milicianos de toda sorte e homens de todas as condições sociaes.

A's 8 horas da manhã, surge o velho general goiano, velho que, ao impulso de alevantados pensamentos, não sentia nenhuma fraqueza da velhice. Era o saber profissional posto em evidencia através de mais de uma batalha. E ao só aspecto de Xavier Curado, logo se transmuta o ánimo de toda aquella gente: os seus commandados estão cheios de coragem: os de Avílez, no entanto, não se sentem sinão dominados pelo desánimo; e lá estão como corpos sem alma, vencendo-se a si proprios, antes de serem destroçados pelos impetos patrioticos das legiões brasileiras. E, si Avílez ensarilha as armas, não quer combater, porém seguir rumo de Niteroi, quem vai commandando uma columna dessas legiões e se colloca deante de Avílez, alli da outra banda, é o intrepido e glorioso Xavier Curado, o grande general da independencia, tanto lograra elle, pelas operações em que se empenhou, traçar as largas e seguras directivas de que se não afastaram os que vieram pelejar pela emancipação politica do Brasil. Em Niteroi coagira o general Avílez a deixar as as terras desta formosissima patria. E lá, com effeito, se foi Avílez com a divisão ameaçadora, porém ameaçadora tão só pelo número, tanto se fizera ella desfallecida, sem coragem, deante da columna brasileira...

O mais é o que toda a gente sabe. Porém o mais que vale tudo, ahi depende do proceder admiravel do insigne general brasileiro, o qual foi deputado por Sancta Catharina e fallece aos 15 de Setembro de 1830.

Seguira para a Europa o general Avílez. Mas, na Bahia, lá estava o general Ignacio Luis Madeira de Mello creando as maiores difficuldades, levantando obstaculos á proclamação da independencia. E si d. Pedro conseguira, facilmente, á custa da heroicidade do incomparavel Goiano, fazer-se, a bordo da *União*, obedecer pelo general Avílez, a mesma cousa não poderia levar ao cabo, agindo de longe, de muito longe, e já em outras condições, sobre o espirito do general Madeira. A verdade é que tudo se practicara no sentido de recuar Madeira nos seus propositos de soldado, que deveria defender os ideaes das Côrtes portuguezas.

Até se pretendiera comprar o veterano de Tolosa, veterano que—para honra delle—soube repellir o ataque a seus brios de militar cheio de fé na profissão das armas... Porque não se compra um general, qualquer que elle seja.

De facilidade em facilidade, quero dizer sem o choque das armas, chegara o príncipe d. Pedro até ás margens do Ipiranga, e pôde proclamar: "Independencia ou Mortel!", como a indiscutivel ordem decisiva por ser obedecida, fôsse como fôsse. E essa ordem formulou-a o mesmo destino do Brasil. Ou a Patria seria ou não seria, eis o dilemma. E porque tinha de ser, a lucta se estava fazendo inevitavel. E ei-la na Bahia.

Mas já se achava construida a obra dos generaes, indicada sua estrategia, conhecido seu plano de campanha. Dahi, o que veio depois não foi além de umas tantas operações tacticas, para as quaes o só heroismo dos combatentes, a bravura delles, o simples denodo pessoal explica toda a victória.

E eis porque de golpe crescera, desde os primeiros instantes das pelepas na Bahia, o vulto de Pedro Labatut, militar de amor á profissão das armas, um apaixonado, talvez um estheta das batalhas, fazendo a guerra pela propria guerra, porém, por isso mesmo, mais um aventureiro do que um general.

O que não tem dúvida é que desde 27 de Outubro de 1822 até 21 de Maio de 1823, lá está como general da independencia o bravo filho do Departamento de Var, enfrentando as tropas de Madeira. E vence Pedro Labatut aos 8 de Novembro de 1822, em Pirajá, e vence aos 7 de Janeiro de 1823, em Itaparica.

Ninguém lhe nega a coragem, a intrepidez, a bravura. A mesma belleza moral de uma pobreza que contrasta com o temperamento repassado de mil ambições bellicosas, essa mesma belleza transparece no testamento de 18 de Junho de 1848, testamento feito na Bahia por quem se fez subdito brasileiro e morre aos 4 de Setembro de 1849, na situação de marechal de campo, é certo, porém, segundo o testamento, sem dinheiro, tanto auctorizara Pedro Labatut lhe vendessem uma ou mais joias do seu ornato para as despesas do seu entérro na igreja de Pirajá.

Mas — porque não dize-lo? — não se compara com a abnegação do grande filho da ilha da Madeira o amor de Pedro Labatut á causa do Brasil. Nem poderia sentir, como não sentiu, as mesmas emoções que tantas vezes abalaram a alma dêsse outrô igualmente grande que nasce, não na ilha da Madeira, mas em Goiaz. Effectivamente é uma figura impressionante em meio do quadro da independencia, essa do marechal Joaquim de Oliveira Alvares. Nesse quadro, entretanto não ha quem se aviste maior do que o tenente-general Joaquim Xavier Curado. E' a coragem nos perigos. E' a perseverança, é o sacrificio, é a fidelidade, jamais posta

em dúvida, fidelidade aos ideaes da emancipação política brasileira.

Mas essa emancipação que se effectua, revolucionariamente é o Brasil organizando-se, é o Brasil imperio, é a Patria soberana. E acontece que na Bahia, incorporado ás tropas de Pedro Labatut, já se achava o batalhão do imperador, batalhão em que começara de affirmar todas as qualidades de verdadeiro genio militar o maior general do Imperio, o immortal duque de Caxias, então tenente Luis Alves de Lima. Filho de Francisco de Lima e Silva, que foi senador e general e regente do Imperio, o joven tenente servira, como alferes, no batalhão de Fusileiros da Côrte, e conquistara os maiores louvores pela coragem e calma de que dêra tantas provas inilludiveis e empolgantes nos combates em que se empenhara. E' o nome que ahi está como a lidima consubstanciação do soldado brasileiro, soldado com uma caracteristica especial que faz sua propria grandeza moral, soldado cujas aspirações se confundem com as mesmas aspirações nacionaes, por isso que sempre esteve ao lado do povo nas grandes causas da Patria.

Não é um dos 30 generaes da independencia. Não era no momento sinão um bravo tenente do batalhão do imperador. Não iam suas cogitações, naquelle momento, inconfundivel, além da esphera da tactica. O homem superior, entretanto, já se vinha revelando. E no Maranhão, em Minas Geraes, no Rio de Grande do Sul, já era apreciado e apreciavel cabo de guerra quem teria de ser o maior dos nossos generaes no Imperio e soube, em verdade, aos 7 de Maio de 1880, morrer coberto da veneração de todo o Brasil.

Nem o duque de Caxias, no Imperio, nem o conde de São João das Duas Barras, na Independencia, quizeram ser maiores do que seus concidadãos. Fôram ambos, e cada qual com as qualidades do momento histórico em que fulguraram expressões authenticas da alma generosa do Brasil. Tambem, dahi jámais fizeram a guerra pela guerra. E' até na peleja, na hora angustiada da lucta em que a palavra "destruir" é a voz que se vai escutando no theatro das operações militares, nenhum dos dous ia além da destruição da esperanza de vencer do adversario. Fôram humanos, completamente humanos, realizando, a seu tempo, cada um delles, a mesma belleza moral com que na história se encara o vulto admiravel de Foch... Vós conheceis o memoravel episodio. O generalissimo

francez expõe a situação desesperadora dos alemães e o estado magnifico dos exercitos alliados. Alguem pondera que chegou o instante para o aniquilamento do inimigo. E o grande Foch responde:

Je ne fais pas la guerre pour faire la guerre, mais pour des résultats. Si l'ennemi signe un armistice qui donne aux gouvernements alliés le moyen d'obtenir les résultats qu'ils désirent, il n'y a pas de raison pour que le sang des combattants continue à couler.

Festivamente, nos quarteis e em cada familia de patriota, por toda parte pelo Brasil em fóra e, sobretudo, nesta formosissima cidade, foi, hontem, assignalado o nascimento do immortal Caxias, glorioso veterano da Independencia. Mas era de notar que outro glorioso veterano, já general em 1822, como que fôra exquecido no dia do soldado ... A verdade é que o INSTITUTO HISTORICO é quem o não exquece, rendendo a devida homenagem aos generaes da Independencia, tem diante do espirito e do coração a figura de Joaquim Xavier Curado: contempla, entretanto, do mesmo passo, o vulto de quem ainda não era general nos dias angustiosos da Independencia. E' que esse vulto é o do general que ficou do passado como a perfeita consubstanciação do soldado brasileiro, soldado feito de bondade e abnegação, soldado que se não sobrepõe a seus concidadãos civis, porque vive identificado com todos elles no grande amor á Patria.

Ninguém ignora que a Independencia é o Imperio, affirmando-se, constituindo-se, organizando-se. Mas o Imperio nessa obra de sabedoria política, obra importantissima que ahi está na unidade do Brasil, permitti que vo-lo diga, é o duque de Caxias, o heróe humano, que, pela coragem e lealdade, pela intelligencia e disciplina, pelo saber e grandeza moral, pela correccção, em uma palavra, resume as virtudes do soldado brasileiro." (*Vivas e prolongados applausos.*)

O sr. EUGENIO VILHENA DE MORAES faz um communicado ao INSTITUTO relativamente a uma biographia, inedita, impressa, mas não publicada, do duque de Caxias. O orador apresenta ao INSTITUTO um opusculo de 121 páginas, apenas costuradas, sem rosto, sem título, sem designação do nome do auctor, data ou local de sua publicação. Apenas, como unico indicio, duas iniciaes em baixo de cada fasciculo de 16 pá-

ginas, isto é, as chamadas marcações de páginas para uso dos encadernadores, quando têm de *alcear* os cadernos. As referidas iniciaes são as seguintes: H. P. Expõe o orador, rapidamente, o seu trabalho de crítica interna dos opusculos para, pelo processo de exclusão ou eliminação das partes, chegar á hypothese — que estabeleceu — de se tractar da primeira parte do trabalho publicado por Capistrano de Abreu, em 1925, na *Revista do Brasil*, de Paulo Prado e Monteiro Lobato, sob o seguinte título: *Capitulos de uma biographia perdida de Caxias*, trabalho esse da auctoria de Eudoro Berlinck.

Depois de alludir a outros artistas da mesma biographia publicados no *Jornal do Commercio* pelo sr. Cassio Berlinck, filho do auctor, e do maior interesse para a história da campanha de Rosas, termina o sr. Vilhena de Moraes declarando que, mesmo desaparecido do número dos vivos, continuava Capistrano de Abreu a contribuir com o exfôrço das suas pesquisas para o progresso dos estudos historicos. (*Muitas palmas.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) agradece aos srs. Moreira Guimarães e Vilhena de Moraes o brilho que, com as suas palavras, emprestaram á sessão, assim como a quantos contribuíram com a sua presença para que a mesma tivesse completo realce.

Encerra-se a sessão ás 17 1/2 horas. — *Sousa Docca*, 2º secretário *ad-hoc*.

No numeroso auditorio notámos: srs. dr. Carlos Raja Gabaglia, dr. Alcides Bezerra, dr. Vicente L. Cardoso, padre Geraldo Pauwles, dr. João P. Carneiro da Cunha, dr. Carlos Guimarães Bittencourt, dr. Lupericio Hoppe, dr. F. A. Sousa Mello, Candido Elesbão da Silva, dr. José Margarinos e senhora, Nelson de Sousa Leão, Sotero de Meneses, marechal C. Botafogo, dr. Feliciano Falero, dr. Henrique Teixeira Chaves e senhora, general dr. Samuel de Oliveira, dr. Soares Brandão Filho, coronel Manuel Carvalheira, marechal Ilha Moreira, marechal Chrispim Ferreira, Antonio Alves Teixeira J. S. Portella, Euclides de Alcantara, dr. Bricio Filho, dr. Tito Regis de Alencastro, Gustayo F. Leite e muitas outras pessoas gradas.

O barão Von Bibra, secretário da Legação Alemã, escusou-se de não comparecer, por ausente do Rio.

SESSÃO 1548ª, REALIZADA AOS 28 DE SEPTEMBRO
DE 1929

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(*Presidente perpétuo*)

Às 17 horas abre-se a sessão com a presença dos senhores conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, José Maria Moreira Guimarães, Alfredo Valladão, Eugenio Vilhena de Moraes, Emilio Fernandes de Sousa Docca, Justo Jansen Ferreira, Eduardo Marques Peixoto, Carlos Miguel Delgado de Carvalho e Alfredo Ferreira Lage.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º secretário) lê a acta da sessão anterior, que, sem debate, é unanimemente aprovada. Igualmente procede á leitura das *Ephemérides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, na parte em que se referem á data da sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que lhe corre a agradável obrigação de, em nome do INSTITUTO, agradecer publicamente ao professor Rodolfo Bernardelli a preciosa dádiva de magnífico busto em bronze do visconde de Cairú, José da Silva Lisboa, eminente economista e homem de Estado, promotor da abertura dos portos em 1808. Obra do illustre esculptor, fundida nesta Capital, foi collocada no gabinete do mesmo presidente, onde já figuram bustos e retratos de outros grandes Brasileiros. Constando que o professor Rodolfo Bernardelli está executando o busto do secretário perpétuo do INSTITUTO, sr. Max Fleiuss, propõe o sr. presidente, e é aprovado, com vivas manifestações de unanime applauso, que o INSTITUTO adquirisse um exemplar desse trabalho para ser posto, em lugar de destaque, na secretaría, como justa homenagem á dedicação e zêlo do sr. Max Fleiuss.

Diz mais o sr. conde de Affonso Celso que as ephemerides do dia registam, entre outras, duas datas memoraveis, as das duas leis de 28 de Setembro, a de 1871, que libertou os nascituros de escravos, e a de 1885, que manumittiu os escravizados sexagenarios.

Na decretação da primeira immortalizou-se o socio do INSTITUTO, visconde de Rio-Branco, auxiliado por seu grande filho, tambem socio e depois presidente do mesmo INSTITUTO, barão de equal título.

Na elaboração da segunda, bem como na de 13 de Maio, trabalhou o actual presidente do INSTITUTO.

A victória de 1871, que aboliu virtualmente a escravidão, estancando-lhe a principal fonte, os nascimentos, havendo sido estancada a outra, — o tráfico, pelas leis de 1831 e 1850, aureolou, tanto quanto ao visconde de Rio-Branco e João Alfredo, também socio do Instituto, a uma senhora, a uma joven (tinha então 25 annos de idade), que occupava a magistratura suprema do paiz, como duas vezes mais occupou exemplarmente, — facto unico na America —, dando sempre provas de que unia as inexciveis virtudes domesticas de mãe de familia brasileira ás qualidades civicas de emerito estadista, demonstrando, assim, que o sexo feminino tem toda idoneidade para exercer no Brasil as mais altas funcções da vida pública.

E' a também referendária da lei de 13 de Maio, a princeza Isabel, a quem a consciencia universal conferiu o título de *A Redemptora*, superior ao de rainha, ou imperatriz.

Deve, quando menos, o feminismo um monumento a essa precursora e comprovadora da razão de ser dos seus ideaes. Della — denominando-a, com justiça — a maior das Brasileiras — eu poderia denomina-la — a maior das americanas, vai occupar-se, com a habitual proficiencia, o sr. Max Fleiuss, a quem dá a palavra. (*Prolongados applausos.*)

O SR. MAX FLEIUSS diz:

A data de hoje, commemorativa da promulgação da lei n. 2.040, de 28 de Septembro de 1871, vem recordar-nos o início do cyclo das reformas sociaes de 1870 a 1888, de solução difficil e de consequencias decisivas, nos annaes da abolição do elemento servil, para os destinos do Brasil-imperio.

Consagremos ao culto das tradições nacionaes, quasi secularmente alimentado pelo Instituto Historico, a homenagem de succintas considerações sôbre o grande gesto prelibertador, que glorificou principalmente a dous nomes dentre os maiores estadistas de nossa patria: o da princeza Isabel, regente do Imperio, a *Redemptora*, e o do visconde do Rio-Branco, chefe do gabinete de 7 de Março de 1871.

O primeiro representa-nos a figura, entre todas maior, da insigne Brasileira, que assignou a carta de lei de 1871, libertando os nascituros — primeiro grande passo da campanha humanitaria, que culminou com o triumpho regenerador a 13 de Maio.

A' paladina da redempção dos escravos no Brasil, que expurgou por dous actos legislativos, cada qual mais memoravel, a marcha do opprobrio, que denegria a civilização do nosso paiz, como ao vulto de José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio-Branco, figura dominante no scenario politico da

época, ajusta-se o conceito de Salomão, exarado no Livro da Sabedoria (Ecclesiastes, VIII, 2) — *Stabilita sunt bona illius in Domino et elemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum*.

Aquella serenissima herdeira do throno de Bragança que, aos 25 annos, assignalou sua primeira regencia, dando começo, com a *Lei de Ventre Livre*, á solução do problema político, economico e social do elemento servil, resolvendo-o, com a *Lei Aurea*, deveria, por certo, desde o primeiro acto, ter sentido estuar seu coração patriótico, coração de mulher brasileira, que tanto amava o Brasil, e tanto se lhe dedicou, indo ao sacrificio de immolar-lhe o throno e a propria vida, si preciso fôsse, segundo suas proprias palavras.

Certo que, no seu espirito, pairou a primeira dúvida sobre as consequencias inevitaveis, proximas ou remotas, dêsse gesto de piedade e mais do que isto — de justiça —, pois o interesse ferido não deixaria de germinar vinganças, contrapondo-se ás exigencias da humanidade.

Ao lado da extraordinaria figura da regente, que poz em equação, em 1871, o problema abolicionista e o resolveu em 1888, projecta-se, na perspectiva da História, a personalidade do presidente do Conselho de Ministros, que, pela actividade efficiente, “pela energia civica, posta a serviço de uma causa bendicta, na phrase integralmente justa de Vieira Ferreira, era, sem dúvida, digno de symbolizar historicamente o movimento, contanto que não se olvide nessa resultante social todo o valor de suas componentes, que actuaram, sobretudo, nos ultimos cinco annos, desde os projectos de Pimenta Bueno, em 1866”.

Submettidos esses projectos, em Abril de 1867, ao estudo do Conselho do Estado, pelo chefe do gabinete Zacharias de Góes, não dissimulou o imperador o seu proposito de amparar a reforma, recommendando-a, na Falla do Throno de 1868, á attenção das Camaras.

Entretanto, os interesses economicos da lavoura se sentiam sacrificados com a delonga havida em abordar franca e promptamente o problema abolicionista.

Procurava a Corôa conciliar, opportunamente, a necessidade da emancipação com o respeito á propriedade, isto é — excluindo o direito do senhor de escravos sobre o nascituro de mulher escrava, sem abalo profundo em nossa indústria agricola.

Tal o desejo expresso por d. Pedro II num dos paragra-phos da Falla do Throno,

O effeito provocado por esse empenho, que traduzia a sábia precaução do govêrno, foi immenso, segundo commenta Joaquim Nabuco:

Depois delle os inimigos do gabinete voltaram-se contra a reforma: a política apossou-se della.

A questão do elemento servil era então considerada assumpto intangivel, pelo que o topico do discurso da Corôa foi o signal de alarme para as duas casas do Parlamento.

• Os conservadores scindiram-se, e o partido liberal cerrou fileiras contra o que reputava uma temeridade.

Em 1870, o imperador volveu a insistir sôbre a inclusão de uma referencia ao elemento servil.

Aliás d. Pedro. II foi sempre o maior propugnador de todas ás idéas liberaes, e a sua personalidade moral impoz-se e impõe-se ao maior respeito.

Não foi sem absoluta justiça que Quintino Bocayuva, pontifice do jornalismo republicano, disse pelo *O Paiz*, em 1891:

Hoje no momento em que desaparece dentre os vivos o sr. d. Pedro de Alcantara, a República só pôde ter e só deve ter para com a sua memória o respeito devido a um Brasileiro illustre.

E Ferreira de Araujo, tambem insuspeitissimo republicano, assim se exprimiu pelas columnas da *Gazeta de Noticias*, na mesma data:

As suas qualidades pessoaes excusam enumeração: a sua accessibilidade em contraste com o inaccessible dos ministros; a sua affabilidade que permittia a todos expôr as suas queixas e lhe facultava penetrar assim no coração do povo mais fundo que ninguem; a sua curiosidade invencivel, que o levava a procurar Victor Hugo; o seu desprendimento de fortuna, que o fazia despendar toda a lista civil com outros, ficando apenas com as migalhas... tudo isto e o mais que poderíamos enumerar está vivo na memória de todos.

O imperador, de quem o inextinguivel homem de verdadeiras lettras, que foi Salvador de Mendonça, disse por occasião do regresso de d. Pedro II em 1888 em arrebatadores versos:

Salve! te brada hoje a terra bem amada;
A's portas do teu berço — o fúlgido sacrário
Do amor do povo teu, — a patria libertada
Recebe-te festiva, imperador lendario.

De muito longe vens, da região da morte,
Para o seio da luz, o teu immenso imperio;
Aguia da apothéose entre brumas do norte
Em vão tentou levar-te ao páramo sidereo.

Prendia-nos a ti uma affeição tamanha
Que para nós volveste os olhos compassivos:
Ao trom d'artilharia, acclamam-te a montanha,
A selva, o mar, o céu — monarcha redivivo.

Podes hoje ficar, pois a posteridade
Cerca-te ainda em vida o refulgente solio:
Lincoln ou tu, que importa? a deusa Liberdade
Pudera pô-lo aqui, e a ti no Capitolio.

SALVADOR DE MENDONÇA.

E sôbre quem o grande e indominavel espirito de Oliveira Vianna dictou:

O angulo, porém, sob que devemos ver o velho imperador, para ve-lo melhor, na exacta medida da sua grandeza, não ha de ser o das suas idéas geraes, ou o do genio; ha de ser o do character. Delle é que se poderia dizer, paraphraseando, o que Boissier disse de Julius Græcinus, pae de Tacito, que si era um sabio e um philosopho, era antes de tudo um homem de bem.

Não admira, pois, que d. Pedro II insistisse sôbre a solução do grande problema do elemento servil.

As resistencias, porém, eram numerosas; a de Itaborahi assentava sôbre a cautela que se deveria ter, segundo bom argumento, em relação a uma força sôbre a qual assentava, havia mais de tres seculos, toda a economia da Nação.

Nos fins da sessão legislativa, conseguiu Nabuco de Araujo que passasse um additivo á lei do orçamento, auctorizando o governo a despender annualmente, do saldo da receita, a quantia de mil contos com as alforrias.

Paranhos, ministro com Itaborahi, deu a esse additivo, conforme Tobias Monteiro, a pinturesca denominação de — “um foguete a Congrève”.

Essa manobra do estado maior do partido deu em terra com o gabinete Itaboraí, sendo encarregado Pimenta Bueno, então visconde de São Vicente, de organizar o novo ministerio, que se manteve apenas seis mezes no poder.

Já propositalmente de volta de sua missão ao Paraguaí, diz Tobias Monteiro, foi o conselheiro Silva Paranhos chamado pelo imperador para formar o novo gabinete, que tractou desde logo de estudar a questão do elemento servil em torno do projecto Teixeira Junior, repellido na última sessão das Camaras. Além dessa reforma urgente, o gabinete de 7 de Março tinha um programma vastissimo de acção governamental, comprehendendo a reforma judiciaria, a da guarda nacional, da instrucção pública, da viação, reorganização das forças de terra e mar, colonização e povoamento do paiz, progresso industrial e agricola.

O imperador — continúa Tobias Monteiro — estava satisfeitissimo, declarando que havia um novo sôpro no govêrno, e que desde muitos annos não se trabalhava assim.

A 12 de Maio de 1871, o ministro da Agricultura, Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, apresentava á Camara dos Deputados a proposta do govêrno sobre a reforma do elemento servil.

A atmospheria parlamentar era antes de serenidade e expansivo acolhimento, sem prenúncio da tormenta que se desencadearia.

A disposição fundamental do projecto era a libertação plena do ventre da mulher escrava.

Os senhores de mãos escravas deveriam, entretanto, crear os nascituros até oito annos, podendo aproveitar-lhes os serviços até 21 annos, ou entrega-los ao Estado, mediante indemnização.

Além disso, instituia-se o registo e matrícula de escravos, assegurando-se-lhes o direito de remissão após avaliação judicial, quando tivessem reunido o peculio necessario, e applicava-se uma consignação especial do Thesouro á emancipação de escravos, que todos os annos a sorte designasse para serem libertados.

Quinze dias depois de apresentada á Camara a proposta official, assumia a regencia do imperio a princeza Isabel.

Logo ao início dos debates, surgiu formidavel opposição.

Na Camara, a campanha durou quasi tres mezes.

Lucta tremenda, em que tomaram parte todos os oradores notaveis da epocha.

Só a coragem e firmeza de Rio-Branco e de seus pujantes companheiros de defesa do projecto poderiam resistir, saindo, afinal, victoriosos.

A 28 de Agosto era, enfim, approved em terceira discussão na Camara, por 61 votos contra 35, e a 27 de Setembro seguinte egualmente approved pelo Senado por 33 contra 4.

A' sessão do Senado, a 27 de Setembro, presidida por Abaeté, compareceram 38 senadores.

No recinto figuravam — Rio-Branco, Caxias, Zacarias, Paranaguá, Sapucahi, Octaviano, Nabuco, Candido Mendes, Torres Homem, São Vicente, Sousa Franco, Sayão, Lobato, Jaguaribe, Tres Barras, Cotogipe, Thomaz Pompeu, Jobim, Barros Barreto, São Lourenço, Uchôa Cavalcanti, Firmino Silva, Almeida e Albuquerque, Silveira da Motta, Fernandes da Cunha, Pirapama, Camaragibe, Carneiro de Campos, Rio-Grande, Vieira da Silva, Dias de Carvalho.

Quando o presidente Abaeté declarou que o autographo ia ser submettido á sancção imperial, das galerias caíram flôres de que ficou juncado o recinto e os espectadores proromperam em estrepitosos vivas.

Procedendo-se ao sorteio da commissão que deveria submeter á regencia o autographo, fôram escolhidos — Sapucahi, São Lourenço, Firmino, Paes de Mendonça, São Vicente, Uchôa Cavalcanti e barão do Rio-Grande.

A lei de 28 de Setembro de 1871, que hoje o INSTITUTO commemora, foi, como já dissemos, a primeira pedra do monumento que receberia nôvo laurel com a lei dos sexagenarios de 1885, coroada pela de 13 de Maio.

Lei tão humanitaria encheu de júbilo o coração da misera mãe-escrava, premiando ainda a maternidade com a promessa da vida civil.

Quando as galerias e o recinto do Senado Imperial applaudiram a approvação final, encontrava-se na tribuna do Corpo Diplomatico, entre outros, o ministro dos Estados Unidos.

Terminada a sessão, desceu elle ao recinto e apanhou algumas flôres das que o povo atirara sobre Rio-Branco, para remette-las a seu paiz, afim de que se visse de que modo se fazia, no Brasil, uma reforma que lá tanto sangue custara.

Permitta o INSTITUTO que essas flores, esparzidas sobre os heróes da Lei de 28 de Setembro se traduzam hoje nos simples conceitos que deixámos expressos sobre a gloriosa ephemeride.

Passemos agora ás projecções, para as quaes muito precioso nos foi o auxílio do illustre professor Roquette Pinto, nosso preclaro consocio.

Vejamos o quadro — *O juramento da princeza Isabel* — devido ao pincel privilegiado de Victor Meirelles, o estupendo artista patricio, nascido em Sancta Catharina, a 1 de Agosto de 1832, e fallecido nesta Capital em 22 de Fevereiro de 1905, auctor das famosas télas: *Primeira missa no Brasil*, *Batalha dos Guararapes*, *Batalha Naval de Riachuelo* e *Passagem de Humaitá*.

No quadro do *Juramento*, notam-se as figuras da princeza, a quem Abaeté e Almeida e Albuquerque apresentam os Sanctos Evangelhos.

No fundo, o Gabinete de 7 de Março; em varios planos, senadores, deputados, ministros do Supremo Tribunal. Vê-se a figura de Caxias, ostentando todas as suas gloriosas condecorações, inclusive a gran-cruz da Ordem de d. Pedro I, possuida, além d'elle, sómente pela princeza Isabel, e á entrada do recinto, que era o do velho Senado, o futuro barão do Rio-Branco, então deputado por Matto-Grosso.

Admire-se o retrato de José Maria da Silva Paranhos — visconde do Rio-Branco, sinão a maior, uma das maiores personalidades políticas do segundo reinado.

Observe-se o quadro devido a meu pae, Henrique Fleiuss (nascido em Colonia, Rheno, a 28 de Agosto de 1823, e fallecido nesta Capital, a 15 de Novembro de 1882), allusivo á lei de 28 de Setembro de 1871.

Em cima, como anjo tutelar, a princeza, logo abaixo, o visconde do Rio-Branco e o imperador; da esquerda para a direita: Theodoro Machado, ministro da Agricultura; Sayão Lobato (visconde de Niterói), da Justiça; Domingos Jaguaribe, da Guerra; João Alfredo, o activissimo logar-tenente de Rio-Branco, do Imperio; Manuel Francisco Correia, dos Estrangeiros, e Duarte de Azevedo, da Marinha.

Aos lados, ornamentos, symbolizando a agricultura, a immigração, a viação ferrea e a vapor.

Em baixo, a figura de um anjo que abençôa os nascituros.

Por último, admiremos a figura, radiante de luz e de bondade, da grande, da maior das Brasileiras, a Princeza Isabel. (*Colorosas palmas.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) agradece ao sr. Max Fleiuss o nobre e brilhante serviço com que acaba de obsequiar o INSTITUTO e aos consocios e demais

pessoas presentes o haverem concorrido para completo realce da commemoração.

Encerra-se a sessão ás 18 horas. — *Agenor de Roure*, 2º Secretário.

Na assistencia, notam-se as sras. baroneza de Loreto, d. Maria Argemira Paranaguá Moniz, padre Geraldo Pauwles, d. Maria Luisa Fleiuss, senhorinha Maria Carolina Fleiuss, d. Magdalena Bittencourt, drs. Mario de Sousa Ferreira, Carlos G. Bittencourt, desembargador Vieira Ferreira, drs. Joaquim Braz Ribeiro, Joaquim Egas Moniz, Annibal Lopes da Silva, Alvaro Lopes da Silva, Octavio Joppert, Alfredo Paranaguá Moniz, A. Hénault, Americo Jacobina Lacombe e dona Maria G. Braga.

PASTEUR E PEDRO SEGUNDO — CONFERENCIA REALIZADA, NO INSTITUTO HISTORICO, A 11 DE SEPTEMBRO DE 1929.

PELO PROFESSOR PASTEUR VALLERY-RADOT

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) antes de dar a palavra ao conferencista, disse que a conferência ia deleitar o auditorio, impondo-se-lhe superiormente, tanto pelo assumpto quanto pelo orador. O assumpto, bastava declara-lo para assignalar-lhe a relevancia:—*Pasteur e dom Pedro II*,—o insigne benfeitor da humanidade e o “Magnanimo”, que, com honestidade e patriotismo, governou o Brasil durante um periodo excedente a doze quatriennios presidenciaes. Quanto ao conferencista, notavel professor da Faculdade de Medicina de Pariz, bastava tambem recordar que justificava a fortuna e a honra de usar o glorioso nome de Pasteur, e que, nesta cidade e na de São Paulo, conquistou, por sua gentileza, saber e eloquencia, a estima e a admiração de quantos o ouviram ou d'elle se acercaram.

Em 1887, o celebre Carlos Darwin escreveu a outra sumidade scientifica, o botanico Hooker, que todo sabio devia o maior respeito ao imperador, pelo muito que elle havia feito em pról da sciencia. Assim tambem pensava Pasteur. Conheceram-se, comprehenderam-se, amaram-se reciprocamente elle e dom Pedro II, ambos á mesma altura, embora em espheras differentes. Mostra-lo-ia o dr. Pasteur Vallery-Radot, a cujo discurso se applicariam os versos de Castro Alves:

Duas grandezas neste instante cruzam-se.

Duas realezas hoje aqui se abraçam.

Terminados os calorosos applausos que estas palavras suscitaram, fallou o dr. Pasteur Vallery-Radot durante mais

de uma hora, sempre ouvido com o maior interesse e acclamado longamente no fim.

Leu documentos preciosos sôbre Pasteur e o imperador, os quaes serão opportunamente publicados.

Houve bellas projecções luminosas. A conferência agradou immensamente.

Eis, em resumo, o que disse o professor Pasteur Vallery-Radot:

"C'est en 1873 que d. Pedro II alla visiter Pasteur pour la première fois dans son laboratoire de l'École Normale.

Le prof. Pasteur Vallery-Radot retrace la vie et l'œuvre de Pasteur jusqu'en 1873, en projetant des clichés qui permettent de suivre les différentes étapes de l'épopée pasteurienne jusqu'à cette époque.

Voici la maison de Dôle dans le Jura où il est né le 27 Décembre 1822. Rares les portraits de son père et de sa mère faits par Pasteur alors qu'il avait 13 et 17 ans. Et la maison d'Arbois où il passe son enfance.

A' 26 ans Pasteur découvrait les lois de la dyssymétrie moléculaire et fondait une science nouvelle de la stéreo-chimie. C'est de ces premières recherches cristallographiques que sont découlés tous ses travaux ultérieurs par un lien logique, inflexible. Il démontre que les fermentations sont non pas une œuvre de mort, comme on le croyait, mais une œuvre de vie: elles sont dues à un être vivant et à chaque fermentation correspond un ferment particulier. Il solutionne la question des générations spontanées qui depuis 2000 ans était insoluble; les substances organiques les plus putrescibles restent inaltérées, si elles sont à l'abri des poussières de l'air.

Ce sont les poussières qui contiennent des microorganismes et tout microorganisme provient d'autres semblables: les générations spontanées sont une chimère.

Continuant l'étude des fermentations, Pasteur montre que les altérations des vins sont dues à des microorganismes. Il découvre que le vin se transforme en vinaigre à cause du développement d'une petite plante appelée mycoderme.

Le prof. Pasteur Vallery-Radot après avoir projeté des photographies permettant de suivre toutes ces découvertes de Pasteur, qui eurent une importance capitale pour l'industrie, explique comment Pasteur amené à étudier une maladie qui sévissait sur les vers à soie, il en trouva la cause et le remède. Pour la première fois était expliquée scientifiquement l'hérédité et la contagion dans une maladie.

Après la guerre de 1870, Pasteur s'occupa des altérations de la bière et montra comment on pouvait fabriquer une bière exempte d'impuretés en utilisant une levûre non seuillée.

C'est à cette époque en 1873 que Pasteur reçut de l'Empereur d. Pedro II la cravate de commandeur de l'Ordre de la Rose. Il écrit au ministre du Brésil à Paris: "Je me féliciterai toujours d'avoir reçu un témoignage d'estime d'un souverain qui pendant son séjour en France a fait preuve d'une si haute intelligence et d'un sentiment si éclairé des sciences et de leurs progrès sur la prospérité des empires".

La première lettre de d. Pedro à Pasteur est du 11 **Septembre 1880.**

Le prof. Pasteur Vallery-Radot raconte comment entre 1873 et 1880 Pasteur a démontré l'étiologie microbienne du Charbon, maladie qui sévissait dans les troupeaux; a trouvé le microbe du furoncle et de l'ostéomyélite, celui de l'infection puerpérale.

D. Pedro en 1880 envoie à Pasteur un professeur de l'Ecole de Médecine de Paris avec la charge de suivre les directrices de Pasteur pour venir ensuite à Rio étudier la fièvre jaune suivant les nouvelles méthodes.

En 1882, D. Pedro écrit à Pasteur en lui disant qu'il espère que Pasteur trouvera le vaccin de la fièvre jaune.

En 1884, Pasteur qui est en pleins travaux sur la rage écrit cette lettre à l'Empereur.

Paris, le 22 Septembre 1884.

Sire,

Le baron d'Itajubá, chargé d'affaires du Brésil, m'a fait parvenir la lettre que votre Majesté a bien voulu m'écrire à la date de 21 août dernier. L'Académie a accueilli avec des marques d'universelle sympathie le témoignage que vous avez accordé à la mémoire de notre illustre confrère M. Dumas. Elle ne sera pas moins sensible aux paroles de regret que vous me priez de lui transmettre au sujet de la mort si prématurée de M. Wurtz.

Votre Majesté a la bonté de me parler de mes études sur la rage. Elles sont assez avancées et je les poursuis sans interruption. Cependant j'estime qu'il faudra encore près de deux années pour les amener à bonne fin, c'est-à-dire, pour que je sois en mesure de proposer aux pouvoirs publics l'application pratique de mes résultats...

Il faut donc arriver à la prophylaxie de la rage après morsure.

Je n'ai rien osé tenter jusqu'ici sur l'homme, malgré ma confiance dans le résultat et malgré les occasions nombreuses

qui m'ont été offerts depuis ma dernière lecture à l'Académie des Sciences. Je crains trop qu'un échec ne vienne compromettre l'avenir. Je veux réunir d'abord une foule de succès sur les animaux. A cet égard, les choses marchent bien. J'ai déjà plusieurs exemples de chiens rendus réfractaires après morsures rabiques. Je prends deux chiens, je les fais mordre par un chien enragé. Je vaccine l'un et laisse l'autre sans traitement. Celui-ci meurt de rage; le vacciné résiste. Mais alors même que j'aurais multiplié les exemples de prophylaxie de la rage chez les chiens, il me semble que la main me tremblera quand il faudra passer à l'espèce humaine.

C'est ici que pourrait intervenir très utilement la haute et puissante initiative d'un chef d'Etat pour le plus grand bien de l'humanité. Si j'étais Roi ou Empereur ou même Président de République, voici comment j'exercerais le droit de grâce sur les condamnés à mort. J'offrirais à l'avocat du condamné, la veille de l'exécution de ce dernier, de choisir entre une mort imminente et une expérience qui consisterait dans des inoculations préventives de la rage pour amener la constitution du sujet à être réfractaire à la rage. Moyennant ces épreuves, la vie du condamné serait sauvée. Au cas où elle serait, — et j'ai la persuasion qu'elle le serait en effet, — pour garantie vis-à-vis de la société qui a condamné le criminel, on le soumettrait à une surveillance à vie. Tous les condamnés accepteraient. Le condamné à mort n'appréhende que la mort.

Ceci m'amène au choléra dont Votre Majesté a également la bonté de m'entretenir. Ni les docteurs Strauss et Roux, ni le Dr. Koch n'ont réussi à donner le choléra à des animaux et dès lors une grande incertitude régnait au sujet du bacille auquel le Dr. Koch rapporte la cause du choléra. On devrait pouvoir essayer de communiquer le choléra à des condamnés à mort en leur faisant ingérer des cultures du bacille. Dès que la maladie serait déclarée, on éprouverait des remèdes qui sont conseillés comme étant les plus efficaces en apparence.

J'attache tant d'importance à ces mesures que si Votre Magesté partageait mes vues, malgré mon âge et mon état de santé, je me rendrais volontiers à Rio-de-Janeiro, pour me livrer à de telles études de prophylaxie de la rage ou de contagion du choléra et des remèdes à lui appliquer.

Je suis, avec un profond respect, de Votre Magesté le très humble et très obéissant serviteur."

L'Empereur répond à Pasteur en l'invitant à venir à Rio et il le presse de nouveau d'étudier la fièvre jaune.

Pasteur, entraîné par ses recherches sur la rage, ne put quitter Paris: mais il est à noter qu'en 1881 il avait essayé d'étudier la fièvre jaune en allant à Bordeaux pour attendre des malades venant du Sénégal atteints de cette maladie; malheureusement il ne put observer aucun cas de fièvre jaune: les malades qui arrivaient d'Afrique étaient tous morts ou convalescents.

Le prof. Pasteur Vallery-Radot, toujours à l'aide de projections retrace les diverses étapes qui amenèrent Pasteur entre 1880 et 1889 à trouver l'atténuation du virus, c'est à dire, la vaccination contre les maladies infectieuses, en se servant du propre microbe de la maladie et en atténuant par le vieillissement à l'air; comment il trouve aussi le vaccin du choléra des poules, du rouget, du charbon, et comment par des procédés d'experimentation extraordinaire il put, sans connaître le microbe de la rage qui est invisible, découvrir le vaccin de cette maladie, qui fut dès 1889 applicable à l'homme.

Lorsque l'Institut Pasteur de Paris fut créé. D. Pedro fut un des premiers souscripteurs. Et à Rio fut fondé un des premiers Instituts Pasteur.

Jusqu'à la fin de sa vie D. Pedro resta en rapport avec Pasteur et s'intéressa au développement de l'œuvre pasteurienne.

Le prof. Pasteur Vallery-Radot lit un autographe dont il vient ce jour-ci de recevoir la copie:

"Mme. la Baronne d'Itajubá me fait beaucoup d'honneur en désirant ajouter mon nom à la collection d'autographes. Un membre de l'Académie des Sciences, pour répondre au vœu exprimé par la femme d'un ministre du Brésil, ne saurait avoir d'autre première pensée que celle de rappeler l'admiration et la reconnaissance de savants français pour l'Empereur dom Pedro d'Alcantara.—*L. Pasteur*. Paris, 16 Janvier 1889."

D. Pedro avait été élu membre associé de l'Académie des Sciences de Paris. En 1886 il avait nommé Pasteur grand croix de l'Ordre de la Rose.

Le prof. Pasteur Vallery-Radot se souvient que Pasteur, de toutes ces décorations, aimait tout particulièrement celle de la Légion d'Honneur et celle du Brésil et il montrait celle-ci avec joie à ses admirateurs." (*Prolongados applausos*.)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO, ao levantar a sessão, reiterando vivos applausos ao dr. Pasteur Vallery-Radot, pediu venia para lhe offerecer, como lembrança da memoravel re-

união, duas medalhas, uma de prata, outra de bronze, representando a effigie de d. Pedro II e a sua estatua em Petropolis, medalhas cunhadas em Pariz, quando se inaugurou o monumento, Fevereiro de 1911. A estatua é de Jean Magrou, illustre escultor, e a medalha de Szirmaf, não menos illustre gravador. Comprovam ambos os trabalhos que tão primorosa e benemerita como a sciencia franceza é a arte franceza. Merecem, pois, figurar entre os objectos do grande amigo do imperador, Luis Pasteur, e pertencentes a seu dignissimo herdeiro, que acabara de encantar o INSTITUTO, captivando-lhe o reconhecimento.

Muitas palmas fôram dadas ás últimas palavras do sr. conde de Affonso Celso.

Além do sr. conde de Affonso Celso que presidiu ao acto, sentaram-se á mesa as sras. baroneza de Loreto, Jeronyma Mesquita, Wanderley Pinho e dr. B. F. Ramiz Galvão.

ANNEXOS

LETTRE DE PASTEUR À MR. LE MINISTRE DU BRÉSIL À PARIS

Monsieur le Ministre,

A' mon retour d'un séjour à la campagne, je trouve votre lettre du 31 Mars (1873) m'informant que Sa Majesté l'Empereur du Brésil, votre auguste Souverain, a daigné me nommer commandeur de son Ordre de la Rose.

Je m'empresse de vous accuser réception de votre lettre et du diplôme qui l'accompagne, en vous priant de vouloir bien transmettre à S. M. l'Empereur l'expression de ma profonde gratitude.

L'honneur que j'ai eu de voir S. M. et de m'entretenir quelques instants avec Elle dans mon laboratoire marquera dans mes souvenirs et je me féliciterai toujours d'avoir reçu un temoignage d'estime d'un souverain qui pendant son séjour en France a fait preuve d'une si haute intelligence et d'un sentiment si éclairé de l'influence des sciences et de leur progrès sur la prospérité des empires.

Veuillez agréer, M. le M., l'hommage de mon respect.

Pasteur.

LETTRE DE DOM PEDRO D'ALCANTARA, EMPEREUR DU BRÉSIL, À
PASTEUR

M.

Vous connaissez le Dr. Ford, professeur libre de l'Ecole de Paris, mieux que moi; mais il m'a demandé une lettre pour vous et je ne vous l'écris qu'en comptant sur la manière dont vous m'avez reçu dans votre cabinet de travail. Le Dr. Fort espère retourner à Rio l'année prochaine et il veut étudier la fièvre jaune dans la voie que vous conduit à tant de découvertes si utiles à l'humanité.

Je viens de lire encore votre communication du 9 Août à l'Académie des Sciences et vous prie de m'entretenir quelquefois de vos recherches sur les infections et la théorie des ferments, si cela vous est agréable. Je n'allègue que mon amour pour la science et les bons rapports que j'ai pu avoir avec vous à Paris.

Le cours de l'anatomie du système nerveux fait par le Dr. Fort m'a beaucoup intéressé. Son talent et sa longue pratique font comprendre avec la plus grande facilité.

Je vous prie de croire à la sincérité des sentiments de votre bien affectionné.

D. Pedro d'Alcantara.

Rio, 11 Septembre 1880.

LETTRE DE DOM PEDRO D'ALCANTARA, EMPEREUR DU BRÉSIL, À
PASTEUR

Le Dr. Lima Castro un des admirateurs de vos travaux et qui vient d'être nommé professeur suppléant à l'Ecole de Médecine de Rio, jeune homme de beaucoup de talent m'a prié de vous remettre sa thèse de concours.

J'ai lu il y a peu de jours votre discours de réception à l'Académie et je vous en félicite. Vous vous y êtes montré croyant comme tous ceux qui savent expérimenter (ce qui est bien différent d'observer, comme vous m'avez fait distinguer avec tant de justesse) et vous avez brillamment reconnu ce que notre raison ne peut qu'admettre, aidée par le sentiment, quoiqu'elle ne sache l'expliquer, ainsi que bien d'autres faits.

Je regrette fort que vous n'eussiez pu venir dans mon pays, mais même sans sortir de votre pays vous pourrez nous donner le vaccin de la fièvre jaune.

Je vous prie de me faire part le plus tôt possible de tous vos travaux et de croire toujours à l'intérêt avec lequel j'ai pu voir quoique trop rapidement comme vous expérimentiez à l'Ecole Normale supérieure.

Votre bien affectionné.

D. Pedro d'Alcantara.

Rio, 8 Juin, 1882.

LETTRE DE DOM PEDRO D'ALCANTARA, EMPEREUR DU BRÉSIL, À
PASTEUR

Votre lettre du 22 septembre semble avoir presque répondu aussi à la mienne que vous remettra M. G.

Les renseignements que vous m'y donnez sur vos beaux travaux sont des plus intéressants, et je regrette sincèrement d'être forcé à vous faire ces réflexions sur ce qui vous engagerait à venir à Rio, où j'espère du reste avoir le bonheur de vous recevoir avec mon enthousiasme pour la science et toute l'estime que je vous consacre.

Vous devez savoir peut être que depuis quelques années dans mon pays la peine de mort est modérée par le souverain ou son exécution est suspendue indéfiniment. Si le vaccin de la rage n'est pas d'un effet incontestable, qui préférera une mort douloureuse à celle qui serait presque irréalisable ? Même dans le cas contraire qui pourrait consentir à un suicide possible sinon probable ?

Etant prouvé que l'effet est indubitable ou trouvera facilement qui se prête à confirmer ce résultat sur l'homme.

Je pense que ces motifs seront acceptés par vous qui n'hésitez pas à rendre un service bien plus grand sans doute à l'humanité en venant à Rio dire le dernier mot sur le vaccin de la fièvre jaune. La constatation de son effet sur l'homme n'a pas la même gravité que pour l'autre vaccin et le nombre de vies préservées sera infiniment plus considérable.

Je vous prie de compter toujours sur les sentiments de votre bien affectionné.

D. Pedro d'Alcantara.

Rio, 19 Octobre, 1884.

LETTRE DE DOM PEDRO D'ALCANTARA, EMPEREUR DU BRÉSIL, À
PASTEUR

Le directeur de l'Ecole des Mines à Ouro-Preto qui va en congé vous dira mieux que cette lettre tout l'intérêt que je prends à vos travaux en regrettant que ma position ne me permette de les suivre dans votre laboratoire.

M. le Dr. Ferreira dos Santos, qui vous a porté une de mes lettres et qui a travaillé dans votre laboratoire vient d'en installer un à l'Ecole de Médecine de Rio pour l'étude des microbes si intéressante pour mon pays qui pourra vous devoir la vie d'un grand nombre de ses habitants, si vous venez à Rio et y prononcez votre opinion sur les études que l'on y aura faites sur la fièvre jaune.

Vous y trouverez des cultures faites avec le plus grand soin pour l'examen de cette question et même si nous ne pouvions vous être reconnaissants de la découverte du vaccin de cette maladie, votre visite à mon pays sera un événement qui aura la plus grande influence sur le progrès scientifique au Brésil. Mes sentiments pour vous et mon amour à la science vous sont bien connus, et je me fais déjà une fête de vous accueillir ici comme vous le méritez en ne faisant qu'accompagner tout mon pays.

Croyez à la profonde estime de

Votre bien affectionné.

D. Pedro d'Alcantara.

Rio, 14 Octobre 1884

LETTRE DE DOM PEDRO D'ALCANTARA, EMPEREUR DU BRÉSIL, À
PASTEUR

Votre aimable lettre du 23 Février m'a causé un vil chagrin pour l'espoir presque définitivement perdu du grand bénéfice que j'attendais pour mon pays de votre voyage pour y constater le vaccin de la fièvre jaune.

Rio de Janeiro, aux mois d'hiver qui approchent, présente d'excellentes conditions de salubrité et la température est fort agréable. La traversée est courte. Vous pourriez la faire avec toutes les commodités désirables. Vos études si importantes d'ailleurs sur la rage ne seraient abandonnées que pour peu de temps et le service rendu à l'humanité, en la préservant

de la fièvre jaune, serait du moins aussi grand. Enfin si je vous exprime encore un des mes souhaits-les plus ardents vous y trouverez également le plus haut témoignage de mon estime pour le savant et pour l'homme.

Je vous prie de compter toujours sur les sentiments de

Votre bien affectionné,

D. Pedro d'Alcantara.

Petropolis, 19 Mars 1885

PRÉSENTATION, AU NOM DE S. M. DOM PEDRO, D'UNE
COLLECTION DE PHOTOGRAPHIES ET D'UNE NOTE
RÉLATIVE A LA STATISTIQUE DU TRAITEMENT DE
LA RAGE AU BRÉSIL

Je suis chargé par S. M. l'Empereur du Brésil de déposer sur le Bureau de l'Académie une suite de 12 photographies d'une très belle exécution, représentant l'établissement antirabique que l'Empereur a fait construire à Rio de Janeiro, sous le nom d'Institut Pasteur.

La vue des laboratoires, de leurs annexes, de la salle des inoculations, du chénil, de la lapinerie, du four crématoire pour les animaux, de l'installation du Directeur au milieu d'un beau jardin aux plantes tropicales, ferait envie a beaucoup de savants d'Europe.

Tout ceci témoigne, une fois de plus, de la protection éclairée que S. Majesté accorde à la Science et à ses applications.

J'ai l'honneur de présenter également, de la part de S. M. dom Pedro, la statistique du traitement de la rage dans l'établissement dont il s'agit, depuis le 9 février 1888, jour de sa prise de possession, jusqu'au 2 octobre dernier.

Sur un total de 149 personnes mordues, qui sont présentées à l'Institut de Rio, 69 seulement ont été retenues au traitement, parce que toutes les autres, pour raisons diverses, notamment parce que les chiens mordeurs n'étaient pas enragés, n'ont pas eu à subir les inoculations préventives.

Sur les 69 mordues par des chiens reconnues enragés, 1 a succombé à la rage dans le cours du traitement. C'était un enfant gravement mordu au front, qui a été pris de rage le 23^e jour après sa morsure. "Le traitement est resté incom-

plet à cause de la court durée de l'incubation de la maladie et aussi parce que l'enfant n'a pas été présenté à l'Institut 10 fois en 23 jours. Ce cas ne doit pas être compté dans la statistique".

Trois autres enfants, ajoute la statistique envoyée par S. Majesté, qui avaient reçu des morsures multiples par le même chien, mais ont subi le traitement complet, sont restés bien portants. A la date du 2 octobre dernier, l'accident remontait déjà à cinq mois et demi.

L'Institut antirabique de Rio de Janeiro est dirigé par le Dr. Ferreira dos Santos, qui n'est pas resté moins d'une année à étudier à Paris la méthode de prophylaxie de la rage, avec un zèle et une assiduité auxquels je me plais à rendre hommage et qui comptent sans nul doute pour beaucoup dans le succès remarquable de ses traitements antirabiques.

LETTRE DE DOM PEDRO D'ALCANTARA, EMPEREUR DU BRÉSIL, À
PASTEUR

Je vous recommande M. Eduardo de M....., adjoint à l'École de Médecine, cousin de mon médecin le Vicomte M..... M..... et marié à une nièce de celui-ci. Il va à Paris étudier les affections nerveuses et je ne puis mieux le recommander qu'à vous.

Comptant vous revoir à Paris, je suis sûr que vous me communiquerez le plus tôt possible vos travaux.

Votre confrère affectionné.—*D. Pedro d'Alcantara.*

Cannes, 24 Décembre 1887.

LETTRE DE DOM PEDRO D'ALCANTARA, EMPEREUR DU BRÉSIL, À
PASTEUR

Je vous envoie la dernière statistique de l'Institut Pasteur de Rio et vous prie de la communiquer à notre Académie.

Il y a longtemps que je ne reçois de vos lettres toujours si intéressantes pour.

Votre confrère bien affectionné.—*D. Pedro d'Alcantara,*

Tijuca (près Rio) 26 7bre. 1889.

LETTRE DE DOM PEDRO D'ALCANTARA, EMPEREUR DU BRÉSIL, À
PASTEUR

Je vous ai expédié un télégramme en vous priant de remettre un des flacons, ou la quantité possible, de la lymphe reçue de Koch comme vaccin contre la phtisique à M. Eduardo Prado, 3 rue Casimir Périer.

Il se chargera de la remettre à Rio.

Vous devez croire à la satisfaction que j'éprouve à être l'intermédiaire avec votre coopération mieux encore que directement dans mon pays aux bénéfices rendus par la science à l'humanité.

Si je ne vous écris pas souvent c'est pour ne pas vous distraire de vos travaux si utiles, n'ayant du reste besoin de vous témoigner de l'estime que vous porte.

Votre affectionné confrère. — *D. Pedro d'Alcantara.*

Cannes, 24 9bre 1890.

ANNEXO

Graças á obsequiosidade do dr. Miguel Arrojado Lisbôa, obteve o INSTITUTO cópias das cartas que se seguem, dirigidas pelo imperador d. Pedro II ao professor Henri Gorceix e referentes a Pasteur.

O professor Henri Gorceix foi o primeiro director da Eschola de Minas de Ouro Preto, fundada a 6 de Novembro de 1875, e durante muitos annos a dirigiu.

As cartas de que se tracta pertencem aos archivos da familia Gorceix, e foi um filho do mesmo quem lhes transmittiu o texto ao dr. Arrojado Lisbôa.

Fazem parte de um trabalho que deve apparecer brevemente na *Revue des Deux Mondes*.

CARTA DIRIGIDA A HENRI GORCEIX (ARCHIVO DA FAMILIA)

Monsieur.

Je n'ai reçu qu'hier votre lettre du 19 mai.

Depuis mon départ de Rio, je me suis imposé la règle de ne pas influencer de quelque manière que ce soit sur les affaires publiques au Brésil; cependant je vous donnerai mon opinion sur ce que vous m'avez écrit, seulement dans la qualité d'homme qui aime à s'occuper de matières scientifiques autant que lui permet ma position si pleine d'autres soins.

Une école préparatoire comme vous le proposez ne peut que rendre de services à ma patrie et surtout à la province de Minas; mais, ainsi que vous le dites, cette mesure ne sera que l'exigence des circonstances, qui, je l'espère, ne dureront pas longtemps. Il ne faut admettre ces exceptions à un véritable système d'enseignement que forcé par les motifs qui vous y ont engagé. Donc vous devez employer tous les moyens de commencer d'une manière régulière.

Vous savez le cas que je fais du mérite de M. Gobert. Je connais la position exceptionnelle où il se trouve par rapport à l'Ecole polytechnique; le cours qu'il a commencé promettait d'être fort utile au développement de certaines connaissances au Brésil, et je vous prie d'y songer dans votre très juste empressement de l'avoir pour votre École.

Le temps dont je profite pendant ce voyage pour me rendre utile à mon pays ne me permet pas d'être plus long, et du reste je crains de faillir à la règle d'abstention dont je vous ai parlé.

En faisant des vœux pour la réussite de votre École et étant sûr de votre zèle si éclairé, je vous prie de compter toujours, pourvu que je n'oublie mon propos qui je crois sera toujours ferme, sur mon encouragement et l'affection de votre bien attaché, *Don Pedro d'Alcantara*.

Gastein, 7 Août 1876.

Le contrat de M. Boves est déjà signé, je le pense, d'après ce que m'a dit M. d'Itajubá."

Rio, 31 Janvier 1885 — Monsieur.

Votre lettre pleine d'intérêt ne peut avoir de réponse que brièvement.

Elle m'est parvenue un samedi et vous savez comme ce jour est affairé pour moi.

J'espère que vous convaincrez la famille Pasteur de venir ici. J'ai touché dans ma dernière lettre à vous le point financier toujours si délicat. Je compte que Pasteur en parlera avec la plus grande franchise et à temps pour demander aux Chambres, qui s'ouvrent le 1^{er} mars, l'autorisation nécessaire. Il m'étonnerait fort si l'on ne trouvait tout empressément de la part du Corps législatif.

J'attache également une grande importance au voyage du Père David. J'ai causé déjà cette matinée avec les Ministres sur l'envoi d'informations et ce que vous dites de la chaire de biologie dont on reconnaît ici toute le portée.

J'espère que vous continuerez à m'écrire longuement pendant votre absence, qui je suis sûr ne sera pas très prolongée.

Adieu! Bien de souvenirs à tous ceux qui se montrent bienveillants pour moi, en les assurant de mon amour chaque jour plus vif pour le progrès des sciences, auquel je regrette profondément de ne pouvoir contribuer qu'indirectement.

J'attends le Centenaire de Chevreuil pour exprimer au doyen des étudiants de France toute mon estime affectueuse.

Il faut finir.

Votre tout affectionné, *D. Pedro d'Alcantara.*

"Pétropolis, 7 Janvier 1885. — Monsieur. — Vos lettres du 18 novembre et du 4 décembre m'ont beaucoup intéressé.

J'attends la réponse de Pasteur à la lettre que je lui ai écrite après votre départ et je ferais tout mon possible pour qu'il vienne. Je crains toujours de toucher personnellement à la question économique, et j'espère que Pasteur s'entendra là-dessus avec la légation brésilienne.

J'ai dit à mon petit-fils Pedro de vous répondre à la lettre que vous lui avez adressée le 4 décembre. Je vous prie de remercier la Société de Minéralogie de la nomination probable de Pedro comme membre effectif. Il ne peut à présent que s'occuper des études de son cours du Génie, mais s'il se trouve à même de suivre également le cours de sciences naturelles, la lecture des publications de la Société de Minéralogie pourra lui être utile opportunément.

J'espère que vous serez tout à fait remis du mauvais état de votre santé et que j'aurai bientôt le plaisir de vous revoir. Renseignez-moi toujours de ce que l'on aura fait au

sujet des minéraux du Brésil. L'étude des monazites sera d'une grande importance pour la science.

Le nom de M. Radaud m'est beaucoup connu par la lecture de la *Revue des Deux Mondes* et le livre sur les découvertes de Pasteur.

Bien de souvenirs à tous ceux qui se souviennent de moi, et croyez toujours à la sincérité des sentiments de votre affectionné. — *D. Pedro d'Alcantara.*

"Pétropolis, 19 de Février 1865.—Monsieur.—Je suis toujours dans l'anxieuse attente d'une réponse définitive de Pasteur. La bonne saison de venir à Rio approche. Je n'ai pas écrit une autre fois à Pasteur, car je suis sûr qu'il me répondra sur mon invitation, surtout après les entretiens que vous avez eu avec lui.

J'ai été dernièrement au Muséum. La collection zoologique de Herbert Smith faite à Matto-Grosso aurait ravi le Père David. Je ne sais pourquoi l'on craint tant de venir ramasser tant de précieuses scientifiques au Brésil.

Heureusement je vous compte d'une manière définitive comme un grand promoteur de la science dans mon pays. Votre tout affectionné. — *D. Pedro d'Alcantara.*

(SESSÃO 1550ª) — 8ª ORDINARIA REALIZADA AOS
4 DE OUTUBRO DE 1929

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(*Présidente perpétuo*)

(Conferencia do Sr. J. P. Calogeras)

A's 17 horas, abre-se a sessão com a presença dos senhores conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, Augusto Tavares de Lyra, José Maria Moreira Guimarães, Justo Jansen Ferreira, João Pandiá Calogeras, Solidonio Leite, Alfredo Valladão, Eugenio Vilhena de Moraes, Helio Lobo, Liberato Bittencourt e Emilio Fernandes de Sousa Docca.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º secretário) lê a acta da sessão anterior, que é, sem debate, aprovada. Egalement procede

á leitura das *Ephemérides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, na parte em que se referem á data da sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que, occorrendo neste dia o quinquagesimo anniversario da morte do general Osorio, vai recordar a gloriosa carreira do *legendario*, como a voz popular o acclamara, o sr. J. P. Calogeras, que assim junctará mais um serviço aos muitos e mui valiosos já prestados ao INSTITUTO.

Perfeitamente versado nos negocios militares, como tambem o era nos da fazenda, agricultura, indústriã e commércio, cujas pastas ministeriaes occupara do modo mais digno, e nos diplomaticos, de que estava publicando notaveis trabalhos, o sr. Calogeras tractará, sem dúvida, do assumpto de maneira a merecer os mais calorosos applausos alcançados nas outras vezes, em que abrilhantara a tribuna, á qual é convidado a subir. (*Prolongados applausos.*)

O SR. CALOGERAS, da tribuna, profere a seguinte confidência:

"A 4 de Outubro de 1879, faz hoje precisamente meio seculo, morria no Rio de Janeiro um dos idolos das multidões nacionaes.

Em sua casa senhoril da rua do Riachuelo numero 117, que a evolução dos bairros da Capital permittiu sossobrasse na sordida miseria de lobrega casa de commodos, cessou a faina mortal de Manuel Luis Osorio, tenente-general do Exército brasileiro, grande do Imperio, barão, visconde e Marquez do Herval, gran-cruz de todas as ordens, senador e ministro da Guerra.

E em tórno de seus restos embalsamados, no Arsenal de Guerra, no Asylo dos Invalidos da Patria e na Cruz dos Militares, desfilava a população toda da velha Corte, acabrunhada e saudosa, ao morto prestando respeitosa e compungida homenagem, egual sómente ao delirio com que o heróe fôra recebido em 1877, quando, eleito e escolhido para o Senado, a 28 de Abril desembarcara no Rio.

Tão grande, tão avassalador seu prestigio sôbre as massas, que titulos e honrarias mal se lhe adaptavam, a elle que a todas essas mesquinhezas sociaes se mostrava sobranceiro e superior...

No Exército, quando apparecia na frente da batalha, possante cavalleiro de attitudes equilibradas, elegante e agil, a ponto de não deixar transparecer exfôrço nem energia, não se relembravam os titulos. "Ahi yem o general — diziam os

soldados"; "nosso Osorio", repetiam seus commandados de toda gradação, como si para elles não existisse outro chefe.

A nota dominante era immensa admiração, illimitado affecto, dedicação sem rival, obediencia indiscutida. Nelle se reviam os mais celebres batalhadores, os campeões mais audazes. Bem sabiam que os mais sublimados se lhe sotopunham; a nenhum guerrilheiro, inferior.

Era um conductor de guerreiros, um chefe de tropas de choque, companheiro e modelo. Sua visão tactica no combate só encontrava parelha na decisão e na inaudita coragem, com que commandava e ia á frente dos executores de suas ordens fulmineas.

Dentro em breve se tornou personagem de lenda. Quando, em Avahi, mal ferido no rosto por balazio que lhe deformou o semblante e por todo o resto da vida o fez soffrer, a impressão da tropa, que tanto lhe queria, offerecia um mixto de dor e de surpresa: Osorio fôra ferido... elle, o invulneravel, que as balas respeitavam e que ignorava todos os perigos!... Então, era inexacto o dizer que, juncto aos fogos de bivaque, as praças repetiam: ao voltar do entrevêro, caíam-lhe das dóbras do poncho as balas que não haviam ousado molesta-lo?!...

E, ainda alli, para não provocar o dorido desalento dos seus batalhões, fez seu carro, vazio de passageiro, mas escoltado de piquete e precedido de batedores, acompanhar as phalanges que Floriano e Cunha Junior guiavam para o triumpho.

Elle, entretanto, rosto banhado em sangue, ainda montado, tivera a energia de occultar o terrivel golpe nas voltas da pala, e passando a galope na frente da peleja, animar a seus soldados, gritando-lhes (Carreguem, camaradas!... Acabem com esse resto"!... E, estoicamente, foi tractar-se em sua barraca...

Evidenciou-se o maior tactico da guerra do Paraguai, onde tantos houve de fulgente fama, assim como Caxias se revelou o grande estrategista da campanha.

Este symbolizava o elemento patricio do Exército. Nelle se resumiam os dias difficeis da fundação do Imperio, e dos embates tragicos a bem da unidade nacional. Era elle o soldado do Brasil uno e imperial. Sempre victorioso, concentrava em si o exfôrço indefesso e sem tréguas das gerações todas da Independencia, do Primeiro Reinado, das Regencias, e do cyclo de d. Pedro II. Heroico, como o demonstrou notadamente em Itororó, generoso e vidente, amando a tropa, e della comprehendido e admirado, não lhe era tão intimamente ligado

quanto o gaúcho de Conceição do Arroio, para com o qual o Exército sentia afinidades mais fundas.

Ambos, ídolos de seus soldados. Mas Osório, plebeu e vindo da fileira, mais próximo estava da mentalidade e da psychologia da gente armada, essencialmente igualitaria, democrata e *frondeuse*. Enquanto o duque da Victória se manifestava mais distante e condescendente, com um matiz de superioridade de origem e de formação technica, no Marquez do Herval povoavam á consciencia e ao coração os mesmos sentimentos, anhelos e ideaes, que inspiravam a vida e a alma das populações guerreiras do Brasil.

Tornou-se o remodelador e o chefe do partido liberal do Rio Grande do Sul; era mesmo ouvido, no Rio, pelos maiores desse agrupamento partidario. E, entretanto, não era um homem de Estado: as posições politicas, para as quaes não sentia pendor, e antes manifestava, com insistencia, antipathia e dissidio, vieram-lhe como consequencia da immensa popularidade e do enthusiastico prestigio grangeados pelo soldado.

Além de que, a differencia-lo de Caxias, desde cedo revelou, como seus comprovincianos, sympathias republicanas, a que não obedeceu por estar convicto de que era prematura qualquer realisação nesse rumo, sem que perigasse a unidade conquistada e mantida pela monarchia. Nisso, ainda, bem traduziu Osório a experiencia de sua longa vida em contacto com os povos do Rio da Prata.

A seu grande coração, aberto a todas as dedicações e ao mais completo altruismo, repugnaria também dissentir e separar-se daquelles com quem havia cooperado durante decennios, a bem do Imperio e da Unidade. E por isto resistiu a todos os appellos, que o queriam alliciar para chefe de uma cruzada contra as instituições de 1822.

Brasileiro acima de tudo, nos negocios provinciaes adoptaria as normas mais amplas e mais liberaes compatíveis com a solidariedade de todas as regiões de nossa terra. Quando chamado ao Senado e aos conselhos do partido ou ás fainas governativas, inspirou sua acção nos mesmos principios, e, nessas tarefas para elle tão novas, trouxe o contingente de seus ideaes, de seu conhecimento dos homens, de sua convicção de que a práctica mais importava do que a abstracção theorica, de sua energia e de seu impolluto descaso por tudo quanto fôsse alheio ao serviço público, de seu despreendimento pelo interesse proprio, de sua illimitada devoção ao bem commum. Ao do Exército, em primeira linha.

Bem comprehensivel semelhante orientação.

Osorio compendiava em si a experiencia práctica, vivida, de toda a evolução militar do Brasil, desde a éra colonial.

Assentára praça em 1823, contra a vontade propria, e por obediencia a seu pae, o coronel Manuel Luis da Silva Borges. A 1 de Maio, alistou-se na cavallaria da Legião de São Paulo, em Montevidéo, fallando 10 dias para completar seus quinze annos, e tendo obtido do general Lecór, visconde da Laguna, a devida dispensa de idade, pois o limite era precisamente de 15 annos.

Desde então começou a *pelear*. E logo se revelaram os dotes militares e as virtudes civicas e os meritos privados, que ostentaria durante toda sua existencia, quer nos campos de batalha, quer na vida civil.

Em Sarandi, a 12 de Outubro de 1825, recebeu o baptismo de fogo. Do esquadrão a que pertencia, só escaparam nove praças e o alferes Osorio. Ainda achou meio, nessa retirada, de salvar as vidas do coronel Bento Manuel Ribeiro e de seu irmão José, formando uma guerrilha para impedir que os perseguidores atacassem seu chefe, paralyzado pela quêda do cavallo em que montava. Corre que, em agradecimento, Bento Manuel dissera após o combate: "Vem salvo o alferes Osorio. Si ahi vem, hei de deixar-lhe a minha lança quando eu morrer, porque elle a levará onde eu a levo".

O official a quem tal elogio era endereçado, e partindo de tal chefe, pouco mais teria do que dezesepte annos!...

Assistiu á batalha do Passo do Rosario e, ainda, no proseguimento da campanha, a pequenos recontros sem importancia maior, em todos patenteando seu valor militar. De tal modo se aveio, que até seus adversarios uruguaioes começaram a ter-lhe sympathia e respeito. Iniciaram-se, desde essa hora, a popularidade e a admiração que, nas Repúblicas platinas, sempre sustentaram a Osorio, mesmo quando alli mais forte ia a propaganda contra o Imperio.

Finda a guerra, pelo tractado de 1828, teve o corpo de Osorio a cidade do Rio-Pardo por parada: sua missão era a polficia militar da fronteira.

Esta funcção, mal comprehendida entre nós, tem o mais alto alcance histórico, político e profissional em todos os paizes. E' facto notorio, tanto hoje como em tempos remotos, e em todos os continentes, que em tórno das regiões tidas por civilizadas se fórma um como que debrum de desordens, uma orla de disturbios e de vida fóra da lei, para onde refluem e onde imperam todas as violencias e crimes, todos os elementos que não se sujeitam á disciplina e ao viver legal. Assim foi por toda parte e em todas as épochas.

Essa foi a história de todas as civilizações: firmadas e estabelecidas nas zonas centraes pacificadas; em avanço e

luctas na peripheria dessas, em busca de novos territorios por conquistar. Ao contrário de certos phenomenos physicos, o centro está calmo, enquanto as bordas se manifestam incandescentes.

Tal é o resumo da história das expansões territoriaes, mesmo sem levar em conta o impulso avassallador das raças preadoras, a certo ponto a confundir-se com a noção de verdades superiores, presumidos apanagios dos invasores.

Sem remontarmos ao grande laboratorio social, que foram as migrações asiaticas e as da bacia do Mediterraneo, não teria sido este o exfôrço dos annaes da *Debateable Land* entre. Escocia e Inglaterra? da posse progressiva da Russia pelos vizinhos tanto de Éste como de Oéste? da occupação das Americas pelos Inglezes e pelos Iberos?

Em dias nossos, mesmo, não será essa narração ininterrupta da pacificação do proprio territorio nosso, nas zonas quasi desertas, ou, pelo menos, abandonadas, de Matto Grosso, do sertão do Rio Doce, do São Francisco em seu curso médio, de Goiaz e dos Estados nordestinos?

O combate perpétuo não é sinão o progresso da ordem sôbre a anarchia, da lei sôbre as paixões primitivas desenfreadas. E' a civilização em marcha.

Nelle se encontram o meio proprio para formar soldados, crear a noção de solidariedade e destemor, intensificar o amor á terra natal e ás garantias de tranquillidade que offerece.

A fronteira rio-grandense quasi começava no Rio Pardo. Dahi á linha discriminadora das soberanias, fixadas em 1828, campeava immensa vastidão êrma de gente, povoada de gados mais ou menos alçados, na qual, á lei da natureza, pullulavam e se multiplicavam as manadas bovinas, tropilhas de cavallos bravios. Vazia de povo, ou quasi, d. Fructuoso Rivera a pudera occupar sem lucta em 1828. Retrocedendo elle para o Quarahim e o Arapehi, em seguida á paz dêsse anno, volvera a intermina região de plainos e de coxilhas a ser um mundo abandonado, á mercê das energias e dos arbitrios de quem quer que possuisse coragem physica e armas para accommetter ou defender-se. Reino exclusivo da fôrça, da prepotencia e da ausencia de escrúpulos.

Nesse mediterraneo e na repressão das incursões devastadores, formaram-se innumeros e destemidos guerrilheiros, entre outros Osorio, já então tenente. A differença entre elle e seus companheiros ou imitadores, além de seus meritos intrinsecos, está em que, enquanto elles ficavam na guerrilha, Osorio se elevou até á noção de guerra.

Nos intervallos de suas expedições fronteiriças, filiou-se Rio-Pardo ao partido liberal constitucionalista, cujos paradigmas eram o senador Vergueiro e Evaristo da Veiga.

Mais do que comprehensível, natural, portanto, é que, ao rebentar a sedição liberal e autonomista de 1835, no Rio Grande do Sul, a ella se filiasse, de corpo e alma, tanto mais quanto Bento Manuel, seu antigo chefe, figurava entre seus adherentes.

Quando Araujo Ribeiro foi nomeado pelo Govêrno imperial para presidir a provincia e encontrou em Bento Manuel o apoio material de que precisava para se manter, Osorio, que já julgava finda a explosão liberal pela substituição das auctoridades reaccionarias, ficou com seu antigo commandante ao lado da legalidade, e nunca mais a esta abandonou, nem mesmo quando aquelle fez defeccão, unindo-se por prazo curto aos revolucionarios, já então republicanos.

Soffreu perseguições das auctoridades ultra-legalistas, pois não sabia o que era odio partidario; sempre fôra generoso e justo, não poupando a culpados, de qualquer campo fôssem estes.

Ao chegar ao Rio Grande, em 1842, o grande soldado do Imperio, que foi Caxias, já Osorio era major e recebêra a condecoração do Cruzeiro. Dentro em pouco, foi distinguido pelo commandante-chefe, que o propoz para tenente-coronel; nessa occasião já havia obtido a cruz de Aviz. Foi quando, em 30 de Setembro de 1844, d. Fructuoso Rivera sempre bifronte, alliado aos *farrapos* e fingindo-se amigo do Govêrno imperial, escreveu ao barão propondo-se a mediar entre os combatentes para assegurar a pacificação. Na mesma occasião em que se offerecia para tal serviço, havia fornecido 600 pôtros para a remonta dos rebeldes, e seu intuito era apenas e tão sómente obter uma trégua, que reforçasse aos revolucionarios.

Ora, tal genero de cooperação não mereceria acatada pelo escrupuloso Caxias; ao mesmo tempo, queria este pacificar a provincia e proteger aos insurrectos. Não queria receber a d. Fructuoso, tendo, porém, que scientifica-lo de que os rebeldes deviam recorrer directamente ao Govêrno central. Para missão tão importante e espinhosa, escolheu a Osorio.

Seguiu este para entrevista em meados de Outubro. Juncto ao caudilho uruguaio, encontrou o major Antonio Vicente da Fontoura, ministro da República do Piratinim, emissario desta, que fôra saber da resposta do barão.

Quiz o enviado legalista aproveitar este ensejo unico de desmascarar a hypocrisia e a duplicidade do improvisado me-

diador, e abrir os olhos aos Rio-grandenses em lucta contra o Imperio.

A's mal disfarçadas investidas de Rivera contra Caxias, respondeu que este não podia acreditar na sinceridade das propostas de quem, a um tempo, fingia condemnar a revolta e a esta fornecia meios para a prolongar.

Emmudeceu o astuto, mas vaidoso, pretendente eterno ao govêrno de Montevidéo, e saiu para recobrar a perdida com-postura. Durante sua ausencia, Osorio explicou a situação verdadeira a Fontoura, a attitudo benevola dos imperiaes para com os republicanos; aponctou para os desejos communs de se fazer a paz; acima de tudo, fe-lo reflectir sôbre a ameaça que já se declinava por parte de Buenos-Aires e de d. Juan Manuel Ortiz de Rosas. Convenceu ao representante gauchó.

Dentro em pouco, entabularam-se as negociações directas de paz no quartel-general de Caxias, indo como emissarios da revolta vencida Fontoura e o padre Francisco das Chagas Martins d'Avila e Sousa. Pairando sôbre todas as manifestações a favor do mutuo entendimento, o perigo que pesava sôbre o Brasil havia reconciliado todos esses bons e leaes patriotas.

Não ficou, das luctas encerradas, nem resquicio de mal querer ou de desconfianças. Todos, junctos no mesmo ideal, caminharam rumo da defesa e do engrandecimento moral da Patria.

A amizade nascida entre os dous grandes cabos de guerra, differentes nas origens, quanto eguaes na sublimidade dos alvos e na nobreza de suas existencias, só se extinguiria com a morte, apesar das intrigas e dos incançaveis esforços estrenuos de quantos tentaram separa-los.

A gratidão da provincia pacificada elegeu a Caxias para o Senado, e a Osorio para a Assembléa local.

Absorviam a este os trabalhos da fronteira e do regimento de cavallaria, o 2º, de que era tenente-coronel. Regimento admiravel de luzimento, valor e patriotismo, para o qual o chefe era um idolo e modélo. Tropa de escól entre todas. Como distincção suprema, coube-lhe escoltar sua majestade d. Pedro II, em sua visita ao Rio-Grande em 1845-46.

A' legislatura provincial não compareceu, tão prementes eram os cuidados de suas responsabilidades militares. Mas iam muito acima destas últimas os prestimos do official. De sua habilidade em convencer aos revoltosos, ficara a fama de finura e geito. Ora, por 1847, corriam boatos alarmantes sôbre os intuitos dos povos platinos quanto ao Imperio, e era mistér desvendar a verdade.

Para comissão dessa ordem, demandavam-se tacto e coragem, pois se tractava de sondar a opinião inimiga no proprio territorio, onde ella imperava. Mais uma vez, a escolha recaiu sobre Osorio.

Tão bem se desempenhou della, que, ao voltar e após a entrega de seu relato, recebeu novo encargo semelhante: seguir para a República do Uruguai e averiguar si verdadeiros eram os boatos que attribuiam ao general Antonio Netto, o premeditar uma invasão no Rio Grande para o separar do Brasil sob a forma republicana, a tudo precedendo o assassinio do general David Canabarro.

Poude prestar a seus camaradas suspeitados o serviço de desvendar as intrigas de seus gratuitos accusadores.

Após a crise política de 1848, convidado para deputado geral no anno seguinte, recusou, julgando-se incompetente, como dizia. Preocupavam-no, ademais, as agitações lindeiras. A perseguição dos *blancos* aos vizinhos Rio-grandenses não cessavam.

Em 1819, o Cabildo de Montevidéo havia dado a Brasileiros os excellentes campos de criação entre o Quarahim e o Arapehi, a título de pagamento dos gastos em que o Brasil incorrera para pacificar a Cisplatina, com as tropas commandadas por Lecór, barão e depois visconde da Laguna.

Ao assumir Oribe a presidencia uruguaia, começou a política expoliadora: reformou a lei sobre marcas de gado, afim de facilitar os prejuizos dos estancieiros rio-grandenses installados naquella zona; mandou que estes se recolhessem a pontos fortificados, ou emigrassem da República no prazo de oito dias, sob pena de degolla; não permittiu aos emigrados voltarem a buscar seus haveres. Quasi duzentas estancias foram por esta forma abandonadas. Calculavam-se em 814.000 rezes, cerca de 17.000 cavallos e 49 escravos as perdas havidas. Não se contavam os prejuizos e as offensas pessoaes, que iam até o assassinio.

O Governo imperial protestava diplomaticamente e vivia sob a pressão das justas queixas rio-grandenses. Não ousava adeantar-se de mais, entretanto, solicitado que estava por tendencias oppostas: seu dever de garantia á independencia da antiga Cisplatina; sua obrigação de proteger aos Brasileiros; a ameaça, sempre pendente, oriunda de Buenos Aires e de Rosas.

Além disso, os Rio-grandenses, desesperados com as perseguições, já começavam a mover-se, a tirar vinganças e cobrar suas perdas por suas proprias mãos, em incursões pelo Uruguai a dentro. De mais em mais se tornava insustentavel

a situação na fronteira. Esse era, aliás, o sentir geral da província, a qual, mais tarde, com a missão do general Netto ao Rio, em 1864, chegou a ameaçar de secessão da região sulina o próprio Governo imperial, caso continuasse a fugir a seu dever de proteger a vida e os haveres de seus compatriotas.

Sobre Osorio recaiu ainda a missão de manter a neutralidade do Brasil, tarefa tanto mais difficil quanto comprehendia e compartilhava a indignação de toda a provincia contra o procedimento uruguaio.

Cumpriu ordens, entretanto, e impediu a cohesão dos indignados estancieiros fronteiriços, ou, o que tanto valia, fez sossobrarrem as tentativas invasoras de retaliação. Pacificou a divisa dêste modo, e, não obstante, mais tarde, nas discussões prévias ao *ultimatum* de Saraiva, em 1864, tal serviço lhe era negado pela caudilhagem *blanca*, dominadora da nobre República confinante... De facto, contudo, elle puzera fim á *Californiada do Chico Pedro*, assim chamada do nome do barão de Jacuhi, que a encabeçava.

Ia, porém, mudar o aspecto das cousas. Cada vez mais tensas, as relações com o Uruguai, e, portanto, com Buenos-Aires, que alli punha e dispunha, estavam prestes ao rompimento. Já, no Rio, se dera extremecimento diplomatico, sendo entregues ao plenipotenciario argentino, o general Tomás Guido, os passaportes que solicitara. Na villa de Uruguaiana, gente de Corrientes e de Entre-Rios cruzara o rio lindeiro, e invadira o povoado brasileiro aos gritos de "Morra o Brasil!... Viva Rosas!..."

Apesar das explicações pedidas a d. Manuel Oribe, e por elle negadas, pelo diplomata que representava o Imperio em Montevideo, ainda se protelou a declaração de guerra; não estavamos promptos para ella; para tal, impunham-se preparos preliminares em terra e no mar.

Concentrou-se o nosso exercito ao longo da fronteira. Mas, por essa data, já se sentia o governador de Entre-Rios, d. Justo José Urquiza, bastante poderoso para lutar contra Buenos-Aires; tanto mais quanto sabia poder contar com Corrientes, cujo chefe, d. Benjamin Virasoro, era hostil a Rosas, e com os *colorados* uriguaioes.

Dahi o tractado entre elles, a República Oriental e Entre-Rios, celebrado a 29 de Maio de 1851.

O Brasil, naturalmente, faria com todos elles causa commum. Para acertar todos os detalhes do plano conjuncto, recebeu Osorio a incumbencia de seguir para Entre-Rios, e agir de accôrdo com instrucções datadas de 15 de junho. Partiu a 5 de Julho e levou quinze dias em sua missão.

Ao voltar, já tomou por si iniciativas referentes á campanha. De accôrdo com Caxias, tornou a procurar Urquiza, levando novos e mais minudentes detalhes. A 4 de Setembro de 1851, Caxias invadia o Uruguai.

Não relembremos aqui o que foi essa curta e gloriosa peleja, finda com a capitulação de Oribe, em Montevideo, a 11 de Outubro. Ia iniciar-se a segunda phase: a derrota de Rosas.

Rompeu a offensiva com o forçamento do Passo de Tonelero pela esquadra imperial, levando fôrças das tres armas: Osorio commandava a cavallaria expedicionaria. A 22 de Dezembro, então, poudo o Exercito encetar a passagem do Paraná, ultimando-a em 8 de Janeiro de 1852.

A 3 de Fevereiro, em Monte-Caseros, aniquilava-se a fôrça de Rosas e findava sua dictadura com sua fuga para a Inglaterra.

Osorio fôra o primeiro brasileiro a pisar em territorio inimigo, e, em Caseros, seu regimento, com seu chefe á frente, fôra o primeiro a carregar sôbre as tropas federaes. Valeu-lhe o brilhante feito ser promovido a coronel commandante de seu querido 2º; dias depois, era agraciado com a dignitaria do Cruzeiro e a medalha de Distincção. Cada vez mais se estreitavam suas affectuosas relações com o então conde de Caxias.

O Uruguai, contudo, pouco após a campanha se convulsionou de nôvo, e já em Agosto de 1853 estavam de sôbre aviso o 2º regimento e seu chefe para manterem a neutralidade na fronteira de Bagé. Continuou a agitação na República Oriental, e, em Maio do anno seguinte, a Divisão de Observação, a que pertencia Osorio e tinha por commandante o brigadeiro Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, já cruzada a fronteira, se approximava de Montevideo e alli penetrou, pacificamente, a 3 do mesmo mez, a chamado das auctoridades uruguaias.

Por tal fôrma se houve alli, que adquiriu prestigio superior ao do ministro José Maria do Amaral e o commandante da divisão. Ambos começaram a hostiliza-lo, sendo que um poncto de censura era a fôrma pela qual o coronel desrespeitava a disciplina no porte do uniforme. Havia exaggêro na accusação, embora nella existisse certo fundo de verdade; por nulla que fôsse a valia da censura, convém não olvida-la; mais tarde resurgiria entre os exforços tentados por certa camarilha, infensa a Osorio, para o separar de seu velho amigo Caxias.

Tantos fôram os empenhos do diplomata e do brigadeiro, que o Gôvêrno julgou prudente ceder, e removeu o official superior, culpado de ter renome e auréola. Mandou-o, sozi-

nho, a commandar a fronteira de São Borja, com a missão de observar Corrientes e o Paraguai.

Deu a este nôvo encargo o melhor desempenho desde 1857, informando para o Rio a intensidade do labor paraguaio no fortalecimento de Humaitá, além de esclarecer as relações reciprocas entre essa República, a provincia de Corrientes e o Brasil.

Ainda dispondo de tempo estudou varios problemas de alto interesse, como fôsem o deslinde do problema da fronteira fluvial do Peperiguassú e Sancto Antonio, o descobrimento dos desconhecidos heruaes nativos de que a fama corria na antiga comarca de São Borja, a creação de escholas primárias, e outros.

Crescendo em prestigio, não o poupavam seus adversarios politicos. De todas as queixas e accusações triumphou, com o méro divulgar, simples e desapaixonado, da exposição documentada de seus actos. Reconheceu-o o Govêrno central, graduando-o em brigadeiro. Mas ainda, tanto repercutiu no animo de d. Pedro II o achado do herval entre os rios Ce-bollati e Pindahi, que, querendo honrar a Osorio após os combates de Passo da Patria, se lembrou das virtudes do heróe, fóra do ambiente militar, e lhe escolheu, para o baronato com grandeza então conferido, o título de Herval, que rememorava as benemerencias do commando da fronteira de Bagé.

De dia para dia, avultava o problema da vigilancia do linde, com as eternas agitações entre *blancos* e *colorados*, no Uruguai, e entre as facções argentinas e provinciaes, desde a separação de Buenos Aires da Confederação. Na redistribuição da força militar de 1856 foi ordenada a ida para São Borja do 2º regimento, o regimento de Osorio, voltando ao commando de seu antigo chefe.

Cada vez mais impunha-se á admiração do paiz o nome de Osorio. Deram-lhe o commando da 1ª brigada de cavallaria do Corpo de Exercito de Observação.

Angelo Muniz da Silva Ferraz, o futuro barão de Uruguaiana, presidia a provincia do Rio Grande do Sul e era largamente combatido por elementos que Osorio havia protegido. Com o intuito de fortalecer Ferraz, o tenente-general barão de Porto-Alegre fez escrever e circular entre officiaes uma *Declaração de apoio* ao presidente. Osorio negou sua assignatura, dizendo, com evidente razão, que si um militar podia approvar feitos de seus superiores, tambem teria o direito de os censurar ou de se lhes oppôr; dahi viam a indisciplina e a morte do Exército.

Foi motivo bastante para esfriarem as relações com o presidente da Provincia, durando algum tempo o desaccôrdo entre elles.

Uma das primeiras consequencias foi a retirada, não pedida, de Osorio do Rio-Grande, a pretexto de inspecionar a cavallaria do Norte, Rio e Pernambuco. Tão patente o partidario inspirador da medida, que, ao chegar á Côrte em obediencia á ordem superior, do proprio Imperador ouviu louvor por não ter subscripto o protesto militar, e promessa de limitar a inspecção ao 1º regimento, podendo logo voltar para o Sul. Além disso, obteve, sem a solicitar, a effectivação de seu posto de brigadeiro. Assim, voltou a Jaguarão, com todas as provas públicas de merecido prestigio.

A 2 de Março de 1861, Caxias organizava o ministerio e entregava a Osorio a fronteira de Jaguarão; no ánimo do marechal só pesava a consideração profissional do valor do nomeado; conhecia-o, sabia de sua lealdade de soldado, e pouco se lhe dava fôsse elle liberal ou conservador.

Avizinhavam-se dias de lucto. Em 1863, os *colorados* uruguaioes, em desespero de causa, haviam-se insurgido contra o govêrno *blanco*. As perseguições contra os estancieiros rio-grandenses, estabelecidos nos dous lados da linha divisoria, ainda tinham recrudescido, a ponto de incumbirem ao general Antonio Netto, em 1864, de ir á Côrte solicitar providências repressivas de tal escandalo, em nome de 40.000 Brasileiros perseguidos pelos odios e vinganças dos adversarios do Imperio naquella República.

O mais grave era que, nas dobras dessa missão, ia velada a ameaça de que as vítimas, si se tivessem de vingar pelas proprias mãos, talvez renovassem a guerra civil dos *Farrapos*.

Taes factos impunham ao Govêrno enviar um emissario ao Sul. Essa, a genese da missão Saraiva a Montevidéo. Nessas condições, melindrosissima era a tarefa que se desdobrava para o corpo do exêrcito de observação. Do Chuí ao Quarahim era de guerra o ambiente, quer da tropa, quer das populações civis prestes a pegarem em armas.

Sabe-se a evolução das negociações, e como se viu Saraiva coagido a ordenar represalias brasileiras contra os desmandos *blancos*. Romperam as operações em 7 de Setembro de 1864, estando a esquadra imperial sob o commando de Tamandaré. A 12 de Outubro iniciava a invasão por Jaguarão o brigadeiro José Luis Menna Barreto; a 25 de Novembro, mobilizava-se rumo do Uruguai o Exêrcito brasileiro, ao mando do marechal João Propicio. A' frente ia a 1ª divisão,

guiada por Osorio, que a 1º de Dezembro penetrava em território hostile pelas ilhas de São Luis.

João Propicio de Menna Barreto e Osorio não eram correligionarios nem amigos; havia, além disso, entre ambos officiaes exaltados que procuravam exacerbar os dissídios. Dahi, a célebre ordem do dia n. 17, após a victória de Paisandú, documento no qual se insinuava que Osorio ficara, por escolha propria, á retaguarda das fôrças, quando, entretanto, alli permanecera por ordem do commandante-chefe.

Seguiram as tropas para Montevideo. A 19 de Janeiro de 1865, Venancio Flores e seus *colorados* eram reconhecidos belligerantes pelo Brasil. Pouco após, pela fronteira de Jaguarão, era o Rio-Grande invadido pela fôrça *blanca* de dom Basilio Munoz; menos de duas semanas depois, voltava apresada e atropeladamente para o Uruguai, tendo-se limitado a saqueios, roubos e offensas pessoas.

Em Montevideo, o sitio não logrou exito, sendo então bloqueado seu porto pela esquadra. Nesse meio tempo, adoeceu João Propicio, e passou o commando a Osorio.

Iam transformar-se as circumstancias. Assumindo a presidencia interina da República o vice-presidente do Senado, d. Tomás Villalba, a 15 de Fevereiro, logo iniciou negociações de paz, e esta se assignou finalmente a 20 do mesmo mez, em villa da União. O general Venancio Flores, então, occupou a presidencia, e logo se solveram amistosamente todas as questões pendentes com o Brasil.

Abria-se agora perspectiva mais grave e sombria: o Paraguai movera hostilidades contra nós. Não era esse o intuito inicial de López, cujo alvo final seria alargar seus dominios proprios, annexando Corrientes, Entre-Rios, Uruguai, de modo que constituissem um Estado atlantico, do qual se faria coroar imperador. Mas os acontecimentos fizeram derivar a méta, e, a pretexto de invasão do Uruguai, declarar a guerra ao Imperio.

A principio, contava o dictador com os *blancos* uruguaios e connivencias certas em Corrientes e Entre-Rios, talvez com o auxilio de d. Justo José de Urquiza.

Desde logo foi victima dos imprevistos que surgem sempre, mesmo nos mais cuidadosamente elaborados planos politicos ou militares.

Perdera o Uruguai, com a victoria dos *colorados* de Flores. Querendo invadir o Rio Grande do Sul para bater as fôrças imperiaes, solicitou da Argentina licença para que o exército paraguaio atravessasse Corrientes. Mitre, presidente da República, além de amigo de Flores, nenhuma confiança tinha em López. Quando mesmo não alimentasse no Imperio e nos seus pro-homens a fé que sempre nelles manifestou, seu

dever de neutro impunha a recusa. Quanto mais, iniciando-se a campanha de Corrientes, acto claro de guerra, logo que o dictador verificou que lhe havia sido negada a permissão, em 9 de Fevereiro de 1865.

O proprio López, portanto, atirava a Argentina nos braços da Duplice Alliança, Brasil-Uruguaí. Dêste modo, Urquiza nada podia valer-lhe, sem passar por traidor. Assim se tornou fatal assignar-se o tractado de 1 de Maio de 1865, constituindo a Triplice Alliança, que levou a guerra ao Paraguai.

Ao régulo dêsse paiz restava apenas sua superioridade inicial de fôrças. Ahi, mesmo, veio favorecer aos Alliados a estrategia infeliz do adversario commum. Desperdiçou energias e consumiu tropas em expedições mal orientadas e mal commandadas.

Matto Grosso, invadido, não passava de objectivo geographico. O fraccionamento das columnas invasoras, de Corrientes até Uruguaiana, facilitou anniquila-las em detalhe. Affirmam, com fundamento, que ao se recolher, batido, á fronteira paraguaiá, estava practicamente destruido o primeiro exército dictatorial.

Ao contrário, o commando interino de Osorio, dentro em breve tornado effectivo, restabeleceu disciplina, ordem e efficiencia nas fôrças da campanha do Uruguai. Suas conferencias, em Buenos Aires, com Tamandaré, Flôres, Mitre e nosso ministro Francisco Octaviano, fixaram o plano das operações. Humaitá teria de ser vencida, sendo o rio Paraná o caminho de accesso do ataque; para desviar a attenção do inimigo, se simulariam reconhecimentos e marchas de tropas para Leste, como si a travessia do caudal se fôsse fazer na região de Candelaria ou Itapúa, e tambem para Oêste, em São Cosme; Concordia figuraria como poncto de concentração das fôrças e início das operações conjunctas.

Vital, portanto, era o dominio do rio Paraná. A' esquadra caberia mante-lo. Esse foi, pois, o facto capital da phase primeira: o combate de Riachuelo, a 11 de Junho de 1865, em que Barroso bateu o commandante Meza e destruiu a fôrça naval paraguaiá. Completou-se a limpa do rio, quanto á presença de obstaculos militares, nas passagens de Mercedes e de Cuevas a 18 de Junho e 12 de Agosto do mesmo anno. Já podia, desde então, desenvolver o plano de invadir o territorio inimigo.

Iataí, á margem direita do rio Uruguai, onde a columna Duarte foi anniquilada pela vanguarda alliada dirigida por Flôres, e o dominio caudal pela esquadilha improvisada pelo alferes Floriano Peixoto, e mais tarde pelos navios do commandante Barbosa de Lomba, havia sellado o destino da columna Estigarribia, que se havia destacado das fôrças

invasoras, e penetrara no Rio Grande por São Borja, e, finalmente, se achava encurralada em Uruguaiana pela cavallaria do general David Canabarro. A capitulação desses cinco mil e tantos Paraguaio, a 18 Setembro de 1865, aos exercitos unidos dos tres Alliados, em presença do imperador, de Mitre e de Flôres, libertou a offensiva conjuncta, nem só pelo enfraquecimento do adversario, como reforçando os elementos que iam rechassar da Argentina os corpos do dictador que a talavam.

Assim, começou o recalque, para a República interior, das expedições que havia lançado contra os elementos da Triplíce Alliança. Assim, tambem, desanimaram, de vez, as machinações *blancas* do Uruguai, e dos partidarios subrepticios de López, em Corrientes e Entre-Rios. Estes ultimos tinham provocado a insurreição das tropas entre-rianas reunidas em Basualdo, inutilizando a collaboração de Urquiza, cujo papel de vanguardeiro se não poude realizar.

Sobre esse caudillo, corriam noticias, possivelmente justificadas, de ter com o Paraguai entendimentos escusos. A Osorio, em grande parte, se deve o mallogro de taes conluio.

Era elle amigo do governador de Entre-Rios, e cria em seus brios e pundonor; já nas reuniões de Buenos-Aires, para elle havia appellado com o fito de forçar d. Justo a se definir em favor da Alliança e commandar as tropas avançadas. Após o debandar de Basualdo, conhecendo o fraco de Urquiza pelo ouro, e vendo que se não podia confiar nos elementos locaes, tanto que, em Toledo, se dera segunda sublevação, resolveu paralyar possiveis adversarios, privando-os de seu principal factor de valia, a mobilidade de sua cavallaria. Comprou então de Urquiza 30.000 cavallos para a remonta da tropa brasileira, onde os animaes eram por demais escassos. Ficava Entre-Rios, dèste modo, inteiramente desarmada, em favor da plena efficiencia das forças montadas do Imperio.

Já agora, era Osorio marechal de campo.

Sem grandes empecilhos, fôram as forças levadas até a fronteira paraguaia ao sul do rio Paraná. Em fins de 1865, defrontavam-se, ao longo da corrente, os dous grupos em lucta, na região fortificada que Humaitá commandava, e que, por dous annos, deteria o avanço dos exercitos e da esquadra, desde Passo da Patria até o envolvimento progressivo e o assalto victorioso da fortaleza, em Agosto de 1868. Admiravel obra da engenharia militar, na qual, a pedido do Paraguai, haviam collaborado officiaes brasileiros.

Não cabe aqui detalhar as operações da campanha. Já o fez, além de outros, o fallecido capitão Octaviano Pereira de Sousa, no trabalho publicado no volume 156 da *Revista*

do *Instituto Histórico*; dentro em breve, com maior precisão e technica, virá exposto em livro do general Tasso Fragoso, enfeixando e desenvolvendo suas bellas conferencias da Eschola do Estado-Maior, pronunciadas nestes dous ultimos annos.

Talvez, entretanto, não seja inopportuno rever aqui um juizo corrente sôbre Osorio, juizo que o descreve como tactico admiravel, mas fraco estrategista. Neste poncto, certo, Caxias lhe foi superior, sendo mesmo o maior nome a citar na história militar do nosso continente, na difficil sciencia e arte de levar as tropas á batalha victoriosa. Seria injusto, porém, negar a Osorio o sentido da manobra. Mais acertado fôra aponcta-lo como eximio manobreiro tactico, e disso superabundam as provas.

Visão do combate, do seu constante equilibrio instavel, de seus ponctos fracos e dos meios de occorrer ás deficiencias; noção das ordens a dar, dos desbordamentos a realizar, dos exemplos a infundir; a percepção instantanea das providencias precisas para restabelecer com energia situações compromettidas; todos esses difficeis predicados do guerreiro innato, elle os possuia em gráo brilhante.

A manobra do Passo da Patria é uma prova. O inimigo ignorava como decidir si o poncto de passagem escolhido no Paraná seria Itapúa, ou Itati, ou mesmo Itapirú, fortemente batido pela artilharia de Willagran Cabrita, collocada na ilha que lhe tomou o nome. Finalmente, foi surprehendido pelo movimento desbordante da Ponta da Confluencia, no qual Osorio, seguido de seus ajudantes de ordens e de seu piquete, 12 cavallarianos ao todo, desceu o primeiro no territorio hostile, em 16 de Abril de 1866; só depois foi reforçado pela infantaria do 2º de Voluntarios, commandado pelo major Diodoro da Fonseca. A 18 de Abril, o forte de Itapirú, já em ruinas, foi evacuado pelo inimigo, e ahi se estabeleceu Mitre, em seu quartel-general.

Por feitos taes, de que Osorio fôra o heróe, recebeu o baronato com grandeza, com o título de Herval.

Na surpresa de 2 de Maio, em Tuiuti, foi a chegada do marechal que poz em fuga os atacantes. A 24 do mesmo mez, na grande batalha do mesmo nome, na qual o adversario teve 13.000 baixas e os Alliados cerca de 3.000, Osorio foi ainda o salvador da situação. Recebeu a grã-cruz de Christo, como reconhecimento de seu denodo.

Começou então a grave crise dos Alliados, pela falta de unidade de vistas no commando, e a exiguidade dos meios de se mobilizarem. Osorio, desgostoso e doente, teve de se recolher ao Rio Grande: foi substituido por Polydoro.

No theatro das operações, após o ataque feliz a Curuzú, em 3 de Setembro de 1866, sobreveio, a 22 do mesmo mez, o desastre da repulsa da investida contra Curupaiti, realizado contra o parecer do commando brasileiro, e que mallogrou por insufficiente preparo de artilharia.

Tal acontecimento tornou difficeis as relações entre Mitre e Flôres, e tambem, parece, entre o presidente argentino e os generaes do Imperio.

No Rio de Janeiro, causou sensação nunca egualada, e motivou a 10 de Outubro a nomeação do marquez de Caxias para o commando do Exército Brasileiro. A 18 do mesmo mez, Osorio era nomeado commandante das armas do Rio Grande, e, a 20, commandante do 3º exército, que elle teria de levantar nessa provincia. O barão ainda estava doente, mas acudiu ao appêllo de Caxias, que o chamava, e que, desde 18 de Dezembro, assumira a direcção das operações em Tuiuti.

Mau grado difficuldades e obices creados por elementos officiaes em Porto Alegre, empecilhos estes que só fôram levantados quando o dr. Homem de Mello, o futuro barão do mesmo nome, assumiu a presidencia da provincia, em Janeiro de 1867; máo grado todo esse accrescimento de complicações a aplinar, Osorio, a 25 de Março, acabava de cruzar o rio Uruguai, á frente de cerca de 4.300 homens, e a 17 de Julho, com o effectivo de 5.500, approximadamente, desembarcou em Itapirú e se incorporou ao exército, de que foi fazer a vanguarda.

Começou então uma série de operações estrategicas, ordenadas pelo marquez. A marcha de flanco de Tuiuti a Tuiucué, uma dellas, iniciava a série de movimentos envolventes do polygono fortificado de Humaitá. No fim do anno, o plano estava realizado; em Julho e Agosto de 1867, Espinilho estava tomado; em Setembro, venceu-se em São Solano; em Outubro, caíram Paré-Cuê e Potrero-Obella; em Novembro, Taji, Nhembucú e Villa do Pilar; enquanto a Oêste, a esquadra bloqueava a costa do rio Paraguai, apesar das tentativas de abordagem soffridas por parte de chatas armadas dos adversarios.

Approximava-se a quêda de Humaitá. Não ficavam inactivos os seus defensores, entretanto: em Novembro, comboios brasileiros eram atacados no Estero-Rojas ou Umbú, e saíram victoriosos da refrega; a 3 dêsse mez, López novamente atacou Tuiuti, sendo ainda nosso o triumpho, graças ao valor do visconde de Porto-Alegre, que por esse feito foi elevado a conde do mesmo título.

Pela segunda vez Mitre, retirando-se para Buenos Aires, entregou a Caxias o commando-chefe dos alliados a partir de 1º de Janeiro de 1868. Intensificaram-se os movimentos. A 19 de Fevereiro, Humaitá foi transposta pela esquadra mandada por Delphim Carlos de Carvalho, feito por isso barão da Passagem. Estabelecimento e Laureles são tomados.

Apertava-se o cêrco da fortaleza. O Chaco estava sendo militarmente occupado por nós. O rio, já desimpedido, permittiria aos vasos de guerra subir até Assumpção. Curupaiti fôra desoccupado pelos Paraguaioes, e nossas tropas ahi se achavam desde 22 de Março. Finalmente, de 25 de Julho a 5 de Agosto, Humaitá foi progressiva e definitivamente conquistada, e passou a constituir a nova base de operações do vencedor. Em todos esses successos, Osorio havia collaborado.

López havia fugido, e estava se fortificando em São Fernando e Villeta. Por ordem de Caxias, o Corpo Expedicionario do Chaco ia abrindo picada, cujo alvo era permittir a marcha estrategica contornando Villeta e indo desembocar á margem direita do caudal, em frente a Sancto Antonio. Além disso, cumpria attender em que as posições paraguaias podiam ainda ameaçar o nosso exército, na situação delicada em que se achava, empenhado na marcha flanqueadora do Chaco e na base de Humaitá, guarnecida com effectivos diminutos. Dahi, os exforços applicados com exito na expedição do Tebicuari. Mas López preferiu recuar, e organizar a forte posição defensiva de Pequiciri. A investida alliada, portanto, devia ser envolvente pelo Chaco, Sancto Antonio e Itororó.

Assim se fez. Na ponte de Itororó, a 6 de Dezembro de 1868, a victória foi conquistada pelo denodo pessoal do immortal Caxias, que, aos 65 annos de idade, se poz á frente da tropa e atravessou a ponte, onde já dous generaes haviam tombado. Não parou a offensiva. Pequiciri tinha de ser torneado pela retaguarda, para rematar a conquista do reducto de Lomas Valentinas: o caminho para o triumpho passava por Avahi. A 11 de Dezembro, eram batidas nesses pontos as forças inimigas e ahi foi Osorio gravemente ferido, o que o levou a voltar para o Rio Grande, afim de se tractar. Villeta caiu logo em seguida. A 19 do mesmo mez, iniciaram os movimentos contra Lomas. Duraram os combates até 27, quando se venceram as últimas resistencias.

Não parou Caxias. Embarcou contingentes a bordo da esquadra, e, a 1º de Janeiro de 1869, sôbre Assumpção tremulava a bandeira nacional.

López tudo havia abandonado e ia prolongar a resistência no interior do Paraguai. O marquez, seriamente doente, pediu demissão do commando, para o qual foi nomeado o conde d'Eu, a 22 de Março de 1869. Em 16 de Abril, assumia o commando.

Ao seguir para a guerra, logo invocou o auxílio de Osorio, que, com a ferida do rosto ainda aberta e sua perna doente, ainda em chagas, não hesitou em voltar ao Paraguai; já em Pirajú, a 6 de Junho tomava conta do 1º corpo de exército.

Esteve presente ás operações, embora quebrantado por suas feridas, e ainda em Peribebui, a 12 de Agosto, deu mostras de seu excepcional valor. Mas eram por demais cruciantes seus soffrimentos. Não podia montar a cavallo. Inda assim, attendendo a um appêllo do principe, voltou de Assumpção, onde fôra tractar-se. Assistiu ás manobras que provocaram a tomada de Caraguati.

Nisso, falleceu em Pelotas, a 4 de Novembro, a viscondessa de Herval. No theatro da lucta, não o soube logo o tenente-general seu espôso; ia tão combalido em suas energias vitaes, que a 22 reiterou o pedido já feito a 10 de Novembro, para se retirar para o Rio Grande. Com a maior magua, e só premido pela evidencia do alquebramento do grande guerreiro, assentiu o conde d'Eu em lhe conceder, reluctantemente, a indispensavel licença. Já de volta, em Montevidéo, a 14 de Dezembro, soube do terrivel golpe que lhe havia arrebatado a amantissima e digna companheira de toda a sua existencia.

O imperador, que lhe queria muito, mandou do Rio o conselheiro Pertence, grande operador, para cuidar da saude do heróe. Por decreto de Janeiro de 1870, era este elevado ao marquezado do Herval.

Logo, contudo, o empolgaram as fainas politicas. Era elle, na provincia, o chefe do partido liberal, e este não lhe dava tréguas, nem por um momento.

Todas as distincções imaginaveis se tributavam ao grande soldado. Com a morte do dictador em Cerro-Corá, findara a 1º de Março a luctuosa guerra do Paraguai.

A grande fraternidade dos campos de batalha ia se dissolvendo nas brumas do passado. De pé, ficavam as divergencias partidarias, as rivalidades de corrilhos e de grupos, as feridas de amor-próprio e as mesquinhas querelas de estados-maiores.

Um dos pretextos inventados referia-se ao descaso de Osorio pelas ordenanças e regulamentos relativos ao pórtre do uniforme. Era tradição velha no Exército o rigor na obser-

vancia de taes preceitos: delle se originou a rigidez hieratica characteristica das celebres *gravatas de couro*.

Não é preciso ser muito velho, para recordar uma das venerandas figuras do tempo, imbuidas de tal doutrina, o Marquez da Gavea. A essa corrente pertencia tambem seu amigo e parente Caxias. Osorio, ao contrário, mostrava-se muito mais latitudinario na obediencia prestada a similhante religião de formalismo.

Para ter-se uma idéa do contraste, basta ir ao salão de honra do Quartel-General da Praça da Republica. Alli defrontam-se duas télas, documentos materiaes da divergencia, apesar dos convencionalismos picturaes: Caxias, na batalha, modêlo de rigor e respeito á farda regulamentar; Osorio, a pé, de lança na mão, juncto a seu cavallo de guerra, de poncho, fóra de uniforme, portanto.

Tão longe iam taes intrigas partidarias e nugas da vida íntima dos officiaes, que, de Osorio, rival sem destemor de Bayard e de Michel Ney, *le brave des braves*, ousavam boquejar a medo que nos combates usava o poncho para passar despercebido e se tornar menos exposto ao fogo.

Tal vileza se murmurava de quem, á ponta de lança e nas cargas, se havia constituido, por sua bravura fantastica, o idolo de todos os commandos, estrangeiros e brasileiros. E, entre estes, se contavam, innumerados, os representantes das velhas dynastias militares que, desde a Independencia, eram a honra e glória do Brasil, os Camaras, os Mennas, os Fonsecas, os Ribeiros, e tantos e tantos outros!...

Si não fôra a probidade historica, tal punhado de lodo se não deveria erguer do paúl da inveja e da miseria humana onde se escondia!...

Assim como acontecera com as distincções, as condecorações, os titulos e postos, taes salpicos não ficaram na história e na lenda. A tudo isso superava a figura nobre, serena e immaculada do Grande Soldado.

Naturalmente, um dia terá a história de ajuizar taes calumnias, para lhes remontar ás origens e fulminar seus impatrioticos auctores!

No proprio Senado, a intriga soez e partidaria não quiz lançar contra elle o austero e purissimo duque de Caxias? Não se viu este, modêlo em tudo, forçado a quasi desculpar-se do proprio heroismo em Itororó?

Felizmente, o tempo acalmou paixões e rivalidades, e permite unir no mesmo preito de veneração, respeito e immoredoouro reconhecimento os dous grandes vultos de Caxias e de Osorio, tão grandes ambos, e por motivos analogos, que, con-

tinuam, mortos, a ser o paradigma de todos os verdadeiros soldados *sans peur et sans reproche*.

Nove annos, apenas, sobreviveu á guerra o marquez de Herval. Continuou a servir o paiz, não mais nos entrevêros, sim na paz, olhos sempre voltados para o Exército e a Patria. Foi senador. Foi ministro. Foi chefe de partido. Todas essas fainas, por mais dignamente que as exercesse, estavam aquém da epopéa de que fôra protagonista durante 56 annos, voando, centauro indomavel, nos campos da morte, na glória da sua assombrosa coragem, de armas em punho, no fumo do tiro-teio e entre os estilhaços das bombas.

Tornou-se um dos numes da nacionalidade, a quem servira desde os albores da Independencia.

Ainda hoje nos inspira e nos aponta o duro e austero e inexcêdível caminho do Sacrificio sem limites, e do Dever, sem mácula de interesse." (*Muitas palmas.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) agradece ao sr. Calogeras a nova e brilhante contribuição para os annaes do INSTITUTO, assim como á assistencia a fineza do seu comparecimento e a todos convida para a sessão magna de 21 do corrente, commemorativa do 91° anniversario da fundação do INSTITUTO.

Encerra-se a sessão ás 18 horas. — *Agenor de Roure*, 2° secretário.

No auditorio, notam-se, entre outras, as seguintes pessoas: senhorinha Francisca Osorio Mascarenhas e Gabriel Osorio Mascarenhas, netos do general Osorio; senhora Pandiá Calogeras, dr. Garcia Ortiz, ministro da Colombia; padre Geraldo Pauwles, commandante Lucas Boiteux, generaes Tasso Fragoso e Antonio Malan d'Angrogne, José Affonso Bandeira de Mello, Roberto Müller, desembargador Vieira Ferreira e filhas, coronel José C. Branco, Oswaldo Cruz Paiva, dr. P. Mascarenhas de Sousa e Julio Sousa.

CONFERENCIA DO PROFESSOR DR. MAX SCHMIDT.

Realizou-se a 18 de Setembro, como fôra annunciada, a conferencia do sr. prof. dr. Max Schmidt, da Universidade de Berlim e do Museu Nacional, sobre *Explorações ethnologicas em Matto Grosso nos annos de 1926-1928*.

Fe-la o conhecido scientista na Sala Varnhagen do INSTITUTO HISTORICO, onde teve numerosa e distincta assistencia.

O sr. conde de Affonso Celso, apresentando-o, disse que o conferencista, que o auditorio ia ter a fortuna de ouvir merecia, pelo menos por quatro titulos geral consideração: 1º, era professor aposentado de uma das mais famosas Universidades europeas, a de Berlim; 2º, trabalhava aqui desinteressadamente num dos mais conceituados estabelecimentos scientificos do Brasil, o Museu Nacional; 3º, ia tractar de interessantes assumptos brasileiros — indios, paizagens e costumes de Matto-Grosso; 4º, empregava nas suas investigações e estudos os seguros methodos alemães que têm produzido tantas obras magistraes, não poucas sobre a nossa terra, methodos seguidos pelo nosso maior historiador, glória do Instituto e do paiz, aquelle cujo nome honrava a sala onde se realizava a conferencia, Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, de origem germanica.

“Poetas por poetas sejam lidos, poetas por poetas entendidos”, ensinam conceituosos versos.

A mesma ponderação se applica aos sabios.

Sobre sabios e trabalhos de sabios só devem fallar sabios como elles, á altura delles.

Agradecendo, pois, ao sr. Max Schmidt o ter distinguido o Instituto com a sua prelecção, passou o sr. conde de Affonso Celso a palavra ao eminente sabio e homem de letras brasileiro, o sr. Roquette Pinto, que ia com a habitual eloquencia, superioridade de idéas e de linguagem explicar quem é o conferencista e o que tem feito.

Muitas palmas foram dadas ao sr. conde de Affonso Celso e ao sr. Roquette Pinto, que, em seguida, fallou sobre os trabalhos do professor Schmidt.

Disse o professor MAX SCHMIDT:

“Convidado para fallar aqui deante deste illustre auditorio sobre os resultados da minha última expedição em Matto-Grosso, tive a principio graves escrúpulos de poder aceitar o honroso convite.

Desde a minha primeira expedição ás cabeceiras do rio Xingú em o anno de 1901 até minha ultima viagem nos annos 1927-1928, foram explorados immensos territorios do Noroeste do Brasil.

Desde o tempo em que o chefe da Commissão de Linhas Telegraphicas e Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, o general Candido Mariano da Silva Rondon, principiou sua obra monumental de desbravar as zonas cortadas por suas linhas telegraphicas, alcançou-se o contacto com muitas tribus de indios, antes completamente desconhecidos.

Quero nomear aqui só os Nambiquaras, outróra ainda inacessíveis, agora porém fraternizando com os funcionarios da Commissão Rondon.

Sob os auspícios do mesmo general Rondon, fôram fundados pelo Serviço de Protecção aos Indios numerosos postos situados muitas vezes no meio do territorio dos indios, em princípio quasi inacessíveis, para cultiva-los e protege-los contra as violencias do falso egoismo da civilização moderna: uma idéa verdadeiramente grandiosa e digna de imitação por todos os Estados, que têm ainda indigenas no seu territorio.

Uma enorme quantidade de novas informações a respeito das tribus indigenas destas zonas foi trazida nos ultimos decennios para esta capital.

As collecções ethnographicas do Museu Nacional ampliaram-se enormemente.

Grande parte dêste nôvo material ethnographico já foi divulgada, ora nas publicações do Museu Nacional, ora nos relatorios da Commissão de Linhas Telegraphicas.

Faço menção aqui só da "Rondonia", obra importantissima de Roquette Pinto.

Em comparação com tudo isso, os resultados da minha modesta expedição só podem ser pequenos, contendo só poucas cousas ainda não conhecidas dêste auditorio.

Porém, ha ainda outra difficuldade em fallar eu aqui. Estive no Brasil quasi sempre viajando no sertão e sómente durante pouco tempo nesta capital ou em outras cidades do paiz.

Por causa disso, aprendi a lingua brasileira, principalmente na conversa com meus camaradas ou com os caipiras do interior de Matto Grosso.

Considerando isso, peço que desculpem a indigencia do meu conhecimento da lingua brasileira.

Devo a maior parte dos resultados da minha expedição, que vou agora expor por meio de minhas photographias, ao grande apoio offerecido aqui no Brasil aos meus empreendimentos.

Chegado ao Rio de Janeiro em Septembro do anno de 1926, fui muito bem recebido pelo Museu Nacional, dando-me o director Roquette Pinto recommendações importantissimas.

Do general Candido Mariano Rondon obtive tambem as melhores recommendações para os membros da Inspectoria de Protecção aos Indios, em Cuiabá, e tive occasião de completar com elle, em detalhadas conversações, os projectos da minha viagem.

Grande interesse manifestaram á minha expedição tambem o ministro alemão no Rio, s. ex. o sr. Hubert Knipping e o consul alemão em Cuiabá, sr. Henrique Hesselein, em cuja casa já morei ha 28 annos.

Devido ao grande apoio dos senhores da Inspectoria de Protecção aos Indios em Cuiabá, dos senhores dr. Estigarribia e capitão Noronha, facilitaram-se todos os meus preparativos em Cuiabá, e em todos os postos dos indios que visitei fui recebido com a maior hospitalidade.

Aproveito a occasião de exprimir a todas estas pessoas o meu sincero sentimento de gratidão, não exquecendo tambem a grande hospitalidade dos moradores do interior de Matto Grosso, os serviços leaes dos meus tropeiros e camaradas e "last not least" as muitas assistencias e finezas offerecidas pelos "not least", dos quaes muitos me tinham ainda em bôa lembrança, desde os tempos passados.

Saindo do Rio de Janeiro, prosegui a viagem na estrada de ferro até Porto Esperança, passando a grande ponte sôbre o rio Paraná, poucos dias depois da sua inauguração.

Subindo o rio Paraguai, em vapor, cheguei a Corumbá e a 9 de Novembro de 1926 á cidade de Cuiabá.

Saindo daquella capital com tres camaradas e uma tropa de 10 bois de carga, cheguei, depois dos tormentos communs e de muita chuva, a 11 de Fevereiro de 1927, ao primeiro lôgar de meu destino, a Simões Lopes, posto dos Indios Bakairis.

Já antes, no logar da passagem do rio Paranatinga, tinha encontrado o velho capitão dos Bakairis, Antoninho, outrora o leal companheiro de Carlos von den Steinen e de Paulo Castro, na expedição do rio Xingú, que mora ahi num pequeno rancho com sua segunda esposa, filha duma Kaiabi, e com seus tres filhos.

Sua primeira espôsa, a celebre d. Rosa Bororo, que outrora, quando eu voltei a pé e doente, das cabeceiras do rio Xingú, me tractou muito bem na sua casa, fallecera neste entretanto.

Antoninho, depois de ter me convidado para deitar-me na sua rêde, ficou muito contente, trocando-nos as velhas lembranças e buscou dum pequeno caixote alguns retratos da expedição no rio Xingú, ainda bem guardados por elle.

O posto Simões Lopes consiste numa casa de administração e mais ou menos 20 ranchos habitados pelos indios Bakairis.

O dono do maior dêstes ranchos é o capitão Pires, o chefe dos indios que chegaram nos ultimos annos das cabeceiras do rio Xingú, chamados geralmente Xinguanos.

Por haver sempre algumas discordias entre os Xinguanos e os Bakairis, já antes domiciliados no Paranatinga e no Rio Nôvo, morava a maior parte dos Xinguanos nas suas roças no Paranatinga, a uma distancia de duas a quatro leguas do posto.

Ahi encontrei tambem meus velhos conhecidos da minha viagem no Kulisehu. Eu morava naquelle tempo na grande casa do capitão Karia, na aldeia Maimaieti, isto é, aldeia dos cagados.

Karia estava agora já muito velho. Sua espôsa e suas duas filhas, então ainda pequenas, muito bonitas e activas, tinham no entretanto morrido.

Karia me tinha ainda em boa lembrança e, avisado da minha chegada, me visitou logo no posto, trazendo um grande arco, flechas e um precioso collar de contas de conchas e pedra, para dar-me de presente.

Tambem outros indios mais velhos relembrou-se ainda daquelle tempo, em que eu estive na sua aldeia, e quando os visitei na sua maloca, elles me deram tantos presentes que não podia levar tudo na sella. Nestas condições, foi facil colleccionar uma grande quantidade, ora dos seus artefactos, ora das phrases da sua lingua.

Estando os rios cheios demais por causa das grandes chuvas, foi preciso adiar a minha saída de Simões Lopes para o dia 4 de Março.

As passagens do rio Vermelho e do rio Paranatinga fôram, por causa das inundações, muito penosas!

Podendo junctar-me com uma tropa do porto, proseguindo para Pedro Dantas, cheguei ao acampamento, chamado Lagôa, onde puzemos pé no territorio dos Kaiabis, porém não encontrámos estes indios no caminho antes de chegarmos a Pedro Dantas no dia 19 de Março.

Fiquei em Pedro Dantas até o meio de Maio, para estudar os Kaiabis, que costumavam visitar o posto de tempos a tempos. Em summa, encontrei seis turmas de Kaiabis em Pedro Dantas, podendo fazer uma pequena collecção ethnographica.

Os indios Kaiabis, tanto os homens como as mulheres, andam completamente nus. Nos quadris trazem uma cintura de contas de côco; têm pinturas na cara e, muitas vezes, nos braços e no peito, e cabellos compridos.

Os homens trazem uma pulseira consistindo numa corda contornando em espiral o braço e ligam os cabellos compridos muitas vezes por meio duma faixa.

E' interessante a cerimonia que usam os Kaiabis nas suas visitas.

Quando uma turma delles me visitou no meu rancho, uma india, chegando a nós todos, um depois do outro, mettia o dedo com mel na bocca de cada qual, tirando este mel tambem com o mesmo dedo duma cabaça.

Foi sómente com muita paciencia que pude colleccionar um pequeno vocabulario da lingua Kaiabi, consistindo em cem palavras e phrases, pois os indios não queriam communicar sua lingua.

Dêste vocabulario resulta, sem dúvida, que os Kaiabis fallam e comprehendem um dialecto da lingua Tupi.

Eu dou só alguns exemplos para prova: fogo = tatá; peixe = pirá; bom = catú; não = nani.

Uma septima turma dos Kaiabis, chegando ao posto, não pude mais ver, porque já estava doente, tendo um grave accesso de paludismo. Foi preciso voltar, para salvar-me.

Não podia fazer a volta acompanhado pelo unico camarada, um indio Bakairi, que ficara commigo em Pedro Dantas. Por isso, aproveitei a boa occasião de poder juntar-me ao chefe do posto, que queria tambem voltar com dous camaradas para a cidade de Cuiabá. Saímos de Pedro Dantas no dia 16 de Maio.

Não ha espaço aqui para explicar todas as penas e fadigas que havia por soffrer nos seguintes oito dias, viajando muito doente, numa região onde era preciso seguir sempre adeante para não morrer de sede ou pela surpresa dos indios, que nos seguiam clandestinamente, ainda por alguns dias.

Felizmente alcancei ainda, usando as últimas forças, o sitio do meu amigo Joaquim Ferro, no Rio Nôvo, e de lá voltei no dia 6 de Junho para Cuiabá, onde me restabeleci da grave molestia.

No dia 17 de Agosto, saí outra vez de Cuiabá levando uma pequena tropa para executar pesquisas archeologicas no territorio situado entre o rio Manso e o alto rio Cuiabá e a serra Azul.

Até o rio Manso subi o mesmo caminho que andara no principio do anno.

Passando o rio Manso, achei em 13 differentes jazidas restos de artefactos antigos, principalmente no rio Marzagão, no rio Triste, em Murjolino, etc.

Os cacos junctos com alguns objectos de pedra achavam-se ahi sempre em cima da superficie duma terra argillosa e dura. Alguns dêstes cacos mostram restos duma pintura de várias cores.

Na volta, visitei ainda a interessante inscripção numa rocha, situada no caminho entre os acampamentos Estiva e Murjolino, consistindo principalmente em linhas rectas mix-

turadas com imagens de rastros de animaes. No fim do mez de Outubro, voltei outra vez a Cuiabá.

No dia 8 de Dezembro, saí de nôvo daquella cidade.

Passando Rosario e Diamantino prosegui, seguindo a bôa estrada da linha telegraphica para Parecis e para Ponte de Pedra.

Esse lugar, uma pequena estação da linha telegraphica, onde ha duas pontes de pedra formadas pela natureza, tinha para mim um interesse especial, porque achei ahi uma grande quantidade de linhas e figuras gravadas nas rochas, no lado do grande salto.

Foi este facto mais interessante ainda por ter esse lugar tambem grande importancia nas lendas dos Parecis, que dizem que saíram outrora duma abertura destas rochas as differentes sub-tribus dos Parecis, como os Kasindti, os Uaimaré e os Gozarini ou Kobisi.

Chegado á estação Utiariti, prosegui então do pequeno São João, na direcção Noroéste, e depois mais na direcção Norte, procurando, nesta excursão muito penosa, em vão, as aldeias dos indios Iranches.

As chuvas fortes e contínuas e falta de alimentos me forçaram, finalmente, depois de termos já encontrado cinco acampamentos dos Iranches, com pequenos ranchos, ceder ao desejo dos dous indios Parecis, que me acompanhavam, de voltarmos.

Felizmente tive mais tarde ainda occasião de encontrar tres homens dos Iranches em Utiariti.

Estes tinham chegado em São João, para visitar os Parecis, e meu companheiro Pedro Augusto os tinha levado para Utiariti para nos mostrar.

Traziam no quadril uma cintura de pequenas sementes amarellas e na frente um pequeno tecido de algodão por tanga. Tinham nos braços e nos lobulos perforados das orelhas anneis consistindo das mesmas sementes.

Não quizeram communicar-me nenhuma palavra da sua lingua. Tambem tive occasião em Utiariti de colleccionar uma quantidade das lendas dos Parecis na sua lingua e um dictionario da lingua Tamaindé, por insistencia dum menino dêstes indios, que estava com dous outros pequenos patricios em Utiariti.

No dia 23 de Março, puz-me com o resto das minhas bestas de carga a caminho para a Barra do Rio dos Bugres.

Até a pequena estação Parecis tinhamos de aproveitar o mesmo caminho como na saída para Utiariti; desde dahí porém, era preciso dobrar para o Sul, seguindo a linha tele-

graphica, que liga a estação Parecis com a Barra do Rio dos Bugres.

Conquanto consista a conexão entre Cuiabá e Utiariti numa boa estrada, frequentada por caminhões até Ponte de Pedra, e hoje talvez mais adiante ainda, nosso caminho entre Parecis e a Barra do Rio dos Bugres estava naquella estação pouco praticavel para uma tropa de muares, por causa das inundações e atoleiros.

Cheguei no dia 7 de Abril á Barra do Rio dos Bugres, perto do posto dos Barbados, Humaitá.

Alguns destes indios civilizados são domiciliados e occupados na roça do posto, num lugar chamado Dezoito.

Bem tractados e alimentados pela administração do posto, elles prestam bons serviços, bem contentes com sua sorte mudada.

Tanto os indios casados como os moços ainda solteiros tractam-se muito bem no que respeita ao modo de vestir e na conducta.

Já se adeantaram muito a respeito da civilização, o que é melhor provado pelo contraste com seus patricios, que ficaram ainda separados no matto.

No fim do mez de Abril, o chefe do posto Humaitá, sr. Octaviano e eu subimos o rio Paraguai, levando duas grandes canoas e quatro remadores, até chegarmos ao lugar da barranca, donde era mais facil alcançar as aldeias dos Barbados ou Umotinas, como elles se chamam a si mesmos.

A primeira turma destes Indios, que encontrámos nesse poncto, foi a do temido Iakepa.

A primeira recepção pelos Umotinas parece bem particular a quem ainda não conhece os costumes desses Indios.

Os homens accorreram turbulentamente, brandindo arcos e flechas, sapateando perto de nós, dirigindo continuamente as pontas das suas flechas ás nossas caras e tremendo todo o corpo, convulsivamente.

Sómente pouco a pouco acalmaram-se.

Os homens tinham uma pequena covilha no labio inferior, um diadema de pennas na cabeça, couros de lontra por escudos nas costas e ornatos de pennas collados na parte superior dos braços e em cima dos bicos do peito.

Enquanto que os homens andam completamente nus, usam as mulheres uma tanga de algodão, da mesma maneira como as mulheres dos Parecis e Kobisis, e enquanto os homens têm os cabellos compridos e ligados por meio duma faixa na parte posterior da cabeça, as mulheres cortam os cabellos bem curtos.

Como os homens, ellas têm brincos de pennas nos lóbulos de orelha e grandes collares de sementes e dentes de animaes.

O sr. Octaviano accompanhou-me ainda até uma das aldeias dos Umotinas, situada a quasi cinco kilometros para dentro do matto, e eu fiquei lá durante uma semana juncto com um Indio Barbado, moço do posto, no meio dos outros Indios.

Perto da minha tenda, nesta aldeia dos Umotinas, chamada Masepo, havia a cabana dum bom Indio, já muito velho, chamado Kaimanepa, que foi, como diziam os outros Umotinas, antes um forte guerreiro, que vingou muitas violencias dos brancos.

O chefe da aldeia foi Mituponepa, exasperado inimigo do seu ermão Iukuepa, chefe da aldeia vizinha.

Ainda na última noite da minha estada em Masepo consummou-se o casamento entre Mituponepa e a India Marepata, consistindo a cerimonia principalmente na obrigação do noivo arranjar uma caçada para o moquem da noiva.

Foi digno de admiração que o nôvo casal, no dia seguinte, já bem cedo, tomou parte em levar minhas cargas pesadas para o porto, sendo a distância mais ou menos de cinco kilometros.

Querendo eu voltar ao posto Humaitá, o moço Kodonepa promptificou-se a accompanhar-me.

Mituponepa recusou decididamente meu convite, justificando sua recusa por palavras pouco cortezes; que não gostava de olhar para caras de gente civilizada.

Apesar dêste seu sentimento, nós dous estavamos sempre de bom accordo, assentando-se elle muitas vezes á noite dentro da minha tenda para ensinar-me as cantigas dos Umotinas ou escutar os sons da minha rabeca.

Depois de termos despedido dos nossos amigos em Masepo, embarcámo-nos, acenando ainda os bons Indios na barraca, até desaparecer a nossa canôa das suas vistas na primeira volta do rio.

Levando uma collecção quasi completa dos artefactos dos Umotinas e um bom vocabulario da sua lingua, podia estar bem contente com o resultado desta excursão a Masepo.

Voltei de lá para o posto Humaitá e para a Barra do Rio dos Bugres, proseguindo daqui a volta, rio abaixo, em canôa, para poder explorar os respectivos logares a respeito de artefactos antigos.

Passando por São Luiz de Cáceres, achei perto desta cidade algumas jazidas de antiguidades, assim por exemplo na fazenda Facão e em Passagem Velha.

No sítio Barranca Vermelha, excavei uma grande urna funerea, que tinha uma altura de 124 centímetros, tendo a largura mais ou menos a mesma proporção e um peso de quasi 150 kilogrammas.

Dentro da urna achou-se, além dos cacos da tampa e dum pequeno pote redondo, um pequeno assobio de barro queimado, bem ornamentado com riscos muito finos.

Bastantes urnas achei tambem perto de Descalvados e cacos antigos no Aterrado.

Mais adiante rio abaixo, ainda encontrei os Indios Quatos, ahi domiciliados, visitando tambem meus velhos conhecidos desta tribu na lagôa de Gaiba e no rio Pedro II.

Chegando no pequeno Amolar, fiz ainda com dous praticos do logar uma excursão para o morro do Triumpho.

Ainda não encontrei este morro registado nos mappas.

E' situado no meio dos pontanaes destas regiões, no lado esquerdo do rio São Lourenço, em frente ao morro de Caraca.

Esta excursão muito penosa valia a pena.

As inscrições nas rochas ao pé dêste morro excederam toda expectativa, sendo as mais interessantes que conheço naquellas regiões.

Mostram, entre numerosas outras figuras, desenhos duma cobra com cabeça humana, de differentes passaros, e de cabeças de veado e papagaio.

Tendo explorado estas interessantes figuras, voltei, sómente a muito custo, para Amolar, abaixando-se, entretanto, a agua de modo a não dar mais passagem á canôa.

Embarcando numa pequena lancha, voltei para Corumbá, e de lá para o Rio de Janeiro". (*Applausos.*)

SESSÃO 1.551ª — SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO 91º ANNIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO

PRESIDENCIA DO SR. WASHINGTON LUIS PEREIRA DE SOUSA
(*Presidente da República e presidente honorario do Instituto*)

A's 21 horas, abre-se a sessão com a presença dos srs. Washington Luis Pereira de Sousa, conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, José Maria Moreira Guimarães, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Liberato Bittencourt, Eduardo Marques Pei-

xoto, Braz do Amaral, Juliano Moreira, Helio Lobo, Alfredo Ferreira Lage, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Emilio Fernandes de Sousa Docca, dom Francisco de Aquino Corrêa, João de Oliveira Sá, Camelo Lampreia, Carlos Miguel Delgado de Carvalho e Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca.

O SR. WASHINGTON LUIS (*presidente*) — Tem a palavra o sr. conde de Affonso Celso.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que, segundo os estatutos e as velhas tradições, cuja fiel observancia constitue uma das fôrças do INSTITUTO, o essencial na sessão magna consiste no seguinte: ler-se-á o relatório, com a resenha dos trabalhos annuaes, e far-se-á o elogio dos socios fallecidos durante o anno, — tarefas essas que, preenchidas, como vão ser, pela notoria e brilhante proficiencia do primeiro secretário e do orador perpétuo, ambos grandes benemeritos da associação, comprovarão, ainda uma vez, o quanto esta, ao entrar no 92º anno de funcionamento, póde desvanecer-se da continuidade, sem interrupção, nem deslise, do devotamento fecundo a seus altos desigñios, animada sempre da fé constructora de obras patrioticas, que determinou a abençoada iniciativa dos fundadores.

Conforme ainda os estatutos, deverá o presidente pronunciar a allocução de abertura, allocução de normas prefixadas. Cumpre-lhe, antes de tudo, na occasião, agradecer a honrosissima presença do chefe do Estado, que a esta gentileza accrescenta a de presidir á sessão, presença, aliás, natural em quem, ha longo tempo, pertence á casa, havendo merecido e justificado a escolha, já por valiosos escriptos historicos, já porque, quando prefeito da Capital e presidente de São Paulo, prestou preciosos serviços á sciencia cultivada no INSTITUTO, promovendo a descoberta e o aproveitamento de materiaes indispensaveis á recomposição da vida colonial. Muito reconhecido se confessa tambem o INSTITUTO ao comparecimento de tão avultada quanto elegante e conspicua assembléa, composta de auctoridades, senhoras, personagens de eminente relêvo social.

Quanto aos outros sentimentos suscitados ao presidente e aos consocios pela festividade, recorre o orador, para delinea-los, a um trecho de famosa producção litteraria contemporanea.

Descreve nelle o auctor uma antiga solennidade grega, na qual os cidadãos se espaçavam formando uma especie de cadeia. O primeiro accendia um facho no altar e corria a transmitti-lo ao segundo, que o passava a terceiro e, assim, de

mão em mão. Cada concorrente seguia sem olhar para traz, tendo o objectivo unico de preservar a chamma que ia, entretanto, entregar a outrem. E então, desapossado, estacionado, não vendo sinão a fuga ao longe do estrellejar sagrado, escoltava-o, ao menos, com os olhos, transbordantes de ansiedade impotente e de votos superfluos. E estava alli, ao conceito do escriptor, a imagem das gerações na vida !

Pois bem ! A missão do INSTITUTO assimilha-se á dos lam-padophoros athenienses, a "Course du Flambeau" do dramaturgo moderno, porém, com differenças substanciaes e sem chegar ás conclusões sombrias a que este chegou. Tambem o INSTITUTO, vai para um seculo, accendeu um facho de sciencia no altar da Patria e o tem transferido ás gerações successivas, empenhando-se em que a flamma não só não se apague, nem sequer vacille, como ainda em que irradie cada vez mais luz, de modo a illuminar os horizontes quer de além, quer de aquem. Penetrado de respeito e reconhecimento pelo passado, exforçando-se por florir e fructificar o patrimonio delle recebido, pensa, como profundo sociologo, que os mortos têm na sociedade direitos como os vivos, pois a sociedade de que os vivos gosam fôram os mortos que a fizeram, e os vivos só lhes devem auferir a herança sob a condição de executar-lhes o testamento.

Alenta o INSTITUTO a consciencia de que os actuaes legatarios não são indignos ou incapazes de succeder aos predecessores, e de que o seu emprehendimento, bem inspirado e firme na concepção, rejuvenescido nos methods, ao influxo incessante do progresso, ha de perpetuar-se no culto e defesa de ideaes supernos, quaes o do patriotismo e do amor ao estudo, o da confiança no feliz resultado do labor honesto, o da certeza da existencia de uma sabedoria eterna, infinita, infallivel, feita de justiça e misericordia, a qual, julgando mais do que actos e palavras, discernindo, sondando e aquilatando os mais intimos propositos, conhece o quão rectos e puros têm sido, são e serão os do INSTITUTO. (*Calorosos applausos.*)

O SR. WASHINGTON LUIS (*presidente*) — Tem a palavra o SR. MAX FLEIUSS.

O SR. MAX FLEIUSS (*secretário perpétuo*) — lê o seguinte relatório:

"Senhores consocios — Em obediencia ao dispositivo contido no art. 61 da nossa lei estatutaria, tenho a honrosa satisfação de, mais uma vez, no exercicio de uma das attribuições inherentes ao cargo que desempenho, ha 24 annos, na directoria desta Casa, solicitar vossa exclarecida attenção para o Rela-

torio dos trabalhos annuaes do extincto exercicio social de 1929, 91° anniversario da fundação do INSTITUTO.

A data commemorativa de 21 de Outubro, tradicionalmente assignalada em nossos annaes, foi sempre motivo de júbilo, conforto e incentivo para todos nós do INSTITUTO.

Alegra-nos, mórmente, neste dia de consagração solenne, a lembrança consoladora de que a primeira pedra, lançada a 21 de Outubro de 1838 pelos 27 illustres Brasileiros congregados sob a presidencia dos viscondes de Jerumirim e de São Leopoldo para fundarem o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, bem cedo se converteu num monumento de erudição e de glória nacional, que é hoje, no genero, a mais antiga e a mais expressiva das associações não só brasileiras como americanas, justamente aureolada com o título de "Casa da História."

Confortam-nos ainda a idéa da elevada missão a que o INSTITUTO, desde logo, se propoz, com o firme intuito de ver realizado, na íntegra, seu insigne programma, e a consciencia do dever exactamente cumprido, após 91 annos de longos, inextinguíveis e indefessos serviços, sem solução de continuidade, de alto valor scientifico e patriotico, prestados em renome do Brasil, das lettras historicas, geographicas e ethnographicas brasileiras, em pról do nacionalismo, do amor ao passado heroico do nosso paiz, ao congraçamento da nossa raça americana, e, sobretudo, á concordia e ao entendimento intercontinental dos povos cultos.

Estimula-nos, enfim, a efficiencia dêsses serviços quasi seculares, de ordem não só intellectual, mas social, política e internacional, prestados ao Brasil-regencia, ao Brasil-imperio e ao Brasil-república, pelo INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

São elles os fructos de ouro dêsse patrimonio intellectual, que tem provocado a admiração até mesmo de celebridades da sciencia universal, thesouro de erudição brasiliense, accumulado porfiada e pacientemente, ao preço do labor e da perseverança de cada dia, por longos e longos annos de fecunda existencia, toda dedicada ao lemma da *pacifica scientiæ occupatio* no convivio dos nossos fastos e tradições seculares, completamente absorta no estudo dos homens e das cousas patrias.

De anno para anno, affirmam-se cada vez mais os títulos de benemerencia desta Casa, creditorios do respeito e estima de seus pares, de illustres nacionaes ou estrangeiros, em todas as épochas da sua dilatada existencia, como

de todos aquelles que, nascidos ou não sob o Cruzeiro do Sul, pronunciam com respeitoso carinho o nome do Brasil.

Esta casa erigida ha perto de um seculo para perpetuar pela sciencia a memória dos nossos fastos, de par com o conhecimento do territorio e da Ethnologia, foi sempre cumulada das mais altas attensões por parte dos governos do antigo como do actual regime, que, por mais de uma feita, recorreram á segurança e auctoridade dos seus conceitos e á riqueza de seus archivos. .

Por sua natureza e characteres distinctivos, representa o INSTITUTO o typo por excellencia da associação de patrimonio historico da Nação Brasileira, depositária fiel, que, resistindo aos ultrajes do tempo, traz sob a sua guarda e vigilancia continua, preciosas collecções de documentos autographos e paleographicos, papeis officiaes ou particulares, pertencentes a illustres homens do Brasil, em todas as épochas da sua História, em qualquer dos ramos da sua actividade política e social; raros mappas, plantas, roteiros, retratos e estampas artisticas, que têm grande procura para a illustração de obras scientificas e artigos de imprensa diaria desta Capital, dos Estados e do estrangeiro.

Ufana-se o INSTITUTO de possuir selecta bibliotheca, concernente á História, Geographia e Ethnographia patrias, assim como a mais copiosa *Revista*, sôbre os mesmos assumptos, cujo tomo 103, volume 157, acaba de vir a lume.

Essas legítimas preciosidades de bibliographia, documentação e iconographia não dormem o somno do olvido sob o pó do tempo, nos raios das estantes de nossa bibliotheca, ou nas arcas do nosso archivo. Ao contrário: são, diaria e constantemente, pesquisadas por avultado número de estudiosos, que assiduamente frequentam a nossa sala pública de leitura.

Compraz-nos, ainda, aqui deixar consignada a regularidade, sem excepção observada, em todos os serviços, notando-se, por signal, que se acha quasi em dia o serviço referente ás suas publicações, sendo-nos, pois, possivel inicial, em o anno proximo, a reimpressão dos tomos exgottados.

SESSÕES

No lapso comprehendido entre 21 de Outubro de 1928 e 4 de Outubro corrente, realizou o INSTITUTO 10 sessões: oito ordinarias, — uma especial, e a magna, commemorativa do 90° anniversario da fundação desta Casa.

A 1ª sessão ordinaria, a 20 de Abril, coincidindo com o anniversario de nascimento do barão do Rio-Branco, foi quasi toda consagrada á memória do grande Brasileiro. Fallaram o sr. conde de Affonso Celso, nosso amadissimo presidente perpétuo, nome que é um symbolo de glória para os Brasileiros, e o secretario perpétuo, que recordou episodios da vida do egregio e saudosissimo presidente do INSTITUTO.

O sr. presidente perpétuo communicou officialmente o fallecimento dos socios srs. José Leopoldo de Bulhões Jardim, Gentil de Assis Moura e Antonio Martins de Azevedo Pimentel.

O secretario perpétuo dirigiu palavras de saudação ao padre Geraldo José Pauwles, nome conhecido na litteratura historica e geographica brasileira, e que assistia á sessão.

A última parte foi occupada pelo sr. Alfredo Valladão, relator geral da Comissão Executiva do Segundo Congresso de História Nacional, a realizar-se em 1931. Leu o sr. Valladão as theses que brilhantemente organizou para o mesmo certame, theses essas já approvadas por aquella Comissão.

A 2ª sessão ordinaria realizou-se a 1 de Maio e foi dedicada á memória de José de Alencar, cujo centenario natalicio então occorria. Após breve allocução do sr. presidente, occupou a tribuna o sr. Augusto de Lima, que, erudito e brilhantemente, tractou da vida da grande figura de nossas lettras.

Occorrendo a 6 de Maio, data da 3ª sessão ordinaria, o centenario do fallecimento de frei Francisco de São Carlos, coube ao sr. Agenor de Roure fallar sôbre a personalidade do insigne prégador régio, e fe-lo com o cuidado e brilho que caracterizam seus trabalhos.

O sr. presidente referiu-se aos artigos publicados pelo secretario perpétuo no *Jornal do Commercio*, propondo, com unanime applauso dos consocios, sejam esses artigos compilados em volume da Revista do INSTITUTO, e que na acta da sessão fôsse inscripto um voto de louvor ao mesmo secretario.

Encerrando a sessão, declarou que o fazia com uma expressão de júbilo, condigna da commemoração effectuada: referiu-se á presença do preclaro e acatadissimo consocio, d. Aquino Corrêa, e congratulou-se com o INSTITUTO pelo comparecimento de s. ex. revma. á sessão glorificadora de frei Francisco de São Carlos, denominado *Sereia do Pulpito*.

Terminou, com applausos geraes, formulando votos para que a viagem de d. Aquino a Roma se realizasse de maneira feliz e que s. ex. revma. regressasse nas melhores condições de corpo e de espirito ao seio da patria que tanto o ama, respeita e admira.

— A 5 de Junho realizou-se a 4ª sessão ordinaria. O sr. Agenor de Roure leu o parecer do sr. João Pandiá Calogeras acêrca do lugar do nascimento de Antonio Philipe Camarão, desempenhando-se, assim, do encargo que lhe commettera o sr. presidente, por solicitação do INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO, parecer que ficou para ser opportunamente discutido e votado.

Passando nesse dia o segundo centenário do nascimento de Claudio Manuel da Costa, fallaram sôbre o poeta-inconfidente o sr. presidente e o sr. Afranio de Mello Franco, convidado, que fôra, a realizar uma conferencia sôbre o inconfindente mineiro. O trabalho do sr. Mello Franco impoz-se aos maiores elogios.

O sr. presidente nomeou uma commissão composta dos srs. Afranio Peixoto, Alfredo Nascimento Silva, Braz do Amaral, Edgard Roquette Pinto, Juliano Moreira e Olympio da Fonseca, todos medicos, socios do INSTITUTO, incumbida de representar a associação nas festas commemorativas do centenário da Academia Nacional de Medicina. Agradeceu ao sr. Roquette Pinto o haver representado o INSTITUTO, na cerimonia da inauguração do monumento de Fritz Müller em Blumenau, bem como a offerta de excellente photographia da estatua; agradeceu, igualmente, a preciosa dadiva do dr. Mario de Lima Barbosa, consistente em reproduções photographicas de documentos existentes nos archivos dos Estados Unidos da America do Norte, relativos á revolução pernambucana de 1817.

Communicou depois a morte do socio sr. José Pereira Rego Filho, inserindo-se em acta um voto de pesar.

Declarou mais o sr. presidente que havia nomeado os srs. Eugenio de Castro e Rodolfo Garcia para estudarem a proposta dêste consocio, apresentada em sessão de 17 de Julho de 1922, sôbre as viagens de Pinzon.

Por proposta do secretário perpétuo fizeram parte da acta da sessão, como annexos, a proposta do dr. Aarão Reis e o parecer do deputado Carlos Penafiel sôbre nomes geographicos nacionaes e estrangeiros, bem como a carta do desenhador Collares Moreira acêrca de um autographo de Joaquim Silverio dos Reis.

O sr. Eugenio Vilhena de Moraes, firmado em documentos da maior valia, provou que o regente do Imperio Francisco de Lima e Silva não nasceu nesta capital a 8 de Julho de 1785, mas a 8 de Junho do mesmo anno.

— A 5ª sessão ordinaria, presidida pelo sr. Manuel Cicero, primeiro vice-presidente, realizou-se a 1 de Julho.

Justificada a ausencia do sr. conde dè Affonso Celso, pelo presidente da sessão, o secretário perpétuo referiu-se á presença do professor dr. Rafael Schiaffino, membro do Instituto Historico e Geographico do Uruguai e um dos delegados do seu paiz nas commemorações do centenario da Academia Nacional de Medicina.

Sendo naquella data o centenario do fallecimento de frei Leandro do Sacramento, o sr. Roquette Pinto, após breve allocução do sr. presidente sôbre a personalidade do antigo director do Jardim Botânico, proferiu brilhantissima conferência em que estudou com minúcia a vida e a obra do sabio botânico brasileiro.

O sr. presidente, ao encerrar a sessão, nomeou os senhores Augusto Tavares de Lyra, Agenor de Roure e Alfredo Ferreira Lage para visitarem o sr. conde de Affonso Celso e apresentarem a s. ex. as condolencias do INSTITUTO pelo fallecimento recente de pessoa de sua familia.

— Aos 26 de Agosto deu-se a 6ª sessão ordinaria. De início, o sr. presidente dirigiu-se ao sr. Ramon Cárcano, socio correspondente do INSTITUTO, presente á sessão, realçando os meritos do illustre historiador argentino. O sr. Cárcano agradeceu em commovidas palavras.

A seguir coube ao sr. Moreira Guimarães fallar sôbre os *Generaes da Independencia* e o fez com a habitual mestria e erudição.

O sr. Eugenio Vilhena de Moraes fez uma communicação relativamente a uma biographia inédita do duque de Caxias, que, segundo hypothese que estabeleceu, — parece tractar-se da primeira parte do trabalho publicado por Capistrano de Abreu na *Revista do Brasil*, sob o título "Capitulos de uma biographia perdida de Caxias". Depois de alludir a outros artigos da mesma biographia, publicados no *Jornal do Commercio* pelo sr. Cassius Berlinck, filho do auctor, e do maior interesse para a campanha de Rosas, terminou o sr. Vilhena de Moraes declarando que, mesmo desaparecido do número dos vivos, continuava Capistrano de Abreu a contribuir com o exfôrço das suas pesquisas para o progresso dos estudos historicos brasileiros.

— A 7ª sessão ordinaria foi a 28 de Setembro e nella foi rememorada a lei — ISABEL-RIO-BRANCO.

— A 8ª sessão ordinaria coincidiu com a data do 50º anniversario do fallecimento do general Osorio. Realizou-se a 4 de Outubro e nella fez uma conferência sôbre o grande soldado brasileiro o sr. João Pandiá Calogeras, cujo trabalho, muito applaudido, constitue magnífico estudo da vida e feitos do immortal Rio-Grandense.

O sr. presidente pediu o comparecimento de todos os presentes para a sessão magna de 21, 91º anniversario da fundação do INSTITUTO, e communicou que o sr. presidente da República havia sido especialmente convidado para presidir á sessão, havendo sido para isso visitado por uma commissão composta dos srs. Manuel Cicero, Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure e Alfredo Ferreira Lage.

— A sessão especial realizou-se a 28 de Agosto, commemorando o accôrdo sôbre Tacna e Arica e nella usaram da palavra os srs. conde de Affonso Celso, saudando a paz americana; Ramiz Galvão, saudando os Estados Unidos; Rodrigo Octavio, saudando a República do Chile, e Manuel Cicero, saudando a República do Perú.

PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO

Como no anno anterior, intensa foi a série de nossas publicações. Nada menos de cinco tomos da *Revista* fôrão dados a lume: os 101 a 103, da seriação regular; o VII e o VIII dos Annaes do Primeiro Congresso Internacional de História da América. O tomo 104 surgirá até ao fim dêste mez.

Os trabalhos de elaboração da introduccão geral do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil* proseguem com regularidade, agora a cargo do sr. Alexandre Emilio Sommier. O 3º volume está em adeantada impressão.

Tambem brevemente será iniciada a impressão da *História do Brasil*, de Heinrich Handelmann, cuja traducção está sendo obsequiosamente revista pelo illustrado coronel do Exército, dr. Bertholdo Klinger.

MOVIMENTO DAS SECÇÕES

Os numeros abaixo, relativos ao movimento dos diversos departamentos do INSTITUTO, dão precisa idéa do desenvolvimento e da regularidade do seu funcionamento:

Bibliotheca — Obras offerecidas, 1.538; adquiridas, 33; Encadernações e reencadernações, 240. Revistas nacionaes e estrangeiras recebidas, 1.502. Catalogos de bibliothecas nacionaes e estrangeiras recebidos, 208.

Archivo — Documentos consultados, 1.334; offerecidos, 41.

Mappotheca — Mappas consultados, 275; offerecidos, 38.

Museu — Visitantes, 357. Objectos offerecidos, 16.

Sala Pública de Leitura — Consultas, 1.900.

Secretaria — Officios, cartas e telegrammas recebidos, 1.901; officios, cartas e telegrammas expedidos, 1.807.

OFFERTAS

Contribuíram para o augmento do patrimonio do INSTITUTO, offertando-lhe livros, documentos e objectos de valia tornando-se, por isso, merecedores da gratidão desta Casa, os srs. Marquez Indio do Brasil, nosso prezadissimo consocio; drs. Hubert Knipping, eminente ministro da Alemanha; Mario de Lima Barbosa, Arthur Vautier, Tobias Monteiro, Evandro Sanctos, viuva Amaro Cavalcanti, dr. Mauricio de Lacerda (que nos offereceu o archivo do general Solon), Rodolfo Bernardelli, o glorioso mestre, commendador Raul Castello-Branco Barreto, professor Pasteur Vallery-Radot, dona Gerusa Soares de Sá, neta do Marechal Cunha Mattos, um dos nossos fundadores, a qual nos presenteou com uma bellissima reprodução photographica de um retrato daquelle eminente brasileiro.

CADASTRO SOCIAL

E' actualmente de 149 socios o cadastro do INSTITUTO. Não tendo havido eleição no anno social expirante e deduzidos os nomes de quatro socios fallecidos, assim se compõe o mesmo cadastro:

Presidentes honorarios.....	5
Socios grandes-benemeritos.....	5
Socios benemeritos.....	14
Socios honorarios.....	37
Socios effectivos.....	43
Socios correspondentes.....	44

Socios fallecidos—Deplora o INSTITUTO o desaparecimento, no lapso de 21 de Outubro de 1928 a esta data, dos seguintes companheiros: José Leopoldo de Bulhões Jardim, Gentil de Assis Moura, José Pereira Rego Filho, Antonio Martins de Azevedo Pimentel.

VIDA SOCIAL

Intensa foi a vida social do INSTITUTO no anno que hoje finda.

Fizeram conferências na Sala Varnhagem os srs. professor Rafael Scchiafino, que tractou de—El arborismo americano;—professor Pasteur Vallery-Radot, que fallou

sôbre Pasteur e Pedro II, exhibindo em projecções luminosas cartas do imperador a Pasteur, professor Max Schmidt, da Universidade de Berlim e do Museu Nacional, que descreveu suas — Explorações ethnologicas em Matto-Grosso em 1926 e 1928, illustrando o trabalho com projecções luminosas.

Por occasião da confêrencia do illustre professor da Faculdade de Medicina de Pariz, sr. Pasteur Vallery-Radot, o sr. conde de Affonso Celso, presidente perpétuo, offereceu ao conferencista duas medalhas — uma de prata e outra de bronze — commemorativa da inauguração, em Petropolis, da estatua de d. Pedro II.

Participou o INSTITUTO das homenagns que a capital prestou ao presidente norte-americano Herbert Hoover, visitando-o por uma commissão composta dos srs. Francisco Radler de Aquino, Carlos da Silveira Carneiro e Helio Lobo, e offerecendo-lhe os exemplares, ricamente encadernados, da introduccão geral do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*.

Por occasião do anniversario natalicio do general Osorio, aos 10 de Maio, realizou o INSTITUTO interessante exposiçãõ iconographica de objectos que dizem respeito ao grande soldado brasileiro.

Manteve e mantém o secretário perpétuo activa correspondencia com o professor Michel Lhéritier, secretário geral do Comité Internacional des Sciences Historiques, e com o Instituto de Cooperação Intellectual, mantido pela Liga das Nações.

Neste particular, cumpre pôr em relêvo, entre justos louvores, a dedicaçãõ proficiente do consocio, sr. embaixador Régis de Oliveira, que, mediante cavalheirosa auctorizaçãõ do eminente ministro das Relações Exteriores, representou tambem o INSTITUTO na terceira assembléa plenaria do Comité International des Sciences Historiques, realizada em Veneza, no mez de Maio dêste anno.

Nessa assembléa, foi unanimemente approvada a formaçãõ de uma sub-commissão de Iconographia brasileira, a qual, ainda por deliberação daquella assembléa, será presidida pelo secretário perpétuo do INSTITUTO.

Proseguem com normalidade, os trabalhos de organizaçãõ do Segundo Congresso de História Nacional, com que o INSTITUTO commemorará o centenario de 7 de Abril de 1831.

O relator geral da respectiva commissão organizadora, sr. Alfredo Valladão, já organizou as theses e escreveu erudita exposiçãõ de motivos, justificando-as.

Funcionou com louvavel regularidade a Eschola de Estudos Brasileiros, de que já houve menção em relatorio anterior. Fundada nos moldes da Summer Student School, dos Estados Unidos, não teve ella, este anno, a esperada frequencia, em virtude dos boatos alarmantes sôbre a epidemia de febre amarela. Fizeram prelecções os professores Delgado de Carvalho, Calogeras, Carneiro Leão, Arrojado Lisbôa, Heloisa Alberto Torres e Mello Leitão.

A presidencia da Congregação cabe ao sr. conde de Afonso Celso, estando a direcção da Eschola entregue ao sr. Delgado de Carvalho. Segundo tudo faz crer, em Julho de 1930 numerosa será a matricula de estudantes norte-americanos na Eschola de Estudos Brasileiros.

—Resente-se o INSTITUTO, desde alguns annos, de uma necessidade principal, e sôbre ella já temos várias vezes insistido em nossos Relatorios anteriores — a falta de um edificio mais amplo, apropriado a seus fins e ao desenvolvimento dos seus multiplos serviços.

Que se nos releve a insistencia no appello ao Govêrno, especialmente no seu illustre chefe, nosso consocio desde 1912.

A deficiencia de espaço, de installações condignas é a razão de muitas das nossas collecções de documentos e livros insubstituiveis se encontrarem sériamente ameaçadas.

Já fizemos sentir que, realmente, são insufficientes por seu número e capacidade as installações de que dispõe o INSTITUTO para accomodar devidamente, a salvo do risco de incendio e da destruição pelos vermes, o acervo das suas riquezas bibliographicas e documentaes.

Todas essas dependencias — bibliotheca, archivo, gabinete de estampas e retratos, mappotheca, museu etc. — exigem providência immediata.

Esta Casa de tradições e de culto ás glórias nacionaes é digna de uma séde em tudo condignã dos seus alevantados fins, aspiração de ha muito nutrida por todos os membros desta douda Companhia.

O Instituto da Bahia já a possúe magnífica, devido á generosidade do govêrno estadual e á tenacidade victoriosa do sr. Bernardino José de Sousa.

Merece tambem o INSTITUTO HISTORICO BRASILEIRO outro auxilio, que consiste em augmentar-lhe a exigua dotação orçamentaria, sempre a mesma ha quasi 10 annos.

O custo da vida ordinaria subiu excessivamnte para todas as classes sociaes, e o augmento do subsidio do INSTITUTO proveria á melhor remuneração do pessoal administrativo, de

categoria muito especial, que nelle serve sob a direcção desta Secretaria.

O funcionario dêste INSTITUTO deve ser um tecnico no assumpto que versa, dotado de preparo, apparelhado convenientemente para o mysterio que vai exercer.

—Relatando os trabalhos sociaes do anno de 1906, na sessão magna de 21 de Outubro, deixámos nelle exarado o seguinte conceito sincero sobre os destinos do INSTITUTO:

Anima-nos hoje um forte revigoramento, que nos consente o perscrutar do passado, sem descrever do presente, encaminhando pelo estudo, livre de preconceitos, insubmisso a quaesquer outros dictames que não os da consciencia ao serviço da verdade, o nosso porvir, o qual se desdobrará magnifico, justificando as esperanças dos antepassados que, ao pisarem o sólo desta terra, lhe deram um nome duplamente benedicto.

E' de uma carta primorosa de Euclides da Cunha a Domício da Gama, datada de 16 de Novembro de 1907, e pertencente ao archivo da illustre Academia de Lettras, o seguinte trecho, que peço licença para relembrar aqui: "Dentro de cinco dias, no dia 21, o nosso Rio-Branco será eleito presidente do INSTITUTO HISTORICO.

"Certo quem fez os melhores capitulos de nossa História contemporanea presidirá melhor que qualquer um outro á mais nacional das nossas instituições."

Sim, meus senhores, o nosso INSTITUTO é, certamente, uma das nossas grandes instituições, onde sempre se trabalhou e trabalha com o interesse unico de servir ao Brasil.

(Prolongadas palmas.)

O SR. WASHINGTON LUIS (*presidente*) — Tem a palavra o sr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

O SR. RAMIZ GALVÃO (*orador perpétuo*) assim se pronuncia:

Exmo. sr. presidente da Republica.

Exmo. sr. presidente do Instituto, illustres confrades, minhas senhoras e meus senhores.

O insigne Porto Alegre, brilhante ornamento desta Casa, onde tantas vezes colheu justos applausos, e da qual só se arredou para servir á Patria em funcção de outra natureza, — o illustre Porto Alegre, astro dos mais scintillantes no fir-

mamento das lettras nacionaes, disse uma vez, em identica solennidade:

Aos varões que nos conquistaram uma nova patria espiritual á custa da sua vida e felicidade, devemos amor e reconhecimento, devemos-lhes o culto do homem civilizado, porque elles nos deixaram na estrada o facho divino que receberam.

São palavras de ouro, que ficaram gravadas nos annaes do INSTITUTO, e que folgo de repetir, porque ellas recommendam um exemplo e uma norma notabilissima, por seguir.

Do prezadissimo e infatigavel secretario acabaes de ouvir, senhores, a história dos nossos trabalhos durante o anno social; foi uma página de brilhantes serviços e labores, que honram a velha e quasi secular Companhia, sempre adstricta ao cumprimento dos deveres que assumiu em 1838, nos dias agitados da Regencia.

Mas a nossa lei prescreve para esta data memoravel outra homenagem de igual valor. Depois de celebrar os feitos dos vivos, dos que ainda labutam nas gloriosas fileiras, manda o nosso Estatuto que não esqueçamos os servidores, que tombaram na estrada da vida, dando exemplos que fructificam, e ao mesmo tempo ennobrece os seus nomes. Aos vibrantes epinicios acompanhem, pois, threnos saudosos; uns e outros são justissimos tributos de veneração e de estima.

Eis o papel do vosso orador, que só lastima nesta hora ver debilitada pelo pêso dos annos a palavra calorosa, com que desejaria realçar os meritos dos notaveis e dignos Brasileiros, que tanto jús fizeram ao applauso de seus contemporaneos. Certo estou de que me relevareis esta debilidade; o insigne Victor Hugo já disse:

...grand qui peut pardonner!

— Não poupou a morte este anno as fileiras do INSTITUTO HISTÓRICO; e, si não foi avultado o número dos que pagaram a sua dívida á lei inexoravel, nem por isso foi menor a nossa perda; alguns dêsses poucos e bravos soldados da gloriosa milicia fôram por largos annos companheiros laboriosos e distinctos, cujo desaparecimento punge dolorosamente o nosso coração de patriotas e amigos.

Não ha muito se afastou dentre os vivos o dr. José Pereira Rego, filho do barão de Lavradio e nascido nesta capital, a 2 de Julho de 1843.

Bacharel em lettras pelo Collegio de Pedro II na turma de 1862, matriculou-se em nossa velha Eschola de Medicina em 1863 e alli se graduou em 1868.

Em 1864, eram collegas seis bachareis: João Carlos Mayrink, Ernesto Frederico da Cunha, Eduardo Cesar d'Almeida Rego, Francisco José Xavier, o nosso José Pereira Rego e o humilde orador, que neste momento vos falla. Datam, como vêdes, dos alegres dias da juventude as nossas relações amistosas, e dahi o perfeito conhecimento que pude ter daquella bôa alma de luctador.

Foi nesse referido anno de 1864 (ha, portanto, mais de meio seculo), que, unidos por um pensamento accorde e entusiasta, fundámos o Instituto dos Bachareis em Lettras, inaugurado solennemente a 2 de Julho, sob a presidencia do Bacharel Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides, já então professor do Collegio de Pedro II, e mais tarde piedosissimo e venerando bispo de Marianna.

Foi na propria residencia de Pereira Rego que se elaborou o projecto dos nossos Estatutos. Realizaram-se depois as nossas sessões no edificio do Externato de Pedro II, graças á gentileza do Govêrno e á do reitor de então, dr. Manuel Pacheco da Silva, mais tarde barão de Pacheco.

O convivio litterario dos bachareis em lettras, presididos posteriormente pelo talentoso poeta e fabulista, dr. Anastacio Luis do Bonsuccesso, foi por alguns annos regular e productivo; até 1868, com o concurso de novòs bachareis, essa confabulação perdurou sem quebra. Nesse anno, graduados em Medicina, os fundadores do Instituto, como era natural, se dispersaram. Impellido pelas necessidades da vida práctica, cada qual tomou seu rumo.

Pereira Rego devotou-se á clínica sob a direcção de seu venerado pae, e tres annos depois, em 1871, concorreu na Eschola de Medicina a uma das tres vagas de lente oppositor da secção de Sciencias accessorias, tendo por antagonistas os saudosos drs. Sousa Lima e Domingos Freire, que já não vivem, e o dr. Ramiz Galvão, seu velho amigo.

O nosso combate foi franco e leal, e em Pereira Rego, que só conseguiu classificação em último lugar, não ficou sombra, siquer, de resentimento ou de magoa; mantivemos a nossa velha amizade.

A 18 de Julho de 1870, entrara para a Imperial Academia de Medicina como membro titular, e nessa provecta e distincta associação prestou por muito annos excellentes serviços, já como auxiliar do velho academico dr. De Simoni, já e depois como secretário geral effectivo. Em 1883, foi alli elevado á granação de membro honorario.

Quando a mesma Academia, em 1908, commemorou a fundação do Curso Medico no Brasil, para a grande obra, composta por essa occasião, Rego contribuiu largamente com um capítulo sôbre as epidemias que nos têm victimado, e ahi passou em revista 560 publicações relativas ao assumpto.

Eis por que a Academia, reconhecida ao devotamento dêsse operoso consocio, a 30 de Agosto de 1928, lhe inaugurou festivamente o busto em bronze numa das salas do edificio em que funciona.

Fôra do nosso paiz, teve Pereira Rego ainda occasião de demonstrar o seu amor á Patria. Indo em 1882 a Buenos Aires, commissionado para nos representar na Exposição Industrial alli realizada, aproveitou o ensejo para fazer uma conferência sôbre assumptos brasileiros, merecendo os applausos de Eduardo Prado, do commandante Saldanha da Gama e do nosso preclaro presidente conde de Affonso Celso, que alli se achavam.

Em 1906, desejando fazer parte do nosso INSTITUTO, apresentou uma memória manuscripta, intitulada *Viagem do paquete Brasil*, na qual, a proposito de pontos do nosso littoral por elle visitados, lhes estudou a parte historica e geographica, — trabalho que mereceu elogios da respectiva commissão em parecer apresentado na sessão de 30 de Abril.

A 4 de Fevereiro do anno seguinte, aqui tomou posse, socio correspondente, declarando-se agradecido e feliz “ao penetrar neste recinto sagrado por suas impereciveis tradições de trabalho e de sinceridade, neste INSTITUTO (são palavras suas), que não é só uma reunião de doutos ou de estudiosos, que é principalmente um patrimonio nacional”.

Aqui tambem, na sessão de 18 de Março de 1907, teve occasião de prestar justa homenagem ao saudoso dr. Miranda Azevedo, que foi egualmente dos nossos, distinctissimo patricio, luminar da Medicina brasileira e operoso trabalhador no Instituto Historico de São Paulo.

Os ultimos annos da vida do nosso confrade fôram tristes, para não dizer amargurados. Para viver, precisou trabalhar como médico nos paquetes do Lloyd e da Companhia Nacional de Navegação Costeira, e isso fez enquanto lhe sobrraram fôrças.

Na vida particular, tendo passado pelo grave desgosto de perder a idolatrada espôsa, formosa e distincta dama argentina a quem ligara seu destino em Buenos Aires em 1882, — tendo soffrido a perda de bens da fortuna por accidentes imprevisos e dolorosos, — na vida particular seus ultimos e penosos dias fôram de verdadeira provação. Gravemente enfermo, recolheu-se ao Hospital do Carmo, e alli se despediu da vida, a 5 de Maio dêste anno.

Não posso esconder, senhores, a impressão com que remato o escôço biographico dêsse bom e desventurado companheiro da mocidade, certamente digno de outra carreira no mundo, já pelo amor ao trabalho, já pelo seu devotamento á causa pública. Mas elle nos amou, e a todos nos fez justiça. Isto bastaria para tecer a corôa de goivos e saudades, que sôbre sua lousa tumular depósito nesta hora solenne.

— Outro cultor da sciencia de Hippocrates, tambem desaparecido do nosso meio social, e tambem desvelado trabalhador, foi o dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.

Natural de Valença, no Estado do Rio de Janeiro, filho de Jacintho Martins Pimentel e de d. Justina de Azevedo Pimentel — fazendeiros naquelle Estado, formou-se em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro e por muitos annos se devotou á Clinica e a trabalhos de Laboratorio, que lhe deram justo renome.

Foi preparador da cadeira de Hygiene na nossa Faculdade; medico-hygienista da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, quando se iniciaram trabalhos preparatorios para a projectada mudança da Capital brasileira; secretário da Commissão do Saneamento do Rio de Janeiro presidida pelo illustre dr. Manuel Victorino Pereira; director do Laboratorio Bacteriologico Federal; livre-docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; e professor da Faculdade de Pharmacia e Odontologia de Ribeirão Preto.

Por esta succincta relação, facil é deprehender-se a feliz applicação, que deu á sua actividade profissional.

Fructos dêste labôr e do seu saber fôram muitos e distinctos, revelados nas seguintes obras:

Bacillus tuberculi e meios para tornar o Rio de Janeiro mais saudavel; Analyse chimica da agua de Valença; Relatorio sôbre vinhos artificiaes; Subsídios para o estudo da Hygiene do Rio de Janeiro; Meteorologia médica applicada á cidade do Rio de Janeiro; Relatorio da Commissão Exploradora do Planalto Central do Brasil; Historico da mudança da Capital Federal para o interior do Brasil; e Diccionario brasileiro de Botanica médica.

Com excellentes pergaminhos, é claro, se apresentou candidato a um logar na nossa milicia, e foi depois de os estudar que a Commissão do Instituto lavrou o fundamentado parecer, subscripto pelos dignos e veteranos socios marquez de Paranaguá e visconde de Beaurepaire Rohan, os quaes opinaram, accordes, pela admissão do dr. Azevedo Pi-

mentel na classe dos socios effectivos, na sessão de 6 de Abril de 1894.

Nas páginas da nossa *Revista* brilham varios trabalhos seus: *Vias de comunicação* (vol. 63, p. II); *Mudanças da Capital Federal* (vol. 63, p. II); *O Brasil Central* (vol. 68, p. II); *A viagem do dr. Fritz Krause ao Araguaia* (vol. 73, p. II); *Conferência sobre as origens dos primeiros habitantes do Brasil* (vol. 74, p. II); *Parecer acerca dos trabalhos do dr. Carlos de Laet* (no mesmo volume).

De todos estes productos do seu talento, a joia de mais valor é, sem dúvida, *O Brasil Central*, em que o auctor accumulou farta mêsse de informações sobre a Geographia physica, a Geologia, a Fauna, a Flora, a Climatologia daquella admiravel região do *hinterland* brasileiro.

Depois de tantos trabalhos, o nosso illustre consocio, que havia transferido residencia para Ribeirão Preto, naquella cidade paulistana foi accommettido de grave molestia e teve de recolher-se á Sancta Casa, onde falleceu, cercado aliás de amigos numerosos, cuja estima conquistara. Este prestimoso consocio teve ao menos na hora extrema o balsamo consolador da carícia e do adeus de seus filhos e netos. A morte colheu-o na manhã de 24 de Dezembro de 1928, e nessa hora poderia ter dicto com o poeta:

eu desta glória só fico contente,
que a minha terra amei e a minha gente.

—Entre os operosos servidores da Patria e eximios cultores da sciencia, que o nosso INSTITUTO perdeu este anno, é de toda a justiça contar o dr. Gentil de Assis Moura.

Filho de São Paulo, onde nasceu a 1 de Abril de 1868, e formado em Engenharia, dedicou-se especialmente a trabalhos topographicos, e, neste particular, com talento e espirito pesquisador, prestou notaveis serviços á Geographia e á História nacional.

Em 1905, o Estado de São Paulo tomou a peito preencher a grande lacuna da sua carta geographica, onde parte do territorio figurava ainda com esta triste designação: "Terrenos desconhecidos e habitados pelos selvagens". Cumpria desvendar o segrêdo daquelle sertão, onde dominava ainda a tribu dos ferozes Corôados, como um embaraço constante á luz e aos beneficios da civilização.

Apparelhada com este intuito uma expedição, que o Governo estadual confiou ao experimentado engenheiro Olavo Hümel, entrou ella em acção; dentro em pouco, porém,

se viu privada do seu chefe, victima das flechas do barbaro indigena, e coube, por isso, a direcção do serviço a Gentil de Moura. Este ousado sertanista não trepidou ante os perigos do commettimento; cercado de um grupo de engenheiros novos, atirou-se á refrega ardoroso, e com intenso trabalho levou por deante a ambicionada exploração. Seus relatorios deram ampla noticia da missao cumprida.

Mas não parou ahi. O illustrado e saudoso Orville Derby confiou-lhe a tarefa, não menos importante, de colligir elementos seguros para se resolver a velha questao de limites entre São Paulo e Minas Geraes. Teve elle de discriminar cuidadosamente as terras devolutas do São Paulo, e, neste empenho, Assis Moura proferiu despachos e sentenças taes, que o illustre ministro Costa e Silva as qualificou nestes termos: "fariam honra a qualquer juiz togado".

Com a saude alterada após 20 annos de penosos trabalhos, veio residir nesta Capital, onde teve ainda occasião de pôr o seu talento á prova numa questao pleiteada pelo Mosteiro de São Bento e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Foi este o seu ultimo trabalho, tão distincto como os outros.

Claro é que taes merecimentos deviam recommenda-lo á attenção e ao aprêço do nosso INSTITUTO. Foi na sessão de 22 de Abril de 1913 que nossos distinctos collegas Escragnolle Doria, Max Fleiuss e Oliveira Lima tiveram a feliz iniciativa de propôr Assis Moura para abrilhantar o nosso quadro social, na categoria de membro correspondente. A 30 de Maio do mesmo anno, o sr. capitão-tenente Raul Tavares, relator da Commissão de Geographia, apresentou longo e minucioso parecer, applaudindo *totis viribus* aquella proposta, parecer que mereceu aqui approvação unanime. Nem al se pudera esperar do INSTITUTO HISTORICO, sempre desejoso de arregimentar nas suas fileiras os mais denodados paladinos para esta campanha de locubrações benemeritas, em que nos empenhamos ha perto de um século.

Por aqui têm passado, e ainda vivem alguns, prestimosos chefes d'Estado, generaes, almirantes e officiaes, gloriosos estadistas, principes da Igreja, scientistas e homens de lettras; nos nossos quadros, é sabido, brilha a fina flôr da cultura brasileira.

Gentil de Assis Moura, pelos trabalhos em que já adquirira renome, era, pois, um desejado, e tivemos razão sobeja para lhe dar o abraço fraternal.

Ha 16 annos que veio aqui alistar-se, e já então era auctor: do *Mappa da viação ferrea dos Estados do Rio de*

Junciro, Minas Geraes e São Paulo; das Plantas de São Pedro, Rio Claro, São Bento, Jacarehi e Botucatú; do Relatorio dos trabalhos de exploração dos Rios Feio e Aguapehi; d'O primeiro caminho para as minas de Cuiabá; d'Um problema historico-geographico, onde foi assento da Villa de Sancto André da Borda do Campo; d'A primeira lei da liberdade dos Índios do Brasil.

O diligente cartographo e cultor da Historia patria, membro da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo, teve, assim, occasião de elucidar e resolver muitas dúvidas, e, entre ellas, a grande hesitação que havia sobre a direcção do Rio Feio e sôbre os affluentes que este recebe em seu curso.

A memória sôbre a real situação da aldeia do Sancto André da Borda do Campo, tão fallada nos primordios da nossa História colonial, a proposito da sesmaria de João Ramalho e dos primeiros dias da Capitania de Martim Afonso de Souza, essa Memória suscitou controversias, em que entraram os drs. Luis Piza e Theodoro Sampaio, tambem abalisados investigadores do nosso passado.

Não parece que o problema então discutido por Gentil de Moura ficasse resolvido de modo categorico e definitivo; isto não diminue, todavia, o merito do contendor que se decidiu (disse elle), após minuciosa pesquisa, por certa e determinada localidade.

Parodiando o nosso velho e conceituoso Horacio, podemos dizer que não são somente os grammaticos que discutem: *Geographi autem certant, et adhuc sub iudice lis est.*

Para as luzes do saudoso dr. Gentil de Moura appellou o nosso INSTITUTO HISTORICO, em 1914, quando planeámos, e aqui se realizou o notavel Primeiro Congresso de História Nacional. Era indispensavel que o não exquecessemos, e elle correspondeu galhardamente ao appello, mandando-nos a excellente memória intitulada *As Bandeiras paulistas. Estabelecimento das directrizes geraes, a que obedeceram, e estudo das zonas que alcançaram.* Este bello trabalho figura na parte II do Tomo especial consagrado áquelle Congresso (1915), de pags. 224 a 250.

Alli está um excellente resumo das famosas bandeiras, que tanto provaram o valor do expansionismo paulista e que nos trouxeram o povoamento de enormes zonas de territorio, o amor á vida agricola, o descobrimento de grandes riquezas naturaes e, o que é mais, o espirito de iniciativa que é feição characterisica dos seus descendentes, hoje valorosos cooperadores do progresso brasileiro.

Deante de taes documentos, certo convireis commigo: a Patria e o Instituto perderam, a 28 de Fevereiro dêste anno, um estrenuo batalhador na pessoa de Gentil de Moura, que nesse dia se despediu das luctas da vida contingente para o eterno repouso, e, accrescentemos em sua honra, se despediu abraçado á Cruz, alentado pelos sacramentos da Igreja. Bravo patricio, exemplar modelo até na morte!

— Mal havia o INSTITUTO encerrado os seus trabalhos do anno de 1928, e chegava-nos, a 25 de Dezembro, a infausta noticia da morte do dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim.

Desapparecia um grande vulto do scenario brasileiro.

Filho do major Ignacio Soares de Bulhões Jardim e de d. Antonia Emilia de Bulhões Jardim, nasceu elle na cidade de Goiaz, a 28 de Setembro de 1856.

Completo os seus estudos preparatorios, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1876, fazendo parte de uma turma brilhante que concluiu o curso em 1880, — data do seu diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Um de seus distinctos collegas, o sr. Horacio Guimarães, em bello artigo, que publicou na *Gazeta de Noticias*, ha cêrca de tres annos, relembrou episodios daquelle periodo academico, no qual, companheiros do mesmo anno, se distinguiram notavelmente tres formosos talentos: Sanctos Werneck, mais tarde eximio jurista e collaborador no projecto da Constituição Republicana; o então joven Affonso Celso, desde aquella época laureado orador e poeta; e Leopoldo de Bulhões, já então querido, de todos estimado, distincto pela clareza, pela logica e profundeza de conceitos, quando explanava qualquer poncto de Direito. A introdução que escreveu em 1880 para o livro de Sanctos Werneck — *O Positivismo republicano na Academia*, é uma bella página de philosopho spenceriano, não obstante a fórma synthetica e quasi aphoristica que deu a seus conceitos.

Era aos 24 annos um pensador.

Uma particularidade é digna de nota: desde o primeiro anno do curso academico, Bulhões se devotou especialmente a estudo de Finanças: “martellava-nos, diz o precioso informante, a que já me referi, — martellava-nos sem cessar com a fixação do cambio, com o regime monetario e com a necessidade da conversão do papel-moeda”.

“Como collega continúa elle, como companheiro foi inexcédível; atravessou os cinco annos escolares sem fazer um desaffectedo, sem ter a menor desavença com collega algum. Era de uma condescendencia admiravel, e ninguem conseguia fazê-lo perder a calma. Diziam-no sceptico. Em todo o seu

scepticismo, era de um espirito encantador, de um coração generoso e altruistico."

Ahi está, senhores, um testemunho altamente honroso sôbre os dias de mocidade de Bulhões, — prenúncio da vida de um grande homem, que, no seio da familia como na função social, em todos os postos a que chegou, e que elle tambem honrou, deve-se dizer, foi deveras notabilissimo Brasileiro.

Havia naquelle tempo em São Paulo, conforme publicou o referido sr. dr. Horacio Guimarães, e não sei se ainda subsiste, a chamada *Burschenschaft*, associação secreta, transplantada das Universidades alemãs e destinada a auxiliar os estudantes menos favorecidos da fortuna. Sempre a presidia um 5º anista, e no anno de 1880 coube o cargo a Sanctos Werneck.

Certamente Bulhões pertenceu a esse gremio philanthropico, taes eram os predicados do seu coração bonissimo.

Formado em Direito nesse anno de 1880, entrou sem demora na carreira pública. Dous annos depois merecia de seus conterraneos a eleição para uma cadeira na Assembléa Geral, onde representou lucido papel, alistando-se na cohorte dos deputados liberaes, que pugnavam por grandes reformas.

Agitavam-se por essa época no Brasil grandes questões: a do Abolicionismo, a da Eleição directa, e as primeiras idéas da Federação. Na Camara, formosos talentos disputavam então com brilho a victória dos principios liberaes; Bulhões foi um delles. Logo em 1883 apresentou um projecto de Abolição immediata, com a simples cláusula de algum tempo de serviço gratuito prestado pelos libertos. Era o prelúdio da gloriosa campanha, que tinha de se encerrar, com chave de ouro, cinco annos mais tarde, a 13 de Maio de 1888, graças á sancta iniciativa da princeza regente, d. Isabel, e á decisão lucida, nunca assás louvada, do presidente do Conselho, João Alfredo Correia de Oliveira.

Sobrevieram os successos de 1889, proclamando-se com elles a República. Era assim inevitavel o appello dos Goianos para os altos predicados de Leopoldo de Bulhões, o qual, eleito deputado á Constituinte, fez parte da commissão que redigiu a Constituição de 1891, e a subscreveu ao lado de Guimarães Natal e Sebastião Fleury.

Seus serviços á República, já como membro do Congresso, já depois como administrador e laureado conhecedor de Finanças, fôram realmente notaveis.

Eleito senador pelo seu torrão natal em 1894, combateu a prorogação do estado de sitio e o adiamento do Congresso, foi defensor caloroso da candidatura do benemerito dr. Pru-

dente de Moraes á presidencia da República. No mesmo Senado, como membro da Comissão de Finanças, foi relator da lei organica do Tribunal de Contas; em 1897, presidiu a Comissão Revisora das Tarifas; em 1898, na qualidade de *leader*, alli defendeu com brilhantismo o programma financeiro do honrado e illustre presidente, dr. Campos Salles, cujo nome ha de ser sempre aureolado nos annaes do regime republicano.

Quando surgiu a candidatura presidencial do não menos illustre dr. Rodrigues Alves, foi Bulhões activo propugnador dessa eleição, que nos deu um administrador modelar, e fez parte daquelle govêrno como ministro da Fazenda. Guarda-se ainda memória dos brilhantes serviços que prestou.

Não cabe nesta hora, senhores, a enumeração minuciosa das medidas administrativas e financeiras, nem tão pouco a citação de algarismos, com que se poderia demonstrar o acêrto do eminente especialista, sr. dr. Carlos Inglês de Souza, que na sua valiosa obra — *A anarchia monetaria e suas consequencias*.— classificou de "renascimento economico" aquelle memoravel periodo de govêrno.

Entre as suas bellas iniciativas de então é, todavia, justo mencionar a reorganização do chamado Banco da República, que voltou com outra feição a seu nome tradicional de — Banco do Brasil, destinado, entre outras funcções, a ser o órgão official da Nação, por cujo intermedio se fariam todas as operações financeiras no Exterior e no Interior, quer commerciaes, quer particulares e officiaes.

Essa reforma, decretada a 30 de Dezembro de 1905, si bem não fôsse ainda completa, no dizer dos technicos, assim mesmo foi de effeitos beneficos e deve entrar na lista dos relevantes serviços do ministro Leopoldo de Bulhões.

De 1907 a 1908, fez parte da Directoria do Banco do Brasil, honrado, como era justo que o fôsse, pela confiança dos dignos accionistas do grande estabelecimento de crédito.

Chamado segunda vez para dirigir a pasta da Fazenda no govêrno do presidente dr. Nilo Peçanha, exerceu esse cargo de 18 de Junho de 1909 a 15 de Novembro de 1910, realizando entre outros actos de emerito administrador: a antecipaçaõ do termo do *funding loan*, o resgaste do emprestimo de 1879, a proxima conclusão do emprestimo de 1897, o inicio da conversão da divida externa, e medidas que alçaram o cambio a 18.

Partidario intransigente da eschola liberal classica (são palavras de um conceituado jornalista), Bulhões combateu os excessos do proteccionismo e trabalhou sempre pela política do cambio alto e pelo sanea-

mento da moeda. Sustentou polemica com os que então queriam a quebra do padrão, e fez um inquerito que ainda hoje póde ser consultado com proveito.

Foi um estadista que realizou, que fez grandes cousas e que contribuiu para o engrandecimento do paiz.

E não foi só estadista realizando; foi estadista doutrinando. Nos Relatorios de ministro, nos pareceres de relator da Receita, nos discursos de deputado e senador, em conferências e artigos, deixou observações, analyses, críticas e conselhos, que mostram a coherencia entre o que dizia e o que fazia, que ainda hoje podem servir de guia e devem ser lidos e relidos, pois contém ensinamentos valiosos.

Leopoldo de Bulhões entra, pois, com toda a justiça, para a galeria dos inclytos financistas brasileiros, ao lado do velho Martim Francisco, de Alves Branco, Itaborahi, Torres Homem, Sousa Franco, Francisco Belisario e Ouro Preto; e penso repetir com acêrto o juizo de um abalisado crítico contemporaneo, dizendo que no regime republicano, sem desconhecer o merito de outros insignes ministros da Fazenda, Bulhões só pode ter como rival o grande Joaquim Murтинho...

Em 1911, voltou elle ao Senado, e, findo o seu mandato, mereceu de seus patricios goianos nova demonstração de alto aprêço em 1917, — demonstração que, aliás, lhe não aproveitou, porque não foi reconhecido. O Senado preferiu outro candidato ao eminente e preclaro servidor da República: altos mysterios da politicalha!

Recolheu-se Bulhões com magoa á vida particular. Exercendo sempre a sua actividade, pô-la então ao serviço de várias empresas, onde tinha amigos que lhe conheciam o valor. Em 1920, foi eleito director da Companhia America Fabril; em 1921, director e presidente da Sociedade Anonyma White Martins; em Janeiro de 1924, director-presidente da Companhia Nacional Nova America, e em Abril do mesmo anno director da Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense.

Fóra do govêrno e do mundo político, mas trabalhando pela indústria nacional, o patriota se manteve adstricto a seu lemma: servir nobremente ao Brasil.

Para o nosso INSTITUTO, entrou o dr. Leopoldo de Bulhões ha quasi um quarto de seculo.

Na sessão de 10 de Março de 1905, propuzeram os dignos membros da Directoria a eleição do ministro da Fazenda para

socio honorario desta Companhia em attenção ao bom serviço que nos prestara, auctorizando, por aviso de 12 de Dezembro de 1904, a reimpressão, nas officinas da Imprensa Nacional, dos volumes exgottados da nossa preciosa *Revista*.

Essa proposta mereceu o beneplacito da Commissão de admissão de socios a 24 de Março de 1905, e a 28 de Abril seguinte o voto unanime do INSTITUTO. Em acto consecutivo, Leopoldo de Bulhões, que se achava na sala contigua, foi aqui recebido, com as devidas honras, pelo presidente, conselheiro Olegario de Aquino e Castro e pelo orador de então, o desembargador Sousa Pitanga. Este último, saudando-o, fez-lhe plena justiça, não só quanto ao espirito liberal com que elle collaborara para a grande victória de Abolicionismo, como quanto á attitude austera que assumira na qualidade de guarda do Erario público, a cujas portas se postara sem rudezas de minotauro, mas com a coragem do cherubim, que com gladio de fogo repelle os assaltantes do gazophylacio.

O discurso de estréa e agradecimento de Bulhões foi um primor de concisão. O insigne estadista goiano preferia a acção á torrente de palavras mais ou menos vazias de sentido, *Res, non verba*.

Não quero eximir-me de reproduzir aqui alguns conceitos dessa breve oração. Alludindo ao seu longinquo torrão natal, assim se exprimiu:

Acaso será o meu nascimento no sertão o que fez de mim um político? Cedo lá vi que a terra é grande, a gente pouca e o govêrno difficil de tão vasto dominio sem cultores. Accendeu-se-me o desejo de aprender para ensinar quaes as necessidades do paiz e quaes os meios de as satisfazer.

Nessa empresa tenho lidado com successo vário, mas sempre com o ardor sereno de quem vê a terra antes dos homens do presente, e terra para os homens do futuro, que serão os Brasileiros mais ditosos.

E effectivamente foi este o seu programma na vida: trabalhar para o porvir, para o renome e prosperidade da Patria, realizando aquelle bello pensamento de Alfredo de Vigny:

Qu'est-ce qu'une grande vie?

Une pensée de la jeunesse, exécutée par l'âge mur

A sua fulgente memória reclama, pois, indubitavelmente o culto dos posteros; o INSTITUTO HISTORICO ante ella se curva

reverente e saudoso, offerecendo-a como esplendido modêlo ás gerações brasileiras que despontam no scenario da vida pública para amar o Brasil que lhes deu o berço, para servir ao Brasil que tanto carece de cidadãos estudiosos, competentes e patrioticos que o conduzam ao seu glorioso destino.

E' nesse concurso prestimoso e firme que a Patria confia. Ao Brasil não faltam elementos de prosperidade e grandeza; não faltam riquezas naturaes. Tudo lhe deu a Providencia divina, e tambem nella sobram talentos e operosos trabalhadores que, cheios de Fé, opulentos de Esperança e inflamados de Amor sancto, construam com solidez o grande monumento do nosso futuro. Assim não nos desalentem dissidios passageiros, nem se perturbe jamais esta união benedicta, que o passado nos legou. Na onda do Patriotismo, a barca symbolica seguirá ovante o seu rumo; o porvir estará seguro.

Eis o voto, eis o prégão constante do INSTITUTO HISTORICO, que proclama hoje, como sempre, o valor da Paz e da Concordia, o valor maximo da ordem social ligada ao prestigio da auctoridade legítima. Sem este soberano factor predominam paixões, sempre lastimaveis e inquietadoras, da mesma fórma que, sem o respeito ao aceno do timoneiro vigilante e avisado, foge a garantia de um porto de salvamento.

Cooperemos todos, portanto, amados patricios que do alto desta tribuna me ouvis; cooperemos todos, indissoluvelmente unidos, para a grandeza e felicidade da Patria.

Dada esta harmonia salvadora, fecundada pelo trabalho pertinaz, ao clarão da Justiça, da Lei e da Honra, ninguem duvide da conclusão do INSTITUTO HISTORICO, enunciada embora pelo mais modesto dos seus órgãos: *O porvir do Brasil estará seguro! (Vivos applausos.)*

Encerra-se a sessão ás 23 horas. — *Agenor de Roure*, 2º secretario.

Justificam a ausencia os srs. Roquette Pinto, Jonathas Serrano, Basilio de Magalhães, Miguel Calmon du Pin e Almeida e Arthur Indio do Brasil.

Enviaram cumprimentos á directoria do INSTITUTO os srs. ministro Godofredo Cunha, presidente do Supremo Tribunal Federal; Manuel Duarte, presidente do Estado do Rio; Hubert Knipping, ministro da Alemanha; Karl Pistor, conselheiro da Legação da Alemanha; Herrera de Huerta, encarregado dos negocios do Mexico; general Alexandre Leal, chefe do Estado Maior do Exército; dr. Fernando Magalhães, presidente da Academia de Lettras; dr. Nestor Lima, presidente do Instituto

Historico do Rio Grande do Norte; capitão Francisco de Paula Cidade; dr. A. Lopes da Cruz, director do Instituto Technico de Sociologia, Economia e Ethica; drs. Alfredo Horcades e Antonio Caetano de Oliveira.

No numerozo e selecto auditorio, entre outros, viam-se: dr. Vianna do Castello, ministro da Justiça; dr. Victor Konder, ministro da Viação; almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha; ministro Leão Velloso, pelo dr. Octavio Mangabeira, ministro do Exterior; dr. José Ayres de Camargo, pelo dr. Lyra Castro, ministro da Agricultura; dr. Amarilio Albuquerque, pelo presidente da Camara dos Deputados; dr. Mario Cardim, pelo prefeito Antonio Prado Junior; coronel Sousa Docca, pelo general Philippe Barros; ministro Francisco Guarderas, do Equador; ministro Fulgencio Moreno, do Paraguai; 1º tenente Joaquim de Ascenção, pelo general Carlos Arlindo; drs. Lupericio Hoppe, Randolpho Chagas e Alcides Bezerra, pela Sociedade de Geographia; dr. Olympio da Fonseca, pela Academia Nacional de Medicina; general Deschamps Cavalcanti, sra. Max Fleiuss, srta. Carolina Fleiuss, padre Theotonio Kelozski, padre Geraldo José Pauwles, dr. J. B. de Mello e Sousa, director de gabinete do sr. ministro da Justiça; coronel Paulo de Araujo Bastos e familia, sra. Rachel Prado, commandante Luis Philippe Pinto da Luz, ajudante de ordens do sr. ministro da Marinha; drs. Leopoldo de Bulhões Filho, Augusto de Bulhões e senhorita Josephina de Bulhões, capitão Simas Barros, Roberto Ramiz Wright, Waldemar Ramiz Wright e senhora, sra. Annita Ramiz Wright, commandante Affonso Celso de Ouro Preto, pelo Club Naval; sra. Ouro Preto, dr. Americo de Almeida Guimarães, pelo Instituto Archeologico Alagoano; barão von S. Bibra, secretario da Legação Alemã; general Mario Barreto, dr. Carlos Celso de Ouro Preto, srta. Marcilia M. Barros, sra. Maria Eugenia Celso Carneiro de Mendonça, senhora Helenita Celso P. Horta, Affonso Celso Parreiras Horta Filho, Carlos Celso de Ouro Preto Filho, dr. Rodrigo Octavio Filho, Fernando Pessoa, Alcides Sá, Carneiro de Mendonça, dr. Nicolau de Martino, Jurandy Manfredini, dr. Ernani Cunha, dr. Olavo Silva Sousa, Herbert Harrison e dr. Isaac Mendes.

Uma companhia do Regimento Naval prestou continencias ao sr. presidente da Republica e a Banda do Corpo de Bombeiros, gentilmente cedida pelo seu commandante, coronel M. Barreto, tocou durante os intervallos da sessão.

**SESSÃO 1.552ª — SESSÃO ESPECIAL COMMEMORATIVA DA
BEATIFICAÇÃO DE D. BOSCO, FUNDADOR DA CON-
GREGAÇÃO SALESIANA**

Realizada aos 30 de Outubro de 1929

CONFERÊNCIA DO SR. D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(*Presidente perpétuo*)

A's 17 horas, abre-se a sessão com a presença dos senhores conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, d. Francisco de Aquino Corrêa, Justo Jansen Ferreira, Augusto Tavares de Lyra, Eduardo Marques Peixoto, Alfredo Ferreira Lage, Solidonio Leite, Alfredo Valladão, Francisco Radler de Aquino, Thiers Fleming, Antonio Borges Leal Castello-Branco, Alfredo Nascimento e Silva, Eugenio Vilhena de Moraes, João Pandiá Calogeras, Clovis Bevilaqua e Augusto de Lima.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º *secretário*) lê, das *Ephemérides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, as que se referem á data da sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*), ao iniciar os trabalhos, diz que o INSTITUTO se reúne em sessão especial para render a devida homenagem a uma das grandes individualidades contemporaneas, fallecida ha mais de quarenta annos e que, partindo de humilde situação, luctando com formidaveis obstaculos, revelou tamanhos talentos e virtudes, realizou taes obras religiosas e sociaes, que a Igreja Catholica, após os seus escrupulosos processos de investigação e exame, acaba de colloca-lo sôbre os altares.

E' d. João Bosco o fundador de uma Congregação que, em curto prazo, tem conquistado benemerencia equivalente á de outras ordens antiquissimas; o inventor de novos methodos de educação e ensino, graças aos quaes se têm formado egregios sacerdotes, militares, letrados, mestres de artes e officios; o desvelado benfeitor da infancia desamparada; extraordinaria capacidade de pensamento e de acção, que achava ensejo, no meio de acabrunhadores trabalhos de organização e direcção, para redigir numerosos escriptos de varios generos, sobretudo de História.

Conquanto funcionando desde data recente no Brasil, já lhe têm os Salesianos grangeado a admiração e o reconhecimento por valiosos serviços e beneficios na ordem religiosa

e social, no ensino, na catechese, e por haver produzido várias summidades ecclesiasticas. Bastava o ter-nos dado esse principe da Egreja homem de sciencia, homem de lettras, homem de Estado, poeta, prégador, escriptor, tribuno, sacerdote modelar, que assistiu na Italia ás grandiosas festas de beatificação de d. Bosco, o nosso eminente e querido consocio d. Aquino Corrêa, que vai deleitar e instruir, ainda uma vez, a assembléa tractando da magnífica figura do patrono daquella Congregação, por s. ex. revma. acertadamente denominado — *Um apostolo dos tempos modernos.*

Orador e assumpto notabilizariam a sessão.

Roga a d. Aquino que proporcione ao auditorio o encanto prestigioso e edificante da sua palavra. (*Calorosos applausos.*)

O SR. D. AQUINO, antes de dar inicio á leitura do seu discurso, pede venia para agradecer o comparecimento do selecto e numeroso auditorio, em que nota a presença de eminentes principes da Egreja, altas auctoridades, conspicuos membros do clero, illustres cultores das sciencias e das lettras, a par da mais brilhante representação da familia carioca.

Agradece especialmente a captivante gentileza com que a nobre assistencia acabava de envolver numa salva de palmas as palavras com que o preclaro presidente perpétuo do INSTITUTO apresentara o conferencista.

Taes palavras poderiam parecer méra formalidade do estylo; dietas, porém, por quem fôram, assumiam tamanhas proporções, que não fôra licito ao orador baixar daquella tribuna sem agradece-las.

São palavras do conde de Affonso Celso: quer isto dizer partem ellas de uma personalidade, em que se fundem as maiores nobrezas: a nobreza do sangue e da familia, já immortalizada nas páginas da História patria; a nobreza do talento, que ha de para sempre fulgurar nos fastos das nossas lettras; a nobreza das maneiras fidalgas, que o tornam verdadeiro ornamento da nossa mais culta sociedade; mas, sobre todas as outras, a nobreza da alma e do character, que a mais augusta aristocracia espirital do mundo, a Sancta Sé, condecorou, merecidamente, com um dos seus mais elevados titulos.

Cessados os longos applausos, o orador pronuncia, da tribuna, a seguinte conferência, que subordina á epigraphe —
D. BOSCO E A DEMOCRACIA:

Senhores:

Tenho para mim que um dos acontecimentos mais suggestivos da História, maximé nos tempos modernos, seja esse

que periodicamente se reproduz sob a cupola de ouro da basilica de São Pedro em Roma: a apothese dos heróes no panteão da Egreja Catholica.

Para bem comprehende-lo, reflecta-se, desde logo, em que se não tracta ahi da consagração facil das legendas, a florir na phantasia fertil de romancistas e poetas. Nem se entende, tão pouco, ahi o heroismo, qual no-lo herdou com o vocabulo, a mentalidade grega, que, embora acertasse no considerar o heróe um semi-deus, errava, de facto, assimilhando-o necessariamente a falsos deuses, cuja perfeição, no seu absurdo conceito, se compadecia com as mais reles paixões e vícios humanos.

Muito outra, muito mais perfeita e sublime é a noção do heroismo na moral evangelica. Os heróes christãos, estes é que bem se poderiam chamar de semi-deuses, isto é, homens que melhor imitaram ao verdadeiro Deus, e mais se lhe parecem. A elles se lhes póde mesmo applicar as arrojadas palavras dos psalms: "*Vós sois deuses*". *Dii estis*.

Tanto differe, pois, dos heróes mythicos o christão, quanto das falsas divindades a unica verdadeira. Assim é que os heróes pagãos, e, em geral, os que o mundo sagra, offerecem, nas suas decantadas ethopéas, um triste amalgama de grandeza e miseria, de virtudes e fraquezas, que os leva a trocar, não raro, a clava triumphal dos Hercules pelo fuso vergonhoso das escravas de Omphala, nas recamaras reaes e voluptuosas da Lydia.

O heróe do christianismo, ao revés, é uma obra prima de perfeição moral em toda a sua integridade; porquanto o character christão é um conjuncto tão harmonioso de virtudes, que, em faltando uma só, desaparece o todo, de accôrdo com a razão metaphysica, profunda e universal, expressa no conhecido aphorismo: *Bonum ex integra causa, malum autem ex quocumque defectu*.

Nem basta que as virtudes, tanto moraes como theologaes, as tenha elle practicado como o demais dos homens; requer-se em todas um grau realmente heroico, isto é, superior ao commum dos justos, o que faz d'elle, na significação verdadeira da famosa palavra, um superhomem. E esta superioridade, consoante á doutrina do Divino Mestre, só tem por limites, como sabeis, a mesma perfeição divina: "Sêde perfeitos, disse Elle, como perfeito é o vosso Pae celeste".

O PROCESSO DAS APOTHEOSES

Taes são os heróes que a Egreja reconhece e canoniza, ao cabo de verdadeiros processos rigorosos e longos, que se instauram na diocese competente, e se reinstauram na Curia Romana; processos que duram, normalmente, dezenas de annos e, por vezes, seculos; processos, em que não entram sympathias, pouco valem elogios, e as antecipações são contra-producentes; processos, enfim, em que o proprio inferno tem o seu advogado, e nada se conclue, sem que o Céu lhes haja posto a firma authentica dos milagres: *verba signorum suorum*.

Depois que o candidato á glória dos altares saíu victorioso de tantas provas, só depois de tudo isso é que Roma, finalmente, mas tambem definitivamente, o propõe como typo e modelo, impondo ao mesmo tempo o seu culto a todos os povos e a todos os seculos. Dá-se então uma verdadeira apothese, a maior approximação do homem á divindade, glorificação como não ha outra sôbre a terra, triumpho realmente romano, no seu vasto sentido catholico, a saber, universal no tempo e no espaço, por entre os fulgores de um capitolio, que jámais conheceu rochas tarpéas.

Dizei-me, agora, senhores, si não é esse, em verdade, um espectaculo maravilhoso a nossos olhos. Vêde o mundo, como se encarnaça, cada vez mais, em materializar a vida humana sôbre a terra, furtando o homem aos problemas solennes dos seus ultimos destinos, para engolfa-lo nas preocupações mesquinhas do ouro e das rosas ephemeras. Vêde-o sempre mais empenhado em descoroar a mulher do que tem ella de verdadeiramente bello, para transforma-la num animal gracioso, como diria Dante, coberto de pouquissimas roupas, muitas joias e muitissimos arrebiques; vêde-o, em summa, apostado em converter numa como dansa pagã de satyros e bacchantes a peregrinação sagrada e grave da humanidade para o mysterio sombrio do além-tumulo.

Mas eis que em meio a toda essa civilização falsa e petulante, uma voz se faz ouvir; voz que seria a mais anachronica possivel, sinão fôra eterna; voz, que é um écho do sermão da montanha, bradando ao mundo que os seus heróes são bastardos, que o typo ideal do feliz não é esse por elle sonhado, sinão o pobre e humilde, o casto e abnegado, o obediente até á morte de cruz, á semilhança do Filho de Deus, que exactamente nas humilhações supremas da sua Paixão e Morte fôra apontado a todas as gerações como o prototypo divino do homem: *Ecce homo!*

Que empolgante, pois, não é a significação dêsses actos, pelos quaes a Egreja Catholica, principalmente desde os tempos de Urbano VIII, ha tres seculos, com uma frequencia de tres cada dous annos, vem proclamando á face do universo, em sentenças irrevogaveis, os lidimos heróes da humanidade, a galeria sacra e inviolavel dos legitimos representantes da grandeza humana!

NA "GLORIA DE BERNINI"

A uma dessas imponentes solennidades é que venho de assistir, com ânimo commovido, aos esplendores liturgicos da Cidade Eterna. Não foi uma canonização, foi uma simples beatificação. Aquella, entretanto, como é sabido, se não distingue desta, sinão pelo character dogmatico da proclamação e pela extensão do culto, que confere; sendo que só na canonização se torna este universal, como, só então, se reconhece cathedratica e infallivel a sentença que o prescreve.

Com ser destituída, porém, da nota de infabillidade theologica, não deixa a beatificação de revestir extraordinaria auctoridade, mais unica do que rara. Disto se convencerá quem quer que attente no processo, a que a mesma obedece, o qual, no caso vertente, durou nada menos de 39 annos, tendo sido a personalidade do heróe, ao longo de todo esse tempo, estudada e discutida na sua vida e nos seus feitos, por varões os mais eminentes em letras e virtudes, theologos, canonistas e peritos, á luz de documentos e testemunhos maiores de toda excepção. Ao termo de tão meticuloso exame foi que a Sancta Sé proferiu afinal o seu veredicto.

Estavamos a 2 de Junho último. O maior templo do mundo regorgitava numa das suas maiores e magnificas enchentes. A cerimonia se desenrola no recineto da grandiosa abside, por onde o rito festivo se denuncia para logo, no sorriso medieval e discreto dos damascos e passamanes dourados, da época dos Borgias.

Terminada a leitura do decreto, eis que no alto, sôbre o altar, no retabulo de ouro, que a phantasia genial de Bernini sonhou como um halo de glória, para os celicolas em Roma, respandece no extase da visão beatifica a figura hieratica do nôvo bemaventurado.

Dir-se-ia que um fremito mysterioso, um como sôpro de Pentecostes, agitando impetuosamente os pannejamentos barrocos das grandes estatuas, sacudisse a basilica toda, que vibrou no accorde unisono de 50 e tantos mil corações, com as notas alacres dos seus órgãos e dos seus sinos seculares.

No mesmo dia, á hora de vespêras, ao clangor solenne das trompas de prata, o Soberano Pontifice ajoelhou-se tambem, deante da mesma aureolada imagem; e, mais tarde, quando as sombras descêram sôbre a terra, a cupola maravilhosa de Miguel Angelo, illuminada phantasticamente, á guisa de phanal solitario na immensa noite do seculo, annunciava ao mundo a glória do nôvo herôe do Catholicismo.

E todas as linguas repetiram então o nome glorioso do beato d. Bosco.

APOSTOLO DOS TEMPOS MODERNOS

E quem fôra d. Bosco? Facil não é resumir, na brevidade classica de uma definição, toda a sua complexa individualidade; penso, porém, que se possa ella engastar convenientemente na concisão dêstes termos: um apostolo dos tempos modernós.

Não foi, pois, um anachoreta, nem um contemplativo, mas teve commum com os grandes propagandistas do Christianismo uma alma, que tão bem se alcandorava no mysticismo tranqullo do *sancta sanctorum*, como se agitava no turbilhão fremente do mundo social e politico. Impellia-o, ou para usar o verbo sacro e forte de São Paulo,urgia-o aquella mesma actividade sobrenatural, que transforma toda a vida do homem no zêlo pela glória de Deus, e a salvação das almas: *charitas Christi urget nos*. Foi, na expressão mais pura e luminosa do termo sagrado, um apostolo.

Mas o traço original e distinctivo do seu apostolado foi a intuição genial, com que soube adapta-lo ás graves exigencias da éra nova, que se abrira, prenhe de surpresas, para a humanidade.

Nasceu d. Bosco no mesmo anno em que Napoleão transmontava em Sancta Helena, sem ter logrado, nem mesmo com o prestígio inconfundivel do seu genio e do seu gladio, desviar, de todo, o rumo á civilização moderna.

A democracia continuava a triumphar, como estrêlla d'alva intangivel na aurora do nôvo seculo, e o seu espirito ia dominar irrefreavelmente em toda a História, como o pampêiro nas planuras infinitas do chaco americano. Era uma força indomavel, que, irrompendo das camadas mais profundas da sociedade, aos estos da Revolução, tudo sossobrara, como as aguas de um Nilo formidavel, inundando e destruindo, mas, tambem, afinal, fertilizando. E os fastos dessa época, conforme já se disse elegantemente da obra de Michelet, transformaram-se em uma como epopéa, cujo herôe fôra o povo.

Excessos houve, como ainda os ha, e sempre haverá; basta evocar aquelle tragico fim de seculo, cujas phases curtas e vertiginosas, culminando macabramente no Terror, ensanguentaram os poeticos mezes do calendario republicano; e basta contemplar hoje, em nossos proprios dias, os horrores bolchevicos da Russia contemporanea. Nem por isso, entretanto, deixa o phenomeno de ser altamente providencial, tal como a invasão dos barbaros e a conflagração européa, o diluvio e os terremotos.

Erro foi, e palmar, o dos que loucamente esperaram afundar, no mesmo naufragio, o antigo regime e o Catholicismo, um ao outro, no falso pensar delles, xiphopagamente unidos entre si, taes quaes dous irmãos siamezes.

Mas ao contrário, como bem ponderou algum. Egreja Catholica não se abraça a nenhum outro cadaver, que não o d'Aquelle que nos deu, com a sua morte, a verdadeira vida.

E nós vimos que essa Egreja, assim como evangelizara, perfilhando-os espiritualmente, os barbaros, que mais pareciam fadados a esmagar-la, christianizou tambem a democracia, aproveitando para o bem da humanidade as suas incomparaveis energias. E d. Bosco, senhores, personifica, precisamente, este bello ideal moderno do Christianismo, apostolo, que foi, das justas aspirações democraticas do povo.

A VOCAÇÃO DO APOSTOLO

Deparou-lhe o céu, desde o berço, a melhor escola para a futura missão redemptora. Foi-lhe patria a Italia, sempre a mesma Italia dos versos de Vergilio, mãe fecunda de seáras e de heróes:

Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus, virum Magna!

Veio elle ao mundo a 16 de Agosto de 1815, no pobre logarejo de Becchi, pouco distante de Castellonovo, naquella mesma terra de Asti, cujas tradições democraticas a musa de Carducci consagrou no epitheto, com que a define em uma das candentes estrophes saphicas da óde ao Piemonte: republicana.

Filho do povo, auscultou o seu immenso coração, sentindo-lhe toda a oceanica amargura. A sua adolescencia dormiu em miseros leitos, e nutriu-se do pão frugal dos camponeses. Foi pastor de gados, lavrou a terra, empregou-se de moço em um botequim, aprendeu os mais humildes misteres do alfaiate, do sapateiro, do carpinteiro, e arcou, por

fim, com incríveis difficuldades, para frequentar as primeiras aulas, antes de iniciar, definitivamente, no seminario, o curriculum dos estudos.

Aos nove annos teve um sonho em que se lhe descortinou, em uma como visão prophetica, todo o programma da sua vida. Oicamo-lo ao proprio d. Bosco, que nas memórias escriptas por ordem expressa de Pio IX, assim no-lo deixou archivado.

Pareceu-me, diz elle, estar perto de casa, em um páteo espaçoso, onde se divertia uma multidão de meninos. Uns riam, outros brincavam, não poucos blasphemavam. Ouvindo aquellas blasphemias, atirei-me logo para o meio delles, applicando murros e palavras, que os fizessem calar.

Naquelle momento, appareceu um homem venerando, idade viril, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe todo o corpo, mas o seu rosto era tão luminoso, que eu não podia fita-lo. Chomou-me pelo nome, e mandando-me collocar á frente daquelles meninos, acrescentou: “Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade, é que deverás conquistar estes teus amigos. Começa a fazer-lhes uma prelecção sôbre a fealdade do vicio e a belleza da virtude.

Respondi-lhe que eu não passava de um pobre e ignorante menino, incapaz de ensinar a quem quer que fôsse. E quasi sem querer, perguntei-lhe: — Mas vós, quem sois, que assim me ordenaes o impossivel?

— Exactamente porque te parece impossivel, é que deves torna-lo possivel com a obediencia e a sciencia.

— Mas onde, e com que meios, poderei adquirir tal sciencia?

— Dar-te-ei a Mestra, que póde ensinar-te toda a sabedoria, e sem a qual toda a sabedoria é tolice.

— Mas quem sois vós, que assim fallaes?

— Sou o Filho d'Aquella, que tua mãe te ensinou a saudar tres vezes ao dia.

— Minha mãe me ensinou tambem a não andar com gente, que não conheço: dissei-me, pois, o vosso nome.

— Meu nome, pergunta-o á minha Mãe.

“Nesse instante, continúa d. Bosco, vi a seu lado uma Senhora de majestoso aspecto, trajando um manto, que resplandecia todo como si fôra bordado de

estrêllas fulgidíssimas. Vendo-me assim atarantado, fez signal que me approximasse, e tomou-me bondosamente pela mão.

— Olha ao redor de ti, disse-me ella.

Olhei: os meninos tinham desaparecido, e, em vez delles, vi uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e muitos outros animaes.

— Eis o teu campo: aqui deves trabalhar, continuou a Senhora. Faze-te humilde, forte, robusto; e a transformação que vais ver agora nestes animaes, de-verás opera-la nos meus filhos.

Olhei de nôvo, e eis que, em logar daquelles animaes, vi outros tantos cordeirinhos, que pulavam e giravam, como que fazendo festas, ao redor daquelle Senhor e daquelle Senhora. Eu, porém, puz-me a chorar no somno, e pedi á Senhora que me explicasse o que significava tudo aquillo.

Ella, pousando-me a mão sôbre a cabeça, disse-me:

— A seu tempo o saberás.

E d. Bosco despertou.

A VERDADEIRA DEMOCRACIA

Ahi tendes, senhores, na simplicidade encantadora de um sonho infantil, todo um vasto plano de apostolado moderno.

A regeneração democratica da sociedade, que d. Bosco sonha, ha de começar pela alma das creanças, dos filhos do povo, dos garotos, a flôr vadia das ruas, de quem mais tarde escreverá Coppée, no seu lindo soneto:

*Jadis du tablier de Sainte Elisabeth,
C'était une moisson de roses qui tombait:
Aujourd'hui Don Bosco, qui d'abord, dans les fanges,
Ramassa les petits vagabonds de Turin,
Voit s'envoler devant le Juge souverain,
De sa vieille soutane, une légion d'anges.*

Por aqui se vê, desde logo, que a democracia de d. Bosco não é politica, sinão, de todo em todo, religiosa. Nada tem que vêr com a demagogia arruaceira e agitadora. Não vai illudir o povo com as miragens de nenhum "sol do futuro", nem fascina-lo com a corôa abstracta e impalpavel de uma soberania, subordinada não raro a chefes e regulos.

Não pretende subverter a ordem social. Não se preocupa nem mesmo com fórmulas de governo. Não fará jamais como os Rabagas de todos os tempos, que, explorando o povo, servem-se dos seus hombros generosos para a escalada facil das posições e das riquezas. Será voluntariamente pobre até á morte, como um trabalhador e um proletario. Ouvirá da bocca de sua mãe esta ameaça heroica: "Si ficares rico, não porei o pé em tua casa".

A falsa democracia começa por arrancar a fé ao coração do povo, e revoltando-o contra tudo e contra todos, permuta-lhe por vãs chimeras a unica esperança que, no dizer da Biblia, é cheia de immortalidade. D. Bosco, ao invés, faz da religião a base essencial de toda a sua escola. Elle quer que o povo se compenetre sempre mais da verdade, tão inaudita quão infallivel, daquellas palavras dos Evangelhos: Bemaventurados os pobres ! Ai ! de vós, ó ricos ! *Beati pauperes ! Væ vobis divitibus !*

Si as leis humanas desprotegem o povo, elle appella para as divinas, em cujas páginas eternas se acham, de ha muito declarados e promulgados, os lidimos direitos do homem.

Não promettem estas a impossivel egualdade social, em que se embalam idealistas de má fé; mas garantem a egualdade de todos, perante a justiça incorruptivel e suprema de um Deus, que não faz distincção de pessoas: *non enim est personarum acceptio apud Deum*.

Mas d. Bosco sente que o povo precisa, sobretudo, de ser amado, e que a sã democracia mais não é do que amor e caridade. Assim é que elle vai dar aos filhos do povo tudo o que tem, dar-se-lhes, enfim, a si proprio. Poderá repetir com o Apostolo: *impendam et superimpendar ipse*.

Em uma palavra, a sua democracia se inspira toda naquelle suspiro divino, em que pareceu exhalar-se um dia o coração infinito do Mestre: "Tenho compaixão do povo". *Miserere super turbam*.

O ESPIRITO DO APOSTOLO

E' dêste espirito mavioso e divino que toda se embalsama a escola de d. Bosco. Vai sacrificar-se inteiramente pelo povo, educando-lhe os filhos. Mas não lhe basta. Tal é a conta em que o tem, que se preocupa em trata-los, digamos assim, com luvas de seda, e não menos carinho do que a príncipes da mais alta dynastia. "Não com pancadas, mas com doçura e caridade", ouvira elle no sonho da infancia.

Começa, pois, adoptando e quasi creando um methodo proprio de educação, methodo o mais suave, por elle exposto naquelle mimoso livrinho, que bem se podera chamar a mais pura flôr da Pedagogia, desabrochada sob as benções de Jesus ás creanças: *O systema preventivo na educação da juventude.*

Em lendo as suas páginas, não se nos afigura menos, sinão que nellas está, vive e palpita, mau grado o seu estylo sempre impassivel e sereno, toda a alma do apostolo.

Deixemos que nos falle o proprio d. Bosco.

“O systema repressivo, diz elle, consiste em dar conhecimento da lei aos subditos, e, depois, vigiar para descobrir os transgressores, e infligir, si fôr o caso, o merecido castigo. Neste systema, as palavras e o aspecto do superior hão de ser sempre severos, quasi ameaçadores, e elle proprio deverá evitar toda familiaridade com os seus dependentes. Para dar valor á propria auctoridade, metter-se-á raramente com os seus subordinados, e, em geral, só quando se tracta de punir ou ameaçar. Este systema é facil e menos trabalhoso.

“Diverso, e diria opposto, é o systema preventivo. Consiste este em tornar conhecidas as prescripções e regulamentos de um instituto, e depois vigiar em maneira que os alumnos tenham sempre sôbre si o olho vigilante do superior e dos assistentes, os quaes, como paes amourosos, fallet, guiem, aconselhem e docemente corrijam, o que equivale a collocar os alumnos na impossibilidade de commetterem faltas.

“Este systema se apoia todo na razão, na religião e no amor, excluindo, portanto, os castigos violentos, e mesmo quanto possivel, os leves. Parece-me preferivel. A volubidade juvenil esquece num momento as regras disciplinares e as penas por ellas sancionadas. Assim é que, não raro, o menino se torna culpado e passivel de uma penalidade, em que não advertiu, de que absolutamente não se lembrou no acto de cair em falta, e que certamente houvera evitado, si uma voz amiga o tivesse prevenido.

“Póde o systema repressivo impedir uma desordem, mas difficilmente tornará melhores os delinquentes; tem-se observado que rapazes não se esquecem dos castigos soffridos, e geralmente guardam rancor, com o desejo de sacudir o jugo e tirar vingança. Parece, ás vezes, que não fazem caso; mas quem os accompanha de perto sabe que são terriveis as reminiscencias da juventude; deslembram-se facilmente as punições dos paes, mui difficilmente, porém, as dos educadores.

"A práctica do systema preventivo se baseia toda nas palavras de São Paulo, que diz: "A caridade é benigna e paciente, tudo soffre e tudo espera".

Por isso, conclue d. Bosco, "só o christão pôde applica-lo com resultado".

Tereis certamente percebido, senhores, toda a delicadeza que vai na simplicidade e no mimo desta página, em que tão bem se fundem agudezas de psychologo, carinhos de pae e fervores de sancto.

Mas apostolos, como d. Bosco, menos escrevem do que fazem, e só ensinam depois de practicarem. E' a nórma divina que lhes foi traçada: *Facere et docere*.

SUAVE MINIATURA

Assim é que, muito antes de elaborar esse pequenino, mas genial esbôço pedagogico, vinha já elle pondo em práctica o seu acariciado systema preventivo. E isto, bem se pôde dizer, desde os tempos da infancia, quando, para attrahir a si as creanças, se fizera, aos dez annos, saltimbanco de aldeia, e fundara, mais tarde, aquella tão amavel associação, a que deu o sympathico nome de — Sociedade da Alegria.

Um facto, porém, ao parecer, tão corriqueiro e insignificante, devia marcar época mais nitida em seu apostolado, concretizando typicamente, como que na miniatura de um quadro expressivo, toda a sua eschola.

A manhã de 8 de Dezembro de 1841 é historica nas chronicas salesianas. Nesse dia, em Turim, na sacristia da egreja de São Francisco de Assis, d. Bosco, novel sacerdote de 26 annos, preparava-se, como de costume, para celebrar a Sancta Missa.

Nisto, ouve uma algazarra, e volta-se. Era o sacristão que espancava um pobre menino do povo, expulsando-o da egreja.

Mas d. Bosco faz chamar o rapaz, acolhe-o com carinho, e convida-o para assistir á sua missa. Terminado o Sancto Sacrificio, trava com elle o seguinte dialogo, que para aqui translado, na singeleza do original, recendendo ainda todo o perfume das memórias do apostolo:

- Meu bom amigo, como te chamas?
- Bartholomeu Garelli.
- Onde nasceste?
- Em Asti.
- Vive ainda teu pae?

— Não, já morreu.
 — E tu mãe?
 — Também.
 — Que idade tens?
 — 16 annos.
 — Sabes ler e escrever?
 — Não sei nada.
 — Fizeste já a tua primeira communhão?
 — Ainda não.
 — Já te confessaste?
 — Só quando era pequenino.
 — Tens ido ao catechismo?
 — Não tenho coragem.
 — E por que?
 — Porque os meus companheiros, mais pequenos do que eu, sabem o catechismo, e eu, já tão grande, não sei nada e tenho vergonha.

— E si eu te dêsse licções á parte, acceitarias?
 — De muito boa vontade.
 — Estás disposto a vir aqui mesmo?
 — Posso vir, basta que não me dêem bordoadas.
 — Não tenhas receio. Ninguém te maltractará. E's agora meu amigo e terás que tractar só commigo. Quando queres que principiemos o nosso catechismo?

— Quando o senhor quizer.
 — Hoje de tarde?
 — Pois sim.
 — Agora mesmo?
 — Também, e com muito gôsto.

No mesmo instante, o joven levita, transfigurado ainda ao contacto eucharistico e mysterioso da divindade, ajoelha-se ao lado do seu catechumeno, para começar pela oração as aulas de catechismo: *Ave, Maria, gratia plena!*

Paremos aqui, ao encanto dêsse ineffavel grupo, scena maviosa e purissima, digna por certo do pincel mystico de frei Angelico.

O sacerdote descera do altar, mas achava-se ainda alli, ao pé de outro altar, não menos sagrado e bello.

Inclinava-se para elle com a mesma uncção, com que, havia pouco, se debruçara timidamente sôbre a pedra d'ara, no extase da alma para o tremendo mysterio.

E, assim, como no altar de marmore, o pão vulgar se transsubstanciara na glória do Senhor, assim tambem no outro, o altar vivo e palpitante de um coração adolescente, era a alma de um filho do povo, desprezado e corrido, que ia transformar-se, a pouco e pouco, na belleza immortal de um anjo.

Pairava alli, naquelle predestinado dia da sua festa, illuminando aquella primeira licção de catechismo, o sorriso da Virgem Immaculada, a mesma Dama do sonho de out'ora, sonho que assim despontava na mais formosa realidade.

Estava inaugurada a eschola salesiana.

TUDO PELO POVO

Dahi por deante, a vida de d. Bosco não foi mais do que um verdadeiro e perenne holocausto pela felicidade do povo: *omnibus omnia*. E uma das maiores immolações, por extranho que possa isto parecer, foi, sem dúvida, a da sua propria vocação intellectual para as altas lucubrações das sciencias e das lettras.

Oiçamos ao Sancto Padre Pio XI, na sua allocução de 20 de Fevereiro de 1927:

D. Bosco — disse Sua Sanctidade — foi homem de profundo pensamento. A sua intelligencia luminosa e vasta se nos antolha como algo de não commum, muito superior ao alcance ordinario da mente e do engenho. Póde mesmo ser arrolado, cousa que poucos sabem e notam, entre os verdadeiros genios da intelligencia... Assim é que, como elle mesmo nos confiou, sentira a princípio um primeiro impulso, uma como seducção, pelos estudos superiores, pelos livros, pelos grandes problemas do saber humano.

Pois bem, todas estas aspirações, aliás, tão justificaveis, sacrificou-as d. Bosco, por amor ao povo, não só roubando aos estudos o tempo largo e precioso que dava ao ministerio, como tambem dedicando-se a tractar exclusivamente assumptos populares, e no mais desataviado e singelo dos estylos.

O seu supremo ideal litterario não era simplesmente, como de quantos escrevem, a clareza, de que fala Quintiliano, mas uma clareza tal, que todos, mesmo os mais rudes, o comprehendessem. Tanto assim que não encontrou melhor methodo para limar os seus escriptos do que sujeitando-os á censura de sua velha mãe, inculta camponeza, que, alias, não se fazia de rogada, mas empunhando a ferula de Aristarcho, mandava riscar do papel tudo quanto lhe parecia exceder a propria intelligencia.

Assim compoz elle o manual do *Systema Metrico*, a *História Sagrada*, a *História da Italia*, a *História da Egreja*; assim organizou o primeiro almanaque catholico da Europa: *Il Galantuomo*; assim publicou os numerosos opusculos das *Leituras Catholicas*; assim promoveu edições baratas dos classicos latinos e vernaculos, tudo para o povo, tudo para lhe tornar accessivel essa instrucção, que fôra dantes um como apanagio das aristocracias.

Afinal, a grande, a unica preocupação de d. Bosco era fazer o bem, o maior bem possivel ao povo. Daqui o seu empenho incansavel em multiplicar esse bem no espaço e no tempo: daqui as suas escholas populares, tanto de sciencias como de artes e officios; daqui a importancia que, no seu Apostolado, sempre deu á imprensa, a grande arma das democracias, tão util ao povo, quando bem orientada; daqui, enfim, a sua obra immorredoura, que são as duas congregações religiosas, por elle fundadas: — a Sociedade de São Francisco de Salles, donde o nome de Salesianos, e o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Taes são as duas vastas organizações sociaes que, espalhadas, hoje, por todas as partes do mundo, num total de 14.321 membros, 1.211 casas e 4.576 obras diversas, receberam a missão filial e sagrada de perpetuar, através dos seculos, o espirito de d. Bosco na educação do povo.

D. BOSCO E A AMERICA

Era natural, senhores, que instituições como essas, tão impregnadas de lidima democracia, medrassem amplamente aos ares do Nôvo Mundo, em cujo littoral immenso esplende, como um pharol, a estatua da Liberdade, marcando, á feição das columnas de Hercules, a última e luminosa méta na evolução política dos seus paizes.

E effectivamente, conquanto a obra de d. Bosco date apenas de hontem, de ha pouco mais de meio seculo, florescem já, nas Americas, 412 casas salesianas, mais de um terço das de todo o mundo. De em meio a ellas, avultam as da Terra de Sancta Cruz, onde o apostolado meigo de d. Bosco, irradiando dos seus collegios e officinas, alargou-se estupendamente das florestas virgens ao solio dos pontifices, sendo que o episcopado salesiano do Brasil é, hoje, o mais importante de toda a Congregação, pelo número dos seus metropolitas e bispos diocesanos.

Foi, portanto, com o mais justo regozijo que a nossa Patria, pela voz unanime da sua Egreja, da sua Política e da sua

Imprensa, festejou o acto solenne, pelo qual o Sancto Padre Pio XI, beatificando *Urbi et orbi* a memória de d. Bosco, glorificou, ao mesmo tempo, a grande obra social, que o immortaliza sôbre a terra. E é ainda este mesmo acontecimento, que hoje aqui nos congrega na contemplação dos principios altissimos e sacrosantos, que nortearam o espirito ao benemerito apostolo dos tempos modernos.

El folgo de fallar, nesta hora, da tribuna veneravel do INSTITUTO HISTORICO, monumento, que é já quasi secular da nacionalidade, onde sentimos que paira, na magia evocativa do ambiente, um não sei quê de superior ás vicissitudes do tempo e ás contingencias humanas. Dá-me elle a impressão dêsses placidos e solitarios cimos, que dominam o panorama das nossas poeticas ribamares: a seus pés agitam-se e passam, incessantes, as ondas, enquanto que elles, altos e immoveis, aponctam, eternamente, como si fôssem, devéras, dedos de Deus, para a claridade serena do céu e das estréllas. As estréllas são os ideaes supremos e immutaveis, que o INSTITUTO sabiamente professa. Vêde: não pertence elle ao Imperio, nem á República; nasceu naquelle e triumpha nesta, sobranceiro sempre a facções e partidos. Nem por isso, entretanto, fôra lícito, seria antes a mais clamorosa injustiça, suppôr que o INSTITUTO se desinteressasse da vida política da nação. Mas é que, muito melhor do que na lucta partidaria, tem elle a consciencia de servir á Patria, no culto e propaganda dos principios conservadores da sua grandeza, que são a paz, o trabalho, a sciencia, a religião nacional, o patriotismo e o exemplo edificante dos seus varões illustres.

Tal é tambem a lição, que se nos depara hoje, espontanea e eloquente, nesta commemoração festiva do glorioso educador das classes populares. E' uma lição de principios, que se casa perfeitamente ao patriotico programma do INSTITUTO, e bem se póde crystalizar nestas duas palavras, em que se resumem os dous grandes amores de d. Bosco: — Deus e o povo.

RELIGIÃO E DEMOCRACIA

O Brasil, senhores, como toda a America, justamente se ufana das conquistas democraticas do seu estatuto político. Mas não basta. Não são fórmulas de govêrno o que faz grandes as nações. De que valem as leis, que montam constituições, si lhes não corresponde a moral dos costumes publicos? *Quid leges sine moribus?*

O de que, portanto, mais se deve gloriar um povo, é da sua educação no respeito á lei, na consciencia do direito e na

prática dos deveres. Ora, isto não se consegue, mórmente nas democracias, sem o bafejo do espirito religioso. Mais livre é o povo, e mais precisa de Deus. Quanto menos sujeitos a soberanias humanas, tanto mais deve depender da magestade divina. A religião é o contrapêso da liberdade: tirae aquella, e esta despenhará fatalmente no chãos da anarchia.

Não são minhas, nem novas, estas idéas: são velhas e re-velhas, mas sempre dignas que se rememorem. E curioso é observar, como aquelles mesmos, que zombam talvez do direito divino, em que afundam as monarchias as razões da propria auctoridade, se vejam forçados a appellar para esse mesmo direito, em se tractando de soffrear o abuso das liberdades populares.

Tractou quasi *ex professo* do assumpto a eloquencia de Ruy Barbosa, no seu famoso discurso do Collegio Anchieta.

Ahi dizia elle:

Não é a soberania do povo o que salva as repúblicas. Não são as urnas eleitoraes, que melhoram os governos. Não é a liberdade política o que engrandece as nações. A soberania do povo constitue apenas uma fôrça, a grande fôrça moderna, entre as nações, embebidas na justa aspiração de se regerem a si mesmas. Mas esta fôrça popular ha mistér dirigida por uma alta moralidade social. As fórmulas políticas são vãs, sem o homem que as anima. E' o vigor individual, que faz as nações robustas. Mas o individuo não póde ter essa fibra, esse equilibrio, essa energia que compõem os fortes, sinão pela consciencia do seu destino moral, associado ao respeito dêsse destino, nos seus semelhantes. Ora, eu não conheço nada capaz de produzir na creatura humana, em geral, esse estado interior, sinão o influxo religioso. Nem o atheismo reflexivo dos philosophos, nem o inconsciente atheismo dos indifferentes, são compatíveis com as qualidades de acção, resistencia e disciplina essenciaes aos povos livres.

Os descrentes, em geral, são fracos e pessimistas, resignados ou rebeldes, agitados os agitadores. Mas ainda não basta crer: é preciso crer definida e activamente em Deus, isto é, confessa-lo com firmeza e practica-lo com perseverança.

Assim philosophava Ruy Barbosa, citando ainda estas profundas sentenças de Tocqueville:

O despotismo é que passará sem a fé: a liberdade não passa. A religião é muito mais necessaria nas repúblicas do que nas monarchias, e muito mais ainda nas repúblicas democraticas do que em todas as demais. Como não houvera de perecer a sociedade, si afroixando o laço político, não estreitasse o vínculo moral? E que será de um povo, senhor de si mesmo, si não fôr submisso a Deus?

O povo, si quizer ser livre, ha de ter convicções religiosas. Em, não tendo fé, servirá.

A LICÇÃO DE D. BOSCO

Até aqui os dous grandes pensadores.

Mas o que deixaram elles apenas escripto, d. Bosco o practicou com a visão clara de um genio e a flamma creadora de um apostolo. Tudo elle deu ao povo. Deu-lhe collegios e officinas. Deu-lhe sciencias e artes. Deu-lhe o trabalho honesto. Deu-lhe meios de subsistencia. Deu-lhe a noção exacta da liberdade. Mas antes e acima de tudo, deu-lhe a religião, que é o maior consolo para o povo e a maior garantia para a sociedade.

Provou mesmo d. Bosco, de alguma fórma, aos politicos, esta efficacia da sua democracia religiosa.

Trezentos jovens delinquentes enchiam naquelle anno de 1855 o maior instituto correccional de Turim: La Generala.

D. Bosco os preparara para a desobriga, ensinando-lhes a doutrina christã, confessando-os, e levando-os, enfim, á Comunhão Pascal.

E tanta fôra a bôa vontade daquelles rapazes, que o sancto missionario pensou, commovido, em dar-lhes o maior premio, a que podiam aspirar os seus corações de passaros engaiolados: um passeio ao ar livre.

A idéa era temeraria, mas d. Bosco a levou por d'avante. Desenganado pelo director geral, vai ter com o proprio ministro do Interior, que era então o célebre estadista Urbano Rattazzi, um dos mais notaveis politicos anticlericaes do Resurgimento italiano, sympathico, porém, á obra de d. Bosco.

O ministro, naturalmente, extranhou o pedido, e poz a condição que o passeio fosse, ao menos, fiscalizado pela policia.

D. Bosco não acceitou: o que elle queria era exactamente um dia de plena liberdade para os seus amiguinhos.

Fôsse confiança no educador, fôsse curiosidade de ver o resultado da experiencia, o facto é que Rattazzi, afinal, consentiu, accrescentando, porém: "V. revma. verá que não re-conduz á prisão nem dez dêsses malfeitos". E os carcereiros se abriram.

Mais facil de imaginar que de pintar a alegria e a festa que naquelle dia os rapazes, como as aguas crystalinas de uma reprêsa rôta, derramaram pelas estradas e parques do Castello de Stupinigi, aonde, aliás, os convidava uma daquellas primaveras italianas, que tão bem se reflectem nestes versos de Leopardi:

*Primavera d'intorno
Brilla nell'aria e per li campi esulta
Sicchè a mirarla, intenerisce il core!*

E á tarde, quando se tractou de regressar, vendo elles que d. Bosco muito se fatigara, não permittiram que voltasse a pé; mas com pensamento gentil e commovente, fizeram-no montar num jumento, e acompanharam-no victoriosamente pelas ruas da cidade, até á cadeia pública. E o que é mais, com grande surpresa do ministro, nem um só faltava.

Assim foi que a caridade do apostolo, ao influxo divino da religião, transformou aquelles corações de criminosos precoces, nos quaes era facil reconhecer os rebentos terriveis do seculo, que, arrasando a Bastilha, erigira a guilhotina.

Tal é o ensinamento salutar, que hão de ir beber as democracias, na eschola evangelica de d. Bosco.

E não é sem a mais viva sympathia, que vemos coincidir no Brasil, com as homenagens universaes ao bemaventurado pedagogo, a sábia e patriotica iniciativa, que, partindo da alma sempre nobre e catholica de Minas, é de esperar se alargue promissoramente por todos os Estados, em pról do ensino religioso nas escholas públicas da nossa cara Patria. Será uma victória a mais, bem merecida e opportuna, para o grande espirito de d. Bosco, exactamente na hora, em que Roma e o mundo, mas, sobretudo, o povo italiano, acabam de tributar-lhe as honrãs do mais estrondoso triumpho.

GRATIDÃO E TRIUMPHO

Nunca jámais se me apagará da mente a lembrança daquella tarde, em que de Valsalica a Valdocco, através das avenidas immensas de Turim, vi deslizar num coche de gala, em urna de crystal, entre velludos e ouro, um pallido esqueleto.

Não era, porém, uma pompa funebre, que alli desfilava. Era a mais festiva das apotheoses, cortejo triumphal, em que palpitavam ao sol 200 mil almas.

Dir-se-ia mesmo que tudo, ao encanto magico da sua passagem, se transfigurasse em festas. As ruas sorriam, lado a lado, nos geranios em flôr das janellas populares, e nas tapeçarias finas e multicôres, colgadas ao vento, nos balcões marmoreos dos palacios.

Era uma alegria profunda, espiritual e sancta, que se expandia ao ar livre, mas todo embebido em harmonia de preces e aromas liturgicos de incenso.

E por cima de tudo, numa como alliança do céu aos festos da terra, o bando phantastico das areonaves, derramava das alturas, sôbre o feretro, uma chuva de flôres.

Nada disto, entretanto, era o que mais impressionava. Não era o número, nem o brilho das auctoridades. Não era esse espectaculo imponente, em que fulgurava, de em meio aos uniformes solennes dos cavalleiros de Malta e do Sancto Sepulchro, a majestade de seis purpuras romanas. Não era nada disto.

O que mais commovia, sabeis o que era? Era o coração do povo, que alli pulsava. Era a multidão anonyma, que fremia em palmas e vivas. Eram os homens do trabalho, que se ajoelhavam. Eram as mães proletarias, que choravam. Eram as creanças pobres, que atiravam beijos. Era, enfim, a mocidade, a flôr do povo, que vibrava toda, cantando uma canção tão cheia de sentimento, como si alli celebrassem a volta de um ente querido e saudoso.

E' que, na urna de crystal, entre velludos e ouro, passavam, rumo á glória dos altares, as reliquias immortaes do maior amigo do povo no seculo XIX.

Era d. Bosco!

(Prolongadas e calorosas palmas.)

O SR. CONDE DE AFFONO CELSO (*presidente perpétuo*) convida a assembléa a terminar a reunião bellissima de um modo igualmente bello, justo e significativo: a erguer-se

acclamando, ainda uma vez, com os seus applausos, a eloquencia de d. Aquino e a glória de d. Bosco.

(*Vibrantes applausos.*)

Encerra-se a sessão ás 18 1/2 horas. — *Agenor de Roure*, 2º secretário.

Na numerosissima assistencia, notam-se: commandante Braz Velloso, representando o sr. dr. Washington Luis, presidente da República; commandante Alvarenga Gaudio, pelo sr. almirante ministro da Marinha; dr. Berenguer Cesar, pelo sr. ministro do Exterior; d. José, bispo de Niterói; d. Adalberto Sobral, bispo da Barra (Bahia); d. Helvecio, arcebispo de Marianna; marechal Bueno do Prado, dr. Adelmar Tavares, monsenhor Francisco Richard, administrador da Prelazia do Gurupi; padre Hermenegildo Carrá, director do Gymnasio de Lorena; padre Gonçalves de Resende, cura da Cathedral; padre Godofredo Strybo, superior provincial CMR., padre Geraldo Pauwles, padre Agostinho Michulsen, doutor Lopes Martins e familia, dr. Paulo J. Pires Brandão, padre Theodoro Koleczyski, secretário de d. Aquino Corrêa; professora Corina Halfeld, sra. Maria Eugenia Celso Carneiro de Mendonça, dr. Adolfo Carneiro de Mendonça, Sebastiana Tostes Machado, Izolina Leyrand, Lydia Pinto Pessoa, Edith Leyrand, Elyseu L. Torres e senhora, Cybelle Horta Lagoeiro, Cecilia Meneses Castro, Maria Carolina Fleiuss, senhorita Teresa Ciaravainã, coronel Manuel Carvalheira, dr. J. Magalhães Castro, dr. Nelson Biolchini, Francisca Hollanda de Alencar, padre Affonso Castaldo, J. Vistare, Cesar Palhares, Marcondes da Luz, Agesilau Pinheiro, João P. Freitas e familia, sra. Clovis Bevilaqua, sra. Thiers Fleming, Giacomo Montini, monsenhor Miguel de S. Maria, Laura Jacobina Lacombe, Maria Amelia Lacombe, Helena Soares Brandão, Maria Portella de Araujo Penna, Olga Pereira Pinto, Gilda Masset, Maria Lage Macedo Costa, Ira Lage Chassim Drummond, Cacilda Morrisy, Margarida Morrisy, coronel Pompilio Dias, dr. Antonio Ferrari, conego J. Taurino, dr. M. P. Miranda Montenegro, Veneravel Irmandade N. S. da Penha, Ordem Terceira dos Capuchinhos, Djalma Fortuna, Armindo Pinto de Figueiredo, Hippolyto de Sousa, Roland Soares Bandeira, Irineu Velloso, pelo dr. Mario Bello; Hilton Fortuna e familia, C. Manuel Barcellos, padre Luiz Marcigaglia, padre Theodoro Maria Kohne, M. S. F., Jayme de Almeida, Emilio Manuel do Carmo, José Alves dos Sanctos, monsenhor Rosalvo Costa Rego, dr. Alfredo Vasconcellos, sra. dr. Alberto Sanctos, senhorinha Ilza Castello Branco, Annibal Lopes da Silva, Margarida Fortunato de Brito, dr. José Baeta Neves, monsenhor Rangel, frei Isaias de Ragusse,

Eduardo Vilhena de Moraes, dr. V. Corrêa Filho, Zuil Pinheiro, pelo Collegio Sancta Rosa; Aloysio C. B. de Carvalho, monsenhor Augusto Ferreira, major Aquino Corrêa, padre Constante M. Poupard, José Luis Mendes Diniz, Maria do Carmo Carvalho de Mendonça, Maria Virginia Carvalho de Mendonça, Maria Alice Carvalho de Mendonça, padre Manuel Crespo, padre João Baptista, dr. José Affonso Bandeira de Mello, Argemiro de A. Filho, dr. Alberto Biolchini, sra. Veronica de Mattos, Affonso Porto, conego Angelo Resende, dr. Ildefonso Mascarenhas da Silva, 2º tenente João M. Vieira, e muitas outras pessoas cujos nomes não obtivemos.

ASSEMBLÉA GERAL ORDINARIA (2ª CONVOCAÇÃO) REALIZADA AOS 23 DE DEZEMBRO DE 1929 (SESSÃO 1.553ª)

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

(*Presidente perpétuo*)

A's 14 horas, abre-se a sessão com a presença dos senhores conde de Affonso Celso, Max Fleiuss, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Agenor de Roure, Norival Soares de Freitas, José Maria Moreira Guimarães, João de Lyra Tavares, Alfredo Valladão, Olympio da Fonseca, Justo Jansen Ferreira, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Braz do Amaral, Rodolfo Garcia e Antonio Borges Leal Castello Branco.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que a assembléa fôra convocada para dar cumprimento ao disposto no art. 25 dos Estatutos e, assim sendo, vai mandar recolher as cédulas com os nomes dos votados para membros da directoria (membros não vitalícios) e das comissões permanentes.

Nomeia para servirem de escrutinadores os srs. Moreira Guimarães e João Lyra Tavares, que apuram o seguinte resultado:

1º vice-presidente — Manuel Cicero Peregrino da Silva, 14 votos (reeleito); José Maria Moreira Guimarães, 1 voto.

2º vice-presidente — Augusto Tavares de Lyra, 14 votos (reeleito); João Pandiá Calogeras, um voto.

3º vice-presidente — Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes, 15 votos (reeleito).

2º secretario — Agenor de Roure, 14 votos (reeleito), Eduardo Marques Peixoto, um voto.

Thesoureiro — Norival Soares de Freitas, 14 votos (reeleito); Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, um voto.

COMMISSÕES PERMANENTES

FUNDOS E ORÇAMENTO — Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, Miguel Calmon du Pin e Almeida e Eduardo Marques Peixoto, 15 votos cada um. João Lyra Tavares e Olympio da Fonseca, 14 votos cada um. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho e Othelo de Sousa Reis, um voto cada um.

HISTÓRIA — Clovis Bevilaqua e João Pandiá Calogeras, 15 votos cada um. Augusto Tavares de Lyra, Alfredo Valladão e Agenor de Roure, 14 votos cada um. Francisco José de Oliveira Vianna, dous votos; Benjamin Franklin Ramiz Galvão, um voto.

GEOGRAPHIA — José Maria Moreira Guimarães, 14 votos; Gastão Ruch Sturzenecker, Othelo de Sousa Reis, Thiers Fleming e Eugenio Teixeira de Castro, 15 votos cada um.

Houve um voto em branco.

ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA — Francisco José de Oliveira Vianna, Edgard Roquette Pinto, Afranio Peixoto e Julianio Moreira, 15 votos cada um; Rodolfo Garcia, 14 votos. Othelo de Sousa Reis, um voto.

BIBLIOGRAPHIA — Max Fleiuss, 14 votos; Emilio Fernandes de Sousa Docca, Augusto de Lima, Afranio de Mello Franco e Alfredo Nascimento Silva, 15 votos cada um. Othelo de Sousa Reis, um voto.

ESTATUTOS — Arthur Indio do Brasil, Laudelino Freire, Arthur Pinto da Rocha e Liberato Bittencourt, 15 votos cada um; Antonio Borges Leal Castello Branco, 14 votos; Augusto de Lima, um voto.

ADMISSÃO DE SOCIOS — Benjamin Franklin Ramiz Galvão, e Epitacio Pessoa, 15 votos cada um; Augusto Tavares de Lyra, Manuel Cicero Peregrino da Silva e Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, 14 votos cada um.

Houve tres votos em branco.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) proclama os eleitos para o biennio de 1930/1931, que são aquelles, cujos nomes apparecem com maior votação na relação retro.

O SR. MAX FLEIUSSE (1º secretario perpétuo) procede á leitura da seguinte proposta:

"Propomos, nos termos do § 2º dos Estatutos, seja elevado a socio benemerito do INSTITUTO o effectivo doutor João Pandiá Calogeras, que pertence á nossa associação desde 18 de Setembro de 1905.

"Os serviços prestados pelo sr. Calogeras ao INSTITUTO, tantos e sempre com grande realce, combinam com o dispositivo do art. 8º da nossa lei basica.

"Rio de Janeiro, 23 de Dezembro de 1929. — Conde de Affonso Celso. — Max Fleiuss. — Alfredo Valladão. — Agenor de Roure. — A. Tavares de Lyra. — Braz do Amaral. — Dr. J. Jansen Ferreira. — João de Lyra Tavares. — Moreira Guimarães. — Norival de Freitas. — A. B. L. Castello Branco. — Olympio da Fonseca. — Rodolfo Garcia."

O SR. PRESIDENTE manda a proposta á Comissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. Miguel de Carvalho.

O SR. MIGUEL DE CARVALHO — Na qualidade de relator da Comissão de Admissão de Socios diz que lhe é grato opinar pela approvação da proposta que acaba de ser lida que, aliás, está subscripta pela quasi totalidade dos socios presentes á sessão, pedindo urgencia para sua votação immediata.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) — Estão em discussão o parecer verbal do sr. Miguel de Carvalho e tambem o seu pedido de urgencia.

(Approvados unanimemente, sem debate e proclamado socio benemerito o senhor João Pandiá Calogeras.)

O SR. NORIVAL DE FREITAS (*thesoureiro*) submete á casa o orçamento para 1930.

(Unanimemente approved, sem discussão.)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) nomeia, de accôrdo com os Estatutos, os srs. Alfredo Ferreira Lage, Braz do Amaral e Castello Branco para supplentes de quaesquer cargos da Directoria.

Encerra-se a sessão ás 15 horas. — Agenor de Roure, 2º secretario.

CONGRESSOS INTERNACIONAES

Em quatro congressos internacionaes, destinados ao estudo das materias de que se occupa o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, fez-se elle condignamente representar no decurso do presente anno, manifestando repetidas vezes, assim, a sua proficiente operosidade.

Fôram os de Montevidéo, Washington, Cambridge e Oslo.

No primeiro, serviu-lhe de delegado o deputado federal bahiano, dr. Braz do Amaral, cujo interessante relatorio já se acha publicado.

No de Washington, o sr. Rudiger Bilden (da Universidade de Columbia), onde substituiu Oliveira Lima, e que se tem dedicado a trabalhos sôbre o Brasil, especialmente sôbre a influênciã dos Africanos na evoluçã do nosso paiz.

Acceitou o mandato do INSTITUTO, em Cambridge e Oslo, o embaixador do Brasil em Londres, dr. Raul Regis de Oliveira, que, como os outros dous delegados, procedeu de modo que mereceu applausos e louvores não só de seus consocios como tambem de todos os compatricios.

Para demonstra-lo, basta o conhecimento de alguns dados constantes do relatorio de s. ex. referentes á assembléa na capital da Noruega.

Ei-los em resumo:

O VI Congresso Internacional de Sciencias Historicas funcionou em Oslo, de 14 a 21 de Agosto último.

Houve, em seguida, uma reunião do Comité Internacional de Sciencias Historicas.

Realizou-se a abertura do Congresso na aula magna da Universidade, sob a presidencia do sr. Halvdan Koht, professor da mesma Universidade e reputado historiador.

Assistiram ao acto o rei da Noruega e altas autoridades do paiz.

Mais de mil professores de História, homens de sciencia, litteratos de quasi todas as nações achavam-se presentes.

Certo número de governos estrangeiros enviou delegados officiaes.

Fôram, de outros paizes, delegações numerosas, tendo á sua frente os melhores professores de suas Universidades.

A delegação franceza compunha-se de 160 professores, chefiados pelo sr. Gustave Glotz, membro do Instituto e docente na Sorbonne.

Da mesma delegação, faziam parte o célebre escriptor catholico Georges Goyau, membro da Academia Franceza, e monsenhor Baudrillart, tambem membro da Academia, reitor do Instituto Catholico de Pariz e incumbido de representar pessoalmente o Papa.

Eram 130 os delegados alemães, notando-se entre elles personalidades eminentes de várias Universidades.

Bastante numerosa tambem a representação belga, sob a presidencia do professor Henri Pirenne, da Universidade de Gand, auctor de uma das melhores histórias da Belgica.

Egualmente notaveis pelo número e capacidade de seus membros as representações da Grã Bretanha, Italia, Hollanda, Polonia, Estados Unidos, composta esta última de 60 professores.

A da Noruega, que recebia o Congresso, contava mais de 250 delegados.

Da America do Sul, achavam-se inscriptos dous delegados argentinos, mas não compareceram ás sessões.

O Chile foi representado pelo seu encarregado de negocios em Oslo e a Sociedade Chilena de História e Geographia de Santiago, pelo dr. Augustin Edwards, antigo ministro chileno em Londres.

Na lista dos delegados figuravam nomes dos delegados da Colombia e do Uruguai.

A nomenclatura das communicações apresentadas e dos seus signatarios enche 40 páginas.

A maioria dos trabalhos versou sôbre assumptos economicos e sociaes, evitando-se problemas de natureza meramente politica.

O espirito dominante foi o de cordialidade, com evidente proposito de afastar dos debates as luctas e rivalidades da sociedade actual.

Da 7ª secção, que comprehendia as questões relativas á America, foi eleito presidente o embaixador Regis de Oliveira, delegado do INSTITUTO HISTORICO.

Apoiou elle ahi a seguinte moção, ratificada pela assembléa, e cuja apresentação coube ao representante do Chile, mas em que o brasileiro collaborou:

Afim de contribuir para o desenvolvimento das relações intellectuaes e de toda ordem entre os paizes da America Latina e os paizes dos outros continentes, os srs. de-

legaaos exercerão sua influência perante os governos respectivos, no sentido de darem, tanto nas escholas primárias como nas escholas superiores e quaesquer outros estabelecimentos onde se ensine História Universal, mais largo logar ao estudo da Geographia e da História da America Latina.

Cooperou ainda o sr. embaixador Regis de Oliveira com o professor Déprez, da Universidade de Rennes, para que se constituísse uma commissão de estudos das causas e origens dos grandes descobrimentos, da qual farão parte especialistas de todos os paizes, notadamente da America do Sul.

Por indicação de s. ex., incluíram-se nessa commissão os nomes do actual presidente do INSTITUTO e os dos doutor Max Fleiuss e ministro Agenor de Roure.

Occupou-se o Congresso de estudos sôbre a civilização pre-colombiana, deixando, porém, o exame mais acurado do assumpto para o Congresso de Americanistas, em Nova York e para o Pan-Americano, que se deverá reunir em São José da Costa Rica, em 1929.

Sôbre o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO e os seus serviços em 90 annos de ininterrupto e diligente funcionamento, fez o sr. embaixador Regis de Oliveira uma conferência, que despertou vivo interesse e foi calorosamente applaudida.

Baseou-se s. ex. em dados fornecidos pelo secretário perpétuo, dr. Max Fleiuss, cujo nome, ao ser citado, foi alvo de significativa demonstração de acatamento por parte do grande e brilhante auditorio.

Em todas as occasiões, recebeu o sr. embaixador Regis de Oliveira testemunho de particular apreço e sempre se destacou pelo seu excepcional merecimento.

Recebeu, bem como suas gentilíssimas esposa e filha, especiaes atenções dos soberanos noruegueses, que já os conheciam e muito estimavam.

Correspondendo cabalmente á confiança do INSTITUTO, s. ex., mais uma vez, em elevada missão, honrou o nome brasileiro. — *Affonso Celso.*

RELATORIO APRESENTADO AO SR. CONDE DE AFFONSO
CELSE, PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTORICO E
GEOGRAPHICO BRASILEIRO, PELO REPRESENTANTE
E SOCIO DO MESMO INSTITUTO, SR. EMBAIXADOR
RAUL REGIS DE OLIVEIRA, NO CONGRESSO DE
OSLO.

"Londres, 15 de Outubro de 1928.

Senhor presidente — No dia 14 de Agosto dêste anno, reuniu-se em Oslo o VI Congresso Internacional de Sciencias Historicas, cujas sessões duraram de 14 a 21. Depois dessa data houve uma reunião do Comité Internacional de Sciencias Historicas.

A abertura do Congresso realizou-se na aula magna da Universidade sob a presidencia do sr. Halvdan Koht, eminente professor da Universidade de Oslo e reputado historiador, na presença de sua magestade o rei da Noruega e das mais distinctas personalidades do paiz. Mais de mil professores de História, homens de sciencia, litteratos, etc., de quasi todas as nações, se achavam presentes naquelle certame. Muitos governos estrangeiros enviaram delegados officiaes, entre elles a França, a Noruega e a Alemanha, delegações numerosas, a cuja frente se achavam os melhores professores de suas Universidades.

A delegação franceza compunha-se de 160 professores, sendo seu chefe o illustre professor Gustave Glotz, membro do Instituto, professor da Sorbonne. Da mesma delegação faziam parte o celebre escriptor catholico Georges Goyau, membro da Academia Franceza, monsenhor Baudrillart, reitor do Instituto Catholico de Pariz, membro da Academia, com representação pessoal de sua sanctidade o Papa, e o sr. Michel Lhéritier.

Os delegados alemães eram 130, notando-se a presença de personalidades eminentes como o professor Karl Brandt, da Universidade de Gottingen; Otto Brandt, de Kiel; August Heisenberg, etc.

A representação belga, bastante numerosa, era chefiada pelo professor Henri Pirenne, da Universidade de Gand, reputado auctor de uma das melhores histórias da Belgica.

A representação da Grã Bretanha foi brilhante e contava entre os seus delegados o professor major H. W. Temperley, da Universidade de Cambridge, tambem membro do Comité de Sciencias Historicas.

A Italia reuniu interessantissimo grupo de historia-dores; como os professores De Sanctis, da Universidade de Turim; Gallavresi, da Universidade de Milão; Aldo Albertom, da de Bolonha; o senador Luigi Credaro e Carlo Calisse, ambos da Universidade de Roma.

A Hollanda mandou delegados notaveis, o professor Coolenbrander, da Universidade de Leyde; Van Dillen, etc.

A representação da Noruega, que recebia o Congresso, constava de mais de 250 delegados.

O professor Koht, eleito presidente do Congresso, é uma das figuras mais interessantes do meio intellectual da Noruega.

A Polonia mandou alguns dos seus mais eminentes professores, destacando-se os nomes dos srs. Theodor Zielinski, da Universidade de Varsovia; e Kot, de Krakovia.

A delegação dos Estados Unidos era composta de 60 professores, entre os quaes os srs. Tappin, Dixon Fox e H. Barrett Learned, das Universidades de Providence, Columbia e Stanford.

A Espanha foi tambem representada, si bem que seu principal delegado, o senador Rafael Altamira, da Universidade de Salamanca e juiz do Tribunal de Justiça Internacional, não pudesse comparecer.

Portugal foi representado pelos professores de Moncada e Merêa, das Universidades de Coimbra e de Lisboa.

As outras representações dignas de especial menção fôram as da Austria, Suissa, Japão, Hungria, Suecia, Egypto, Rumania e Dinamarca.

Da America do Sul, achavam-se inscriptos como delegados argentinos os srs. Eduardo Labougle, ministro em Stockholm, e José Torre Revello, de Buenos Aires, mas não compareceram ás sessões.

O Chile foi representado pelo seu encarregado de negocios em Oslo e a Sociedade Chilena de História e Geographia de Santiago, pelo sr. Augustin Edwards, antigo ministro do Chile em Londres.

O sr. Posada, da Colombia, e Polleri e Oribe, do Uruguai, se achavam inscriptos na lista dos delegados.

Não houve outros representantes da America Latina, além dêsses e do representante do INSTITUTO HISTORICO BRASILEIRO.

A nomenclatura das communicações que fôram apresentadas ao Congresso e dos nomes dos seus auctores formava uma lista de 40 paginas.

Digno de nota é o facto de muitos dos trabalhos apresentados se referirem a problemas economicos e sociaes, o

que prova a parte importante que essas questões, intimamente ligadas á evolução do mundo moderno, occupam na sciencia historica dos nossos dias.

Si bem que, muito naturalmente, não se tenha alli tocado nos delicados problemas da politica actual, fôram, entretanto, tractados muitos assumptos de grande interesse para a História contemporanea.

O espirito que prevaleceu no curso das sessões do Congresso foi de grande cordialidade, sentindo-se o propósito dêsses homens de sciencia, afastados das luctas e das rivalidades da sociedade actual, de não cogitarem de pontos de vista acanhados e partidarios.

Em um artigo publicado no *Morgenbladet*, de Oslo, no dia da inauguração do Congresso, ao dar as boas vindas aos delegados, esse jornal, alludindo ao papel dos historiadores no mundo moderno, exprimiu-se da seguinte fórma:

Os historiadores dependem, como todos nós, das leis ordinarias que governam o espirito humano. Os contrastes nacionaes e sociaes podem, portanto, influir sôbre os acontecimentos e os homens, de modo a escolher a verdade objectiva, mesmo em se tractando de acontecimentos remotos. O facto, porém, de tantos nomes illustres da história internacional se reunirem em Congresso desta importancia, para nelle discutir seus interesses, mostra bem a vontade sincera que os aníma de attingir essa verdade objectiva.

O programma da 7ª secção, de que fui eleito presidente, comprehendia as questões relativas á America. Ahi foi apresentada pelo representante do Chile uma proposta que apoiei calorosamente, com os *consideranda* que a sua importancia merecia.

Tivemos o prazer de ve-la approvada pela secção e unanimemente ratificada pela assembléa e incluida entre os votos do Congresso Historico de 1928. Eis o texto da resolução:

Afin de contribuer au développement des relations intellectuelles et de tout ordre entre les pays de l'Amérique latine et les pays des autres continents, messieurs les délégués exerceront leur influence auprès des leurs gouvernements respectifs afin de donner aussi bien dans

les écoles primaires que dans les écoles supérieures et tous autres établissements où on apprend l'histoire universelle une plus grande place à l'étude de la géographie et de l'histoire de l'Amérique latine.

Essa resolução, redigida com a minha collaboração, não sómente poderá despertar fóra da America o interesse pelo conhecimento da história de nossos paizes, mas corresponde tambem á necessidade que temos de tornar conhecidas nossas linguas nacionaes.

Si os delegados, ao voltarem a seus paizes, tiverem presente a decisão por elles tomada no Congresso, não deixarão de apoiar qualquer iniciativa de nossa parte, destinada a dar uma consagração official á lingua portugueza nas universidades.

Outro voto muito interessante foi o do sennor professor Eugène Déprez, na Universidade de Rennes, no qual tambem, tive o prazer de collaborar. V. ex. julgará de sua importancia para nós, Brasileiros, e para o INSTITUTO HISTORICO.

Resolução apresentada pelo professor Déprez:

Conformément au règlement sur l'organisation du travail prévu par le Congrès d'Oslo, et étant donné que la question des Causes et des Origines des grandes Découvertes est une de celles qui présentent un intérêt primordial pour les études historiques et qui peuvent être étudiés avec profit par voie de cooperation internationale, je demande à la section de vouloir bien constituer une commission d'études, dont les spécialistes de tous les pays et notamment de l'Amérique du Sud pourraient faire partie."

Depois de defender esse voto, mostrando o seu grande interesse historico, tive longas e interessantes conversas com o sr. Déprez e achei dever offerecer-lhe o apoio do INSTITUTO e quaesquer facilidades que a collaboração de seus membros e as collecções de nossa sociedade lhe possam offerecer para os trabalhos da commissão, que foi alli mesmo constituida. Nessa occasião e ao serem propostos os nomes de historiadores dos differentes paizes, pedi fôsem incluídos, para o Brasil, os nomes de v. ex., do secretário perpétuo, sr. Max Fleiuss, e do secretário, senhor ministro Agenor de Roure.

Fiz, entretanto, a reserva de que a v. ex. pertenceria approvar ulteriormente essa escolha ou designar qualquer outra personalidade para a mesma commissão.

A resolução foi approvada por unanimidade na última sessão do Congresso.

Achei que o estudo organizado e constante desta questão das causas e origens das grandes descobertas, feito em collaboração pelos historiadores dos differentes paizes que possuem valiosos archivos, era para nós de grande interesse pelo muito que o mundo deve aos grandes descobridores portuguezes.

Além do mais, si fôrem, como espero, levadas a effeito as resoluções alli votadas, será, para nós, uma occasião de vermos reconhecidos, nos mais altos meios scientificos, o valor, a erudição e a efficiencia dos nossos historiadores.

Estudos sôbre a civilização pré-colombiana — Esta questão foi tractada, em consulta, pelos membros do Comité do 6º Congresso Internacional de Sciencias Historicas. O resultado da deliberação foi que, para obter-se o fim desejado, convinha adiar-se a apresentação official ao Congresso do assumpto relativo, aos estudos prehistoricos do nôvo mundo até o momento em que houver sido elaborado, pelos representantes das diversas nações americanas, um programma definitivo de investigações e pesquisas. A questão será tractada no proximo Congresso de Americanistas em New York.

O resultado das deliberações será mais tarde submettido ao Congresso Scientifico Pan-Americano, que se deverá reunir em São José de Costa Rica, em 1929. Finalmente, os planos definitivamente assentados para os estudos desta importante materia serão apresentados ao proximo Congresso Internacional de Sciencias Historicas.

O delegado americano que, sôbre esse assumpto, poderá em toda occasião, ser consultado, é o senhor A. V. Kidder, Carnegie Institution, 16th & P. Street, Washington, D. C.

Conferencia sôbre o Instituto Historico — No dia em que a presidencia da 7ª secção competia ao senhor du Chaffault, representante francez, inscrevi-me para fazer uma conferencia sôbre o INSTITUTO HISTORICO BRASILEIRO.

| O que disse sôbre a creação do INSTITUTO e os grandes serviços por elle prestados á nossa Patria e a sua historia, sôbre as riquezas da sua bibliotheca e do seu archivo, os preciosos documentos originaes que possui, suas valiosas colleções e a organização e redacção de sua revista, mereceu a attenção dos delegados, que applaudiram, com toda a sinceridade de homens de sciencia, que bem sabem avaliar a importancia da contribuição de uma sociedade tradicional, como a nossa, ao melhor conhecimento da história de nossa patria.

Fiz uma exposição resumida, dada a escassez de tempo concedido a cada orador, do excellent trabalho do nosso emi-

nente secretário perpetuo, o sr. Max Fleiuss, cujo nome, ao ser por mim citado, foi alvo dos mais francos applausos da numerosa assistencia.

No dia 18 de Agosto encerrou-se o Congresso Historico, sob a presidencia do sr. Koht.

Fallaram, nesta occasião, o professor Volpe, de Roma, sobre a *União Italiana*; o sr. Pokrovsky, de Moscou, sobre as *Origens do absolutismo russo*; o sr. Jorga, de Bucarest, sobre a *Penetração reciproca entre o Oriente e o Occidente na idade média*.

A mais interessante communicação do dia foi a do senhor Zielinski, professor da Universidade de Varsovia, que fez uma confrontação philosophica entre o homem antigo e o moderno.

Nessa última assembléa, foram lidas e approvadas em plenario as 22 differentes resoluções do Congresso, entre ellas a que tracta da maior diffusão do ensino da História da America Latina e a que diz respeito aos estudos relativos ás grandes descobertas.

A secretaria do Congresso enviar-me-á opportunamente (provavelmente em Janeiro) todas as actas das sessões, as quaes me apressarei em transmittir a v. ex.

Em registado pelo correio, passo desde já ás suas mãos as publicações que fôram distribuidas aos congressistas.

Remetto, outrosim, o primeiro tômo de uma obra, sobre o Chile, ha muitos annos iniciada pelo sr. Augustin Edwards, assim como um opusculo do mesmo senhor sobre a cinematographia applicada ao ensino da História. Esses dous trabalhos me fôram offerecidos pelo seu auctor a título pessoal, tendo sido o folheto sobre cinematographia apresentado á secção de iconographia do Congresso.

Pelo programma, terá v. ex. noticia das festas de character official a que fôram convidadas as delegações.

Houve uma grande recepção em Palacio, dada pelo Rei e a Rainha.

As relações que eu já tinha com os soberanos fizeram que estes, ao terem conhecimento de minha presença em Oslo, no character de representante do Instituto Historico, me recebessem em audiencia especial e me convidassem, assim como minha mulher e filha, a um almoço íntimo na sua residencia de verão, fóra da capital.

O presidente do Conselho deu um jantar, ao qual assistiu o corpo diplomatico acreditado em Oslo e no qual tive a honra de ter o primeiro logar entre os delegados.

Si me refiro a essas atenções e cortezias é unicamente para que v. ex. tenha conhecimento da amabilidade com que alli foi tractado o representante do INSTITUTO BRASILEIRO.

Realizou-se, tambem, na vespera do encerramento do Congresso um grande banquete, offerecido pela presidencia e a delegação da Noruega, ao qual assistiram todos os delegados e suas senhoras, ao todo mais de mil convivas.

No momento do brinde, agradei em nome do INSTITUTO HISTORICO as delicadas atenções de que fomos alvos durante a nossa permanencia naquella encantadora capital por parte da presidencia e do secretário do Congresso e das auctoridades e sociedade de Oslo.

ASSEMBLÉA GERAL EM OSLO DO COMITÉ INTERNACIONAL DE SCIENCIAS HISTORICAS

*Ordem do dia da sessão realizada a 13 de Agosto de 1928
(antes da abertura do Congresso)*

1. Pedido de admissão do Uruguai.
2. Informações sôbre os trabalhos do Comité apresentados pelo secretário geral.
3. Informação sôbre a situação financeira e projecto de orçamento apresentados pelo thesoureiro.
4. Projecto de regulamento de trabalho.
5. Projecto de publicação da lista de diplomatas.
6. Continuação da communicação do secretário geral sôbre a constituição duma commissão para o ensino da História. A decisão foi adiada para a proxima sessão.
7. Informação da Commissão da *Revista Internacional de História*. O projecto tracta da maior amplitude do Boletim do Comité. Projecto da criação de uma bibliotheca. Os projectos relacionados com a *Revista de História* ainda não fôrão definitivamente assentados, sendo que a decisão ainda depende dos fundos promettidos pelos Estados Unidos.
8. Informações do sr. Leland (Estados Unidos) sôbre um projecto de recompilação de constituições. Formação de uma Commissão.
9. Informações do sr. Nicolau d'Oiwer sôbre a ordem do dia das listas chronologicas.

10. Informação do sr. Malcolm Carroll e Mommsen sobre a bibliotheca retrospectiva da imprensa. — Formação de uma comissão. Foi designado como membro para o Brasil o sr. conde de Affonso Celso.

SEGUNDA E ÚLTIMA SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL EM OSLO DO COMITÉ INTERNACIONAL DE SCIENCIAS HISTORICAS. ORDEM DO DIA DA SESSÃO REALIZADA A 18 DE AGOSTO DE 1928

1. Relatorio do Comité de Redacção do *Annuario Internacional de Bibliographia Historica*. Projecto de bibliographia retrospectiva para os annos de 1916-1926. Essa Comissão foi constituida em uma reunião anterior. Na presente reunião fôram approvados o trabalho e o relatorio da Comissão.

2. Informações prestadas pela Comissão para a lista de diplomatas. O Brasil mandou opportunamente as informações pedidas e o Comité expressou-me seus agradecimentos.

3. Relatorio da Comissão consultiva para um projecto de *Biblio-photoscopia* sobre a *História da Civilização*. O assumpto foi adiado para a proxima reunião do Comité, em Maio de 1929.

4. Emprêgo da cinematographia para os estudos historicos; adhesão á Comissão Internacional para producção de uma fita de educação; constituição da Comissão para a organização da documentação iconographica. O assumpto foi adiado para a proxima sessão. Foi, entretanto, constituida uma comissão para a questão iconographica. Pelo Brasil, foi designado o secretario perpétuo do Instituto, sr. Max Fleiuss.

O Brasil ainda não respondeu ao questionario que lhe foi enviado sobre a Iconographia. Conviria que o Instituto respondesse com urgencia.

5. Relatorio do sr. Ihéritier sobre a creação de um Bureau de traducção de obras historicas; eventual collaboração dêsse órgão com o Instituto Internacional de Cooperação Intellecual.

Sobre essa materia surgiram difficuldades, dado o grande número de obras historicas publicadas em cada paiz e cuja

tradução seria muito dispendiosa. Sobre a collaboração com o Instituto de Cooperação Intellectual, discutiram-se os fins precisos a que este se destina, concluindo-se que se interessa principalmente por trabalhos litterarios. Foi discutida a formação de commissões nacionaes em cada paiz que colligiriam os trabalhos publicados, transmittindo ao Bureau Central um resumo, traduzido em francez, inglez ou alemão, afim de servir aos investigadores dos outros paizes. — O projecto em seus termos exactos será publicado no proximo *Boletim Internacional de Sciencias Historicas*.

6. Relatório do sr. Baxter (Estados Unidos), sobre a cooperação das missões scientificas de investigações no archivo do Vaticano. Sobre esse particular, foi decidido consultar as missões scientificas actualmente existentes em Roma, sendo estas as unicas que podem decidir da melhor fórma pela qual se poderá formar o catalogo dos documentos daquelle archivo. Fallou-se, tambem, do meio practico pelo qual poderiam ser consultados, com proveito, os archivos pertencentes a particulares, documentos das diversas familias, etc. O assumpto depende de estudo cuidadoso e de consulta aos elementos acima mencionados.

7. Accessibilidade dos archivos — recurso eventual á Liga das Nações por intermedio do Instituto Internacional de Cooperação Intellectual. Adiado para a reunião de Maio de 1929. Um dos delegados da Espanha lembrou certas disposições legaes do seu paiz que prohibem a consulta de certos documentos historicos, constando, entretanto, não ser absoluto esse impedimento, podendo o Governo conceder a auctorização necessaria.

8. Constituição definitiva da commissão para o ensino da História, cujo grupo inicial havia sido anteriormente nomeado pelo Bureau.

A commissão foi organizada, sendo, para o Brasil, nomeado o sr. conde de Affonso Celso.

O Bureau decidiu conservar a faculdade de propôr posteriormente outros membros representando paizes que nolla deverão figurar.

9. Approvação dos votos do Congresso; esses serão transmittidos ao Bureau do Comité Internacional pelo secretario do Congresso Historico. O Bureau tomou o encargo de collaborar na execução das differentes resoluções.

10. Renovamento do Bureau Internacional de Sciencias Historicas — eleição do presidente.

Foi eleito presidente o sr. Halvdan Coht, presidente do VI Congresso.

O vice-presidente Pirenne, da Belgica, tendo solicitado a sua exoneração, foi eleito para substitui-lo o sr. Casimir Dobrowolski, delegado da Polonia. Fôram eleitos membros do Comité os professores Karl Brandi, da Alemanha; De Sanctis, da Italia; Susta, da Tchecoslovaquia.

11. Séde e data do proximo Congresso de Sciencias Historicas. Durante o Congresso realizado em Bruxellas, já se havia fallado da escolha da Polonia para uma das futuras reuniões e ficou, portanto, decidido que o proximo Congresso reunir-se-á em Varsovia dentro de cinco annos.

12. Logar e data da reunião da proxima Assembléa Geral do Comité de Sciencias Historicas. Tendo o representante da Italia, em nome do seu paiz, convidado o Comité a reunir-se em Veneza, foi o seu convite acceito por unanimidade, ficando decidido que a Assembléa do Comité de Sciencias Historicas se realizaria em Veneza, na segunda quinzena do mez de Maio de 1929.

Juncto tenho o prazer de remetter a v. ex. cópia das cartas que, ao voltar do Congresso de Oslo, recebi do senhor Lhéritier, secretário geral do Comité Internacional.

Respondi ao sr. Lhéritier que consultaria v. ex. sobre as differentes questões a que elle se refere e que nos interessam particularmente.

Rogo a attenção de v. ex. para o topico da carta do senhor Lhéritier, de 6 de Outubro, em que me consulta sobre a importancia da designação dos delegados officiaes ao Comité Internacional e em que allude á utilidade de um dêsses delegados residir na Europa. Respondi-lhe que consultaria o presidente do INSTITUTO, agradecendo a amavel referencia feita á minha pessoa.

Aproveito esta occasião para ter a honra de renovar a v. ex. a expressão de minha mais perfeita estima e alta consideração. — *Raul Regis de Oliveira.*

JUSTIÇA DA HISTÓRIA

Felizmente para os homens politicos, mal apreciados e mal comprehendidos pelos contemporaneos envolvidos nas agitações da época, o julgamento definitivo de seus actos e de suas attitudes é o que a história ha de registar um dia, de-

pois do exame sereno e imparcial, feito por estudiosos pertencentes a uma geração inteiramente alheia aos acontecimentos. Nos momentos de lucta política, o adversario do estadista exposto á critica cata defeitozinhos e augmenta-os com a poderosa lente do interesse partidario, creando o meio viciado e falso em que vivem o germe da desordem e o microbio da ambição. Nem o ataque é sincero, nem a defesa é desinteressada, de modo que o exaggêro altera e deturpa os factos, desorientando a opinião e impedindo a formação de uma corrente intermedia capaz de dar o justo valor aos successos. Nas democracias incultas, a opinião não se fórma na massa popular, para crescer, avolumar-se e impôr-se. E' antes manipulada por uma *élite* ainda sem educação civica sufficiente, envolvida na lucta, interessada no desenvolver dos acontecimentos, cheia de ambições e de odios, incapaz de fazer justiça e de formar juizo sereno. A opinião, assim preparada, vai para o forno quente das paixões e é fornecida ao povo como o pão de cada dia, como alimento do espirito. É o povo o ingere, mas sem digeri-lo e sem procurar indagar da qualidade da massa empregada. Assim é que os contemporaneos condemnam ou applaudem os dirigentes. Descem todos ao terreno da lucta, si não como luctadores, ao menos como assistentes que torcem por um dos partidos...

Ora, para bem julgar e ser justo, é necessario estar o criterio em posição elevada, acima das competições. Seria exigir muito dos contemporaneos querer que não se deixassem influir pelos sentimentos dominantes no meio politico e social. Os que não se envolvem na lucta e podem ter juizo imparcial, são justamente os que se limitam a ter opinião sem propaga-la, sem diffundi-la. Nenhuma influencia podem exercer na formação de correntes dominantes...

Por isso é que, só depois de passados muitos annos, pôde a História, escripta com serenidade por homens de uma geração que não tomou parte activa nos acontecimentos, fazer a justiça merecida aos estadistas e politicos de qualquer paiz, estudada a sua conducta em face das circunstâncias que determinaram seus actos, do meio em que elle agiu e do programma que teve em vista realizar.

O historiador fica na situação do alpinista que, collocado no cume de uma montanha, observa os grandes accidentes do terreno circunvizinho, a planície, a matta, o valle, o rio, o lago, etc., sem notar os defeitozinhos de uma arvore torta, de uma caverna escura, do lixo que a agua leva, etc.

Examinando a vida e a obra de um homem de govêrno, de um estadista, de um administrador, pôde chegar assim a escoima-las dos pequenos erros de grande repercussão no mo-

mento, propicio para só apprecia-las nas suas grandes linhas geraes, ao longe e de muito alto.

Tudo isso veio a proposito de um livro que acabo de ler — o volume 157 (tomo 103) da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, contendo excerptos biographicos do visconde de Ouro Preto, escriptos por seu illustre, preclaro, nobre filho, o conde de Affonso Celso. Discutida e admirada, combatida e odiada e homenageada por contemporaneos e testemunhas da sua brilhante e invejada carreira politica, a figura do visconde de Ouro Preto póde hoje ser olhada pela nova geração com aquella tranquillidade imperturbavel do alpinista em dia limpido e luminoso, de céu sem nuvens e de atmosphera calma. A leitura da biographia e o conhecimento que se tem dessa figura notavel do Segundo Reinado dão logo a impressão do grande relêvo que ella apresenta na história do Brasil Imperio... E' o mesmo que dizer simplesmente — *do Brasil*, porque, Imperio ou República, o Brasil é a patria, e tão patriota é quem serviu á monarchia como quem está servindo á Republica, desde que igualmente interessados no progresso do paiz e no bem da communhão nacional.

Não foi um rgande homem por nascimento e só chegou á grandeza por merecimento, como legitimo *self made man*. Shakespeare disse: — "*Some men are born great, some achieve greatness and some have greatness thrust upon them*". Tambem Napoleão I achava que a grandeza era nada, desde que não fôsse duravel. O visconde de Ouro Preto foi estudante pobre, tendo tido necessidade de ensinar humanidades e defender no Jury para poder concluir o curso de Direito em São Paulo. Chegado ao 3º anno, foi convidado para servir no gabinete do Presidente da Provincia em 1856, e mereceu a promoção ao cargo de 1º official do gabinete do nôvo presidente em 1857 — cargo que preferiu deixar a ter de calar-se deante de um commentario injusto dêste presidente contra o seu antecessor. Foi tão apreciado pelo presidente esse gesto nobre e desinteressado do estudante pobre, que resolveu comparecer á sua formatura e ainda recommenda-lo ao marquez de Olinda em termos taes, que o presidente do Conselho disse só ter um lugar para candidato tão bem apresentado. Renunciaria para que Affonso Celso fôsse occupar a presidencia do Conselho e a pasta do Imperio. Não se perturbou o joven bacharel e declarou não pretender tanto, querendo apenas o lugar de secretario da Policia em Minas. Foi nomeado.

Quer isto dizer que o futuro visconde de Ouro Preto, o estadista energico do Segundo Reinado, revelava-se, desde moço, quando necessitado de apóio, vontade tão firme e character tão nobre que renunciava a posições de destaque para

estar bem com a sua consciencia. Um homem dessa tempera podia governar combatido, mas tinha que ser respeitado, porque era um homem que se respeitava a si proprio. Deu o exemplo o proprio presidente da Provincia que se julgara desrespeitado pela attitude do official de gabinete, mas que acabara por confessar e reconhecer a fidalguia de maneiras do seu ex-auxiliar.

Estudante-professor, advogado antes da formatura, official de gabinete presidencial, secretario de policia, deputado provincial e deputado geral, chegou a ministro de Estado, antes de completar trinta annos, no gabinete Zacharias, de 1866. Nove annos para essa brilhante carreira, sempre com a mesma casaca e cada vez com merecimento maior! O que foi o visconde de Ouro Preto como ministro da Marinha no periodo agudo da guerra do Paraguai e na idade em que os homens costumam apenas revelar qualidades de dançarinos e de galanteadores, toda gente sabe e reconhece hoje, como naquella epocha. Activo, incansavel, exacto no cumprimento dos deveres, nem do imperador admittia *lembretes*. Certa vez Pedro II mandou-lhe á casa um portador com missiva relativa á necessidade de remessa de certos objectos necessarios aos navios em operação. O joven ministro respondeu a sua magestade que taes objectos já haviam seguido e que continuaria vigilante no prompto cumprimento dos seus deveres, *mesmo quando não lh'os lembrassem*. A's duas da madrugada voltou o portador do Palacio com a explicação do imperador: — "*Não fui bem comprehendido. Sei que a sua vigilancia patriotica é tão grande quanto a minha; mas, nesta quadra de difficuldades e preoccupações, devemos todos, mais do que nunca, ajudar-nos uns aos outros*".

Pela segunda vez, em menos de dez annos e em plena mocidade, era posta á prova a altivez dêsse nobre character. Como da primeira vez, com o presidente de Provincia, o proprio Pedro II fez questão de não demorar a affirmação de que todo homem de bem deve sempre respeitar aquelle que mostre respeito a si proprio e á dignidade do seu cargo.

O visconde de Ouro Preto attingiu assim as culminancias do poder pelo seu merecimento, pelo seu character, pelo seu saber, pelo seu amor ao trabalho, pelo seu patriotismo. Em 1879 era immenso o seu prestigio como ministro da Fazenda. O *imposto do vintem* foi apenas um pretexto de exaltados para diminuir aquelle prestigio. Não fôsse a necessidade de um pretexto para a exploração politica e ninguem se lembraria de uma *revolução popular* contra aquelle imposto. A Republica creou o imposto de transporte e ninguem se revoltou;

creou o imposto sôbre generos alimenticios e todos pagaram os sellos collados á carne, ao pão e á manteiga, sem protesto...

Terminou o visconde de Ouro Preto a sua carreira politica como presidente do Conselho em 1889. Foi accusado de violento pelos paes daquelles que conheceram depois violencias republicanas muito mais accentuadas. O certo é que o nôvo presidente do Conselho trazia um programma de idéas adeantadas, muito liberaes e quasi republicanas. Não teve tempo de realizar o que promettia. Foi chamado tarde de mais, quando já não era possível resistir á onda formada pela propaganda, mas auxiliada por actos de indisciplina militar sem castigo e por descontentamentos resultantes da lei que aboliu a escravidão. Encontrou uma situação gravissima, para a qual não concorrera e a bomba estourou-lhe nas mãos, quando os culpados eram outros.

A homenagem prestada pelo INSTITUTO HISTORICO á sua memória é a justiça que começa a ser feita e que só será completa quando uma estatua traduzir, na praça pública, o reconhecimento nacional.

AGENOR DE ROURE.

D. BOSCO E O SEU PANEGYRISTA

Quinta-feira. Cinco horas da tarde. Repleto o salão de conferências do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO de pessoas convocadas por noticia promissora. Fallaria o arcebispo de Cuiabá, d. Aquino Corrêa, ainda no enlêvo das emoções, que lhe arrebataram a alma entusiasta em Roma, por occasião da beatificação do fundador da Congregação, a cuja sombra lhe vigou e robusteceu o talento peregrino.

Para ouvi-lo, tomou o seu posto de honra a directoria, flanqueada por historiadores, estadistas e eminentes vultos do clero. Fronteiro, comprimia-se o escôl da assistencia, a que a graça feminina emprestava o encanto da sua presença.

Aberta a sessão, M. Fleiuss lê, como é de praxe, o que diz Rio-Branco dos successos verificados nesta data.

Affonso Celso, em seguida, expressa a alegre satisfação do INSTITUTO em conseguir trazer á sua tribuna o notavel orador, cujas qualidades se irradiaram por outras manifestações da actividade intelligente.

Ergue-se o arcebispo cuiabano, em toda a imponencia do seu vulto dominante, a que as vestes solennes da hierarchia religiosa dão especial relêvo.

Antes de iniciar a conferência, responde, com outras, não menos finas, ás gentilezas do presidente perpétuo do INSTITUTO, cuja nobreza de alma e character se emparelham com a da estirpe e do saber.

E, estimulado pelos louvores e palmas do auditorio, começa, meio a sorrir, a bordar variações a proposito de d. Bosco, beatificado em longo processo de 39 annos, que culminou na cerimonia de 2 de Junho, em São Pedro de Roma, onde coube ao orador a honra insigne de officiar, "paramentado de riquissima capa de asperges e mitra", á hora da Benção, em que, de pé, sozinho, viu prostrados á sua frente "o papa e a sua còrte, cardeaes e patriarchas, arcebispos e bispos, um clero e um povo immenso, em resumo toda a Igreja universal, concentrada alli, na magestade olympica da basilica de ouro".

Facilmente se acreditará na confissão, que murmurou a seu vigario geral:

"Foi o momento mais solenne do meu episcopado". E por ser assim, cabia-lhe a missão de participar de todas as homenagens consagradas á memória de que lhe proporcionara o ensino de tão gratas impressões, depois de lhe ter servido de guia empolgante na perigosa jornada pela vida a fóra."

O APOSTOLO CONTEMPORANEO

Não se classifica d. Bosco entre os doutores da Igreja, posto haja revelado innegavel agudeza de engenho. Nem o mimou no berço a fortuna, que sorriu á infancia do fidalgo de Assis.

Mas, filho da pobreza, humilde nasceu, humilde cresceu, sem precisar mais tarde penitenciar-se dos excessos peccaminosos da mocidade, como acontecera aos seus emulos de glória, Ignacio de Loyola, de quem se approxima, pela capacidade organizadora que deu á Igreja novos combatentes, á feição de jesuitas modernos, e Francisco de Assis, cujo amor ás cousas insignificantes, aos pobres e enfermos, lhe inspirou o apostolado, em que se fêz paladino da democracia religiosa, denrocracia contida em seus abusos pelos freios moraes da religião.

A propaganda que desenvolveu, porém, não se divulgou por palavras, que o vento leva, e, sim, por officinas que montou, para a aprendizagem dos seus pupillos, por escolas e collegios, que abriu, para lhes illuminar o espirito, consoante os ensinamentos evangelicos, *facere e docere*; principalmente,

pelo exemplo vivo de sua pessoa, iniciada nos officios mais modestos e que jámais perdeu, em toda a sua existencia, as qualidades geradoras da sua glória, lembradas na quadrinha popular, a cujo canto se realizou a traslidação do seu corpo, de Valsalice para Valdacco, em Turim:

*D. Bosco, ritorna
Tra i giovani ancor:
Ti chiaman, frementi,
Di gioia e di amor!*

PALADINO DO AMOR E DA ALEGRIA

Loyola, em época de revolta espiritual contra o Papado, arregimentou as suas hostes, educou-as em disciplina rigorosa, instruiu-as para os grandes combates da fé, que ainda continuam.

O Poveretto, contente da pobreza, que abraçara, desprezando os haveres paternos, sublimou-se, especialmente, pelo immenso amor com que a serviço das suas convicções, acolhia a humanidade soffredora, as feras, e até as cousas inanimadas, em que só via manifestação da divindade.

De um, tomou d. Bosco o arrôjo combativo, de outro o amor aos homens e, de si proprio, accrescentou a blandicia nos actos e alegria communicativa, á maneira do frade castelhano, cuja lenda Camillo Fiaux divulgou.

Por volta do seculo XV, vivia em Valladolid d. Quirido, fidalgo, a quem facilmente envolveu com os seus encantos joven patricia, que lhe não correspondeu com a mesma fidelidade.

Moído pela desventura da preterição, e impedido por amistososo conselho de dar fim aos seus dias, resolveu occultar em um cláustro o seu implacavel soffrimento.

Lá arrastava escura tristeza sem fim, em meio de outros vultos igualmente funebres, quando o saltou risonha apparição, que lhe prometteu restituir a perdida alegria, mediante a promessa de cumprir á risca as recommendações que recebesse.

— Anjinho de Deus, farei tudo quanto quizeres, contanto que me livres das angustias que me entenebrece a vida.

— Tens aqui, exclamou-lhe o anjo protector, ao entregar-lhe um espelho, a miniatura do mundo, que se limita a mostrar-nos, tambem, a imagem do que lhe seja apresentado.

Queixas-te de que o mundo te faz cara feia. Acaso o fitarás de bom rosto?

Sorri, que elle te sorrirá tambem...

Juras-me, pois, que sorrirás todas as manhãs, e sorrindo acompanharás os dias.

D. Quirido acceitou, e adormeceu confiante. Quando se despertou, cantavam-lhe os passaros no arvoredor vizinho.

Imitou-os com a alma em alleluias, escandalizando os frades affeitos ao silencio austero da Congregação.

Chamado á presença do superior, justificou-se.

— A alegria divina, meu Pae, transborda do meu coração, e por isso então hymnos ao Salvador, de agradecimento á vida que elle me deu.

Foi pordoadada a falta, que se contaminou a toda a collectividade, beneficiada pela sã alegria, com que d. Quirido alagou o convento, cujos habitos ficaram ameaçados de extraordinaria revolução.

Para evita-la, o capítulo resolveu mandar o culpado ao Caraca das immediações, em Palencia, afamado pela severidade dos seus regulamentos.

Mas d. Quirido, com a alegria e o sorriso, apossou-se do convento disciplinador, cuja nomeada sinistra esteve a pique de esboroar.

Para emmudece-lo, não houve meio sinão entrega-lo ao inquisidor, que lhe censurou a jovialidade sadia.

A religião de Christo, replicou-lhe o accusado, era uma religião de amor, que o filho de Deus jamais pregara a tristeza, e que o panorama do mundo patenteava tal conjunto de harmonias, de esplendores e belleza, que sómente os cegos não se sentiriam arrebatados ao observa-lo.

Furioso, o inquisidor arguiu-o de blasphemo, e condemnou-o á fogueira purificadora, para a qual se dirigiu o réu ao som de hymnos festivos, que os assistentes, chamados a presenciar o martyrio, acompanhavam em côro.

Quando, atizado o fogo, principiaram as chammas a lambeo o corpo do cantor incançavel, onze dos seus companheiros, que deveriam atemorizar-se com o castigo, enfrentaram o perigo para libertar o "justo", ermanado ao qual pereceram, ao mesmo tempo que o justicador, assaltado pela ira, deante de tão inaudito successo, tombou fulminado.

A' mesma hora, chegam todos ao Paraíso, onde São Pedro lhes quiz abrir as portas. Oppoz-se o inquisidor, depois de escoregar para dentro, e, com austeridade tamanha, que logrou despachar os outros para o logar das penas eternas.

Cantando, entraram nos dominios de Satan, e cantando amansaram todos os genios do mal, que os receberam de má catadura, promptos a tortura-los sem dó.

Dentro em breve, porém, no inferno, que Dante conhecera cheio de horrores e blasphemias, dôres e lamentos, raiou o armistício da paz, ao som de Alleluia, *Te-Deum*, de Hosannahs e Magnificats.

A transformação attrahira a attenção da côrte celestial, cujos emissarios testemunharam o facto assombroso das católicas redemptoras no reducto maldicto.

De regresso, advogaram juncto á divindade a causa dos egressos da funebre tristeza.

"Perdôo-lhes, attendeu o Padre Eterno, pois a alegria e o amor purificou-os".

Quanto a ti, accrescentou virando-se para o inquisidor, condemnno-te a exemplar estágio no reino de Satan, onde medites melhor as minhas palavras.

"Digo-te, ainda uma vez, que a virtude é sempre amavel e amante.

"Si muitos homens lhes preferem o vício, que, sob os ouropeis seductores, mal encobrem pesares e misérias, é porque os servidores da tua especie querem reprimir os estos joviaes da virtude e condemna-la a afivelar a máscara sinistra, que lhe occulta a verdadeira physionomia e a pureza do seu sorriso avassalador.

"Em verdade, em verdade, digo, e redigo, no dia em que a alegria e o amor dominarem o mundo, á mesma hora sumirá o mal, corrido de todos os corações".

D. Bosco é a personificação da lenda espanhola, sem a heresia das admoestações dos superiores, e passagem pelo degredo infernal, que o Florentino imaginou.

Não lhe perturbou o ánimo adolescente a tentação feminina, engravescida pela pretensão em que se visse desprezado, até o soccorro do anjo tutelar.

Mas, pobrezito e rude, guiado apenas pela intuição do amor materno, surprehendeu-o, certa noite, expressivo sonho, em que radiosa figura lhe desvenda o roteiro da sua peregrinação pela terra.

Contra a injúria dos maus, ou dos ignorantes, e a fereza dos brutos, apontou-lhe o recurso da mansidão e do amor, a cujos toques se abriram os corações mais empedernidos.

Como o lendario espelho do monge, a visão ensinou a d. Bosco os meios de vencer.

Consagrou-se, com afincio, ao apostolado, chamando a si as creancinhas, consoantes os preceitos evangelicos.

Para conquistar-lhes a estima, improvisou processos de ensino, com a penetração psychologica de pedagogo abalizado, communicou-lhes a expansiva alegria, em que lhe sorria a alma toda dedicada ao bem, e poz-lhes nas mãos inhabeis as

ferramentas, com que a pouco e pouco se foram preparando para domar as difficuldades da existencia.

Quanto possuia, em dinheiro, competencia, e tempo, era pouco para dar a outrem.

Para si nada tomava, nem as horas, em que poderia afinar o espirito, nas especulações transcendentcs da sciencia, para as quaes manifestou inequivocos pendorcs.

"Não serás rico", intimou-lhe a formadora da sua personalidade, a cujo rude julgamento sujeitava os seus escriptos, para que não ultrapassassem o alcance do povo, ao qual se dirigia.

E cumpriu, a rigor, a ordem materna.

Pobre de bens materiaes, foi, porém o mais opulento dos contemporaneos, em graças espirituaes.

Quando o scepticismo ensombrava a alma dos sabios, e incredulos, d. Bosco seguia, alegre, a sua directriz, sem titubear nas encruzilhadas da vida nem desilludir-se deante dos altares vazios.

Semeador do bem, congregou discipulos e cooperadores, que lhe espalharam o influxo pelo mundo inteiro. Reinou sobre os seus contemporaneos, mais efficientemente do que qualquer soberano, de poder esteado em baionetas.

E, morto, não teve parceiro na consagração maxima com que a Egreja lhe proclamou a benemerencia da personalidade, catalogada, pela beatificação, entre os heróes da christandade.

E as phrases cantantes do orador, ao citar diversos feitos de d. Bosco, e apropositadamente commenta-los, generalizara no ambiente, onde espoucava a espaços, o magnesio, a admiração pela figura excelsa do apóstolo dos tempos modernos.

Só faltou á apothcose, em que mais uma vez o arcebispo cuiabano evidenciou a excellencia da sua palavra castiça, e encantadora, a repetição da quadrinha italiana, que lhe cantara nos ouvidos em Turim:

*D. Bosco, rittorna
Tra i giovani ancor:
Ti chiaman, frementi.
Di gioia e di amor!*

Era bem o heróe christão da alegria e do amor, que recebia do verbo maravilhoso de um dos seus discipulos a expressão do nobre culto admirativo em uma tribuna, leiga, mas veneravel, com o mesmo fervor manifesto em outras solennidades commemorativas, que o levaram a Roma.

E, por isso, a fina assistencia fundiu as duas individualidades, d. Bosco e seu panegyrista, nas palmas e applausos com que lhe rematou a allocução modelar.

Não se sabia, ao cabo, quem lhe dynamitava o enthusiasmo communicativo, si o assumpto, empolgante por si proprio, si o orador que o explanou com a leve graça de que tem o segredo.

V. CORRÊA FILHO.

PAPEIS RELATIVOS A' 3ª ASSEMBLÉA PLENARIA DO COMITE' INTERNACIONAL DE SCIENCIAS HISTORICAS

REALIZADO EM VENEZA, A 6 DE MAIO DO CORRENTE ANNO

A' sua excellencia o senhor conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Exmo. amigo — Senhor presidente.

Minhas mais attenciosas saudações.

Tenho a honra de passar ás mãos de v. ex. os documentos relativos á 3ª Assembléa Plenaria do Comité Internacional de Sciencias Historicas, realizada em Veneza, no mez de Maio do corrente anno.

Estavam presentes em Veneza mais de cem congressistas e entre elles o professor Halvdan Koht, presidente do Congresso de Oslo e presidente do Comité Internacional, os vice-presidentes Dembiski e Dopsch, os professores Brandt, Susta, Temperley, membros assessores, o professor Lhéritier, secretario geral, e o professor W. G. Leland, thesoureiro.

O Comité Nacional Italiano, que recebeu os congressistas, compunha-se do senador professor Pietro Fedele, presidente do Comité Italiano e dos professores das principaes universidades italianas: de Sanctis, Ussani, Volpe, Calisse, Schiaparelli, e o secretario geral, professor Bertolini. Todos os arranjos para o conforto dos congressistas e o perfeito andamento dos trabalhos fôram feitos pelo Comité Italiano, sem que nada deixasse a desejar, não só quanto á excellente organização da reunião e á optima installação, como quanto á amabilidade com que fomos recebidos pelas auctoridades venezianas.

Dos retalhos annexos, poderá v. ex. julgar da solenne inauguração do Congresso, sob os auspícios do prefeito e do podestà da cidade de Veneza, que se realizou no palacio dos Doges e á qual assistiram os representantes do govêrno italiano e da sociedade de Veneza. Fôram pronunciados interessantes discursos, todos elles reflectindo o grande interesse que se liga a esse notavel trabalho de cooperação internacional e á sua utilidade para a diffusão dos estudos historicos e para a amizade entre as nações. Causou agradável impressão a allocução pronunciada em latim pelo senador professor Pietro Fedele.

Varias festas fôram dadas em honra dos congressistas: — representação de gala no Theatro; recepção do podestà, na sala Napoleonica, varios almoços e jantares e uma serie de excursões bem organizadas nos arredores de Veneza e á cidade de Ravenna, tendo sido dadas facilidades de toda ordem para a visita dos congressistas aos monumentos historicos da Italia.

Pessoalmente, não só devido á minha posição, mas ás relações que de longa data conto na Italia, fui convidado pelas auctoridades italianas e pela sociedade de Veneza.

As reuniões do Comité realizaram-se no Instituto Real de Veneza, de Sciencias, Lettras e Artes. Juncto encontrará v. ex. uma lista completa dos representantes das differentes nações e da composição das sub-commissões.

Remetto, juncto, o relatório geral da reunião, pelo qual v. ex. poderá tomar conhecimento exacto de todos os assumptos alli discutidos e das resoluções, para cuja execução o Comité conta com a collaboração exclarecida dos Comités Nacionaes.

Na comissão do ensino da História, presidida pelo professor Glotz, travou-se calorosa discussão em tórno da competencia do Comité Historico em assumir uma attitude que poderia parecer de fiscalização dos processos usados nos differentes paizes para o ensino historico e, a um dado momento, esteve em jôgo a propria existencia da comissão. Finalmente, todos os delegados, reconhecendo a perfeita imparcialidade, o grande exfôrço e o incontestavel merito do professor Glotz, chegaram á conclusão de que a comissão devia continuar os seus trabalhos, insistindo nas informações a receber dos differentes paizes, e tambem resolvendo que, depois de acabado o inquerito relativo á instrucção primaria, solicitaria as informações relativas aos programmas das escholas secundárias.

Os relatorios particulares serão reunidos em um unico relatorio, cuja synthese será feita pelo professor Cappa e proceder-se-á do mesmo modo quanto á instrucção secundaria.

Foi muito interessante a reunião do Comité de Iconographia, presidido pelo sr. Dépreaux.

Nella tomei parte como representante do sr. Max Fleiuss.

O sr. Truin (Paizes Baixos) leu uma interessante communição sôbre a conservação de fitas cinematographicas para os estudos historicos futuros e expoz o systema adoptado na Hollanda, onde se formou uma commissão, por elle dirigida, afim de adquirir os positivos e os negativos das fitas que interessam todas as fórmãs da vida social do paiz (industria, culturas, *folk-lore*, vida social, paizagens, etc.), compromettendo-se, juncto ás firmas productoras, a não fazer uso das fitas antes de dez annos decorridos desde sua publicação.

Diz o sr. Truin que essas fitas são depositadas na secção dos Archivos Nacionaes, em local apropriado e secco, garantindo sua conservação; são catalogadas chronologicamente por materias e inspeccionadas, de vez em quando, por um especialista.

Parece-me digna de nota essa iniciativa da Hollanda, cuja adopção entre nós seria muito interessante e para a qual não duvido que o nosso Instituto poderia obter a collaboração do Govêrno. Não ha dúvida que a reunião systematica dessas fitas de interesse nacional seria de grande utilidade para o futuro.

O excellent relatorio remettido pelo sr. Max Fleiuss e em que elle acceitava as theorias expostas pelos professores Dépreaux e Blum apresentadas ao Congresso de Oslo, foi lido em sessão e mui lisonjeiramente commentado pelas valiosas suggestões que contém.

Expuz á commissão, em cujas discussões e resoluções tomei parte muito activa, várias propostas prácticas, que fôram acceitas e informei sôbre quanto tem sido feito pelo Instituto Historico em relação á documentação iconographica do Brasil, accrescentando que o nosso secretario geral, sr. Max Fleiuss, suggerira a iniciativa, por todos approvada, de formar uma sub-commissão brasileira, para essa tarefa, dada a demora das transmissões e a distância que o separa dos outros membros da commissão permanente.

Essa iniciativa foi adoptada e approvada por unanimidade, sendo-lhe attribuida a presidencia da mesma sub-commissão.

O sr. Andrup, da Dinamarca, fêz uma exposição do methodo de classificação dos *films* historicos e de todos os documentos iconographicos, actualmente usado no Real Museu

de Copenhague. O methodo pareceu excellente, mas comporta, para as grandes collecções, um número de cartões demasiado extenso.

O sr. Truin resumiu o assumpto, dizendo que os cartões correspondentes a documentos iconographicos, para serem uteis aos historiadores, deveriam responder a tres fins principaes: chronologico, topographico e historico.

O sr. Blum propoz que a Iconographia fizesse parte dos programmas de ensino escolar, e expressou o desejo que cada membro da Commissão fôsse habilitado a se dirigir aos poderes publicos do seu paiz, afim de obter todas as facilidades juncto aos estabelecimentos do Estado para o proseguimento do inquerito relativo aos documentos iconographicos. Essa proposta foi unanimemente approvada.

A questão dos indices, que devia ser discutida, foi adiada para uma sessão ulterior, pois a commissão achou que se deveria primeiro constituir centros iconographicos nacionaes, que serão dos mais uteis, e cujos membros serão os melhores collaboradores para a formação dos indices. A commissão resolveu que seria de grande utilidade estabelecer-se, em cada paiz, uma lista dos trabalhos iconographicos mais recentes, afim de poder ser, mais tarde, discutido o methodo destinado á redacção dos indices.

V. ex. encontrará em annexo as resoluções tomadas em seguida a essas discussões.

V. ex. terá a bondade de informar-me da possibilidade para nós de darmos uma forma práctica e de utilidade para o Brasil ás suggestões contidas nas resoluções da Commissão de Iconographia.

Uma questão da maior importancia para a história dos differentes paizes é a que se refere á lista dos diplomatas, já tractada em Oslo, de accôrdo com a circular n. 13 do professor Lhéritier. A commissão de Veneza resolveu insistir no pedido de collaboração de todos os paizes e institutos membros do Comité Internacional, no sentido de envidarem todos os seus esforços para a organização dos trabalhos preparatorios necessarios á creação de uma obra completa de character universal.

O Comité Internacional tomou, a 8 de Maio, as seguintes resoluções, que são o complemento da iniciativa contida no relatório do sr. Bittner, de Março de 1928.

Tive occasião, na discussão geral dêsse assumpto, de insistir sôbre a absoluta necessidade das listas dos diplomatas comprehenderem, não só os diplomatas de carreira em missão ordinaria, mas tambem todos aquelles que, pertencentes ou não ao serviço diplomatico dirigiram missões de character especial ou extraordinario. O comité approvou esse modo de ver.

As resoluções tomadas fôram as seguintes:

1°. Afim de não haver dúbida alguma quanto ás pessoas que deverão ser incluídas nas listas, o Comité declara que todos aquelles que fôram encarregados de uma missão diplomatica de character permanente ou que fôram delegados por um Govêrno, reconhecido *de jure* ou existente de facto, deverão nellas figurar, seja qual fôr o título que lhes competir.

2°. As listas dos representantes dos Estados nos grandes congressos politicos serão publicadas em um volume supplementar, independente da obra principal.

3°. Os redactores das folhas dos diplomatas, organizadas conforme os desejos da commissão, para a publicação das listas dos diplomatas, receberão honorarios que serão estabelecidos de accôrdo com o número de palavras contidas em cada uma dessas folhas, á razão de 25 dollares por 16 paginas impressas, do formato do *Boletim do Comité Internacional de Sciencias Historicas*.

Juncto encontrará v. ex. uma cópia das explicações complementares do sr. professor Bittner, quanto a essas tres resoluções e um modêlo da *fiche*, que se deverá estabelecer para cada representante diplomatico.

Muito estimaria que v. ex. mandasse fazer esse trabalho no Rio de Janeiro, afim de que nossa contribuição a essa lista fôsse das mais completas. Estou persuadido de que seria muito util para nós que todos os nossos eminentes patricios, cujos serviços tanto fizeram para engrandecer a nossa patria, não deixassem de figurar na importante obra projectada pelo Comité Historico Internacional.

Permitta-me v. ex. a liberdade de suggerir-lhe, para levar a cabo esse importante trabalho, o nome do nosso eminente collega e amigo, o sr. ministro Helio Lobo, illustre diplomata, historiador e homem de letras.

Parece-me que ninguem melhor do que elle poderia encarregar-se de um trabalho, que representará a inclusão de todos os Brasileiros que se illustraram na diplomacia patria, desde a nossa independencia, em uma obra de character internacional que, quando concluida, será um dos mais preciosos elementos de consulta para os historiadores.

Na última reunião plenaria da commissão, foi unanimemente acceito o convite do Govêrno da Grã-Bretanha para que a proxima assembléa do Comité Permanente se realize em Abril ou Maio de 1930, na cidade universitaria de Cambridge.

Espero ter correspondido á confiança de v. ex., como representante permanente do Instituto na reunião de Veneza, e rogo queira v. ex. informar-me de quanto poderá faer o nosso INSTITUTO, no sentido de contribuir á execução das resoluções adoptadas.

Tractando de um assumpto independente de minha representação no Comité Historico, tenho o prazer de informar a v. ex. que a primeira parte do importante catalogo das obras historicas portuguezas do rei d. Manuel de Portugal acaba de ser enviada aos subscriptores pelos editores Maggs & Comp.

A 2ª e a 3ª partes serão provavelmente publicadas no correr do anno proximo. Como v. ex. sabe, essa obra tem suscitado o maior interesse dos bibliophilos, sendo que a sua primeira edição está completamente esgotada; desde o annuncio dessa publicação, subscrevi um exemplar, que peço venia para offerecer a v. ex., como presidente do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO.

A titulo de curiosidade, devõ acrescentar que esses exemplares já custam no mercado o dôbro do valor da subscrição. Não o posso remetter immediatamente, esperando a volta a Londres, em Outubro, de d. Manuel, que já me prometteu a sua assignatura e dedicatoria.

Aproveito esta occasião para reiterar a v. ex., sr. presidente e muito prezado amigo, a expressão de minha alta consideração e mui dedicada amizade. — *Raul Régis de Oliveira*.

P. S. Acabo de receber uma carta do professor Ussani, de Universidade de Roma, pedindo-me alguma informação sobre o que se pensa fazer, no Brasil, para commemorar, no anno proximo, com as outras nações latinas, o bimillenario de Vergilio. Si v. ex. me puder mandar dizer algo a este respeito, eu o communicarei áquelle collega.

Com meus agradecimentos e a renovada expressão de minha sincera amizade e alta consideração. — *R. Régis*.

RELAÇÃO EXPLICATIVA DOS ANNEXOS AO RELATORIO PRECEDENTE DO
SR. EMBAIXADOR RAUL RÉGIS DE OLIVEIRA.

N. 1 — RESOLUÇÕES DO VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE SCIENCIAS HISTORICAS DE OSLO, 14-18 de Agosto de 1928, relativamente ás *Listas dos Diplomatas*, documento em francez.

N. 2 e 3 — MODELOS DA FICHA DE REGISTO HISTORICO DOS REPRESENTANTES DIPLOMATICOS, com as declarações do nome, categoria, exercicio, etc., redigida em alemão.

MODELO DAS FICHAS

Austria, imperio;

Grã-Bretanha.

Buol-Schabenstein, conde Karl Ferdinand, embaixador extraordinario e plenipotenciario.

1851. Fevereiro, 13 — 1852. Abril, 12.

Fontes destas informações:

Austria.

Imperador Alemão (Sancto Imperio Romano da Nação Alemã).

Grã-Bretanha.

Hoffmann, Johann Philipp (von), secretario da Embaixada (1); Residente (2) (desde 1694 I 1).

1685 IX 25 — 1687 I 34; 1687 VIII 3 — 1690 II — ;

1690 IV 28 — 1691 XI 1; 1693 III 31 — 1694 XII 19;

1700 VII 3 — 1701 I 11; 1704 IV 16 — 1705 II 23;

1711 XI 27 — 1715 XI 25; 1717 IX 30 — XI 4;

1719 V 22 — 1720 V 28; 1720 VII 17 — 1722 VIII 15

Archivo da Casa, da Côrte e do Estado. — Inglaterra, Relatorios 1685-1724. *Austria.*

Notas: 1 desde 1680 x 27. (2) Informado como residente até a sua morte (1724, III. 4) sem interrupção por sua conta. 3 Datas das audiencias de entrega das credenciaes e de despedida.

N. 4 — COMMUNICADO DO COMITÉ INTERNACIONAL DE SCIENCIAS HISTORICAS *dutado* de Oslo, 15 de Agosto de 1928, sôbre a sessão da commissão organizadora das *Listas dos Enviados*.

N. 5 — CIRCULAR N. 1, de Vienna, de 8 de Janeiro de 1929, redigida em francez e enviada pelo secretário e relator sr. L. Bittner, da commissão especial para a publicação das *Listas dos Diplomatas* do Comité Internacional de Sciencias Historicas.

N. 6 — RELATORIO do mesmo sr. L. Bittner, em francez, sobre o projecto de publicação de uma *Lista dos Diplomatas* de todos os paizes, segundo o texto original em allemão, publicado no *Boletim do Comité Internacional de Sciencias Historicas*, n. 4, de Março de 1928, pags. 463 a 475.

N. 7 — EXTRACTO DA CIRCULAR N. 1, DE VIENNA, DE 8 DE JANEIRO DE 1929, do sr. L. Bittner;

As Resoluções de 15 de Agosto de 1928, tomadas em Oslo, pela Commissão Especial para a publicação das listas dos diplomatas, sob a presidencia do director Franklin Jameson, e nos termos da Circular n. 13, de 18 de Novembro de 1928, do professor Michel Lhéritier, secretário geral do Comité Internacional de Sciencias Historicas, dirigida a todos os membros e correspondentes do mesmo comité, solicitando o seu concurso na execução desses importantes trabalhos, declaram que os mesmos devem ser levados a effeito de conformidade com as directivas do relatorio do mesmo sr. Bittner, n. 4, de 1928, do *Boletim do Comité Internacional de Sciencias Historicas*.

Segundo as referidas resoluções de Oslo, o dito sr. Bittner está encarregado de reunir as folhas dos diplomatas que, para isso, lhe deverão ser enviadas (Minoritenplatz 1, Vienna), sendo que nessas listas serão incluídos os representantes permanentes, dos differentes paizes juncto á Sociedade das Nações, assim como os representantes dos Estados da America juncto á União Pan-Americana.

Aos diversos paizes cumpre designar-lhes a fórmula de governo a que pertencem, e aos nomes dos representantes diplomaticos uma declaração relativa á categoria official que os

acredita como embaixadores, enviados plenipotenciarios, encarregados de negocios, etc., com os dados referentes á entrega de credenciaes e chamada de regresso ao paiz de sua representação, assim como os concernentes ao fallecimento, declaração de guerra, último relatório apresentado á sua chancellaria, etc., inseridos esses ultimos dados entre parenthesis, e redigida a ficha numa das cinco linguas usadas pelo Comité Internacional de Sciencias Historicas — alemão, espanhol, francez ou italiano, do formato do modelo, annexo, 0m,20 x x 0m,15.

Cumpre indicar as fontes officiaes, para os effeitos de bibliographia, e quando se tractar de exemplares raros, qual o meio práctico de encontra-los.

Essa circular, sempre que os membros do comité não poderem ter sob sua fiscalização directa a organização das mesmas listas, bem como os seus annexos, deve ser apresentada aos encarregados de elaborar as listas de diplomatas de seu paiz. Nella se pede troca de idéas para a melhor efficiencia dos fins em vista.

Para mais esclarecimentos são ministrados nos referidos annexos os seguintes:

Entendem-se por encarregados de negocios, juncto ao Ministerio das Relações Exteriores, todos aquelles que gerem efectiva e independentemente os negocios de uma missão permanente durante o tempo da vacancia do posto, quaesquer que sejam a sua categoria ou título — encarregados de negocios, ministro residente, conselheiros ou secretarios de legação, mesmo no caso desses representantes não serem formalmente acreditados juncto ao soberano do paiz respectivo.

Essa nota adicional torna-se necessaria particularmente quanto á segunda metade do seculo XVIII e para a primeira do seculo passado, épochas em que muitas vezes succedeu que, durante a vacancia do posto de chefe da missão, era o funcionario de mais alta categoria investido do mesmo, gerindo durante annos, mesmo dezenas de annos em character independente, os negocios da missão, sem ter sido munido de credenciaes de seu govêrno ou soberano, em fôrma regular.

Cumpre ainda nesses casos assignalar em nota abaixo da ficha, si o encarregado de negocios continuou a enviar relatórios depois de haver entrado em funcções o nôvo chefe da missão, como se deu exemplo nos seculos XVII e XVIII, pois se tracta de "organizar uma lista completa das pessoas que effectivamente geriram os negocios de um paiz" (questão 3ª do relatório de Göttingen, apresentado pelo professor L. Bittner).

Devem se indicar como limites temporarios, os dous marcos extremos de uma direcção effectiva dos negocios da missão — datas da entrega das credenciaes e da chamada de regresso á patria, ou sinão, as datas do primeiro e último relatório, ou da chegada e da partida e, em último lugar, as datas das cartas credenciaes e da chamada de regresso.

Deve-se consignar nas listas o caso das missões extraordinarias, envolvendo character permanente, tendo em vista que o character das missões, sobretudo, no seculo XVII, não era homogeneo; assim como as missões taes de character provisório.

O presidente do Comité Internacional, professor Halvdan Koht, pede a todos os seus representantes e correspondentes, assim como collaboradores da Comissão das listas dos diplomatas queiram fazer a propaganda, e dar informes de observações, feitas no curso de trabalhos litterarios e relativos aos archivos que sejam de importancia para essas listas.

A comissão, para a publicação das listas, só terá direito a pedir honorarios pelas folhas extraídas exactamente conforme ás directivas e instrucções do relatório de Göttingen, traduzido em francez, e approvadas pelas Resoluções de Oslo.

N. 8 — EXTRACTO DO RELATORIO DO SR. BITTNER sôbre o projecto de Publicações das *Listas de Diplomatas*.

O Comité Internacional de Sciencias Historicas resolveu, na sessão de Genebra, de Maio de 1926, por proposta do sr. Le-land, publicar a *Lista dos Enviados* de todos os paizes, a partir do anno de 1648.

O Bureau do comité, na sessão de Pariz, de 26 de Novembro de 1926, designou uma Comissão Especial encarregada dos trabalhos preparatorios dessa publicação, da qual fazem parte os srs. Franklin Jameson, director das pesquisas historicas do Instituto Carnegie, e denominado “pae da História Americana”, como presidente, sr. L. Bittner, os professores Temperly e Michel Lhéritier.

Por proposta, unanimemente acceita, do presidente Jameson, foi resolvido que a Comissão Especial tem de responder aos seguintes quesitos:

1°. Quaes os funcçionarios do serviço diplomatico que devem figurar na publicação?

2°. Quaes os Estados ou govêrnos que nella devem ter parte?

3°. Quaes os dados a serem indicados sôbre cada pessoa?

4°. Qual a melhor fórmula de execução dos trabalhos preparatorios e redacção dessa publicação?

5°. Até que época deve attingir o repertorio a publicar?

Quanto ao primeiro *quesito*, foi resolvido que nas listas devem figurar restrictivamente os chefes de missão acreditados da fórma permanente na medida fixada, pouco mais ou menos, pelos protocollos dos Congressos de Vienna, de 19 de Março de 1815 e de Aix-la-Chapelle, de 21 de Novembro de 1818, a saber: 1º, Embaixadores e nuncios; 2º, Enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios, internuncios do papa; 3º, os ministros residentes e os simples residentes; 4º, os representantes diplomaticos juncto aos chefes d'Estado, e os encarregados de negocios, permanentes, juncto aos ministros das relações exteriores, acreditados por uma carta do seu governo para preencherem a vaga do chefe da missão.

Não devem ser comprehendidos, todavia, os encarregados de negocios *ad interim*, quando se tracte de conselheiros ou secretarios na ausencia ou impedimento do chefe da missão.

Da mesma fórma, cumpre não incluir os consules geraes, e os consules, salvo o caso de accumularem funções de ministros residentes e encarregados de negocios.

Excluidos tambem: os agentes secretos, os representantes dos congressos internacionaes, de paz, scientificos, politicos, economicos, juridicos, administrativos, etc., porque não são diplomatas de carreira propriamente dictos, e a sua missão é ahi limitada a objecto e duração fixos.

Certa categoria de fontes basta para relacionar os chefes de missão, taes como os actos diplomaticos e relatorios officiaes, e almanaques do Estado.

Emfim, devem ser excluidas todas as missões de character transitorio e restricto.

Ao segundo *quesito*: cumpre que figurem todos os Estados, cujos representantes diplomaticos gozam do reconhecimento dos demais, e entre os quaes se dá a permuta da representação diplomatica.

Da mesma fórma proceder-se-á relativamente aos Estados semi-soberanos até a declaração da sua independencia, por mínima que seja a extensão do seu territorio.

Tal succede com os representantes dos pequenos Estados europeus, que, nem por isso, devem ser excluidos, assim como os das antigas ordens de cavallaria, ou dos Estados compostos, uniões, confederações ou federações de paizes, e os representantes diplomaticos do papa.

Só os representantes que foram reconhecidos como taes pelos outros Estados, devem figurar na publicação, não assim os simples delegados a titulo de natureza particular e circunscripta, juncto ás auctoridades de um Imperio Central como a Alemanha antiga, e ás Dietas do Imperio.

Ao terceiro *quesito*: os dados relativos aos diplomatas não devem ultrapassar do seguinte schema restricto:

Nome exacto por inteiro, função diplomatica, data da entrega das credenciaes, e da carta chamando-o de regresso á patria, com os exclarecimentos do motivo; mudança de categoria, fallecimento, abdicação do chefe de Estado, ruptura das relações diplomaticas, ou sinão a data da cessação da função segundo as circumstancias particulares do caso.

Na falta de fontes de exclarecimentos sôbre aquellas datas, em última hypothese, consignar, ao menos, as datas das credenciaes, da chegada ao paiz estrangeiro, do primeiro relatório — ou sinão da chamada, da partida, do último relatório, da ruptura de relações, fallecimento do representante, etc., postas entre parenthesis.

Ao quarto *quesito*: o trabalho deve ser feito com o concurso e material fornecido por todos os govêrnos e paizes de conformidade com as directivas e resoluções do Comité Central, comprehendendo-se as potencias já desaparecidas.

Assim, todos os Estados devem organizar, de accôrdo com os seus archivos, uma lista, não só dos seus proprios representantes diplomaticos desde 1648, mas tambem de todos esses representantes de todas as antigas potencias que existiram desde essa data, sôbre o seu territorio actual, uniões de Estados, dômínios, colonias ou protectorados.

Como o presidente Jameson fez assignalar, não será difficil colher os dados relativos aos Estados americanos, antigos ou presentes, por intermedio da União Panamericana.

Os govêrnos que já possuem listas impressas ou manuscriptas, contendo os dados necessarios, queiram pô-las á disposição do comité.

Da organização dessas relações podem ser incumbidas não só as repartições públicas competentes, como as sociedades sábias ou simples especialistas no assumpto, auctorizados a consultar o material das fontes officiaes, contanto que sejam observadas as directivas indicadas pelo comité, e dadas ás listas a fórma especialmente recommendada.

Muito podem servir no caso, não só as listas officiaes dos funcionarios, publicadas por alguns Estados nos seculos XVII e XVIII e por quasi todos os do seculo XIX, sob o título de annuarios, almanagues, calendarios de Estado, repertórios de endereços, etc.

— O primeiro resumo bibliographico a respeito é o de Schwarzkopf "Ueber Staats — und Adresse-Calender", Berlim, 1792.

Seria conveniente que cada Estado junctasse á lista dos seus diplomatas, outra fornecida pelos almanaques ou annuarios officiaes, já publicados, afim de conseguir-se a organização de conjunto de um outro serviço não menos precioso, o da — Bibliographia internacional dos annuarios officiaes diplomaticos.

Formar-se-ia, assim, uma cartotheca interessante, tendo por fonte os archivos e as cartas diplomaticos. Cumpre referir, como uteis, ao assumpto, os trabalhos de Olivart e Satow, além das tabuas geraes do *Jornal de Direito Internacional Privado* e outras bibliographias de Direito Internacional.

As listas devem abranger, não só os proprios representantes da nação delegante, como os acreditados estrangeiros juncto a ella, pelo menos até 1815.

A partir dahi, se poderá deixar de indicar os diplomatas estrangeiros, bastando consignar os representantes nacionaes no estrangeiro.

Ao quinto *quesito*: As *Listas de Diplomatas* devem atingir o fim do anno de 1926.

Quanto á sua fórma, os representantes diplomaticos não devem ser designados em lista de nomes seguidos uns aos outros, mas cada nome deve occupar uma folha em separado, segundo modelo incluso, declarando-se, da esquerda para a direita, primeiro o *Estado que o acredita*, depois o *nome do representante diplomatico*, ao qual se acrescentarão a *da entrega das credenciaes e de chamada*, ou as *subsidiarias*, segundo os dados obtidos.

Em baixo, á esquerda, o *nome do Estado que organizou a lista*, redigida numa das linguas adoptadas pelo *Comité Internacional de Sciencias Historicas*, já referidas.

De cada folha devem ser tiradas *cinco cópias*, uma para ficar com o Estado que a organizou, e as outras quatro, com uma lista dos annuarios officiaes consultados, para serem remettidas ao secretario geral, professor Michel Lhéritier, que, por sua vez, as enviará ao Bureau Central, encarregado de reunilas, classificando-as em quatro séries, todas por ordem alphabetica, a saber: a primeira comprehendendo os Estados delegantes; a segunda, os Estados onde se exerce a representação; a terceira os nomes dos chefes de missão, e a quarta, os nomes dos Estados designados abaixo da página, á esquerda, donde provém a fôlha em exame.

Ter-se-á, assim, conseguido organizar:

1°. Uma lista de registo alphabetico de todos os representantes diplomaticos enviados;

2°. Uma lista dos mesmos representantes acreditados;

3º. Uma lista geral de todos os representantes diplomaticos;

4º. A bibliographia dos annuarios officiaes consultados em annexo ou supplemento formando um volume separado.

N. 9 — O VI Congresso Internacional de Sciencias Historicas pelo professor Michel Lhéritier.

Muito interessante, na verdade, esse artigo do professor Michel Lhéritier, extraído da *Revue des Etudes Historiques*, Outubro-Dezembro de 1928, sobre o Congresso, reunido em Oslo, de 14 a 18 de Agosto, do mesmo anno.

O auctor considera um congresso de historiadores como sendo sempre um acontecimento importante, sobretudo o de Oslo, que reuniu 1.033 sabios e pesquisadores, illustres da história, representando 40 paizes de maior cultura no globo, e teve por séde a grande aula da Universidade da capital da Noruega.

Foi presidido, em sessão plenaria, pessoalmente, pelo rei, em face do qual tomou assento sobre o estrado o sr. Koht, presidente do Comité noruegues de organização desse Congresso, como do Comité Internacional de Sciencias Historicas.

A Noruega deu 296 representantes, tendo por secretário geral o sr. Vigander; seguiu-se a França com 144, tendo por chefe da delegação o sr. Glotz, presidente do Instituto de França, e por secretário geral o referido professor Michel Lhéritier, que é ao mesmo tempo um dos dous secretários geraes do Congresso e o secretário geral do Comité Internacional. A França enviou delegados do govêrno, da Academia Franca (que se fez representar pela primeira vez, num congresso internacional), da Academia das Inscriptões, da Academia de Sciencias Moraes da Universidade de Paris, das Universidades regionaes e das grandes sociedades de história.

A Alemanha foi representada por 127 delegados, sendo o sr. Oncken o emissario do govêrno alemão, além de outros illustres membros, como os srs. Brandi, Reincke, Bloch, Heisenberg, Goetz, Sudhoff, Mommsen e outros professores da região rhenana.

A Italia deu a sua delegação de 44 membros, chefiada pelo antigo ministro sr. Fedele, da qual fizeram parte os srs. Sanctis, Ussani, o "bersaglier" da Italia, Volpe, Gallavresi, Bertolini e Miéli, que tomou a iniciativa da creação da Commissão de História das Sciencias.

Além dessas, figuram a delegação russa, chefiada pelo professor Pokrovsky, a britannica com 63 delegados, entre os quaes Temperley, Webster e Baxter, que fazem parte do Co-

mité Internacional. Holland Rose, orador da delegação; Pollard, director do Instituto das Pesquisas Historicas de Londres; Johnson e os delegados dos dominios Irlanda, Canadá e Africa do Sul; a dinamarqueza em numero de 35 com os srs. Triis, Munch, Lindald Westrup e Andrup; a sueca com 34, chefiada por Hallendorff primeiro delegado ao Comité Internacional; Stavenow, reitor da Universidade de Upsala, e Heckescher; a finlandeza, em número de 9, com o sr. Torne.

Mesmo a Islandia foi representada.

A America do Norte, com 57, sob a chefia de Jameson, denominado o "pae da História Americana".

A Polonia apresentou 54 congressistas inscriptos, entre os quaes Dembisky e Handelsman, do Comité Internacional; a Rumania, com 19; entre elles o grande mestre Jorge, a Hungria, com Domanowsky, Luckinich e Hankiss; a Tchecoslovquia, chefiada por Susta, que faz parte do Bureau do Comité Internacional, e Peterka; a Bulgaria, representada por Ivanoff; a Suissa, com os srs. Nabholtz, Salis e Fehr.

A Espanha com Altamira, a Hollanda, a Austria, a Ucrania, a Yugoslavia e Dantzig, com cinco delegados, entre os quaes Kaufmann, membro do comité, Luckwaldt, presidente do comité de Dantzig; a Esthonia, com cinco historiadores, entre elles o sr. Cederberg, e a Lethonia tambem se representaram.

Até a Russia dos Soviets, com 17 delegados.

O Oriente e o Extremo-Oriente tambem figuraram por dous sabios gregos Kungéas e Sotiriadis, um sabio turco, Muzaffer-bey, um egypcio, um siamez, um japonéz.

E a America do Sul, accentúa o professor Michel Lhéritier, achou meio de desempenhar um activo papel no Congresso de Oslo, graças aos srs. Régis de Oliveira e Edwards, respectivamente embaixadores do Brasil e delegado do Chile.

Duas grandes pessoas Moraes tomaram parte no Congresso, a Santa Sé e a Sociedade das Nações.

Durante os trabalhos do Congresso, a França, a Alemanha e a Polonia apresentaram o maior número de relatorios e communicacões, envolvendo todos os pontos de maior interesse, quer da história em geral, quer da dos paizes nórdicos.

Os relatorios formam a materia do n. 5 do *Boletim do Comité Internacional das Sciencias Historicas*, de Julho de 1928; e os resumos das communicacões appareceram em publicação separada, editada em Oslo.

O que se afigura de mais notavel para o futuro fôram os grandes assumptos abordados, ou versados pelas diferentes

secções, ordinarias ou especiaes, nellas sendo agrupados sempre os themas com certa ordem de analogia. Ao typo classico das communicacões, accrescentou-se um novo molde — exposições e relatorios systematicos, dando relêvo ao estudo colectivo de certas questões, feito, não já individual e unilateralmente, mas por via de cooperação internacional.

Embora essas innovações não pudessem ter sido applicadas, de todo, no momento, darão os melhores fructos, por certo, uma vez que se faça possivel reduzir o número das communicacões e fixar em todas as suas linhas o programma detalhado do Congresso.

Dos grandes assumptos, que mais interessaram os congressistas de Oslo, deverão formar-se os elementos do programma do proximo Congresso, mais de accôrdo com o movimento da sciencia.

Entre os assumptos daquella natureza, cumpre citar:

A' secção 1ª — *Sciencias auxiliares, archivos, publicação de textos*, fôram presentes em restricto número, aliás, communicacões concernentes á bibliographia da história e á organização dos archivos.

Eis, portanto, duas questões de que se deverá occupar o proximo Congresso.

Em quatro sessões especiaes essa secção se occupou ainda de materia relativa á população, nacionalidade, Geographia historica e História militar.

Na secção 2ª — *Prehistoria e Archeologia*, teve preferencia a Archeologia scandinava e da Europa Central, na ausencia de prehistoriadores e archeologos francezes, assim como a questão da origem das raças, maximé a germanica. Tractou-se de história antiga do Iran e da China, e de legenda com absoluta exclusão de história romana.

Na secção 5ª — *Edade-Média e História byzantina*, o senhor Halphen tractou do papel historico das grandes invasões; o sr. Fliche, da função internacional do papado; o sr. Diehl, da influencia da arte oriental no Occidente, o sr. Marc Bloch apresentou uma communicacão em fórmula de relatorio sôbre as corporações medievaes.

Na secção 6ª — *História moderna e contemporanea da Europa*, attrahiram mais a attenção, no seculo XVI o reinado de Philippe II, no seculo XVII, o de Luiz XIV, no seculo XVIII, a influencia do espirito philosophico e o despotismo ideologico sôbre o qual o professor Lhéritier apresentou interessante relatorio.

Quanto ao seculo XIX, prevaleceu o estudo do desenvolvimento das nacionalidades e sobre os principaes factores da politica exterior.

A secção 7ª — *História da América, Extremo Oriente e Colonização* occupou-se de preferencia da civilização precolumbiana (Relatorio do sr. Kidder, apresentado na 2ª secção plenaria), das grandes descobertas e dos systemas de colonização. Cumpriria, segundo o professor Lhéritier, insistir sobre a história do Extremo Oriente.

A secção 8ª — *História das religiões e História ecclesiastica* — foi como um pequeno congresso muito animado, expondo a questão das origens do Christianismo e do papel do Judaismo na antiguidade, o problema de união das egrejas, these do sr. Halecki e as origens do Protestantismo. O professor Lhéritier faz a respeito a mesma observação precedente.

Na secção 9ª — *História do Direito*, os mais illustros professores e cultores juridicos, como o sr. Collinel e Prentout, que tractaram do desenvolvimento do Direito Romano na Edade Média e da administração provincial na mesma época; do direito prehellénico, de história da familia, da evolução do régime parlamentar, da realza, e mais especialmente da realza franceza. These do sr. Olivier Martin.

A secção 10ª — *História economica*, occupou-se principalmente de história agraria, da evolução das sociedades ruraes, da história bancaria e cambial, do commercio do trigo, das crises e do problema da luta de classes.

As secções 11 a 15 referem-se á *História das lettras e sciencias, História da arte, Methodo historico, Ensino de História e História das nações nordicas*.

O professor Lhéritier fez resaltar desse Congresso, o espirito de approximação entre as nacionalidades, mais 16 do que o anterior Congresso de Bruxellas de 1923, que haviam enviado delegados seus, entre os quaes a Russia dos Soviets U. R. S. S., que participava, pela primeira vez, de uma grande assembléa de historiadores.

Esse espirito de união internacional, que foi presentido, antes da grande guerra, pelo recémfinado chanceller alemão Von Bülow, entre o seu paiz e a França, e seria impossivel sem os historiadores, é o denominado "espirito de Oslo".

O seguinte voto foi adoptado, por unanimidade, sob a proposta do sr. Capra: "O VI Congresso Internacional de Sciencias Historicas emite o voto de que o ensino da história, inspirando-se nas melhores tradições de humanismo, contribuirá para que os povos de nossos dias melhor se conheçam e compreendam uns aos outros".

O Comité Internacional de Sciencias Historicas reconhece para o uso das suas reuniões, cinco linguas: alemão, inglez, espanhol, francez e italiano.

Em Oslo foram falladas estas linguas, menos o espanhol, pois os espanhóis e sul-americanos fallaram francez. Os idiomas mais empregados fôram o francez e o alemão, e depois o inglez e o italiano.

Entre os votos expressos pelo Congresso de Oslo, merecem especial menção: o da associação franceza, Guillaume Budé, sôbre a traducção em várias linguas dos estudos historicos de mais interesse; de publicação methodica dos archivovs da Ordem de Malta, de grande interesse para a história da França, por iniciativa do presidente da Academia Franceza de Inscriptões; e de Van Tieghen, tendente ao estabelecimento de um repertorio litterario chronologico internacional, para a classificação precisa, por datas, de um grande número de factos importantes da História litteraria das nações modernas; e o do professor hungaro Hankins, preconizando o preparo de manuaes de registo retrospectivo dos dados, theorias e opiniões sôbre a História das litteraturas nacionaes.

O Congresso de Oslo reconheceu nos subsidios de Iconographia, uma nova sciencia auxiliar de História, nos termos das conclusões apresentadas pelos srs. Dépreaux e Blum, preconizando uma nova classificação aos documentos iconographicos, segundo o objectivo dos pesquisadores; a criação de archivovs photographicos e cinematographicos, cadeira de Iconographia em nossas faculdades e escholav de bellas artes e de um centro internacional de documentação iconographica.

Afóra esses, figuram os votos para a formação de comissões de estudos por via de cooperação internacional, com medida de vistas do Comité Internacional de Sciencias Historicas.

N. 10 — OBSERVAÇÕES do sr. Ch. Seignobos, da comissão de bibliographia da imprensa, sôbre o relatorio do sr. Baroll com a apreciação do sr. Mommsen. sob o título *A project for a Guide to the European Press*. Nesse relatorio redigido em francez, mostram-se claramente os serviços que o estudo dos jornaes póde prestar á História politica contemporanea, sobretudo no conhecimento das opiniões publicas em materia politica; e expõe a indiscutivel deficiencia dos instrumentos bibliographicos actuaes em relação á imprensa, apresentando a seguir a melhor fórma da organização de uma bibliographia de imprensa, que reflecte todos os aspectos de vida de um povo, não só politico, mas economico-social, esthetico e moral.

N. 11 — NOTÍCIA a que se refere o Relatório de Londres, de 25 de Agosto dêste anno, do embaixador Regis de Oliveira, inserta em italiano na *Gazetta de Venezia*, de 7 de Maio deste anno sôbre a 3ª secção plenaria do Comité Internacional de Sciencias Historicas, a 6 de Maio do corrente anno.

N. 12 — COMUNICADO sôbre a 3ª Assembléa de Veneza, Maio de 1929 — do secretário geral, relativo á commissão de publicações, consignando medidas approvadas sôbre a organização de bibliotheca, composição do boletim do projecto da Revista Historica Internacional.

N. 13 — RESUMO DO RELATORIO ORAL, PELO PROF. GLOTZ, da commissão para o ensino de História, apresentado na 3ª Assembléa de Veneza, em Maio do corrente anno — A Commissão decidiu que se proseguisse no inquerito sôbre o ensino de História nas escholas primarias e secundarias dos diferentes paizes, tendo já recebido onze relatorios sôbre o assumpto, decidindo seja afinal apresentado um relatório de conjuncto ou geral.

O sr. Nobholz da delegação suissa, leu um relatório sôbre o Congresso de Federação Internacional dos Professores, reunido em Bellinzona, como representante do comité. Sôbre o *film* educativo de história, a commissão se pronunciou unanimemente contra as pretensas reconstrucções historicas, reconhecendo, no entanto, a utilidade scientifica dos *films* documentarios. A condessa Van Heerdt-Guarles, da delegação hollandeza, propoz que, nas escholas primarias, houvesse uma collecção de gravuras, permittindo enquadrar a História nacional da História da civilização mundial.

N. 14 — RELATORIO, PELO PROFESSOR HOLTZMANN, em alemão, apresentado na 3ª Assembléa de Veneza, em Maio deste anno, á Comissão de Bibliographia.

N. 15 — RESOLUÇÕES DA COMMISSÃO PARA A LISTA DOS DIPLOMATAS, tomadas na mesma assembléa. Resumo em alemão do relator Bittner.

N. 16 — RELATORIO DA COMMISSÃO DE COLLECÇÃO DE CONSTITUIÇÕES, apresentado á mesma assembléa e redigido em italiano pelo relator Volpe. A Commissão discutiu os planos do professor Lukinich, da Universidade de Budapest, secretário da commissão, e do professor norte-americano Andrew, que comporta uma vasta publicação de todos os textos de todas as Constituições dos povos cultos, a partir do seculo XVIII, salvo para a Inglaterra. Foi preferida, porém, a publicação de breves monographias com o perfil historico e

desenvolvimento constitucional de cada paiz, com os dados biographicos e bibliographicos, actos e leis organicas, etc.

N. 17 — RELATORIO DA COMMISSÃO DE BIBLIOGRAPHIA RETROSPECTIVA DE IMPRENSA, redigido em alemão e apresentado á mesma assembléa, pelo professor Mommsen.

N. 18 — RELATORIO DA COMMISSÃO DE REVISÃO DAS LISTAS CHRONOLOGICAS, decidindo sôbre o melhor processo de sua organização, em francez, apresentado á mesma Assembléa pelo secretario Nicoláo d'Olwer.

N. 19 — RELATORIO DA COMMISSÃO DE ICONOGRAPHIA, em francez, apresentado á mesma assembléa pelo prof. Depréaux. Depois da discussão dos relatorios dos srs. Blum e Depréaux, e das explicações do sr. Andrup do methodo de classificação *do ponto de vista historico*, das collecções dos Museus de Frederiborg, do Louvre e Versailles, a Commissão reputou-os excellentes, ficando assim provada a necessidade absoluta de serem as fichas tripartidas — em chronologicas, topographicas e historicas.

A Commissão decidiu ainda: 1º, que, a exemplo da Hollanda e da Inglaterra, se constituam archivos regionaes e nacionaes de documentação cinematographica, ou depositos de *films*, cinemathecas, assim como se procede com os archivos photographicos, gabinetes de estampas, etc.; 2º, que, para esse fim, deve constituir-se, em cada paiz, um grupo sob a direcção de eruditos, e especialistas, de organizadores de collecções de documentos iconographicos, afim de com elles se fornecerem indices e repertorios enriquecidos de dados illustrativos.

Como votos, a respeito, emittidos, figuram os seguintes: 1º, a Iconographia deve ser considerada como verdadeira sciencia accessoria da Historiographia; 2º, sejam creados em cada paiz centros nacionaes para coordenação e divulgação internacional dos documentos iconographicos, a exemplo do que se faz com a bibliographia; 3º, ao lado das collecções de arte, os documentos iconographicos devem reputar-se de alto interesse á sciencia historica; 4º, que, em todos os paizes, se formem comités destinados a reunir e conservar uma collecção de *films* que dê uma idéa tão completa quanto possivel da vida nacional em todas as suas manifestações, afim de que o historiador futuro nella possa beber como uma fonte pura e viva; e que para a classificação desses films seja adoptado um methodo simples e uniforme em todos os paizes, cujos governos não devem oppôr embaraço algum nesse sentido.

N. 20 — RELATORIO, PELO PROFESSOR HALECKI, em francez, apresentado, após a mesma assembléa, concernente á coordenação das pesquisas nos archivos do Vaticano.

N. 21 — COMMUNICADO, em francez, de 1º de Julho do corrente anno, sôbre as decisões tomadas na Assembléa Geral do comité, reunida em Veneza, de 6 a 9 de Maio proximo passado, dando a formação definitiva das oito commissões internas, a saber:

1ª *Commissão — de publicação*: presidente, Friis (Dinamarca); secretário, Lhéritier, (França); membros: Baxter (Inglaterra), Nabholz (Suissa), Pirenne (Belgica), Rodolico (Italia), Siemienski (Polonia), Steinacker (Austria).

2ª *Commissão — para o ensino de História*: presidente, Glotz (França); secretário, Brandt (Alemanha); membros: Altamira (Espanha); Edv. Bull (Noruega); Calisse (Italia); Carlgren (Suecia); conde de Affonso Celso (Brasil); Domonovsky (Hungria); Edwards (Chile); Hendelsman (Polonia); condessa Heerda-Quarles (Hollanda); Van Kalken (Belgica); Krey (Estados Unidos da America do Norte); Marinescu (Rumania); Nobholz (Suissa); sra. Marie Nielsen, (Dinamarca); Pokrovsky (Russia); Susta (Tchecoslovaquia).

3ª *Commissão — de Bibliographia*: presidente, Holtzmann (Alemanha); vice-presidente, Ussani (Italia); secretário, Caron (França); membros: Baxter (Inglaterra) e Susta (Tchecoslovaquia).

4ª *Commissão — para a lista dos diplomatas*: presidente, Jameson (Estados Unidos da America do Norte); secretário, Bittner (Austria); membros: Bourgeois (França); Edwards (Chile); Ravignani (Argentina); Temperley (Inglaterra); Volpe, (Italia).

5ª *Commissão — de collecção de constituições*: presidente, Volpe (Italia); secretário, Lukinich (Hungria); membros: Alessandri (Chile); Andrews (Estados Unidos da America); Dareste (França); Hartung (Alemanha); Webster (Inglaterra). A collaboração do Instituto Internacional de Direito Público de Paris foi acceita por esta commissão.

6ª *Commissão — de Bibliographia retrospectiva da Imprensa*: presidente, Seignobos (França); vice-presidente, Colenbrander, (Hollanda); secretário Mommsen (Alemanha); membros: Bratianu (Rumania); Macolm Carrol (Estados Unidos da America do Norte); conde de Affonso Celso (Brasil); Fedele (Italia); Kingsley-Martin (Inglaterra); Muzkowski, (Polonia).

7ª *Commissão — de Revisão das listas chronologicas*: presidente, Baxter (Inglaterra); vice-presidente, Halecki (Polonia); secretário, Nicoláo de Olwer (Espanha); membros: Cavaignac (França); Ganshof (Belgica); Hessel (Alemanha); Ivanoff, (Bulgaria).

8ª *Commissão — de Iconographia*: presidente, Fruin, (Hollanda); secretário, Depréaux (França); membros: Alos Moner (Espanha); Andrup (Dinamarca); Blum (França); Max Fleiuss (Brasil); Hankin (Inglaterra); Corrado Ricci (Italia); Schramm (Alemanha); Stephenson (Estados Unidos da America do Norte)

Além destas, foi creada uma nova commissão de archivos, dependente directamente do comité e destinada a examinar as questões attinentes e a oportunidade de reunir um Congresso internacional de archivistas.

Desse communicado, constam as decisões do Congresso de Oslo, sôbre a formação das commissões exteriores do comité e relativas, ainda, ás medidas propostas pelo sr. Pirenne sôbre a organização e conservação dos archivos, á iconographia, do ensino da historia em geral e da historia e geographia americanas á demographia historica, á diffusão pela publicação de obras historicas escriptas em idiomas de circulação restricta aos archivos de Malta e do Vaticano. (projecto Baxter), á publicação da correspondencia dos humanistas, e do *Corpus philosophorum medii ævi*, á lista dos graduados universitarios. ao preparo de um repertorio litterario chronologico internacional e dos manuaes retrospectivos de História litteraria, (voto de Hankiss), á publicação de um volume suplementar ao boletim, contendo as communicções que foram presentes ao Congresso. sôbre a questão da nacionalidade (voto do presidente Koht), e de uma brochura de exposição dos trabalhos do comité; com uma série de noticias succintas sôbre os historiadores, membros ou collaboradores do comité.

Nas sessões de 8 e 9 de Maio, a assembléa geral do comité, reunida em Veneza, approvou os relatorios das differentes commissões, a que se refere a presente relação de *annexos*, cumprindo salientar o do presidente Glotz, da commissão par a ensino da História, cujas conclusões obtiveram approvação unanime, após longa discussão, com a moção do professor Friis, da Dinamarca.

A assembléa resolveu acceitar o convite da Inglaterra para a sua proxima sessão, a realizar-se em Abril ou Maio de 1930, devendo as seguintes ter por preferencia a Hungria e os Paizes-Baixos.

N. 22 — CIRCULAR N. 16, DE 1º DE JUNHO DESTE ANNO, do secretário geral Michel Lhéritier, redigida em francez, sôbre a escolha de correspondente para as commissões.

N. 23 — RELATORIO do mesmo secretário geral, em francez, sôbre os votos do Congresso de Oslo, cuja lista foi enviada aos diversos comités nacionaes e aos correspondentes nos paizes onde estes ultimos vão figurar. Compreendeu esses votos, segundo especificou o presidente Koht, em sessão do Bureau do Congresso, tres categorias, a saber: 1º, votos tendendo á formação de commissões de estudos; 2º, votos sob a fórma de recommendações; 3º, votos comportando projectos de empresas. Esses votos foram submittidos á apreciação do Comité Internacional de Sciencias Historicas, que, por seu turno, confiou ao seu Bureau o prévio estudo dos votos do Congresso de Oslo.

A' primeira categoria desses votos, acima especificados, pertencem os referentes ás seguintes commissões de estudos: da bibliographia concernente á função internacional do papado; do chamado "despotismo philosophico do seculo XVIII", das causas e origens das grandes descobertas, das questões relativas á história dos bancos e problemas geraes do crédito e do cambio, do seculo XV até 1815, do commercio de cereaes no seculo XVIII, das questões de geographia historica, de demographia historica comparada.

Além dessas commissões de estudos, creadas para as diferentes secções do Congresso de Oslo, completa-se o seu número com as seguintes commissões internacionaes: de História das sciencias, de Histórias da litteratura moderna, de Iconographia. Essas commissões, então organizadas e as em via de formação, obedecem ás directivas estabelecidas segundo o methodo de trabalho do Comité Internacional (art. 20).

Essas commissões se compõem de elevado número de sabios e especialistas, assim como de representantes das mais conceituadas revistas scientificas, tendo-se constituido, além disso, em comités internacionaes.

N. 24 — CONSIDERAÇÕES SÔBRE A EXECUÇÃO DO PROJECTO DE BIBLIOGRAPHIA INTERNACIONAL DE IMPRENSA — Exposição em francez, pelos srs. Malcolm Carroll e Wilhelm Mommsen, da commissão de bibliographia de imprensa e solicitando a *suppléance* do conde de Affonso Celso, como membro da mesma commissão pelo Brasil.

N. 25 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS DE ENSINO PRIMARIO FRANCEZAS, impresso em francez, exposição feita pelo inspector geral de instrucção pública Pierre Capra.

N. 26 — O ENSINO DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS PRIMARIAS HUNGARAS, relatorio em francez, pelo professor Alois Chobodnickzky, da Eschola Normal dos Professores de Baja...

N. 27 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS PRIMARIAS SUECAS E SEUS CURSOS COMPLEMENTARES, relatorio, em francez, pelo director A. F. Wenner, da Eschola Commercial, de Solna.

N. 28 — O ENSINO DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS POPULARES E SEMINARIOS NORUEGUEZES, relatorio, em alemão, pelo professor Cenar Boyoson.

N. 29 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS PUBLICAS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA, relatorio em inglez, sem declaração de auctoria.

N. 30 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS DE ENSINO PRIMARIO POLACAS, relatorio, em francez, pelo dr. Hanna Pohoska, encarregado do curso da Universidade de Varsovia.

N. 31 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS PRIMARIAS ALEMÃS, relatorio, em alemão, pelo dr. Franz Schnabol, professor de história na Alta Eschola Technica de Karlsruhe.

N. 32 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS DO U. R. S. S. (União das Republicas Socialistas de Soviets), relatorio, em francez, sem declaração de auctoria)

N. 33 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS DE ENSINO PRIMARIO HOLLANDEZAS, relatorio, em francez, pela condessa P. de Heerd-Quarles, Bløemendaal.

N. 34 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS PRIMARIAS BELGAS, relatorio, em francez, pelo inspector das Escolas Normaes, L. Slock.

N. 35 — O ENSINO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS PRIMARIAS ELEMENTARES, NAS ESCOLAS MÉDIAS E NORMAES PRIMARIAS DINAMARQUEZAS, relatorio em francez, pela sra. Maria Nielsen.

"INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO — Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1929.

Sr. embaixador dr. Raul Régis de Oliveira.

Accuso recebida a carta com que v. ex. me obsequiou, datada de 25 de Agosto último.

Agradeço as amplas informações alli contidas, ao mesmo tempo que o felicito, calorosamente, pelas homenagens tão justas com que foi v. ex. distinguido.

Recebi. não só o relatório, como os avulsos relativos á Assembléa de Veneza. De tudo isso, o sr. Max Fleiuss, secretário perpetuo, está fazendo uma synthese, que será publicada no *Diario Official*.

Muito interessante me pareceu a discussão havida na commissão de ensino historico, presidida pelo notavel professor Glotz sôbre a competencia do comité historico, quanto ao ensino dessa materia nos diversos paizes, assim como merece applauso o facto de terem sido acceitas as idéas do mesmo professor quanto ás informações — e não fiscalização — dos methodos empregados na instrucção primaria, passando-se depois á secundaria.

Penhorou-nos muito — a mim e ao sr. Max Fleiuss — a circumstancia de haver v. ex. representado o secretário perpétuo do INSTITUTO no comité de Iconographia. Esse sentimento foi expresso no recente relatório lido pelo sr. Max Fleiuss, em sessão de 21 do corrente, em que se commemorou o 91º anniversario da fundação do INSTITUTO.

Mandar-lhe-ei um exemplar para que v. ex., ainda uma vez, verifique quão apreciada é a dedicação do illustre embaixador.

Aguardo a communicação official do Comité Internacional de Sciencias Historicas, quanto á sub-commissão brasileira de Iconographia, para que possa providenciar, attendendo o secretário perpetuo ao plano elaborado pelo sr. Truin, na parte relativa ás reproduções de estampas e habitos sociaes.

Além do mais, cabe-me transmittir o agradecimento do sr. Max Fleiuss pela unanime designação para presidi-la.

Só depois de creada a sub-commissão se poderá tractar das classificações, nos termos da proposta do sr. Truin.

E'-me grato assignalar que as idéas do sr. Blum já têm tido, em parte, execução nas escholas primarias desta capital, onde foram exhibidas fitas cinematographicas relativas ao ensino.

No tocante aos indices, julgo acertada a deliberação de adiar-se a discussão do assumpto. Sem a preliminar constituição dos elementos iconographicos antigos ou recentes, os indices apresentariam, sem dúvida, grandes falhas. A sub-commissão vai estudar a questão e submeterá opportunamente ao comité o seu pensamento, do qual dará pleno conhecimento ao illustre embaixador.

Sôbre a lista dos diplomatas, como já foi proposto por v. ex. e pelo sr. Max Fleiuss, entregue o caso ao sr. Helio Lobo, eminente ministro do Brasil no Uruguai, e socio dos mais acatados do INSTITUTO, conto que o trabalho, em tão habéis mãos, terá realização integral e brilhantissima.

Tambem me cabe agradecer a communicacão de que a proxima asesmléa se reunirá em Cambridge, em Abril ou Maio de 1930. Espero que o egregio consocio, que tão conspiciuamente tem desempenhado as missões confiadas pelo INSTITUTO, no nôvo certame será o representante desta casa e terá opportunidade de, elevando o nome do Brasil e do INSTITUTO, colher outros triumphos semelhantes aos obtidos em Oslo e Veneza. Faço-lhe desde já o convite, certo de que o acceitará.

Aguardamos aqui, com muito interesse, a remessa do catalogo da sobras historicas portuguezas do rei d. Manuel, catalogo que o conselheiro Camello Lampreia affirma já haver recebido. Antecipo cordiaes agradecimentos pela nova fineza de v. ex.

Recebi, com viva satisfaccão, a suggestão de commemorar-se o bimillenario de Vergilio. Vou ver o que é possivel fazer de modo condigno, podendo v. ex. assegurar ao professor Ussani que a nossa Patria honrará, como deve, a memoria do auctor da *Eneida*. No *Jornal do Brasil*, ha tempos, já me occupei do assumpto.

Queira receber as homenagens de elevado e affectuoso apreço, com que tenho a honra de subscrever-me muito att. adm., collega e amigo — *Conde de Affonso Celso*, presidente perpetuo."

RIO DE JANEIRO

IMPrensa NACIONAL

1930

